

***Ethos* textual em intervenções políticas: estudo  
contrastivo de mensagens de final de ano portuguesas e  
brasileiras**

**Sara Topete de Oliveira Pita**

**Tese de Doutoramento em Linguística**

**Maio 2016**



***Ethos* textual em intervenções políticas: estudo  
contrastivo de mensagens de final de ano portuguesas e  
brasileiras**

**Sara Topete de Oliveira Pita**

Tese de Doutoramento em Linguística

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau  
de Doutor em Linguística – Análise do Texto e do Discurso, realizada sob a  
orientação científica da Professora Doutora Rosalice Pinto e da Professora Doutora  
Maria Antónia Coutinho.

**Maio, 2016**



Declaro que esta Tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente.

O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Sara Topete de Oliveira Pita

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora,

Rosalice Pinto

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A co-orientadora,

Antónia Coutinho

---

Lisboa, .... de ..... de .....



## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof. Dra. Rosalice Pinto, pelo apoio incondicional durante os últimos anos, por todo o conhecimento que me transmitiu, por me ter sempre incentivado a produzir cientificamente, por me ter imposto objetivos e prazos e por ter sido exigente comigo. Este trabalho não poderia ser feito sem a sua colaboração, apoio e orientação.

À Prof. Dra. Antónia Coutinho pela orientação na fase inicial do trabalho, fazendo-me descobrir o conceito de *ethos*. Além disso, agradeço os seus comentários e sugestões que me permitiram ir melhorando o trabalho.

À Prof. Maria Aldina Marques, da Universidade do Minho, pelos comentários que teceu no Relatório do Progresso.

À minha colega de doutoramento, Teresa Oliveira, por ter partilhado comigo as angústias e alegrias próprias desta etapa académica e por, mesmo à mesma distância, me ter dado sempre força e ânimo.

Ao Luís por me ter acompanhado ao longo deste processo, por ter acreditado que eu era capaz de concretizar este trabalho e por me ter feito acreditar que sou “uma campeã”. Agradeço-lhe também a ajuda com o grafismo dos esquemas que compõem esta tese, pois sem ele estariam, certamente, menos apresentáveis!

À minha irmã, por me apoiar e incentivar a prosseguir os meus sonhos, por ter sempre grandes expectativas em relação à minha prestação pessoal, académica e profissional, o que me leva a querer ser melhor e a fazer melhor.

Aos meus sobrinhos lindos por me fazerem rir, mesmo nos momentos de maior tensão.

Aos meus pais pelo apoio e pelo carinho que sempre me deram e por estarem sempre na minha retaguarda, permitindo-me arriscar e avançar por rumos desconhecidos.



# **ETHOS TEXTUAL EM INTERVENÇÕES POLÍTICAS: ESTUDO CONTRASTIVO DE MENSAGENS DE FINAL DE ANO PORTUGUESAS E BRASILEIRAS**

**SARA PITA**

## **RESUMO**

**PALAVRAS-CHAVE:** *ethos textual*, *ethos simbiótico*, materialidade linguística, mensagens de final de ano, género textual, cultura, *pathos*, politicamente incorreto, estilo pessoal

O *ethos* refere-se às imagens que o Locutor constrói durante as suas intervenções por meio da materialidade linguística, que podem ser representativas da sua personalidade, das expectativas do auditório e das qualidades que este considera mais importantes. Neste sentido, o *ethos* deve ser entendido como *textual*, pois constrói-se no e pelo texto e não na interação em contexto real. O processo de construção das imagens de si é um jogo complexo entre Locutor e auditório, entre imaginário pessoal e social, entre realidade e texto, que afeta os seus diversos estádios, nomeadamente a criação, a avaliação e a reformulação. Por este motivo, o *ethos* deve ser considerado simbiótico, porque é um processo de co-construção de imagens de si, no e pelo discurso.

Embora o *ethos* seja um conceito amplamente estudado, não se identificou nenhum estudo que usasse exclusivamente a materialidade linguística para o identificar. A partir deste contexto, esta investigação tem como objetivo identificar as marcas textuais que podem descrever os *ethè* construídos em mensagens políticas pronunciadas no final do ano civil por estadistas de Portugal e do Brasil de 2008 a 2014. Devido ao quadro teórico-metodológico adotado, o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), considera-se que a observação da materialidade linguística tem de ser feita à luz da prática social em que se enquadra. Portanto, o ISD (1999; 2008) analisa os textos em função do género que o determina e da prática que o origina. Ora, tendo em conta a inexistência de um género textual que tenha como correspondente empírico os textos aqui analisados, pretende-se equacionar a possibilidade de se considerarem as mensagens de final de ano como pertencentes a um novo género, aplicando-lhes as coerções estipuladas pelos autores que serviram de fundamento teórico a esta investigação. Para a definição do conceito de género abordaram-se os posicionamentos de Bakhtine, Bronckart, Maingueneau e Adam.

A fim de alcançar os dois objetivos acima descritos, o *corpus* foi sujeito a uma análise mista. Para aferir os dados qualitativos observaram-se aspetos linguísticos relevantes para identificação do responsável enunciativo e do seu posicionamento, que se fundamentaram nos estudos de diversos autores, nomeadamente Bronckart, Adam, Kerbrat-Orecchioni e Walton, no panorama internacional, e Cunha & Cintra, Mateus e Carreira, no panorama nacional. Nesses critérios incluem-se: índices de pessoas, tempos verbais, correferências e anáforas, escolhas lexicais, figuras de estilo e esquemas argumentativos, entre outros. A análise qualitativa foi realizada manualmente, enquanto a quantitativa foi realizada com o apoio do *software* Concordance.

Os resultados preliminares apontam para a existência de *ethos* de personalidade, representativos do carácter do indivíduo, e *ethos* de função, decorrentes do cargo exercido. No primeiro caso, pode ser extensível ao governo, como se assistiu no caso do *ethos humano* ou *empático*, ou pode ser exclusivo ao Locutor, como o *ethos homem do povo*. Também se verificou que a maioria dos *ethè* são *simbióticos*, pois comungam o imaginário sociodiscursivo do indivíduo e do coletivo. Quanto ao objetivo secundário, observou-se que os textos apresentam condições de produção, finalidade e organização semelhante, fundamentando a tese inicialmente levantada.

# TEXTUAL *ETHOS* IN POLITICAL INTERVENTIONS: CONTRASTIVE STUDY OF IN PORTUGUESE AND BRAZILIAN END OF YEAR-END MESSAGES

## ABSTRACT

**KEYWORDS:** textual ethos, symbiotic ethos, linguistic materiality, End of the Year messages, text genre, culture, pathos, politically correct and personal style

The *ethos* is an image built by the Speaker through the linguistic materiality, which can be representative of his personality, the audience's expectations and qualities considered most significant. In this regard, *ethos* should be understood as *textual* because it is built in and by text, and not during an interaction in the real context. The process of building the image of the self is a complex interchange between Speaker and audience, between personal and social imaginary, between reality and text, which affects its various stages (creation, evaluation and reformulation). For this reason, the *ethos* should be considered *symbiotic* because it is a process of co-construction of images of the self, in and through the speech.

Although it is a concept widely discussed, we didn't identify any studies using exclusively the linguistic materiality to identify *ethos*. From this context, this research aims to identify the textual markers that can describe *ethos* built on political messages pronounced at the end of the calendar year by statesmen of Portugal and Brazil from 2008 to 2014. Due to the theoretical and methodological framework adopted, Sociodiscursive Interactionism (ISD), it is considered that the observation of linguistic materiality must be made in the light of social practice that fits. The ISD (1999, 2008) analyze the texts in relation with the gender and the practice that originates it. Due to the theoretical and methodological framework adopted, Sociodiscursive Interactionism (ISD), the observation of linguistic materiality must always take into consideration the social practice. Therefore, ISD (1999, 2008) analyzes the texts based on the gender that determines and the practice that originates him. Taking into account the absence of a textual genre with the texts that constitute our *corpus*, we want to discuss the possibility of considering the year-end messages as belonging to a new genre. To do so, we applied to them the constraints stipulated by authors who provided the theoretical framework for this research. For the definition of genre we considered the point of view of Bakhtine, Bronckart, Maingueneau and Adam.

In order to achieve these two objectives, the *corpus* was submitted to a mixed-analysis. To assess the qualitative data were observed linguistic aspects relevant to identify the enunciative responsibility and point of view, which were based on studies of several authors, including Bronckart, Adam, Kerbrat-Orecchioni and Walton, in the international scene, and Cunha & Cintra, Mateus and Carreira, in the national scene. These criteria include: indexes of people, tenses, co-references and anaphora, lexical choices, style figures and argumentative schemes, among others. Qualitative analysis was performed manually while the quantitative was performed with the support of Concordance software.

Preliminary results indicate the existence of *ethos of personality* representing individual character and *ethos of function* arising from the professional position held by the Speaker. In the first case, it may be extended to the government, as witnessed in the case of *human* or *empathetic ethos*, or may be unique to the Speaker, as the *ethos people's man*. It was also found that most *ethè* are *symbiotic*, because they share the sociodiscursive imaginary of the individual and the collective. As for the secondary objective, was observed that the texts present similar production conditions, purpose and organization, which supports the thesis initially raised.

## Índice

<b>Capítulo I – Aspectos introdutórios .....</b>	<b>1</b>
1.1. Área de investigação: delimitação do objeto de estudo.....	1
1.1.1. Contextualização da pesquisa .....	4
1.2. Projeto de investigação .....	4
1.2.1. Questões de investigação .....	4
1.2.2. Objetivos .....	6
1.2.3. Organização da tese .....	7
 <b>Capítulo II – Enquadramento teórico-metodológico.....</b>	 <b>11</b>
2.1. Noções basilares.....	11
2.1.1. Aceção de texto .....	12
2.1.2. Aceção de discurso .....	13
2.1.3. Aceção de Locutor .....	15
2.2. Aspectos metodológicos .....	17
 <b>Capítulo III – Géneros textuais na prática política .....</b>	 <b>23</b>
3.1. Género do discurso/do texto .....	24
3.2. Géneros textuais/discursivos na prática política .....	28
3.3. Reflexão crítica .....	31
 <b>Capítulo IV – <i>Ethos</i>: a imagem de si .....</b>	 <b>35</b>
4.1. <i>Ethos</i> em estudos retóricos.....	36
4.2. <i>Ethos</i> em estudos linguísticos .....	39
4.3. <i>Ethos</i> em estudos discursivo-textuais .....	41
4.3.1. Perspetiva de Maingueneau .....	41
4.3.2. Perspetiva de Adam .....	43
4.3.3. Perspetiva de Charaudeau .....	47
4.3.4. Perspetiva de Bronckart.....	49
4.4. <i>Ethos</i> numa perspetiva interacionista.....	52
4.5. Reflexão crítica .....	53

<b>Capítulo V – Modelo de análise textual e organizacional .....</b>	<b>57</b>
5.1. Critérios linguísticos gerais de análise .....	58
5.1.1. Correferência e anáforas .....	58
5.1.2. Isotopias .....	61
5.1.3. Conectores e marcadores .....	61
5.1.4. Índices de pessoas .....	64
5.1.5. Tempos verbais .....	65
5.1.6. Indicadores espaciais e temporais .....	67
5.1.7. Atos de discurso .....	67
5.1.8. Modalidades .....	70
5.1.9. Ponto de vista .....	73
5.1.10. Escolhas lexicais .....	74
5.1.11. Figuras de estilo .....	75
5.1.12. Esquemas argumentativos.....	78
5.2. Critérios linguísticos específicos da segmentação textual .....	81
5.2.1. Progressão temática .....	81
5.2.2. Implicações – implicaturas .....	83
5.2.3. Sequências prototípicas .....	84
5.3. Reflexão crítica .....	88
 <b>Capítulo VI – Análise do <i>corpus</i> .....</b>	 <b>91</b>
6.1. Panorama socioeconómico internacional .....	91
6.1.1. Contexto socioeconómico e político português .....	93
6.1.2. Contexto socioeconómico e político brasileiro.....	98
6.2. Análise textual do <i>corpus</i> .....	101
6.2.1. Pt2008 .....	102
6.2.1.1. Análise qualitativa.....	102
6.2.1.2. Análise quantitativa .....	109
6.2.1.3. Síntese da análise.....	113
6.2.2. Pt2009 .....	115
6.2.2.1. Análise qualitativa.....	115
6.2.2.2. Análise quantitativa .....	123
6.2.2.3. Síntese da análise.....	127
6.2.3. Pt2010 .....	129
6.2.3.1. Análise qualitativa.....	129
6.2.3.2. Análise quantitativa .....	136

6.2.3.3. Síntese da análise.....	139
6.2.4. Pt2011 .....	141
6.2.4.1. Análise qualitativa.....	141
6.2.4.2. Análise quantitativa .....	147
6.2.4.3. Síntese da análise.....	150
6.2.5. Pt2012 .....	152
6.2.5.1. Análise qualitativa.....	152
6.2.5.2. Análise quantitativa .....	163
6.2.5.3. Síntese da análise.....	167
6.2.6. Pt2013 .....	169
6.2.6.1. Análise qualitativa.....	169
6.2.6.2. Análise quantitativa .....	179
6.2.6.3. Síntese da análise.....	182
6.2.7. Pt2014 .....	185
6.2.7.1. Análise qualitativa.....	185
6.2.7.2. Análise quantitativa .....	193
6.2.7.3. Síntese da análise.....	196
6.2.8. Br2008.....	199
6.2.8.1. Análise qualitativa.....	199
6.2.8.2. Análise quantitativa .....	210
6.2.8.3. Síntese da análise.....	213
6.2.9. Br2009.....	216
6.2.9.1. Análise qualitativa.....	216
6.2.9.2. Análise quantitativa .....	224
6.2.9.3. Síntese da análise.....	228
6.2.10. Br2010.....	231
6.2.10.1. Análise qualitativa.....	231
6.2.10.2. Análise quantitativa .....	238
6.2.10.3. Síntese da análise .....	242
6.2.11. Br2011.....	244
6.2.11.1. Análise qualitativa.....	244
6.2.11.2. Análise quantitativa .....	250
6.2.11.2. Síntese da análise .....	253
6.2.12. Br2012.....	255
6.2.12.1. Análise qualitativa.....	255
6.2.12.2. Análise quantitativa .....	262

6.1.12.3. Síntese da análise .....	266
6.2.13. Br2013.....	268
6.2.13.1. Análise qualitativa.....	268
6.2.13.2. Análise quantitativa .....	277
6.2.13.3. Síntese da análise .....	280
6.3. Reflexão crítica .....	282
<b>Capítulo VII – <i>Ethè</i> textuais: análise comparativa-contrastiva dos <i>corpora</i></b> .....	285
7.1. Análise contrastiva da materialidade linguística.....	285
7.1.1. Regularidades linguísticas caracterizadoras de <i>ethè</i> comuns .....	286
7.1.1. Especificidades linguísticas observadas em <i>ethè</i> comuns .....	291
7.1.2. Materialidade linguística caracterizadora de <i>ethè</i> particulares .....	297
7.2. Análise da influência de factores externos nos <i>ethè textuais</i> .....	306
7.2.1. Aspetos culturais.....	306
7.2.2. Relação entre <i>ethos</i> e <i>pathos</i> .....	312
7.3. Reflexão crítica .....	318
<b>Capítulo VIII – Subgénero <i>Mensagem Final de Ano Política</i></b> .....	321
8.1. Definição do subgénero .....	323
8.2. Componente organizacional: análise contrastiva .....	327
8.3. Reflexão crítica .....	331
<b>Capítulo IX – Considerações finais</b> .....	333
<b>Bibliografia</b> .....	341
<b>Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos</b> .....	357
<b>Lista de esquemas, figuras, quadros e gráficos</b> .....	359
<b>Apêndices</b> .....	i
Apêndice 1 – Esquemas argumentativos de Walton .....	i
Apêndice 2 – Marcadores discursivos em Português-Europeu .....	iv
Apêndice 3 - Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2008.....	v
Apêndice 4 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2009.....	v
Apêndice 5 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2010.....	vi

Apêndice 6 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2011.....	vi
Apêndice 7 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2012.....	vii
Apêndice 8 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2013.....	vii
Apêndice 9 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2014.....	viii
Apêndice 10 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2008.....	viii
Apêndice 11 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2009.....	ix
Apêndice 12 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2010.....	ix
Apêndice 13 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2011.....	x
Apêndice 14 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2012.....	xi
Apêndice 15 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2013.....	xii
<b>Anexos.....</b>	<b>xiii</b>
Anexo 1 – Mensagem de Final de Ano Pt2008 .....	xiii
Anexo 2 – Mensagem de Final de Ano Pt2009 .....	xv
Anexo 3 – Mensagem de Final de Ano Pt2010 .....	xvii
Anexo 4 – Mensagem de Final de Ano Pt2011 .....	xxi
Anexo 5 – Mensagem de Final de Ano Pt2012 .....	xxiii
Anexo 6 – Mensagem de Final de Ano Pt2013 .....	xxv
Anexo 7 – Mensagem de Final de Ano Pt2014 .....	xxvii
Anexo 8 – Mensagem de Final de Ano Br2008 .....	xxxi
Anexo 9 – Mensagem de Final de Ano Br2009 .....	xxxv
Anexo 10 – Mensagem de Final de Ano Br2010 .....	xxxix
Anexo 11 – Mensagem de Final de Ano Br2011 .....	xliii
Anexo 12 – Mensagem de Final de Ano Br2012 .....	xlvi
Anexo 13 – Mensagem de Final de Ano Br2013 .....	li



## Capítulo I – Aspectos introdutórios

As comunicações políticas permeiam o quotidiano das sociedades atuais, sobretudo desde o aparecimento dos meios de informação televisivos. Se antes aquelas ocorriam geralmente em ocasiões específicas, atualmente constituem atos rotineiros, pois há uma maior procura, por parte dos jornalistas, de comentários e apreciações dos responsáveis políticos. Isto dá origem a duas grandes categorias de comunicações políticas: as planeadas, que ocorrem em momentos específicos com um alinhamento pré-definido e normalmente sem espaço para o diálogo, e as espontâneas, que resultam do questionamento sobre um tópico e, portanto, com margem para a colocação de questões.

Os textos analisados nesta tese inscrevem-se na primeira categoria, pois são mensagens proferidas no final do ano civil pelos estadistas portugueses e brasileiros. Nestas comunicações, que têm um carácter tradicional dada a sua existência há diversos anos, o Locutor vai construindo imagens de si (*ethè*) através do seu discurso. Este constitui o foco principal do presente trabalho, no qual se procurarão identificar as marcas linguísticas mobilizadas na construção dos *ethè* em Mensagens de Final de Ano.

De modo a justificar a pertinência do presente estudo, far-se-á uma breve exposição sobre a área de investigação antes de se proceder à apresentação do projeto, ponto que inclui as questões e os objetivos de investigação. O final do capítulo será destinado à descrição da estrutura do trabalho, apontando os diversos capítulos que o compõem.

### 1.1. Área de investigação: delimitação do objeto de estudo

A área política tem vindo a ganhar uma nova dimensão dentro das sociedades, não necessariamente ao nível da participação dos cidadãos em momentos decisivos, mas sobretudo em relação ao volume de comentadores políticos e espaços de

discussão. Este facto parece ter sido ampliado pelos meios de comunicação sociais (imprensa escrita e visual), que escrutinam todas as ações e intervenções dos agentes políticos, tornando os seus posicionamentos e os seus atos mais acessíveis ao público em geral.

Como o termo *intervenção* é fulcral nesta investigação, integrando inclusivamente o título do presente trabalho, importa esclarecer qual a aceção aqui seguida. De facto, este nome possui diferentes significações, muitas das quais referentes ao ato de interferir numa dada situação por meio de palavras ou ações (por exemplo: “intervenção do Estado no Banco Espírito Santo – BES”). Porém, durante este trabalho o vocábulo *intervenção* será utilizado para referir-se ao exercício da palavra dentro da prática política.

As intervenções na prática política são muito frequentes e organizam-se em diversos formatos e com recurso a diversos suportes. De facto, podem ser orais ou escritas, planeadas ou espontâneas, realizadas por agentes na governação ou fora da governação. Não obstante esta diversidade, todas elas têm na sua base um texto, cuja materialidade importa reconhecer e estudar.

Em Portugal, vários linguistas têm vindo a efetuar estudos sobre textos pertencentes à prática política, nomeadamente Marques (2007, 2008), que se focou nos debates parlamentares ou nos debates televisivos, ou Pinto (2010, 2013), que analisou os *outdoors* usados nas campanhas eleitorais. No Brasil, também existem alguns estudos sobre os textos políticos, como os de Daher (2003, 2007) sobre os discursos presidenciais no 1.º de Maio, o de Piovezani Filho (2007), sobre as metamorfoses no discurso político contemporâneo, ou a tese de mestrado de Luques (2010), que analisa os pronunciamentos e entrevistas de Fernando Collor de Melo para observar os efeitos de sentido das metáforas discursivas.

Nos trabalhos acima referidos verifica-se que os textos políticos que servem de objeto de estudo são muito diversos, com produtores e locais de produção, finalidades, objetivos, estruturas e suporte distintos. As diferenças destes componentes provocam inevitavelmente mudanças no género textual, o que significa que dentro da prática política, podem existir diversas intervenções que constituem

diferentes subgéneros<sup>1</sup> de texto. Dentro de um mesmo género podem inclusivamente observar-se mudanças em função do suporte usado. Marcuschi, quando discute os géneros textuais emergentes, refere-se a esta situação:

Se tomarmos o género como texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão bakhtiniana, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do género produzido. (Marcuschi, 2004, p.17)

Inclusive, vale salientar que o conceito de género tem vindo a ser debatido por diversos estudiosos que procuram defini-lo e compreender qual a sua função e quais os componentes que o caracterizam. O facto de os géneros fazerem parte do conhecimento partilhado de uma comunidade indica que constituem eventos comunicativos (Marcuschi, 2000) e não unicamente de uma etiqueta didática a que estão anexados uma série de traços textuais. As perspetivas sobre o género são muitas e variam consoante a corrente teórica, como se dará conta no Capítulo III, no entanto todos concordam com a importância do género para a economia cognitiva, uma vez que o indivíduo já tem na sua memória a longo prazo ‘alguns formatos de textos’ com certa estabilidade linguístico-estrutural. Isso permite-lhe em determinadas situações ‘recuperar’ estes modelos, adotando-os e adaptando-os às situações.

Face a este contexto, esta investigação terá como base um *corpus* constituído por Mensagens de Final de Ano, uma das categorias de intervenções pertencentes à prática política que se caracteriza pelo planeamento e pelo seu carácter oral e escrito. Durante este trabalho procurar-se-á avaliar a possibilidade de se estar perante um novo subgénero textual.

---

<sup>1</sup> O termo subgénero foi importado de Charaudeau (2001), que o usa para se referir às variantes de um contrato global de comunicação, ou seja, de um género (ver Capítulo 3.2.). Marques (2012) também o emprega para falar dos debates do Estado da Nação que integram o género global ‘debates parlamentares’. Nesta tese, a etiqueta subgénero referir-se-á às Mensagens de Final de Ano, de modo a discutir a possibilidade de estas serem consideradas como um subgénero de ‘intervenção política’.

### 1.1.1. Contextualização da pesquisa

Num momento em que as fronteiras ideológico-partidárias parecem mais ténues (Jalali, 2007), a imagem do político ganha um peso considerável. Esta imagem de si (*ethos*) não se refere forçosamente aos traços reais, mas aos que o político decide mostrar aos cidadãos. No entanto, hoje em dia, e possivelmente por influência dos *media*, a percepção que os cidadãos têm do político (o *ethos prévio*, como lhe chamava Amossy, (2005), ou o *ethos pré-discursivo*, segundo Maingueneau, (2005)) exerce grande influência sobre os *ethè* que os oradores políticos constroem, funcionando estes como ferramenta para corroborar ou refutar a ideia inicial. Posto isto, a identificação das imagens de si é um exercício fundamental para a compreensão de qualquer intervenção política, não só por parte de estudiosos da área, mas também pelo público.

Apesar da importância atribuída ao *ethos*, alguns estudos que abordam este conceito adotam uma análise multimodal observando aspetos linguísticos e não-linguísticos, como é o caso de Pinto (2010, 2013), Kerbrat-Orecchioni (2010), Charaudeau (2013) e Sandré (2014). Pelo contrário, a presente investigação deter-se-à exclusivamente nos aspetos linguísticos usados na construção dos *ethè* num tipo de intervenção política específica, denominada de Mensagens de Final de Ano.

## 1.2. Projeto de investigação

### 1.2.1. Questões de investigação

O indivíduo é marcadamente um ser social e as suas práticas comunicativas são uma das ferramentas que mobiliza para manifestar esse agir. Em cada processo de comunicação, o indivíduo procura enviar uma mensagem a um recetor e fá-lo adequando o seu discurso a este e também à situação de comunicação. Nas intervenções políticas, o modo como o sujeito formula a sua mensagem ganha outro peso, devido às implicações que lhe estão inerentes; independentemente da função exercida, pretende-se obter a adesão do destinatário e, portanto, tem de se ser capaz de persuadir o público não só através das palavras, mas também da forma como

aparece ao público (integram-se neste âmbito aspetos não-verbais e paraverbais<sup>2</sup>, como aparência, postura, gestualidade, entoação, ritmo, entre outros<sup>3</sup>).

Ora, como atualmente se vive um período de distanciamento entre a sociedade e a instância política, a importância das ideologias, dos programas, dos partidos diminuiu, mas a importância do indivíduo, da sua imagem, ou seja, do carácter que transmite pelo *ethos*, aumentou. Neste sentido, a identificação dos *ethè* mobilizados nos discursos é fulcral para a compreensão do conteúdo das mensagens e também para o reconhecimento de possíveis estratégias de manipulação.

Os estudos existentes na atualidade evidenciam o papel dos aspetos linguísticos e não-linguísticos na construção do *ethos*, o que levou a formular as seguintes perguntas de investigação:

- É possível identificar os *ethè* exclusivamente a partir da materialidade linguística?
- Em caso afirmativo, quais as marcas linguísticas que contribuem para a construção de cada *ethos*?

Com a seleção do *corpus*, surgiu uma nova questão relacionada com o género a que os textos pertencem. De acordo com os pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo, uma das abordagens teóricas em que esta tese se baseia, a análise da materialidade linguística que compõe os textos deve ser realizada em interação com o género a que estes pertencem. Todavia, quando se procedeu ao estudo dos vários géneros textuais já identificados pelos autores consultados durante a pesquisa bibliográfica, verificou-se que as Mensagens de Final de Ano não integravam nenhuma categoria genérica existente, surgindo assim mais duas perguntas de investigação:

- Quais os componentes genéricos observáveis nestes textos?

---

<sup>2</sup> A comunicação é composta por elementos verbais, não-verbais e paraverbais. Os elementos não-verbais referem-se à linguagem corporal, nomeadamente aos gestos, movimentos corporais, expressões faciais, posicionamento no espaço ou aparência (Knapp et al., 2013). Por seu turno, os elementos paraverbais incluem a entoação, o tom de voz, o ritmo do discurso, etc. (Infopédia).

<sup>3</sup> Nesta tese, como já foi referido, estes aspetos não serão considerados na análise do *ethos*, embora se reconheça a sua importância.

- Em virtude dos componentes genéricos observados e de algumas possíveis regularidades estruturais, podem estes textos integrar um novo género textual?

Uma vez que o ponto central desta tese consistia na materialidade linguística, considerou-se que seria pertinente desenvolver um estudo contrastivo entre textos produzidos em Portugal e no Brasil que alargasse o conhecimento sobre o processo construtivo do *ethos* e que respondesse às seguintes questões:

- Existem semelhanças e/ou diferenças ao nível da materialidade linguística entre textos produzidos em Portugal e no Brasil?
- Os *ethè* identificados nos textos portugueses são iguais ou diferentes dos presentes em textos brasileiros?
- A que se devem as diferenças? Poderá a cultura, a situação social ou a posição ideológico-partidária influenciar a escolha das imagens veiculadas?

A obtenção de respostas às questões acima mencionadas pode constituir um instrumento didático para a compreensão do processo produtivo de *ethè* em textos com as mesmas características dos que constituem o *corpus* desta tese. Em virtude deste facto, considera-se que os dados obtidos poderão ser úteis para os agentes políticos, para os comentadores e analistas políticos, para as agências de marketing político e, também, para o público em geral.

### 1.2.2. Objetivos

A partir das questões de investigação elencadas no subcapítulo anterior, foram definidos os seguintes objetivos, aqui colocados por ordem de importância:

- 1.º Identificar as marcas linguísticas que potenciam a construção dos *ethè* presentes em textos produzidos por agentes políticos portugueses e brasileiros durante o final de cada ano civil, os quais foram denominados de “Mensagens de Final de Ano”;

**2.º** Reconhecer os aspetos constituintes das Mensagens de Final de Ano, de modo a demonstrar a possibilidade de estes se afirmarem como um novo género textual autónomo dentro dos géneros políticos.

### 1.2.3. Organização da tese

A tese está organizada em nove capítulos, que se dividem em duas grandes secções: uma destinada à fundamentação teórica e outra relativa à aplicação prática do estudo.

No **Capítulo II** esclarecer-se-ão as noções basilares que permeiam este trabalho, nomeadamente texto, discurso e Locutor, especificando-se a interpretação da investigadora. Além disso, estabelecer-se-á a metodologia seguida, indicando o *corpus* da tese, os métodos e os critérios de análise.

O **Capítulo III** abordará os géneros textuais, centrando-se nos que pontuam a prática política. Em primeiro lugar, apresentar-se-á uma visão global do conceito de género de discurso/de texto, recuperando os posicionamentos de Maingueneau, Adam e Bronckart. Depois, falar-se-á sobre o género de discurso/de texto na prática política, referindo os trabalhos desenvolvidos por Adam, Charaudeau, Kerbrat-Orecchioni, Sandré, Daher, Pinto e Marques com textos da prática política e, por fim, destinar-se-á uma parte para a reflexão crítica, onde se clarificará o termo utilizado no decurso do trabalho e onde se indicarão os aspetos a considerar para a definição de um provável modelo de género político.

O **Capítulo IV** será dedicado à exposição dos diversos posicionamentos teóricos sobre o *ethos*, desde os estudos de uma perspetiva retórica (Aristóteles, Barthes, Perelman) aos estudos linguístico-pragmáticos (Ducrot, Adam, Charaudeau, Kerbrat-Orecchioni). Nesta secção reservar-se-á um lugar para um possível entendimento do conceito segundo o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), muito embora aquele nunca tenha sido mencionado *ipsis verbis* nos trabalhos de autores desta corrente. O capítulo encerrará com algumas considerações pessoais sobre o conceito de *ethos* que subjazera o presente trabalho.

No **Capítulo V** apresentar-se-á o modelo de análise, identificando e explorando os critérios gerais e específicos para a determinação da segmentação textual e das marcas linguísticas identificadoras dos *ethè*.

O **Capítulo VI** destinar-se-á à apresentação de dados. Seguindo os pressupostos defendidos pelo ISD, todas as práticas discursivas estão dependentes do contexto sociocultural em que se inserem, pelo que se descreverá a filiação partidária dos intervenientes e a situação política vivida em cada país (Portugal e Brasil) durante o período temporal a que pertencem os textos do *corpus*. Depois, proceder-se-á à análise individual dos textos, que será dividida em três fases: a primeira corresponde à análise qualitativa das marcas textuais (de natureza exclusivamente linguística)<sup>4</sup>; a segunda, à observação de aspetos quantitativos, nomeadamente a frequência vocabular e a contabilização de algumas categorias linguísticas consideradas relevantes para a construção do *ethos* (tempos verbais e índices de pessoa); e a terceira, à exposição, num quadro de síntese, das marcas textuais que permitem identificar os *ethè*. No final, far-se-á uma reflexão crítica sobre os dados recolhidos.

No **Capítulo VII** realizar-se-á a análise comparativa dos dados, incidindo sobretudo na observação das similaridades e especificidades da materialidade linguística e dos próprios *ethè*. Discutir-se-á, ainda, a possibilidade destas semelhanças/diferenças se deverem à cultura, bem como à importância do *pathos*.

O **Capítulo VIII** destinar-se-á à aplicação dos componentes genéricos aos textos dos *corpora*, de modo a responder à questão sobre a eventualidade de se estar na presença de um novo subgénero textual. Para além disso, também se apresentarão os resultados da análise contrastiva da segmentação textual, a fim de justificar as informações relativas ao plano organizacional.

O **Capítulo IX** será reservado para dar resposta às perguntas inicialmente colocadas, para referir alguns constrangimentos sentidos e para apontar caminhos a explorar em trabalhos futuros.

---

<sup>4</sup> Importa clarificar que os aspetos linguísticos estão inseridos em textos enquanto objetos empíricos, daí a referência a marcas textuais. No entanto, como a denominação “marcas textuais” incluiria necessariamente elementos organizacionais, optou-se por usar no curso desta tese a expressão “marcas linguísticas”. Porém, ressalva-se, tal como se procurará evidenciar ao longo da tese, que se trata de dois níveis que não podem ser dissociados.

No final do documento podem ser encontrados alguns **apêndices**, constituídos por alguns instrumentos de apoio construídos para a análise textual e por quadros conclusivos das análises, bem como **anexos**, compostos pelos textos dos *corpora*. Convém enfatizar o papel central destes últimos para a compreensão do estudo que aqui se desenvolve, recomendando-se a sua leitura.



## Capítulo II – Enquadramento teórico-metodológico

Neste capítulo procurar-se-á descrever sucintamente os conceitos fundamentais que pontuam esta tese de investigação – texto, discurso, Locutor e *ethos*, indicando a aceção seguida pela investigadora. Esta etapa é crucial para a compreensão do trabalho desenvolvido, devido à heterogeneidade de posições existentes sobre algumas noções.

No final do capítulo descrever-se-á a metodologia de investigação adotada, detalhando o *corpus* e os critérios de análise.

### 2.1. Noções basilares

A presente investigação integra maioritariamente aspetos do quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), corporizado por Bronckart (1996, 2004, 2008), mas também contribuições de autores provindos da análise de discurso francesa, como Adam (2008) e Maingueneau (2005, 2007), da semiolinguística, como Charaudeau (2013), e da pragmática-interacionista, como Kerbrat-Orecchioni (2002), por se considerar que uma perspetiva integrada fortalece o modelo de análise desta investigação.

De acordo com o ISD, o sujeito deve ser sempre estudado na interação estabelecida com o ambiente social enquadrante e com os outros indivíduos, a qual se realiza por meio de produções linguísticas. Em virtude deste pressuposto, os estudos do ISD adotam sempre uma metodologia descendente: do meio social para o género, do género para o texto, do texto para a materialidade linguística.

Nesta tese procurar-se-á expor a relação entre a materialidade textual, o género e o meio social, razão pela qual se analisarão questões contextuais diversas com o intuito de perceber a sua relevância para a construção do *ethos*.

Como neste processo se irão falar de conceitos com múltiplas aceções dependendo da corrente de estudo, proceder-se-á inicialmente a uma descrição das noções basilares adotadas durante este trabalho.

### 2.1.1. Aceção de texto

O texto constitui o objeto empírico desta investigação e deve ser entendido como a materialização efetiva da realização da língua natural de uma comunidade numa dada situação de interação<sup>5</sup>. São, portanto, os correspondentes empíricos e linguísticos das atividades de linguagem de um grupo, perpetuamente dependentes do uso, o que os qualifica como unidades comunicativas e não somente como unidades linguísticas, como pontua Bronckart.

Les textes, en tant que formes communicatives globales et «finies» [...] se distribuent en genres adaptés aux enjeux des formations socio-langagières [...]. (Bronckart, 1996, p.150)

Les textes constituent les correspondants empiriques des activités langagiers, réalisés avec les ressources d’une langue naturelle. Ce sont des unités communicatives globales, dont les caractéristiques compositionnelles dépendent des propriétés des situations d’interaction et de celles des activités générales qu’elles commentent, ainsi que des conditions historico-sociales de leur propre élaboration. (Bronckart, 2004, p.103)

A produção dos textos implica um processo de escolha de mecanismos estruturantes, não apenas composicionais, como refere Bronckart, mas de todos os elementos linguísticos que participam desta composição. Os mecanismos são constituídos por operações sociocognitivas<sup>6</sup>, por sua vez, materializadas linguisticamente, de modo a serem adequados às atividades que comentam e ao meio comunicativo. Apesar de ser possível uma grande heterogeneidade de escolhas, devido à própria diversidade dos mecanismos e das operações, é possível observar algumas regularidades, as quais constituem os *géneros textuais*.

---

<sup>5</sup> Os *textos* correspondem à materialização da atividade de linguagem. Este conceito, para Bronckart, corresponde à utilização da linguagem em situações concretas, ou seja, à língua transformada em ação. Por este motivo, Bronckart indica que o ISD prefere o termo atividade de linguagem a discurso: «*Dans notre conception, plutôt que d’évoquer des «discours», nous évoquons les activités langagières (ou les actions langagières) qui se déploient dans des sphères d’activité pratiques différentes, et qui peuvent notamment avoir, au-delà de ces sphères et de leurs contraintes, des caractéristiques privées, fictives, ludiques, etc.*» (Bronckart, 2008b, p.864).

<sup>6</sup> Vale esclarecer que para Bronckart as operações são sociocognitivas devido à interferência do contexto social no plano cognitivo.

La réalisation effective d'une action langagière, dans le cadre d'une formation sociale donnée, procède de l'exploitation des *formes communicatives* qui y sont en usage; en d'autres termes, elle requiert l'emprunt à ces *construits historiques* que constituent les *genres de textes*. (Bronckart, 1996, p.110)

Posto isto, a aceção de texto do ISD estabelece que os textos (referidos na citação por “realização efetiva de uma ação de linguagem”) dependem do género e das propriedades da situação de interação. Os textos são constituídos por vários elementos identificados por Bronckart numa *arquitetura textual* composta por três níveis em constante interação (infraestrutura, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos).

No decurso desta tese trabalhar-se-á com a aceção de *texto* postulada pelo ISD, o que significa que se utilizará a noção de *género* para dar conta dos aspetos situacionais que influenciam aqueles objetos empíricos. Em virtude da relação entre texto e género, o estudo da materialidade linguística desencadeadora do *ethos* será, também, analisada em função do contexto de produção, da finalidade, dos intervenientes e da organização textual.

### 2.1.2. Aceção de discurso

O termo discurso na linguística assume diferentes aceções em função da corrente de estudo, embora na linguagem corrente esteja muito associado ao conjunto de textos produzidos dentro de uma determinada esfera da atividade humana, como é o caso de “discurso político” ou “discurso administrativo”.

No Interacionismo Sociodiscursivo, o conceito de discurso assume um sentido diferente do expresso pelos analistas de discurso franceses, como Maingueneau<sup>7</sup>. Para o ISD, o *discurso* diz respeito à organização da materialidade linguística existente numa língua natural, ou seja, à aplicação das unidades linguísticas como meio de

---

<sup>7</sup> Maingueneau considera que o discurso é “...un ensemble d'énoncés en tant qu'ils relèvent de la même formation discursive... il est constitué d'un nombre limité d'énoncés pour lesquels on peut donc définir un ensemble de conditions d'existence” (Maingueneau, 1984, p.10). Dada a relação com a atividade social, o discurso é entendido como uma unidade supraordenada, em relação aos conceitos de género e de texto. “Le discours ne doit pas être pensé seulement comme un ensemble de textes, mais comme une pratique discursive” (Maingueneau, 1984, p.13).

comunicação e de representação interpessoal (Bronckart, 2006). O carácter tipificado destas unidades linguísticas permite estabelecer quatro *tipos de discurso*, que, enquanto constituintes dos géneros textuais, correspondem às unidades mínimas e aos processos linguísticos relativamente estabilizados que descrevem *atitudes gerais de locução*.

O cruzamento de operações de disjunção/conjunção e implicação/autonomia conduz à produção de quatro mundos discursivos, a saber: expor implicado, expor autónomo, narrar implicado e narrar autónomo. Estes mundos, segundo Bronckart (1996), são materializados por diversas unidades linguísticas, dando origem aos tais quatro *tipos de discurso*: discurso interativo, relato interativo, discurso teórico e narração. Como o autor pontua, os tipos de discursos são em número limitado, visto que dependem dos recursos morfossintáticos de uma língua.

Neste pequeno sumário sobre o *discurso* não se podia deixar de referir o posicionamento de Charaudeau, que dedica uma obra ao estudo deste conceito na prática política. No livro “Discurso Político”, o autor começa por definir, de forma genérica, o termo:

[Le discours sont les] actes de langage qui circulent dans le monde social et qui eux-mêmes témoignent de ce que sont les univers de pensée et de valeurs qui s’imposent dans un temps historique donné.  
(Charaudeau, 2005, p.28)

Em seguida, concentra-se no que entende por *discurso político*. Para o autor, trata-se de um constituinte da política, uma vez que é a linguagem que permite a ocorrência de espaços de discussão, de ação e de persuasão nos quais se divulgam os pensamentos e os comportamentos. Por espaço de discussão deve-se entender os momentos de exposição dos princípios políticos e os meios empenhados para a concretização das ações; por espaço de ação, aos momentos de debate e de implementação de leis, medidas e decisões; por espaço de persuasão, aos momentos usados para convencer o auditório (Charaudeau, 2013). Nestes espaços encontram-se duas instâncias: a *política*, eleita para exercer a ação política, e a *cidadã*, responsável pela escolha da anterior. À primeira cabe agir em função do possível, o que nem sempre corresponde ao que a instância cidadã havia idealizado; é este defraudar de expectativas que está muitas vezes na origem dos conflitos entre as duas instâncias e

que vai nortear a construção de muitos *ethè*, ora para reverter uma ideia pré-concebida, ora para reforçar uma posição.

Neste sentido, o discurso político funciona como um espaço de afirmação do sujeito político e como espaço de avaliação e de controlo por parte da instância cidadã.

[O discurso político] não constitui um ornamento da conduta política, colocada em palavras, explicada ou comentada, vestida com mais ou menos felicidade, enfim, uma superestrutura. «O discurso é constitutivo do político». Ele está intrinsecamente ligado à organização da vida social como governo e como discussão [...]. Ele é, ao mesmo tempo, lugar de engajamento do sujeito, de justificação de seu posicionamento e de influência do outro, cuja encenação varia segundo as circunstâncias de comunicação [...]. (Charaudeau, 2013, pp.42-43)

Assim sendo, o discurso político caracteriza-se pela sua “elasticidade”, ou seja, pode ser utilizado em diferentes situações de comunicação, por diferentes comunidades de opinião e em diferentes épocas, o que necessariamente implica alterações, mas tem a capacidade de retornar sempre ao seu ponto de origem.

No decurso desta tese utilizar-se-á a etiqueta *discurso político* para referir a situação comunicativa produzida na prática social política (Charaudeau, 2013), cujos fins e objetivos estão bem delineados para todos os intervenientes do processo de comunicação. Porém, ciente da complexidade do termo, a expressão será parcamente utilizada durante a investigação.

### 2.1.3. Aceção de Locutor

No quadro epistemológico desta tese recuperou-se a distinção de Ducrot entre sujeito-falante/locutor, enunciador/locutor, locutor ( $\lambda$ ) / Locutor (L). Aquele autor começa, na sua Teoria Polifónica da Enunciação (TPE), por diferenciar sujeito-falante e locutor, afirmando que a última é uma representação intradiscursiva do primeiro, ou seja, não é o sujeito real que sobressai no enunciado, mas sim uma personagem construída durante a enunciação. Esta distinção é bastante relevante para a nossa definição de *ethos*, pois também no nosso ponto de vista a imagem de si não é um reflexo do real, mas uma construção discursiva.

Para Ducrot, a diferença entre locutor e enunciador pode ser compreendida pela comparação com a prática teatral:

Je dirai que l'énonciateur est au locuteur ce que le personnage est à l'auteur. L'auteur met en scène des personnages qui, [...], exercent une action linguistique et extralinguistique, action qui n'est pas prise en charge par l'auteur lui-même. (Ducrot, 1984, p.205)

Ou seja, o locutor coloca em cena enunciadores que são agentes das ações linguísticas, desvinculando-se da responsabilidade autoral do que é expresso. Os pontos de vista e as atitudes expressas pelos enunciadores não correspondem, necessariamente, às posições do locutor ou do sujeito-falante.

Em 2006, Ducrot reviu esta posição, juntamente com Carel, defendendo que os locutores escolhem seres *assimilados* a enunciadores e adotam uma de entre três *atitudes* possíveis em relação a esses enunciadores: 'responsabilização', acordo ou oposição (Ducrot & Carel, 2006).

Ducrot distingue ainda “locutor enquanto tal” (L), responsável pela enunciação, e “locutor enquanto ser do mundo” ( $\lambda$ ), pessoa real que originou o enunciado (1984, pp.201-202). Durante a argumentação para sustentar esta diferenciação, Ducrot recorre ao conceito de *ethos*, que liga a L, entidade discursiva à qual atribui certas características que podem credibilizar ou rebater a sua enunciação. O autor considera que esta distinção é sobretudo relevante para a análise dos performativos explícitos, dando um exemplo simples: na frase “desejo-lhe boas festas”, o Locutor L realiza o ato de desejar, expressando o que o ser do mundo deseja.

A identificação do Locutor L, ou seja, do responsável pela enunciação decorre da observação das marcas linguísticas que a pontuam e, também, será a partir destas que se reconhecem os *ethè*.

Considerando a ligação entre *ethos* e *Locutor L* a que Ducrot se refere, durante esta tese utilizar-se-á esta denominação<sup>8</sup>, uma vez que representa com maior precisão

---

<sup>8</sup> Importa frisar que nesta tese se usará o termo Locutor, grafado com letra maiúscula, em referência a esse Locutor L, entidade que dá origem à enunciação e que se responsabiliza pela convocação de outras vozes. Porém, convém esclarecer que no Capítulo IV utilizar-se-ão as nomenclaturas dos autores, explicando-se em cada secção a que entidade corresponde o nosso Locutor.

a figura textual responsável pela convocação à cena de enunciadores, a qual tem um papel social ou institucional e sofre influências do género. Reservar-se-á o termo *enunciador* para referir as vozes convocadas pelo Locutor L durante os textos.

O *ethos*, conceito central desta investigação, será abordado sobretudo numa perspetiva linguística, embora no Capítulo III, dedicado integralmente ao conceito, se refiram os autores que o estudaram de um ponto de vista retórico. Considerando a linha epistemológica adotada entender-se-á o *ethos* como a construção de imagens de si, observáveis através da materialidade linguística mobilizada, que podem ser representativas do papel que o Locutor deve desempenhar naquele momento, das expectativas que entende que o auditório possa vir a ter dele e das qualidades que este considera mais importantes. Embora se reconheça que os elementos não-verbais e paraverbais são muito relevantes para a sua construção, como comprovam os vários estudos desenvolvidos até ao momento (Kerbrat-Orecchioni, 2010; Charaudeau, 2013; Sandré, 2014), nesta tese apenas se analisarão as unidades linguísticas, razão pela qual se adota a etiqueta *ethos textual*.

## 2.2. Aspetos metodológicos

A escolha de Mensagens de Final de Ano como objeto de estudo deste trabalho teve origem na necessidade de verificar a existência de um possível modelo comum usado por todos os agentes políticos em governação, uma vez que se queria descrever algumas características linguísticas e também realizar um estudo contrastivo.

A existência de regimes políticos diferentes nos países em análise (Portugal e Brasil), o volume de intervenções e a variedade das temáticas apresentaram-se como dificuldades iniciais à seleção dos objetos empíricos. Porém, após a análise de múltiplas intervenções da prática política, verificou-se que a maioria dos Chefes de Governo realiza, tradicionalmente, uma intervenção política, no final do ano civil, dirigida a todos os cidadãos. De forma a estabelecer critérios analíticos, considerou-se a análise das Mensagens de Final de Ano, produzidas nos dois países na mesma época

do ano, em circulação nos mesmos suportes. Respeitou-se, contudo, a variabilidade temática e as diferentes situações de produção.

Para este trabalho adotou-se a etiqueta “Mensagens de Final de Ano” (MFA) para catalogar os textos do *corpus*, por considerar que a sua adoção promovia a relação com as intervenções políticas realizadas no final de cada ano civil pelo responsável do governo e, por contraste, estabelecia a distinção com as “Mensagens de Ano Novo” realizadas pelo Presidente da República Portuguesa.

O macro-*corpus* de análise é constituído por treze Mensagens de Final de Ano, proferidas de 2008 a 2014 pelos responsáveis pelo poder executivo português e brasileiro, correspondendo em Portugal ao Primeiro-Ministro e no Brasil ao Presidente da República. As mensagens estão distribuídas por dois *corpora*, um referente às MFA portuguesas e outro às MFA brasileiras.

Sobre o *corpus* importa explicar que a razão subjacente à escolha de textos de Chefes de Governo foi a necessidade de uniformização do estudo. Os dois países em análise apresentam diferenças ao nível do sistema político, sendo no caso português uma república democrática semipresidencialista e no brasileiro uma república federal presidencialista, o que acarreta implicações ao nível das funções exercidas. Assim, em Portugal há uma separação entre o Chefe de Estado, representado pelo Presidente da República, e o Chefe de Governo, pelo Primeiro-Ministro, enquanto no Brasil estas funções se concentram numa só pessoa, ou seja, no Presidente da República.

Em virtude destes factos, optou-se por seleccionar apenas as intervenções realizadas pelos Chefes de Governo, responsáveis pela gestão dos ministérios e pela coordenação das políticas públicas. Por esta razão, não serão incluídas neste trabalho as intervenções do Presidente da República português, dado que o seu papel é, sobretudo, de representante da República Portuguesa. Para além deste aspeto, verificou-se que as intervenções realizadas pelo Presidente da República Portuguesa à nação ocorrem sempre no dia 1 de janeiro, o que implica diferenças ao nível temático e estrutural. O desfasamento temporal que existiria entre textos recolhidos antes do encerramento do ano civil (caso das MFA) e depois do Ano Novo poderia dificultar o processo comparativo-contrastivo que se pretende realizar.

O número ímpar de Mensagens de Final de ano constituiu uma dificuldade que não tinha sido antecipada quando se estabeleceu o período temporal de abrangência do estudo. O intervalo das MFA foi estabelecido para permitir uma leitura diacrónica dos *ethè*, incluindo assim diversos contextos sociais e políticos. Tal como esperado, registaram-se mudanças na representação do governo, existindo no *macro-corpus* textos produzidos por diversos intervenientes políticos, nomeadamente José Sócrates (2008-2010), Passos Coelho (2011-2014), Lula da Silva (2008-2010) e Dilma Rousseff (2011-2013). Contudo, quando se procedeu à sua definição não se previu que as mudanças ao nível da representação do governo resultassem na alteração da “tradição” associada a estas intervenções. Fala-se, particularmente, das eleições brasileiras ocorridas em 2014 que provocaram a substituição da Mensagem de Final de Ano pelo discurso de tomada de posse, razão pela qual o *corpus* português contém 7 mensagens e o brasileiro, 6.

Embora as mensagens que constituem o *corpus* sejam disponibilizadas em versão oral (televisada) e escrita, para este trabalho apenas foi considerada a versão escrita presente nos sítios oficiais dos governos (<http://www.portugal.gov.pt/> e <http://www2.planalto.gov.br>). Ciente do impacto das componentes não-verbal e paraverbal na prática política e em particular nos *ethè* dos agentes políticos, considera-se que é um aspeto a abordar num estudo futuro, dado que, por limitações temporais, não foi possível realizá-lo neste trabalho.

Relativamente à catalogação dos textos adotou-se o seguinte método: cada mensagem foi identificada pela abreviatura do país (Portugal – Pt; Brasil – Br) e pelo ano de divulgação da mensagem. No interior das mesmas numeraram-se os parágrafos, colocando o marcador §, e as frases tipográficas<sup>9</sup>, o marcador ft. Ao longo da análise textual do Capítulo VI, serão usados estes dois códigos para localizar os elementos linguísticos nos textos. Como tal, recomenda-se a consulta das Mensagens de Final de Ano durante a leitura do capítulo acima referido.

---

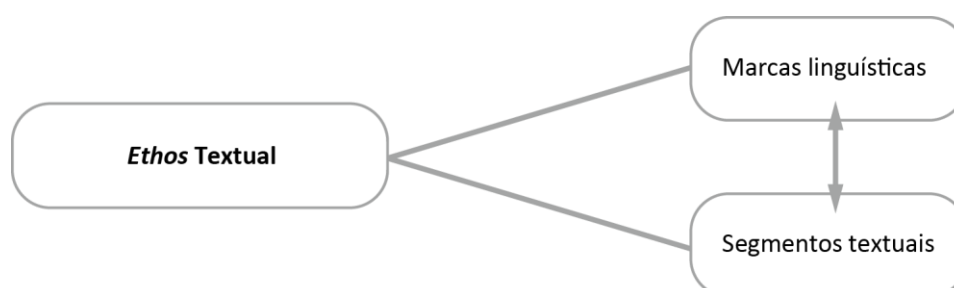
<sup>9</sup> Por frase tipográfica entende-se a unidade linguística dotada de sentido completo, delimitada na escrita por letra maiúscula no início e sinal de pontuação no final.

O quadro seguinte apresenta a lista dos textos que compõem o *macro-corpus*, num total de 13 mensagens, distribuídos pelos dois *corpora* menores, o português à esquerda e o brasileiro à direita.

Macro-corpus de análise			
Corpus 1		Corpus 2	
Data	Denominação	Data	Denominação
25/12	MFA Pt2008	22/12	MFA Br2008
25/12	MFA Pt2009	22/12	MFA Br2009
25/12	MFA Pt2010	23/12	MFA Br2010
25/12	MFA Pt2011	23/12	MFA Br2011
25/12	MFA Pt2012	23/12	MFA Br2012
25/12	MFA Pt2013	29/12	MFA Br2013
25/12	MFA Pt2014		

Quadro 1 - Distribuição do corpus

Ao longo da análise da materialidade linguística, procurar-se-á perceber como o social influencia o textual, dedicando para isso algumas secções do trabalho ao contexto socio-económico-cultural. Esta análise será de cariz misto, embora predomine a observação qualitativa. Aquela terá como objetivo proceder à identificação do *ethos* através (i) das marcas linguísticas que o materializam e (ii) dos segmentos textuais em que se insere. Ainda que possam parecer dissociados, estes dois níveis estão em constante interação, pois o *ethos* é construído no diálogo entre os dois. O esquema abaixo reproduzido procura sintetizar o que foi afirmado.



O conceito de segmento textual utilizado nesta tese foi importado de Bronckart e Bulea (2006), em especial as suas categorias *segmento de orientação temática (SOT)* e *segmento de tratamento temático (STT)*. O primeiro corresponde a momentos de

introdução ou de apresentação de um tema<sup>10</sup> e o segundo, a momentos de abordagem efetiva desse assunto. Para esta tese, os STT terão uma importância maior, porque é neles que se aborda verdadeiramente um tema, logo são mais extensos e mais propensos ao aparecimento de *ethè*.

Além destes dois tipos de segmentos, introduziu-se neste estudo um terceiro, que foi denominado de *segmento emotivo (SE)*, para referir momentos que estimulam as emoções do destinatário, quer através da convocação de valores como a esperança, a solidariedade ou o respeito, quer pela referência a dificuldades, sofrimento, entre outros. Este segmento surgiu nas leituras preliminares realizadas e a diferença de conteúdo em relação ao demais, justificou a sua inclusão.

A relação entre os *ethè* e os *segmentos textuais* que se vai demonstrar durante a análise procura mostrar que os primeiros são coibidos pelo tema e pelo tom dos segmentos. A título de exemplo, os *ethè* dos segmentos de tratamento temático são mais associados ao exercício de funções (*ethos competente* ou *agente*), ao passo que os *ethè* presentes em segmentos emotivos tendem a ser de cariz emocional (*ethos humano* ou *patriota*).

Em relação às categorias linguísticas usadas na análise textual, que serão descritas com mais rigor no Capítulo V, convém evidenciar que foram definidas em função de uma análise preliminar do *corpus* e foram importadas de diversos autores (Bronckart, 1999; Kerbrat-Orecchioni, 2002; Adam, 2008; Walton, 2008; Cunha & Cintra, 2001; Carreira, 2001). Entre elas encontram-se: índices de pessoas, tempos verbais, indicações espaciais e temporais, conectores e marcadores de discurso, sequências, modalidades, escolhas lexicais, formas de tratamento, esquemas argumentativos e figuras de estilo, entre outros.

Ao longo da descrição do processo de análise destes elementos nos textos dos *corpora* vão sendo apresentados excertos das MFA, que contêm dados que auxiliam a

---

<sup>10</sup> Para Adam (2008), o tema ou tópico global tem um valor semântico, pois corresponde à estrutura de sentido de um enunciado. Conforme indica Bakhtine (1984), o tema é um conceito dinâmico e complexo, na medida em que muda consoante a situação de enunciação e o produtor e que não se observa apenas nas formas linguísticas, mas também nas não-verbais. No entender da investigadora, o tema será a unidade de sentido, o assunto, social e historicamente instanciado, que domina um ou vários enunciados. Neste sentido, quando se fala em segmentos de orientação e de tratamento temático, está-se a falar da definição e abordagem de uma unidade de sentido.

fundamentar a escolha dos *ethè*. Nestes excertos procurar-se-á destacar as marcas linguísticas que se pressupõe com maior relevo para o *ethos* em discussão, permitindo ilustrar o nosso posicionamento.

A análise qualitativa será obtida com o apoio do *software Concordance* e trabalhada pela investigadora no Excel, o que permitirá obter os gráficos que constam do Capítulo VI. A decisão de incluir a análise quantitativa dos dados deveu-se ao interesse em demonstrar, por meio da quantificação, a utilização de certos dados para a construção dos *ethè*. Considera-se que esta análise permitirá, portanto, descrever com maior propriedade as características linguísticas de cada *ethè*. Para tal proceder-se-á à contabilização da frequência vocabular (número de ocorrências de cada palavra) e de algumas marcas linguísticas específicas, nomeadamente os índices de pessoas e os tempos verbais. Os resultados serão importantes, por exemplo, para identificar a polarização ao nível da pessoa (*ethos individual* ou *coletivo*) ou ao nível da função (os dados relativos aos tempos verbais podem tender para um *ethos competente*, com o Pretérito Perfeito Simples, ou para o *ethos agente em potência*, com o Futuro Imperfeito). Vale salientar que durante a apresentação da frequência vocabular serão descartados os artigos definidos e indefinidos, as preposições e as conjunções, devido à sua presença constante nos enunciados em língua portuguesa, privilegiando-se palavras com maior relevância para o *ethos*.

Em jeito de síntese, a metodologia adotada nesta tese será de cariz misto (qualitativo e quantitativo).

### Capítulo III – Géneros textuais na prática política

O termo “género” terá sido, inicialmente, introduzido por Platão aquando da problematização dos diversos géneros de textos literários, particularmente a tragédia, a épica e a lírica. Aristóteles tê-lo-á seguido, atualizando esta classificação literária para epopeia, tragédia e comédia e, simultaneamente, terá deliberado a existência de três outros géneros, desta feita não literários, com finalidades distintas no âmbito oratório, a saber: o demonstrativo, que visava o louvor ou o ataque em público; o judicial, que se centrava na defesa ou acusação num tribunal; e o deliberativo, usado em ágoras e assembleias, para mostrar a utilidade ou inutilidade.

No século XX, a noção de género foi reintroduzida por Bakhtine na discussão dos romances de Dostoiévski e ampliada, algum tempo depois, na sua obra *Estética da Criação Verbal* (1984), na qual se apresentava uma definição e se listavam os componentes deste termo, informações que viriam a servir de fundamento a estudos subsequentes. O autor considerava que os *géneros do discurso* constituíam grupos de formas estabilizadas de enunciados, adequados a cada situação comunicativa, que evoluíam paralelamente à sociedade em que estavam inseridos.

Tout énoncé particulier est assurément individuel, mais chaque sphère d'utilisation de la langue élabore ses types relativement stables d'énoncés, et c'est ce que nous appelons les genres du discours. (Bakhtine, 1984, p.265).

Em virtude deste facto, o autor defendia a necessidade de se estudar a relação entre as esferas da atividade humana e a utilização efetiva da língua, pois as condições específicas e as finalidades das situações comunicativas influenciavam e determinavam os enunciados, orais ou escritos, a usar.

Os géneros do discurso podiam integrar enunciados bastante diversos, resultando em categorias tão díspares como o diálogo quotidiano, a carta, os documentos institucionais, as declarações, os artigos científicos e, inclusivamente, os modos literários (Bakhtine, 1997, pp.279-280). Devido a esta heterogeneidade, Bakhtine centrou-se na análise dos géneros literários (primários e secundários), a fim de identificar os seus elementos caracterizadores.

Depois de Bakhtine, muitos outros se debruçaram sobre esta questão, alguns dos quais adotando a sua etiqueta *géneros do discurso*, como Maingueneau e Adam. Outros optaram por uma nomenclatura diferente, como Bronckart que falava em *géneros de texto*.

Na primeira parte deste capítulo expor-se-ão as posições dos autores supramencionados sobre o conceito de género, incluindo não só a sua definição, como também os seus elementos constituintes. Depois, seguir-se-á a discussão sobre os géneros discursivos na esfera política, recuperando os trabalhos de Adam, Charaudeau, Kerbrat-Orecchioni, Sandré, Marques, Pinto e Daher. Por fim, tecer-se-ão algumas reflexões sobre um modelo provável de género político e das categorias que serão aplicadas ao *corpus*, de modo a observar se as Mensagens de Final de Ano podem ser vistas como um género de ‘intervenção política’ autónomo.

### 3.1. Género do discurso/do texto

Na atualidade, o conceito de género foi reintroduzido por Bakhtine e a partir dos seus estudos outros autores sustentaram as suas opiniões. Alguns recuperam a denominação bakhtiniana e falam de *géneros do discurso*, como Maingueneau e Adam, porque consideram que os géneros constituem modelos de comunicação definidos pelo contexto socio-histórico; outros optam pela terminologia *géneros de texto*, como Bronckart, porque entendem que estes correspondem aos processos de escolhas usados na construção de textos dependentes da prática social. Em seguida, apresenta-se, de forma sumária, o posicionamento destes três teóricos.

Maingueneau, em obra de 1996, retomou e atualizou o paradigma apresentado por Bakhtine sobre os *géneros de discurso*. Desde então, tem vindo a desenvolver vários estudos que visam descrever a problemática dos géneros, focando-se na análise de discursos diversos, nomeadamente o jurídico (1995), o publicitário (1998), o mediático e, mais recentemente, o científico (2002).

De acordo com Maingueneau, todos os textos se inserem num género de discurso, os quais correspondem a “dispositivos de comunicação socio-historicamente

definidos” (1996, p.44). Em virtude da sua indexação social e histórica, os géneros são atividades sociais que decorrem da utilização da língua, logo evoluem paralelamente à sociedade, e estabelecem-se a partir de critérios situacionais. Como tal, podem adquirir etiquetas como “editorial”, “relatório”, entre outras.

Maingueneau procurou catalogar os géneros de discurso, primeiro na obra de 1999 e depois em 2004, distinguindo entre géneros conversacionais e géneros instituídos (dos quais faziam parte os rotineiros e os autorais). Na primeira categoria não existe um vínculo aos lugares institucionais, aos papéis ou a regras estabilizadas, pois decorrem da interação entre os locutores, o que implica adaptações e negociações constantes (Maingueneau, 2004). Dentro dos géneros instituídos, Maingueneau estabelece quatro modos de genericidade, baseados na relação entre a cena genérica e a cenografia<sup>11</sup>.

Este autor considera que os géneros são atividades sociais dependentes de algumas condições de êxito ou coerções (1998, pp.65-68), a saber:

a) *Finalidade* – todo o género de discurso tem um propósito definido e claramente identificável. Essa identificação é fundamental para que o destinatário seja capaz de ter um comportamento adequado perante o género de discurso utilizado, ou seja, esteja apto a recebê-lo e interpretá-lo corretamente.

b) *Estatuto dos parceiros* – todo o género de discurso indica o papel exercido pelo enunciador e co-enunciador, determinando respetivamente quem fala e a quem se dirige. Para tal, é necessário que ambos tenham legitimidade para assumir esse estatuto.

c) *Lugar e momento de realização* – todo o género de discurso implica um lugar e um momento específico de realização (periodicidade, duração de encadeamento, continuidade e duração de validade).

d) *Suporte material* - todo o género de discurso implica um suporte material, ou seja, um meio através do qual um texto é produzido e difundido. Este suporte

---

<sup>11</sup> A cena genérica é engendrada a partir das regras de um dado género discursivo, regras essas que determinam os papéis, as finalidades, o local e o momento de realização e o suporte. A cenografia diz respeito ao cenário produzido no qual se insere o discurso, legitimando o enunciado que, por sua vez, deve legitimar a própria cenografia (Maingueneau, 1998).

condiciona o gênero de discurso e a sua alteração pode envolver uma mudança radical de gênero.

e) *Organização textual* – todo o gênero de discurso apresenta uma organização do texto, que constitui a matéria de estudo da linguística textual.

Também Adam retomou o conceito a partir dos pressupostos de Bakhtine, razão pela qual considera que as várias formações discursivas potenciam o aparecimento de diferentes *gêneros de discurso*, ou seja, de categorias que regulam, de forma mais ou menos rígida, os enunciados de discurso e as práticas sociais. Essas regularidades socio-históricas devem ser tidas em consideração durante a fase de produção e de recepção dos textos (Adam, 1997, p.678).

De Bakhtine, Adam importou igualmente a ideia da diversidade e mutabilidade dos gêneros em decurso da sua indexação a práticas sociais e discursivas. Ele afirma que os gêneros são, por um lado, norteados por um sistema de regras que enfatiza a sua reprodução e repetição, e, por outro, regulados por uma vontade de inovar que permite a sua variação. Em estudos recentes, Adam associa estes dois princípios aos conceitos de textualidade e transtextualidade, considerando que o primeiro assegura a unidade e a singularidade de um dado texto e o segundo estimula a abertura desse a outros textos (Adam, 2004, p.68).

Para analisar a genericidade, Adam centra-se em três planos: produção (definição do gênero por meio de informações, por exemplo, peritextuais), recepção/interpretação e edição (informações que podem condicionar a recepção do texto). E define oito componentes genéricos, reproduzidos em seguida:

Componentes do género do discurso	Descrição
Nível semântico (tema e configuração de motivos)	Vericondicionalidade ou ficcionalidade dos enunciados
Nível enunciativo (estatuto dos (co)enunciadores)	Grau de implicação e de responsabilidade enunciativa ( <i>ethos</i> e <i>pathos</i> ) Coerência polifónica ligada à sucessão de pontos de vista
Nível pragmático	Finalidades, sub-finalidades e intenções comunicativas
Nível estilístico e fraseológico <sup>12</sup>	Textura microlinguística
Nível composicional	Plano do texto Organização das sequências Relação entre texto e imagem
Nível material (do dispositivo)	Suporte, duração, <i>layout</i> , disposição gráfica
Nível peritextual	Fronteiras do texto
Nível metatextual	Discurso sobre o género característico da formação sociodiscursiva Teorias sobre o género em questão

Quadro 2 - Componentes do género segundo Adam (2001b, pp.40-41, in Pinto, 2010, p.138)

Os dois autores anteriores falam do género numa perspetiva discursiva, mas há quem o entenda numa lógica textual. Para o Interacionismo Sociodiscursivo, todo o texto está dependente da prática social que lhe deu origem, pelo que é necessário observar primariamente a atividade social que deu origem a dada atividade de linguagem e só depois analisar os textos e os seus constituintes linguísticos (Bronckart, 2006, p.143). A produção dos textos implica um processo de escolha de mecanismos estruturantes, constituídos por operações cognitivas, que se adequem às atividades que comentam e ao meio comunicativo. Apesar de ser possível uma grande heterogeneidade de escolhas, devido à própria diversidade dos mecanismos e das operações, é possível observar algumas regularidades, as quais constituem os *géneros textuais*.

<sup>12</sup> Em 2001, Adam considera o estilo como um dos componentes do género, associando-o à fraseologia, mas a sua definição não é clara. Aqueles dois componentes constituem aquilo a que o autor chama de textura microlinguística (p.40).

La réalisation effective d'une action langagière, dans le cadre d'une formation sociale donnée, procède de l'exploitation des *formes communicatives* qui y sont en usage ; en d'autres termes, elle requiert l'emprunt à ces *construits historiques* que constituent les **genres de textes**. Disponibles dans *l'intertexte*, ces genres s'adaptent en permanence à l'évolution des enjeux socio-communicatifs, et ils sont dès lors porteurs de multiples *indexations* sociales. Ils sont organisés en *nébuleuses*, aux frontières floues et mouvantes, et ne peuvent en conséquence faire l'objet d'un classement définitif. (Bronckart, 1996, p.110, destaques do autor)

De acordo com Bronckart, os géneros vão mudando social e historicamente, em função do desenvolvimento das formações sociolinguísticas, e podem ser utilizados para expressar outra finalidade que não aquela para a qual foram inicialmente concebidos. Estes aspetos justificam o facto de não se poder associar um género textual a determinado agir de linguagem e de não existir uma “*classificação estável e definitiva dos géneros*” (Bronckart, 2006, p.144).

Independentemente da dificuldade em estabelecer classes de géneros, Bronckart defende a existência de um espaço acessível a todos os indivíduos onde se armazenam os géneros textuais, denominado de *intertexto* ou *nebulosa* (Bronckart, 2006, p.146). A partir do conhecimento que reúne sobre o intertexto da sua comunidade, o indivíduo vai proceder a um duplo processo de adoção e adaptação do género textual, para produzir um novo texto empírico. Este duplo processo envolve, por parte do indivíduo, o domínio do intertexto, não só porque deve ser capaz de escolher o género que melhor se adequa à situação de interação, como também deve saber gerir as indexações sociais que esse comporta; em simultâneo, implica a manifestação do seu estilo pessoal, facto que pode acarretar algumas alterações na caracterização global do género.

### 3.2. Géneros textuais/discursivos na prática política

Dos autores referidos no subcapítulo anterior, apenas Adam desenvolveu estudos sobre os géneros textuais/discursivos da prática política. Mas existem outros, no campo da linguística, que trabalharam com textos oriundos da esfera política,

nomeadamente Charaudeau, Kerbrat-Orecchioni, Sandré e Daher, no contexto internacional, Marques, Pinto e Menendez, no contexto nacional.

Antes de apresentar esses estudos, importa esclarecer o que se entende por *política*. A palavra deriva de *polis* (cidade-estado), significando literalmente a arte de governar uma cidade. Embora o termo original englobasse todas as questões associadas à *polis*, o que incluía a sociedade civil, foi ficando cada vez mais abrangente, sendo associado a atividades humanas relacionadas com o Estado e a ações desenvolvidas pelos partidos políticos no sentido de influenciar o governo e a opinião pública. O termo, como Pinto nota, tem um “*caráter contraditório, bipolar, dialético, implicando, necessariamente, luta entre pessoas, grupos sociais ou países, divergências de opiniões*” (2011, p.249).

Nesta perspetiva, o conceito de *prática política* utilizado nesta tese refere-se aos espaços de discussão (debates de ideias e posicionamentos), de ação (implementação de medidas) e de persuasão, nos quais se inserem diferentes intervenções (Charaudeau, 2013). Relembra-se que, neste trabalho, o termo intervenção significa o ato de exercer a palavra dentro da esfera política, por agentes dentro e fora da governação. As intervenções podem ter diferentes formatos e suportes; podem ser orais ou escritas, planeadas ou espontâneas.

Ora, tendo em conta o dinamismo desta prática particular, entende-se que podem ser encontrados diversos subgéneros textuais<sup>13</sup>, como aliás vão corroborar os estudos que a seguir se apresentam e que trabalham com objetos empíricos distintos.

Adam tem vindo a desenvolver diversos estudos baseados em textos políticos, muitos dos quais envolvem o tratamento do *ethos* de uma perspetiva linguística. Em 1999, num livro organizado por Amossy, o autor fala do *ethos* e da esquematização do orador nos discursos de Pétain e de Gaulle em junho de 1940. Neste trabalho, o autor dá ênfase a três categorias linguísticas: os conectores argumentativos, os atos de discurso e os índices de pessoa. Estes textos inseridos na prática política viriam também a ser o objeto do trabalho realizado, em 2008, que tinha como intuito definir

---

<sup>13</sup> O conceito de subgénero será detalhado no decurso desta secção.

os níveis de análise (micro, meso e macro) a que um texto deve ser submetido. Antes deste estudo, e em colaboração com Herman, Adam examina a intervenção do general Charles de Gaulle, no dia 6 de junho de 1944 (2003), para analisar o impacto do *ethos* gauliano em conjunto com o *pathos* na construção da argumentação epidítica. Durante a sua obra *Genres de récits: Narrativité et généricité des textes* (2011), o autor dedica um capítulo ao estudo da sequência narrativa em textos orais e escritos recolhidos do género político; nesse trabalho inclui intervenções de Jacques Chirac e Valéry Giscard d'Estaing, entre outros, e aborda a relação entre *logos*, *pathos* e *ethos*.

Num artigo de 2001, Charaudeau fala de *géneros situacionais*, para se referir aos géneros catalogados em função das coerções impostas pela situação de comunicação, e de *subgéneros* ou *subcontratos*, para aludir às variantes de um contrato global. O autor exemplifica, assim, esta situação: o *género político* pode ser composto por *meetings*, declarações, entrevistas ou debates, que constituem assim os *subcontratos* ou *subgéneros*.

Em 2013, o autor dedicou uma obra integral ao estudo do discurso político (2013), tendo-se focado na análise do género político e seus subgéneros. Nesse livro, encontram-se, por exemplo, excertos de entrevistas de Lionel Jospin durante a campanha presidencial de 2002 (p.149); intervenções na abertura do ano legislativo do Presidente Francês Jacques Chirac (p.158); declarações usadas no Tribunal Penal Internacional por Slobodan Milosevic, citadas pelo jornal *Le Monde* (p.160), ou do ex-Presidente da África do Sul, Nelson Mandela (p.162). Posto isto, no livro não se pretende falar de um subgénero político específico, mas sim apresentar uma análise geral, incidindo sobre aspetos teóricos, *ethè* construídos pelos agentes políticos, imaginários sociodiscursivos que permeiam os textos e interferências do e no texto.

Para além dos autores supramencionados, encontram-se outros estudos importantes na área da linguística. Na perspetiva interacionista, destaca-se o artigo de Sandré (2009) que analisa a interrupção em debates durante as duas voltas das eleições presidenciais francesas ou, mais recentemente, o estudo sobre o *ethos* no

subgénero debate político ocorrido entre Hollande e Sarkozy (2014). Outro exemplo é o estudo de Kerbrat-Orecchioni (2012) que toma por base os debates políticos televisivos para estudar as ferramentas interpretativas utilizadas durante a análise do discurso, ou mais precisamente, o discurso em interação. No contexto brasileiro, salientam-se os trabalhos de Daher (2002, 2003, 2007) sobre a subjetividade enunciativa, que têm por base o subgénero político discursos presidenciais de Getúlio Vargas e Domingo Perón, proferidos a propósito das celebrações do 1.º de maio.

No contexto nacional encontram-se também alguns autores que procederam à análise do género político e que nele enquadraram o estudo do *ethos*. No ano de 2000, Marques desenvolveu uma tese de doutoramento sobre a organização enunciativa no subgénero debate de interpelação do governo; em 2008, selecionou os debates parlamentares portugueses para compreender o processo construtivo do *ethos* de arrogância; e, posteriormente, em 2012, estudou os debates parlamentares portugueses, em particular o subgénero debate do Estado da Nação, para identificar os mecanismos utilizados para construir as emoções.

Menéndez (2006) efetuou a análise de diversas intervenções públicas de Salazar para estudar os artifícios retóricos usados pelo estadista para alcançar os seus objetivos políticos. Para tal, focou-se em subgéneros como o discurso de comemoração do décimo aniversário da revolução de 1926 ou o discurso de tomada de posse como Ministro das Finanças em 1928.

Pinto trabalhou a argumentação numa perspetiva de género na prática política, centrando-se na descrição de aspetos plurissemióticos na análise de *outdoors* políticos (2008; 2013) e de entrevistas de candidatos à Presidência do Brasil em 2010, conduzidas no telejornal do canal brasileiro TVGlobo, para identificar as vozes (2011).

### 3.3. Reflexão crítica

Ao longo deste capítulo foram apresentados os diversos posicionamentos em relação ao conceito de género. Apesar das diferenças epistemológicas existentes entre alguns dos autores, todos são unânimes no que se refere à ancoragem social,

defendendo que os géneros estão indexados a determinadas práticas sociais, refratadas pelos signos utilizados nos textos que os materializam (Bakhtine, 1997). Porém, não demonstraram nos seus estudos a relação efetiva de influência mútua entre ambiente socio-histórico e materialidade linguística.

Os géneros podem, portanto, ser definidos como práticas sociais e discursivas definidas, acessíveis a todos os indivíduos (no *intertexto*), que podem apresentar um relativo grau de normatividade. Em virtude da sua relação com as atividades da vida humana, estas categorias, apesar de possuírem uma certa estabilidade, sofrem alterações decorrentes de influências culturais, sociais e históricas. O presente trabalho terá como objeto de estudo os *textos* que materializam as práticas sociais, pelo que se decidiu adotar a etiqueta *género de texto* ou *género textual*, preconizada por Bronckart, pois expressa com mais clareza a relação entre prática discursiva, situação comunicativa e texto, particularmente ao nível da sua materialidade que será o cerne desta investigação.

Dans la mesure où tout texte s'inscrit nécessairement dans un ensemble ou dans un genre, nous avons adopté l'expression de genre de texte, de préférence à celle de genre de discours. (Bronckart, 1997, p.78).

Nos estudos do género na prática política convocados neste capítulo observaram-se diversas análises de ordem linguística conduzidas em textos políticos, mas em nenhum momento se encontrou um trabalho que tivesse como *corpus* Mensagens de Final de Ano políticas. Além disso, em nenhum se procurou estudar como as marcas linguísticas podem ajudar a tipificar o género, pelo contrário, observaram como aquelas são determinadas pelo género, como foi o caso de Adam (2008).

Partindo deste contexto, procurar-se-á com o presente trabalho estudar a possibilidade de se virem a considerar as intervenções específicas, denominadas de Mensagens de Final de Ano, como um subgénero autónomo dentro dos géneros políticos, a partir da aplicação das coerções de género definidas por Maingueneau e Adam e da materialidade linguística observada.

No próximo quadro sintetizam-se os componentes externos e internos que, nesta tese, serão avaliados para estudar a real possibilidade de se considerar a MFA como um (sub)gênero textual autónomo. Convém reforçar que estes elementos estão em permanente diálogo, embora aqui sejam apresentados de forma independente por questões didáticas<sup>14</sup>.

#### **Componentes externos**

- *Componente discursivo* – contexto sociohistórico que subjaz a materialização textual.
- *Componente situacional* – finalidade/objetivo; lugar e tempo de realização, incluindo a periodicidade, a duração de realização, a continuidade e a validade.
- *Componente material* – suporte utilizado.

#### **Componentes internos**

- *Componente enunciativo* – estatuto e papel dos parceiros na troca comunicativa.
- *Componente semântico* – tema (conteúdo semântico) desenvolvido no texto.
- *Componente organizacional* – plano do texto.
- *Componente estilístico* – estilo imposto ao texto, definido pelo produtor, que vai influenciar a receção por parte do destinatário.

---

<sup>14</sup> Relativamente ao componente organizacional importa esclarecer que muitos autores referem a questão da *composicionalidade* dos textos, como Bakhtine (1997) e Adam (2008) para fazer menção ao plano de texto seguido. Porém, neste trabalho adota-se a terminologia *organizacional* para referir os segmentos em que um texto se estrutura.



## Capítulo IV – *Ethos*: a imagem de si

O conceito de *ethos* remonta à Antiguidade Clássica, em especial aos estudos de Aristóteles e de Cícero sobre a arte retórica e oratória, respetivamente, enquadrando-se nas provas a utilizar pelo orador no seu discurso para persuadir o público.

Ainda que o conceito estivesse vinculado à retórica, Ducrot recuperou-o para os estudos linguísticos (1984). Na sua Teoria Polifónica da Enunciação, o autor vincula o *ethos* ao Locutor L, responsável pela enunciação, entidade discursiva à qual atribui certas características que podem tornar a sua enunciação credível ou desagradável.

Depois de Ducrot, muitos outros retomaram o conceito de *ethos* e estudaram-no sob diferentes perspetivas. Foi o caso de Maingueneau, Adam e Charaudeau, numa perspetiva discursivo-textual, ou Kerbrat-Orecchioni, numa perspetiva interacionista, autores a que se dedicarão os próximo subcapítulos.

No Brasil também se encontram estudos centrados nesta temática, nomeadamente os de Daher (2002, 2003, 2007) sobre as imagens do enunciador em discursos presidenciais.

Mas não só no contexto internacional se têm publicado estudos sobre o *ethos*. Em Portugal, destacam-se os seguintes trabalhos: Marques (2008) fez um estudo sobre a arrogância e o *ethos* no discurso parlamentar português; Pinto (2008) analisou o conceito em três práticas (política, jurídica e jornalística); e Menéndez (2006) abordou o *ethos* de Salazar.

Não obstante alguns destes trabalhos focalizarem questões linguístico-discursivas, não existe um estudo que identifique os elementos da língua que permitem construir uma imagem específica. Pretende-se, portanto, com esta tese reconhecer a materialidade linguística usada na construção dos *ethè*.

#### 4.1. *Ethos* em estudos retóricos

Para Aristóteles, a retórica era um instrumento a ser utilizado não só nos tribunais e nos debates filosóficos, mas também nas situações em que se necessitava de convencer. Para o fazer, era necessário identificar o que era considerado persuasivo para um tipo de indivíduos, ou seja, quais as crenças e os valores da comunidade, e não necessariamente aquilo em que o indivíduo acreditava ou defendia (1356b, pp.32-33).

Uma vez identificada a matéria de persuasão, o sujeito devia mobilizar três provas através do seu discurso: a imagem de si (o *ethos*), a disposição dos ouvintes (o *pathos*) e os argumentos (o *logos*). Sendo assim, o sujeito devia construir uma imagem de si credível, que correspondesse ao imaginário do ouvinte, devia manipular as emoções do auditório colocando-o num estado de espírito congruente com os objetivos persuasivos do texto e devia demonstrar a verdade dos factos ou fazer crer na sua verosimilhança<sup>15</sup>, a fim de convencer e cativar a audiência.

Persuade-se pelo **carácter** quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. **É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o carácter do orador [...].** (Aristóteles, 350, pp.96-97, destaque meu)

Para construir o *ethos*, Aristóteles afirmava que o orador devia mostrar-se ponderado (*phrónesis*), virtuoso, sincero (*areté*) e benevolente (*eúnoia*). Cada uma destas qualidades integrava um dos elementos da tríade aristotélica; assim, a *phronesis* pertencia ao *logos*, a *areté* caracterizava o *ethos* e a *eúnoia* fazia parte do *pathos*, visto que se tratava da expressão do estado de espírito do orador para com o auditório.

Ao contrário de Aristóteles, o *ethos* em Cícero (1932) englobava todos os aspetos usados pelo orador ou pelo cliente para criar uma imagem favorável, o que incluía o carácter, os hábitos, os comportamentos e a vida em geral. Neste sentido, o

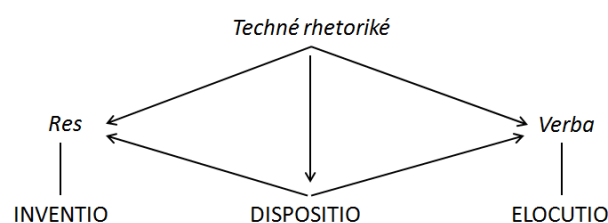
---

<sup>15</sup> A verosimilhança corresponde à qualidade que se atribui àquilo que parece ser verdade ou que é plausível ser considerado verdadeiro.

autor postulava que o caráter real devia corresponder à imagem passada através do seu discurso. Para veicular esta imagem, o orador devia organizar as ideias (*dispositio*), escolher adequadamente os argumentos (*inventio*), o estilo e o léxico empregado (*elocutio*). A disposição das ideias centrais do texto tinha um peso importante na construção das imagens de si, uma vez que se procurava coaduná-las com a finalidade inerente a cada parte constituinte de um texto. Segundo Cícero (*De Oratore*, I, 31), o texto dividia-se em: (1) exórdio, cujo objetivo era captar a atenção do público e apresentar a estrutura do texto; (2) narração, onde se expunham os fatos que sustentavam a posição do orador; (3) confirmação, que correspondia à apresentação dos argumentos; (4) a digressão, que visava suscitar as emoções do auditório; e (5) a peroração, que combinava o resumo dos argumentos, com o despertar das emoções do público. Para esta tese, o posicionamento de Cícero sobre o *ethos* não será seguido, mas considerar-se-ão os aspetos relativos à estrutura textual.

Na contemporaneidade, muitos autores têm comentado e recuperado os estudos de Aristóteles.

Barthes revisitou e atualizou os estudos clássicos de retórica, em particular o processo de construção de um texto e o *ethos*. No que concerne a produção textual, o autor considerava que as três primeiras fases (*inventio*, *elocutio* e *dispositio*) eram as mais relevantes e deviam ser vistas sempre numa relação de complementaridade, uma vez que nelas se observavam os materiais essenciais do discurso – *res* (as ideias, os argumentos) e *verba* (as escolhas linguísticas e estilísticas).



Esquema 1 - Adaptado de Barthes (1970, p. 198)

Já em relação ao conceito de *ethos*, o ponto de vista de Barthes aproximava-se do paradigma defendido por Aristóteles, em particular o facto de considerar que os traços do orador mostrados no discurso não eram necessariamente um reflexo da realidade, mas uma estratégia para garantir a persuasão.

[L'ethos ce sont] les traits de caractère que l'orateur doit montrer à l'auditoire (peu importe sa sincérité) pour faire bonne impression (...) L'orateur énonce une information et en même temps il dit : je suis ceci, je ne suis pas cela. (Barthes, 1966, p.212)

Como tal, as escolhas realizadas pelo orador em relação à(s) imagem(ns) veiculadas são, por norma, calculadas, isto é, do foro intelectual, e não um produto das características morais do Locutor, nomeadamente da sinceridade, da ponderação e da equidade (Wisse, 1989).

Assim sendo, a persuasão decorria do facto de se demonstrar a verdade ou o que parecia ser verdade, o que se aplicava tanto ao *ethos*, como ao *logos*. Ora, a questão da verosimilhança foi tratada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), que a consideraram fundamental para garantir a adesão do auditório. Para estes autores, toda a argumentação, mesmo a que integrava textos escritos, devia ser construída em função do que aquele entendia como plausível ou aparentemente verdadeiro.

Porém este não foi o único aporte que recolheram de Aristóteles. Dele também retomaram a ideia de auditório<sup>16</sup>. Considerando a heterogeneidade dos auditórios, estes autores distinguiram três tipos que condicionavam a escolha argumentativa. O *auditório universal* abrangia todos os homens adultos e normais, portanto tinha de se recorrer a argumentos capazes de convencer todos; por seu turno, o *auditório particular* correspondia a um tipo específico de interlocutor(es), sendo necessário adequar à situação social e histórica deste(s); por fim, o *auditório individual* era constituído pelo próprio sujeito, que assim poderia testar o valor dos argumentos utilizados.

Alguns autores mais recentes têm vindo a defender que o *ethos* não é construído somente pelo que está contido no discurso, mas também pela forma como

---

<sup>16</sup> O conceito de auditório será frequentemente usado durante esta tese para fazer referência ao conjunto de indivíduos a quem a mensagem se destina.

se enuncia. Declercq foi um dos que falou na necessidade de se abordar o *ethos* de uma forma multidisciplinar.

Tout ce qui, dans l'énonciation discursive, contribue à émettre une image de l'orateur à destination de l'auditoire. Ton de voix, débit de la parole, choix des mots et arguments, gestes, mimiques, regard, posture, parure, etc., sont autant de signes, élocutoires et oratoires, vestimentaires et symboliques, par lesquels l'orateur donne de lui-même une image psychologique et sociologique. (1992, p.48, destaque da investigadora)

Desta afirmação podem ser retiradas duas ideias importantes: a primeira indica que a construção do *ethos* é feita em função do auditório, pois tem como finalidade máxima persuadir e captar a sua atenção; a segunda, que o *ethos* inclui a dimensão verbal e não-verbal. Apesar de a investigadora partilhar este ponto de vista, nesta tese não será possível conduzir uma análise que comporte as vertentes verbal e não-verbal do *ethos*, razão pela qual apenas focará a materialidade linguística.

Na retórica de Aristóteles, o *logos* destacava-se como a prova mais persuasiva, porque a validade dos argumentos assegurava, por si só, a confiança do auditório. Todavia, atualmente o *ethos* tem vindo a ganhar outro relevo, devido à sua carga persuasiva (Cornilliat & Lockwood, 2000).

## 4.2. *Ethos* em estudos linguísticos

O primeiro autor a recuperar o conceito de *ethos* para os estudos linguísticos foi Ducrot, na sua obra *Le dire et le dit* editada em 1984. Nesta publicação, o autor procurou refutar a ideia da unicidade do sujeito da enunciação que prevalecia na comunidade linguística, segundo a qual o sujeito era autor e responsável quer pela produção efetiva do enunciado, quer pelo processamento intelectual do mesmo<sup>17</sup>. De modo a contrariar esta conceção, Ducrot enfatizou o papel da instância discursiva do locutor em detrimento do sujeito real produtor do enunciado, através do estabelecimento da Teoria Polifónica da Enunciação.

---

<sup>17</sup> O problema da teoria da unicidade do sujeito já havia sido colocado por Voloshinov (1977), que considerava que nos textos literários, por exemplo, estavam presentes múltiplas vozes que falavam simultaneamente.

Na TPE, Ducrot faz a distinção entre os vários sujeitos (L e  $\lambda$ ), que o próprio enunciado<sup>18</sup> apresenta e aos quais atribui a autoria da enunciação, denominados enunciadore e locutores. Portanto, embora a enunciação seja o resultado da ação de um sujeito falante, as informações autorais transmitidas pelo enunciado podem dar conta de um locutor (entidade discursiva) diferente<sup>19</sup>. O conceito de *locutor* pode ser, assim, dividido em duas categorias: o “locutor enquanto tal” (L), responsável pela enunciação, e o “locutor enquanto ser do mundo” ( $\lambda$ ), pessoa real que originou o enunciado.

A fim de tornar evidente a diferença entre estas duas entidades, Ducrot recorre a vários argumentos. Em primeiro lugar, indica que L exprime os seus sentimentos, situados na própria enunciação, por meio de interjeições e  $\lambda$  apresenta os seus sentimentos reais, logo externos à enunciação, através de frases declarativas, desprovidas de floreados ou colorações. Como segundo argumento, recorre ao conceito de *ethos*, o qual liga a L, entidade discursiva à qual atribui certas características que podem tornar a sua enunciação credível ou desagradável.

Dans ma terminologie, je dirai que l'éthos est attaché à L, le locuteur en tant que tel : c'est en tant qu'il est source de l'énonciation qu'il se voit affublé de certains caractères qui, para contrecoup, rendent cette énonciation acceptable ou rebutante. (Ducrot, 1984, p. 201).

O último argumento que assegura a distinção entre L e  $\lambda$  diz respeito aos atos performativos explícitos (Ducrot, 1984). Para o linguista, a expressão da intenção de realizar determinado ato está a cargo de L, entidade discursiva, mas todo o ato comporta na sua génese um processo psicológico, o qual só pode ser realizado por  $\lambda$ , enquanto ser do mundo. Tomando como exemplo o ato de desejar, Ducrot afirma o seguinte:

[...] quand l'assertion contenue dans cette formule, et qui concerne le monde, prend pour objet l'être particulier du monde qui, entre autres

---

<sup>18</sup> Para Ducrot, o enunciado corresponde à manifestação particular de uma frase num dado contexto. Ao contrário de outros autores, para ele a enunciação não corresponde à verbalização do enunciado por alguém, mas sim ao seu aparecimento, o que, de imediato, elimina a problemática da origem (corporizada por um sujeito falante).

<sup>19</sup> Ducrot considera que o locutor, indivíduo responsável pelo enunciado, não tem de ser necessariamente o seu autor empírico, isto é, o produtor. Existem várias situações em que não existe uma coincidência entre autor real e locutor, como por exemplo o enunciado “histórico” (noção que Ducrot recupera de Benveniste, 1974), onde não há marcas da responsabilidade enunciativa.

propriétés, a celle d'être L, c'est de  $\lambda$  qu'il s'agit : L appartient au commentaire de l'énonciation fait globalement par le sens,  $\lambda$  appartient à la description du monde fait par les assertions intérieures à ce sens. Ce qui est caractéristique des performatifs dits « explicites », c'est que des assertions sur  $\lambda$  y sont utilisées pour montrer les modalités selon lesquelles l'énonciation est prise en charge par L. (Ducrot, 1984, p.203)

Até ao momento falou-se na noção de locutor apresentada por Ducrot e nas duas categorias em que se divide, L e  $\lambda$ , mas o autor também usa o termo *enunciador*. No seu entender, este corresponde às diferentes vozes presentes no enunciado que não são as do locutor. Os enunciadores possuem pontos de vista e atitudes expressas pela enunciação, que não representam necessariamente as posições do locutor nem as do sujeito falante empírico. Para clarificar esta ideia, Ducrot estabelece a analogia entre enunciador-personagem e locutor-autor.

A utilização das comparações entre os termos postulados na TPE e os de outros autores é muito frequente ao longo do último capítulo da obra *Le dire et le dit*. As duas instâncias apresentadas na teoria narrativa de Genette (1972), narrador e centro de perspectiva, são, por exemplo, convocadas para demonstrar a sua similitude com os conceitos, respetivamente, de locutor e enunciador. O mesmo acontece com o *ethos* aristotélico, que embora pertença à retórica, é retomado para se associar à imagem do locutor enquanto ser do discurso, L.

### 4.3. Ethos em estudos discursivo-textuais

#### 4.3.1. Perspetiva de Maingueneau

A questão da construção de uma imagem do enunciador<sup>20</sup> no discurso é revisitada nas investigações de pragmática e de análise de discurso de Maingueneau. Para este autor, o *ethos* é uma noção sociodiscursiva, uma vez que ocorre durante uma dada situação de comunicação, integrada por sua vez numa dada conjuntura social e histórica, e se constrói através do discurso (Maingueneau, 2008).

---

<sup>20</sup> Ressalte-se aqui a diferença face a Ducrot, o qual falava em locutor (cf. 2.1.3. e 4.2.).

Embora a imagem seja construída em função do que se diz no discurso, não se pode dissociá-la, por completo, do enunciador, pois nela está contida a “voz” deste último, como Maingueneau lhe chama (2008). A voz pode ser desdobrada em diversos tons, que vão conferindo autoridade ao que é dito e que permitem construir uma representação do corpo do enunciador (que não deve ser confundido com o autor real), fazendo assim surgir uma espécie de um *fiador* do que é dito. A este são atribuídos um *caráter* (gama de traços psicológicos), que deve corresponder às representações sociais positivas do auditório, e uma *corporalidade* (estrutura física, aparência e movimentação no espaço).

O discurso torna-se mais persuasivo, quanto maior for a identificação do auditório com o corpo de um fiador, investido de valores sociais específicos. A persuasão decorre, assim, da *incorporação* por parte do destinatário de uma série de esquemas que definem uma forma específica de dado sujeito se inscrever no mundo. Mas esta ideia de incorporação, de acordo com Maingueneau, pode ter outras duas aceções, nomeadamente a constituição de um corpo do fiador através da enunciação e de um corpo da comunidade imaginária dos que partilham o mesmo discurso.

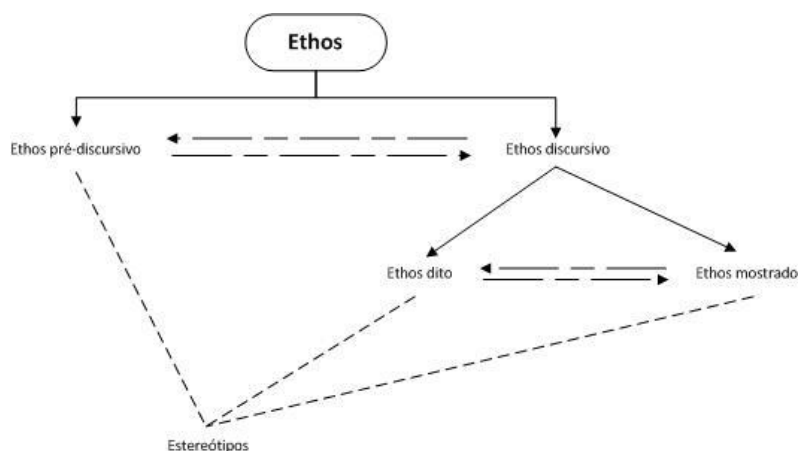
Maingueneau afirma que o *ethos* se efetiva pela combinação entre o *ethos* pré-discursivo<sup>21</sup>, isto é, as inferências criadas pelo auditório relativamente à imagem do locutor, e o *ethos* discursivo. Entre estes dois tipos de *ethè* existe uma relação de reciprocidade ou de influência mútua, visto que o locutor, aquando da construção do discurso, toma em consideração as pré-conceptualizações do auditório sobre si para adaptar a sua mensagem, e o auditório, quando é confrontado com o discurso, pode corroborar ou reformular a sua ideia inicial do locutor.

O *ethos* construído pelo discurso subdivide-se em duas categorias: o *ethos* dito e o mostrado. O *dito* corresponde às informações que o enunciador invoca, direta ou indiretamente, durante a enunciação sobre a sua pessoa e distingue-se do *mostrado*,

---

<sup>21</sup> Amossy (2005, p.125) partilha da opinião de Maingueneau, mas opta pela denominação “ethos prévio”. Este conceito está intrinsecamente relacionado com o de estereótipo, que diz respeito à representação pré-existente do real, construída pelo auditório. O orador deve adaptar a sua figuração em função dessa conceção idealizada, não só através do que diz de si, mas também a partir da forma como enuncia, dependendo do seu desejo de a confirmar, reformular ou refutar. Importante ainda é a posição de Amossy relativamente à interseção entre ser do mundo (*ethos institucional*) e ser do discurso (*ethos discursivo*). A propósito do *ethos* institucional de Amossy, é conveniente esclarecer que nesta tese utilizar-se-á esta etiqueta para falar da imagem institucional (Governo) criada pelo Locutor.

na medida em que este é construído pela percepção ou interpretação do auditório face ao que é enunciado. Contudo, esta distinção não é linear, uma vez que nem sempre é possível identificar claramente o que é dito e o que é mostrado.



Esquema 2 - Constituição do ethos efetivo (Maingueneau, 2008, p.19)

Em suma, o *ethos* de Maingueneau é uma noção híbrida que se constrói a partir da interação entre a imagem que a sociedade tem e espera do enunciador e aquela que este faz despontar durante o seu discurso. Posto isto, a forma como aquele se apresenta discursivamente vai ao encontro dos valores sociais e históricos partilhados pela comunidade em que se insere, adotando uma maneira de dizer e uma maneira de ser agradável e positiva aos olhos do auditório. Deste modo, o enunciador condiciona o destinatário a identificar-se com o fiador, potenciando a sua adesão.

#### 4.3.2. Perspetiva de Adam

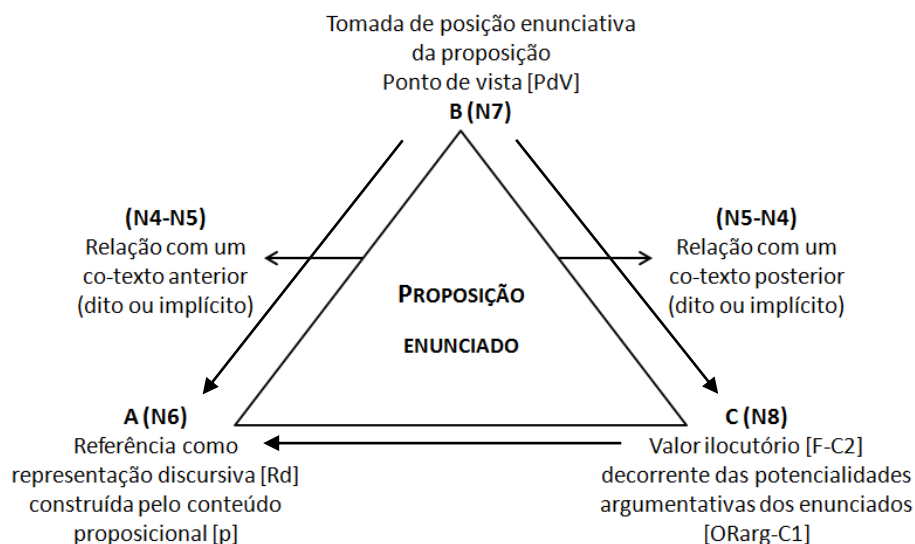
Os estudos de Adam integram a corrente da Linguística Textual e pretendem fornecer instrumentos que permitam ler e analisar as produções discursivas humanas.

O conceito de *ethos* em Adam está relacionado com as unidades mínimas usadas por um locutor durante um ato de enunciação. Para justificar o seu posicionamento, parafraseia Benveniste:

Le locuteur s'approprie l'appareil formel de la langue et il **énonce sa position de locuteur par des indices spécifiques** [...]. Mais immédiatement, dès qu'il se déclare locuteur et assume la langue, il implante l'autre en face de lui, quel que soit le degré de présence qu'il

attribue à cet autre. Toute énonciation est, explicite ou implicite, une allocution, elle postule un allocutaire. (1974, p.82, destaque da investigadora)

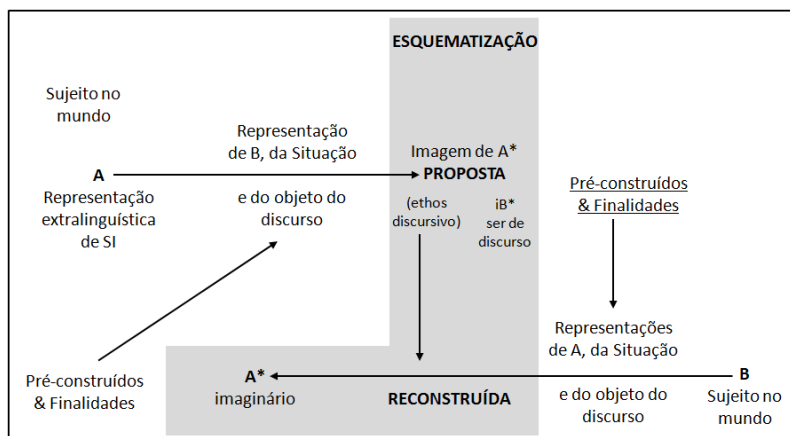
Da afirmação precedente destacam-se duas informações cruciais: em primeiro lugar, o locutor é identificado a partir de índices linguísticos específicos; e em segundo, a proposição-enunciado implica a presença, real ou fictícia, de um locutor e de um alocutário. Estes agentes relacionam-se na medida em que a *representação discursiva* (Rd) ou *esquematização*<sup>22</sup> construída pelo locutor no e pelo discurso, necessita de ser (re)construída pelo alocutário por meio de um processo de interpretação. A Rd constitui uma representação parcial e seletiva de uma realidade, um microuniverso, que assenta em noções sobre o real, mas que não o reproduz na íntegra, facto que justifica a existência da interpretação. Cabe, portanto, ao alocutário proceder à interpretação a partir da análise dos objetivos comunicativos, das representações psicossociais da situação e dos pressupostos culturais do alocutário, bem como do locutor e do texto (Adam, 2008, p.114). Em suma, na proposição-enunciado é, pois, possível identificar o responsável pelo enunciado e o ponto de vista deste (B) na representação discursiva do mundo (A), o que potencia os valores argumentativo e ilocutório dessa Rd.



Esquema 3 - Adaptado de Adam (2008, p.86)

<sup>22</sup> O conceito de *representação discursiva* ou *esquematização* foi importado de Grize (1996) por Adam.

No processo de construção do seu microuniverso, o Locutor não só revela a sua visão, como também as suas expectativas sobre o auditório. Ao fazê-lo, o Locutor mostra uma imagem de si, correspondendo ao *ethos*, que não tem necessariamente de corresponder ao sujeito no mundo (locutor  $\lambda$ )<sup>23</sup>. Trata-se, portanto, de uma esquematização<sup>24</sup>.



Esquema 4 - Adaptado de Adam (2005, p.108)

Neste esquema, Adam mostra que as imagens esquematizadas construídas pelo Locutor no seu discurso, bem como as imagens resultantes da interpretação do alocutário do seu discurso, não devem ser confundidas com o sujeito real. Mais, para o autor, o alocutário já possui uma representação de A anterior ao discurso<sup>25</sup> e esta, ao ser confrontada com o *ethos* discursivo, dá origem a um outro ser imaginário (A\*).

Segundo Adam, o Locutor posiciona-se no discurso através de elementos linguísticos específicos, nomeadamente os que denunciam a responsabilidade enunciativa (RE) e os conectores. A RE é importante para a construção do *ethos*, pois indica o responsável pelo enunciado, a sua distância e o seu entendimento em relação ao que é dito. As unidades que revelam a responsabilidade enunciativa são diversas e

<sup>23</sup> A distinção entre sujeito do mundo e sujeito discursivo remete à noção aristotélica de *ethos* e será também recuperada em outros autores, nomeadamente Charaudeau (2013).

<sup>24</sup> Este conceito foi importado de Grize. Segundo este autor, «une schématisation à pour rôle de faire voir quelque chose à quelqu'un, plus précisément, c'est une représentation discursive orientée vers un destinataire de ce que son auteur conçoit ou imagine d'une certaine réalité» (1996, p.50).

<sup>25</sup> Esta conceção remete para o *ethos* pré-discursivo de Maingueneau (2008, p.19) e para o *ethos* prévio de Amossy (1999, p.134), ou seja, a construção de uma imagem prévia ao discurso do locutor, construída pelos conhecimentos e pelas percepções do auditório relativamente à situação real.

correspondem às mencionadas por Benveniste (1974, pp.79-88) aquando da sua descrição do aparelho formal enunciativo, a saber:

- **Índices de pessoas:** pronomes e possessivos marcadores de pessoa, apóstrofe de um ser ausente ou inanimado e nomes de qualidade.
- **Deíticos espaciais e temporais** que compreendem uma referência absoluta (precisa ou vaga) ou uma referência relativa ao co-texto (anafórico) ou ao contexto (situacional). Engloba várias classes morfológicas, que fazem referência à situação dentro da qual o enunciado foi produzido: advérbios, grupos nominais, grupos preposicionais, adjetivos, certos pronomes de determinantes.
- **Tempos verbais** que correspondem a diferentes tipos de localização em relação à posição do enunciador e que se dividem em diversos planos da enunciação.
- **Modalidades:** sintático-semânticas maiores (téticas: asserção e negação; hipotética: real ou ficcional; hipertética: exclamação); objetivas; intersubjetivas; subjetivas.
- **Diferentes modos de representação do discurso.** A descontinuidade é marcada pelo discurso direto e pelo discurso direto livre e atenuada pelo discurso indireto e pelo discurso narrativizado.
- **Indicação de quadros mediadores.**
- **Fenómenos de modalização autonímica.**
- **Indicações de um suporte de percepções e de pensamento reportados:** efeitos de ponto de vista que repousam sobre uma focalização percetiva ou cognitiva.

Em síntese, considera-se que no processo de construção da representação discursiva o Locutor revela uma imagem de si, que corresponde ao conceito aristotélico de *ethos*. À semelhança de Aristóteles, o *ethos* para Adam não é exclusivamente uma manifestação da visão do locutor, mas também uma revelação das expectativas do e sobre o seu auditório.

#### 4.3.3. Perspetiva de Charaudeau

As investigações de Charaudeau integram conceitos de várias teorias, desde a semântica à pragmática, embora se focalizem maioritariamente no campo da semiolinguística, caracterizado pela transdisciplinaridade resultante da interseção entre a semântica e a linguística. Segundo esta corrente, a construção do sentido depende da intenção de um sujeito de exercer uma influência sobre o meio social numa determinada situação de comunicação, manifestando-se por unidades linguísticas (palavras, frases ou textos) que impõem um processo de semiotização do mundo (Charaudeau, 2005).

Charaudeau focou muitas das suas investigações no discurso político, que considera fortemente marcado pela perceção do destinatário em relação ao enunciador. De forma a persuadir o maior número de indivíduos, o autor entende que o sujeito enunciador constrói uma imagem (*ethos*) com a qual o público se identifica em todos os atos de linguagem. A construção destas imagens não constitui um processo linear, pois a mesma imagem pode ser profícua num dado momento e ser completamente ineficaz noutra, uma vez que depende da situação comunicativa e do destinatário e pode ser construída a longo ou a curto prazo.

As imagens de si são construídas em função das expectativas do destinatário e, ao longo de toda a interação com este, existe uma preocupação em não as defraudar sob pena de ver a sua capacidade empática e persuasiva diminuída. Para atingir este objetivo, o sujeito político e o destinatário partilham valores e crenças.

No domínio político, a construção das imagens só tem razão de ser se for voltada para o público, pois elas devem funcionar como suporte de identificação, via valores comuns desejados. **O *ethos* político deve, portanto, mergulhar, nos imaginários populares mais amplamente partilhados,** uma vez que deve atingir o maior número, em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito. (Charaudeau, 2013, p.87, destaque meu)

A fronteira entre as imagens políticas é, por vezes, muito ténue, o que dificulta a sua identificação. De facto, em alguns momentos as imagens criadas pelos políticos parecem contraditórias, porque têm de jogar com os voláteis imaginários

sociodiscursivos<sup>26</sup> do público. Posto isto, o *ethos* não é apenas uma imagem individual, mas também uma representação coletiva, resultante das concepções e das crenças de um grupo. Ora, tratando-se de uma figuração de um coletivo, o *ethos* varia em função de questões culturais. Cabe, assim, ao enunciador compreender o seu destinatário para escolher os universos de crença específicos e a exploração discursiva adequada para surtir o efeito desejado.

Em síntese, o *ethos* é o resultado da interseção entre os valores do sujeito e da comunidade, entre aquilo que ele crê e aquilo que acredita que o outro vê; é o espelho das duas componentes em que se divide o sujeito: a identidade social e a identidade discursiva, enquanto imagem que constrói.

Embora Charaudeau considerasse que não existiam «marcas específicas do *ethos*» (2013, p.118), construiu uma tipologia a partir da observação de fatores verbais, paraverbais e não-verbais, bem como das informações veiculadas. Na sua obra intitulada “Discurso Político” (2013), o autor procede à descrição de cada uma destas categorias e subcategorias, explicitadas no próximo quadro:

Tipos de ethè	
<b>Ethos de credibilidade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Seriedade</li> <li>▪ Competência</li> <li>▪ Virtude</li> </ul>	<b>Ethos de identificação</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Potência</li> <li>▪ Caráter</li> <li>▪ Humanidade</li> <li>▪ Chefe</li> <li>▪ Inteligência</li> <li>▪ Solidariedade</li> </ul>

Quadro 3 - Tipologia de ethè segundo Charaudeau (2013)

O ***ethos* de credibilidade** é formulado a partir dos dados discursivos transmitidos pelo sujeito falante. Assim sendo, para ser considerado digno de crédito,

<sup>26</sup> Os imaginários sociodiscursivos constituem representações sociais sobre o real, conhecidas e utilizadas por um grupo social numa situação comunicativa específica e identificadas por enunciados linguageiros. Os imaginários sociodiscursivos pretendem estabelecer os valores a serem difundidos e servir de justificante das ações humanas e dos grupos sociais. Charaudeau (2007, p.53) define os imaginários sociodiscursivos como «*un mode d’appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l’a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s’y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant*».

o indivíduo deve procurar dizer aquilo em que verdadeiramente pensa, satisfazendo a condição de sinceridade; deve mostrar-se capaz de executar as tarefas a que se propõe, cumprindo a condição de performance; e deve garantir que as medidas implementadas surtem o efeito pretendido, respeitando a condição de eficácia.

No outro espectro da tipologia, encontram-se os ***ethè de identificação***. Nesta categoria inserem-se as imagens que fomentam a adesão do público à pessoa política, facto justificado pela necessidade de serem, simultaneamente, um reflexo do “eu”, do cidadão e dos imaginários sociodiscursivos destes. Ao contrário dos *ethè* de credibilidade, em que existe uma racionalização das características do ator político, nestes *ethè* joga-se com o lado irracional, até emotivo, do público.

Vale salientar que a tipologia de Charaudeau serviu de ponto de partida à presente investigação, providenciando algumas pistas sobre as diversas figurações do sujeito. Dado que esta categorização não menciona elementos linguísticos caracterizadores de cada *ethos* e uma vez que esse é o grande foco do presente trabalho, os *ethè* indicados no Capítulo VI são o resultado da análise textual e da interpretação da investigadora. Importa esclarecer que a nomenclatura de alguns *ethè* pode assemelhar-se à utilizada por Charaudeau, mas a sua definição não tem necessariamente de corresponder à apresentada pelo autor supramencionado.

#### 4.3.4. Perspetiva de Bronckart

Embora Bronckart não utilize a noção de *ethos*, considera-se que as suas posições sobre as *atitudes de locução* e sobre o envolvimento enunciativo constituem aportes importantes para a análise a realizar durante este trabalho de investigação. Os estudos deste autor inserem-se na corrente denominada interacionismo sociodiscursivo (ISD), para a qual as condutas humanas correspondem a “*ações situadas cujas propriedades estruturais e funcionais, são antes de mais nada, um produto da socialização*” (1997, p.13).

Neste âmbito integram-se os géneros textuais<sup>27</sup>, compostos pelos **tipos de discurso**, que correspondem aos processos linguísticos relativamente estabilizados que descrevem atitudes gerais de locução.

Este conceito, introduzido por Simonin-Grumbach (1975), foi recuperado e aprofundado pelo ISD, culminando na identificação de quatro tipos de discurso, aos quais subjazem quatro operações. Na relação entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático verbalizado num texto e as coordenadas do mundo real identificam-se as operações de *disjunção* e de *coordenação*; na relação entre as instâncias de agentividade e a situação de ação de linguagem identificam-se as operações de *implicação* ou *autonomia*.

<b>Relação entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático de um texto e as coordenadas do mundo normal</b>	
Relação de <i>disjunção</i>	Relação de <i>conjunção</i>
A organização das representações mobilizadas ou conteúdos depende de uma origem espaço-temporal que especifica o tipo de disjunção operada; trata-se neste caso de narrar os factos.	Na ausência de uma origem explícita, as representações mobilizadas organizam-se em função das coordenadas do mundo em que decorre a ação (ou mundo normal); trata-se neste caso de expor os factos.
<b>Relação entre as instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) com a respetiva inscrição espaço-temporal e os parâmetros físicos da ação (agente produtor, interlocutor, espaço e tempo de produção)</b>	
Relação de <i>implicação</i>	Relação de <i>autonomia</i>
Se, através de ocorrências déíticas, o texto mobiliza ou implica os parâmetros físicos (a interpretação necessita de aceder às condições de produção).	Se, na ausência de qualquer explicitação, as instâncias de agentividade permanecem independentes dos parâmetros físicos da ação (não sendo necessário, para a interpretação, o conhecimento das condições de produção).

Quadro 4 - Adaptado de Coutinho (2013, p.113), a partir de Bronckart (2009)

Das operações acima detalhadas, considera-se que a questão das instâncias de agentividade é particularmente relevante para a análise das imagens do sujeito, na

<sup>27</sup> Para uma noção mais aprofundada sobre este conceito recomenda-se a leitura do Capítulo III.

medida em que permite compreender o envolvimento do locutor<sup>28</sup> no momento de produção do texto. De facto, a implicação ou a autonomia do sujeito em relação aos parâmetros físicos fornece informações sobre o seu posicionamento e o seu ponto de vista em relação ao conteúdo temático. Por outras palavras, as *atitudes de locução* contribuem para estabelecer uma relação entre as representações individuais (com origem no sujeito-agente/produtor) e as representações coletivas (Bronckart, 2009, p.154).

Os mecanismos enunciativos referidos por Bronckart são também importantes para o entendimento do *ethos*, entre eles as vozes<sup>29</sup> e as modalidades. As vozes denunciam o responsável pelo enunciado, que pode ou não corresponder ao enunciador. Deste modo, o conteúdo temático pode ser avaliado pelo autor, por outras pessoas ou instituições externas ao conteúdo temático (de onde deriva a denominação vozes sociais), ou por personagens, isto é, pessoas ou entidades humanizadas implicadas no percurso temático (1999). Bronckart afirma que não existem marcas linguísticas específicas das vozes, mas existem alguns elementos linguísticos que podem exteriorizar a sua presença, nomeadamente formas pronominais, expressões nominais, frases ou partes de frases (2009, p.149). Por seu turno, as modalidades consistem na marcação explícita da posição do locutor e vão ser descritas com maior detalhe na secção 5.1.8..

Concluindo, apesar do ISD não fazer menção ao conceito de *ethos*, considera-se que o autor o evoca durante o seu desenho da arquitetura textual. Fala-se, em concreto, das *atitudes de locução*, bem como dos mecanismos enunciativos, que revelam a presença de várias vozes e de múltiplos posicionamentos face ao conteúdo temático e ao interlocutor.

---

<sup>28</sup> Para Bronckart, o locutor corresponde ao sujeito produtor do enunciado que interage com o interlocutor (1996).

<sup>29</sup> As vozes de Bronckart (1996) correspondem aos enunciadores de Ducrot. Para o primeiro, o enunciador é a entidade que convoca as vozes, ou seja, os enunciadores.

#### 4.4. Ethos numa perspectiva interacionista<sup>30</sup>

O *ethos* foi, igualmente, abordado numa perspectiva interacionista, nomeadamente por Plantin, Kerbrat-Orecchioni e Doury. De acordo com esta corrente, o *ethos* constitui uma apresentação do locutor, reveladora dos matizes da sua personalidade, que assegurava o bom funcionamento da troca comunicativa (Kerbrat-Orecchioni, 2002, p.184) e não uma estratégia persuasiva para convencer o auditório, como na visão aristotélica. Por este motivo, são recuperados os conceitos de imagem de si e de face<sup>31</sup> de Goffman (1974), que inserem o *ethos* na problemática da “construção interativa das identidades” (Kerbrat-Orecchioni, 2002, p.188).

A linha interacionista postula que as duas entidades presentes na troca comunicativa estão em constante negociação e constroem simultaneamente uma imagem de si (*ethos projetado* ou *manifestado*) e do parceiro (*ethos “allo-attribué”*). Esta figuração projetada no discurso pode corresponder ou contrariar as imagens atribuídas pelo interlocutor, denominadas de *ethè* pré-discursivos por Maingueneau (2008) e de *ethè* prévios por Amossy (2005). Por conseguinte, pode-se afirmar que, na perspectiva interacionista, o *ethos* discursivo se ancora no pré-discursivo, não só no momento de produção do discurso (o locutor equaciona o que mostrar para reforçar, reformular ou reverter a imagem que os interlocutores têm de si), como no de receção.

Kerbrat-Orecchioni estuda a construção do *ethos*, maioritariamente, em debates políticos, a fim de compreender as imagens mobilizadas discursivamente (ou as qualidades evidenciadas pelo sujeito) e as respetivas marcas linguísticas. De salientar que para esta autora, e previamente para Plantin (1993), o *ethos* é igualmente visível por meio de elementos paraverbais e não-verbais, o que não foi tido em consideração durante a realização desta investigação.

Tanto Kerbrat-Orecchioni, como Plantin procuram analisar nos seus trabalhos os dois componentes nos quais se desdobra o *ethos*: por um lado os significantes, que

---

<sup>30</sup> Os autores mencionados neste subcapítulo têm focos de estudo distintos. Kerbrat-Orecchioni segue uma perspectiva interacionista, enquanto Plantin, um modelo dialogal da argumentação.

<sup>31</sup> Goffman (1974) define este termo como o valor social positivo que um indivíduo reclama para si durante uma troca comunicativa. Sendo assim, a *face* corresponde à imagem de si construída em função de valores aprovados por uma dada sociedade.

correspondem à materialização linguística, isto é, aos elementos verbais, não-verbais ou paraverbais usados na construção de determinada imagem; e por outro, os significados (as qualidades do sujeito), que devem ser ajustados à situação e aos papéis que o locutor exerce no contexto visado.

Igualmente importante para o desenvolvimento desta tese, foi a associação estabelecida por Kerbart-Orecchioni em artigo de 2002 entre o *ethos* e o conceito de cultura, considerando que aquele revelava o perfil comunicativo de uma dada sociedade. Deste ponto de vista, o *ethos* não é somente uma exposição dos valores, dos traços e das características de um indivíduo, mas sobretudo uma representação dos valores da comunidade a quem o sujeito se dirige, ou seja, «*l'ethos individuel s'ancre dans l'ethos collectif*» (2002, p.5). Simultaneamente, esta imagem coletiva depende dos comportamentos do orador para ser difundido, o que nos leva a concluir que entre ambos existe uma dinâmica de profunda reciprocidade.

#### 4.5. Reflexão crítica

Ao longo deste capítulo, apresentaram-se os fundamentos teóricos que serviram de base à análise do *ethos* nas Mensagens de Final de Ano. De todos os posicionamentos foram extraídos, em maior ou menor grau, os aportes que auxiliaram a construção do modelo de análise dos textos que constituem o *corpus*.

Nos estudos linguísticos, Ducrot foi o primeiro teórico a recuperar o conceito aristotélico em obra datada de 1984. Nela salienta que é possível observar-se a existência de múltiplas vozes num enunciado, as quais podem ou não corresponder à voz do produtor real. Neste contexto, faz a distinção entre locutor  $\lambda$  (ser do mundo) e Locutor L (ser discursivo), que viria a ser novamente mencionada por Maingueneau e Charaudeau. Também estes autores desenvolveram, no âmbito da análise de discurso francófona, estudos sobre o *ethos* discursivo.

Maingueneau definiu a relação entre *ethos discursivo* e *pré-discursivo* e abordou a questão do tom que sobressai nos textos, tanto escritos como verbais, e aos quais confere autoridade. Será este tom que fornece informação ao interlocutor para

que dê corpo ao enunciador. O processo de corporização só ocorre mediante a construção de vários *ethè* que descrevem as características do sujeito.

Adam relacionou o *ethos* com as unidades linguísticas mínimas utilizadas, dando enfoque aos mecanismos enunciativos. Esta abordagem forneceu categorias para a análise qualitativa a que se submeteram os textos do *corpus*.

O contributo de Charaudeau verificou-se sobretudo para efeitos de interpretação dos *ethè*, pois a tipologia criada pelo próprio deu algumas pistas sobre as imagens que podem ser construídas e ajudou na sua denominação. Contudo, a sua tipologia tem por base informação sobretudo interpretativa, uma vez que o autor considera que não existem marcas específicas do *ethos* (2013, p.118), asserção que se procurará refutar no momento da análise textual.

Bronckart foi, de igual modo, relevante para a construção do modelo de análise dos *ethè* nas Mensagens de Final de Ano com a sua descrição das *atitudes de locução*.

A partir deste enquadramento teórico, considera-se, para o efeito desta tese, que o *ethos* diz respeito às imagens, isto é, aos desdobramentos do Locutor em enunciadores que produz durante as suas intervenções por meio da materialidade linguística que mobiliza, imagens essas que podem ser representativas da sua personalidade, das expectativas que entende que o auditório tem e das qualidades que este considera mais importantes. Dado que o texto tem de ser observado em função da prática social que integra, considera-se que a sua materialização linguística também segue o mesmo pressuposto. Tal significa que o *ethos* está sempre indexado a uma prática social e a um género textual.

Deste modo, na minha perspetiva, o *ethos* é textual, porque é perceptível através da materialidade linguística presente nos textos. À semelhança destes, o *ethos* também é construído em dependência da situação de interação e das condições sociohistóricas, ou seja, as imagens mobilizadas são coibidas pelo contexto extraverbal e são requeridas por este. Em que sentido isto acontece? A situação vivida por uma população num dado momento, por exemplo, a experiência de um período de crise, pode potenciar a construção de imagens de *agente* ou de *guia*, mostrando que atua ou tranquilizando o auditório, respetivamente. Assim, tanto Locutor como auditório vão

contribuindo para a construção do *ethos*. Por tudo isto, no nosso entender o *ethos* é *simbiótico*, porque se refere ao processo de co-construção de imagens de si, no e pelo discurso, como ilustrado na imagem seguinte.

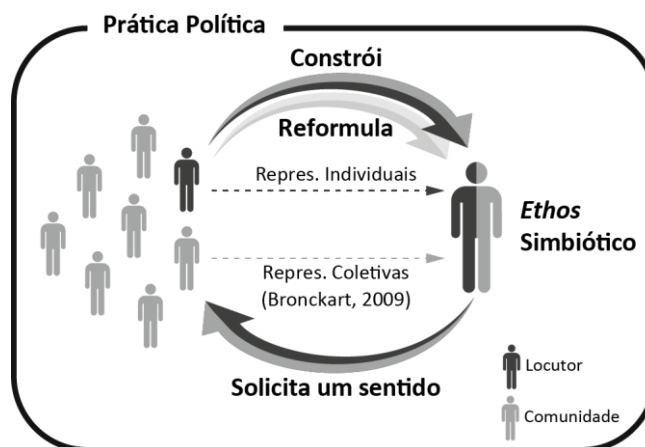


Figura 1 - *Ethos simbiótico*

Para construir este *ethos*, o agente político recorre às suas representações individuais (crenças, valores, estilo pessoal, etc.) e às representações coletivas (valores da comunidade, ideais políticos, expectativas...). Uma vez construído, solicita-se à audiência que lhe atribua um sentido, o que pode levar a uma eventual reformulação. Em suma, o *ethos simbiótico* é o resultado da interação entre as representações do orador e do auditório, bem como do constante processo de construção/reformulação.

Neste sentido, prioriza-se na nossa análise o *ethos textual*, ainda que se reconheça a influência de fatores externos ao discurso no processo de construção. Do mesmo modo, também se constata o relevo dos valores dos interlocutores e da comunidade para a criação dos *ethè*, motivo pelo qual se refletirá sobre a relação destes com a cultura.

Reforça-se que, neste estudo, o *ethos* será percebido através das escolhas linguísticas mobilizadas, embora se reconheça o papel de aspetos não-verbais e paraverbais na sua construção.



## Capítulo V – Modelo de análise textual e organizacional

A composição de um texto tem um grande papel na construção do seu sentido (Adam, 2008), logo compreender a sua estrutura organizativa, isto é, os segmentos em que o texto se articula, assume-se como um passo vital para a identificação e interpretação dos *ethè* que os oradores vão construindo. Por este motivo, neste trabalho, procurar-se-á estabelecer a relação entre os segmentos textuais e os *ethè* que neles despontam.

Neste trabalho, os segmentos pertencem a três categorias em função da sua intenção: os segmentos emotivos (SE), constituídos por momentos que estimulam as emoções do destinatário, os segmentos de orientação temática (SOT), nos quais se introduz ou apresenta um tema, e os segmentos de tratamento temático (STT), durante os quais aquele é efetivamente abordado. Recorda-se os SOT e STT foram adaptados de um estudo conduzido por Bronckart e Bulea (2006)

Segundo Adam (2008, p.261), para determinar a articulação entre estes segmentos é necessário observar e analisar diversas unidades linguísticas de nível inferior. Partindo desta premissa, tomaram-se como referência os seus trabalhos que abordam as ligações de nível macro, meso e micro-textual. Em virtude do facto de as Mensagens de Final de Ano ainda não estarem definidas como um género textual, não existe um plano de texto definido, pelo que se realizará uma análise que parte do particular para o geral, ou seja, das unidades linguísticas mínimas para os segmentos textuais. Assim, em termos concretos, observar-se-ão as ligações de coesão/segmentação entre as diversas unidades linguísticas, de forma a elaborar um modelo organizacional deste possível novo subgénero, nelas incluindo-se os processos de curto, médio e longo alcance, como, por exemplo, as anáforas e correferências, a coesão temporal, as sequências prototípicas, entre outros.

As marcas linguísticas, além de fornecerem dados relevantes sobre a organização e completude de um texto, também facultam importantes informações sobre o Locutor, particularmente em relação ao seu posicionamento face ao conteúdo e ao seu relacionamento com o interlocutor. Por este motivo, analisar-se-ão algumas

categorias linguísticas que indicam a responsabilidade enunciativa (Adam, 2008) e que materializam as atitudes de locução preconizadas por Bronckart (1996), bem como as formas de tratamento (Carreira, 2001) e as escolhas lexicais. Para além destas, também se estudarão as estratégias argumentativas (Walton, 1992) e estilísticas adotadas para efeitos persuasivos. Dado que alguns destes autores efetuaram os seus estudos com base na língua francesa, sentiu-se a necessidade de recorrer a autores de língua portuguesa que estudam os mesmos temas (variantes do português europeu e do português do Brasil).

Em suma, a materialidade linguística que compõe as Mensagens de Final de Ano, objeto de análise deste trabalho de investigação, assume uma posição central, dado que é a partir desta que se procederá à identificação dos *ethè* e do plano do texto. Como tal, no presente capítulo expor-se-ão e explicar-se-ão as marcas linguísticas que vão permitir atingir os objetivos de investigação definidos.

O capítulo encontra-se dividido em duas partes, referentes aos critérios linguísticos relacionados com a construção do *ethos* ou com a organização do texto. Por razões didáticas, optou-se pela separação destes critérios, mas importa enfatizar que eles se encontram em constante interação e que no decurso da análise será sempre considerada a relação existente entre eles. Assim, para a descrição do *ethos* serão observadas tanto as unidades linguísticas, como aspetos relativos ao plano de texto.

## 5.1. Critérios linguísticos gerais de análise

Os elementos linguísticos definidos como critérios de análise gerais, ou seja, considerados tanto para a observação do plano textual, como da construção dos *ethè*, encontram-se organizados do nível micro para o macro.

### 5.1.1. Correferência e anáforas

A referência é uma atividade discursiva, na medida em que o orador, a partir do material linguístico, representa o estado das coisas que considera relevante para a

mensagem que pretende transmitir (Koch, 2004). Neste sentido, os elementos linguísticos presentes no texto fornecem os dados necessários à sua interpretação, quer seja de forma expressa, quer pelo que deixa inferir.

A correferência ocorre entre duas palavras que têm valor semântico próprio, não necessitando de outro signo para poderem ser interpretadas. Os correferentes apresentam uma ligação anafórica, no sentido em que todos remetem para um mesmo referente, regra geral apresentado anteriormente.

Pt2013: Celebramos hoje **o Natal** com os nossos amigos e familiares e aproximamo-nos do final de 2013. [...] **A quadra natalícia**, sendo uma festa de reunião familiar, deve ser também um momento especial de solidariedade [...].

Koch (2004, p. 62), corroborando o ponto de vista defendido por Berrendonner, considera que as anáforas são *retomadas informacionais*<sup>32</sup> estabelecidas pelos elementos constantes do próprio texto ou por inferência, “*graças aos conhecimentos lexicais, aos pré-requisitos enciclopédicos e culturais e aos lugares-comuns argumentativos de uma dada sociedade*”. Assim sendo, a compreensão da anáfora não implica necessariamente a identificação de um referente linguístico, podendo também ocorrer pela recuperação de um elemento presente na memória discursiva.

Koch (2004, p.65) definiu uma tipologia, composta por cinco categorias de anáfora, que será seguida ao longo da análise realizada ao *corpus* desta tese.

O primeiro tipo, a *anáfora associativa*, é definido como o processo em que a expressão anafórica é um dos constituintes ou atributos do objeto-referente.

Br2008: Em vez de cumprirem o seu papel na economia, financiando o setor produtivo, os bancos viraram um grande **cassino**. A **jogatina** foi longe, mas, um dia, a conta chegou.

Já a anáfora que ocorre por via da repetição do mesmo núcleo nominal chama-se *correferencial por repetição*.

Pt2011: 2012 será um ano de grandes mudanças e transformações. Transformações que incidirão com profundidade nas nossas **estruturas económicas**. São **estas estruturas** que muitas vezes não permitem aos Portugueses realizar todo o seu potencial...

---

<sup>32</sup> Koch (2004) utiliza a expressão *retomada informacional*, mas em português europeu privilegia-se o termo *retoma*.

A *anáfora pronominal*, possivelmente a mais frequente nas mensagens analisadas, assegura a continuidade através do uso de pronomes pessoais e de determinantes possessivos:

Br2008: Em hipótese alguma, haverá **cortes** nos investimentos governamentais. Porque **eles** são decisivos para o Brasil enfrentar a crise e sair dela mais reforçado.

A *anáfora definida* surge quando a retoma do referente é realizada de forma lexicalmente semelhante, na medida em que apenas se substitui o artigo indefinido que antecede o nome por um definido.

Pt2008: O mundo vive hoje **uma grave crise económica e financeira**. Os seus efeitos já se sentem também no nosso país, mas a verdade é que nos últimos três anos o país ultrapassou a crise orçamental e pôs as contas públicas em ordem. [...] Os portugueses já conseguiram enfrentar e resolver uma grave crise orçamental. Saberão agora com o seu talento e o seu trabalho superar os efeitos negativos **da crise económica internacional**.

Embora este seja o caso mais comum, há situações em que se usa um hiperónimo para remeter ao hipónimo expresso anteriormente.

Pt2010: Este progresso colocou, finalmente, **Portugal** na média da OCDE, que inclui os trinta países mais desenvolvidos do mundo. [...] E sublinho este progresso na educação porque ele é essencial para o futuro. Essencial para o êxito pessoal dos nossos filhos, para a igualdade de oportunidades no nosso **país** e para o sucesso da nossa economia.

Por fim, a *anáfora demonstrativa* procede a uma requalificação de um objeto mencionado previamente, por meio do uso dessa classe gramatical específica.

Pt2012: São grandes os desafios e as tarefas que nos aguardam, sobretudo num momento em que na Europa e em várias regiões do mundo subsistem **inúmeras incertezas**. Teremos de responder a **essas incertezas** com as nossas certezas...

De acordo com Koch (2004), as marcas linguísticas que permitem o estabelecimento da relação anafórica incluem os pronomes pessoais (retos e oblíquos), outros pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos e relativos), os numerais, o artigo definido e alguns advérbios locativos (aí, lá, ali). Mas também os lexemas podem trabalhar como elo, por exemplo através da repetição de um vocábulo, pelo uso de sinónimos, hiperónimos, nomes genéricos e formas nominais,

normalmente reformulando os objetos de discurso consoante a mensagem que o orador pretende veicular.

Em certos casos, a retoma é feita cataforicamente, ou seja, especificando-se o referente depois de uma unidade verbal que a ele diz respeito.

Pt2011: Por várias vezes tenho dito que 2012 será um ano determinante para **nós**, para todos os Portugueses.

### 5.1.2. Isotopias

A continuidade semântica é também assegurada pela manutenção, ao longo de um texto, de uma mesma isotopia. Nas palavras de Eco, recuperadas em Adam, este conceito pode ser definido como *“a constância de um percurso de sentido que um texto apresenta quando submetido a regras de coerência interpretativa”* (Eco, 1985, in Adam, 2008, p.147).

Convém clarificar que ao longo de um texto admite-se a existência de diversas isotopias figurativas, chamando-se a este fenómeno pluri-isotopia, ou de outras isotopias, fenómeno denominado de heterotopia.

Nas Mensagens de Final de Ano observa-se a ocorrência de isotopias, algumas vezes usadas para emprestar mais força a um argumento ou a uma imagem, como é o caso do próximo exemplo.

Pt2012: Ainda não podemos **declarar vitória sobre** a crise, mas estamos hoje muito mais perto de o conseguir. E uma **condição essencial para sermos vitoriosos** sobre a dívida e sobre o desemprego é acreditarmos em nós próprios.

### 5.1.3. Conectores e marcadores

O encadeamento de segmentos textuais ocorre por meio de conectores ou marcadores de discurso. Adam (2008) distingue, na língua francesa, três categorias de conectores: os organizadores textuais, os conectores argumentativos e os marcadores de responsabilidade enunciativa.

Os **organizadores**<sup>33</sup> permitem ordenar momentos, localizando-os no espaço e no tempo, ou as próprias partes do texto. Incluem-se nesta categoria os organizadores espaciais (*à esquerda, à direita, antes, depois, em cima, em baixo, mais longe, de um lado, de outro lado, etc.*), os temporais (*então, antes, em seguida, [e] então, depois, após, na véspera, no dia seguinte, três dias depois, etc.*) e os enumerativos. Estes incluem os organizadores aditivos (*então, antes, em seguida, [e] então, depois, após, na véspera, no dia seguinte, três dias depois, etc.*) e os marcadores de integração linear (*de um lado, inicialmente, primeiramente, em primeiro lugar, de um lado, em seguida, depois, em segundo lugar, por outro lado, enfim, em último lugar, e, é tudo, para terminar, em conclusão, etc.*).

Adam integra ainda dois tipos de marcadores na categoria dos organizadores: os que identificam a mudança de topicalização (*quanto a, em relação a, relativamente a, no que concerne a, etc.*), muito comuns em textos descritivos e em algumas intervenções políticas, e os de ilustração e exemplificação (*por exemplo, notadamente, nomeadamente, em particular, como, entre outros, assim, etc.*), usados, não raras vezes, para garantir a credibilidade de dada asserção.

A outra categoria apontada por Adam (2008, p.189) é a dos **conectores argumentativos** que têm uma tripla função: em primeiro lugar, contribuem para a segmentação textual; em segundo, para a marcação da responsabilidade enunciativa; e, por fim, para a indicação da orientação argumentativa. Esta categoria pode subdividir-se em conectores argumentativos marcadores de argumento (*porque, já que, uma vez que, pois, com efeito, como mesmo, aliás, por sinal, etc.*), conectores argumentativos marcadores da conclusão (*portanto, então, em consequência, consequentemente, etc.*), conectores contra-argumentativos marcadores de um argumento forte (*mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, etc.*) e conectores contra-argumentativos marcadores de argumentos fracos (*certamente, embora, apesar de que, ainda que, etc.*).

A última categoria dos processos de conexão de Adam corresponde aos *marcadores de responsabilidade enunciativa (RE)*, que se dividem em três

---

<sup>33</sup> Segundo Maingueneau, os organizadores têm como função “estruturar a linearidade do texto, organizá-lo em uma sucessão de fragmentos complementares que facilitam o tratamento interpretativo” (in Koch, 2004, p.133).

subcategorias. Na primeira incluem-se os marcadores de quadros mediadores ou de fontes de saber (*segundo, de acordo com, para...*), os quais introduzem a entidade a quem é atribuída uma parte do texto e, na maior parte das vezes, dissociam essa porção do Locutor. Esta opção pode contribuir, sobretudo em intervenções de cariz político, para corroborar um argumento, convocando por exemplo a voz de um especialista, fenómeno que auxilia a construção de uma dada imagem do Locutor. Na segunda, os marcadores de reformulação, que reorganizam uma porção do texto muitas vezes com o objetivo de a clarificar (*isto é, ou seja, dito de outro modo, por outras palavras...*) ou de a sumariar (*enfim, em resumo, finalmente, no fundo, em conclusão...*). E, por fim, os marcadores de estruturação da conversação e os fáticos mais comuns em intervenções orais<sup>34</sup>.

Dado que os conectores acima apontados resultam da tradução da língua francesa, considerou-se necessário identificar as categorias utilizadas em língua portuguesa. Em português-europeu, e de acordo com a classificação determinada pelo Dicionário Terminológico<sup>35</sup>, os marcadores discursivos incluem:

- Estruturadores de informação, com função de ordenação

Pt2009: E é justamente destas duas palavras que vos desejo falar: de esperança e de solidariedade. [...] **Em primeiro lugar** a esperança.

- Conectores aditivos ou sumativos

Br2011: Tudo isso, **além de** significar mais casa própria e melhor moradia, vai significar, **também**, mais emprego para o brasileiro.

- Conectores conclusivos e explicativos

Pt2008: Quero saudar, **portanto**, todos os Portugueses e a todos peço empenhamento e coragem e a todos deixo uma palavra de estímulo e uma palavra de confiança.

- Conectores contrastivos ou contra-argumentativos

---

<sup>34</sup> Nas Mensagens de Final de Ano, em virtude do seu carácter encenado, não há grande margem para a ocorrência de exemplares deste tipo.

<sup>35</sup> O Dicionário Terminológico é um documento orientador para aplicação em contexto escolar, que promove a regularidade dos termos. Por esse motivo, decidiu-se usá-lo para recuperar exemplares de conectores e marcadores discursivos em língua portuguesa que se assemelhem aos postulados por Adam.

Pt2011: É uma festa em que nos é dada a compreender a importância de relações de amizade, de solidariedade e de confiança nas nossas vidas. **Mas** nem sempre consideramos devidamente que precisamos de restabelecer e fortalecer relações de confiança mais estáveis que vão além da nossa vida privada e familiar.

Esta pequena lista comporta somente alguns dos tipos de conexão que serão contemplados durante a análise, por uma questão de economia. Os demais encontram-se elencados no Anexo 1.

Também se consultaram os estudos de Koch (2004, pp.86-91) para compreender quais as classes de conectores existentes em português do Brasil. Esta autora divide os articuladores em quatro categorias: a) conteúdo proposicional (marcadores de relações espaço-temporais e os indicadores de relações lógico-semânticas, que podem expressar causalidade, condicionalidade, temporalidade, finalidade, conformidade, disjunção, entre outras); b) relações discursivo-argumentativas (conjunção (soma) de argumentos, contrajunção, disjunção argumentativa, justificação ou explicação, comparação, conclusão, comprovação, generalização, modalização da força ilocucionária, correção, reparação, especificação ou exemplificação e contrajunção); c) organizadores textuais; e d) função metadiscursiva.

Na presente investigação decidiu-se seguir a classificação usada por Adam, adaptada ao contexto português, e considerar igualmente os marcadores de quadros mediadores ou fontes de saber, devido à sua importância para a identificação das vozes dos textos e dos pontos de vista.

#### 5.1.4. Índices de pessoas

Os índices de pessoas incluem os pronomes pessoais e possessivos, apóstrofes, nomes qualificativos e demonstrativos *este* e *aquela* quando remetem para as pessoas do discurso<sup>36</sup> (Mateus et al., 1989). Neste campo também se incluem as desinências pessoais das formas verbais, dado que em português muito frequentemente ocorre a supressão do sujeito.

---

<sup>36</sup> De ressaltar que, para Mateus et al. (1989), as “pessoas do discurso” dizem respeito aos intervenientes externos.

Br2009: **Minhas** amigas e **meus** amigos, Há exatamente um ano, neste mesmo horário, **eu disse** a vocês que o Brasil estava preparado para enfrentar a grave crise financeira que, ameaçava o mundo...

Para além das categorias linguísticas apontadas por Mateus et al., considerar-se-á nesta tese o trabalho de Geffroy (1985) sobre os morfemas de pessoa nas formas verbais, em particular as suas distinções relativamente à 1.<sup>a</sup> pessoa do plural. Segundo a autora, a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural pode ser classificada de nós de modéstia/majestade; “nós” de Locutor coletivo, falando em nome de um grupo estatutário; “nós” ideológico ou partidário, em que existe uma confluência de ideais; “nós” nacional, apelando à união da comunidade; e “nós” pseudodialógico, convocando figuras do discurso que não devem ser confundidas com o público real. No decurso da análise textual que consta do Capítulo VI, usar-se-ão os seguintes termos: *nós nacional*, para fazer referência ao grupo constituído pelos cidadãos de um país, no qual se inclui o Locutor, e *nós institucional*, para fazer alusão ao executivo governativo.

### 5.1.5. Tempos verbais

Os tempos verbais localizam a ação cronologicamente em relação à posição do locutor. Estes tempos repartem-se por diversos planos de enunciação. A dicotomia de Weinrich (1973) opunha os tempos da narrativa aos do discurso, mas para Adam tal distinção era demasiado redutora. Como tal, definiu quatro polos de base ou modos/mundos enunciativos:

<i>Representação discursiva (Rd)</i>	<i>Posição do sujeito da enunciação</i>	
	<b>Responsabilidade dos enunciados</b> <i>Enunciação implicada</i>	<b>Não-Responsabilidade dos Enunciados</b> <i>Enunciação distanciada</i>
<b>Rd conjunta aos parâmetros da situação da enunciação.</b> <i>Mundo atualizado ou atualizável</i>	<b>PRESENTE enunciativo</b> <b>IMPERATIVO &amp; PERFORMATIVOS</b> <b>PRETÉRITO PERFEITO</b> <b>FUTURO &lt;1&gt;</b>	<b>PRESENTE de DEFINIÇÃO &amp; PRESENTE GNÓMICO</b> <b>&lt;3&gt;</b>
<b>Rd disjunta da situação de enunciação.</b> <i>Diegetização</i>	<i>PASSADO E FUTURO</i> <b>&lt;2&gt;</b> <i>PRETÉRITO PERFEITO</i> (passé composé) <b>PRETÉRITO</b> <b>FUTUROS DO</b>	<b>NARRATIVOS</b> <b>&lt;4&gt;</b> <i>PRETÉRITO PERFEITO</i> (passé simple) <b>IMPERFEITO</b> <b>PRETÉRITO</b>

Esquema 5 - Configurações preferenciais dos paradigmas verbais (Adaptado de Adam, 2008, p.290)

No polo <1> Adam coloca os tempos verbais que promovem uma aproximação entre locutor e interlocutor, real ou imaginado, individual ou coletivo. A conjunção do locutor em relação ao contexto de enunciação é frequentemente marcada pelo Presente do Indicativo, pela distinção EU – TU/VOCÊS e pela utilização de referências deíticas espaciais (*aqui*) e temporais (*hoje*). Porém, o locutor pode estabelecer uma ligação com mundos encerrados ou mundos projetados, sendo temporalmente demarcados pelo Pretérito Perfeito ou pelo Futuro, respetivamente. De salientar que nestas situações, utiliza-se a forma composta do Pretérito Perfeito, pois é esta que promove a ligação entre passado e presente (Cunha & Cintra, 1992). A forma simples do Pretérito Perfeito emprega-se para descrever uma ação realizada num momento do passado que não se estendeu até ao presente.

Na diegetização implicada (<2>) mantém-se a relação entre o locutor e a situação de enunciação, a qual serve de fronteira para a narração de fatos ocorridos no passado. Segundo Adam (2008), Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito e algumas perífrases (acabar de + infinitivo; imperfeito dos verbos ir/dever + infinitivo) são as formas verbais que marcam a continuidade narrativa. Aliás, o Pretérito Imperfeito, como afirmam Cunha & Cintra (1992), transmite essa ideia de continuidade mais do que qualquer outro tempo pretérito, pois designa um facto passado, não concluído.

Contudo, existem momentos em que o Locutor procura distanciar-se, não assumindo a responsabilidade dos enunciados. Por exemplo, na exposição de aforismos ou na apresentação de definições científicas, o Locutor não assume a autoria do enunciado usando para tal o presente de definição ou o presente gnómico.

Para este estudo serão consideradas, para além dos tempos verbais e das perífrases verbais acima referidas, as temporo-aspetuais<sup>37</sup>. Para Barroso (2000, pp.91-92), a perífrase verbal é composta por duas ou mais formas verbais, em que a primeira se flexiona em tempo, modo, voz, pessoa e número e as restantes se apresentam numa forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio passado). Estas construções constituem um sintagma verbal delimitado semântica, paradigmática e

---

<sup>37</sup> Importa referir que se analisarão as perífrases diatéticas, modais, aspetuais, situadoras (Barroso, 2000), mas serão consideradas como elementos de análise pertencentes a outra categoria que não a relativa ao tempo.

sintagmaticamente e podem ter valor modal, temporal, aspetual, temporo-aspetual ou diatético. As perífrases temporo-aspetuais apontadas por este autor (p.95) são:

- *Ter* + particípio passado (retrospetividade + perfetividade).
- *Haver* + particípio passado (retrospetividade + perfetividade).
- *Ir* + infinitivo (prospetividade ou futuro próximo).
- *Acabar de* + infinitivo (passado recente).

A título de exemplo transcrevem-se alguns excertos dos textos em análise onde se observou a presença das perífrases acima referidas:

Br2011: O governo **acaba de reduzir** para zero o PIS-Cofins sobre massas [...].

Pt2011: [...] a certeza de que **vamos ultrapassar** as atuais dificuldades [...].

#### 5.1.6. Indicadores espaciais e temporais

Os indicadores espaciais e temporais permitem localizar, de forma vaga ou absoluta, a situação no espaço e no tempo. Esta categoria integra diversas classes morfológicas, nomeadamente advérbios (*ontem, amanhã, aqui, hoje*), grupos nominais (*esta manhã*), grupos preposicionais (*em dez minutos*), adjetivos (*na semana passada*), certos pronomes e determinantes.

Pt2012: Já o disse, e torno **hoje** a dizê-lo: para mim não existe forma mais elevada de coragem do que aquela que tem sido diariamente demonstrada pelos Portugueses.

Br2013: **Neste ano de 2013** continuamos nossa luta vigorosa em defesa do emprego e da valorização do salário do trabalhador.

#### 5.1.7. Atos de discurso

À produção de um ato de fala está inerente a realização ou a intenção de realização de determinado objetivo, seja ele uma promessa, um conselho, uma ordem, um pedido, entre outros. De acordo com Austin (1986), o grande precursor da teoria dos atos de fala, em cada ato é possível observar um conteúdo proposicional (p) e uma força de ilocução (F), marcada através da escolha lexical, do modo verbal, da ordem das palavras, da entoação ou da pontuação, etc.

Austin concebeu uma classificação, estruturada em cinco categorias de atos<sup>38</sup>: “verdictives” (atos que consistem na apresentação de uma descoberta ou resultado baseado em provas), “exercitives” (atos que revelam a decisão sobre determinada ação ou advogam sobre a mesma), “comissives” (atos que comprometem o orador com uma certa ação), “expositives” (atos que consubstanciam a exposição de pontos de vista, a apresentação de argumentos e a clarificação de modos de uso e de referências) e “behabitives” (atos que dão conta da reação à conduta, atual ou passada, de outros indivíduos). Esta tipologia estava muito dependente da identificação dos verbos ilocutórios e performativos ingleses, o que constitui uma das críticas apontadas por Searle (1985). Para além desta, este autor julgava que nem todos os verbos listados podiam ser considerados ilocutórios; não havia um princípio ou um conjunto de princípios que sustentasse a construção da taxonomia; existia uma certa confusão entre atos e verbos ilocutórios, o que originava a sobreposição de categorias; e as categorias apontadas por Austin eram fortemente marcadas pela heterogeneidade.

Em face disto, Searle apresentou uma lista de cinco categorias de atos ilocutórios, sustentada em três dimensões fundamentais: objetivo ilocutório, direção de ajuste e condição de sinceridade. A classificação dos atos ilocutórios proposta por Searle englobava, então, as seguintes categorias:

- Atos representativos, também denominados de assertivos, nos quais o orador se compromete com a verdade da proposição enunciada, podendo esta ser avaliada segundo os parâmetros de verdade ou falsidade.
- Atos diretivos consistem na tentativa, em maior ou menor grau, de levar o ouvinte a fazer algo correspondente ao conteúdo proposicional.
- Atos compromissivos, nos quais o orador se compromete com a realização futura de uma ação.
- Atos expressivos expõem o estado psicológico do orador em relação ao estado da situação especificada no conteúdo proposicional.

---

<sup>38</sup> Optou-se por colocar a terminologia inglesa adotada por Austin, por se considerar que não existia uma tradução portuguesa apropriada. Para consultar a lista dos verbos performativos ingleses que deu origem à tipologia sugere-se a leitura do livro *Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*, de John R. Searle.

- Declarações correspondem a momentos de fala, cuja realização bem-sucedida, promove uma alteração no estado de coisas ou o muda por completo. Para que tal possa ocorrer, é necessário que o orador possua um estatuto que lhe garanta autoridade para promover essas mudanças.

Dado que as indicações linguísticas tanto de Searle, como de Austin se referem ao inglês, sentiu-se a necessidade de recorrer a estudos que aplicassem esta tipologia em Português. Mateus et al. (1989), na sua Gramática da Língua Portuguesa, apresenta uma lista dos verbos ilocutórios e também de expressões que materializam os diferentes tipos de atos, a qual se passa a reproduzir.

Atos ilocutórios	Marcas linguísticas
Assertivos	Verbos ilocutórios: <i>aceitar, achar, acreditar em, adaptar-se a, admitir, afirmar, agarrar-se à ideia de, atender ao facto de, colocar a questão de, concluir, concordar, considerar, deduzir, descrever, discordar, encarar a hipótese de, entender, gabar-se, informar, insistir em, negar, reclamar, responder, sugerir...</i> Expressões modalizadas: <i>Achar/considerar necessário, possível, certo...</i>
Diretivos	Frases imperativas ou seus substitutos no Conjuntivo e no Indicativo para a expressão de ordens, pedidos, sugestões e conselhos. Frases simples interrogativas ou frases complexas na expressão de pedidos de informação. Frases interrogativas com uma negativa com valor positivo, cuja diretividade é dada pela modalidade deôntica ou por verbo declarativo ou diretivo. Verbos ilocutórios: <i>aconselhar (a), comandar, convidar (a), desafiar, dirigir, disputar, esperar, exigir, implorar, lembrar, mandar, obrigar (a), orar, ordenar, ousar, pedir, perguntar, permitir, proibir, querer, rogar, suplicar...</i>
Compromissivos	Frases simples com utilização do futuro do indicativo ou seus substitutos. Expressões elípticas com valor ilocutório compromissivo. Construções condicionais em que o conteúdo proposicional do consequente é a expressão de um ato compromissivo. Verbos ilocutórios: <i>comprometer-se a, garantir, jurar, prometer, tencionar...</i>
Expressivos	Verbos modalizados por advérbios. Expressões exclamativas com adjetivos valorativos, advérbios e verbos experienciais, expressivos ou afetivos. Verbos ilocutórios: <i>agradecer, apresentar as condolências, congratular, deplorar, lamentar, pedir desculpa...</i>
Declarativos	Verbos ilocutórios: <i>declarar, nomear...</i>

Quadro 5 – Marcas linguísticas dos atos ilocutórios (Compilado a partir de Mateus et al., 1989)

A análise encetada durante esta investigação focar-se-á sobretudo nos elementos linguísticos usados para a materialização dos atos ilocutórios, seguindo a descrição efetuada por Mateus et al..

### 5.1.8. Modalidades

A questão modal tem vindo a ser trabalhada por diversos estudiosos, observando-se correntes mais centradas em ocorrências linguísticas mais amplas, como Bally (1932), e outras mais específicas, como Benveniste (1974). Para o primeiro autor, a modalidade é *“la forme linguistique d’un jugement intellectuel, d’un jugement affectif ou d’une volonté qu’un sujet pensant énonce à propos d’une perception ou d’une représentation de son esprit”* (Bally, 1932, p.31). Já para o segundo, a modalidade corresponde a formas linguísticas (modos verbais e fraseologia) que indicam as atitudes do enunciador em relação ao que ele enuncia (1974).

Ora, dada a inexistência de um entendimento convergente sobre esta questão, cada autor procede à sua própria classificação das modalidades. Nas próximas linhas apresentar-se-ão diferentes posicionamentos que foram importantes para a estabilização do conceito de modalidade que será utilizado nesta tese.

Para Bronckart, que utiliza o termo modalizações e não modalidades, as primeiras consistem na marcação dos comentários ou avaliações formuladas, não importa por quem, a propósito de certos elementos do conteúdo temático.

Les modalisations relèvent donc de la dimension *configurationnelle* d’un texte; elles contribuent à l’établissement de sa *cohérence pragmatique* ou *interactive*, en orientant le destinataire dans l’*interprétation* de son contenu thématique. (Bronckart, 1996, p.329)

Posto isto, as modalizações podem auxiliar o destinatário na construção da realidade que o enunciador veicula pelo seu discurso, uma vez que materializam o posicionamento deste face ao conteúdo temático, ao interlocutor e à situação comunicativa.

Bronckart (1999) identifica algumas unidades linguísticas marcadoras dos quatro tipos de modalizações, as quais foram definidas a partir dos três mundos preconizados por Habermas<sup>39</sup>. Segundo o autor, alguns géneros textuais são mais

---

<sup>39</sup> De acordo com Habermas (1984), todas as atividades coletivas estão relacionadas com e contribuem para a criação e transformação de uma rede de conhecimentos de três ordens, as quais definem os mundos objetivo, social e subjetivo. No mundo objetivo avalia-se a pretensão à verdade das atividades; no social, a adequação às normas sociais; no subjetivo, as pretensões à veracidade, limitando ou facilitando o acesso dos interlocutores aos pontos de vista do enunciador.

favoráveis à presença das modalizações, e especificamente das marcas linguísticas a seguir apontadas, uma vez que o caráter avaliativo é mais forte, como é o caso das campanhas políticas ou dos artigos científicos.

Modalização	Definição	Unidades linguísticas
Lógica	Avaliação de elementos do conteúdo temático, suportada por critérios do mundo objetivo, em relação à sua condição de verdade (verifica se são fatos comprovados, possíveis, prováveis, necessários, etc.)	Advérbios ( <i>talvez, necessariamente</i> ); Verbos no Condicional ( <i>produziria</i> ); Estruturas oracionais ( <i>é evidente que</i> ).
Deôntica	Avaliação de elementos do conteúdo temático apoiada em valores, opiniões e regras que constituem o mundo social. Neste sentido, exprimem o direito, a obrigação ou o respeito pelas normas sociais.	Verbos no presente ( <i>deve, não deve, posso, não posso</i> ); Estruturas oracionais ( <i>é lamentável que</i> ).
Apreciativa	Avaliação subjetiva de elementos do conteúdo temático, pois ocorre em função da voz que os julga.	Advérbios ( <i>felizmente, infelizmente</i> ); Expressões de interjeição ( <i>ai de mim!</i> ).
Pragmática	Explicitação de alguns aspetos da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático em relação às ações de que é agente. Os elementos linguísticos atribuem a esse agente intenções, razões ou ainda capacidade de ação.	Verbos nos Pretéritos Perfeito e Imperfeito ( <i>quis, pôde, pretendeu, pudesse, devia, não devia</i> ).

Quadro 6 - Modalizações e respetivas marcas linguísticas (a partir de Bronckart, 1999)

No contexto português, Campos e Xavier (1991) organizam as modalidades em três categorias. A *modalidade apreciativa* ou *avaliativa* tece apreciações sobre um estado de coisas. Na *modalidade epistémica* constata-se a existência de um estado de coisas, logo é por excelência a modalidade do saber e da crença. Porém, a certeza ou probabilidade de determinado estado de coisas depende do conhecimento que o

locutor tem das mesmas. A *modalidade intersujeitos* caracteriza-se pela expressão de um juízo, no qual implicitamente se percebe o desejo de alterar certo estado de coisas.

[Esta modalidade] dá conta da relação entre os sujeitos e permite abranger valores modais como a interrogação em que o enunciador remete para o coenunciador a validação da relação predicativa por ele construída como validável. (Neves, 2009, p.32)

Em 2004, Campos (*in* Neves, 2009) reatualiza esta tipologia, desta vez com base nos estudos de Bally, e distingue entre *modalidade apreciativa*, que procede à avaliação de um estado de coisas como DESEJÁVEL ou INDESEJÁVEL, *modalidade epistémica*, na qual se constata que um estado de coisas É ou NÃO É, e *modalidade deôntica*, na qual se expressa o desejo de que um estado de coisas SEJA ou NÃO SEJA. Estas duas últimas modalidades podem marcar valores diferentes, como tem vindo a ser vinculado em âmbito escolar. A primeira expressa a certeza, a possibilidade/dúvida ou a probabilidade relativamente ao conteúdo proposicional, ao passo que a segunda indica a obrigação/proibição ou permissão do locutor em relação a dada ação.

A maioria destes autores partilha a ideia de que as modalidades são construídas através da mobilização de diversos elementos linguísticos. Por exemplo, Cunha e Cintra (1992) e Adam (2008) referem os verbos modais (*dever, poder, ter de, etc.*) e de opinião (*crer, saber, duvidar, etc.*), os adjetivos e expressões com sentido modal (*possível, provável, na minha opinião, de facto, etc.*), os advérbios de opinião (*provavelmente, certamente, talvez, etc.*) e os lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos.

Nesta tese, optar-se-á pela etiqueta modalidade e entendê-la-emos como o posicionamento assumido pelo Locutor em relação ao conteúdo temático, permitindo que o destinatário compreenda a realidade que aquele pretende construir pelo seu discurso. No entanto, considerar-se-á que a modalidade apenas se divide em três categorias (deôntica, apreciativa e epistémica), conforme postula Campos (2004), e que estas se materializam a partir de elementos linguísticos específicos.

### 5.1.9. Ponto de vista

Ao longo de um texto é possível identificar o modo como a instância agentiva se posiciona linguisticamente em relação a determinado objeto do discurso, ou seja, pode-se identificar o seu ponto de vista (PdV). Portanto, num texto o Locutor pode assumir várias posições ou pode atribuir a responsabilidade do enunciado a outro. Nestes casos, podem ocorrer duas situações: ou se convocam as falas de outras pessoas para o discurso ou se expõem as percepções de outros de forma objetiva, neutralizando-se simultaneamente a posição do Locutor (Rabatel, 2012, p.10). Em função desta distinção, há três tipos de PdV: representado, narrado e afirmado (Rabatel, 2009). O *PdV representado* expõe os pensamentos e as percepções do enunciador; o *narrado* refere-se aos momentos em que se foca a forma de agir ou a atitude de um dos enunciadores; o *afirmado* corresponde aos períodos em que o locutor enuncia opiniões ou julgamentos.

A subjetividade está sempre presente, quer seja de forma deliberada, isto é, decidida pelo produtor, quer seja interpretada pelos co-enunciadores ou co-locutores. Em virtude deste facto, a identificação do sujeito e dos diferentes pontos de vista é um processo complexo, como todos os que dependem da interpretação de um indivíduo. De acordo com Rabatel (2001), existem algumas marcas linguísticas a partir das quais é possível identificar os pontos de vista, nomeadamente as referências, as predicções, os verbos que focalizam a percepção (*ver, ouvir, tocar, sentir, etc.*) ou a cognição (*saber*), os verbos de atribuição de fala (*parece, dizem, afirmam, etc.*), os nomes e adjetivos com componente sensorial (*olhos, ouvido, clarão, música, etc.*) ou cognitiva, os tempos verbais, em particular o Futuro do Pretérito/Condicional, os conectores e marcadores discursivos, em especial reformuladores (*isto é, por outras palavras, dito de outra forma, etc.*) e marcadores de quadros mediadores ou de fontes de saber (*segundo, de acordo com, no entender de, etc.*).

Nesta tese, o ponto de vista tem um papel muito importante na construção do *ethos*, pois permite determinar a posição do Locutor em relação ao conteúdo de um enunciado. Este facto vai ter especial relevo na identificação, por exemplo, do *ethos* coletivo e individual ou na construção de imagens específicas através da convocação de pontos de vista de terceiros. Linguisticamente, o PdV será, no decurso da análise,

observado nos verbos de cognição e de focalização da percepção, nos nomes e adjetivos com componente sensorial e nos conectores e marcadores discursivos.

#### 5.1.10. Escolhas lexicais

O léxico empregue nos textos é extremamente importante para a construção do *ethos*, sobretudo se se considerar que resulta de uma escolha do locutor. Por causa disto, a observação do significado das palavras usadas, da sua colocação, da sua frequência e das conotações que lhes são atribuídas não podia ser obliterada desta investigação.

Em artigo de 2002, Kerbrat-Orecchioni revela que se pode definir uma sociedade com um estilo comunicativo próximo a partir do uso de formas de tratamento familiares ou da formulação de convites; ou, pelo contrário, distante a partir do uso de fórmulas de abertura formais ou de honoríficos. Transpondo esta ideia para o *ethos*, considerou-se que existem marcas linguísticas que promovem imagens mais próximas ou mais distantes, mais rígidas ou mais liberais, etc. No entanto, importa ressaltar que as palavras e expressões podem ter significações e conotações diferentes em função da cultura o que pode enviesar alguma da análise realizada<sup>40</sup>.

Entre o léxico usado, Kerbrat-Orecchioni (2002) destaca as saudações e as formas de tratamento, dado que indicam a relação entre os intervenientes da situação comunicativa e o grau de formalismo impresso ao texto.

No contexto português-europeu, Carreira (2001, p.55) desenvolveu um estudo sobre as formas de tratamento, no qual postulava que os intervenientes numa situação comunicativa deviam respeitar algumas normas sociais de cortesia, de forma a mostrar respeito pela idade, hierarquia social, relação de proximidade e formalidade da situação. Segundo a autora, as formas de tratamento articulam-se em dois eixos: um vertical, que indica a hierarquização dos lugares (relações sociais/profissionais, etárias e familiares), e outro horizontal, que regula a distância social. Os elementos linguísticos que materializam as relações entre os intervenientes incluem as formas pronominais e nominais.

---

<sup>40</sup> A questão do enviesamento deve-se ao facto da investigadora ser portuguesa e como tal fazer a leitura e análise dos textos produzidos no Brasil a partir da sua realidade cultural.

Durante a análise realizada na tese observar-se-ão as saudações iniciais, as formas de tratamento, nomeadamente os pronomes pessoais (*eu, tu, você...*), os demonstrativos (quando indicam a distância entre os intervenientes), as formas verbais, em particular os morfemas de pessoa, e os nomes e adjetivos. Em relação aos últimos convém explicitar que se observarão as formas nominais e adjetivais que denotem a proximidade e o estatuto social dos intervenientes, mas também o respeito pelas normas de cortesia (uso de vocábulos politicamente (in)corretos), a visão do Locutor sobre o estado do país (negativa/positiva), entre outros. O papel do léxico é muito relevante na construção dos *ethè* e na veiculação de uma mensagem, razão pela qual se reservará uma secção durante a análise para o estudo da frequência vocabular.

#### 5.1.11. Figuras de estilo

Não se poderiam deixar também de analisar as figuras de estilo, uma vez que servem para corporizar as diversas imagens que os oradores pretendem transmitir aos ouvintes/leitores e, especialmente, porque constituem um poderoso recurso na manipulação das emoções, o que acentua a profunda ligação entre *ethos* e *pathos*.

As figuras podem dividir-se em várias categorias, sendo as mais frequentes nos textos analisados as que se denominam por *tropos*. De acordo com Meyer (2007), existem quatro *tropos-mestres*, a saber metáfora, sinédoque, metonímia e ironia, mas para efeitos desta tese apenas se considerarão os dois primeiros. De ressaltar que a ironia foi desconsiderada devido à sua parca utilização em intervenções oficiais de agentes do Estado, embora seja comumente usada em debates políticos.

Na *metáfora* procede-se à associação de duas realidades ou ideias através de uma comparação, mas sem que para tal sejam usados elementos linguísticos para a introduzir. Embora a sua definição promova uma aproximação com a comparação, são *tropos* com objetivos distintos, já que a metáfora não sendo literal implica por parte do autor uma interpretação da mensagem nela contida.

Br2010: Estamos, ainda, realizando um dos maiores projetos de combate à seca do mundo: a transposição das águas do São Francisco, que irá **matar a sede** e diminuir a pobreza de milhões de nordestinos.

A *sinédoque* faz uma representação do todo a partir da referência a uma parte considerada essencial, mas também da parte pelo todo, da matéria do objeto pelo objeto em si, do número, entre outras. Recuperando Fontanier (*in* Meyer, 2007, p.117), esta figura procede à “*designação de um objeto pelo nome de outro objeto com o qual ele forma um conjunto, um todo (ou físico ou metafísico), encontrando-se a existência ou a ideia de um compreendida na existência ou ideia do outro*”. Apesar de conferir estilo e dinamismo ao enunciado, tem de ser criteriosamente construída para não dar origem a ambiguidades ou interpretações incorretas.

Br2013: Neste ano **o Brasil** apoiou como nunca o empreendedor individual, o pequeno e o médio empresários, diminuindo impostos, reduzindo a burocracia e facilitando o crédito.

Neste excerto aqui recuperado nota-se que o nome Brasil constitui igualmente uma sinédoque, na medida em se pretende fazer referência ao governo, o agente real da ação.

Existem, porém, outros *tropos* e figuras de estilos. Em seguida, enumerar-se-ão todos aqueles que vão ser considerados na análise das Mensagens de Final de Ano.

A *comparação* estabelece uma associação entre dois termos diferentes, os quais, no entanto, apresentam um traço que os permite aproximar. Normalmente esta figura recorre a uma estrutura comparativa ou usa uma expressão introdutora (*como, parece, é semelhante a...*).

Br2008: Viajei pelo mundo afora, como um verdadeiro mascate dos nossos produtos.

O *paralelismo* é uma figura estrutural na qual há repetição de um esquema ao longo de frases, parágrafos ou versos. Esta figura, de suma importância para a coesão textual, também se revela essencial para a construção dos *ethè*, na medida em que funciona como reforço de uma ideia.

Br2009: **O mesmo modelo que venceu a crise foi o que permitiu**, em apenas sete anos, a geração de 12 milhões de empregos com carteira assinada [...]. **O mesmo modelo que venceu a crise foi o que permitiu** que o Luz para Todos chegasse a quase 11 milhões de pessoas no campo. [...] **O mesmo modelo que venceu a crise foi o que permitiu** a implantação do PAC [...].

A *anáfora*, já falada em secção anterior a propósito das ligações semânticas postuladas por Adam, pode ser de ordem estilística, caracterizando-se pela repetição em início de frase de uma palavra ou grupo de palavras.

Pt2012: Teremos de responder a essas incertezas com as nossas certezas, as certezas que partilhamos como povo: **a certeza de que** vamos ultrapassar as atuais dificuldades, **a certeza de que** Portugal é capaz de reformar o Estado e as suas instituições, **a certeza de que** queremos uma sociedade mais justa do que foi até hoje, **a certeza de que** a nossa economia será competitiva no mundo globalizado, **a certeza de que** os dias mais prósperos e mais felizes do nosso País estão à nossa frente.

A *perífrase* consiste na utilização de uma expressão descritiva como substituto de uma palavra. Esta figura tem como objetivo pormenorizar ou ocultar um aspeto relativo ao objeto ou à ação de que se fala.

Pt2012: Julgo que foi um imperativo de justiça que **aqueles que vivem com mais recursos económicos**<sup>41</sup> tenham sido chamados a dar um contributo maior [...].

O *eufemismo* caracteriza-se pelo recurso a palavras ou expressões que suavizam determinada informação. Em certa medida, esta figura aproxima-se da perífrase pois também há uma substituição do conteúdo original, mas o elemento diferenciador é a atenuação que promove.

Pt2011: Estou bem consciente dos problemas que tantos enfrentam, sobretudo o dos jovens que querem começar a realizar os seus sonhos e o daqueles mais velhos que, apesar do capital acumulado de saber e de experiência, se veem **afastados do mercado de trabalho**.

A *hipérbole* consiste na utilização de termos exagerados, quer do real, quer do imaginário. O exagero pode ser por excesso ou por defeito, captando, de qualquer modo, a atenção do ouvinte/leitor e manipulando as suas emoções.

Br2012: O Brasil sem Miséria retirou 16,4 milhões brasileiros da **pobreza extrema**.

A *antítese* constrói oposições entre conceitos com o objetivo de jogar com os contrastes. Como tal, não visa a apresentação de teorias opostas, apenas enfatizar o caráter antagónico dos conceitos aumentando a expressividade do enunciado.

Br2010: **Fortalecemos** a economia sem **enfraquecer** o social...

---

<sup>41</sup> Este exemplo também constitui um eufemismo.

A *apóstrofe* consiste na interpelação a alguém. Ao utilizar esta figura promove-se uma aproximação com a entidade a quem se dirige o enunciado e, simultaneamente, interrompe-se o fluxo discursivo.

BR2013: Esta é a melhor bússola para navegar neste novo Brasil.

**Minhas amigas e meus amigos**, neste ano de 2013 continuamos nossa luta vigorosa em defesa do emprego e da valorização do salário do trabalhador.

A *enumeração* consiste na indicação de uma série de elementos, pertencentes ou não à mesma classe gramatical, normalmente articulados por vírgulas (combina-se com o *assíndeto*).

Pt2009: Precisamos de investimento público que crie emprego, precisamos de investir nos domínios que são essenciais à modernização do nosso país, **as infraestruturas de transportes e comunicações, as escolas, os hospitais, as barragens, as energias renováveis**.

A *gradação* produz um efeito de intensificação ou diminuição da intensidade das ideias de forma progressiva.

Br2013: Não existe nada mais importante para mim do que ver as famílias brasileiras melhorando de vida, **mais felizes, mais tranquilas e mais satisfeitas** com o fruto do seu trabalho.

O *quiasmo* tem na sua génese a ideia de simetria. A fim de produzir um efeito simétrico, são apresentados quatro termos, sendo que dois são repetidos e os restantes são da mesma natureza.

Br2010: **Homem do povo** que sempre fui, **serei** mais [homem do] **povo** do que nunca.

A *pergunta retórica* consiste na colocação de uma interrogação não tendo como objetivo obter uma resposta, mas sim introduzir um tema, realçar um pensamento ou fazer refletir sobre determinado tópico.

Br2009: **Por que conseguimos vencer tão bem a crise?** Repito: por causa do talento, do esforço e da sensibilidade dos brasileiros.

### 5.1.12. Esquemas argumentativos

Os esquemas argumentativos (EA), conceito introduzido por Hastings em 1963 e recuperado por outros estudiosos como Schellens (1987), van Eemeren e

Grootendorst (1992), Perelman e Olbrecht-Tyteca (2002) e Walton (2008), constituem estruturas de argumentos utilizadas quotidianamente ou em atividades científicas, jurídicas ou políticas, através das quais um indivíduo procura levar outro a aceitar determinada conclusão para determinado assunto. Os EA são, no entender da investigadora, ferramentas importantes para a análise das sequências argumentativas e dos segmentos textuais presentes nas mensagens que compõem o *corpus* de análise desta tese, bem como para a construção do *ethos*, uma vez que contribuem para o reforço ou criação de diferentes imagens.

Embora o termo EA tenha ganho ‘novo fôlego’ na década de 60, a questão argumentativa tem vindo a ser abordada desde Aristóteles. As noções mais comumente associadas a Aristóteles são a de silogismo e de entimema. A primeira diz respeito ao raciocínio realizado a partir de duas proposições (premissas), das quais é possível extrair uma conclusão; a segunda consiste num argumento a que foi subtraída uma premissa ou uma conclusão. Observe-se o seguinte exemplo de entimema (com subtração da conclusão) retirado do *corpus*:

- Premissa maior: O Natal é o tempo de fraternidade e de solidariedade.
- Premissa menor: E ser solidário é apoiar quem mais precisa.
- (Conclusão: O Natal é tempo de fraternidade e de apoiar quem mais precisa.)

Considerando que as Mensagens de Final de Ano correspondem a textos com pendor persuasivo, na medida em que visam promover e manter a adesão dos cidadãos ao plano de ação do orador, a análise dos esquemas argumentativos revelou-se fulcral. Mais ainda, considerou-se que os esquemas podem contribuir para a construção ou reforço de um *ethos*. No nosso ponto de vista, a partir da escolha dos EA realizada pelos Locutores podem-se depreender alguns traços característicos dos mesmos que contribuem para a construção de uma imagem de si. Esta posição parece ser também partilhada por vários autores:

A person who puts forward an argumentation anticipates criticism, and by choosing a particular type of argumentation, using the one argumentation scheme rather than the other, he implies that he thinks he knows which route will lead to the justification of his standpoint. (Eemeren, Grootendorst e Henkemans, 2002, p.98)

In addition to patterns aimed at the subject of the discussion, schemes can also involve the **emotions of the interlocutor**, or the **ethos of the speaker**, or the common ground between the interlocutors.” (Macagno e Walton, 2006, p.50, destaque meu)

Para Walton (1992), os argumentos devem ser analisados num contexto conversacional específico, que implica pelo menos dois intervenientes, o que levou ao estabelecimento de questões críticas para testar a defensabilidade do argumento apresentado. Embora as Mensagens de Final de Ano apresentem uma forma monologal, considera-se que todo o enunciado é imbuído de outros enunciados, à semelhança do que pontuava Bakhtine (1984). Logo, na génese das MFA há um diálogo entre duas ou mais entidades, orador e público, e com o próprio contexto social, o que justifica a utilização dos esquemas argumentativos como critério de análise.

De ressaltar, que não se tem a pretensão, durante esta investigação, de fazer um estudo exaustivo dos esquemas argumentativos presentes nos textos, mas sim observar o contributo de alguns deles para a construção do *ethos*. Por este motivo, a descrição dos esquemas será sucinta, deixando-se a exemplificação para o momento da análise das imagens.

Os esquemas argumentativos podem ser classificados como dedutivos, indutivos ou abdutivos<sup>42</sup>, podendo ter por base as relações de causalidade entre coisas, o significado dos termos, a relação entre interlocutores ou o estatuto do orador (Macagno e Walton, 2008). Estes autores (2008, pp.338-351) estabeleceram diversos esquemas argumentativos agrupados em diversas classes, os quais estão elencados no Anexo 1.

Durante a análise dos textos, utilizar-se-ão as categorias de Walton para classificar os esquemas argumentativos utilizados, procurando sempre demonstrar a sua pertinência para a construção dos *ethè*.

---

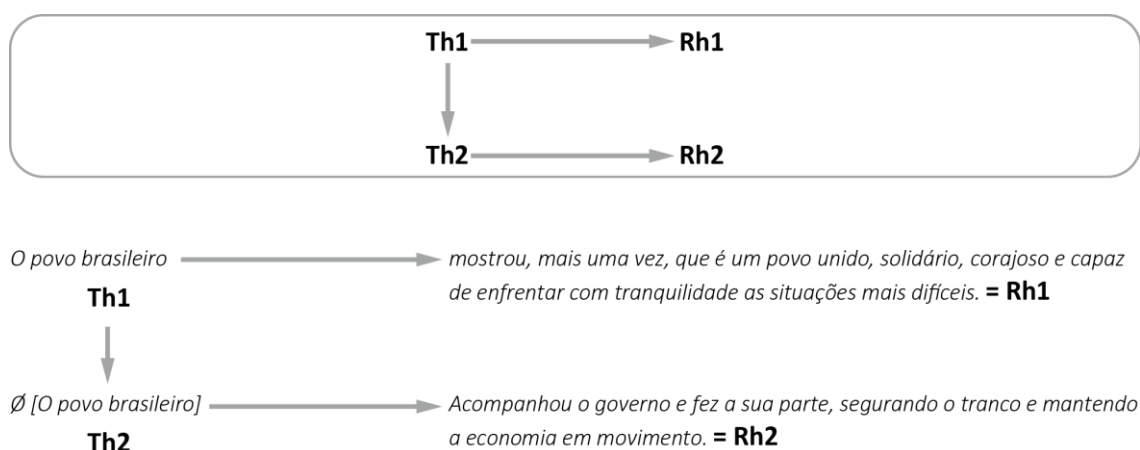
<sup>42</sup> Os esquemas argumentativos dedutivos partem do geral para o particular, expondo conceitos e definição a partir dos quais se extraem condições e consequências; os indutivos partem do particular para o geral, descobrindo princípios a partir dos quais se pode usar o método dedutivo; por fim, os abdutivos permitem gerar hipóteses sem força probatória.

## 5.2. Critérios linguísticos específicos da segmentação textual

### 5.2.1. Progressão temática

A progressão temática consiste na ligação estabelecida entre frases por via da sucessão dos temas<sup>43</sup>. Por outras palavras, a reutilização de um tema promove um efeito coesivo entre frases e parágrafos, além de que garante o dinamismo textual, porque novas informações vão sendo distribuídas de forma continuada. Segundo Koch (2004), a progressão temática pode-se realizar de múltiplas formas, entre elas: progressão com tema constante, progressão linear, progressão com tema derivado, progressão por subdivisão do rema e progressão com salto temático (Koch, 2004). Por seu turno, Adam (2008) assinala que o encadeamento dos temas pode ser linear, constante ou uma combinação de ambos. Para efeitos desta tese, usar-se-ão as três categorias definidas por Adam, as quais se passam a explicar.

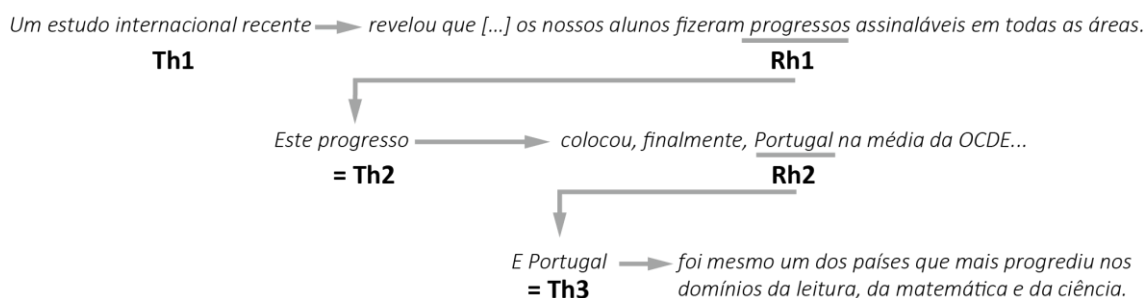
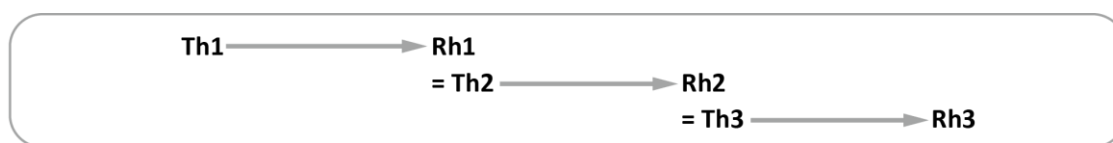
A *progressão com tema constante* consiste na repetição do mesmo tema ao longo de várias frases, o qual pode ser pronominalizado ou elidido. Esta situação é muito frequente nas sequências narrativas, na medida em que a um tema são acrescentadas novas informações que permitem caracterizar personagens ou alargar a história. O exemplo seguinte, extraído da mensagem Br2009, espelha a manutenção do tema ao longo de duas frases tipográficas distintas, mesmo com a elisão do sujeito.



Esquema 6 - Exemplo de progressão com tema constante

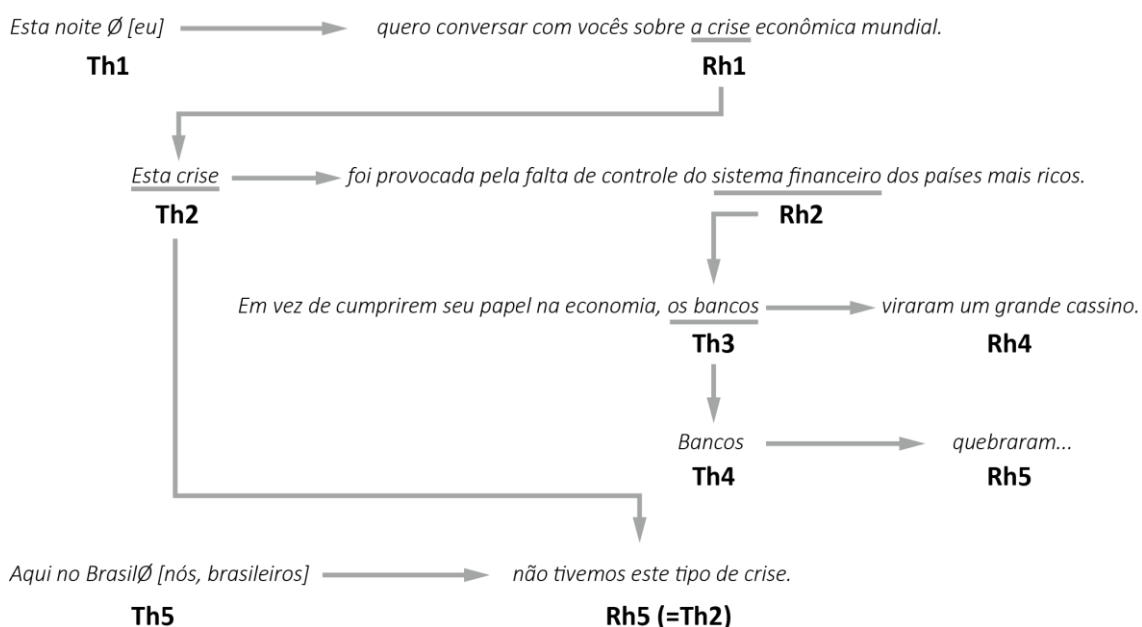
<sup>43</sup> Para Adam (2008), o tema ou tópico global tem um valor semântico, pois corresponde à estrutura de sentido de um enunciado.

A *progressão por tematização linear* caracteriza-se pela transformação do rema de uma frase em tema da frase seguinte e assim sucessivamente. O próximo esquema ilustra um caso de progressão por tematização linear existente no texto Pt2010.



Esquema 7 - Exemplo de progressão por tematização linear

Apesar de se encontrarem casos isolados destes dois tipos de progressão, nos textos observa-se mais comumente a *progressão temática combinada*. Esta é a situação do próximo exemplo, retirado da MFA Br2008.



Esquema 8 - Exemplo de progressão temática combinada

A partir deste esquema pode verificar-se que a progressão temática existente numa parte do texto combina a linearidade e a constância. O rema 2 é retomado como tema 3 e 4, embora nestes haja uma anáfora por hiponímia (sistema financeiro - bancos), ao passo que o tema 2, que repete o rema 1, é transformado em rema 5.

### 5.2.2. Implicitações – implicaturas

As implicaturas correspondem, segundo Grice (1975), às informações que são dadas, deliberadamente, de forma implícita e que têm de ser decodificadas e reconstruídas pelo leitor/ouvinte. Isto acontece por uma questão de economia de linguagem, justificando a ocorrência de elipses, implícitos e subentendidos, elementos a serem observados durante a análise.

A elipse (marcada pelo símbolo  $\emptyset$ ) pode ser definida como a supressão de palavras com papel relevante no texto, mas cuja ausência não coloca em causa a completude do enunciado. A nível textual, as elipses fornecem informações sobre a relação entre frases e parágrafos, indicando a “dependência entre enunciados distintos”, como afirma Cherchi (*in* Adam, 2008). Os dois excertos seguintes atestam esta asserção:

Br2009: Há exatamente um ano, neste mesmo horário, **eu** disse a vocês que o Brasil estava preparado para enfrentar a grave crise financeira que ameaçava o mundo, e que nossa economia era forte o suficiente para enfrentar qualquer desafio. Mais que isso:  $\emptyset$  pedi serenidade aos brasileiros

Pt2013: **A quadra natalícia**, sendo uma festa de reunião familiar, deve ser também um momento especial de solidariedade e de comunhão.  $\emptyset$  Deve ser ainda a ocasião para nos recordarmos dos que estão longe de nós...

Convém ressaltar que, em certas situações, o referente não se encontra expresso no texto, sendo necessário inferi-lo a partir do conhecimento que se tem do mundo (Koch, 2004). O exemplo que se segue, de novo extraído do *corpus*, ilustra este tipo de elipse. Como se trata do início da MFA, o Locutor ainda não se havia apresentado, pelo que se infere o sujeito subentendido do verbo a partir do contexto:

Pt2008: Prezados concidadãos,  $\emptyset$  cumpro com gosto e uma vez mais esta bela tradição de desejar a todos os portugueses e a todas as famílias um Feliz Natal e Bom Ano Novo.

Porém, a elipse pode ainda ocorrer em formas mais complexas, como a supressão de uma das premissas de um entimema.

Pt2009: Mas o Natal é o tempo de fraternidade e de solidariedade. E ser solidário é apoiar mais quem mais precisa.

Neste trecho, omitiu-se a conclusão do entimema (Então, o Natal é tempo de apoiar mais quem mais precisa), ficando a cargo dos ouvintes/leitores procederem à sua reconstrução.

Dentro das implicações incluem-se também os subentendidos e os pressupostos, muito utilizados nas intervenções políticas. Os primeiros derivam de um processo interpretativo realizado pelo leitor/ouvinte a partir do que é enunciado, ao passo que os segundos são apresentados no conteúdo semântico dos signos utilizados. Vejam-se alguns exemplos recolhidos no *corpus*:

Br2008: Nas crises anteriores, em poucos dias o Brasil quebrava e era obrigado a pedir socorro ao FMI. Desta vez, o Brasil não quebrou, nem vai quebrar. *Donde se subentende que desta vez o Brasil não teve de pedir ajuda ao FMI.*

Pt2010: Os portugueses sabem que não sou de desistir, nem sou de me deixar vencer pelas dificuldades. Pelo contrário. *Donde se pressupõe que o orador é perseverante.*

### 5.2.3. Sequências prototípicas

As sequências prototípicas de Adam são definidas como “*unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macroproposições*” (2008, p.204). As sequências têm um carácter hierárquico, na medida em que as macroproposições se articulam entre si com vista à consecução de dado objetivo<sup>44</sup>, e são relativamente independentes, pois podem ser analisadas de forma isolada do texto. Adam distingue vários tipos de sequência, organizadas em função das possíveis combinações de macroproposições, a saber: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal<sup>45</sup>.

---

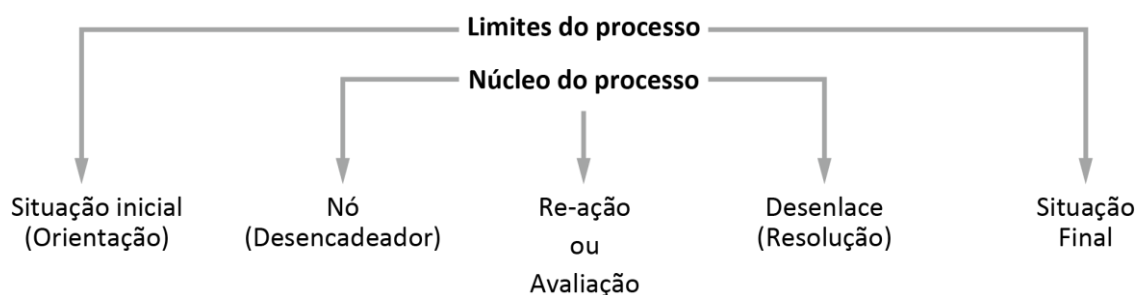
<sup>44</sup> Por exemplo, numa sequência explicativa as macroproposições estão organizadas de forma hierárquica, sendo o lugar de topo ocupado pela exposição do enquadramento, seguido do problema e da(s) respetiva(s) explicação(ões).

<sup>45</sup> Esta não será considerada, uma vez que não se usa nos textos dos *corpora*.

Adam refere as sequências de um ponto de vista cognitivo, constituindo, portanto, um recurso didático. Não obstante admitir a variação de texto para texto, este autor não tem em consideração a influência da prática social na sua estruturação. Por este motivo, nesta tese procurar-se-á ampliar o sentido dado ao conceito, seguindo o caminho proposto por Bronckart (1999) e admitindo variações devido à indexação ao plano social.

### *Sequência narrativa*

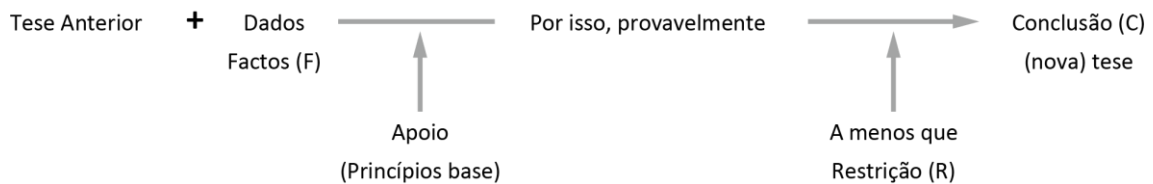
Por definição, a narrativa refere-se à exposição dos eventos e/ou ações produzidas e/ou sofridas por diferentes agentes reais ou imaginários. A sequência narrativa foi organizada por Adam em torno de cinco macroproposições narrativas que apresentam cinco fases do processo: a situação inicial, o nó, a reação, o desenlace e a situação final.



*Esquema 9 - Estrutura da sequência narrativa (Adaptado de Adam, 2008, p.225)*

### *Sequência argumentativa*

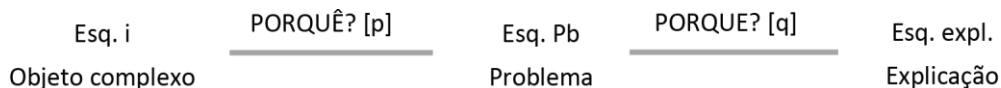
A sequência argumentativa consiste num conjunto de macroproposições organizadas, cujo objetivo é demonstrar ou refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese contrária. Para esse efeito, é necessário expor premissas (dados e factos) tidas como incontestáveis, que conduzem a determinada conclusão-asserção (Adam, 2008). A apresentação de premissas é realizada de forma articulada, por meio de diversos procedimentos argumentativos e de elementos linguísticos que denotam as relações entre aquelas. Uma vez mais, a estrutura da sequência argumentativa pode não ser fiel ao esquema que abaixo se reproduz, mas na sua base existe um dialogismo entre premissas e conclusão.



Esquema 10 - Estrutura da sequência argumentativa (Adaptado de Adam, 2008, p.233)

### Sequência explicativa

Na sequência explicativa apresenta-se uma justificação para determinado problema, que pode ter dimensão reduzida. Para Grize (1996), a sequência inclui a exposição de uma situação (Esq. i) que deu origem a um problema x (marcado pela questão *porquê?*), o qual vai ser esclarecido (Esq. expl.).



Esquema 11 - Estrutura da sequência explicativa (Grize, in Adam, 2008, p.242)

Embora a estrutura preconize a existência de um quadro inicial que apresenta a situação, aquele nem sempre surge expresso no texto. Nestes casos, formulam-se pseudoquestões (porquês?) criadas a partir das informações colocadas à direita do problema que permitem a construção da sequência (Adam, 2008).

Segundo este autor, a *estrutura periódica explicativa* é composta pela conjunção condicional SE e pelas expressões É QUE, É PORQUE, É PARA QUE, É EM RAZÃO DE, É QUE ou ISSO SE DEVA A.

Esta sequência constitui uma inversão dos períodos hipotéticos de Aristóteles (Adam, 2008, p.238) e não reflete a lógica temporal normalmente associada à exposição de relações causa-efeito. As diferenças entre os dois períodos podem ser assim esquematizadas:

**Período hipotético:** SE p *prótase* > indução > ENTÃO q *apódose*

**Período explicativo:** SE q *apódose* < explicação < É QUE/ISSO EXPLICA-SE POR p *prótase*

Na estrutura periódica retroativa não há uma apresentação tão concreta da explicação, embora esta seja depreendida devido aos conectores POR ISSO, POR CAUSA DISSO. Nestes casos, a explicação pode surgir à direita ou à esquerda do conector, ou seja, pode surgir posterior ou retrospectivamente.

### *Sequência descritiva*

A sequência descritiva é mais complexa do que as demais, porque não existe uma padronização relativamente à sua organização, em virtude de todo o enunciado conter em si mesmo uma parte descritiva (Adam, 2008). Apesar de as macroproposições poderem ser rearranjadas em função do ponto de vista do sujeito que está a descrever o objeto do mundo, podem-se identificar algumas operações descritivas.

#### 1. Operações de tematização

1.1. Pré-tematização ou ancoragem (estabelece imediatamente qual o objeto da descrição.)

1.2. Pós-tematização ou ancoragem diferida (indica *a posteriori* o alvo da descrição, o que pode contribuir para a incompreensão ou dificuldade de compreensão do sentido do texto.)

1.3. Retematização ou reformulação (apresenta uma nova denominação do objeto, o que implica a existência de uma identificação precedente.)

#### 2. Operações de aspetualização

2.1. Fragmentação ou partição (consiste na seleção de traços dos objetos a serem descritos.)

2.2. Qualificação ou atribuição de propriedades (atribui propriedades aos traços identificados durante a partição do objeto ou ao todo. Tal decorre por meio do uso de adjetivos qualificativos ou de frases cujo predicado é composto pelos verbos *ser* ou *ter*. No entanto, a descrição pode também focalizar-se em ações e não em qualidades.)

### 3. Operações de relação

#### 3.1. Relação de contiguidade temporal ou espacial

3.2. Relação de analogia (tece a caracterização de um objeto, através da aproximação, por comparação ou metáfora, entre duas realidades distintas.)

4. Operação de expansão por subtematização (procede ao alargamento descritivo por meio da apresentação de subtemas.)

No *corpus* em análise procurar-se-ão identificar os vários tipos de sequência acima descritos. Embora as sequências sejam muito importantes para a coesão do texto, visto que estabelecem a articulação entre unidades textuais menores, também têm um papel de relevo na construção do *ethos*, por exemplo na explicação de afirmações necessárias à demonstração de dada imagem. Uma vez mais se prova que, ainda que se tenha optado, por questões didáticas, em separar os critérios, não é possível separar o plano linguístico do *ethos* do plano textual.

### 5.3. Reflexão crítica

Nos subcapítulos anteriores passaram-se em revista os critérios de análise a serem observados nos textos dos *corpora*, mas em alguns casos convocaram-se os posicionamentos de diversos autores, ora porque se sentiu a necessidade de consultar estudos em língua portuguesa, ora porque se considerou imperativo compreender as diversas perspetivas existentes para, depois, estabilizar o conceito.

O próximo quadro procura clarificar as categorias de análise definidas e justificar a sua utilidade para a prossecução dos objetivos da tese, a saber identificação das marcas linguísticas que tipificam os *ethè* e dos segmentos textuais que compõem os textos.

<b>Categorias de análise</b>	<b>Elementos linguísticos</b>	<b>Autor de base</b>	<b>Função</b>
<b>Correferências, anáforas e catáforas</b>	Pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos e relativos, numerais, artigo definido, advérbios locativos, lexemas	Koch (2004)	Estabelecem a relação entre frases e parágrafos, promovendo a relação de sentido entre estas unidades. Durante a análise textual apenas se usará o termo genérico <i>anáfora</i> .
<b>Isotopias</b>	Lexemas	Adam (2008)	Criam percursos de sentido que auxiliam a argumentação.
<b>Conectores e marcadores discursivos</b>	Conjunções, locuções ou advérbios com as/os seguintes funções/valores: estruturadores, reformuladores, temporais, contrastivos, aditivos, explicativos e conclusivos, confirmativos, exemplificativos, causais, finais, hipotéticos, conclusivos e alternativo		Indicam o posicionamento dos enunciadores relativamente ao que é enunciado e o encadeamento entre frases e parágrafos. Sustentam a argumentação.
<b>Índices de pessoa</b>	Pronomes pessoais, apóstrofes, nomes qualificativos, pronomes demonstrativos	Mateus et al. (1989); Geffroy (1985)	Revelam os enunciadores. Geffroy será importante para a distinção da 1.ª pessoa do plural, em especial <i>nós nacional</i> e <i>nós institucional</i> .
<b>Tempos verbais</b>	Verbos e perífrases verbais	Adam (2008); Barroso (2000)	Mostram a disjunção/conjunção do Locutor com a situação de enunciação.
<b>Indicadores espaciais e temporais</b>	Advérbios, grupos nominais, grupos preposicionais, adjetivos, determinantes demonstrativos	Cunha & Cintra (1992)	Localizam de forma vaga ou absoluta o tempo ou o local da situação e revelam a atitude de locução.
<b>Atos de discurso</b>	Verbos, expressões e tipos de frase	Mateus et al. (1989)	Indicam a intencionalidade subjacente ao enunciado.
<b>Modalidades (deôntica, apreciativa e epistémica)</b>	Verbos e tempos, adjetivos, expressões, advérbios de opinião, lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos	Campos (2004)	Denunciam o posicionamento dos enunciadores em relação ao que é enunciado.
<b>Ponto de vista</b>	Referências, predicções, verbos que focalizam a percepção/cognição, verbos de atribuição de fala, nomes e adjetivos (sensoriais e cognitivos), tempos verbais, marcadores discursivos (quadros mediadores ou de fontes de saber)	Rabatel (2001)	Revelam o posicionamento dos enunciadores em relação ao que é enunciado. Sustentam algumas argumentações.
<b>Escolhas lexicais</b>	Pronomes pessoais, demonstrativos, formas verbais, nomes e adjetivos	Kerbrat-Orecchioni (2002); Carreira (2001)	Indicam os temas dos textos; Revelam a relação entre entidades discursivas.
<b>Progressão temática</b>	Grupos sintáticos	Adam (2008)	Asseguram a coesão do texto, expondo a ligação existente entre frases

<b>Implicações</b>	Pronomes pessoais, nomes, formas verbais	Grice (1975); Adam (2008); Koch (2004).	Caracterizam-se pela omissão de informações, normalmente referentes ao plano enunciativo. A identificação das implicações é importante para perceber o sujeito das orações.
<b>Sequências prototípicas</b>	Tempos verbais, conjunções, nomes e adjetivos	Adam (2008)	Revelam a articulação entre as macroproposições com vista à consecução de um objetivo comunicativo.

Quadro 7 - Síntese das categorias de análise

Foram ainda consideradas outras categorias de análise de ordem semântica e lógico-argumentativa. As figuras de estilo e os esquemas argumentativos de Walton (2008) têm um papel mais relevante na construção do *ethos* do que no plano textual, sobretudo porque reforçam a relação entre aquele e o *pathos*. Normalmente, estes dois elementos são usados para manipular os pensamentos e emoções.

Já a progressão temática, as implicações (elipses, implícitos e subentendidos) e as sequências asseguram, sobretudo, a coesão do texto. No entanto, as implicações são relevantes no plano enunciativo, dado que em português é muito comum omitir-se o sujeito, e as sequências podem ser utilizadas como forma de sustentar um *ethos*.

## Capítulo VI – Análise do *corpus*

A reflexão sobre os dados obtidos durante a análise implica a compreensão do contexto social, político e económico em que as mensagens se enquadram. Por este motivo, optou-se por expor no início deste capítulo os acontecimentos sociais e económicos que marcaram o tempo de produção dos textos, bem como o contexto político em que as mesmas se inseriam. Ressalva-se que se incluirá uma secção sobre o panorama internacional, em particular a crise financeira de 2008, por ser o tema dominante das Mensagens de Final de Ano constantes dos *corpora*.

Ao longo da análise dos textos, serão apontados aspetos sobre a relevância da cultura, do *pathos* e do *logos* para a identificação e descrição do *ethos*.

### 6.1. Panorama socioeconómico internacional

Para muitos analistas políticos, a crise financeira de 2008 foi uma das mais graves desde a Grande Depressão. O seu início data de agosto de 2007 quando o BNP Paribas<sup>46</sup> anuncia a cessação da sua atividade em três fundos especializados no crédito hipotecário de alto risco dos Estados Unidos. Este tipo de crédito (*subprime*) era atribuído a famílias que não reuniam as condições necessárias para obter um crédito normal (*prime*), o que acarretava um maior risco de incumprimento dos pagamentos (Paulo, 2011). Em caso de falha, esperava-se que os imóveis pudessem ser vendidos a preços mais elevados compensando o risco, mas quando a bolha rebentou e os preços dos imóveis baixaram, a lógica do *subprime* caiu por terra.

A incerteza originada por esta situação levou a que os bancos deixassem de emprestar dinheiro entre si, o que conduziu consequentemente à venda de ativos e à diminuição do seu preço. A falta de liquidez proporcionada por estes factos levou muitas instituições financeiras à beira da falência. Mas ao contrário do Reino Unido que nacionalizou o Northern Rock, o governo dos Estados Unidos não ‘salvou’ a

---

<sup>46</sup> Este banco resultou da fusão entre o Banque Nationale de Paris (BNP) com o banco Paribas.

Lehman Brothers<sup>47</sup> da bancarrota, o que feriu ainda mais a confiança da banca e dos investidores.

No balanço sobre “A Europa e a Crise Financeira Mundial” (Paulo, 2011, p.11), apontam-se dois fatores subjacentes à crise do crédito hipotecário: em primeiro lugar, revela-se que não foi realizada uma avaliação acurada dos riscos inerentes à concessão de créditos *subprime*; em segundo lugar, defende-se que o período que antecedeu a crise, no qual havia abundância de liquidez e taxas de juro baixas resultantes de políticas monetárias expansionistas e de desequilíbrios macroeconómicos, promoveu a especulação.

No final de 2008, a crise começou a alastrar-se para a economia geral, verificando-se o seu impacto em diversas áreas, nomeadamente no mercado imobiliário, na queda de inúmeras empresas, no declínio do consumo, contribuindo para a recessão global sentida de 2008 a 2012 e para as crises da dívida soberana na Europa. Em consequência desta crise, muitas pequenas e médias empresas foram afetadas e registou-se a redução da procura e a diminuição das exportações. Também a taxa de desemprego na União Europeia e nos Estados Unidos aumentou quatro valores percentuais.

Contudo, os impactos desta crise foram sentidos de formas diferentes em países desenvolvidos e em países emergentes. Os primeiros, como o caso de Portugal, sofreram uma profunda retração das suas economias, enquanto os segundos, como o Brasil, ultrapassaram a situação sem grandes danos.

De facto, a crise afetou profundamente os orçamentos dos países da zona euro e condicionou o valor da moeda única europeia. Portugal viu-se numa situação preocupante, assim como a Grécia, a Itália, a Espanha e a Irlanda. Para combater os efeitos da crise muito contribuíram as políticas implementadas pela banca e pelos governos dos países desenvolvidos (Paulo, 2011), nas quais se incluem a injeção de capital nos bancos, a oferta de garantias, de modo a facilitar o acesso dos bancos a financiamento, e a adoção de pacotes de estímulo à economia. Nesta fase, o Fundo Monetário Internacional (FMI) ganha novo protagonismo, ajudando os membros de

---

<sup>47</sup> A Lehman Brothers era um banco de investimento que providenciava diversos serviços financeiros.

diferentes formas: disponibilização de recursos financeiros, em particular com a concessão de créditos, supervisão bilateral e multilateral para garantir a estabilidade financeira e macroeconómica nos estados-membros e na economia mundial.

Um dos momentos-chave da crise foi a desclassificação da Grécia pela agência Fitch, acontecimento que desencadeou a assinatura de um programa de apoio do FMI. Depois dos gregos, Portugal, Espanha e Irlanda também foram desclassificados, levando a que Portugal assinasse um acordo com o Mecanismo Europeu de Estabilização Financeira (MEEF) em 2011.

Nos países emergentes ou semidesenvolvidos, como o Brasil, a Rússia, a Índia ou a China, a crise não foi sentida com a mesma intensidade. No caso da América Latina, as principais economias conseguiram, inclusivamente, durante este período, alargar o seu ciclo de crescimento (Fallas, 2012).

#### 6.1.1. Contexto socioeconómico e político português

Durante o período a que concernem as “Mensagens de Final de Ano” verificaram-se mudanças no Executivo, despoletadas pelas dificuldades económicas e financeiras vividas no mundo e em Portugal. Em seguida expõem-se alguns dos acontecimentos sociais, económicos e políticos que marcaram o país desde 2008 a 2014, permitindo, assim, compreender os temas abordados ao longo dos textos. No final desta secção apresentar-se-á, em traços gerais, o panorama político português.

Em 2008, o Governo Constitucional Português era liderado por José Sócrates desde as eleições legislativas de 20 de fevereiro de 2005. Ao longo deste mandato, José Sócrates procedeu a diversas remodelações em virtude da difícil conjuntura económica que se sentia. De acordo com os balanços presentes no Programa de Estabilidade e Crescimento (PEC), as previsões apontavam para a redução do crescimento da economia portuguesa e para uma desaceleração do investimento, fruto da lenta recuperação económica e também das incertezas face à melhoria da situação. Socialmente, o país também atravessava dificuldades, em especial nos baixos índices de empregabilidade. No documento sobre as perspetivas económicas para o

biénio 2006-2007, produzido pelo Banco de Portugal<sup>48</sup>, pode ler-se que neste período as famílias portuguesas apresentavam um alto nível de endividamento, que as taxas de juro continuavam a subir, sendo, portanto, necessário realizar alterações profundas na administração pública com vista à contenção orçamental, fatores que condicionavam a recuperação económica portuguesa. A conjuntura internacional também não contribuía para a melhoria desta situação, sobretudo com o aumento do preço do petróleo e da concorrência em mercados que anteriormente eram dominados pelas exportações portuguesas.

Segundo o Boletim Económico emitido pelo Banco de Portugal no inverno de 2007<sup>49</sup>, a economia portuguesa encontrava-se numa fase de crescimento moderado. Esta situação devia-se às alterações estruturais realizadas na economia, nomeadamente o aumento das exportações de produtos de média e alta tecnologia, o incremento de medidas de estímulo à competitividade e a consolidação orçamental. Para o controlo das despesas do Estado, muito contribuíram duas reformas: a da Segurança Social, que implicou o estabelecimento da idade de reforma nos 65 anos, a eliminação de regimes especiais de reforma e a definição de novas regras de atualização das pensões; e a da Função Pública, que impôs restrições a novas contratações, a introdução de sistemas de quotas na avaliação e a eliminação da progressão automática nas carreiras (Lourtie, 2011). Mas, em 2008, com a crise financeira internacional e a sua contaminação na economia real, somada à crise estrutural vivida por Portugal, verificou-se um abrandamento da economia portuguesa, da procura externa e do investimento empresarial (GPEARI<sup>50</sup>, 2008). O desemprego atingiu valores muito altos, contabilizando-se 507.7 mil desempregos, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE).

Em 2009, o desemprego mantinha-se elevado e a falta de rendimentos a somar aos baixos salários e pensões contribuíram para o aumento do risco de pobreza (UGT, 2009). O défice orçamental chegou aos 9,4%, os salários dos funcionários públicos

---

<sup>48</sup> Informação contida no Boletim Económico de verão, disponível em [https://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/BoletimEconomico/BEAnteriores/Documents/bol\\_verao06\\_p.pdf](https://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/BoletimEconomico/BEAnteriores/Documents/bol_verao06_p.pdf).

<sup>49</sup> Informação contida no Boletim Económico de inverno, disponível em [https://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/BoletimEconomico/BEAnteriores/Documents/bol\\_inverno07\\_p.pdf](https://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/BoletimEconomico/BEAnteriores/Documents/bol_inverno07_p.pdf).

<sup>50</sup> Trata-se do Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI) do Ministério das Finanças e da Administração Pública (MFAP).

foram congelados, algumas empresas públicas foram privatizadas e os impostos sobre o rendimento privado e sobre o rendimento das sociedades aumentaram (Paulo, 2011, p.25). Também os setores-chave sofreram com a crise, nomeadamente o turismo, a indústria e as exportações, segundo dados disponibilizados num questionário emitido pelo Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento<sup>51</sup>.

Foi neste clima de instabilidade económica e social que se realizaram as eleições de 27 de setembro de 2009, que declararam o Partido Socialista como vencedor, com 36,55% dos votos<sup>52</sup>, secundado pelo PSD, com 29,11%. Um mês depois, o XVIII Governo Constitucional português tomou posse, sendo novamente liderado por José Sócrates.

As dificuldades económicas continuaram a fazer-se sentir em 2010, mas foi em 2011 que atingiram o seu auge. A 17 de maio desse ano, Portugal assinou um acordo com o Mecanismo Europeu de Estabilização Financeira (MEEF), com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e com o Fundo Europeu de Estabilidade Financeira (FEEF) para o financiamento de assistência no valor de 78 mil milhões de euros. O Programa de Assistência Económica e Financeira (PAEF), com duração de três anos, implicava reformas que promovessem crescimento económico, aumentassem o emprego, estimulassem a competitividade, reduzissem a dívida pública e o défice das Administrações Públicas e, especialmente, que garantissem a estabilidade do setor financeiro.

Quando o IV Programa de Estabilidade e Crescimento (PEC) foi chumbado pela Assembleia da República, o governo de José Sócrates demitiu-se, precipitando novas eleições legislativas que viriam a ocorrer em junho de 2011. Desta vez, venceu o PSD, liderado por Pedro Passos Coelho, com maioria relativa (38,65%), o que obrigou o partido a formar um acordo com o CDS-PP, de modo a obter o apoio parlamentar maioritário necessário à governação.

---

<sup>51</sup> Este questionário encontra-se no sítio da Comissão Europeia, podendo ser acessível a partir do seguinte url:

[http://ec.europa.eu/competition/consultations/2010\\_temporary\\_framework/portugal\\_1\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/competition/consultations/2010_temporary_framework/portugal_1_pt.pdf).

<sup>52</sup> Informação disponível na página <http://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2009/index.html>.

O descontentamento com a austeridade resultante dos acordos com o FMI e com as medidas que constavam do Orçamento de Estado (OE), traduziu-se em inúmeras manifestações nacionais e internacionais durante 2011. As manifestações e greves marcaram o percurso do governo de Passos Coelho tendo o seu número ascendido às 208, segundo dados do Diário de Notícias<sup>53</sup>. Nelas criticavam-se algumas medidas, como por exemplo a reestruturação da taxa de IVA, reivindicavam-se novas formas de democracia, que não estivessem dependentes das ordens de instituições internacionais como o FMI e a União Europeia ou de poderes financeiros, e lutava-se pela melhoria das condições de trabalho (Lima e Artiles, 2014).

A melhoria da situação económico-financeira dos EUA e dos países da Área Euro e o cumprimento dos compromissos assumidos com as instituições internacionais, nomeadamente o FMI, aumentou a confiança no país e no seu potencial de recuperação. Segundo o Banco de Portugal (2014<sup>54</sup>), a economia portuguesa iniciou em 2014 uma fase de crescimento moderado (aumento do consumo e do emprego no setor privado, descida das taxas de juro, aumento das exportações), no entanto os níveis de endividamento dos setores público e privado continuavam a ser elevados.

### **Sistema político de Portugal**

Portugal é uma república constitucional semipresidencialista, com quatro órgãos de soberania: o Presidente da República (PR), a Assembleia da República (AR), o Governo e os Tribunais. O PR, eleito por sufrágio universal, é o Chefe de Estado, cujas funções incluem a supervisão da atuação do Governo, a nomeação do Primeiro-Ministro e dos membros do Governo e a promulgação ou veto de leis e decretos-lei. O Governo é liderado pelo Primeiro-Ministro (PM), normalmente o líder do partido com maior votação nas eleições legislativas.

Em Portugal, o poder tem vindo a alternar entre os dois maiores partidos políticos, o PS e o PPD/PSD, como se observará nas Mensagens de Final de Ano que

---

<sup>53</sup> Informação disponível em: [http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=4141413](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=4141413).

<sup>54</sup> Informação contida no Boletim Económico emitido em dezembro de 2014 pelo Banco de Portugal.

constituem o *corpus*. No entanto, existem ainda outros partidos, com os quais por vezes formam coligações.

Apesar de se encontrarem em polos opostos, estes partidos partilham o facto de serem partidos de eleitores, como diz Jalali (2007), não existindo uma ligação vinculativa a uma ideologia; pelo contrário, são marcados pelo oportunismo ideológico, adaptando as suas posições em função dos seus interesses presentes. O objetivo principal destes partidos é ganhar eleições, portanto caracterizam-se por uma grande flexibilidade para agradar a um vasto leque de eleitores. Este facto permite classificá-los como partidos *catch-all*.

Catch-all parties will seek to maximize votes by positioning themselves toward the centre of the spectrum, appearing moderate in their policy preferences and behaviour. In an effort to expand their electoral appeal to a wide variety of groups, their policy orientations are eclectic and shift with the public mood. (Gunther e Diamond, 2003, pp.185-186)

De acordo com estes autores, este tipo de partidos utiliza a comunicação social como instrumento de mobilização de membros e simpatizantes durante as campanhas eleitorais e recorre a profissionais experientes para as organizarem e conduzirem.

Para o sucesso destes partidos muito contribui o poder local que promove a aproximação dos cidadãos a determinado partido em virtude da afinidade e empatia com os líderes locais. Na realidade, o carisma dos candidatos e líderes destes partidos é um dos elementos com mais peso no momento da sua seleção, suplantando outros critérios como a experiência política e profissional (Gunther e Diamond, 2003).

Apesar de se procurarem distanciar, PS e PSD apresentam semelhanças. O PS é um partido de centro-esquerda, cujas posições atuais diferem das iniciais, muitas vezes demasiado radicais (Telo, 2007, *in* Mateus & Ramalho, 2013). A suavização do seu posicionamento coincidiu com a cooperação com o FMI para ultrapassar a crise económica sentida na década de 70. A partir de então, o PS tem vindo a aproximar-se do centro, após ter concluído que a população preferia representantes mais moderados (Mateus e Ramalho, 2013). As suas orientações programáticas também sofreram mudanças, abandonando posições marxistas e defendendo questões sociais, como o emprego, a reforma do Serviço Nacional de Saúde ou a igualdade fiscal. De

acordo com a sua Declaração de Princípios<sup>55</sup>, o Partido Socialista português defende os valores da liberdade, igualdade e solidariedade, os quais norteiam todas as suas lutas políticas.

O PPD-PSD é um partido do centro-direita, que surgiu, após a revolução de 1974, da carência de partidos à direita que fizessem face aos de esquerda (Mateus e Ramalho, 2013), mas devido aos seus programas ocupou uma posição mais central no panorama partidário português. De acordo com o seu Regulamento, o PSD defende um regime republicano, que acredita que o Estado está ao serviço das pessoas, e promove a liberdade dos indivíduos e das organizações civis, sobretudo no que concerne à inovação e criatividade. Este partido valoriza o humanismo, os princípios da justiça, da liberdade e da solidariedade, e caracteriza-se pela sua laicidade, embora respeite o humanismo cristão professado pela maioria do povo português, onde se inclui um grande número dos seus militantes<sup>56</sup>.

Os dois partidos com maior representação política em Portugal, PSD e PS, vivem mais das rivalidades pessoais entre líderes, do que das lutas ideológicas, o que pode influenciar a construção dos *ethè*.

### 6.1.2. Contexto socioeconómico e político brasileiro

Durante a governação de Lula da Silva, o Brasil começou a desenhar uma rota ascendente de progresso e desenvolvimento. Embora a crise económica mundial tenha afetado este país, os seus efeitos não foram tão graves como os sentidos em Portugal. De 2004 a 2008, o endividamento brasileiro diminuiu consideravelmente (Pochmann, 2009), o custo de vida estabilizou, as relações externas foram reforçadas e a economia cresceu. Estes fenómenos repercutiram-se socialmente no aumento do emprego, na diminuição dos números da pobreza e da desigualdade dos salários.

Porém, no final de 2008, os efeitos da crise internacional começaram a sentir-se, nomeadamente com a desvalorização do real face ao dólar, o aumento da remessa de capitais para o exterior e a contração do crédito internacional (Ferraz, 2013, p.30). Esta última repercussão afetou o setor produtivo doméstico, sobretudo as empresas

---

<sup>55</sup> Disponível em <http://www.ps.pt/partido/compromissos/declaracao-de-principios.html?showall=>.

<sup>56</sup> Disponível em <http://www.psd.pt/introducao.php>.

que dependiam de financiamentos, o que teve várias consequências sociais. Face a esta situação, o governo decidiu implementar diversas medidas, entre as quais a flexibilização das políticas fiscais e monetárias, a ajuda aos setores económicos que demonstravam maiores dificuldades, o auxílio às famílias pobres e aos trabalhadores, entre outras (Pochmann, 2009). O BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento) também procedeu à concessão de desembolsos a diversas áreas, como a indústria, as infraestruturas, o comércio e a agricultura (Ferraz, 2013). Mas esta situação de retração foi temporária, registando-se uma recuperação positiva do consumo, do investimento e das exportações dirigidas sobretudo para o mercado chinês (Ferraz, 2013). De 2009 a 2010, a indústria brasileira registou um crescimento superior a nove pontos percentuais.

A nível social constatou-se uma redução da taxa de desemprego desde o início da governação de Lula da Silva, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e a criação de inúmeras vagas de trabalhos com contrato, de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego. As medidas para redução de pobreza e distribuição de renda também surtiram efeitos, embora a desigualdade social continuasse a subsistir. Neste âmbito, o programa Bolsa Família ganhou particular destaque, na medida em que visava a atribuição de um subsídio mensal a famílias pobres ou em situação de miséria extrema. De acordo com o Relatório da UNESCO (2011), a área educativa continuava a apresentar muitas carências (número de creches insuficiente, repetências no ensino primário elevadas e analfabetismo entre jovens e adultos).

Após ter exercido dois mandatos, Lula da Silva abandonou o Governo Brasileiro e Dilma Rousseff, companheira de partido e membro do governo, tomou o seu lugar. Dilma Rousseff assumiu a Presidência a 1 de janeiro de 2011 representando um marco histórico na democracia brasileira, pois era a primeira vez que o país passava a ser liderado por uma mulher. Desde a sua tomada de posse, Dilma continuou as políticas iniciadas pelo seu antecessor, mas o rumo ascendente do país parecia ter terminado. De facto, em 2013 o número de exportações começou a cair, a competitividade brasileira diminuiu, segundo o International Institute for Management Development (2014), e a inflação disparou. Estes factos, aliados à carga fiscal pesada, às condições de saúde, às dificuldades no acesso à educação e à insegurança, eram alguns dos

argumentos apontados durante as manifestações de descontentamento que marcaram o último mandato de Dilma. Para além destes, também o dinheiro investido em infraestruturas para albergar o Campeonato do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 constituíam motivos de luta.

### **Sistema Político do Brasil**

No Brasil vive-se uma República Federal Presidencialista, cujos representantes são eleitos pelo povo por sufrágio. A figura maior do Estado Brasileiro é o Presidente da República, eleito por períodos de quatro anos, o qual concentra as funções de Chefe de Estado e de Governo. O Brasil é composto por diversos estados que possuem autonomia política em virtude da Constituição Federal.

O Brasil é pluripartidarista, tendo atualmente registados no Tribunal Superior Eleitoral 32 partidos de todos os quadrantes políticos. O elevado número de partidos aumenta as dificuldades dos eleitores em escolher os representantes do país, pois torna-se complicado destringir as posições que aqueles assumem e as ideologias que defendem (Samuels e Zucco, 2013). De entre este grande leque de partidos, há dois que têm dominado o governo desde 1994 (*idem*), a saber o Partido dos Trabalhadores e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

O PT é um partido de esquerda, representante das classes trabalhadoras, que visava romper com as lideranças do sindicalismo, dominadas pelo Estado, e que procurava implementar um novo socialismo democrático (Menegozzo, 2013). Para a criação deste partido reuniram-se elementos de diferentes quadrantes, desde sindicalistas combativos, elementos da Igreja progressista, intelectuais, militantes de organizações de esquerda clandestinas, parlamentares do Movimento Democrático Brasileiro e indivíduos pertencentes a diferentes setores sociais (*idem*).

A base ideológica do PT foi construída a partir dos princípios de Lenin e Gramsci, embora este último não reúna o consenso de todos os petistas. Contudo, a facção que hoje está no governo segue a ideia de Gramsci da luta política como luta pela hegemonia ideológica (Michels, 1982). Esta facção, chamada inicialmente de Articulação, de Campo Majoritário após 1995 e atualmente de Construindo o Novo

Brasil, inclui nomes proeminentes como Lula da Silva, José Dirceu e Dilma Rousseff (Ribeiro, 2014).

O Partido dos Trabalhadores chegou ao poder em 2002, liderado por Luiz Inácio Lula da Silva, numa altura em que existiam inseguranças em relação aos governos de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso (Menegozzo, 2013). Quando o escândalo do “Mensalão” estalou em 2005 e alguns dos elementos do governo de Lula foram acusados de vender os seus votos no Congresso Nacional do Brasil, o Partido dos Trabalhadores viu a sua credibilidade ficar consideravelmente abalada.

## 6.2. Análise textual do *corpus*

Durante a exposição sobre a análise textual realizada às Mensagens de Final de Ano que compõem o *corpus* desta investigação procurar-se-ão expor as estratégias usadas para assegurar a conexão e a coesão de cada texto, com vista ao reconhecimento dos segmentos que o constituem, bem como identificar as marcas linguísticas que contribuem para o aparecimento dos *ethè*. Por se entender que a segmentação do texto pode influir sobre as imagens de si, optou-se por manter no mesmo espaço a análise destes dois componentes interligando-os sempre que possível.

A análise de cada uma das mensagens está dividida em três secções: uma qualitativa destinada à observação e explicação de elementos linguísticos e organizacionais que entram no processo de identificação do *ethos*; outra subordinada aos dados de natureza quantitativa, em particular a frequência vocabular e a contabilização de alguns elementos linguísticos (por exemplo, índices de pessoa); e uma terceira com dois quadros de síntese, um referente à materialidade linguística e ao segmento textual associado a cada *ethos* e outro referente à frequência vocabular. Sobre a análise quantitativa convém clarificar que a análise da frequência vocabular tem um grande relevo na identificação de alguns tipos de *ethè* como se procurará demonstrar ao longo deste Capítulo, já a contabilização dos índices pessoais e dos

tempos verbais tem mais peso na análise contrastiva, pelo que estas informações serão retomadas no Capítulo VII.

Ainda relativamente à metodologia de análise, esclarece-se que se optou pela realização de uma análise mista, que incluísse aspetos qualitativos e quantitativos, por se considerar que a quantificação de algumas categorias da língua poderia ajudar a formular generalizações.

Importa relembrar que a Mensagem de Final de Ano produzida no Brasil em 2014 não foi considerada neste trabalho, devido às diferenças que exhibe em relação aos outros textos. Em virtude das eleições legislativas e do facto da cerimónia de posse ainda não ter decorrido, o tradicional pronunciamento antes do Natal não foi realizado, tendo-se optado por uma intervenção à nação no dia da tomada de posse (1 de janeiro de 2015). Como os temas abordados, bem como a situação temporal e contextual são muito diferentes das outras mensagens, entendeu-se que os dados extraídos poderiam comprometer o processo comparativo, pelo que se suprimiu a mensagem.

Para concluir, salienta-se que ao longo da análise serão inseridos excertos que contenham dados relevantes para a construção dos *ethè*, como já havia sido mencionado anteriormente, e informa-se que em apêndice constam quadros de síntese sobre a organização dos textos em análise, onde estão elencados todos os segmentos identificados.

### 6.2.1. Pt2008

#### 6.2.1.1. Análise qualitativa

Em 2008, José Sócrates dirigiu à nação uma Mensagem de Final de Ano iniciada pela apóstrofe “Prezados concidadãos”. Esta constitui o primeiro segmento textual, denominado de abertura, e marca o tom formal da mensagem, dado que o grupo nominal selecionado pertence a um registo de língua mais cuidado. Apesar do distanciamento imposto pelo registo, o nome “concidadãos” procura transmitir a inclusão do Locutor no mesmo grupo das pessoas a quem se dirige, o que se revela um pouco contraditório e manifesta o conflito entre mostrar-se próximo da população,

como é postulado pelos políticos, e simultaneamente respeitador dos formalismos inerentes à situação comunicativa.

Após a invetiva inicial, inicia-se o exórdio (SE<sub>1</sub>), composto por um momento introdutor que localiza a ação no tempo e apresenta o mote que domina toda a intervenção: a esperança.

[ft<sub>2</sub>] **Cumpro** com gosto e uma vez mais esta bela tradição de desejar a todos os portugueses e a todas as famílias um Feliz Natal e Bom Ano Novo. [ft<sub>3</sub>] Este é o tempo de celebração dos valores da paz, da família e da fraternidade. [ft<sub>4</sub>] É o tempo de celebração da esperança. [ft<sub>5</sub>] E é justamente de esperança, a palavra que vos quero transmitir.

As frases que constituem este primeiro SE estão ligadas por retomas anafóricas (as expressões “este é o tempo” [ft<sub>3</sub>] e “é o tempo” [ft<sub>4</sub>] reenviam para “Feliz Natal e Bom Ano Novo” presente na ft<sub>2</sub>), por repetições de vocábulos (“tempo” e “celebração”), pelo conector aditivo (“e” [ft<sub>5</sub>]) e pela manutenção do Presente do Indicativo (“cumpro”, “é”, “quero”).

Durante o exórdio, o sujeito individual, que corresponde ao Chefe de Governo, não só indica que o pronunciamento da MFA constitui uma tradição, como também expressa o sentido de obrigação próprio de um líder com o verbo “cumprir”. Assim, é perceptível através do que é dito no texto que as MFA vêm sendo proferidas pelos representantes do executivo. Como manifesta a sua opinião sobre esta ação (expressão “com gosto” e adjetivo “bela”) e como denota prazer na manutenção deste ritual, considera-se que neste parágrafo o *ethos* tem uma faceta *tradicionalista*. Esta imagem vem responder ao imaginário do auditório, que espera que os seus líderes respeitem o passado, os costumes e a história do país, sem que com isso estejam a negar uma visão progressista. Neste jogo entre o passado e o futuro, faz-se chegar a sua mensagem a diversas faixas etárias, desde os jovens aos idosos.

O terceiro parágrafo inicia com uma asserção sobre o ano de 2008, qualificado como “difícil”. A apreciação que se faz do ano é, aparentemente, partilhada pelos cidadãos, de acordo com a expressão “todos sabemos” [ft<sub>6</sub>]. Ora este grupo introduz o esquema argumentativo falacioso *opinião popular*, convocando o conhecimento da instância cidadã sobre determinada situação. Após a ft<sub>6</sub>, o posicionamento do

enunciador e o seu conhecimento da situação (como indica o advérbio “bem”) torna-se mais evidente, especialmente devido ao uso do verbo cognitivo na 1.ª pessoa do singular (“sei”). A partir destes elementos linguísticos considera-se que ele faz passar a imagem de *conhecedor*.

A utilização do EA falacioso *opinião popular* não só tem o intuito de estabelecer a comunhão entre político e cidadão (já que ambos experienciaram as dificuldades), como também de incutir um certo estado de espírito no auditório. A manipulação das emoções é uma estratégia frequentemente utilizada na prática política, sendo muito importante durante a construção do *ethos*. Neste caso, por exemplo, o facto de recuperar um período negativo visa promover no outro um sentimento de desalento que vai ser atenuado quando, a título pessoal (forma verbal na 1.ª pessoa do singular “sinto”), se proceder ao reconhecimento do esforço dos portugueses (atente-se nas expressões “meu dever” e “palavra de reconhecimento e de gratidão”). Posto isto, o *pathos* assume um papel de relevo na emergência do *ethos grato*.

Durante o exórdio é indicado o destinatário da mensagem sob a forma de complemento indireto (“a todos”), indefinido que se refere aos Portugueses. No decurso do texto o grupo “os Portugueses” vai assumir, em certas circunstâncias, a função de sujeito, expresso ou subentendido, e noutras vai integrar um grupo denominado de *nós nacional*, constituído pelo EU (locutor) e pelo VOCÊS (portugueses).

A frase ft<sub>9</sub> demarca uma mudança de tema, abandonando-se o tom emotivo. Isto indica que se vai dar início a um segmento de orientação temática (SOT<sub>1</sub>), subordinado ao tema da crise económica mundial. Durante a fase de tratamento deste assunto (STT<sub>1</sub>), expor-se-á a reação do governo perante as suas repercussões em Portugal.

Em face da crise mundial, que o Locutor qualifica de “grave”, o “país” [ft<sub>10</sub>] soube responder a vários obstáculos. O nome “país” refere-se, na verdade, ao governo, pois este é quem tem poder e capacidade para mudar o estado das coisas e foi este quem, efetivamente, delineou uma estratégia para responder aos efeitos da crise. A fim de controlar as contas públicas, o governo decidiu, por exemplo, dar a concessão de oito novas barragens a terceiros, vender património imobiliário e

prolongar a concessão das autoestradas da Brisa, o que correspondia a uma entrada de dinheiro extraordinária. O objetivo subjacente ao uso da sinédoque acima documentada é, claramente, passar a ideia de que se trata de uma conquista de toda a população e não responsabilidade única do governo.

Não obstante o facto de o governo, aparentemente, ter sido bem-sucedido, sente-se a necessidade de mostrar o empenho do executivo e, por isso, demonstra-se o compromisso do governo perante os Portugueses, sujeito da oração, sob a forma da expressão “podem contar com”. A promessa vai ser explicitada na ft<sub>12</sub>, organizada em torno de uma anáfora estilística:

[ft<sub>11</sub>] Quero que saibam que neste momento difícil da Europa e do mundo, **os Portugueses podem contar com a determinação do governo**. [ft<sub>12</sub>] **Determinação** no apoio à economia, **determinação** também na defesa e na promoção do emprego, mas **determinação** sobretudo na proteção das famílias, especialmente as famílias de menores rendimentos, protegendo-as das dificuldades que sentem e ajudando-as nas suas despesas principais. [ft<sub>13</sub>] Foi aliás por isso que aumentámos o abono de família, que melhorámos a ação social escolar, que diminuámos a despesa com os transportes escolares, [...].

Os aspetos elencados ao longo da ft<sub>12</sub> vão ao encontro das expectativas do auditório, que espera que os políticos eleitos defendam e lutem por melhores condições de vida, e também correspondem aos princípios gerais que norteiam os programas políticos dos últimos anos. Posto isto, tanto nesta frase tipográfica como na seguinte (relacionadas através dos conectores confirmativo “aliás” e consecutivo “por isso”), se procuram evidenciar os campos de atuação do governo. De modo a mostrar a competência do governo, entidade responsável pelas ações reproduzidas pelos verbos na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural do Pretérito Perfeito do Indicativo (“aumentámos”, “melhorámos”, “diminuímos”, “criámos”, “generalizámos”, “protegemos”, “aumentámos” e “atualizámos”), são enumeradas diversas medidas.

O segmento é concluído com um momento explicativo, que visa responder a potenciais dúvidas sobre as vantagens decorrentes da atuação do governo. Para tal, selecionam-se frases causais e finais, respetivamente. A sequência que a seguir se esquematiza tem uma forte carga argumentativa e um grande impacto na construção do *ethos competente*.

**Cenário inicial:** [ft<sub>14</sub>] É esta a orientação do governo, reforço do investimento público, apoio à económica, apoio ao emprego, aumento da proteção social.

**Problema 1 (Pergunta implícita):** *Porque* optaram por esta orientação?

**Resposta 1:** [ft<sub>16</sub>] **PORQUE** esta é a resposta adequada aos tempos difíceis que hoje vivemos.

**Problema 2 (Pergunta implícita):** [ft<sub>17</sub>] *Porque* “foi preciso consolidar as finanças públicas, defender a segurança social pública, reformar serviços públicos”?

**Resposta 2:** [ft<sub>18</sub>] Foi justamente **PARA QUE** no momento em que as famílias mais precisam do Estado, o Estado tenha agora as condições para intervir e para ajudar quem precisa.

A demonstração de competência é essencial para garantir a adesão do auditório ao programa do governo e também para assegurar a vitória em futuras eleições legislativas. De facto, o cidadão tende a eleger a pessoa ou núcleo que considera portador de determinadas competências e que revela capacidade de ação, pelo que a inclusão das medidas realizadas pelo governo parece ser uma imposição latente do próprio auditório sobre a produção textual.

Na parte final da sequência, em especial na frase “*o Estado tenha **agora** as condições para intervir e para ajudar quem precisa*”, o advérbio, associado ao uso do Conjuntivo (“tenha”), aponta a futuralidade da ação e, portanto, faz despontar o carácter potencialmente atuante do Locutor. Nesse sentido, pode-se considerar que aqui há uma tentativa de fazer passar a ideia de *agente em potência*, embora não seja tão evidente como em outras circunstâncias.

Tal como no SOT<sub>1</sub>, também o SOT<sub>2</sub> inicia com a localização temporal (o ano 2008 vs o ano 2009), mas ao contrário do primeiro, que fazia uma afirmação sobre o estado do país, no segundo faz-se uma predição, daí o uso da perífrase com valor de Futuro “vai ser”. Por se anteciparem dificuldades (o advérbio epistémico “certamente” indica que essa é a crença do Locutor), introduz-se um conselho (“*o nosso dever é não ficarmos à espera que os problemas se resolvam por si próprios*”). Esta recomendação visa influenciar o comportamento do auditório, fazendo despontar o *ethos guia*. Ora, há aqui uma manipulação indireta do auditório, pois a partir da frase na negativa sugere-se que o comportamento oposto deve ser assumido. Trata-se de uma fórmula

muito utilizada pelos líderes que, em vez de mandarem executar certas ações diretamente, conduzem os colaboradores a executá-las fazendo-os crer na sua importância. Assim sendo, pode-se entender que se foi buscar um conhecimento normalmente pertencente à prática empresarial para aplicar durante a realização do texto.

Após acicatar o auditório, o Locutor assume também o compromisso, em nome individual (“pela minha parte”) e do governo (“pela parte do governo”), de proteger os interesses do país. Nesse trecho ele faz passar uma imagem de *líder*, não só porque adota um comportamento que espera ser mimetizado pelos cidadãos (liderando pelo exemplo), como também porque aponta as ações que entende serem a materialização da defesa do Estado (assinaladas a negrito no próximo excerto).

[ft<sub>20</sub>] E defender o interesse nacional é **usar todos os recursos ao nosso alcance com rigor, com sentido de responsabilidade e com iniciativa** para ajudar as famílias, os trabalhadores e as empresas a superarem as dificuldades e para incentivar o investimento económico que gera riqueza e que gera emprego.

Ao dar o exemplo, o Locutor procura jogar com a percepção do auditório sobre a sua pessoa, pois no imaginário coletivo existe a noção de que um verdadeiro líder deve exhibir o comportamento que exige dos outros (aplica-se a diversos contextos quotidianos, nomeadamente no seio familiar, dentro de uma comunidade restrita, entre outros). Caso se venha a comprovar que o Locutor cumpriu a sua promessa, a credibilidade deste aumenta exponencialmente.

O SOT<sub>2</sub> termina com um parágrafo exortatório, unido com o anterior por meio do uso de dois vocábulos (“difícil(eis)” e “exigente(s)”), bem como pela repetição da expressão “sentido de responsabilidade”. Durante este parágrafo, procura-se dar confiança aos cidadãos, incentivando-os a assumir uma certa postura. Para fazê-lo recorre-se ao grupo verbal “precisar de” (ft<sub>22</sub>), que expressa necessidade, e ao sujeito “o país”, responsabilizando o auditório em relação ao sucesso de todo o território. Mas para aumentar o efeito sobre aquele, o Locutor combina um ato assertivo-constativo (ft<sub>24</sub>) e um assertivo-preditivo (ft<sub>25</sub>), no qual se destaca o uso do advérbio temporal “agora” após o Futuro Imperfeito do Indicativo “saberão”; assim, nestas frases reconhece-se a capacidade de superação dos Portugueses e, simultaneamente, exerce-

se pressão sobre estes. O advérbio tem também um papel importante para demonstrar a urgência do comportamento esperado dos Portugueses, o que contrasta com a noção de futuro e, portanto, de possibilidade associada à forma verbal.

A capacidade de motivar os seus “seguidores” deve fazer parte das competências de um líder, seja ele um político, um professor, um pastor ou um pai de família, pois é necessário suscitar nos outros a vontade de realizar determinada tarefa. A motivação, como Wright afirma (1991), é sempre pessoal, mas pode ser potenciada por fatores externos, nomeadamente as indicações fornecidas por um guia, por uma pessoa que oriente e instigue à ação. Partindo desta premissa, considerou-se que neste excerto o Locutor está a motivar o auditório, logo constrói um *ethos guia*.

O esquema da peroração assemelha-se ao exórdio, na medida em que começa com a localização da ação no tempo (“nesta época” tem como referente a expressão do exórdio “Feliz Natal e Bom Ano Novo”), retorna à primeira pessoa do singular na maioria das formas verbais (“quero”, “peço”, “deixo” e “exprimo”) e recupera o tema da esperança durante o conselho que dirige aos cidadãos (latente na perífrase “dever + infinitivo”).

Na ft<sub>26</sub>, o Locutor mostra-se *guia* e, simultaneamente, *patriota*, pois não só apela à valorização do que une os cidadãos “como povo e como comunidade”, como procede à saudação dos portugueses no país e dispersos por todo o mundo.

Durante a peroração o Locutor endereça uma saudação aos portugueses, começando por referir-se, de forma genérica, a todos os Portugueses e depois, de forma mais específica, aos mais desprotegidos, aos militares e às comunidades portuguesas no estrangeiro.

[ft<sub>27</sub>] Quero saudar, portanto, **todos os Portugueses** e a todos peço empenhamento e coragem e a todos deixo uma palavra de estímulo e uma palavra de confiança. [ft<sub>28</sub>] Aos que sofrem com a doença, a pobreza ou a solidão, exprimo uma palavra particular de profunda solidariedade.

A inversão da estrutura frásica, com o complemento indireto a ocupar uma posição inicial, e o adjetivo “particular” a qualificar “palavra de profunda solidariedade” têm como objetivo revelar a faceta *humana* e sensível do Locutor. Aliás, o verbo “sofrem com”, que na sua génese indica a passividade do sujeito perante uma

ação que não pode controlar, mostra a compaixão do Locutor. Sobre esta expressão importa dizer que a opção pela regência “com” e não pela comum “de” pode ser o resultado de uma decisão pessoal ou uma tentativa de se mostrar politicamente correto, valorizando um léxico considerado neutro, dado que a primeira preposição aponta para algo menos definitivo.

Por seu turno, o uso do advérbio “especialmente” na ft<sub>29</sub> pode ter uma intenção persuasiva, dado que coloca maior ênfase nos portugueses que se encontram deslocados em defesa da Pátria. De acordo com dados do Ministério de Defesa, em junho de 2008, 884 militares encontravam-se em missões no estrangeiro, 190 dos quais no Afeganistão e 295 no Kosovo (Duarte, 2008).

A referência às comunidades a viver no estrangeiro é tão fundamental para a imagem de *patriota* como a menção dos militares, porque apela à ideia de união do país, independentemente das fronteiras físicas. A referência pretende provocar uma reação emocional nos familiares dos militares ou dos emigrantes e nos próprios. Simultaneamente, leva a que o auditório o considere humano, patriótico, integrador, uma vez que se dirige a um grupo de cidadãos que não está no território e que poderia ser esquecido.

Como habitual, a mensagem termina com um encerramento, que se assemelha ao exórdio em três pontos, sugerindo a existência de um plano circular: o destinatário (“a todos os portugueses” / “a todos vós”), a apóstrofe (“prezados concidadãos” / “caros compatriotas”) e os votos (“um Feliz Natal e Bom Ano Novo” / “votos de Feliz Natal e de Feliz Ano Novo”).

#### 6.2.1.2. Análise quantitativa

As palavras que a seguir se elencam, a partir dos preceitos metodológicos referidos no capítulo 2.2., assumiram um papel importante para a interpretação do conteúdo da Pt2008 e para a compreensão dos *ethè*.

Em primeiro lugar, destaca-se o quantificador e pronome “todos” (12 ocorrências), cujo referente é “os Portugueses”. Esta palavra revela o sentido de pertença ao grupo experienciado pelo Locutor e, em simultâneo, a intenção de se

dirigir, sem exceções, a todos os cidadãos. Ao escolher este vocábulo o Locutor passa uma imagem de inclusão, uma vez que não assume uma posição de superioridade face ao auditório.

Segue-se o vocábulo “família” (9 ocorrências), usado em muitos momentos para demonstrar a atitude ou a intenção do governo de lhes prestar auxílio, como se percebe na ft<sub>12</sub> ou na ft<sub>13</sub>. O uso desta palavra e sobretudo da sua combinação com “apoiar”, “ajudar” e com “proteção” promove a ideia de uma pessoa preocupada e sensível às dificuldades sentidas em alguns seios familiares.

O adjetivo qualificativo “difícil(eis)” (6 ocorrências) merece também uma chamada de atenção, visto que caracteriza o momento da enunciação. Este vocábulo ocorre apostro aos nomes “ano(s)”, “momento(s)” e “tempos”, tecendo uma consideração sobre a situação vivida. Embora a escolha do adjetivo seja da responsabilidade do sujeito, pode-se presumir que corresponde à avaliação que os Portugueses fazem sobre a situação do país e que, assim, se vão rever nessas palavras. Deste modo, não só o Locutor se mostra consciente, como também usa o *pathos* para veicular a sua mensagem.

O próximo vocábulo com um número considerável de repetições é “determinação” (5). Este surge no contexto da exposição do estado de espírito do governo, mas funciona simultaneamente como a realização de um compromisso perante o auditório (na ft<sub>11</sub> o nome “determinação” assume a função de complemento direto do grupo verbal “podem contar com”). Estes elementos linguísticos são fundamentais para a construção do *ethos competente*, como se indicou em 6.2.1.

Com o mesmo número de ocorrências encontra-se “palavra” (5), significando “mensagem” e não “unidade linguística dotada de sentido”. Este termo surge como complemento direto dos verbos “transmitir”, “deixar” ou “exprimir”, os quais também regem complemento indireto (“a todos”). As mensagens que o Locutor dirige ao auditório são de três índoles: primeiro, pretendem funcionar como incentivos (“esperança”, “estímulo” e “confiança”), segundo, correspondem a um “reconhecimento” pelo esforço daquele, e por fim manifestam a “solidariedade” do Locutor/governo. A seleção vocabular aqui identificada contribui para a formação de várias imagens: *guia*, *líder* e *humano*.

A palavra “crise” ocorre para contextualizar a situação económica e financeira do mundo e, mais restritivamente, do país. Surge apenas por quatro vezes, mas, como se encontra no início do texto, assume um grande peso. Quando este nome é relativo ao mundo são-lhe apostos os adjetivos “económica e financeira”, ao passo que quando se refere a Portugal é usado o adjetivo relacional “orçamental”. Ao distinguir os adjetivos, o Locutor revela que em Portugal a crise afeta exclusivamente o orçamento de Estado, não tendo ainda escalado para a economia. Desta forma, procura minimizar o impacto da crise e tranquilizar o auditório.

Destaque ainda para as palavras “emprego” (4 ocorrências) e “defender” (3 ocorrências) que, embora não apresentem o mesmo número de ocorrências, se revelaram importantes para a construção das imagens de *agente em potência* e de *líder*. O nome “emprego” é usado em combinação com os vocábulos “apoiar”, “apoio”, “promoção” e “gerar”, apontando para as medidas a implementar pelo governo; por seu turno, o verbo “defender”, por ser complementado pela expressão “o interesse nacional”, indicam a missão do executivo, que, na realidade, deveria constituir o foco de qualquer político em governação.

Para terminar a análise vocabular, convém falar de três elementos temporais. A expressão “neste momento” tem um carácter mais especificador, pois pretende apontar expressamente para o período vivido no tempo da enunciação e, em consequência, para o estado do país. Em virtude do restante conteúdo semântico das frases em que se encontra, considera-se que aquela expressão tem um papel relevante na construção da *imagem de conhecedor*. Pelo contrário, os advérbios “hoje” e “agora” são mais genéricos, podendo ser substituídos por “atualmente”. Não se trata, portanto, de uma referência concreta ao dia do pronunciamento, mas sim a uma época, com o objetivo principal de opor acontecimentos passados a presentes ou de confrontar a atitude do Locutor/governo com o seu homólogo anterior. A combinação destes advérbios com o conteúdo semântico das frases promove o surgimento do *ethos agente em potência*.

Os dados quantitativos recolhidos apontam para um ligeiro predomínio de formas verbais na primeira pessoa do singular (ver Gráfico 1), o que demonstra a

implicação do Locutor na enunciação e promove uma aproximação entre os agentes envolvidos na situação comunicativa.

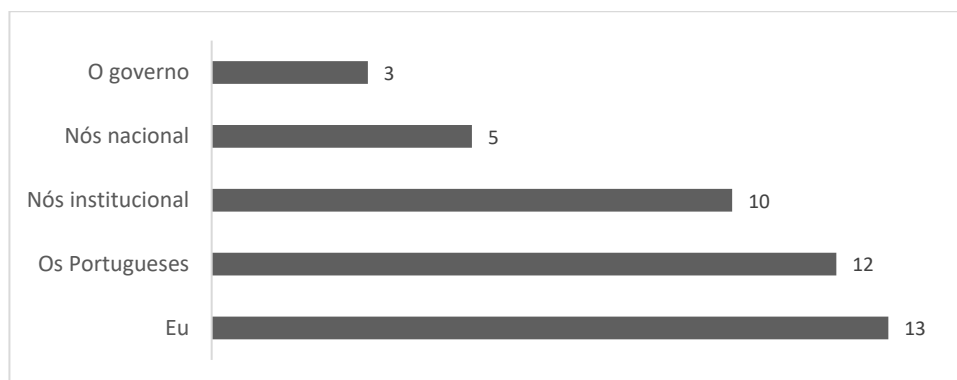


Gráfico 1 - Distribuição das pessoas nas formas verbais

O facto de se privilegiar o posicionamento individual em detrimento do *nós institucional*<sup>57</sup> (em nome do governo) ou do *nós nacional* (em nome do povo) é curioso, pois demonstra um sentido de individualidade mais forte do que nos restantes discursos que integram o *corpus* de análise. Pode-se aventar que existia uma maior necessidade de o orador real, o Primeiro-Ministro, se mostrar ao auditório e se aproximar deste, ao contrário de procurar credibilizar o governo, o que sucede em outros textos. Por contraste, o uso do sujeito “os Portugueses” marca o afastamento do Locutor em relação ao grupo dos cidadãos.

Relativamente aos tempos verbais mobilizados, constatou-se que o Presente lidera no caso das formas de 1.ª pessoa do singular, o que evidencia a conjunção do Locutor com o momento da enunciação. Já nas formas que representam o *nós institucional* há uma preferência pelo PPFS, visto que se aposta na descrição dos resultados das medidas implementadas pelo Governo. Neste sentido, entende-se que o tempo verbal é uma ferramenta importante para a construção do *ethos competente*. As duas únicas ocorrências do PRES do *nós institucional* assumem um tom de promessa relativamente ao futuro, associado ao *ethos de agente em potência*.

---

<sup>57</sup> Relembra-se que o *nós institucional* e o *nós nacional* correspondem a formas verbais na 1.ª pessoa do plural, o governo, a formas na 3.ª pessoa do singular e os portugueses, a formas na 3.ª pessoa do plural.

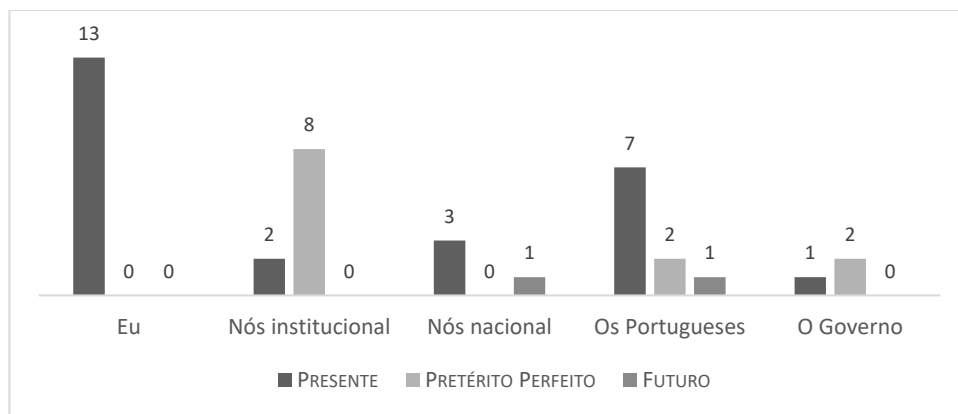


Gráfico 2 - Distribuição dos tempos verbais

O sujeito “os Portugueses” convoca maioritariamente verbos no PRES, apontando para situações ou apelando a emoções conjuntas ao momento da enunciação. Já as duas ocorrências do PPFS referem-se à forma composta (“tem sido exigido” e “têm dado”), o que significa que estas ações se perpetuam no presente.

Ao contrário do PRES e do PPFS, o futuro é parcamente utilizado em todas as pessoas e quando ocorre está associado a antevisões sobre a atitude dos portugueses.

### 6.2.1.3. Síntese da análise

Como se procurou demonstrar, a mensagem portuguesa datada de 2008 foi profícua na construção de *ethè*, usando para tal diferentes elementos linguísticos. Para sintetizar a materialidade que potenciou a criação das diversas imagens e o segmento em que estas surgiram no texto, aconselha-se a leitura do próximo quadro. Quanto à análise da frequência vocabular, apresentam-se de forma breve, no quadro 9, exemplos de alguns vocábulos com expressão na construção dos *ethè* na MFA Pt2008. Lembra-se que nesta análise se suprimiram os artigos definidos, as preposições e as conjunções, devido ao seu elevado grau de incidência<sup>58</sup>.

<sup>58</sup> O mesmo irá suceder na análise de todas as Mensagens de Final de Ano.

Materialidade linguística <sup>59</sup>	Segmento textual <sup>60</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
1.ª Pessoa do singular das formas verbais; Verbos no Presente do Indicativo; Modalidade deôntica materializada pelo verbo <i>cumprir</i> , com valor de obrigação; Vocabulário apreciativo: <i>com gosto, bela [tradição]</i>	SE <sub>1</sub>	<b>Tradicionalista:</b> lidera um grupo e mostra respeito pelo cargo que assume e pelas tradições.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais; Verbos no Presente do Indicativo; Adjetivo qualificativo <i>difícil(eis)</i> para caracterizar <i>neste momento, anos, tempos</i> ; Modalidade epistêmica materializada pelo advérbio <i>bem</i> + verbo cognitivo <i>saber</i> ; Esquema argumentativo falacioso opinião popular.	SE <sub>1</sub>	<b>Conhecedor:</b> tem a visão clara dos acontecimentos, porque processou e refletiu sobre as informações que possui.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominal (possessivo meu) Verbos no Presente; Modalidade epistêmica através do verbo cognitivo <i>saber</i> + complemento direto <i>o esforço</i> ; Nome <i>dever</i> + verbo <i>infinitivo</i> com valor de obrigação; Léxico: nome <i>palavra</i> com o sentido de ‘mensagem’; especificação do tipo de mensagem (“ <i>palavra de reconhecimento e de gratidão</i> ”).	SE <sub>1</sub>	<b>Grato:</b> reconhece e agradece o esforço de outros.
Sujeito expresso ( <i>Os portugueses</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples e Futuro Imperfeito; Perífrase com valor de futuro ( <i>vai ser</i> ); Perífrase deôntica <i>dever</i> + <i>infinitivo</i> ; Verbo <i>precisar</i> com valor de necessidade; Estrutura sintática <i>o nosso dever é</i> ; Verbo <i>pedir</i> com valor diretivo; Advérbios temporais <i>já</i> e <i>agora</i> ; Advérbio epistêmico <i>certamente</i> .	SOT <sub>2</sub> STT <sub>3</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Guia:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais (possessivo <i>minha</i> ); Verbos no Presente do Indicativo; Perífrase volitiva e compromissiva <i>quero garantir</i> ; Anáfora demonstrativa ( <i>esta é a orientação do governo</i> ).	STT <sub>2</sub>	<b>Líder:</b> chefia o governa e orienta os seus membros e os cidadãos no cumprimento das suas orientações.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo; Verbos de ação ( <i>aumentar, diminuir, melhorar, criar, proteger</i> ); Sequência explicativa.	STT <sub>1</sub>	<b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo; Advérbio temporal <i>agora</i> + Presente do Conjuntivo; Verbos e nomes de ação ( <i>gerar, apoiar, apoio, promoção</i> ) associados ao vocábulo <i>emprego</i> ; Grupo verbal <i>responder a</i> ; Verbo <i>usar</i> + orações finais Anáfora estilística (determinação... determinação)	STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais; Verbos no Presente do Indicativo;	SE <sub>2</sub>	<b>Humano:</b> demonstra bondade e

<sup>59</sup> Os dados relativos à materialidade linguística estão organizados de acordo com os critérios estabelecidos no capítulo V.

<sup>60</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Pt2008 pode ser consultada no Apêndice 3.

Verbos de ação ( <i>apoiar, ajudar, proteger</i> ) + nome <i>família</i> ; Vocabulário de teor afetivo: expressão <i>sofrer com</i> em detrimento de <i>sofrer de</i> ; verbo <i>expressar</i> ; adjetivo <i>profunda</i> para qualificar <i>solidariedade</i>		compaixão perante a situação vivida por outros.
1.ª Pessoa do singular e do plural das formas verbais; Verbos no Presente do Indicativo; Léxico: nomes <i>povo, comunidade, Portugueses</i> e <i>país</i> ; adjetivo <i>coletivo</i>	SE <sub>2</sub>	<b>Patriota:</b> defende ou refere o seu país ou os cidadãos que o compõem.

Quadro 8 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2008

Vocabulo(s)	N.º de ocorrências	Ethè
Famílias	9	Humano
Difícil(eis) + ano(s)/momento(s)/tempo(s) +	6	Conhecedor
Determinação	5	Competente
Palavra	5	Guia, líder, humano
Crise	4	Competente
Emprego	4	Agente em potência, líder
Defender	3	Agente em potência, líder
Governo	3	Agente em potência
Confiança	3	Líder

Quadro 9 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2008

## 6.2.2. Pt2009

### 6.2.2.1. Análise qualitativa

A mensagem inicia-se com uma apóstrofe demonstrativa de um registo cuidado, composta pelo adjetivo “prezados” e pelo nome “concidadãos”. Este indica a sua pertença, enquanto indivíduo, à mesma comunidade, o que confere ao início do texto um tom igualitário.

Durante o exórdio, o Locutor contextualiza a ação no tempo e indica o tema do texto [ft<sub>4</sub>], que será dedicado a dois sentimentos: a esperança e a solidariedade. Estes serão divididos por dois segmentos de orientação temática, sendo o primeiro introduzido pelo organizador temporal “em primeiro lugar” [ft<sub>6</sub>] e o segundo pelo conector contrastivo “mas” [ft<sub>18</sub>].

O SOT<sub>1</sub> articula-se em dois momentos: por um lado, expõem-se as implicações da crise económica e financeira no mundo e, particularmente, em Portugal e a atuação

do Estado para colmatar os problemas (STT<sub>1</sub>); por outro, indicam-se as medidas necessárias para a recuperação económica do país (STT<sub>2</sub>). O STT<sub>1</sub> é, portanto, composto por uma sequência narrativa que começa com a localização da ação no tempo e no espaço (respetivamente “o ano de 2009 e “em Portugal... em todos os países do mundo”) e cujos verbos se encontram no Pretérito Perfeito do Indicativo (“ficou”, “foi”).

[ft<sub>7</sub>] O ano de 2009 **ficou marcado** em Portugal, como aliás **ficou marcado** em todos os países do mundo, pelos efeitos da maior crise económica e financeira dos últimos 80 anos. [ft<sub>8</sub>] Este foi, portanto, um ano de grande exigência para todos. [ft<sub>9</sub>] Para as famílias, para os trabalhadores, para as empresas.

A escolha da construção “ficou marcado”, repetida duplamente, e do adjetivo qualificativo no superlativo relativo (“maior crise dos últimos 80 anos”) tem como objetivo expor a gravidade da crise. A constatação da dimensão do problema leva o Locutor a formular uma conclusão (veja-se o conector “portanto”), distribuída pelas ft<sub>7</sub> e ft<sub>8</sub>.

O conector contrastivo “mas”, que inicia a ft<sub>10</sub>, e o nome “intervenção” têm um papel muito importante na formulação do *ethos competente*, pois indicam os impactos da ação do Estado, complementos do verbo “permitir”, os quais permitiram contrariar o cenário negativo que o país vivia. A expressão “no momento certo” é também vital, uma vez que revela que o governo esteve atento e agiu no momento certo. A capacidade de intervir atempadamente, evitando resultados piores, aumenta a sua credibilidade junto do auditório.

[ft<sub>10</sub>] Mas a intervenção do Estado no momento certo, permitiu estabilizar o nosso sistema financeiro, apoiar as famílias, apoiar as empresas, estimular a economia.

Desta frase tipográfica destaca-se ainda a opção pelo vocábulo “Estado” que aponta genericamente para o conjunto das instituições que controlam e administram o país, embora pretenda referir-se ao governo.

Para o surgimento da imagem de competência também é relevante a ft<sub>11</sub>, durante a qual se opõem duas realidades que coocorrem (veja-se o conector contrastivo “mas”): a continuidade da crise económica mundial e a recuperação económica do país. Nesta frase, entende-se que a oração após o conector contrastivo

diz respeito ao país devido ao uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (“estamos”) por oposição à 3.<sup>a</sup> pessoa do singular da primeira parte (“persiste”). Vale referir que a perífrase “estamos a retomar” indica a ocorrência da ação no momento em que se faz o pronunciamento, o que significa que se trata de uma situação em progresso.

O STT<sub>2</sub> é marcado pela exposição do ponto de vista do Locutor em relação à recuperação, como se depreende pelo uso da expressão apreciativa “é certo”, do adjetivo qualificativo “claros” e do advérbio “lentamente”. Se os primeiros indicam um certo otimismo, o advérbio indica consciência, a mesma que será demonstrada na frase seguinte com os advérbios “ainda” e “certamente”, bem como com o complemento direto “muito trabalho pela frente”. Visto que o verbo da ft<sub>12</sub> se encontra na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (“temos”), em representação do governo, considera-se que o *ethos conhecedor* se refere a todo o coletivo e não apenas ao sujeito individual.

A demonstração da consciência serve de introdução à exposição das medidas que devem ser tomadas no futuro. O verbo “precisar de “ ou a perífrase “precisar de + infinitivo” expressam necessidades que correspondem a uma declaração de intenções, daí se ter considerado que aqui se constrói uma imagem de *agente em potência*.

[ft<sub>12</sub>] **Precisamos de** investimento público que crie emprego, **precisamos de investir** nos domínios que são essenciais à modernização do nosso país, as infraestruturas de transportes e comunicações, as escolas, os hospitais, as barragens, as energias renováveis. [...] [ft<sub>14</sub>] **Precisamos de continuar a apoiar** as nossas empresas, com particular atenção às pequenas e médias empresas, às empresas exportadoras, às empresas criadoras de emprego. [ft<sub>15</sub>] **Precisamos de continuar a aposta** na qualificação dos portugueses estendendo a escola para todos até ao 12º ano, promovendo **ainda mais** a frequência do ensino superior, e apostando, **como temos feito até aqui**, no ensino profissional, e no programa novas oportunidades que já tem mais de um milhão de inscritos.

Na ft<sub>12</sub> são apresentadas, de forma genérica, algumas áreas que merecem a atenção do governo. Destas realçam-se as energias renováveis, consideradas como um dos motores do desenvolvimento económico e social do país. O facto de se manifestar a intenção de investir nas áreas renováveis é particularmente importante para atestar a competência do governo, pois, de acordo com estudo conjunto da Deloitte e da

APREN, «a contribuição direta do setor das energias renováveis para o PIB Nacional em 2008 foi de 1.100 milhões de euros, estimando-se que em 2015 atinja o valor de 2.220 milhões de euros, equivalente a um crescimento de aproximadamente 100% entre 2008 e 2015». Mais ainda, «estima-se que em 2008 o sector das energias renováveis tenha representado cerca de 36.100 empregos, dos quais cerca de 2.400 correspondem a empregos diretos e 33.700 a empregos indiretos. Até 2015, estima-se que o número de empregos relacionados direta e indiretamente com o sector de energias renováveis aumente para mais de 60.000, correspondendo a um aumento acumulado de cerca de 25.000 empregos». (2009, p.39)

Nas linhas ft<sub>14</sub> e ft<sub>15</sub> passa-se a imagem de um governo *agente*, nomeadamente com a perífrase “continuar a apoiar” ou simplesmente com o verbo “continuar”, que indiciam a execução dessas ações anteriormente ao pronunciamento. Para além desta forma verbal também a expressão adverbial “ainda mais”, mas sobretudo a comparação “como temos feito até aqui”, com o verbo no Pretérito Perfeito Composto, apontam para uma ação já realizada. A exposição das ações realizadas pelo governo é essencial para demonstrar a sua competência.

O apoio às empresas mencionado no texto refere-se aos subsídios fornecidos pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), vigente entre 2007-2013, que se articulava em três eixos: a qualificação dos cidadãos portugueses, o financiamento da economia portuguesa e dos programas operacionais regionais do Continente. O QREN oferecia apoios que correspondiam entre 40% a 80% do investimento necessário das empresas, a fundo perdido ou empréstimo reembolsável. Sendo assim, a referência feita pelo Locutor relativamente à continuidade do apoio parece estar diretamente associada aos concursos promovidos pelo QREN.

As medidas referidas na ft<sub>15</sub>, que dizem respeito à qualificação dos portugueses, estão em linha com o que José Sócrates vinha defendendo. A iniciativa “Novas Oportunidades”, que integra o Plano Nacional de Emprego e o Plano Tecnológico, tem como finalidade combater o nível insuficiente de qualificação de forma a aproximar Portugal dos países mais desenvolvidos e de promover o crescimento económico e a coesão social (s.d.). Segundo o documento, «cerca de 3.500.000 dos atuais ativos têm um nível de escolaridade inferior ao ensino secundário,

*dos quais 2.600.000 têm um nível de escolaridade inferior ao 9.º ano. Cerca de 485.000 jovens entre os 18 e os 24 anos (i.e., 45% do total) estão hoje a trabalhar sem terem concluído 12 anos de escolaridade, 266.000 dos quais não chegaram a concluir o 9.º ano» (s.d., p.6).*

As frases tipográficas  $ft_{16}$  e  $ft_{17}$  reservam-se à conclusão da parte sobre a esperança. Partindo de uma pergunta implícita, o Locutor procura explicar as razões que permitem ter aquele sentimento, aproveitando não só para motivar o auditório, ao imputar-lhe responsabilidades sobre o futuro, mas também para declarar a responsabilidade do governo (1.ª pessoa do plural do determinante possessivo “nossa” e da forma verbal “atravessamos”).

**Pergunta implícita:** Por que razão se tem “esperança num ano de 2010 com crescimento da economia e do emprego”?

**Resposta:** [PORQUE há] “confiança nas capacidades dos portugueses”.



A sequência explicativa, por constituir uma forma de conduzir e tranquilizar os cidadãos e de assumir um compromisso do executivo, concorre para a construção da imagem de *líder*.

Na  $ft_{18}$ , particularmente com o conector contrastivo “mas”, inicia-se um novo SOT centrado na fraternidade e na solidariedade.

[ $ft_{18}$ ] Mas o Natal também é o tempo de fraternidade e de solidariedade. [ $ft_{19}$ ] E ser solidário é apoiar mais quem mais precisa. [ $ft_{20}$ ] E é justamente isso que temos procurado fazer quando aumentamos as pensões mais baixas, quando alargamos a proteção no desemprego, [...].

Na  $ft_{19}$  pretende-se explicar em que consiste a solidariedade através de uma definição (a construção sintática usada relembra as entradas dos dicionários e enciclopédias), ao passo que na  $ft_{20}$  declara-se a posse dessa qualidade com o advérbio apreciativo “justamente”, com o demonstrativo anafórico “isso” e com o Pretérito Perfeito Composto “temos procurado fazer”. O uso deste tempo verbal sugere, por um lado, uma ação contínua iniciada no passado, mas a seleção do verbo “procurar” indica

alguma incerteza em relação ao impacto da sua atuação, pois deixa-se no ar a possibilidade de as ações poderem não ser entendidas como solidárias.

As ações solidárias concretizadas pelo governo constam de orações temporais, introduzidas pela conjunção “quando”. Os verbos de ação selecionados para mostrar a capacidade atuante do governo estão no Presente e no Pretérito Perfeito, indicando respetivamente ações em curso e ações terminadas. De destacar a expressão temporal “mais uma vez”, sugerindo que a medida já havia sido implementada, e a apreciação contida no grupo preposicional “de forma significativa”, que visa enfatizar a importância dessa medida em particular. Na ft<sub>21</sub> para além de se indicarem as medidas, é apresentada a finalidade das mesmas depois da conjunção “para”.

Em virtude da materialidade linguística acima descrita considera-se que são construídos três *ethè*: *humano*, devido aos valores morais que demonstra, *competente*, devido à aplicação de medidas passadas, e *agente*, devido à tomada de atitude. De ressaltar que todas as imagens se referem ao coletivo governativo e não ao indivíduo, como provam as formas verbais na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (“alargamos”, “atribuímos”...).

O parágrafo seguinte é muito interessante, porque apresenta algumas características do Locutor a partir da perspetiva e do conhecimento dos portugueses<sup>61</sup> (daí o uso do verbo cognitivo “sabem”).

[ft<sub>23</sub>] Os portugueses sabem que podem contar da minha parte com confiança, energia e determinação na resolução dos problemas do país. [ft<sub>24</sub>] É com este espírito e com esta atitude que encaro o ano de 2010 e sei também que é esta a atitude dos portugueses e das portuguesas que todos os dias dão o melhor do seu esforço e do seu talento em nome das suas famílias, mas também do seu país.

Regra geral, observa-se que o Locutor faz passar, pelo discurso, uma série de qualidades; noutros casos, menos frequentes, verbaliza-as; e em outros, como este, recorre à opinião de terceiros para as expor. Ora, ao convocar o saber dos portugueses ele indica que o seu compromisso (contido na expressão “podem contar da minha parte com”) é uma realidade e não uma mera possibilidade. Esta facticidade

---

<sup>61</sup> Este conhecimento dos portugueses constitui aquilo a que Amossy (2005) chama de *ethos* prévio, ou seja, a imagem que os leitores/ouvintes têm de um agente político.

trespassa para a ft<sub>23</sub>, na qual faz uma promessa concreta, formulada por meio do verbo no Presente (“encaro”), do complemento direto (“o ano de 2010”) e do modificador modal (“com este espírito e com esta atitude”). Ainda nesta frase dá-se uma mudança de perspectiva, refletindo-se agora o entendimento do Locutor (1.<sup>a</sup> pessoa do verbo “saber” no Presente do Indicativo), com o intuito de motivar e responsabilizar o auditório.

Em virtude destes elementos linguísticos, o Locutor passa uma imagem de *líder*, comprometendo-se com uma atitude enérgica e responsável e motivando os que o seguem.

Depois de nova apóstrofe, bastante semelhante à inicial (“Prezados cidadãos”), o Locutor recupera um evento (veja-se o verbo “recordar”) que, no seu entender, constitui um marco histórico, o Tratado de Lisboa. Nesta pequena sequência narrativa, o Locutor revela o seu orgulho pelo facto de a sua assinatura ter ocorrido em Portugal, vinculando o país a uma decisão muito importante para a Europa (veja-se a perífrase “ficará associado” e o conector conclusivo “portanto”).

[ft<sub>26</sub>] O nome da capital de Portugal ficará, portanto, a partir de agora associado à construção de uma Europa mais forte e mais capaz de se afirmar no mundo para defender os valores da paz, do desenvolvimento e da democracia que sempre foram os valores europeus.

Apesar do Tratado de Lisboa ter sido assinado a 13 de dezembro de 2007, só entrou em vigor a 1 de dezembro de 2009, daí a sua referência nesta intervenção. Este documento constituiu, efetivamente, um marco importante para os 27 estados membros da União Europeia, uma vez que definiu uma série de instrumentos institucionais de resposta aos desafios que aquela enfrenta (Teixeira, 2010). Segundo a Comissão Europeia, o Tratado de Lisboa foi delineado com o objetivo de «*tornar a EU mais democrática, eficiente e transparente, permitir que os cidadãos e os parlamentos prestem um contributo mais decisivo para o que se passa a nível europeu e dar à Europa uma voz mais clara e mais forte no mundo, protegendo simultaneamente os interesses nacionais*» (2009, p.1).

Os dados apresentados sobre este tema pelo Locutor estão em consonância com os pressupostos que serviram de base à redação deste Tratado, nomeadamente a

questão de tornar a Europa mais forte e com mais capacidade para se afirmar no mundo. O Locutor explica que a afirmação da Europa no mundo (oração final introduzida por “para”) lhe permitirá defender os valores da UE (paz, desenvolvimento e democracia). Estes compõem de facto os valores fundamentais, aos quais se somam o respeito pela dignidade humana, pela liberdade, pela igualdade, pelo Estado de Direito e pelo respeito aos direitos humanos, pela não discriminação, pela tolerância, pela justiça, pela solidariedade e pela igualdade de género<sup>62</sup>.

A recordação deste acontecimento contribui para o aparecimento de uma imagem de *patriota*, que terá continuação na peroração com a exposição da sua solidariedade e do seu orgulho nos portugueses. Adotando um posicionamento individual (verbos “cumpro”, “dirijo” e “quero”), começa por referir os “militares portugueses em missões de paz no estrangeiro”, depois menciona “os portugueses que foram afetados pelas recentes intempéries” e, por fim, “os emigrantes, os compatriotas espalhados pelos vários cantos do mundo”. Ao fazer menção a todos os portugueses, e não somente aos que vivem em Portugal, o Locutor demonstra um sentido de união e de pátria. De assinalar a referência às intempéries que revela o impacto do contexto social na construção dos textos.

Se a imagem de patriota marca a peroração de uma forma geral, a análise de cada frase individualmente revela a presença de outras imagens. Por exemplo, na ft<sub>29</sub>, o Locutor assume uma postura de *liderança* por meio dos vocábulos selecionados: “cumprir” (vb.) e “dever” (n.) revelam sentido de responsabilidade; “profundo” (adj.) e “ímpar” (adj.) exaltam a atuação das pessoas a quem se refere; “reconhecimento” (n.) verbaliza o sentimento de gratidão.

Já na ft<sub>30</sub>, a escolha dos nomes “solidariedade” e “apoio”, do complemento indireto e do modificador restritivo (assinalado a negrito) denunciam um *ethos humano*.

[ft<sub>30</sub>] Dirijo também uma palavra de solidariedade e de apoio àqueles portugueses **que foram afetados pelas recentes intempéries**. [ft<sub>31</sub>] Quero garantir-lhes que o governo usará todos os instrumentos para os ajudar a superar as dificuldades e para retomar a atividade económica nas zonas mais afetadas.

---

<sup>62</sup> Informação disponível em [http://europa.eu/scadplus/constitution/objectives\\_pt.htm#VALUES](http://europa.eu/scadplus/constitution/objectives_pt.htm#VALUES).

No momento final da peroração há ainda espaço para a demonstração da capacidade de atuação, através do ato compromissivo da ft<sub>31</sub>. Nesta frase, o uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do Presente do Indicativo (“quero”), bem como o uso da forma infinitiva “garantir” e do pronome de complemento indireto “-lhe”, referindo-se anaforicamente “àqueles portugueses que foram afetados pelas recentes intempéries”, introduzem um compromisso do governo (sujeito da oração completiva). O facto de o verbo “usará” se encontrar no Futuro Imperfeito do Indicativo indica que se trata apenas de uma intenção/possibilidade e não de uma realidade, o que leva a considerar que nesta frase o Locutor procura passar uma imagem de *agente em potência*.

#### 6.2.2.2. Análise quantitativa

A análise da frequência vocabular fez destacar alguns vocábulos com importância para a construção dos *ethè*, que se apresentam em seguida.

O nome “família” (9 ocorrências) surge logo no início do texto como um dos elementos da definição do período natalício:

[ft<sub>3</sub>] O Natal é o tempo do reencontro, da família, da solidariedade e é também o tempo da esperança.

Com a associação do conceito de família ao de solidariedade e esperança, os dois temas da sua intervenção, o Locutor justifica a apresentação de uma série de medidas que visam a proteção das famílias nas linhas seguintes. Neste sentido, muitas das ocorrências da palavra surgem em simultâneo com o verbo “apoiar” ou com o nome “abono”. Nos restantes casos, o uso daquele vocábulo visa estimular as emoções do auditório, ora referindo-se às dificuldades que sentiram, ora lembrando os entes queridos. Na primeira situação, o vocábulo é usado para aludir à competência do governo (*ethos competente*), na segunda, para mostrar compaixão (*ethos humano*).

O vocábulo “todos” é utilizado por 8 vezes, metade das quais com a função de pronome e as outras com a de quantificador. Quando usado na forma pronominal, substitui a expressão nominal “os portugueses” (7 ocorrências), denunciando o seu

caráter inclusivo, quer porque se dirige à generalidade da população, quer porque se inclui naquela.

O verbo “apoiar” (6 ocorrências) consta de frases onde se expressa a ação do governo, particularmente decorrida no passado recente, contribuindo desta forma para a construção de uma imagem de competência. No entanto, na ft<sub>14</sub>, a integração do infinitivo na perífrase de continuidade revela que a ação se deve estender para o presente/futuro, o que faz despontar a imagem de *agente*.

[ft<sub>14</sub>] Precisamos de continuar a **apoiar** as nossas **empresas**, com particular atenção às pequenas e médias **empresas**, às **empresas** exportadoras, às **empresas** criadoras de emprego.

Também com 6 ocorrências destaca-se o nome “empresas”, usado em grande número no excerto acima reproduzido. Dado que constitui o complemento direto do verbo “apoiar”, pode-se considerar que este vocábulo funciona como o objeto da ação que o Locutor-agente pretende realizar.

Os nomes abstratos “esperança” e “solidariedade” surgem, cada um, por cinco vezes, o que se justifica pelo facto de serem os tópicos de discussão do texto (ver ft<sub>4</sub>). Depois desta frase introdutória, os nomes vão sendo recuperados ao longo do texto, ora após a demonstração da competência do governo (*ethos competente*), que justifica assim a razão de ter esperança, ora para guiar o auditório a assumir determinada atitude (*ethos guia*).

A “confiança” (3 ocorrências) é também uma palavra importante neste texto. Por um lado, é usada como símbolo da crença do Locutor no desempenho e no comportamento dos portugueses, imputando-lhes assim responsabilidade sobre o resultado de algumas ações; por outro, é convocada durante o estabelecimento de compromissos, sobretudo para os fortalecer. Posto isto, pode-se considerar que tem peso na construção dos *ethè líder* e *agente em potência*.

Resta falar do vocábulo “mundo”, com 5 ocorrências, três das quais em conjunto com o nome “afirmação” ou com o verbo “afirmar” (“afirmação do nosso país no mundo”, “afirmar no mundo”, “afirmação de Portugal no mundo”). A associação entre estes termos tem um efeito patémico, pretendendo assim acicatar o sentimento de orgulho nos portugueses.

Ao longo da análise textual demonstrou-se que o sujeito vai alternando entre um posicionamento individual e coletivo. A observação das formas verbais de um ponto de vista quantitativo revelou que o *nós institucional* predomina em relação aos demais sujeitos, com 15 ocorrências, sendo seguido pelo sujeito individual.

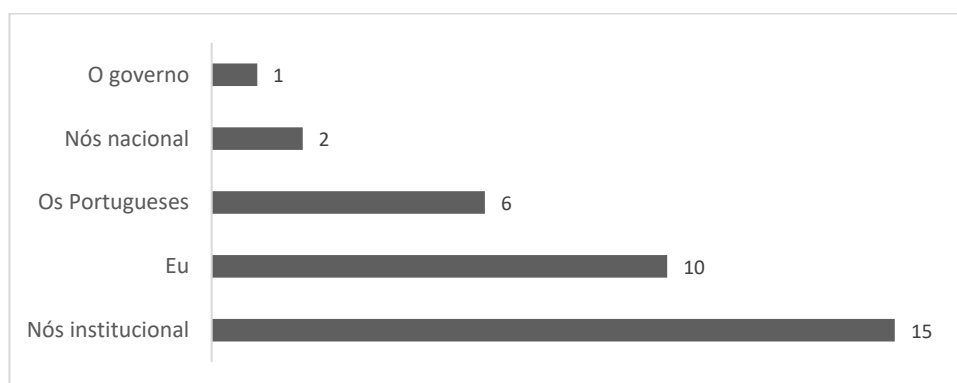


Gráfico 3 - Distribuição do sujeito na Pt2009

A proximidade dos valores destes dois sujeitos tem impacto sobre o tipo de imagens construídas, havendo uma alternância entre aquelas que dizem respeito ao Locutor singular (ex.: *ethos tradicionalista*) e outras ao executivo (ex.: *ethos competente*). Mas sobre a distribuição dos sujeitos existem ainda duas questões dignas de menção: em primeiro lugar, o sujeito “os portugueses” supera o *nós nacional*, promovendo-se assim um distanciamento entre o Locutor e os cidadãos; em segundo, a preferência pela 1.ª pessoa do plural em detrimento da 3.ª pessoa do singular para referir-se ao sujeito “Governo” evidencia a pertença a esse grupo.

Dado o número reduzido de marcadores do *nós nacional*, fenómeno pouco frequente, considerou-se pertinente contabilizar outros elementos linguísticos indicativos de pessoa, nomeadamente os pronomes pessoais e os pronomes/determinantes possessivos. Após análise, constatou-se que o texto apenas continha um pronome pessoal reflexo de 1.ª pessoa do singular (“dirijo-me”) e que não existiam pronomes possessivos, pelo que se procedeu à comparação entre o número de formas verbais e de determinantes possessivos.

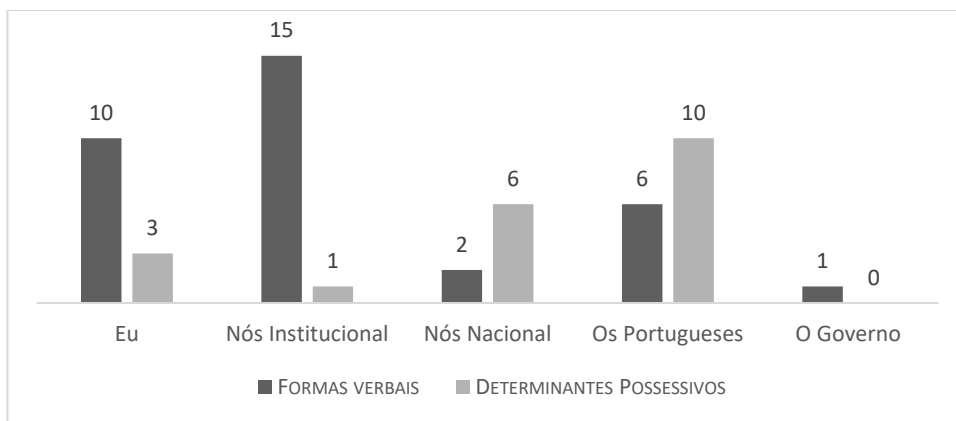


Gráfico 4 - Distribuição de marcadores de índices de pessoas

Os dados revelaram que há um predomínio de determinantes possessivos de 3.ª pessoa do plural (relativas “aos portugueses”). Ao contrário das formas possessivas marcadoras do *nós nacional*, a 3.ª pessoa provoca um distanciamento entre as duas entidades (Locutor e auditório), utilizada propositadamente para construir a imagem de *guia*.

Durante a análise dos tempos em que se encontram as formas verbais acima representadas, detetou-se que o PRES predomina, mostrando a conjugação entre os factos relatados e o momento da enunciação. No caso particular do *nós institucional*, observou-se que o PRES é utilizado inclusivamente nos momentos em que se procede à exposição dos resultados da atuação do governo (ex.: “aumentamos as pensões mais baixas”, “alargamos a proteção no desemprego”), contrariamente às outras mensagens do *corpus*, e que as três formas de PPF são compostas (ex.: “temos procurado”). O uso destes tempos verbais indica que se trata de um processo em curso, contribuindo, deste modo, para construir as imagens de *competente* e de *agente*.

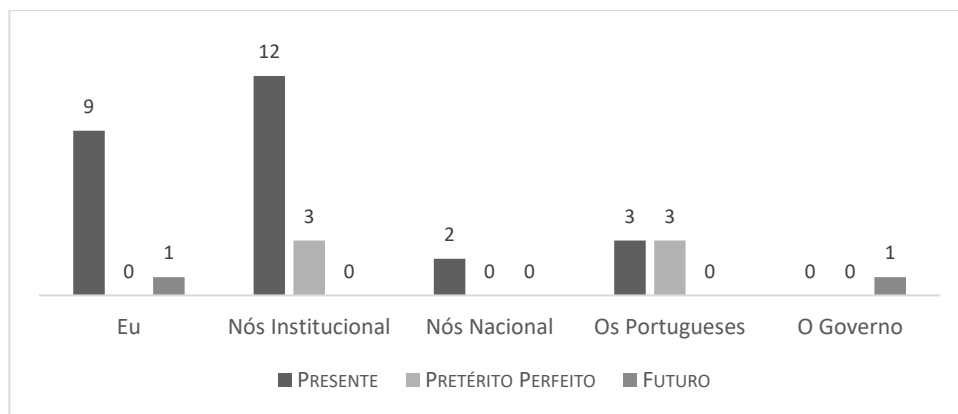


Gráfico 5 - Tempos verbais presente na Pt2009

### 6.2.2.3. Síntese da análise

As análises anteriormente descritas demonstram que no texto são construídos diversos *ethè*, recorrendo a marcas textuais. Nos quadros que se seguem, procuram-se sumarizar os elementos observados na Pt2009.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>63</sup>	<i>Ethè</i>
		Tipo & Definição
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Composto ( <i>temos procurado fazer</i> ); Anáfora demonstrativa ( <i>Ser solidário é... isso</i> ); Léxico afetivo (expressão <i>apoiar as famílias</i> ; advérbio de intensidade <i>mais</i> ); Léxico apreciativo (advérbio <i>justamente</i> ).	SE <sub>1</sub> STT <sub>3</sub> SE <sub>3</sub>	<b>Humano:</b> demonstra bondade e compaixão perante a situação vivida por outros.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais ( <i>o Estado</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples ( <i>permitiu</i> ) e no Pretérito Perfeito Composto ( <i>temos feito</i> ); Oração subordinada infinitiva ( <i>permitiu estabilizar o nosso sistema financeiro...</i> ); Léxico apreciativo ( <i>de forma significativa, ainda mais, mais uma vez</i> ).	STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub> STT <sub>3</sub>	<b>Competente:</b> demonstra a sua capacidade de implementação de medidas.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais; 1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>encaro, atravessamos</i> ); Expressão compromissiva ( <i>podem contar da minha parte com</i> ).	SOT <sub>2</sub> STT <sub>3</sub> SE <sub>2</sub> SE <sub>3</sub>	<b>Líder:</b> chefia o governa e orienta os seus membros e os cidadãos no cumprimento das suas orientações.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais ( <i>o governo</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>precisamos de</i> ) e no Futuro Imperfeito ( <i>usará</i> ); Perífrase volitiva “querer + garantir”; Oração subordinada infinitiva ( <i>precisamos de investir nos domínios que são essenciais à modernização do nosso país...</i> );	SE <sub>2</sub> STT <sub>2</sub> SE <sub>3</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas.

<sup>63</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Pt2009 pode ser consultada no Apêndice 4.

Léxico: verbos de ação ( <i>investir, criar, apostar, promover</i> ).		
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ) 3.ª Pessoa do singular das formas verbais com o sujeito expresso ( <i>a crise; o ano...</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>persiste</i> ) e no Pretérito Perfeito Simples ( <i>foi</i> ); Predicativo do sujeito ( <i>um ano de grande exigência para todos</i> ); Complemento direto ( <i>muito trabalho pela frente</i> ) Conector conclusivo ( <i>portanto</i> ) Vocabulário apreciativo ( <i>lentamente, ainda, certamente, claros...</i> )	STT <sub>2</sub>	<b>Conhecedor:</b> tem a visão clara dos acontecimentos, porque processou e refletiu sobre as informações que possui.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>aumentamos, alargamos</i> ) e no Pretérito Perfeito Composto do Indicativo ( <i>temos procurado fazer, temos feito</i> ); Perífrase de continuidade ( <i>continuar a apoiar...</i> ); Complemento direto ( <i>as pensões mais baixas, a proteção no desemprego...</i> ); Expressão temporal ( <i>até aqui</i> ); Expressão <i>temos em curso</i> ; Vocabulário com valor apreciativo ( <i>mais uma vez, ainda mais...</i> ).	STT <sub>2</sub> STT <sub>3</sub>	<b>Agente:</b> implementa medidas.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais; Verbos no Futuro Perfeito ( <i>gostaria</i> ) e no Presente do Indicativo ( <i>cumpro, dirijo</i> ); Complemento direto ( <i>um acontecimento</i> ); Oração causal ( <i>pelo que ele representa de afirmação do nosso país no mundo</i> ) Vocabulário com valor afetivo e axiológico: <i>afirmação, país, nome da capital de Portugal, militares portugueses, portugueses que foram afetados, emigrantes e compatriotas espalhados pelos vários cantos do mundo</i> .	SE <sub>3</sub>	<b>Patriota:</b> defende ou refere o seu país ou os cidadãos que o compõem.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais; Verbos no Presente do Indicativo ( <i>cumpro</i> ); Complemento direto ( <i>o meu dever de expressar o meu profundo reconhecimento</i> ); Vocabulário com valor expressivo ( <i>dever, reconhecimento, contributo, profundo, ímpar</i> ).	SE <sub>3</sub>	<b>Grato:</b> reconhece e agradece o esforço de outros.

Quadro 10 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2009

Vocábulo(s)	N.º de ocorrências	Ethè
Famílias	9	Competente, humano
Apoiar	6	Agente, competente
Empresas	6	Agente em potência
Esperança	5	Competente, guia
Solidariedade	5	Competente, guia
Confiança	3	Líder, agente em potência
Mundo + Afirmação	5	Patriota

Quadro 11 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2009

### 6.2.3. Pt2010

#### 6.2.3.1. Análise qualitativa

Em dezembro de 2010, após um ano de grande turbulência económica e social, fruto da crise mundial, José Sócrates faz uma intervenção à nação.

A mensagem começa com uma afirmação sobre a importância da época do Natal, atribuída a toda a população portuguesa, contida no indefinido “todos”. O modificador restritivo, “crentes e não crentes”, visa demonstrar o respeito e o reconhecimento das diferenças religiosas vividas em Portugal. Segundo os dados do inquérito conduzido pelo Centro de Estudos de Religiões e Culturas (2012), em 2011 a percentagem de não crentes (nos quais se incluíam os indiferentes, agnósticos ou ateus) correspondia a 9,6%, a de crentes sem religião atingia os 4,6 pontos percentuais e a maior fatia era ocupada pelos católicos com 79,5%. Para além destes parâmetros, ainda foram considerados os protestantes (2,3%), outros cristãos (1,4%), testemunhas de Jeová (1,3%) e indivíduos pertencentes a outras religiões (0,7%). O relatório aponta claramente que de 1999 a 2011 o número de não crentes aumentou (de 8,2% passa a 14,2%). Estes dados justificam a referência aos dois polos religiosos durante esta intervenção, procurando desta forma fazer chegar a mensagem a todo o público. Ao adotar uma postura abrangente, o Locutor revela-se inclusivo.

Após a definição da época natalícia, que ocupa a ft<sub>2</sub> e a ft<sub>3</sub>, o Locutor, a título individual, manifesta o seu apreço pessoal (modificador “com gosto”) por desempenhar a “tradição” de proferir algumas palavras. O pronunciamento é assumido por um sujeito individual, visível na 1.<sup>a</sup> pessoa singular do Presente do Indicativo (“cumpro”). Embora use o verbo “cumprir”, associado à execução de uma obrigação, o modificador indica que se trata de uma ação realizada com vontade, revelando-se assim respeito pelas tradições e pelos costumes. A faceta de *tradicionalista* é muito importante para o entendimento do auditório sobre a pessoa do Locutor, uma vez que os portugueses ainda são muito conservadores, mantendo o seu apego às tradições.

Nos parágrafos seguintes, o Locutor efetua uma exposição sobre as consequências da “maior crise económica mundial”. Começa, então, por reconhecer que 2010 foi um ano complicado para os portugueses e para Portugal. Tal ponto de

vista encontra-se espelhado na expressão apreciativa “sem dúvida”, bem como nos adjetivos qualificativos (“mais difíceis e exigentes”, “maior crise”), que por se encontrarem no superlativo relativo de superioridade, amplificam a gravidade do que se viveu.

[ft<sub>4</sub>] O ano que está prestes a terminar foi, sem dúvida, **um dos mais difíceis e exigentes da nossa história recente**. [ft<sub>5</sub>] A verdade é que estamos ainda a sentir os efeitos da maior crise económica mundial dos últimos 80 anos.

Tanto na ft<sub>5</sub>, como na ft<sub>6</sub> procura-se deixar claro que os efeitos da crise permaneciam, não obstante os sinais positivos que se sentiram (introduzidos pelo conector argumentativo “apesar de”). O advérbio “ainda” e a perífrase de progressão “estamos a sentir” são duas marcas linguísticas que denunciam claramente aquela situação.

O parágrafo seguinte debate as repercussões da crise, de entre as quais o abalo da confiança nos mercados financeiros, a subida de juros e o aumento do défice, que tanto afetam a Europa como Portugal, conforme indica o deítico “aqui” e o locativo “na Europa”.

Com a narração dos eventos que assolaram Portugal e o mundo, o Locutor isenta-se de responsabilidades e esclarece que o país sofreu por razões externas, nomeadamente devido à crise de confiança que trouxe consequências à dívida soberana portuguesa. Em 2010, segundo o Eurostat, a dívida pública portuguesa correspondia a 93,3% do PIB (Carregueiro, 2012).

De forma a reforçar a ideia de que o governo não é o grande responsável pela crise sentida no país, o Locutor seleciona o verbo pronominal “abater-se” que sugere uma situação sem intervenção humana. Importa ainda referir que para espelhar o sofrimento sentido no país, o léxico escolhido tem uma carga negativa: “efeitos” [ft<sub>5</sub>, ft<sub>7</sub>], “crise” [ft<sub>5</sub>, ft<sub>6</sub>], “marcas” [ft<sub>6</sub>], “condicionar” [ft<sub>7</sub>], “abateu” [ft<sub>7</sub>], “afetou” [ft<sub>8</sub>] e “afeta” [ft<sub>9</sub>].

No parágrafo 4, o Locutor indica que todos os governos europeus tiveram de tomar medidas de combate à crise, algumas difíceis e exigentes. Esta noção de que se trata de um esforço coletivo (europeu) tem o intuito de aliviar o sofrimento dos portugueses, ou seja, tal como dita um provérbio fica-se menos incomodado quando

muitos passam pela mesma situação negativa. Depois desta justificativa, o Locutor expõe a atuação pró-ativa e eficaz do seu Governo, sujeito da ft<sub>11</sub>. O adjetivo “necessárias” a qualificar as medidas implementadas, os grupos preposicionais destacados no próximo excerto e os verbos “tomou” e “definiu” revelam claramente a *competência* do executivo. O augúrio presente na perífrase com valor de futuro (“vamos cumprir”) atesta a crença do Locutor no grupo que dirige e confere-lhe credibilidade.

[ft<sub>11</sub>] O Governo português tomou as medidas necessárias para enfrentar esta situação.

[ft<sub>12</sub>] Com confiança, com sentido de responsabilidade e com determinação. [ft<sub>13</sub>]

Definiu metas ambiciosas para 2010 e 2011 que vamos cumprir.

As metas referidas na ft<sub>13</sub> são as que constam do Orçamento de Estado, qualificadas de “ambiciosas”. Algumas referiam-se, por exemplo, ao reforço do sistema financeiro, à consolidação orçamental, entre outras. Apesar do adjetivo usado para as descrever, o Locutor confia no seu sucesso, como indica a perífrase “vamos cumprir”. Esta forma de futuro assume um tom profetizador que serve para corroborar a competência do governo. Mas para justificar a implementação dessas medidas, algumas das quais com repercussões de âmbito social, usa-se a estrutura paralelística “o que está em causa”. A expressão visa conduzir as emoções do auditório, na medida em que indica o motivo subjacente à tomada de decisão. Ora, como esse motivo é a estabilidade económica e social do país, as frases assumem um sentido de obrigatoriedade. Assim sendo, neste trecho o Locutor revela a competência e a responsabilidade do executivo.

Se no parágrafo seis, o sujeito é o Governo, nos seguintes passa a ser individual, como indica a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular das formas verbais “tenho”, “quero”, “sou” e “sinto” no Presente do Indicativo.

[ft<sub>16</sub>] **Tenho plena consciência do esforço** que está a ser pedido a todos os portugueses.

[ft<sub>17</sub>] Mas **quero** que saibam que este é o único caminho que protege o País e que defende o interesse nacional.

Num primeiro momento, em particular na ft<sub>16</sub>, o Locutor reconhece o esforço dos portugueses, passando a imagem de *conhecedor*. O adjetivo “plena” serve para

ampliar esta imagem e para fundamentar o argumento apresentado na frase seguinte: as medidas difíceis e exigentes são necessárias para proteger o País.

Depois, procede à apresentação de características pessoais (ft<sub>19</sub> a ft<sub>21</sub>) de forma indireta, convocando o conhecimento popular para falar de dois traços da sua personalidade. A opinião do povo é mobilizada pelo verbo epistémico “saber” e pela construção de um esquema argumentativo, em forma de entimema, que pode ser assim descrito.

**Premissa maior:** [ft<sub>19</sub>] Os Portugueses sabem que não sou de desistir, nem sou de me deixar vencer pelas dificuldades.

**Premissa menor:** [ft<sub>20</sub>] Pelo contrário.

**Conclusão subentendida:** Então, deve-se presumir que eu sou persistente e lutador.

Este argumento tem como objetivo apresentar a imagem de *lutador*, de defensor dos interesses dos Portugueses. Aliás, nas duas frases seguintes o Locutor diz, diretamente, que sente “energia interior” e “sentido do dever”, acrescentando, à imagem anterior, a proatividade e a responsabilidade. Tal como ele, também o povo tem estas características, pelo menos a julgar pela informação contida na ft<sub>22</sub>:

[ft<sub>22</sub>] E sinto, aliás que **nesta atitude sou acompanhado pela maioria dos portugueses** que souberam sempre, nestas alturas, dar o melhor de si próprios para superar as dificuldades do momento.

A referência à comunhão destes traços tem um propósito estratégico, visando imputar à população a responsabilidade de lutar. É por este motivo que se usa o conector confirmatório “de facto”, a frase na negativa (ft<sub>23</sub>) e a perífrase de necessidade (ft<sub>24</sub>).

[ft<sub>23</sub>] De facto, esta não é uma tarefa apenas para quem governa. [ft<sub>24</sub>] Tem de ser também uma tarefa do País.

Na continuação deste parágrafo volta a ser demonstrada a competência do governo, ao descreverem-se as medidas implementadas ao longo de 2010. Os verbos de ação mobilizados encontram-se na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, em representação do *nós institucional*, no Pretérito Perfeito do Indicativo.

[ft<sub>26</sub>] Foi nesse espírito que **lançámos** recentemente as 50 medidas da nossa agenda para a Competitividade e o Emprego; que **acordámos** com as Misericórdias,

Mutualidades e Instituições Particulares de Solidariedade Social o reforço da cooperação para o apoio social no próximo ano; e que, nos últimos dias, **negociámos** com os parceiros sociais os termos do aumento do salário mínimo nacional para os 500 Euros já no próximo ano.

Curiosamente à data do pronunciamento as 50 medidas estipuladas na Iniciativa para a Competitividade e o Emprego, que abrangiam cinco áreas (competitividade da economia e apoio às exportações; simplificação administrativa e redução dos custos de contexto para as empresas; competitividade do mercado de trabalho; reabilitação urbana e dinamização do mercado de arrendamento; e combate à informalidade, fraude e evasão fiscal e contributiva) só foram promulgadas no dia 27 de dezembro de 2010, portanto, após o pronunciamento.

O décimo parágrafo continua a focar-se em questões de ordem social, mas agora para expressar uma promessa por parte do governo. O pronome indefinido “tudo” a complementar a forma verbal no Futuro Imperfeito do Indicativo (“faremos”) expressam o nível de compromisso do executivo para solidificar a cooperação social. Estes elementos linguísticos revelam a imagem de *agente em potência*. O conector causal “porque” da ft<sub>28</sub> explica a importância do diálogo entre o governo e os parceiros sociais (daí a expressão “em conjunto”) para a avaliação e regulação da situação económica e social do país.

[ft<sub>27</sub>] **Tudo faremos para** consolidar este ambiente de concertação e de diálogo social.

[ft<sub>28</sub>] Porque ele é muito importante para, em conjunto, irmos mais longe. [ft<sub>29</sub>] E para darmos razões acrescidas de confiança na economia portuguesa.

Depois deste momento sobre a atuação futura, retorna-se ao passado para falar de outras áreas em que o governo se revelou bem-sucedido, nomeadamente as energias renováveis, as novas tecnologias, a investigação científica e a educação. O ato assertivo da ft<sub>30</sub>, durante o qual se repete o verbo “mudar” para dar mais força ao seu argumento, introduz algumas das ações desempenhadas pelo governo. Este não é diretamente mencionado, porém é claramente o agente promotor das “reformas, feitas com sentido e determinação”. Ora, em virtude da autoscopia patente no complemento direto “bons resultados” considera-se que o intuito do trecho era passar a imagem de um governo *competente*.

[ft<sub>30</sub>] Nestes anos o País mudou, mudou muito e em muitas áreas. [ft<sub>31</sub>] Na energia com a aposta nas renováveis, nas tecnologias de informação, na investigação científica e noutros domínios essenciais para a modernização do País. [ft<sub>32</sub>] Mas há uma área em especial de que quero falar-vos hoje, que é a educação, porque ela é bem o exemplo de que as reformas, feitas com sentido e determinação, produzem bons resultados.

O enfoque dado ao setor educativo (note-se o uso do adjetivo “essenciais” e da locução restritiva “em especial”) pretende responder a uma preocupação dos cidadãos, enquanto pais, formadores e empresários, mas também a uma necessidade da administração do país que vê naquela uma forma de promover o crescimento económico. Segundo Skare, a educação tem benefícios a curto e a longo prazo, porque contribui para o fomento das competências das pessoas, no primeiro caso, e fornece às empresas mão de obra qualificada que lhes permite aumentar a produtividade e o lucro. Esta perspetiva sobre o impacto da educação na economia tem vindo a ser bastante debatida; na década de 60, Schultz e Denison chegaram à conclusão que *«education contributes directly to the growth of national income by improving the skills and productive capacities of the labor force»* (in Skare, 2001, p.189).

Face à importância da educação para o desenvolvimento do país, o governo em funções executou uma série de reformas que marcariam uma grande evolução no setor educativo (veja-se a repetição do nome “progresso(s)” (ft<sub>33</sub>, ft<sub>34</sub>, ft<sub>36</sub>, ft<sub>40</sub>) e o uso do verbo “progrediu” (ft<sub>35</sub>)). Para atestar a eficácia do governo no que a esta área diz respeito, é convocada a voz de especialistas (“estudo internacional recente – que é aliás a referência para todos os países do mundo”). Trata-se do estudo PISA 2009 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), no qual se apresentam dados sobre a avaliação internacional da performance dos estudantes entre 2000 e 2009.

[ft<sub>33</sub>] Um estudo internacional recente – que é aliás a referência para todos os países do mundo – revelou que nos últimos anos os nossos alunos fizeram **progressos assinaláveis** em todas as áreas. [...] [ft<sub>38</sub>] 81% dos nossos jovens entre os 15 e os 18 anos frequentam a escola; 35% dos jovens com 22 anos estão hoje no ensino superior.

Para além de recorrer ao testemunho de especialistas, o Locutor elenca classificações e estatísticas respeitantes aos progressos dos alunos portugueses (ft<sub>38</sub>) que demonstram que o patamar desejado (estar no mesmo ponto do que os países

desenvolvidos) foi alcançado. Com o recurso a estes argumentos promove-se não só a construção da imagem de *tecnocrata*, como também de *competente*, já que os resultados enunciados estão dependentes da atuação do governo (opinião partilhada pelo Banco de Portugal: «*a evidência obtida indica uma melhoria do desempenho condicionado dos estudantes nas duas edições mais recentes do PISA, que pode ser atribuída ao sistema de ensino*» (Pereira, 2011, p.15).

O parágrafo 14 remata o segmento destinado à educação e expressa as vantagens a curto e longo prazo que acima se referiram:

[ft<sub>40</sub>] E sublinho este progresso na educação porque ele é essencial para o futuro. [ft<sub>41</sub>]  
Essencial para o êxito pessoal dos nossos filhos, para a igualdade de oportunidades no nosso país; e para o sucesso da nossa economia.

No parágrafo 15, constituído por uma única frase tipográfica, começa a ser construída a imagem de *guia* que ainda não tinha surgido neste texto. Um dos elementos linguísticos que contribui fortemente para o aparecimento deste *ethos* é o infinitivo impessoal (“preparar”, “fazer”, “não desistir”, “andar”), que se assemelha a uma lista de conselhos relativamente a ações a tomar. No final da frase surge o propósito que norteia o aconselhamento com a oração final (“para alcançar resultados”).

15§ [ft<sub>42</sub>] **Preparar** o futuro, **fazer** o caminho das reformas, **não desistir** à primeira dificuldade, **andar** em frente – é esse o caminho para alcançar resultados.

Se a incitação à ação nesta frase é menos evidente, nas frases seguintes a tónica é diferente. Há um apelo direto por meio da perífrase deôntica (“temos de superar”, “temos de pôr”, “temos de prosseguir”) no Presente do Indicativo.

[ft<sub>43</sub>] É, pois, uma palavra de confiança que quero dirigir, neste Natal, a todos os portugueses. [ft<sub>44</sub>] **Temos de superar** as dificuldades do momento, garantindo o financiamento do Estado e da economia. [ft<sub>45</sub>] Mas **temos** também **de pôr** em prática uma agenda de crescimento da economia e do emprego, fazendo-o com diálogo e concertação social. [ft<sub>46</sub>] E **temos de prosseguir** nas reformas estruturais nos sectores, como a energia, a educação, a ciência, a tecnologia, que sustentam o desenvolvimento e a coesão social.

O gerúndio, usado na ft<sub>44</sub> e na ft<sub>45</sub>, indica o modo como se processam as ações a executar, que constituem compromissos governativos. Isto indica-nos que os *ethè* não são categorias estanque, mas sim permissíveis a flutuações e influências.

[ft<sub>47</sub>] É verdadeiramente isto que o País exige, e é nisto que os portugueses estão empenhados: em construir um País melhor.

O trecho é concluído com uma afirmação que pretende manipular as emoções do auditório, em particular o seu sentido de responsabilidade. O verbo “exigir” expõe a necessidade absoluta de tomar dada ação, corroborada pelo advérbio epistémico “verdadeiramente”, e cria sobre o auditório a obrigação de agir.

O texto termina, à semelhança de outros, com a saudação natalícia e com uma menção aos portugueses que se encontram fora do território nacional. A forma verbal “impõe-se” e o grupo nominal “palavra especial” associados aos portugueses deslocados têm como objetivo jogar com as emoções do auditório. Numa altura mais propícia ao sentimentalismo, o cuidado demonstrado pelo Locutor ao mencionar os “militares das Forças Armadas e elementos das Forças de Segurança” e as “comunidades portuguesas espalhadas no mundo” contribui para engrandecer a sua faceta *humana*. De facto, a mera referência mostra compreensão pelo sofrimento sentido pelos portugueses que têm os familiares longe e, simultaneamente, revela que mesmo fora do país o contributo daqueles nunca é esquecido. Além disto, o Locutor também demonstra o seu sentido de unidade nacional, construindo assim um *ethos* *patriota*, porque não se deixa limitar por fronteiras físicas e inclui todos os cidadãos na sua intervenção.

#### 6.2.3.2. Análise quantitativa

Os vocábulos usados nos textos são, como se tem vindo a demonstrar, muito importantes para a compreensão dos *ethè*. Em seguida, listam-se algumas das palavras mais frequentes na mensagem Pt2010.

No texto destaca-se o uso combinado do quantificador “todos” e do nome “portugueses” (9 ocorrências), indicando o destinatário. Devido ao facto de o

quantificador ter um sentido integrador, considera-se que este contribui para o *ethos patriota*, visto que reforça a ideia de que se dirige à totalidade dos cidadãos.

Destaque também para a frequência da palavra “social” (7 ocorrências), qualificando os nomes “diálogo”, “solidariedade”, “concertação” e “apoio”. No texto, os vocábulos são utilizados durante a construção dos *ethè competente* e *agente em potência*, que ganham assim uma dimensão mais humanitária.

Com seis ocorrências surgem as palavras “crise” e “economia”. O uso frequente do primeiro nome parece expectável, dado tratar-se do tema mais debatido na sociedade portuguesa durante o ano de 2010, quer na esfera política, quer na pública. Correlativamente, também se compreende a frequência da palavra “economia”, uma vez que foi a área mais afetada pela crise. Esta palavra ocorre durante atos assertivos, nos quais se expõe a atuação do governo, ou compromissivos, nos quais se expressam as intenções futuras do governo ou se incentiva os portugueses a colaborarem com o executivo em prol da economia. Outra palavra igualmente recorrente é “confiança”, que começa por ser associada à ideia de perda. Em torno desta premissa, o Locutor constrói o discurso de recuperação, incidindo sobre as atitudes tomadas pelo governo ou aquelas que vai implementar em seguida. Estes três vocábulos relacionam-se tanto com o *ethos competente*, como com o *agente em potência*.

Antes de concluir, importa falar sobre duas palavras: “Portugal” e “caminho”. A primeira é utilizada cinco vezes ao longo do texto, referindo-se ao país, ao contrário do que sucede em outras mensagens nas quais aparece como uma representação globalizante do povo. Já a segunda, com quatro ocorrências, refere-se ao percurso a seguir pelos portugueses e pelo próprio governo, o qual implica a execução de algumas medidas listadas durante o texto. A combinação entre este vocábulo e as orações completivas ou finais concorrem para a construção de uma imagem de *liderança*, na medida em que indica com clareza o que fará e simultaneamente dirige/incita quem o ouve.

Após a análise da frequência vocabular efetuou-se a observação quantitativa de alguns elementos linguísticos, nomeadamente os índices de pessoas. A análise revelou que a predominância das formas verbais de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, o que diferencia este texto dos restantes nos quais existem mais formas verbais representativas do *nós*

*institucional* (1.<sup>a</sup> pessoa do plural). Contudo, este também tem expressão nesta mensagem e se a este juntarmos as três ocorrências do grupo nominal “o Governo” verifica-se uma distribuição equitativa entre o sujeito individual e o coletivo. Esta questão é muito relevante para a interpretação dos *ethè*, uma vez que pode justificar a alternância equilibrada entre *ethè* de função e de personalidade.

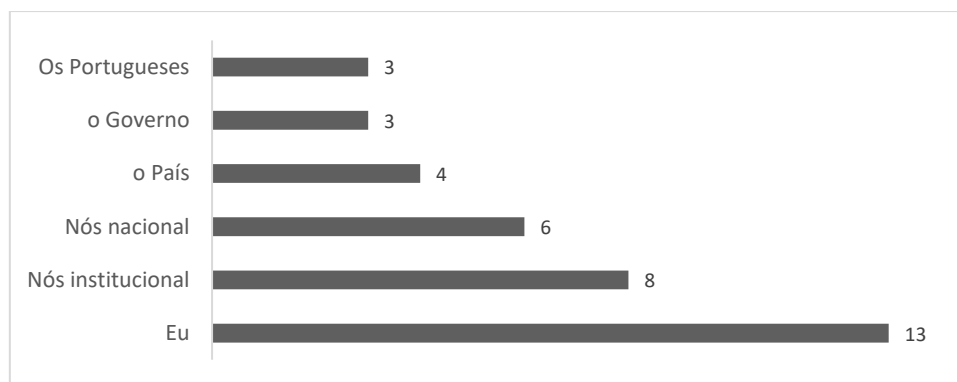


Gráfico 6 - Distribuição do sujeito

Com o uso das formas de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, o Locutor vai mostrando uma série de características que espera ver reconhecidas em si pelo auditório, as quais se traduzem na construção de diversos *ethè*: *inclusivo*, *tradicionalista*, *grato*, etc..

A marcação de pessoas ocorre preferencialmente através das formas verbais, à exceção do *nós nacional* que se manifesta por meio de determinantes possessivos (Gráfico 7). Ao seleccionar este elemento gramatical para determinar os nomes, o Locutor demonstra a sua pertença à comunidade, promovendo deste modo uma certa proximidade com o auditório e, consequentemente, manipulando as emoções deste.

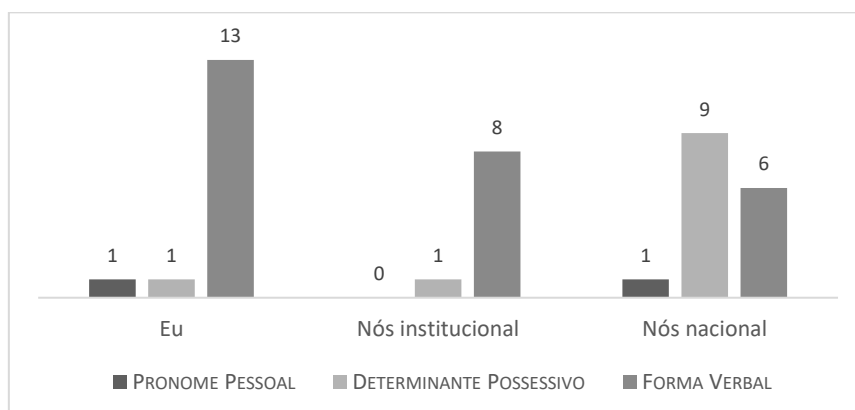


Gráfico 7 - Classes gramaticais usadas na marcação de sujeito

As formas verbais de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular encontram-se maioritariamente no PRES, indicando a conjugação do sujeito em relação ao ato da enunciação. Trata-se de uma escolha intencional, dado que se pretendem expor os sentimentos do Locutor (verbos “sentir” ou “querer”). Por seu turno, as formas verbais que têm como sujeito o *nós institucional* distribuem-se equitativamente entre o PRES e o PPFS. As últimas potenciam a construção do *ethos competente*, pois introduzem momentos de exposição de medidas governativas. Porém, as formas do PRES, em virtude de integrarem a perífrase de necessidade “ter de + infinitivo”, apontam para um compromisso futuro e revelam a intenção de agir (*ethos agente em potência*). O mesmo sucede com a forma de FUT (“faremos”) e a perífrase de futuro (“vamos cumprir”).

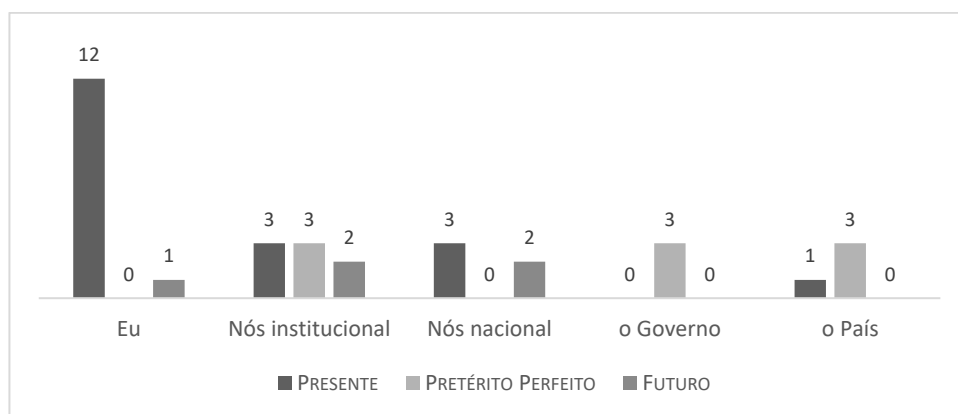


Gráfico 8 - Tempos verbais

### 6.2.3.3. Síntese da análise

Para uma observação completa dos *ethè* construídos na Mensagem de Final de Ano Pt2010 procedeu-se à compilação dos dados textuais recolhidos.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>64</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
1. <sup>a</sup> Pessoa do singular das formas verbais; Modificador restritivo ( <i>crentes e não crentes</i> ) Indefinido <i>todos</i> para se referir ao auditório.	SE <sub>1</sub>	<b>Inclusivo:</b> integra todos os cidadãos no seu discurso, respeitando credos, géneros, raças, estatutos socioeconómicos

<sup>64</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Pt2010 pode ser consultada no Apêndice 5.

1.ª Pessoa do singular das formas verbais; Verbos no Presente do Indicativo ( <i>cumpro</i> ); Verbo deôntico <i>cumprir</i> e nome <i>tradição</i> ; Léxico com valor apreciativo ( <i>com gosto</i> ).	SE <sub>1</sub>	<b>Líder tradicionalista:</b> lidera um grupo e mostra respeito pelo cargo que assume e pelas tradições.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais; Verbos no Presente do Indicativo ( <i>tenho</i> ); Verbo <i>ter</i> + Complemento direto ( <i>plena consciência</i> ); Complemento do nome <i>esforço</i> ( <i>que está a ser pedido a todos os portugueses</i> ); Léxico apreciativo: (adjetivo <i>plena</i> a qualificar <i>consciência</i> )	STT <sub>3</sub>	<b>Conhecedor:</b> tem a visão clara dos acontecimentos, porque processou e refletiu sobre as informações que possui.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais (pessoal <i>me</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>sou</i> ); Frases negativas associadas aos vocábulos <i>desistir</i> e <i>deixar vencer</i> ; Verbo epistémico ( <i>saber</i> ); Esquema argumentativo falacioso opinião popular.	STT <sub>3</sub>	<b>Lutador:</b> luta incansavelmente por uma causa ou por um objetivo.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); 3.ª Pessoa do singular de formas verbais (sujeito exposto o <i>governo</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>lançámos, acordámos, negociámos</i> ); Verbos de ação ( <i>lançar, acordar, negociar, definir, tomar</i> ) + complemento direto com indicação das áreas de atuação Orações finais ( <i>para enfrentar esta situação</i> ); Expressões temporais ( <i>Para 2010 e para 2011</i> ).	STT <sub>3</sub> STT <sub>4</sub> SOT <sub>2</sub> STT <sub>5</sub>	<b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito exposto <i>um estudo internacional</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>revelou</i> ); Percentagens ( <i>81%; 35%</i> ); Esquema argumentativo Opinião de especialistas	STT <sub>5</sub>	<b>Tecnocrata:</b> domina os dados de ordem técnica
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>temos de superar</i> ); Perífrase de obrigatoriedade <i>ter de + infinitivo</i> ; Verbos de ação ( <i>superar, pôr em prática</i> ); Conector confirmatório ( <i>de facto</i> );	STT <sub>5</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Guia:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais ( <i>nós institucional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>faremos</i> ); Oração final ( <i>para consolidar este ambiente de concertação e de diálogo social</i> ); Conector causal a introduzir sequência explicativa ( <i>porque</i> ).	STT <sub>4</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais (possessivo <i>meu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>quero</i> ) e Futuro Perfeito ( <i>gostaria</i> ); Vocábulos que indicam unidade nacional ( <i>a todos os portugueses, a todos os nossos concidadãos, aos militares das Forças Armadas e aos elementos das Forças de Segurança, às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo</i> )	SE <sub>2</sub>	<b>Patriota:</b> defende ou refere o seu país ou os cidadãos que o compõem.

Quadro 12 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2010

Vocábulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Todos + portugueses	9	Patriota
Social + diálogo, solidariedade, apoio	7	Competente, agente em potência
Economia	6	Competente, agente em potência
Crise	6	Competente, agente em potência
Confiança	5	Competente, agente em potência
Caminho + orações completivas/finais	5	Líder

Quadro 13 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2010

#### 6.2.4. Pt2011

##### 6.2.4.1. Análise qualitativa

O exórdio, constituído por quatro parágrafos, inicia com um momento narrativo<sup>65</sup>, contado a partir de uma posição individual (1.ª pessoa do singular das formas verbais “tomei” e “ouvi” e dos pronomes pessoais “comigo” e “eu”). Numa fase inicial, em especial quando usa a oração temporal “desde que tomei posse” que faz referência ao período de tempo a partir do dia 21 de junho de 2011, o Locutor revela-se *líder*.

Depois, os verbos “ouvir”, “partilhar”, “escutar” e “falar” e os nomes “testemunhos” e “palavras” são usados para mostrar a sua disponibilidade em ouvir os outros, mostrando a faceta de *ouvinte*. Importa clarificar que estas afirmações não devem ser interpretadas de forma literal, pois muito do que ouviu pode ter sido de forma indireta e não porque se disponibilizou verdadeiramente a estar com os cidadãos. Neste sentido, pode haver um certo desfasamento entre o *ethos dito* e o *ethos mostrado* em atos reais. O facto é que a capacidade de ouvir é uma característica muito importante nos líderes e, por esse motivo, esperada pelo público. Posto isto, a

<sup>65</sup> Após o visionamento da Mensagem de Fim de Ano de 2011, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qq4HoCri6lg>, verificou-se que a mesma possui fórmula de abertura, portanto trata-se de uma omissão decorrente da passagem do texto para o suporte escrito.

manifestação desta qualidade vai ao encontro das expectativas do auditório, o que exemplifica o carácter simbiótico do *ethos*.

Os parágrafos iniciais, como é próprio de momentos de relato narrativo, encontram-se no Pretérito Perfeito Simples e marcam a disjunção com o momento da enunciação. Mas para além de contar uma história, este trecho também tem como objetivo expor o comportamento do Locutor perante a situação difícil que o País atravessa, um comportamento informado e responsável, como faz questão de reiterar na estrutura paralelística que abre os parágrafos 3 e 4 (“Estou bem consciente dos problemas / das adversidades”), de onde se destaca o advérbio “bem” com cunho enfático.

Esta imagem de *consciência* diz respeito, particularmente, a dois assuntos: por um lado, o desemprego que atinge os jovens e os mais velhos; por outro, as injustiças sentidas na sociedade portuguesa. Relativamente ao primeiro ponto, o Locutor mostra-se *comentarista crítico*<sup>66</sup>, não só por meio de uma expressão apreciativa (“uma sociedade que se preza”), como pela modalidade deôntica com valor de obrigação (“não pode desperdiçar”). Já no segundo, demonstra-se compreensivo pelo sentimento de injustiça sentido pelos cidadãos, o que concorre para a construção de um *ethos empático*, materializado linguisticamente por meio do verbo “compartilhar”, regido do grupo preposicional “com elas”. Ambos os casos se referem ao Locutor como ser individual, como atestam as formas verbais na 1.ª pessoa do singular (“falo”, “me”, “eu compartilho”), o que significa que se trata de um *ethos de personalidade*.

3§ [ft<sub>6</sub>] **Estou bem consciente** dos problemas que tantos enfrentam, sobretudo o dos jovens que querem começar a realizar os seus sonhos e o daqueles mais velhos que, apesar do capital acumulado de saber e de experiência, se veem afastados do mercado de trabalho. [ft<sub>7</sub>] **Uma sociedade que se preza** não pode desperdiçar nem os seus jovens nem as pessoas que se encontram na fase mais avançada da sua vida ativa.

4§ [ft<sub>8</sub>] **Estou bem consciente das desigualdades e das injustiças** de tantos aspetos da sociedade portuguesa. [ft<sub>9</sub>] São muitas as pessoas com quem falo que me relatam experiências de vida que atentam contra os nossos sentimentos mais elementares de justiça. [ft<sub>10</sub>] **E eu compartilho com elas a noção de que** as nossas estruturas e as nossas

---

<sup>66</sup> A denominação *comentarista crítico* foi tomada de empréstimo de Pinto (2008).

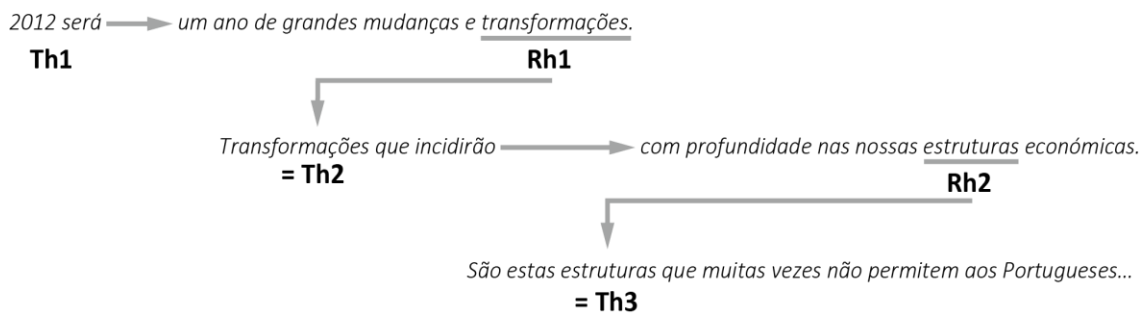
instituições, tanto políticas como económicas, nem sempre estão à altura do serviço que têm de prestar.

Embora o sujeito individualizado continue a aparecer nos parágrafos seguintes, vai sendo suplantado pelo recurso a um *nós nacional*, correspondente a “todos os Portugueses”, como se faz questão de explicitar na ft<sub>11</sub>. Nesta frase, inicia-se um novo segmento que apresenta prognósticos para o ano 2012, como atesta o Futuro Imperfeito do verbo “ser” (“2012 será um ano determinante para nós”). Com este prenúncio o Locutor passa uma imagem de *profetizador*.

[ft<sub>11</sub>] Por várias vezes tenho dito que 2012 será um ano determinante para nós, para todos os Portugueses. [ft<sub>12</sub>] Será determinante porque temos muitos compromissos para honrar, muitos objetivos orçamentais e financeiros para cumprir, mas sobretudo porque temos muitas reformas estruturais para executar.

A justificação do ato assertivo-preditivo anterior é marcada pelo conector causal “porque”, a partir do qual se apontam uma série de compromissos governativos. O verbo “ter” usado na ft<sub>12</sub> possui um valor de obrigação e os verbos “honrar” e “cumprir” apontam para ações que, embora não vinculativas, devem ser realizadas por uma questão ética. As atitudes elencadas constituem alguns dos compromissos assumidos com a Troika (entidade formada por elementos do Banco Central Europeu, do Fundo Monetário Internacional e da Comissão Europeia) no memorando assinado a 17 de maio de 2011, que implicava um resgate financeiro com duração de três anos. A título de exemplo, ficou estipulado que o Governo devia reformar o Sistema de Saúde, nomeadamente revendo e aumentando as taxas moderadoras do Serviço Nacional de Saúde (SNS), reorganizando a rede hospitalar, ou reformar a legislação relativa à proteção do emprego.

Mantendo a mesma estrutura paralelística que o parágrafo anterior, o sexto enuncia algumas ações a desenvolver pelo governo, que pretendem marcar uma cisão com o passado (denunciada pelos nomes “transformações” e “mudanças”). A progressão por tematização linear das ft<sub>13</sub> a ft<sub>15</sub> mostra a razão para proceder a tais mudanças, explicando na ft<sub>15</sub>, os problemas das estruturas económicas vigentes (à data do pronunciamento da mensagem).



O facto de os problemas acarretarem obstáculos para os Portugueses confere mais razão à decisão do governo de efetuar mudanças. Mas esta opção não foi inocente; na verdade, o vocabulário e os tópicos abordados foram selecionados para aumentar o poder patémico do enunciado. Por este motivo, recorre-se a vocábulos com sentido negativo ou à negação dos verbos (“não permitem”, “reprimem”, “injustificado”, “injustiças e iniquidades”, “não recompensam”), bem como a questões particularmente caras aos cidadãos (igualdade de oportunidades, igualdade, justiça e reconhecimento).

Com esta escolha argumentativa (ação-causa), o Locutor mostra-se *comentarista crítico*, desta vez atacando o sistema e a própria inação de governos anteriores.

As mudanças a implementar continuam a ser elencadas nos parágrafos seguintes, por meio do verbo volitivo “querer” (ft<sub>18</sub> a ft<sub>20</sub>) que se encontra na 1.ª pessoa do plural, representando o coletivo governativo. O recurso a este verbo expressa o desejo do governo, bem como formula um compromisso em tomar determinada atitude. Como tal, considera-se que neste caso o Locutor passa a imagem de *agente em potência*.

Para finalizar o segmento, é apresentada uma frase que sumaria o objetivo do Governo com as mudanças (aqui referidas a partir do vocábulo “reformas”) que vêm a ser faladas desde o parágrafo 7. O facto de se usar a perífrase de futuro (“vai executar”) dá como provável ou quase certa a realização da ação, o que vem corroborar a ideia de um governo atuante e ativo. Por outro lado, o uso da passiva “foram pensadas” indica a ocorrência de um processo cognitivo e reflexivo, o que é característico de alguém ponderado.

[ft<sub>21</sub>] As reformas que o Governo vai executar foram pensadas para fazer dos homens e das mulheres de todo o País os participantes ativos na transformação e na recuperação de Portugal.

Nesta frase, deve ainda ser destacada a expressão “dos homens e das mulheres” que mostra o caráter igualitário do *ethos*. Embora esta referência possa dever-se à necessidade de ser politicamente correto, o facto é que a informação que se veicula é a de um político que considera que homens e mulheres têm direitos iguais e, sobretudo, o mesmo impacto na transformação e na recuperação de Portugal.

Com a mudança de parágrafo surge também a mudança de tema. Neste novo parágrafo alude-se à época festiva e aos sentimentos que ela encerra, como forma de introduzir a importância das relações de confiança tanto na esfera privada como na pública. O conector contrastivo “mas” revela que o sentimento dos portugueses é contrário ao recomendável, embora procure minimizar a crítica com a expressão “nem sempre” e o advérbio “devidamente”. O uso destes dois elementos linguísticos pode dever-se à tentativa de não ferir suscetibilidades, evitando assim críticas diretas e um vocabulário ofensivo.

Não obstante se tratar de uma crítica ao comportamento dos portugueses, estas linhas contêm também um conselho, na medida em que pretendem que o auditório reconsidere a sua postura (a perífrase de necessidade “precisamos de restabelecer e fortalecer” assim o indica).

O tom crítico continua na frase tipográfica seguinte, desta vez de forma mais perentória; de facto, o uso do Pretérito Perfeito Simples (“teve”) dá como concluída a “degradação dos laços de confiança” e a expressão “ao longo dos anos” indica o período durante o qual isso sucedeu (naturalmente refere-se ao período governativo anterior ao seu).

[ft<sub>25</sub>] Na nossa vida coletiva a degradação dos laços de confiança ao longo dos anos teve graves consequências na qualidade da nossa democracia, no nosso desempenho económico e na nossa solidariedade comunitária. [ft<sub>26</sub>] A confiança é um ativo público, é um capital invisível, é um bem comum, determinante para o desenvolvimento social, para a coesão e para a equidade. [ft<sub>27</sub>] São os laços de confiança que formam a rede que nos segura a todos numa mesma sociedade.

Para além dos indicadores apontados, também o adjetivo “graves”, a qualificar o complemento direto “consequências”, faz uma apreciação pessoal negativa da situação. A imagem de *comentarista crítico* ganha ainda mais peso com a definição do termo “confiança” dada na ft<sub>26</sub>.

[ft<sub>28</sub>] Ora, um dos objetivos prioritários do programa de reforma estrutural do Governo consiste precisamente na recuperação e no fortalecimento da confiança. [ft<sub>29</sub>] Não só da confiança dos cidadãos nas instituições, mas também da confiança que temos uns nos outros, nas nossas relações profissionais, nas nossas relações sociais e nas nossas relações de cidadania.

O conector de confirmação “ora” e o advérbio “precisamente” (ft<sub>28</sub>) indicam que o objetivo prioritário do governo é a recuperação da confiança. Porém, como revelam as conjunções aditivas “não só/mas também”, a necessidade de restauração da confiança não se resume apenas às instâncias política e pública, mas também às relações interpessoais quotidianas.

O décimo terceiro parágrafo fala sobre a importância da confiança, organizando-se em dois polos separados pelo conector contrastivo “mas”: o primeiro, negativo (veja-se a preposição “sem”), expõe os problemas resultantes da sua ausência; o segundo, positivo (veja-se o advérbio “mais”), indica os resultados da sua existência (“mais solidariedade, mais democracia, mais justiça e mais vitalidade social”). Estes elementos constituem as ambições do cidadão comum, pelo que esta afirmação é uma forma indireta de estimular o sentido de responsabilidade e de levar os portugueses a procurarem restabelecer o sentimento de confiança. De acordo com as teorias sobre motivação, os indivíduos sentem-se mais motivados a agir quando existe um objetivo norteador, quer seja demonstrar uma capacidade, quer seja atingir um dado fim (Sansone & Harackiewicz, 2000).

Na ft<sub>33</sub> exibem-se as intervenções necessárias com vista à construção da “sociedade de confiança”, a partir da repetição da perífrase com valor de obrigação (“temos de reformar”, “temos de tornar”, “temos de abrir”...). Com esta expressão deôntica é também revelada, ainda que de forma dissimulada, a intenção do governo de tomar certas decisões no futuro (os complementos diretos dizem respeito a ações

que estão sob a alçada governativa), o que concorre para uma imagem de *agente em potência*.

Segue-se a peroração, que contém inicialmente palavras de recomendação. A forma verbal no Imperativo Presente “aproveitemos” e a oração final (“para recobrar o fôlego”) é o elemento linguístico que melhor representa o conselho dado aos portugueses.

Nas frases seguintes substitui-se o tom orientador pelo encorajador: na ft<sub>35</sub>, o pleonasma “olhar de frente”, expressão comumente utilizada na conversação diária, e o grupo preposicional “com esperança”, indica otimismo em relação ao futuro; já na ft<sub>36</sub>, o verbo cognitivo “sabemos” é usado para reconhecer o esforço dos portugueses e para fazer uma previsão (perífrase “vai valer a pena”). Em decurso destes elementos, considera-se que na peroração desponta o *ethos guia*, que aconselha, encoraja, reconhece e enaltece os cidadãos.

#### 6.2.4.2. Análise quantitativa

A análise vocabular detetou a ocorrência de algumas palavras com peso na construção do *ethos*, como por exemplo a palavra “confiança” (11 ocorrências). O número de recorrências deste termo é revelador da temática central do texto, que se desenvolve em redor do fortalecimento das relações e dos laços de confiança. Aliás, a palavra “relações” é usada cinco vezes, estando em algumas situações relacionada com nomes abstratos como “amizade”, “confiança” ou “cidadania” e noutras com adjetivos relacionais, como “profissionais” ou “sociais”.

Em seguida, com 6 ocorrências, surgem as palavras “pessoas” e “sociedade”. Embora tal facto possa ser coincidência, não deixa de ser curioso que entre estes vocábulos exista uma relação de meronímia (sendo “pessoas” o merónimo de “sociedade”), transmitindo a ideia de que um só existe com o outro. Também com 6 ocorrências destaca-se a forma verbal “queremos”, expressando a vontade do *nós institucional*. Ao usar o verbo volitivo não revela apenas o seu desejo, mas também se compromete com a realização de ações futuras, o que contribui para a construção de um *ethos de agente em potência*.

A expressão “os Portugueses” ocorre cinco vezes, ora usada como sujeito ora como complemento. A sua utilização é muito importante para a interpretação das formas verbais na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural e para a percepção do destinatário.

Os vocábulos “reformas” e “transformação(ões)”, com quatro ocorrências, são usados nos momentos expositivos referentes às ações futuras do governo. Atendendo ao conteúdo semântico destas palavras pode-se perceber que embora o executivo se mostre atuante, as medidas a implementar não constituem inovações, mas sim alterações ao sistema vigente, revelando uma certa atitude crítica face ao estado das estruturas. Considera-se, portanto, que a frequência destes vocábulos é importante para a construção do *ethos de agente em potência* e também do de *comentarista crítico*.

Com menor frequência aparecem os nomes “injustiças” (2 ocorrências) e “justiças” (3 ocorrências), usados para criar um efeito de contraste, respetivamente, entre o real e o desejável. A partir destes, revela-se o ponto de vista crítico do Locutor. Importa destacar que a palavra “justiça” é grafada com letra maiúscula numa das ocasiões, referindo-se não à virtude moral, mas sim ao poder judicial.

Para além da frequência dos vocábulos, também se estudaram outras questões importantes para o entendimento do texto, nomeadamente as ocorrências de elementos linguísticos marcadores da responsabilidade enunciativa. No que concerne o sujeito, verificou-se uma alternância entre um posicionamento individual e outro coletivo, que, por sua vez, se desdobra em diversas facetas. Durante a parte inicial do texto, o sujeito oscila entre a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular (“tomei”, “ouvi”, “escutei”, etc.) e a 3.<sup>a</sup> pessoa do plural (“partilharam”, “conseguiram”, “enfrentam”, etc.), porque está numa fase narrativa. Durante este relato, o sujeito refere-se aos Portugueses, às “pessoas” ou, mais restritivamente, aos “jovens” e aos “mais velhos”. Depois, evolui para a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, sendo usado ora em representação do coletivo governativo (“queremos colocar”, “temos de reformar”, etc.), ora do povo (“vivemos”, “temos”, “consideramos”).

A variação do sujeito, ilustrada no Gráfico 9, permite a construção de diversas representações do *Eu*, que visam dar resposta às expectativas do auditório<sup>67</sup>. Embora o *Nós nacional* seja ligeiramente predominante, o *Eu* também tem uma boa representação. A grande diferença entre estas duas pessoas gramaticais observa-se, especialmente, quando se analisam todos os pronomes possessivos, como releva o Gráfico 9.

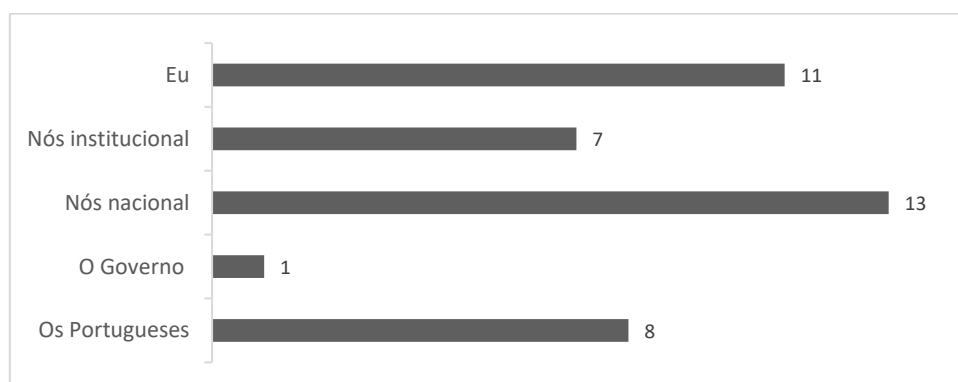


Gráfico 9 - Distribuição das pessoas nas formas verbais

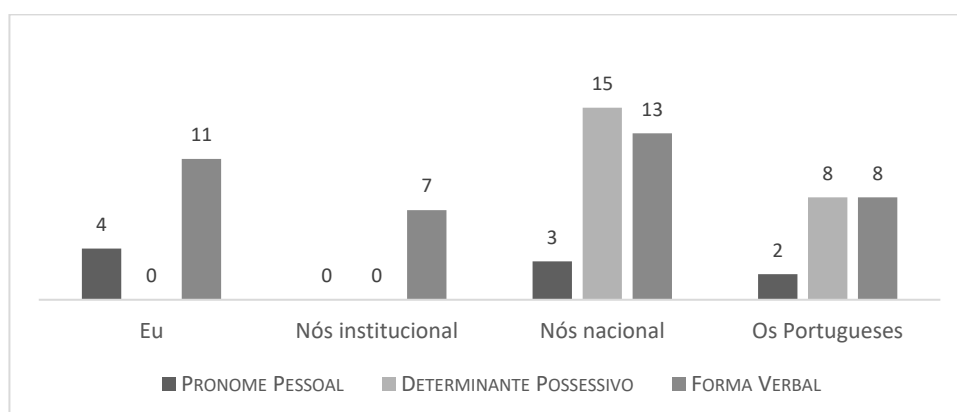


Gráfico 10 - Elementos gramaticais marcadores de sujeito

Como se pode observar o sujeito “os Portugueses” também é muito frequente neste texto. Ao contrário da utilização do *Nós nacional* em que se pretende mostrar a pertença ao mesmo grupo, naquele procura-se relatar as ações de uma outra entidade, sujeito da sequência narrativa (“muitas pessoas partilharam... não conseguiam pagar...”). Apesar de este sujeito ser justificado pela sequência prototípica,

<sup>67</sup> As imagens associadas ao sujeito individual pretendem ilustrar traços de personalidades (*ethos de carácter*), ao passo que as imagens relativas a competências profissionais (*ethos de função*) estão normalmente relacionadas com o sujeito coletivo. A este propósito sugere-se a leitura do Capítulo VII.

o seu uso promove um afastamento entre destinatário e Locutor, que aparenta assim não pertencer a este grupo de “portugueses”, como se nota na ft<sub>6</sub>.

A sequência narrativa acima mencionada é a razão pela qual o sujeito individual recorre ao PPFS nos dois primeiros parágrafos da MFA2011, para expor os factos que ocorreram no semestre anterior ao pronunciamento (“tomei”, “ouvi” e “escutei”). Depois, transita para o PRES, mostrando-se em conjugação com o tempo da enunciação.

Já os verbos que têm como sujeito o *Nós institucional* e o *Nós nacional* encontram-se no PRES (consultar Gráfico 11). Também as ações atribuídas aos portugueses se encontram neste tempo verbal (“enfrentam”, “querem”, “se veem”, etc.), com exceção das formas “partilharam” e “conseguiam”, respetivamente no PPFS e no PI, que se enquadram na sequência narrativa do início da mensagem. A única ocorrência do sujeito Governo materializa-se na perífrase “vai executar”.



Gráfico 11 - Tempos Verbais

#### 6.2.4.3. Síntese da análise

Como foi demonstrado ao longo desta exposição, a análise textual deu origem a diversos *ethè* ao longo da Mensagem Pt2011. Nos próximos quadros, encontram-se elencados todos os elementos textuais observados.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>68</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais (sujeito expresso <i>eu, comigo</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples ( <i>ouvi, escutei</i> ); Complementos diretos ( <i>muita gente, muitas palavras, muitos testemunhos</i> ); Verbos sensoriais ( <i>ouvir, escutar</i> ) e com valor afetivo ( <i>partilhar</i> ).	SE <sub>1</sub>	<b>Ouvinte:</b> líder que se dispõe a ouvir os outros.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples ( <i>tomei</i> ); Oração temporal ( <i>desde que tomei posse</i> ); Expressão temporal ( <i>nestes últimos 6 meses</i> ).	SE <sub>1</sub>	<b>Líder:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>queremos</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o governo</i> ) Verbos no Futuro com a Perífrase ( <i>vai executar</i> ); Perífrases volitiva ( <i>queremos criar</i> ) e de necessidade ( <i>temos de reformar</i> ); Verbo cognitivo (foram pensadas) + oração final ( <i>para fazer dos homens e das mulheres de todo o País os participantes ativos</i> ); Verbos de ação ( <i>executar, criar, reformar,...</i> ).	STT <sub>2</sub> STT <sub>5</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais (sujeito expresso <i>eu; me</i> ) Verbos no Presente do Indicativo ( <i>estou bem consciente</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>sabemos</i> ); Verbos epistémicos ( <i>estar consciente, saber</i> ); Advérbio apreciativo ( <i>bem</i> )	SE <sub>1</sub>	<b>Conhecedor:</b> tem a visão clara dos acontecimentos, porque processou e refletiu sobre as informações que possui.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>temos</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>2012, a crise...</i> ); Verbos no Futuro do Indicativo ( <i>será</i> ); Oração causal ( <i>porque temos muitos compromissos para honrar, muitos objetivos orçamentais e financeiros para cumprir</i> ).	SOT <sub>1</sub>	<b>Profetizador:</b> prevê ou antecipa o futuro.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>Uma sociedade, a degradação dos laços</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>preza</i> ) e no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>teve</i> ); Vocabulário apreciativo ( <i>prezar, devidamente, graves consequências...</i> ); Negação da perífrase <i>poder + infinitivo</i> ; negação do verbo <i>considerar</i> ; Esquema argumentativo causa-consequência	SE <sub>1</sub> STT <sub>2</sub> STT <sub>4</sub>	<b>Comentarista crítico:</b> ajuíza comportamentos ou situações
1.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais (sujeito expresso <i>eu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>compartilho, falo</i> ); Complemento oblíquo ( <i>com elas</i> ); Oração completiva ( <i>que as nossas estruturas e as nossas instituições...</i> );	SE <sub>1</sub>	<b>Empático:</b> identifica-se intelectual ou afetivamente com as outras pessoas.

<sup>68</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Pt2011 pode ser consultada no Apêndice 6.

Vocabulário com teor expressivo ( <i>compartilhar</i> ).		
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>sabemos, temos</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ) e pronominais ( <i>nos</i> ); Verbo no Imperativo Presente ( <i>aproveitemos</i> ) + oração final ( <i>para recobrar o fôlego</i> ); Perífrase com valor de futuro ( <i>vai valer a pena</i> );	STT <sub>4</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Guia:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.

Quadro 14 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2011

Vocábulo(s)	N.º de ocorrências	Ethè
Confiança	11	Guia, líder
Relações + amizade, confiança, cidadania	5	Guia, líder
Queremos	6	Agente em potência
Reformas	4	Agente em potência, comentarista crítico
Transformações	4	Agente em potência, comentarista crítico
Injustiça	2	Justo
Justiça	3	Justo

Quadro 15 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2011

### 6.2.5. Pt2012

#### 6.2.5.1. Análise qualitativa

A mensagem proferida por Passos Coelho a 25 de dezembro de 2012 não possui qualquer apóstrofe inicial, à semelhança do ano anterior. Embora a sua ausência possa ser compreendida pelo facto de já estar preparada, não deixa de fugir à norma das intervenções oficiais que começam com uma fórmula de abertura<sup>69</sup>.

A primeira frase tipográfica avança, de imediato, com um dos temas mais discutidos na sociedade portuguesa: a crise económica. Por esse motivo, o Locutor adota um posicionamento coletivo, em nome da população (1.ª pessoa do plural nas formas verbais “sabemos” e “pusemos”), de forma a demonstrar que comunga as dificuldades com os cidadãos.

<sup>69</sup> Através do visionamento da Mensagem de Fim de Ano de 2012, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=3Wk9J\\_e5l1g](https://www.youtube.com/watch?v=3Wk9J_e5l1g), é possível constatar que de facto não existiu qualquer fórmula de abertura e que não se tratou de uma omissão decorrente da passagem do texto para o suporte escrito.

A oposição construída pelos conectores “ainda não/mas já”, bem como pelas expressões idiomáticas “não pôr para trás das costas” e “lançar as bases de um futuro” põe em destaque a situação corrente do país e as perspectivas de futuro. Em ambos os casos se usa o verbo “saber”, indicando que este processo cognitivo é realizado pelo povo português e também pelo Locutor. Ora, a consciência deste relativamente à situação de Portugal faz sobressair a imagem de *conhecedor*.

Nas linhas seguintes continua-se esta dicotomia passado/futuro, recorrendo para tal aos conectores anteriormente mencionados e a uma isotopia bélica. As frases 3 e 4 incluem sentenças muito associadas ao ambiente militar (assinaladas a negrito no próximo excerto), que visam motivar e, em simultâneo, tranquilizar o auditório. Por esta razão entende-se que o Locutor passa uma imagem de *comandante*.

[ft<sub>3</sub>] Ainda não podemos **declarar vitória sobre** a crise, mas estamos hoje muito mais perto de o conseguir. [ft<sub>4</sub>] E uma **condição essencial para sermos vitoriosos** sobre a dívida e sobre o desemprego é acreditarmos em nós próprios.

O *ethos comandante*, no âmbito deste trabalho, não se assemelha à categoria estabelecida por Charaudeau, que a associa aos senhores da guerra. Aqui, o *ethos* tem alguns contornos semelhantes ao papel de líder, na medida em que pretende conduzir um grupo de pessoas, mas assume uma postura mais combativa e diretiva, não consentindo fracassos. Importa referir que, no contexto português, o Primeiro-Ministro não tem sob a sua alçada o comando das Forças Armadas, cabendo esse papel ao PR.

No segundo parágrafo, inicia-se um segmento dedicado à realização de algumas promessas (SOT<sub>1</sub>). Estas são demarcadas no tempo, não só através da expressão temporal “em 2013”, como também pelo Futuro Imperfeito da perifrástica “continuaremos a preparar” e pelo próprio complemento direto “o nosso futuro”. Assim, nesta frase desponta o *ethos agente em potência*, porque não só se mostra atuante no presente, como se compromete em sê-lo no futuro. Esta dualidade presente-futuro aparece na perifrástica de continuidade, que coloca o início da ação futura no momento presente. A imagem de *agente em potência* constitui um exemplar da categoria *ethè de função*, dado que se refere ao exercício de ações por parte do coletivo governativo (1.<sup>a</sup> pessoa do plural, isto é, *nós institucional*).

Consciente das dificuldades que os portugueses terão de enfrentar (veja-se o adjetivo “grandes” a classificar “os desafios e as tarefas”), o Locutor faz um apelo que pode ser, simultaneamente, interpretado como um compromisso devido ao uso da perifrástica deôntica “teremos de responder”. Esta perífrase de obrigação no futuro compromete o Locutor e o auditório com a ação, como tal pode ser vista como uma marca tanto do *ethos agente em potência*, como do *ethos guia*.

[ft<sub>9</sub>] **Teremos de responder** a essas incertezas com as nossas certezas, as certezas que partilhamos como povo: a **certeza de que** vamos ultrapassar as atuais dificuldades, a **certeza de que** Portugal é capaz de reformar o Estado e as suas instituições, a **certeza de que** queremos uma sociedade mais justa do que foi até hoje, a **certeza de que** a nossa economia será competitiva no mundo globalizado, a **certeza de que** os dias mais prósperos e mais felizes do nosso País estão à nossa frente.

Recorrendo a um paralelismo, são apresentadas cinco ferramentas (nomeadas de “certezas”) para ultrapassar a crise, algumas das quais dependem da intervenção governativa, nomeadamente a reforma do Estado e das instituições e o aumento da competitividade da economia portuguesa. A utilização da expressão epistémica “a certeza de que” com a perifrástica de futuro (“vamos ultrapassar”) ou com o futuro imperfeito “será” faz com que este trecho se assemelhe a um augúrio. Devido à materialidade linguística aqui presente, identifica-se a imagem de *profetizador*.

Segue-se um momento narrativo, que tem como intuito introduzir uma crítica. Começa-se, portanto, com a oração temporal que remete para o período de junho de 2011 (SOT<sub>2</sub>), período em que o governo anterior, liderado por José Sócrates, assinou o programa de ajuda externa.

3§ [ft<sub>10</sub>] **Quando este Governo tomou posse**, Portugal tinha acabado de assinar um programa de ajuda financeira com instituições internacionais, um programa cujo valor global equivalia a quase metade de toda a riqueza que produzimos num ano. [ft<sub>11</sub>] Este programa implicava a realização de avaliações regulares e impunha uma longa lista de medidas desenhadas para recuperar as nossas finanças públicas e a competitividade da nossa economia.

O uso do Pretérito Mais-que-perfeito Composto “tinha acabado” revela a proximidade entre a assinatura do programa e a tomada de posse do governo encabeçado pelo Locutor deste texto. A 23 de março de 2011, José Sócrates

apresentou a demissão ao PR após o chumbo do Programa de Estabilidade e Crescimento no Parlamento por todos os partidos da oposição. Esta situação levou à realização de eleições legislativas, a 5 de junho de 2011, das quais saiu vencedor o PSD. Não obstante a troca de partido político no poder, os compromissos assinados com a Troika tinham de ser cumpridos. O léxico selecionado, em particular os verbos “implicar” e “impor”, são claros quanto às características do programa e denotam a opinião do Locutor sobre os mesmos, o que fornece uma visão sobre o caráter impositivo do programa.

A decisão tomada pelo governo anterior é alvo de críticas por parte do Locutor, sobretudo com a ft<sub>13</sub> e com parte da ft<sub>14</sub>.

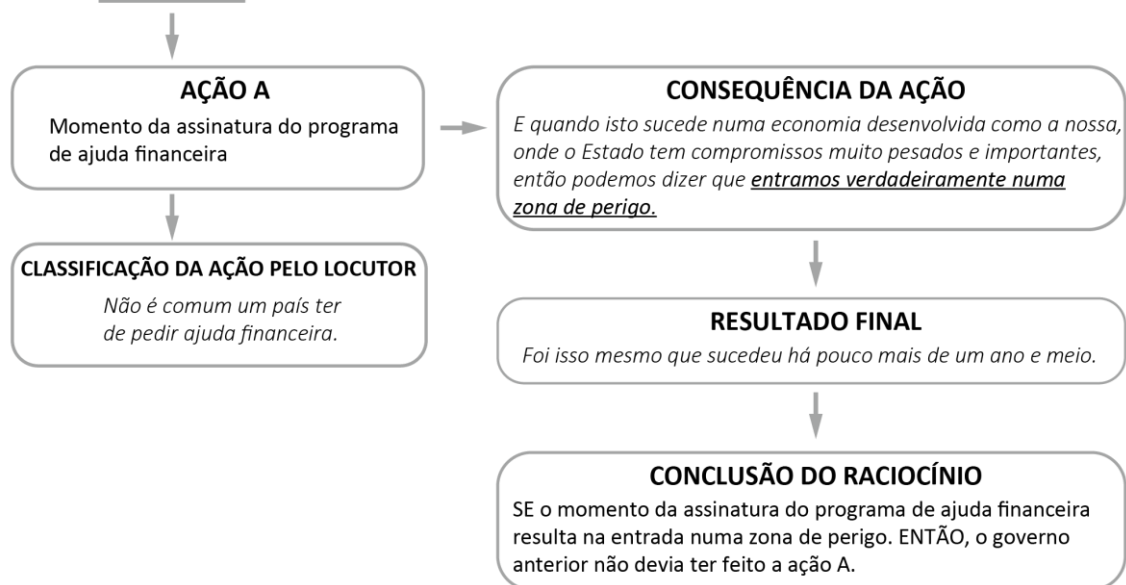
[ft<sub>13</sub>] Não é comum um país ter de pedir ajuda financeira. [ft<sub>14</sub>] E quando isto sucede numa economia desenvolvida como a nossa, onde o Estado tem compromissos muito pesados e importantes, então podemos dizer que entramos verdadeiramente numa zona de perigo. [ft<sub>15</sub>] Foi isso mesmo que sucedeu há pouco mais de um ano e meio.

A expressão “zona de perigo” é utilizada para aumentar a gravidade da situação vivida por Portugal, fazendo com o que público se sinta retraído. A referência àquela expressão visa jogar com as emoções (*pathos*), em especial com o medo. Ainda que este possa funcionar como instrumento de prevenção, impedindo a ocorrência de situações nefastas devido ao conhecimento das consequências que delas advém, também pode operar como condicionador, pois o indivíduo vai mobilizar o seu sistema de defesa contra a ameaça.

O efeito patémico desta expressão, bem como o facto de apontar a excecionalidade do pedido de ajuda externa influenciam o estado de espírito do auditório e preparam-no para receber, positivamente, a crítica que o Locutor tece. Nesta salienta-se o uso do indefinido “todos” que convoca a voz da população, isto é, a apreciação deixa de ser exclusivamente do sujeito individual para ser dos portugueses, pois todos partilham a mesma opinião.

O argumento que valida a sua crítica sustenta-se na relação entre factos/ações e consequências, como em seguida se esquematiza.

“Julgo que nesse momento todos [os portugueses] terão percebido que iríamos iniciar um período de grandes dificuldades.”



Tanto a apreciação da ft<sub>13</sub>, afirmando que a ação A é inusitada, como também a constatação do seu resultado na ft<sub>15</sub>, conduzem a uma conclusão que se constitui como uma crítica ao comportamento do governo anterior, questionando as suas ações. Este facto lança dúvidas sobre a competência dos seus predecessores e faz do Locutor um *comentarista crítico*.

Com a mudança de parágrafo, muda-se também o foco e o tom, passando a exortar-se a coragem dos portugueses.

5§ [ft<sub>16</sub>] Já o disse, e torno hoje a dizê-lo: para mim não existe forma mais elevada de coragem do que aquela que tem sido diariamente demonstrada pelos Portugueses. [ft<sub>17</sub>] Não existe forma mais elevada de coragem do que enfrentar diariamente novas dificuldades, sem nunca desesperar. [ft<sub>18</sub>] Sem fingir que estas dificuldades não existem. [ft<sub>19</sub>] Sem as empurrar para outros. [ft<sub>20</sub>] Sem renunciar às nossas responsabilidades, que subitamente se tornaram mais pesadas.

Neste excerto, o Locutor, assumindo uma posição pessoal (1.<sup>a</sup> pessoa do singular das formas verbais “disse” e “torno”, bem como do pronome pessoal “mim”), revela o seu reconhecimento perante a atitude dos portugueses. Deste parágrafo destaca-se a repetição do comparativo de superioridade (“forma mais elevada de coragem do que”) e a estrutura paralelística iniciada pela preposição “sem”.

Se a atribuição do mérito já é, por si só, uma característica positiva do ponto de vista do auditório, o facto de o fazer repetidamente (atente-se na forma “disse” e no

composto verbal “torno a dizer”), ainda tem mais impacto sobre o outro. A imagem de *meritocrata* aqui construída tem, portanto, dupla função: por um lado mostra um lado da personalidade do Locutor (daí se considerar um *ethos* de personalidade) e, por outro, gera no auditório um sentimento de agradecimento que pode ter efeitos.

Nas linhas seguintes abandona-se a focalização individual e adota-se um posicionamento coletivo, ora em representação do país, ora em representação do governo. A apresentação dos resultados da ação governativa introduzida pela ft<sub>21</sub> revela a ocorrência de reações negativas em relação às medidas implementadas. Tal ideia provém da interpretação dos elementos linguísticos da seguinte frase:

[ft<sub>21</sub>] As **dificuldades do presente nem sempre nos deixam ver** o que conquistamos com a coragem de todos, mas sabemos a sua importância.

A seleção das “dificuldades” sentidas pelos portugueses e o uso da expressão verbal “deixam ver”, negada pela locução “nem sempre”, levam a concluir que alguns cidadãos podem não ter compreendido os resultados das medidas aplicadas. De facto, a realidade portuguesa de 2012 foi marcada por inúmeras greves que traduziram o descontentamento dos cidadãos. Segundo a Base de Dados Portugal Contemporâneo, em 2012 registaram-se 127 num total de 113 dias de trabalho perdidos (PORDATA, 2015).

Embora o pronome “nos” e a forma verbal “sabemos” constante do trecho pretenda referir-se aos portugueses, a verdade é que pelo número de greves não é um sentimento partilhado por todos os cidadãos. Por este motivo, a frase, sobretudo a sua parte final, é uma mensagem endereçada aos portugueses, para que reconheçam as conquistas alcançadas. Curiosamente estas conquistas, que vão ser elencadas no próximo segmento (SOT<sub>3</sub>), são atribuídas a “todos”, muito embora sejam da responsabilidade do governo. Isto tem, obviamente, um objetivo estratégico, pois ao atribuir-lhes a corresponsabilidade do sucesso vai provocar um sentimento de orgulho e de felicidade que pode ser proveitoso no futuro.

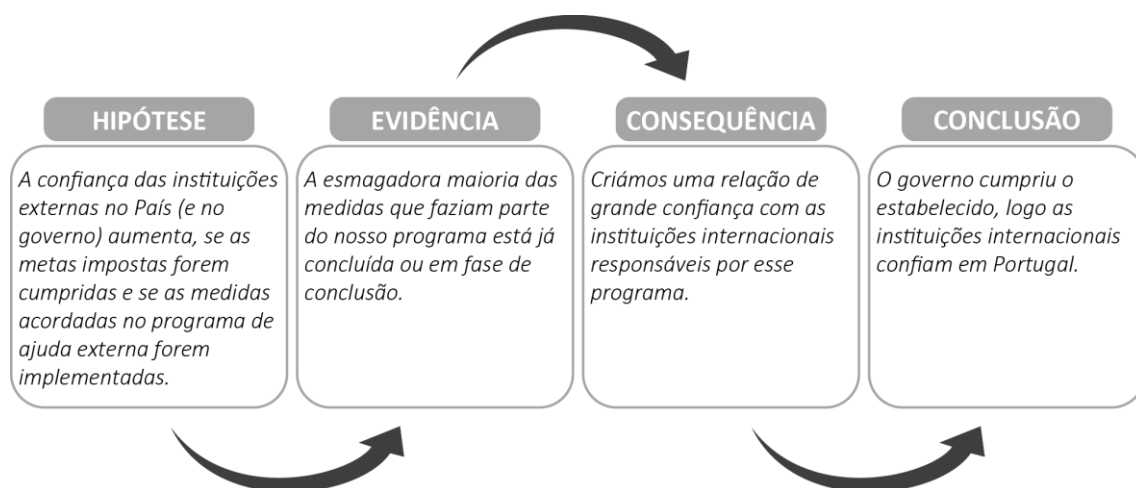
Só na frase tipográfica 22 começam, efetivamente, a ser apresentadas as conquistas. A enumeração das medidas implementadas indicia, de imediato, a apreciação que o Locutor faz da atuação do governo (STT<sub>3</sub>). Com a seleção do adjetivo “esmagadora” a qualificar o grupo “maioria das medidas”, procede-se à ênfase da

competência do governo. Quer o grupo nominal, quer a expressão “em fase de conclusão” são reveladores de uma certa humildade, pois assumem a não conclusão de certas medidas. Aqui é necessário clarificar o sentido da palavra “programa”, que se refere aos acordos firmados com a Troika. Algumas das medidas a que genericamente o Locutor se refere incluíam: adoção de um orçamento retificativo, operacionalização do Conselho das Finanças Públicas, criação de novas regras para avaliação das Parcerias Público-Privadas, supervisão do cumprimento do plano de assistência financeira à Região Autónoma da Madeira, venda da posição do Estado da EDP e na REN, criação de legislação para regular a criação e o funcionamento do Sector Empresarial do Estado, aplicação de uma nova moldura orçamental a nível local e regional (Económico & Lusa, 2012).

Após uma referência geral às medidas concluídas, procura-se enunciar as ações, usando para tal verbos transitivos na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural do Pretérito Perfeito do Indicativo (“criámos”, “transformámos”, “iniciámos”), cujo sujeito é o *nós institucional*. Estes elementos linguísticos conduzem à construção de uma imagem de *competência*, que, conforme já comentado, é crucial para manter a confiança no governo.

[ft<sub>24</sub>] **Criámos uma relação de grande confiança** com as instituições internacionais responsáveis por esse programa. [ft<sub>25</sub>] **Transformámos alguns aspetos da nossa economia** que sempre tinham sido obstáculos ao investimento e à criação de riqueza e que em muitos casos se mantinha fechada à participação de todos. [ft<sub>26</sub>] **Iniciámos um processo de reforma das estruturas e funções do Estado**, um processo tantas vezes adiado, aqui como noutros países, mas que é agora inadiável, para nós como para os nossos parceiros europeus.

Os dois momentos acima reproduzidos (ft<sub>23</sub> a ft<sub>26</sub>) são interligados pelo esquema argumentativo consequência, esquematizado em seguida.



A conclusão final registada na ft<sub>24</sub> vem comprovar a hipótese implícita a toda a argumentação: em todas as circunstâncias da vida, para ganhar a confiança de alguém, é preciso ter atitudes positivas que manifestem esforço e responsabilidade. Ora, aqui foi precisamente o que aconteceu, segundo o Locutor. Dado que os discursos dos responsáveis políticos são altamente escrutinados pelos adversários e comentadores, esta afirmação tem de possuir um cunho de verdade. As pesquisas realizadas pela investigadora revelaram comentários positivos de alguns intervenientes nas instituições internacionais<sup>70</sup>, o que assegura a veracidade da afirmação.

Mas no decurso da exposição sobre as medidas implementadas pelo governo há também oportunidade para tecer alguns comentários em relação aos governos anteriores.

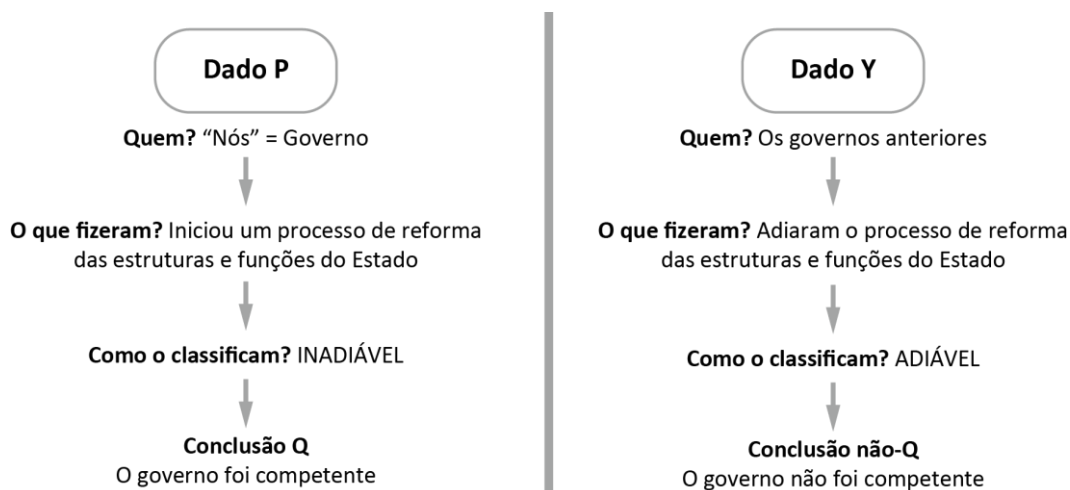
[ft<sub>25</sub>] Transformámos alguns aspetos da nossa economia que sempre tinham sido obstáculos ao investimento e à criação de riqueza e que em muitos casos se mantinha fechada à participação de todos. [ft<sub>26</sub>] **Iniciámos** um processo de reforma das estruturas e funções do Estado, um processo tantas vezes adiado, aqui como noutros países, mas que é agora inadiável, para nós como para os nossos parceiros europeus.

O verbo “transformámos” sugere uma mudança, indiciando a existência de um problema; ora, o problema a que o Locutor se refere são os “obstáculos a investimento

---

<sup>70</sup> Olli Rehn, comissário europeu dos Assuntos Económicos e Monetários, afirmou a 14 de março de 2012: “O programa está a seguir o ritmo certo. É importante que o esforço continue para reforçar a confiança internacional e para o cumprimento das metas relativas ao défice externo”. (CPS, 2012). O mesmo refirou, em novembro de 2012, que «a confiança nas perspetivas de Portugal continua a crescer, tanto entre os parceiros institucionais como entre os participantes de mercado. Isto é positivo para o regresso de Portugal ao total financiamento de mercado». (Jornal de Notícias, 2012).

e à criação de riqueza” que assolavam o país, como indica o advérbio e Pretérito Mais-que-perfeito (“sempre tinham sido”). Na frase seguinte, o verbo “iniciar”, por ter um valor incoativo, indica um processo em desenvolvimento e, simultaneamente, demonstra uma tomada de atitude, valorizada pelo contraponto com os governos anteriores. A crítica endereçada aos anteriores governantes pode ser vista quer na expressão “um processo tantas vezes adiado, aqui”, quer no seguinte raciocínio prático:



Após o confronto entre a atuação competente do atual governo e a dos anteriores, da qual desponta a imagem de *comentarista crítico*, o Locutor procede a uma autoscopia (STT<sub>4</sub>).

[ft<sub>27</sub>] Nalguns aspetos temos de continuar o trabalho que fizemos até aqui. [ft<sub>28</sub>]  
Noutros temos certamente de melhorar, e noutros ainda haverá novas tarefas no futuro próximo. [ft<sub>29</sub>] Mas há muito que não tínhamos um caminho aberto para fazer tudo isto, e uma oportunidade que é finalmente nossa para agarrar com ambas as mãos.

O nome “aspetos”, associado aos indefinidos “nalguns” e “noutros”, introduz uma enumeração dos pontos em análise. Na globalidade, a ideia que se retira deste excerto é que o governo foi competente; por exemplo, com o verbo “continuar” e o complemento “o trabalho que fizemos até aqui”, o Locutor indica que as medidas executadas foram profícuas e com o verbo “melhorar”, ele mostra que, embora não sejam perfeitas, algumas ações tiveram pontos positivos. Há ainda espaço para uma promessa, materializada pelo Futuro Imperfeito do Indicativo “haverá” [ft<sub>28</sub>] e pela

expressão temporal “no futuro próximo” [ft<sub>28</sub>], antes de proceder à conclusão do segmento. O remate, iniciado pelo conector opositivo “mas”, contém o mesmo tom crítico devido à expressão “há muito” e do Pretérito Imperfeito “não tínhamos”, embora a intenção seja transmitir esperança e confiança ao auditório. Para terminar de forma positiva o segmento, o Locutor usa as expressões “caminho aberto” (ausência de obstáculos ao contrário do que sucedia anteriormente) e “oportunidade”. Ainda nesta frase destaca-se o uso da expressão coloquial “agarrar com ambas as mãos” não só para mostrar a necessidade de aproveitar o momento, como também para promover uma aproximação com a instância cidadã.

A polaridade temporal (presente, passado e futuro) deste excerto também é muito revelante, pois demonstra o reconhecimento da necessidade de continuar a trabalhar, ao mesmo tempo que se assume, no presente, o compromisso de o fazer no futuro.

Devido às marcas linguísticas acima descritas, considera-se que o Locutor passa uma imagem de *analista*.

Os parágrafos seguintes, unidos pelos organizadores “primeiro” e “segundo”, constituem um novo segmento temático (STT<sub>5</sub>), no qual se formulam compromissos através de léxico com valor deôntico (“obrigação” e “dupla garantia”) e também do Futuro Imperfeito (“continuarão”, “beneficiarão” e “criaremos”).

8§ [ft<sub>30</sub>] A minha obrigação neste momento é oferecer uma dupla garantia. [ft<sub>31</sub>]

**Primeiro**, a de que todos **foram e continuarão a ser chamados** a participar neste esforço nacional.

9§ [ft<sub>32</sub>] **Segundo**, a de que todos **beneficiarão** das novas oportunidades que **criaremos** nos próximos anos.

O compromisso é realizado na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, mas devido ao teor das promessas percebe-se que fala em nome do governo. Com o uso combinado do Pretérito Perfeito (“foram”) e do Futuro Imperfeito do verbo continuar, o Locutor revela a competência do governo e, em simultâneo, a sua vontade de agir. A perífrase “ser chamados a participar” procura atenuar o impacto obrigatório da ação, que mais não é do que o respeito dos acordos estipulados no programa de ajuda externa.

Segue-se novo momento de análise e de exposição do ponto de vista do Locutor, introduzido pela forma verbal “julgo” na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do Presente do Indicativo. Esta forma apreciativa inicia uma sequência onde se apresenta, por via de um juízo de valor, a competência das medidas implementadas pelo governo.

[ft<sub>33</sub>] Julgo que foi um **imperativo de justiça** que aqueles que vivem com mais recursos económicos tenham sido chamados a dar um contributo maior **para que - por exemplo -** nove em cada dez reformados não tenham sido atingidos por cortes ou reduções nas suas pensões. [ft<sub>34</sub>] **Conseguimos mesmo**, pelo segundo ano consecutivo, atualizar as pensões mínimas acima da inflação.

Nesta frase sobressai a expressão “imperativo de justiça” atribuída à exigência de maiores impostos aos mais ricos, pois revela a opinião do Locutor sobre a dita ação. No seu entender, a medida constituía-se como obrigatória, para que outros (neste caso os reformados) não fossem penalizados. Também é interessante o uso do vocábulo “contributo” em substituição de impostos que, uma vez mais, serve para controlar o efeito emocional que estas palavras exercem sobre a população. Ao opor duas realidades tão díspares da sociedade portuguesa (os mais ricos e os reformados), manipulam-se as emoções do auditório e revela-se um lado humano até então pouco manifestado.

Se na ft<sub>33</sub> a demonstração da competência do governo ocorre de forma discreta, na ft<sub>34</sub> já não há pruridos. A forma verbal “consequimos” (no PPS) e a expressão “pelo segundo ano consecutivo”, destacada por meio de vírgulas (o que lhe confere mais força), fazem despontar o *ethos competente*.

O nono parágrafo termina com novo compromisso, através do qual se constrói, uma vez mais, a imagem de *agente em potência*. O verbo “cumprir” usado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular de forma impessoal introduz um compromisso que reside em evitar que alguns portugueses não aproveitem as oportunidades. Essa ação deve ser tomada de imediato (advérbio “agora”) e é absolutamente necessária (o verbo tem esse caráter vinculativo).

[ft<sub>35</sub>] **Cumpre** agora garantir que ninguém sairá desta crise sem a capacidade plena de aproveitar essas oportunidades. [ft<sub>36</sub>] **Ninguém** que esteve presente nos piores momentos da crise, com a sua coragem e o seu esforço, **será deixado para trás** nos anos de oportunidade que temos pela frente.

Mas neste parágrafo há ainda margem para o surgimento de um outro *ethos*, o de *comandante*, a partir da expressão bélica “ninguém será deixado para trás”. Embora a sua origem seja difícil de datar, supõe-se que a expressão (em inglês “no one is left behind”) tenha surgido no auto de fé dos Rangers, em 1974, redigido pelo Major Gentry. Atualmente é uma asserção muito utilizada em filmes e é o nome de uma organização não-governamental americana<sup>71</sup>. Devido ao facto de recuperar uma máxima militar para mostrar o seu nível de compromisso, considera-se que o Locutor passa a imagem de *comandante*.

O décimo parágrafo marca a peroração, durante a qual, e à semelhança de MFA anteriores, se mencionam os portugueses que estão fora do território nacional e se deixa um conselho, com a perífrase deôntica “devemos lembrar” e com a expressão “é nossa obrigação”. Ao fazer referência àqueles portugueses (“comunidades portuguesas e todos os emigrantes no estrangeiro”, “militares em missões noutras regiões do planeta”), o Locutor passa uma imagem de *patriota*.

Mas o conselho não termina aqui; com a perífrase de possibilidade “podemos fazer”, ele indica ações que devem ser executadas por todos os portugueses, ações essa que revelam uma faceta *humana*. Vejam-se as expressões empregadas para criar uma reação emocional no auditório: “ajudar quem mais sofre, quem perdeu o emprego, ou quem teve de adiar os seus sonhos ou projetos”, “não esquecer – nunca esquecer – os que mais sofrem”.

Antes de concluir, convém referir a ft<sub>42</sub> (“Estes anos difíceis irão passar, não tenhamos dúvidas.”), pois o seu conteúdo linguístico, nomeadamente o Futuro e a negação final, servem para tranquilizar o público devido ao seu tom profético. Por este motivo, entende-se que o *ethos* pode ser *guia* e, simultaneamente, *profetizador*.

#### 6.2.5.2. Análise quantitativa

Na MFA Pt2012 sobressaíram alguns vocábulos relevantes na construção dos *ethè*. Por exemplo, o indefinido “todos” (7 ocorrências) assume uma importância vital no decurso do texto, pois não só indica o sujeito de algumas ações, como determina o

---

<sup>71</sup> <http://nooneleft.org/who-we-are/about-us/>.

possuidor de certas características (ex.: “conquistamos com a coragem de todos”). Este “todos” promove um certo distanciamento entre Locutor e auditório, sobretudo quando o Locutor alude a situações que vão recair sobre aquele (como no trecho: “todos beneficiarão de...”); no entanto há uma circunstância em que o “todos” engloba o Locutor, o que aproxima as duas entidades (“todos podemos fazer um pouco mais para ajudar quem mais sofre”). Neste último caso, a inclusão do Locutor no mesmo grupo que os cidadãos confere mais peso ao seu conselho, fortalecendo a imagem de *guia* que procura criar.

A recorrência dos nomes “ano(s)” (9 ocorrências) e “momento” (6 ocorrências) é explicada pela tentativa de localizar as ações no tempo. Portanto, pode ser usada para construir a *imagem de competência*, dando conta das medidas implementadas, ou para proceder à distinção entre o trabalho produzido pelo executivo atual por comparação com os anteriores, estratégia usada para passar a *imagem de comentarista crítico*, ou ainda para abordar as intenções próprias do *ethos agente em potência*.

A palavra “certeza” ocorre numa sequência argumentativa que, partindo da crença da comunidade, visa incentivar o povo a tomar determinadas atitudes. O facto de assumir uma estrutura paralelística (repete-se, por cinco vezes, a expressão “a certeza de que”) atribui um maior peso ao argumento, em virtude da cadência que imprime ao discurso.

O vocábulo “dificuldades” (5 ocorrências) está, em certa medida, na origem e é resultado do “programa” de assistência, uma vez que são um dos sintomas dos problemas financeiros experienciados por Portugal e uma das consequências das medidas do próprio programa. Assim, a referência às dificuldades permite, por um lado, mostrar um lado empático (*ethos humano*), que se solidariza com o auditório, e por outro critica a atuação do executivo que o precedeu (*ethos comentarista crítico*). Devido ao volume de obstáculos que o povo enfrenta, o Locutor apela à “coragem” do auditório, construindo nesses momentos a *imagem de guia*.

Por fim, importa destacar o número de ocorrências de duas outras palavras que dizem respeito ao tema central deste texto: “crise” e “economia” (ambas com 4 ocorrências).

Além da observação do léxico, também se efetuaram análises quantitativas a alguns elementos considerados relevantes para a construção dos *ethè*. Estas revelaram o predomínio de formas verbais na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, usadas em nome de uma entidade coletiva representativa do povo (*nós nacional*), como atesta o próximo gráfico.

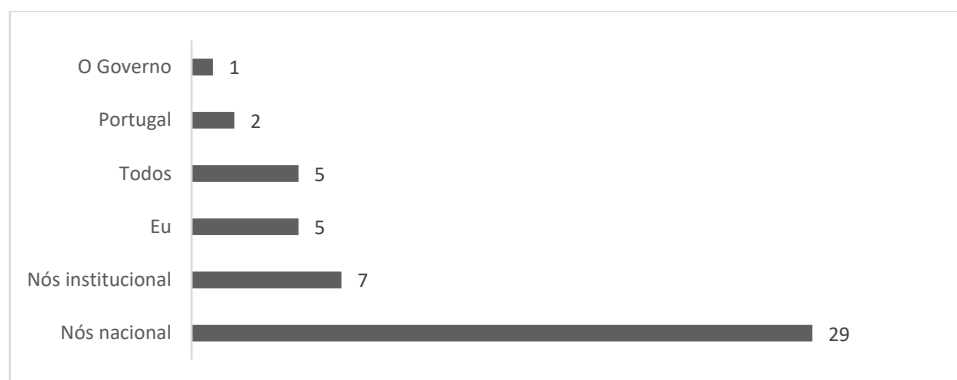


Gráfico 12 - Distribuição dos índices de pessoas

O uso deste *nós nacional* suplanta em larga escala os outros posicionamentos, tendo impacto nos tipos de imagem construídos. Com o recurso a este elemento linguístico, o Locutor coloca-se numa posição de igualdade face ao destinatário, mostrando-se como um membro integrante do povo. A humanização do Locutor resulta na prevalência de *ethè* individuais em detrimento dos institucionais (imagens do governo), usados em algumas intervenções, cujo objetivo é demonstrar a(s) qualidade(s) do executivo. Para além disso, a mensagem adquire um tom mais intimista e próximo, logo mais apto à manipulação dos sentimentos e emoções do auditório. Assim, *ethos* e *pathos* trabalham em conjunto para aumentar a carga persuasiva do texto.

Considerando a importância do *nós nacional* neste texto, efetuou-se uma análise da distribuição do índice de pessoas pelas classes gramaticais. Como seria expectável, as formas verbais dominam as ocorrências e os pronomes pessoais são bastante diminutos, o que pode ser explicado pela elisão do pronome de sujeito comum na oralidade. Já os pronomes possessivos são frequentemente usados nos compostos *artigo + pronome possessivo + nome* (“a nossa história”, “as nossas

certezas”), transmitindo uma ideia de comunidade e de partilha por vezes mais forte do que a própria forma verbal.

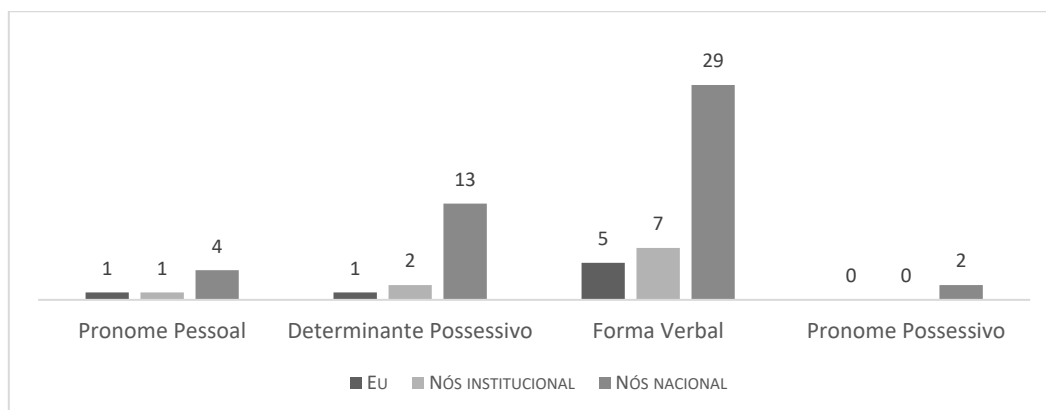


Gráfico 13 - Classes gramaticais/sujeito

Relativamente aos tempos verbais, constatou-se a prevalência do PRES, seguido pelo FUT no caso do sujeito dominante neste texto. Este facto indica que ao longo da intervenção se falam de situações atuais, do conhecimento dos ouvintes/leitores, ou de expectativas em relação ao futuro. Dado que em português, este tempo verbal tem vindo a ser substituído pela perífrástica “ir + infinitivo”, o número de ocorrências que abaixo se repertoria inclui estes compostos. O recurso ao FUT é uma das ferramentas usadas para a construção dos *ethè guida* e *profetizador*.

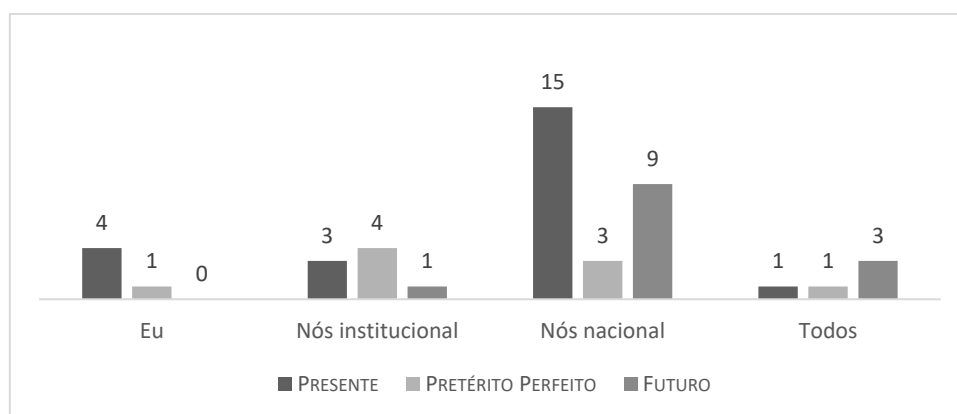


Gráfico 14 - Tempos verbais dos principais sujeitos

No que diz respeito aos tempos em que se encontram as formas verbais do *nós institucional*, os valores são bastante mais equilibrados, sobretudo relativamente ao

PRES e ao PPFS. Este é usado nos momentos em que se apresentam os resultados da intervenção do governo, logo fulcral para a construção do *ethos competente*.

O PRES das formas de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular implica o Locutor na ação, o que significa que a opinião e os sentimentos que expressa sobre determinadas matérias são concomitantes ao momento da enunciação. A única ocorrência do PPFS serve para introduzir uma sequência narrativa, durante a qual se constrói o *ethos meritocrata*.

### 6.2.5.3. Síntese da análise

A análise textual revelou a existência de diversos *ethè*, construídos a partir de materialidade linguística específica. O quadro que se segue apresenta, de forma sumária, os dados obtidos.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>72</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
1. <sup>a</sup> Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Verbos no Presente ( <i>sabemos</i> ) e Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>pusemos</i> ); Frases negativas ( <i>não podemos, não pusemos</i> ); Vocabulário com cariz apreciativo ( <i>ano de grandes sacrifícios para os portugueses, ainda não pusemos esta grave crise atrás das costas, estamos hoje mais perto de o conseguirmos</i> ); Verbo cognitivo ( <i>saber</i> ); Esquema argumentativo falacioso opinião popular.	SE <sub>1</sub>	<b>Conhecedor:</b> tem a visão clara dos acontecimentos, porque processou e refletiu sobre as informações que possui.
1. <sup>a</sup> Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>estamos</i> ); Frase complexa do tipo objetivo-condição ( <i>E uma condição essencial para sermos vitoriosos sobre a dívida e sobre o desemprego é acreditarmos em nós próprios</i> ); Isotopias e expressões do domínio militar ( <i>declarar vitória, sermos vitoriosos, ninguém será deixado para trás</i> ).	SE <sub>1</sub> STT <sub>5</sub>	<b>Comandante:</b> assume o comando militar do país.
1. <sup>a</sup> Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>continuaremos</i> ); Perifrástica de continuidade ( <i>continuaremos a preparar</i> ).	SOT <sub>1</sub> STT <sub>1</sub> STT <sub>5</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas.
1. <sup>a</sup> Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>teremos</i> ); Perifrástica de obrigação ( <i>teremos de responder</i> ).	STT <sub>1</sub> SE <sub>3</sub>	<b>Guia:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.
1. <sup>a</sup> Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Perifrástica com valor de futuro ( <i>vamos ultrapassar</i> );	STT <sub>1</sub> SE <sub>3</sub>	<b>Profetizador:</b> prevê ou antecipa o futuro.

<sup>72</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Pt2012 pode ser consultada no Apêndice 7.

<p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>a nossa economia</i>);</p> <p>Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo (<i>será</i>);</p> <p>3.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito expresso <i>os dias mais prósperos</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo com valor de futuro (<i>estão à nossa frente</i>);</p> <p>Expressão temporal (<i>em 2013</i>)</p> <p>Vocabulário com valor epistémico (<i>a certeza</i>)</p>		
<p>1.ª Pessoa singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>julgo</i>);</p> <p>Vocabulário com teor apreciativo (<i>julgo; não é comum, podemos dizer que entramos numa zona de perigo; um processo tantas vezes adiado</i>);</p> <p>Esquemas argumentativos consequência e opinião popular.</p>	<p>STT<sub>2</sub></p> <p>STT<sub>3</sub></p>	<p><b>Comentarista crítico:</b> ajuíza comportamentos ou situações.</p>
<p>1.ª Pessoa singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i>) e pronominais (<i>mim</i>);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples (<i>disse</i>) e no Presente do Indicativo (<i>torno a dizê-lo</i>);</p> <p>Estrutura comparativa (<i>mais elevada de coragem do que</i>);</p> <p>Paralelismo (<i>não existe forma mais elevada de coragem do que...; sem + verbo no infinitivo</i>).</p>	<p>SE<sub>2</sub></p>	<p><b>Meritocrata:</b> reconhece o mérito das ações a outros.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples (<i>criámos, transformámos, iniciámos</i>);</p> <p>Perifrástica de estado (<i>está concluída</i>);</p> <p>Verbo + complemento direto (<i>relação de confiança, alguns aspetos da nossa economia, um processo de reforma das estruturas e funções do Estado</i>);</p> <p>Verbos de ação (<i>criar, transformar, iniciar</i>);</p> <p>Adjetivo apreciativo <i>grande</i>;</p> <p>Esquema argumentativo hipótese à evidência.</p>	<p>SOT<sub>3</sub></p> <p>STT<sub>3</sub></p> <p>STT<sub>5</sub></p>	<p><b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Presente (<i>temos</i>), e no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>fizemos</i>);</p> <p>3.ª pessoa do singular das formas verbais (sujeito nulo);</p> <p>Verbos no Futuro do Indicativo (<i>haverá</i>);</p> <p>Perifrástica com valor de obrigação (<i>temos de continuar</i>);</p> <p>Modificador (<i>nalguns aspetos..., noutros..., noutros ainda...</i>);</p> <p>Expressões temporais (<i>no futuro próximo</i>);</p>	<p>STT<sub>4</sub></p>	<p><b>Analista:</b> analisa uma situação na qual, por norma, está envolvido.</p>
<p>1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>julgo</i>);</p> <p>Oração final (<i>para que nove em cada dez reformados não tenham sido atingidos por cortes ou reduções nas suas pensões</i>);</p> <p>Conector exemplificativo (<i>por exemplo</i>);</p> <p>Vocabulário apreciativo (<i>julgo; imperativo de justiça</i>);</p> <p>Perífrase estilística (<i>aqueles que vivem com mais recursos... contributo maior</i>).</p>	<p>STT<sub>5</sub></p>	<p><b>Justo:</b> revela-se imparcial e equitativo.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>devemos</i>) ou Infinitivo Pessoal (<i>recordarmos</i>);</p> <p>Perífrase com valor de necessidade (<i>devemos lembrar</i>);</p>	<p>SE<sub>3</sub></p>	<p><b>Patriota:</b> defende ou refere o seu país ou os cidadãos que o compõem.</p>

Léxico ( <i>as comunidades portuguesas e todos os emigrantes no estrangeiro, ou os nossos militares em missões noutras regiões do planeta</i> ); Esquema argumentativo falacioso opinião popular.		
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>podemos</i> ); Perífrase com valor de possibilidade ( <i>podemos ajudar</i> ); Oração final ( <i>para ajudar quem mais sofre</i> ); Léxico ( <i>ajudar quem mais sofre, quem perdeu o emprego, ou quem teve de adiar os seus sonhos ou projetos</i> ).	SE <sub>3</sub>	<b>Humano:</b> demonstra bondade e compaixão perante a situação vivida por outros.

Quadro 16 - *Ethè* e características textuais e organizacionais na Pt2012

No quadro seguinte elencam-se alguns vocábulos com expressão na construção dos *ethè* na MFA Pt2012.

Vocábulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Ano	9	Conhecedor
Momento	6	Conhecedor
Certeza	5	Guia, profetizador
Dificuldades	5	Humano, comentarista crítico
Coragem	4	Guia, meritocrata
Crise	4	Conhecedor, competente, agente em potência
Economia	4	Competente, agente em potência

Quadro 17 - Relação frequência vocabular/*ethè* na Pt2012

## 6.2.6. Pt2013

### 6.2.6.1. Análise qualitativa

No final de 2013, Pedro Passos Coelho, na qualidade de Primeiro-Ministro de Portugal, proferiu a tradicional Mensagem de Final de Ano. Contrariamente às mensagens anteriores, o texto tem início com a saudação “Boa noite” e só depois começa o exórdio (SE<sub>1</sub>). Considerou-se que este era composto pelos parágrafos 2 e 3, interligados por uma série de retomas anafóricas, como por exemplo “Natal” (ft<sub>2</sub>) e “quadra natalícia” (ft<sub>7</sub>).

Do segundo parágrafo apenas se considerou a frase inicial como parte integrante do exórdio, porque as restantes, no nosso entender, referem-se à apresentação de resultados do trabalho do governo, logo pertencem ao STT<sub>1</sub>. No terceiro parágrafo retoma-se a contextualização da mensagem, com o grupo nominal “a quadra natalícia”, e mantém-se o posicionamento coletivo em nome do povo (*nós nacional*), concretizado por meio de formas verbais na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (“celebramos”, “aproximamos”) e de pronomes (“nossos”, “nos”), quer na ft<sub>2</sub>, quer nas ft<sub>7</sub> a ft<sub>9</sub>.

2§ [ft<sub>2</sub>] Celebramos hoje o Natal com os nossos amigos e familiares, e aproximamo-nos do final de 2013. [...]

3§ [ft<sub>7</sub>] A quadra natalícia, sendo uma festa de reunião familiar, deve ser também um momento especial de solidariedade e de comunhão. [ft<sub>8</sub>] Deve ser ainda a ocasião para nos recordarmos dos que estão longe de nós: as comunidades da diáspora, os nossos emigrantes e os militares portugueses em missões de paz no estrangeiro. [ft<sub>9</sub>] Este deve ser o momento em que valorizamos o que verdadeiramente conta.

Ao contrário das MFA analisadas anteriormente, a referência às “comunidades da diáspora”, aos “emigrantes” e aos “militares portugueses” surge no início do texto, o que indica que a existência de uma estrutura organizativa não é restrigente, permitindo a mobilidade dos segmentos. Apesar desta diferença ao nível da posição no texto, o conteúdo é idêntico ao da MFA Pt2012, isto é, usa-se a perífrase de obrigatoriedade atenuada “dever + infinitivo” e o verbo “recordar”. Assim sendo, tal como nas mensagens anteriores, também aqui estes elementos linguísticos foram considerados como instrumentos para a construção do *ethos patriota*.

A afirmação constativa da ft<sub>3</sub> introduz uma reflexão sobre o ano decorrido e apresenta alguns dos resultados alcançados (STT<sub>1</sub>). Naquela o Locutor expressa o seu conhecimento sobre a situação vivenciada, que aliás é partilhado pelo seu governo, de tal modo que decidiram implementar algumas medidas de combate. O verbo cognitivo “saber”, o conector particularizante “sobretudo” e a negação do verbo “esquecer” contribuem para a construção de um *ethos conhecedor*.

[ft<sub>3</sub>] Foi um ano muito exigente. [ft<sub>4</sub>] **Atacámos** com firmeza as causas e os efeitos da crise, mas **sabemos** que foi um ano difícil, sobretudo para os desempregados e para os

membros mais vulneráveis da nossa sociedade. [ft<sub>5</sub>] Não nos esquecemos dos sacrifícios que têm sido feitos, nem das adversidades que tantos enfrentam.

A ft<sub>4</sub> é, em especial, pontuada por um léxico negativo que pretende ilustrar a realidade vivida no país (“crise”, “desempregados”, “sacrifícios”, “adversidades” e “vulneráveis”). Os dados estatísticos apontam para uma taxa de desemprego de 16,2% em 2013, valor superior aos anos anteriores (12,7% em 2011 e 15,5% em 2012), que podem ser consequência da redução de postos de trabalho acordados no programa de ajuda externa. Este é apenas um dos “sacrifícios” impostos aos cidadãos portugueses, que incluem também um maior desconto para a segurança social, aumento do Imposto Municipal sobre Imóveis (IMI), redução das deduções em sede de IRS, aumento dos combustíveis (Tiago, 2012), entre outros.

A referência aos “desempregos” e “aos membros mais vulneráveis da nossa sociedade” faz despontar o *ethos humano*, na medida em que se evidencia a preocupação em proteger os mais frágeis. Mas esta faceta mostra-se, de igual modo, por meio das ações desenvolvidas pelo governo descritas em ft<sub>6</sub>.

[ft<sub>6</sub>] Em 2013, apesar das fortes restrições orçamentais, **∅ reforçámos** o Programa de Emergência Social, **∅ aumentámos** as pensões mínimas, sociais e rurais e **∅ intensificámos** os programas de combate ao desemprego, precisamente **porque todos os que mais têm sofrido nos últimos anos estão no centro das nossas preocupações**.

O Programa de Emergência Social (PES) referido consistia num projeto que visava a identificação de situações sociais que exigiam uma resposta urgente e a tomada de decisões e medidas de solucionamento. De acordo com o Orçamento de Estado de 2012, o PES iria ser alvo de um reforço de 251 milhões de euros, para dar resposta ao possível aumento de casos de pobreza e de dificuldades financeiras e sociais (Dinheiro Vivo & Lusa, 2012).

Nas ações enumeradas destaca-se o verbo “intensificar”, no Pretérito Perfeito Simples, e o nome “combate”, ambos expressando uma atitude ativa e de grande dimensão. Mais ainda, o verbo revela, para além do aumento da ação, a continuidade da mesma, significando que o combate ao desemprego já era uma preocupação nos anos anteriores. Aliás, é essa mesma informação que surge após o advérbio

“precisamente” e o conector causal “porque”, num esforço para clarificar o sentimento do enunciador-governo.

Ao mesmo tempo que a indicação das medidas implementadas faz sobressair o *ethos humano*, também vai provando a competência do governo. Neste âmbito, a oração concessiva introduzida pelo conector “apesar de” tem um grande papel no aparecimento no *ethos competente*, pois mostra que, contrariando os obstáculos (classificados de “fortes”), o governo foi capaz de agir com eficiência.

Como já se havia referido, o terceiro parágrafo parece romper a ligação existente entre o segundo e o quarto, através da repetição da estrutura “mas sabemos que foi um ano”/“mas agora também sabemos que foi no ano”. Em ambos se advoga a competência do governo e do povo portugueses.

[ft<sub>11</sub>] Graças à coragem e engenho dos nossos trabalhadores e dos nossos empresários, as nossas exportações cresceram e ganhámos quota de mercado no exterior aos nossos competidores mundiais. [ft<sub>12</sub>] Entrámos em mercados em que Portugal nunca tinha entrado antes...

A locução “graças a” e o complemento positivo (eufórico) introduz uma sequência elogiosa que visa atribuir a responsabilidade do sucesso do país aos Portugueses. Estes, no qual se inclui o Locutor e o governo, são os sujeitos dos verbos “ganhámos”, “entrámos”, entre outros.

A fim de reforçar a argumentação é utilizado um esquema que opõe as conquistas atuais, marcadas pelo Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (“entrámos”), à situação vivida no passado, marcada pelo advérbio “antes” e pelo Pretérito Mais-que-perfeito Composto (“tinha entrado”). Algo similar ocorre na segunda oração, na qual se usa o Presente do Indicativo (“temos”) e o deítico “hoje”, por oposição ao Pretérito Imperfeito (“conhecia”) e à expressão temporal “há muitas décadas”.

*“Entrámos em mercados em que Portugal nunca tinha entrado antes...”*

PRESENTE

VS

PASSADO

*“... e temos hoje excedentes comerciais e financeiros sobre o exterior, algo que Portugal não conhecia há muitas décadas”*

PRESENTE

VS

PASSADO

Um dos exemplos usados para atestar o impacto da atuação dos portugueses é o aumento dos “excedentes comerciais e financeiros sobre o exterior”. Segundo o

Boletim Económico da Primavera emitido pelo Banco de Portugal, a balança corrente e de capital ascendeu a 2,6% do PIB, facto que não vinha a acontecer há muitas décadas (2014a).

Ao reconhecer o esforço e o trabalho encetado por empresários e trabalhadores e ao atribuir-lhes a responsabilidade de vários sucessos, desponta um *ethos meritocrata*.

Após este momento em que o Locutor enaltece o empenho de outros (no qual curiosamente se inclui porque usa a 1.ª pessoa do plural dos pronomes possessivos e da forma verbal), retoma-se a exposição dos resultados obtidos a partir da gestão do governo que visam construir o *ethos competente*. Nesta fase o Locutor refere-se não só a resultados concluídos (formas verbais no Pretérito Perfeito Simples), mas também aos que começaram a ser visíveis no decurso de 2013, como se verifica pelo aspeto incoativo das perífrases “começámos a vergar” e “começou a crescer” ou pelo aspeto durativo da perífrase “tem vindo a descer”.

[ft<sub>13</sub>] **Começámos a vergar** a dívida externa e pública que tanto tem assombrado a nossa vida coletiva. [ft<sub>14</sub>] A economia **começou a crescer** e acima do ritmo da Europa. [ft<sub>15</sub>] Ao mesmo tempo, o emprego **começou a crescer** e, em termos líquidos, até ao terceiro trimestre foram criados 120 mil novos postos de trabalho.

A indicação de dados concretos atestatórios da atuação governativa, nomeadamente a referência aos “120 mil novos postos de trabalho”, pretende quantificar a sua eficiência, aumentando o efeito persuasivo da sua argumentação. A intervenção do governo é engrandecida devido ao contraponto com a situação anterior ou com a administração anterior; veja-se, a título exemplificativo, o conteúdo da oração relativa na qual se destaca o adjetivo “inaceitáveis”, por oposição ao adjetivo superlativizado “muito importantes”.

[ft<sub>16</sub>] **Com a ajuda das políticas ativas de emprego**, o desemprego, que tinha atingido níveis **inaceitáveis** no decurso desta crise, tem vindo a descer mês após mês, e em particular o desemprego jovem. [ft<sub>17</sub>] Fizemos nestes anos progressos **muito importantes** na redução do défice orçamental, e **não fomos mais longe porque precisámos dos recursos para garantir os apoios sociais e a ajuda aos desempregados**. [ft<sub>18</sub>] A **estratégia abrangente** que pusemos em prática para **salvar o País do colapso**,

para reformar a economia e trazer prosperidade, está a mostrar os seus primeiros frutos.

Ao longo das frases acima reproduzidas destacam-se alguns elementos linguísticos provatórios da competência do executivo; é o caso do modificador com valor de modo (assinalado a negrito na ft<sub>16</sub>), da oração com valor apreciativo (“não fomos mais longe”) e da oração causal da ft<sub>17</sub> e, ainda, do grupo nominal “estratégia abrangente” da ft<sub>18</sub>. Nesta frase merece destaque a expressão “salvar o País do colapso”, que ilustra a gravidade da situação. A hipérbole, construída com recurso ao nome “colapso”, procura gerar no auditório um sentimento de gratidão pelo trabalho desenvolvido pelo governo, que assume a condição de herói. De salientar que estas frases chegam pela voz do Locutor, pois em todas há um cunho avaliativo.

No quinto parágrafo retoma-se o empenho dos portugueses, já apontado anteriormente, como motivação para o futuro que se avizinha.

[ft<sub>19</sub>] O trabalho, a tenacidade e o empenho diário de milhões de portugueses, quer estejam dentro ou fora das fronteiras nacionais, são a melhor razão para termos uma esperança renovada no nosso futuro. [ft<sub>20</sub>] São o fundamento do abandono do pessimismo que ensombra as nossas vidas há já muitos anos. [ft<sub>21</sub>] Sabemos do que somos capazes e estamos a mostrar ao mundo inteiro, sobretudo aos que, nos momentos mais exigentes, menos confiaram em nós, que acreditamos em nós próprios. [ft<sub>22</sub>] Temos hoje a confiança, o respeito e admiração dos nossos parceiros Europeus e dos nossos amigos por todo o mundo.

Embora possa parecer que este excerto é meramente elogioso, ele tem uma forte componente diretiva. Com efeito, os predicativos “a melhor razão” e “o fundamento” que servem de complemento ao sujeito “os portugueses” instalam nestes um sentido de grande responsabilidade, uma vez que são apontados como os motivos para a esperança no futuro e, sobretudo, para o “abandono do pessimismo”. Esta palavra, assim como o verbo “assombrar”, tem uma forte carga emotiva, pois promove um processo cognitivo de rememoração das dificuldades. Com todos estes estímulos, o ouvinte vai, quase forçosamente, considerar que a sua única opção é continuar a agir do mesmo modo.

Um pequeno apontamento para a referência aos cidadãos fora do país, através da expressão “fora das fronteiras nacionais”, que dá conta da personalidade agregadora e patriótica do *ethos*.

As frases finais do excerto acima transcrito visam espicaçar o orgulho português. Para tal, recupera algumas sensações que todos os portugueses terão, em algum momento da sua vida, experimentado: o orgulho de ser capaz de algo, contrariando todas as expectativas; a tristeza, por não acreditarem nas potencialidades; e o sentimento de conquista. Os verbos “mostrar” e “ter” e os nomes “confiança, respeito e admiração” apontam para a ideia de prova e a expressão redundante “mundo inteiro” aponta o destinatário. Porém, faz-se questão de deixar uma crítica, iniciada com o conector especificador “sobretudo”, àqueles que traíram a confiança do País, porque não revelaram companheirismo nem amizade (“nos momentos mais exigentes, menos confiaram em nós”).

Estas frases são, nitidamente, uma estratégia utilizada para manipular as emoções do auditório e, neste caso em particular, para o fazer confiar na competência do governo. O facto de jogar com emoções muito específicas indica que o auditório tem muita importância no momento da construção do texto e dos próprios *ethè*, pois a sua perceção do texto pode influenciar quer a visão que tem do assunto, quer do próprio agente político.

Em virtude do objetivo comunicativo que lhe é inerente, considerou-se que este parágrafo devia ser identificado como um segmento emotivo (SE<sub>2</sub>) e que nele se constrói o *ethos guia*.

Embora o conector opositivo “contudo” da ft<sub>23</sub> não se encontre numa posição inicial, marca a cisão entre o momento positivo anterior e o próximo. Aqui, são apontados alguns aspetos a solucionar para se ultrapassar a crise, o que justifica o uso de elementos linguísticos com carga negativa, a saber: “incertezas”, “obstáculos”, “complexidade”, “problemas” e “restam”. O advérbio “ainda” (ft<sub>23</sub> e ft<sub>24</sub>) podia também ser incluído nesta lista, mas, no nosso entender, é uma palavra muito volátil que tanto pode ter polaridade positiva, como negativa. Embora aqui pareça ser mais permeável ao negativo, por estar associado aos problemas por resolver, considera-se que nele também está contida a ideia de que já se fez algo, ou seja, que o governo

atuou. Parece, aliás, ter sido esse mesmo motivo que levou à escolha da negação de alguns adjetivos (“não são suficientes”, “não há soluções fáceis”) e não da forma adjetival negativa (insuficientes e difíceis).

[ft<sub>23</sub>] Estes sinais positivos **ainda** não são suficientes, contudo, para podermos dizer que vencemos esta crise. [ft<sub>24</sub>] **Ainda** restam algumas incertezas e obstáculos. [ft<sub>25</sub>] E todos fomos compreendendo que não há soluções fáceis, dada a complexidade dos problemas que herdámos.

Durante este excerto, o Locutor revela uma faceta de *analista*, mas não perde a oportunidade de deixar alguns comentários críticos à atuação dos governos anteriores, linguisticamente marcados pelo verbo “herdar” (ft<sub>25</sub>).

O conector contrastivo “mas”, presente na ft<sub>26</sub>, marca a transição para a polaridade positiva, visto que a partir desse momento o texto se centra em ações a implementar no futuro.

[ft<sub>26</sub>] Mas isso apenas significa que temos muito para fazer neste ano de 2014 que está prestes a começar. [ft<sub>27</sub>] 2014 será um ano cheio de desafios e aos quais cada um de nós responderá com a mesma responsabilidade e determinação que nos abriu o caminho até aqui.

Duas notas sobre a ft<sub>26</sub>. Em primeiro lugar, o advérbio “apenas” procura minimizar o impacto dos aspetos negativos expostos anteriormente, indicando que só é necessário continuar o trabalho. Ora, tendo em conta que o Locutor tem vindo a elogiar, desde o início do texto, o esforço e o empenho dos cidadãos (e continua a fazê-lo na ft<sub>27</sub>), não parece uma tarefa impossível de alcançar. Possivelmente, foi este raciocínio que o Locutor procurou despoletar quando o incluiu na MFA. Em segundo, o grupo verbal “temos muito para fazer” denota a consciência do sujeito coletivo em relação ao que existe por fazer e abre espaço a um compromisso.

Devido a estes elementos linguísticos, entende-se que o Locutor faz passar uma imagem de *guia*, procurando influenciar o comportamento dos portugueses. A forma “responderá”, embora esteja no Futuro Imperfeito, tem um tom mais constativo do que preditivo, como se a sua afirmação não aceitasse réplica ou contestação.

No sétimo parágrafo fala-se da conclusão do Programa de Assistência Financeira (SOT<sub>2</sub>), o que supostamente constituía um alívio para os portugueses.

Contudo, para que tal ocorra, como o próprio refere na ft<sub>30</sub>, existem alguns critérios a cumprir. O verbo “precisar” no Futuro Imperfeito do Indicativo antevê a necessidade de utilizar as medidas implementadas pelo governo, aqui referidas por meio do nome “instrumentos”, de forma apropriada (veja-se o uso do advérbio “bem” e do grupo preposicional “com inteligência e determinação”). Tanto o advérbio, como o grupo preposicional transmitem o compromisso, do Locutor e do governo, de utilizar os recursos corretamente, dando mostras de um caráter sério e responsável.

Depois desta análise, o parágrafo finaliza com mais uma sugestão relativamente ao comportamento a adotar pelos portugueses. A ft<sub>32</sub> organiza-se em torno de um raciocínio causa-consequência, marcado pelo conector condicional “desde que”.

[ft<sub>32</sub>] O que parecia em tempos tão distante e difícil está agora ao nosso alcance, desde que não hesitemos, desde que percebamos todos o que está em causa.

As motivações que subjazem a conclusão do Programa de Assistência constam do oitavo parágrafo e, a julgar pela pessoa usada na forma verbal, são partilhadas por todo o governo e pelos próprios portugueses. Para marcar a motivação usam-se dois elementos: a perífrase volitiva “queremos fechar” e a oração final (“para”). E é o objetivo de construir uma sociedade mais justa e moderna que vai guiar as ações futuras do governo, como revela a oração “é para aí que teremos de dirigir todas as nossas energias”. A perífrase de necessidade (ter de + infinitivo) introduz diversas medidas, o que em conjunto promove o surgimento do *ethos agente em potência*. Como a grande maioria destas ações tem um foco social, o Locutor também revela um lado *humano*.

8§ [ft<sub>33</sub>] Queremos fechar esta página da nossa história, para escrever uma outra mais apropriada à sociedade moderna, próspera e mais justa que estamos a construir. [ft<sub>34</sub>] É para aí que teremos de dirigir todas as nossas energias: para combater a pobreza, reduzir mais rapidamente o desemprego, aumentar o investimento e reduzir as desigualdades sociais.

Nas últimas linhas do oitavo parágrafo, promove-se ainda a construção da imagem de *comentarista crítico*, ajuizando sobre as desigualdades em Portugal e, particularmente, sobre a atuação de governantes anteriores e dos cidadãos. As marcas linguísticas em que a crítica se alicerça são: o uso da expressão temporal “durante

demasiado tempo”, o verbo “tolerar” no Pretérito Perfeito, o adjetivo no superlativo absoluto sintético “fortíssimas” a qualificar o nome “desigualdades” e o modificador “quase sem paralelo na Europa”. Já o verbo pronominal “resignar-se” faz uma crítica à atitude dos Portugueses.

Com o aproximar do final da mensagem, o tom começa a ser mais emotivo e constrói-se a imagem de um homem *justo*, por meio de vários elementos linguísticos: os verbos “merecer” e “pertencer a” apontam para a questão do merecimento; o Presente do Indicativo apresenta os factos como concretos; o pronome/quantificador “todos” para indicar o destinatário e o sujeito das ações. Mas também se constrói a imagem de um *agente em potência*, quando se compromete a não deixar que os cidadãos sejam discriminados (as eventuais causas estão descritas após o conector causal “porque”) ou que algum português fique desamparado (isotopia militar com a asserção “ninguém pode ficar para trás”). Uma vez que a frase inicial (“no Portugal em que todos se reveem”) remete anaforicamente para a sociedade mais justa da ft<sub>33</sub>, entende-se que os *ethè justo* e *agente em potência* se complementam neste parágrafo.

[ft<sub>38</sub>] No Portugal em que todos se reveem, ninguém pode estar condenado à frustração dos seus sonhos simplesmente porque vive naquela região mais remota, neste bairro mais periférico ou porque nasceu em condições sociais e familiares mais adversas.

O texto termina com os dois segmentos habituais: a peroração e a fórmula de despedida, na qual, uma vez mais, o Locutor se apresenta como indivíduo singular (1.<sup>a</sup> pessoa do singular do Presente do Indicativo “desejo-vos”). Na peroração, como é habitual, promove-se uma aproximação com o destinatário, procurando guiá-lo. Neste caso, o conselho surge sob a forma do Imperativo (“aproveitemos”).

O final deste SE é pautado por uma comparação, que estimula o sentimento de orgulho e de conquista dos Portugueses. Nela refere-se a data de formação de Portugal (1139, daí os “quase 900 anos de história”) e as explorações marítimas, que comprovaram a audácia dos portugueses (“dono do seu próprio destino”, “não receia o futuro”). A alusão a estes momentos tem como intuito acicatar o sentimento patriótico dos portugueses, mas também mostrar a faceta *patriota* do Locutor.

[ft<sub>41</sub>] Aproveitemos estes dias para recuperar as nossas forças e o sentido de propósito comum que nos define como povo. [ft<sub>42</sub>] Como um povo orgulhoso, dono do seu próprio destino, que não receia o futuro e que sabe que, do alto de quase 900 anos de história, os seus melhores anos ainda estão para vir.

#### 6.2.6.2. Análise quantitativa

A Mensagem de Final de Ano de 2013, ao contrário do que vinha a acontecer com os outros textos portugueses, não é dominada por um tema específico, de acordo com os dados obtidos na análise da frequência verbal.

A palavra com maior número de ocorrências (13), depois dos determinantes artigos e das preposições, é o advérbio “mais”. Este é usado para formar os graus comparativo de superioridade (ex.: “mais apropriada”, “mais justa”, “mais longe”) e superlativo relativo (ex.: “os membros mais vulneráveis da sociedade”) ou apenas como intensificador (ex.: “os que mais têm sofrido”). Os casos em que o advérbio serve para formar o comparativo são especialmente interessantes, pois revelam um *comentário crítico* ou avaliativo do Locutor. A título ilustrativo, leia-se o seguinte trecho, no qual se faz uma análise à intervenção do governo:

Fizemos nestes anos progressos muito importantes na redução do défice orçamental e **não fomos mais longe [do que isto]** porque precisámos dos recursos para garantir os apoios sociais e a ajuda aos desempregados.

Ou o próximo excerto, no qual se tece uma crítica à sociedade atual:

Queremos fechar esta página da nossa história, para escrever uma outra **mais apropriada [do que esta]** à sociedade moderna, próspera e mais justa que estamos a construir.

Posto isto, pode-se considerar que no presente texto existem várias críticas por comparação, embora muitas vezes estejam implícitas devido à omissão do segundo termo.

A palavra “todos” (8 ocorrências), cujo referente são “os portugueses”, também assume uma posição de destaque neste texto. A escolha deste vocábulo serve o propósito de integrar o Locutor no grupo acima mencionado, estabelecendo uma

relação de proximidade fulcral para a construção de algumas imagens de si e, também, para a veiculação do conteúdo da mensagem.

Em seguida, destaque para o vocábulo “ano” (6 ocorrências), com uma distribuição equitativa interessante. Integrado em três frases que se referem ao passado (ex.: “foi um ano muito exigente”, “foi um ano difícil”, “foi no ano que está a terminar”) e três, ao futuro (ex.: “ano de 2014 que está prestes a começar”, “será um ano”, “Feliz Ano Novo”), contribui para marcar a cisão entre os dois tempos que dominam o texto. A palavra também é usada no plural (“anos”) por cinco vezes.

A perífrase incoativa construída com o verbo “começar” (5 ocorrências) merece também uma referência, porque demonstra a competência do governo, através de apresentação de resultados (ex.: “começámos a vergar a dívida externa” ou “a economia começou a crescer”). Desta forma, pode-se considerar que a perífrase é um dos mecanismos linguísticos usados para passar o *ethos competente*. Outro é o uso do vocábulo “desemprego” que integra frases que revelam a atuação do governo, tais como “intensificámos os programas de combate ao desemprego”, “com a ajuda das políticas ativas de emprego, o desemprego... tem vindo a descer mês após mês, em particular o desemprego jovem”.

Para além destes vocábulos, existem outros recorrentes que se referem aos temas abordados durante a mensagem, nomeadamente a crise (3), a economia (4) e as desigualdades sociais (2).

A análise das formas verbais revelou que o sujeito assume maioritariamente um posicionamento coletivo em nome do governo, com 26 ocorrências (ver Gráfico 15). Em segundo plano surgem as formas de 1.ª pessoa do plural (*nós nacional*), seguidas das de 3.ª pessoa do plural (“os portugueses”). Embora o *nós nacional* revele a integração do Locutor no grupo dos cidadãos, ao referir-se aos “Portugueses” parece promover um certo distanciamento entre si e aqueles. Por último, surge o sujeito individual, com uma única ocorrência.

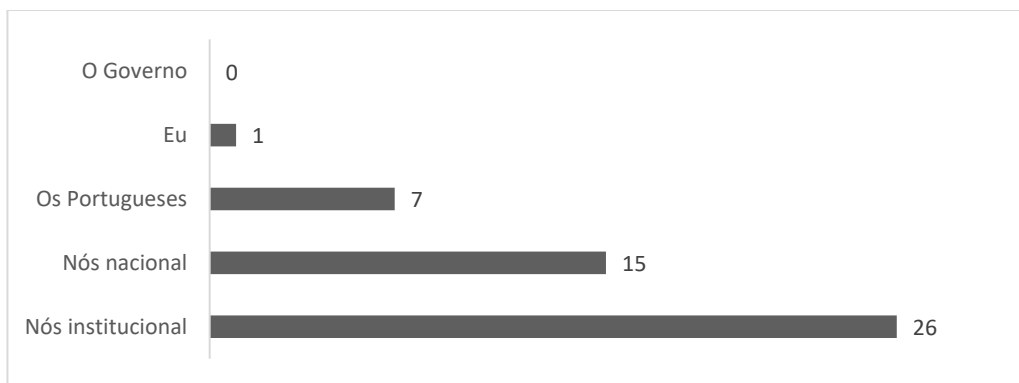


Gráfico 15 - Distribuição do sujeito

O apagamento do sujeito como entidade individual é significativo e pode ser entendido como uma forma de enfatizar a pertença a um coletivo. Mais ainda, o predomínio do sujeito coletivo tem impacto sobre os *ethè* mobilizados ao longo do discurso, que devem então ser interpretados não como um reflexo apenas do orador, neste caso o Primeiro-Ministro, mas do governo.

A contabilização das formas pronominais revela uma tendência para o uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (*nós nacional*), distribuída por 9 pronomes pessoais e 18 pronomes/determinantes possessivos (ver Gráfico 16). Esta situação é contrária à verificada em relação aos verbos, na qual o *nós institucional* ocorre com maior frequência. Tal justifica-se pelo facto do Locutor promover uma aproximação com o auditório, mesmo em momentos em que o sujeito é o governo.

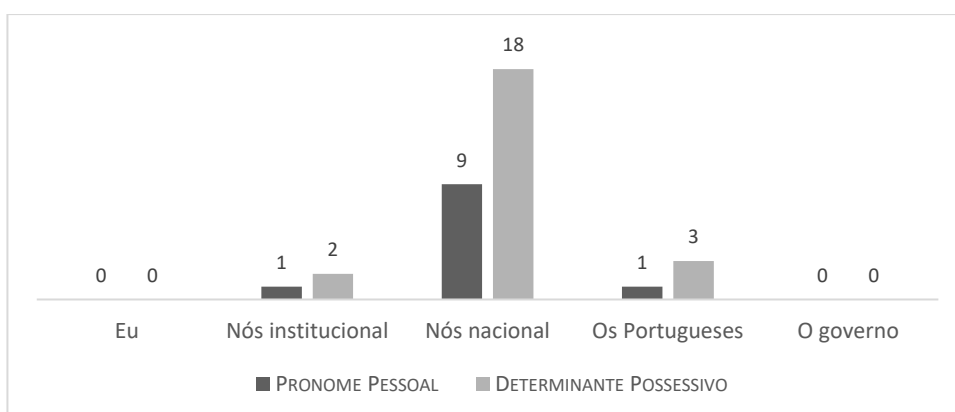


Gráfico 16 - Elementos linguísticos

Em virtude de neste texto os enunciadores serem predominantemente coletivos, considerou-se pertinente analisar os tempos verbais mais frequentes e a sua

relação com a construção dos *ethè*. Verificou-se, então, que o PPFS tem um maior número de ocorrências (13) face ao PRES (9) e ao FUT (3), indicando que existem mais momentos de exposição de eventos passados (ver Gráfico 17). Se as situações em que o sujeito governo assume a responsabilidade dos enunciados dizem sobretudo respeito ao passado e se na maioria ele denuncia a sua intervenção, pode-se assumir que há uma prevalência do *ethos competente* nesta mensagem.

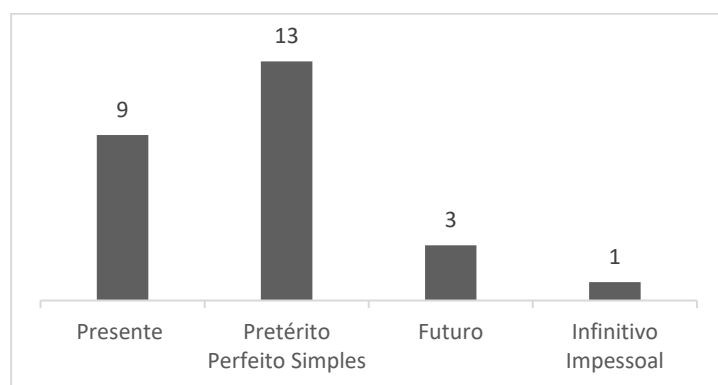


Gráfico 17 - Tempos verbais

#### 6.2.6.3. Síntese da análise

Ao longo das análises acima apresentadas foram sendo identificados os *ethè* construídos a partir da materialidade linguística e os segmentos em que aqueles se encontram. Os próximos quadros compilam todos os dados recolhidos.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>73</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
<p>1.<sup>a</sup> Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>) e pronominais (<i>nos</i>);</p> <p>Verbs no Presente do Indicativo (<i>esquecemos</i>);</p> <p>Oração completiva pedida pelo verbo cognitivo <i>saber</i> (<i>sabemos que foi no ano que está a terminar que a nossa economia começou a dar a volta</i>);</p> <p>Especificador (<i>sobretudo</i>);</p> <p>Vocabulário apreciativo (<i>ano muito exigente, difícil, crise, sacrifícios, adversidades</i>); Vocabulário que apela a processos cognitivos (<i>saber e esquecer</i>).</p>	<p>SOT<sub>1</sub></p> <p>STT<sub>1</sub></p>	<p><b>Conhecedor:</b> tem a visão clara dos acontecimentos, porque processou e refletiu sobre as informações que possui.</p>
<p>3.<sup>a</sup> Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso a quadra natalícia);</p> <p>Perífrase deôntica no Presente do Indicativo (<i>deve ser</i>);</p> <p>Complemento direto pedido pelo verbo <i>recordar</i> (<i>comunidades a diáspora, os nossos emigrantes e os militares portugueses em missões de paz no estrangeiro</i>).</p>	<p>SE<sub>1</sub></p> <p>SE<sub>2</sub></p>	<p><b>Patriota:</b> defende ou refere o seu país ou os cidadãos que o compõem.</p>

<sup>73</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Pt2013 pode ser consultada no Apêndice 8.

<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i>);</p> <p>Verbos no Infinitivo pessoal (<i>recordarmos</i>), no Imperativo Presente (<i>aproveitemos</i>) e no Futuro Imperfeito do Indicativo (<i>teremos</i>);</p> <p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso a quadra natalícia);</p> <p>Perífrase de obrigatoriedade no Presente do Indicativo (<i>deve ser</i>);</p> <p>Perífrase de obrigatoriedade (<i>ter de + infinitivo</i>);</p> <p>Oração final pedida pelo verbo <i>aproveitar</i> (para recuperar as nossas forças e o sentido de propósito comum que nos define como povo).</p>	<p>SE<sub>2</sub></p> <p>STT<sub>5</sub></p> <p>SE<sub>4</sub></p>	<p><b>Guia:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Presente (<i>sabemos</i>) e no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>reforçamos, intensificamos, aumentamos</i>);</p> <p>Oração causal (<i>porque todos os que mais têm sofrido</i>); orações finais (<i>para combater a pobreza,...</i>);</p> <p>Especificadores (<i>sobretudo</i>);</p> <p>Nomes e expressões que apelam às emoções (<i>desempregados, membros mais vulneráveis, todos os que mais têm sofrido</i>).</p>	<p>STT<sub>1</sub></p> <p>STT<sub>6</sub></p>	<p><b>Humano:</b> demonstra bondade e compaixão perante a situação vivida por outros.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>entrámos</i>);</p> <p>Perífrase incoativa no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>começámos a vergar</i>);</p> <p>Perífrase durativa no Presente (<i>tem vindo a descer</i>);</p> <p>Modificador com valor de modo (<i>com a ajuda das políticas ativas de emprego</i>);</p> <p>Verbos de ação (<i>entrar, intensificar, reforçar, reformar</i>) e expressão <i>pôr em prática</i>.</p>	<p>STT<sub>1</sub></p> <p>STT<sub>2</sub></p>	<p><b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i>);</p> <p>Verbos no Presente (<i>temos</i>) e no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>ganhámos</i>);</p> <p>Locução conjuncional de valor causal (<i>graças a + coragem e empenho dos nossos trabalhadores e empresários</i>);</p> <p>Esquema argumentativo de oposição presente e passado (PRES vs IMP; PPFS vs PPFC).</p>	<p>STT<sub>2</sub></p>	<p><b>Meritocrata:</b> defende e reconhece os méritos de outrem.</p>
<p>3.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito expresso estes sinais positivos)</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>não são</i>);</p> <p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i>);</p> <p>Verbos no Infinitivo Pessoal (<i>poderemos</i>), no Presente (<i>vencemos</i>) e no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>fomos compreendendo</i>);</p> <p>Frases negativas (<i>Não + verbos ser e haver</i>);</p> <p>Oração final (<i>temos muito para fazer</i>);</p> <p>Vocabulário apreciativo (<i>ainda, muito, suficientes, fáceis, incertezas, obstáculos, soluções, restar</i>).</p>	<p>SOT<sub>2</sub></p> <p>STT<sub>5</sub></p>	<p><b>Analista:</b> analisa uma situação na qual, por norma, está envolvido.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Presente (<i>temos</i>) e no Futuro Imperfeito do Indicativo (<i>teremos de dirigir</i>);</p> <p>Verbo <i>ter</i> + oração final (<i>temos muito para fazer</i>);</p> <p>Perífrase volitiva (<i>queremos fechar</i>);</p> <p>Perífrase de obrigação;</p>	<p>STT<sub>6</sub></p> <p>SE<sub>3</sub></p>	<p><b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas.</p>

Modificador com valor de modo (constituído pelo advérbio <i>bem</i> e pelo grupo preposicional <i>com inteligência e determinação</i> ); Orações finais ( <i>para combater a pobreza</i> ); Expressões temporais ( <i>Neste ano de 2014</i> ); Advérbio apreciativo ( <i>bem</i> ).		
3.ª pessoa do plural das formas verbais (sujeito indeterminado) Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>toleraram-se</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais e pronominais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>resignámo-nos</i> ); Modificador <i>quase sem paralelo na Europa</i> ; Expressões temporais ( <i>Durante demasiado tempo</i> ); Expressões espaciais ( <i>Em Portugal</i> ). Léxico apreciativo (adjetivo no grau superlativo absoluto sintético <i>fortíssimas</i> ; nome <i>desigualdades</i> ; verbos <i>tolerar</i> e <i>resignar-se</i> ); Esquema argumentativa entimema.	STT <sub>6</sub>	<b>Comentarista crítico:</b> ajuíza comportamentos ou situações.
3.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito expreso <i>Os portugueses</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>merecem</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expreso <i>ninguém</i> ); Perífrase de possibilidade e de estado no Presente do Indicativo ( <i>pode estar condenado</i> ); Orações causais interligadas por conjunção disjuntiva ( <i>porque vive naquela região mais remota, neste bairro mais periférico ou porque nasceu em condições sociais e familiares mais adversas</i> ); Léxico expressivo (verbos <i>merecer</i> e <i>pertencer a</i> ; pronome/quantificador <i>todos</i> ) Isotopia militar ( <i>ninguém pode ficar para trás</i> ).	SE <sub>3</sub>	<b>Justo:</b> revela-se imparcial e equitativo.

Quadro 18 - *Ethè* e características textuais e organizacionais na Pt2013

Vocabulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Mais + apropriada, justa, longe...	9	Comentarista crítico
Ano	6	Analista, conhecedor, profetizador
Começar + verbo no infinitivo	5	Competente
Desemprego	5	Competente, agente em potência
Crise	3	Analista, conhecedor
Economia	4	Competente, profetizador
Desigualdades sociais	2	Agente em potência, comentarista crítico

Quadro 19 - *Relação frequência vocabular/ethè na Pt2013*

### 6.2.7. Pt2014

#### 6.2.7.1. Análise qualitativa

A Mensagem de Final de Ano proferida por Passos Coelho em 2014 inicia-se com uma saudação e prossegue com um pequeno exórdio (SE<sub>1</sub>), ao longo do qual se fala sobre a situação económico-financeira de Portugal desde 2011, dando especial destaque ao esforço e às dificuldades que os portugueses experienciaram. A focalização cognitiva usada no início do segmento (verbo “saber”) confere maior assertividade ao enunciado, pois baseia-se no conhecimento partilhado pelo auditório.

O indefinido “todos”, patente na ft<sub>2</sub> e ft<sub>3</sub>, e a 1.ª pessoa do plural das formas verbais e nos pronomes (“sabemos”, “sentimos”, “nosso dia a dia”, “nos custou”) demonstram que o Locutor se inclui no grupo de cidadãos que constitui o seu auditório. A juntar a estes elementos linguísticos, também o esquema argumentativo falacioso *opinião popular* contribui para a construção de um *ethos empático*, que neste segmento tem especial importância para promover a proximidade emocional entre Locutor e auditório.

A conjunção contrastiva que abre a ft<sub>5</sub> assinala a oposição entre o ano corrente com o período pré-2014. 2014 foi, na sua opinião (veja-se o qualificativo “extremamente importante”), um ano positivo por diversos motivos: a conclusão do programa de apoio externo dentro do tempo definido e num período em que se enfrentou a dissolução de um banco nacional. As formas verbais que retratam estes acontecimentos encontram-se na 1.ª pessoa do plural, *nós institucional*, no Pretérito Perfeito (“fechámos”, “fomos obrigados”), em consonância com o objetivo narrativo do período.

[ft<sub>5</sub>] Mas 2014 foi um ano extremamente importante para todos nós. [ft<sub>6</sub>] Fechámos o programa de auxílio externo com uma saída limpa, sem precisar de assistência adicional. [ft<sub>7</sub>] Termos concluído em maio deste ano o programa de assistência no calendário previsto, e nos nossos próprios termos, atestou a grande capacidade dos Portugueses de responder aos maiores desafios. [ft<sub>8</sub>] Ainda para mais quando, depois de termos concluído o programa de assistência externo, fomos obrigados a lidar com a grande adversidade que constituiu a necessidade de resolução de um grande banco nacional.

A *competência* do governo começa a manifestar-se no terceiro parágrafo, embora o Locutor procure imputar a responsabilidade do sucesso aos cidadãos (o verbo “atestar” tem como objeto direto “a grande capacidade dos Portugueses”). Com a expressão “nossos próprios termos”, indica-se que o governo negociou com as instituições financeiras a conclusão do programa de assistência e o facto de ter conseguido “vencer” é uma prova da competência daquela. De igual modo, o facto de se terem cumprido os prazos estipulados (“no calendário previsto”) e de não ser necessário “assistência adicional” são demonstrativos do rigor e do sentido de responsabilidade do governo.

O Programa de Assistência Externa foi concluído a 17 de maio de 2014 e, por decisão do governo, não foi acionado qualquer programa cautelar (a tal “assistência adicional” a que se alude no texto). Segundo informação presente no jornal Económico, esta decisão deveu-se à existência de um fundo de segurança financeiro com o valor equivalente ao que seria disponibilizado pela linha de crédito desse programa cautelar (Costa, Peixoto & Oliveira, 2014). Em abril e maio de 2014, a expressão “saída limpa” dominava o panorama noticioso e político em Portugal, mas se o cidadão comum pensava que seria um sinal de menos austeridade, os governantes sabiam que as restrições se iriam manter para impedir derrapagens nas contas. Posto isto, o léxico foi usado com fim persuasivo, criando nos Portugueses uma ilusão de conforto que não correspondia à realidade.

2014 foi também o ano em que o Banco de Portugal aplicou ao Banco Espírito Santo (BES) uma medida de resolução, sendo grande parte do património transferido para o Novo Banco (Banco de Portugal, 2014b). Esta decisão acarretou a injeção de capital público, retirado da linha de recapitalização da Troika. Os problemas financeiros do BES geraram grande descontentamento junto da população portuguesa, muita da qual tinha sido aliciada a participar num aumento de capital, porque não foi ressarcida das suas perdas. A alusão à situação do BES tem como objetivo levar o auditório a reconhecer a competência do governo que venceu diversos obstáculos.

O tema continua a ser explorado no parágrafo seguinte e, desta vez, de forma mais direta. A escolha das expressões “do modo como o fizemos”, “não foi conquista insignificante”, “marco decisivo”, “termos posto em marcha” ou “processo sólido” visa

elogiar a capacidade do governo e, em menor escala, dos cidadãos durante aquele ano.

4§ [ft<sub>9</sub>] Concluir o Programa **do modo como o fizemos** não foi uma conquista insignificante. [ft<sub>10</sub>] Ficará por muitos anos na nossa história como um marco decisivo de confirmação de um grande consenso nacional – que queremos viver numa sociedade moderna, europeia e aberta. [ft<sub>11</sub>] Depois das tremendas dificuldades a que fomos sujeitos, termos reconquistado a nossa autonomia, e termos posto em marcha um processo sólido de recuperação do País, é um feito que deve orgulhar cada um de nós. [ft<sub>12</sub>] É um feito que comprova a coragem e o empenho dos Portugueses – de todos os homens e mulheres que, num grande esforço nacional, salvaram o País.

Nas frases tipográficas 9 e 10, ele parece orgulhoso do governo, mas nas seguintes o seu foco passa para o *nós nacional*, ou seja, para os cidadãos portugueses, que venceram as adversidades (verbo “reconquistar” e “salvar”) e se mostraram unidos (“consenso nacional”). As ações realizadas pelo governo e pelo povo foram de tal forma virtuosas que o Locutor as classifica de “feito” (palavra repetida na ft<sub>11</sub> e ft<sub>12</sub>), justificando o aparecimento do *ethos orgulhoso*.

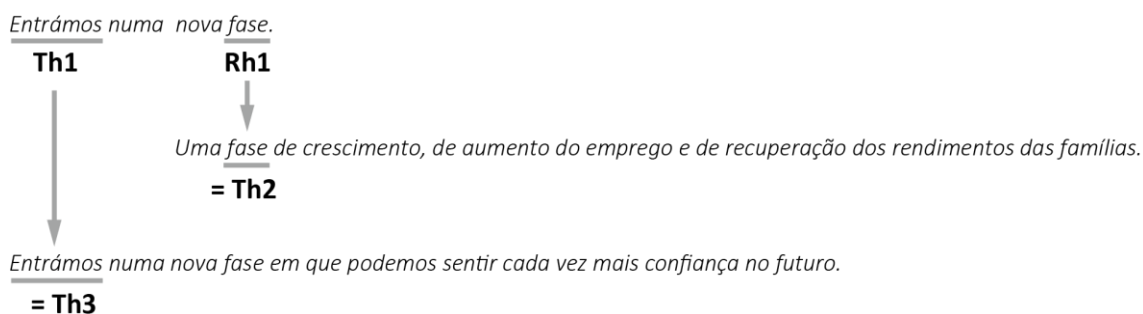
Ao longo dos dois parágrafos acima analisados, sobressai também o *ethos meritocrata*. Linguisticamente constrói-se com os verbos “atestar”, “comprovar”, “salvar” e “reconquistar” e com os nomes “coragem e empenho”.

O quinto parágrafo encerra o exórdio com a retoma da informação veiculada inicialmente (“processo tão doloroso como foi aquele que se iniciou em 2011” reenvia para “colapso financeiro de 2011” da ft<sub>2</sub>). A metáfora “sara as feridas abertas” sugere que, em 2014, se iniciou um processo de cura e essa será a premissa na qual se sustenta o compromisso do Locutor. A promessa de consolidar a recuperação económica é marcada pela perífrase “continuaremos a fazer” no Futuro Imperfeito do Indicativo, pelo composto “meu objetivo” e pelo verbo “garantir”. A combinação destes elementos linguísticos resulta no aparecimento do *ethos agente em potência*, mas a perífrase de continuidade aponta para a realização dessa ação em período anterior ao pronunciamento, despontando, assim, o *ethos agente*. Como as formas verbais se encontram na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, dado que o sujeito é o *nós institucional*, considera-se que as imagens são ambas representativas do coletivo (*ethos coletivo*), e

como as ações mencionadas estão dependentes do poder administrativo do governo, considera-se que são ilustrativas do cargo exercido (*ethos* de função).

Antes de terminar o exórdio há ainda tempo para fazer aparecer a *imagem de comentarista crítico*, através do juízo sobre o desempenho dos executivos anteriores que tece na ft<sub>15</sub>, destacado graficamente com o travessão. O indefinido “algo” remete anaforicamente à informação precedente, opondo-se a um tempo anterior (“há mais de 10 anos”) que contraria os “valores recorde” observáveis na governação atual (o verbo “suceder” encontra-se negado e no Pretérito Imperfeito do Indicativo). Porém, a crítica pode ser encarada como uma estratégia de valorização da competência do governo (*ethos competente*).

A ft<sub>16</sub> é breve, mas marca claramente o início do primeiro SOT, constituído por todo o sexto parágrafo, pois não se podem separar as frases devido à existência da progressão com tema constante (ft<sub>16</sub> e ft<sub>18</sub>) e da progressão por tematização linear (ft<sub>16</sub> e ft<sub>17</sub>), como se ilustra no próximo esquema.



O SOT<sub>1</sub> destina-se à exposição de alguns compromissos que o governo pretende assumir. O conector conclusivo “portanto”, bem como o adjetivo “essencial” sugere que a única resposta possível às dificuldades vividas pelos portugueses é assegurar a “melhoria das condições de vida”. Com esse objetivo em mente, o governo desenvolveu ações para a criação de diversos postos de trabalho. O número apresentado (“dezenas de milhares”) e a relação consecutiva que se estabelece entre a melhoria das condições de vida e o aumento do emprego são indicadores do *ethos competente*.

7§ [ft<sub>19</sub>] Sei que muitos Portugueses ainda lidam com enormes dificuldades no seu dia-a-dia, e que, portanto, é essencial o propósito de garantir que todos sentirão a

melhoria das condições de vida. [ft<sub>20</sub>] **Por isso** é que é tão importante que a economia esteja a gerar dezenas de milhares de postos de trabalho.

Nas frases seguintes são apresentadas as intenções do governo. O uso do Futuro Imperfeito do Indicativo na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (“continuaremos a estimular” e “continuaremos a proteger”), de verbos de ação, do gerúndio (“apoando”, “abrindo”, “multiplicando”...), da expressão temporal (“para 2015”) e do grupo nominal “firme compromisso” são elementos primordiais para a construção da imagem de *agente em potência*.

Nos parágrafos 8 e 9, as medidas executadas no passado vão sendo apresentadas em simultâneo com propostas para o futuro, ou seja, o *ethos competente* surge em paralelo com o *ethos agente em potência*.

8§ [ft<sub>23</sub>] **Continuaremos também** a proteger aqueles que estão mais vulneráveis, como foi sempre a nossa política apesar das restrições que a crise impôs. [ft<sub>24</sub>] Desde as isenções nas taxas moderadoras até aos aumentos anuais das pensões mais baixas, **mobilizámos** sempre os recursos que tínhamos para estar ao lado de quem mais precisava.

9§ [ft<sub>25</sub>] **Também teremos** uma atenção muito especial para quem trabalha e possui poucos recursos. [ft<sub>26</sub>] Em 2014 **aumentámos** o salário mínimo nacional, que tinha ficado congelado desde 2010.

Por exemplo, na ft<sub>23</sub> o composto verbal “continuaremos a proteger” encontra-se no FUT, ao passo que a forma “mobilizámos” na ft<sub>24</sub> está no PPFS (o mesmo sucede com a ft<sub>25</sub> e ft<sub>26</sub>). Os compromissos de futuro estão interligados pelo conector aditivo “também”, indicando que os parágrafos 7, 8 e 9 integram o mesmo segmento textual.

A informação contida nas últimas frases do oitavo parágrafo deixa transparecer o sentido de justiça do Locutor, ao indicar que o aumento do salário mínimo nacional (de 485€ para 505€), ocorrido em outubro de 2014, constituiu uma forma de nivelar as desigualdades sociais.

A ft<sub>28</sub> é extremamente importante para demonstrar a competência do governo, sobretudo quando comparada com as MFA anteriores. Nos textos analisados até esta data, nunca se disse que a crise estava ultrapassada; pelo contrário, em muitos casos usava-se o advérbio “ainda” para indicar a persistência da mesma. Ora, nesta fase, o

facto de se fazer referência a esta situação é a prova mais cabal da competência do governo. Talvez por isso e para enfatizar a conquista, o Locutor opte pela perífrase estilística (“grave emergência financeira”) em detrimento do nome “crise”, vocábulo banalizado devido ao seu uso frequente.

Ora, durante este STT constrói-se a imagem de *competente* a partir dos seguintes elementos linguísticos: verbos no Pretérito Perfeito (“fizemos”, “lançámos”, “preparámos”, “executámos”, “fortalecemos”, “descentralizámos”, “preparámos”); 1.ª pessoa do plural (*nós institucional*) e referência às medidas implementadas (“agenda para a natalidade”, “incentivos ao investimento”...).

No último parágrafo do SOT<sub>1</sub> continua a ser discutido o futuro do país, conforme indica a expressão temporal “em 2015” e o Futuro Imperfeito (“haverá”) na 3.ª pessoa do singular (sujeito nulo). A ft<sub>33</sub> apresenta uma previsão, fundamental para dar mostras da competência do governo caso se venha a verificar. Na ft<sub>34</sub>, o Locutor apenas refere que os “funcionários públicos” e os “pensionistas” serão os primeiros a sentir melhoria no seu poder de compra. Com efeito, ficou determinado no Orçamento de Estado de 2014 que seriam repostos 20% dos cortes salariais dos funcionários públicos a partir de janeiro de 2015. Já na ft<sub>35</sub>, fala-se da reforma do IRS que, segundo o Governo, iria resultar num alívio fiscal de 150 milhões de euros para as famílias (Crisóstomo, 2015). Assim, nas duas frases acima analisadas desponta a figura de *profetizador*. Em decurso do âmbito destas medidas, seleccionaram-se os vocábulos “filhos” e “familiares”. O advérbio “especialmente, que restringe os beneficiários, o verbo “proteger” e a expressão “familiares mais velhos na sua dependência” procuram gerar no auditório um sentimento de compaixão.

A frase final do décimo primeiro parágrafo enquadra uma autoscopia, materializada pelo advérbio “ainda”, pela perífrase de possibilidade “não podemos ir”, pela estrutura comparativa “tão longe quanto” e pelo Condicional/Futuro Perfeito “gostaríamos”. Todos estes elementos são importantes para a construção da imagem de *analista*.


Os últimos parágrafos enquadram-se no segmento emotivo denominado de peroração. Como tem vindo a ser comum nos textos em análise, o último SE explora a época natalícia, falando dos sentimentos associados à mesma (“generosidade” e

“paz”) e apelando à rememoração dos que se encontram ausentes. Particularmente nas Mensagens de Final de Ano portuguesas, este é o momento para o Locutor dirigir um cumprimento aos “emigrantes”, aos soldados das “Forças Armadas e de Segurança”, aos “mais carenciados” (ft<sub>40</sub>) e aos que habitam em Portugal. A referência aos “cidadãos portugueses” no território nacional e no estrangeiro e o uso de alguns vocábulos específicos (“nosso País”, “comunidade”, “nacional”) contribuem para o aparecimento da imagem de *patriota*, na medida em que apela à coesão nacional.

Na ft<sub>44</sub> e ft<sub>45</sub>, o governo (1.ª pessoa da forma verbal) incentiva o auditório a agir. A expressão “contamos com todos” manifesta, por um lado, a crença do Locutor na participação dos portugueses, e constitui uma ordem, inculcando naqueles a obrigação de assumir um dado comportamento. O verbo “queremos” também é mais do que uma simples expressão de desejo, pois a oração completiva contém um valor diretivo, em especial na parte “[queremos] que todos participem”. Como a intenção destas frases é condicionar a ação do destinatário, entende-se que a imagem aqui criada é de *guia*.

[ft<sub>44</sub>] **Contamos com todos**, com os que estão cá e com os que estão lá fora. [ft<sub>45</sub>]  
*Queremos* que se orgulhem do caminho que estamos a trilhar e que todos participem mais intimamente no processo de recuperação nacional.

As expressões epistémicas “é verdade”, que ocorrem, paralelamente, nos parágrafos 13 e 15, e “tenho a convicção”, introduzem dois argumentos que serão refutados por meio do conector contrastivo “mas”. Os contra-argumentos indicados vão convergir na conclusão patente nas ft<sub>55</sub> e ft<sub>56</sub>, como se demonstra no próximo esquema:

Argumentos	Contra-argumentos
[ft <sub>46</sub> ] <b>É verdade que</b> enfrentamos ainda várias incertezas no plano externo que comportam riscos.	[ft <sub>47</sub> ] <b>Mas</b> dispomos hoje na União Europeia de mais instrumentos para lidar com estas situações. [ft <sub>48</sub> ] <b>[Mas] se</b> continuarmos a fazer o que devemos ficaremos sempre em melhores condições para enfrentar os imprevistos externos. [ft <sub>49</sub> e ft <sub>50</sub> ] <b>Mas</b> este será o primeiro Natal [...] em que temos o futuro aberto.
[ft <sub>52</sub> ] <b>É verdade que</b> temos ainda muito trabalho pela frente.	[ft <sub>53</sub> ] <b>Mas</b> não me resigno a nenhum fatalismo que nos impeça de alcançar aquilo que muitos outros povos conseguiram alcançar.
	 <p><b>CONCLUSÃO:</b> [ft<sub>55</sub>] Como os Portugueses, nunca desisti. [ft<sub>56</sub>] E não desistiremos.</p>

Nos argumentos, o enunciador deixa claro o seu conhecimento (expressões epistémicas) sobre o estado real do país e sobre os portugueses, aqui referidos por meio do *nós nacional* (1.<sup>a</sup> pessoa do plural das formas “enfrentamos” e “temos” no Presente do Indicativo). A partir desta materialidade linguística considera-se que é criado o *ethos conhecedor*. Porém, nos contra-argumentos o Locutor mostra-se *lutador*, pois emprega os verbos “não se resignar” e “nunca/não desistir” nos três principais tempos verbais.

Ainda na contra-argumentação começa a ser desenhada a imagem de *guia*, especialmente com a oração condicional (“se continuarmos a fazer o que devemos”), o Futuro Imperfeito (“ficaremos”, “desistiremos”) e a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (*nós nacional*), que será continuada no parágrafo subsequente. De forma a condicionar a atitude do auditório, recorre-se ao verbo “ter” (ft<sub>57</sub>), expressando obrigação, à oração final “para fortalecer... para preparar” e à expressão apreciativa “é muito importante proteger”. Este período manipulativo é rematado quer pela frase “não queremos deitar tudo a perder”, cuja parte final pertence assumidamente a um registo mais informal, quer pelas ft<sub>60</sub> e ft<sub>61</sub>, com a conjunção “sim” a ter valor enfático oralizante.

A mensagem termina com os votos de um Bom Natal e Feliz Ano Novo endereçados pelo enunciador individual (1.<sup>a</sup> pessoa do singular “desejo”), à semelhança dos outros textos.

#### 6.2.7.2. Análise quantitativa

Na Mensagem de Final de Ano produzida em 2014 destacaram-se alguns vocábulos pela sua recorrência, que a seguir se indicam.

O indefinido “todos” tem o maior número de ocorrências (14), depois dos artigos, das preposições, das conjunções e dos advérbios, elementos linguísticos com maior incidência na maioria dos textos. Ao utilizar este vocábulo, o Locutor pretende incluir-se no mesmo grupo que os cidadãos, mostrando assim uma certa proximidade com o auditório. Pelo contrário, o nome “Portugueses” (9 ocorrências), usado genericamente para se referir a todos os cidadãos, cria um distanciamento, uma vez que fala daqueles como sendo uma entidade com a qual não partilha nenhum aspeto em comum. O recurso a este nome serve, por exemplo, para elogiar o desempenho dos portugueses, sem se imiscuir no grupo, o que lhe confere maior credibilidade e respeito, essenciais para os *ethè meritocrata* e *orgulhoso*.

Outro dos nomes mais recorrentes é “ano” (6 ocorrências), na maioria das vezes referindo-se a 2014. Tal coaduna-se com a temática do texto, dado que este se apresenta como uma exposição da situação do país e da atuação do governo. Constatou-se, então, que este vocábulo, bem como outras expressões temporais são frequentemente utilizados durante a construção do *ethos competente*.

Segue-se o adjetivo “nacional”, com seis ocorrências, que vem corroborar o espírito de união que o Locutor pretende veicular no texto. A seleção deste vocábulo em detrimento, por exemplo, do adjetivo “português(a)” pode ter razões persuasivas, pois desperta o sentimento patriótico de quem ouve/lê o texto.

A forma verbal “queremos” tem também bastante expressão nesta mensagem, com um total de cinco ocorrências. Como indicado durante a análise textual, o verbo volitivo “querer” expressa um desejo que está na base de um incentivo à ação. De facto, nas várias ocorrências, o verbo pretende, a partir do ponto de vista do governo,

estimular os cidadãos a tomar determinadas atitudes, razão pela qual nestes momentos se considerou a existência do *ethos guia*.

Para além destas, também se destacam algumas palavras que correspondem a temas em redor dos quais se centra o texto, a saber: recuperação (5), programa de assistência (4), emprego (4) e economia (3). Por fim, uma palavra sobre o nome “futuro”, usado em quatro ocasiões para falar positiva e esperançosamente dos anos subsequentes, servindo como um estímulo à ação do auditório.

Do ponto de vista da análise de alguns elementos da RE, nomeadamente dos índices de pessoas, foi possível apurar que há um predomínio da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, em especial do *nós institucional*, o que indica que o Governo é o agente da maioria das ações descritas e que os *ethè* construídos são relativos ao executivo (por exemplo, *ethè competente* e *agente em potência*). Existem também 23 ocorrências do *nós nacional*, sujeito que resulta da junção do Locutor e dos cidadãos portugueses, e 5 ocorrências de formas de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, observáveis no exórdio e na peroração.

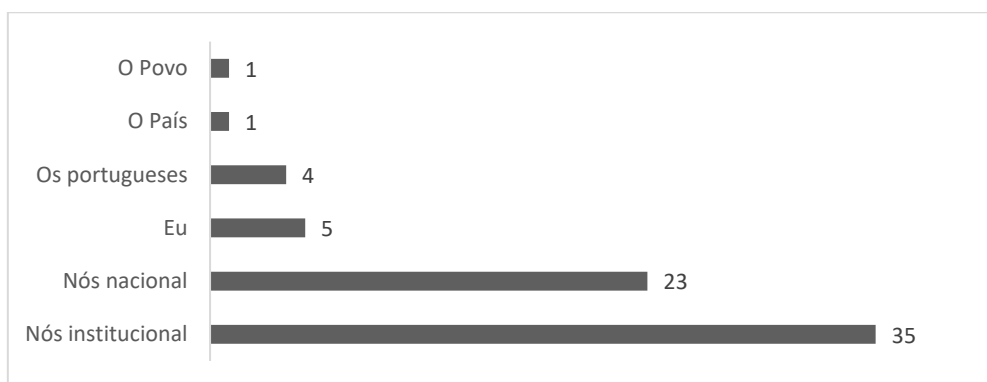


Gráfico 18 - Sujeitos presentes na Pt2014

Como a responsabilidade enunciativa pode ser detetada através do uso de outros elementos gramaticais, nomeadamente os pronomes pessoais e os demonstrativos, procedeu-se à sua contabilização. A partir desta obtiveram-se os seguintes dados:

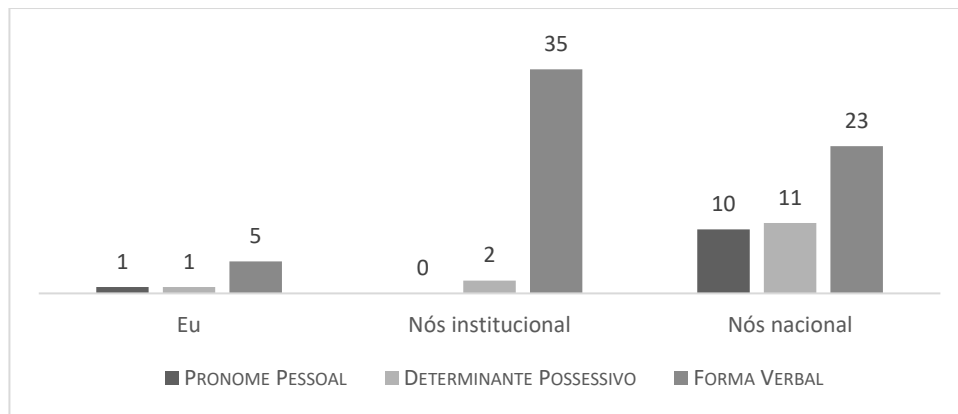


Gráfico 19 – Ocorrências de índices de pessoa/sujeito

O Gráfico 19 mostra que o texto possui vários demonstrativos possessivos (“nossa história”, “nossos jovens”) e pronomes pessoais na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (“nós”), em representação do *nós nacional*, por comparação com os outros dois sujeitos em análise. Assim, embora o *nós nacional* não se assumia tantas vezes como autor das ações, é convocado recorrentemente ao longo do texto, mesmo em momentos em que há outros responsáveis pela ação. Veja-se um exemplo desta situação:

[ft<sub>15</sub>] Por isso, é meu objetivo garantir que consolidamos a atual recuperação económica, que está a fazer crescer acima da média da zona euro **a nossa economia**...

Nesta frase tipográfica, o Locutor individual assume um compromisso em seu nome e do governo (o nós sujeito da forma “consolidamos”) que visa promover o crescimento da economia portuguesa. O demonstrativo possessivo “nossa” revela que o Locutor também faz parte de outro sujeito, o *nós nacional* composto por si próprio e por todos os cidadãos.

No que diz respeito ao tempos em que se encontram as formas verbais utilizadas previamente para distinguir os vários sujeitos, verificou-se que há uma diferença evidente entre o *nós institucional* e o *nós nacional* (Gráfico 20).

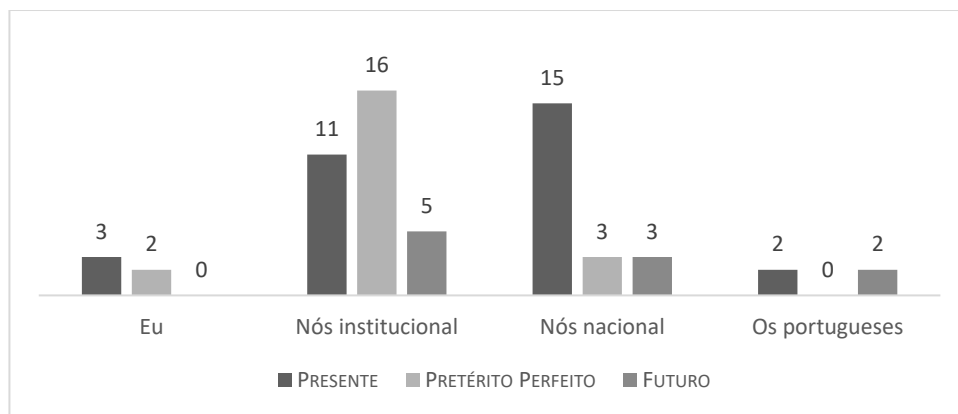


Gráfico 20 - Distribuição dos tempos verbais

Nos momentos em que as formas verbais de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural têm como sujeito o *nós institucional*, o PPFS predomina, o que aliás é congruente com a construção do *ethos competente*, isto é, com a exposição das ações encetadas pelo governo. No caso do *nós nacional* é mais natural que exista uma superioridade do PRES, dado que é mobilizado para expor a situação corrente do país e as ações em curso. Convém ainda mencionar que a prevalência de formas no FUT tendo como sujeito o *nós institucional* não é de estranhar, uma vez que nesta MFA se construiu por diversas vezes o *ethos agente em potência*, que trata de medidas a implementar no futuro.

#### 6.2.7.3. Síntese da análise

Para consultar a materialidade textual a partir da qual se construíram os *ethè* observados na Mensagem Pt2014, recomenda-se a consulta dos próximos quadros.

Materialidade linguística da Pt2014	Segmento textual <sup>74</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
1. <sup>a</sup> Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ) e pronominais ( <i>nos</i> ); Verbos no Presente ( <i>sabemos</i> ); 3. <sup>a</sup> Pessoa do singular das formas verbais (sujeito indeterminado); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>nos custou</i> ); Léxico (nomes <i>sacrifícios e expectativas frustradas</i> ); Verbos cognitivo ( <i>saber</i> ) e expressivo ( <i>custar</i> ); Esquema argumentativo falacioso opinião popular.	SE <sub>1</sub>	<b>Empático:</b> compreende emocional ou intelectualmente os outros.

<sup>74</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Pt2014 pode ser consultada no Apêndice 9.

<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i>);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>fizemos</i>) e no Infinitivo pessoal Composto (<i>termos reconquistado, termos posto</i>);</p> <p>Voz passiva (<i>fomos sujeitos</i>);</p> <p>Expressão apreciativa (<i>tremendas dificuldades</i>);</p> <p>Verbos <i>sujeitar</i> e <i>reconquistar</i>.</p>	SE <sub>1</sub>	<b>Orgulhoso:</b> manifesta orgulho por ações realizadas por si ou por terceiros.
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Presente (<i>contamos, queremos</i>) e no Futuro imperfeito do Indicativo (<i>ficaremos, desistiremos</i>);</p> <p>Verbo volitivo <i>querer</i>;</p> <p>Expressão <i>contamos com todos</i>;</p> <p>Oração condicional (<i>se continuarmos a fazer o que devemos, e o que depende de nós próprios realizar</i>);</p> <p>Esquema argumentativo falacioso opinião popular e consequência.</p>	SE <sub>2</sub>	<b>Guia:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i>) e pronominais (<i>nos</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>devemos</i>);</p> <p>Perífrase de obrigatoriedade atenuada (<i>dever + infinitivo</i>);</p> <p>Léxico (<i>Emigrantes, cidadãos portugueses, soldados das Forças Armadas, todos juntos formamos uma comunidade</i>).</p>	SE <sub>2</sub>	<b>Patriota:</b> manifesta orgulho pela Pátria e/ou defende-a.
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>mobilizámos, aumentámos</i>);</p> <p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>a economia</i>);</p> <p>Perífrase com valor <i>em curso</i> no Presente do Conjuntivo (<i>esteja gerar</i>);</p> <p>Expressão apreciativa (<i>é importante</i>);</p> <p>Expressão deontica (<i>é essencial garantir</i>);</p> <p>Verbos de ação (<i>mobilizar, aumentar, gerar</i>);</p> <p>Conector consecutivo (<i>por isso</i>) e conclusivo (<i>portanto</i>).</p>	SE <sub>1</sub> SOT <sub>1</sub> STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub>	<b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.
<p>1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i>);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>sei</i>);</p> <p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>enfrentamos, temos</i>);</p> <p>Verbo cognitivo <i>saber</i>;</p> <p>Expressões epistémicas (<i>é verdade que</i>);</p> <p>Esquema argumentativo contra-argumentação.</p>	SE <sub>2</sub>	<b>Conhecedor:</b> tem a visão clara dos acontecimentos, porque processou e refletiu sobre as informações.
<p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (genérico);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito do Indicativo (<i>atestou</i>);</p> <p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>um feito</i>);</p> <p>Verbos no Presente (<i>comprova</i>);</p> <p>Complemento direto (<i>a grande capacidade dos Portugueses</i>);</p> <p>Léxico (Verbos <i>atestar, comprovar</i> e <i>salvar</i>; nomes <i>coragem</i> e <i>empenho</i>; grupo preposicional <i>num grande esforço nacional</i>).</p>	SE <sub>1</sub>	<b>Meritocrata:</b> atribui a outros o mérito de determinadas ações.
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> e <i>nós nacional</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>não podemos ir</i>);</p> <p>Futuro Perfeito do Indicativo/Condicional (<i>gostaríamos</i>);</p> <p>Expressão deontica <i>é verdade que</i>;</p>	STT <sub>3</sub>	<b>Analista:</b> analisa uma situação na qual, por norma, está envolvido.

Negação da perífrase de possibilidade ( <i>não podemos ir</i> ); Léxico apreciativo (advérbio <i>ainda</i> e expressão <i>tão longe quanto</i> ); Esquema argumentativo oposição.		
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>continuaremos a fazer</i> ), Presente do Indicativo com valor de futuro ( <i>consolidamos</i> ) pedido pelo verbo <i>garantir</i> ; Léxico (nome <i>objetivo</i> , verbo <i>garantir</i> ); Expressão temporal ( <i>em 2015</i> ). Metáfora ( <i>sarar as feridas abertas</i> ).	SE <sub>1</sub> STT <sub>1</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Perífrase de continuidade ( <i>continuaremos a fazer</i> ).	STT <sub>2</sub>	<b>Agente:</b> implementa medidas.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito nulo); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>haverá</i> ); Expressão temporal ( <i>em 2015</i> ).	STT <sub>3</sub>	<b>Profetizador:</b> prevê ou antecipa o futuro.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>algo</i> ); Verbos no Pretérito Imperfeito do Indicativo ( <i>não sucedia</i> ); Negação do verbo <i>suced</i> er; Oração temporal ( <i>há mais de 10 anos</i> ); Esquema argumentativo oposição.	SE <sub>1</sub>	<b>Comentarista crítico:</b> ajuíza comportamentos ou situações.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ) e pronominais ( <i>me</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>resigno</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ) e pronominais ( <i>nos</i> ); Verbos no Presente ( <i>enfrentamos</i> ) e Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>atravessámos</i> ); Negação dos verbos <i>resignar</i> e <i>desistir</i> .	SE <sub>2</sub>	<b>Lutador:</b> luta incansavelmente por uma causa ou por um objetivo.

Quadro 20 - *Ethè* e características textuais e organizacionais na Pt2014

Vocábulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Todos	14	Meritocrata, orgulhoso
Portugueses	9	Meritocrata, orgulhoso
Ano	6	Competente
Queremos	5	Guia
Recuperação	5	Competente, líder, agente em potência, profetizador
Programa de assistência	4	Competente
Emprego	4	Agente em potência, agente
Economia	3	Competente, agente em potência

Quadro 21 - Relação frequência vocabular/*ethè* na Pt2014

### 6.2.8. Br2008

#### 6.2.8.1. Análise qualitativa

A Mensagem de Final de Ano pronunciada pelo Presidente Lula da Silva a 22 de dezembro de 2008 tem início com uma apóstrofe incomum em discursos formais, em virtude do seu cariz familiar: “minhas amigas e meus amigos”. Com esta escolha lexical, o Locutor promove uma aproximação com o auditório, definindo o tom que vai pontuar toda a mensagem.

A apóstrofe pode ter sido selecionada pelo próprio Locutor de forma a corroborar a ideia existente de que ele, Lula da Silva, era um homem do povo, igual a tantos outros brasileiros; ou pode ter sido selecionado pelo facto de o Brasil ser uma sociedade de maior proximidade ou porque este registo já vinha sendo adotado deste o início desta tradição. Embora não se conheça o motivo que originou a escolha desta apóstrofe, o certo é que garante um registo informal próximo. Para além disso, a apóstrofe serve para demarcar a mudança de tema, daí a sua repetição ao longo do texto, e para demonstrar a cortesia e a equidade do Locutor, dado que menciona ambos os géneros sexuais e refere os destinatários femininos em primeiro lugar.

A proximidade promovida pela apóstrofe é mantida na primeira frase tipográfica, por meio da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular da perífrase volitiva “quero conversar”. O ato a que se faz referência sugere reciprocidade, como se o Locutor estivesse a abrir um diálogo com o auditório, aqui referido por meio do complemento oblíquo “com vocês”. Também este tratamento do destinatário, pouco formal, contribui para o tom intimista da mensagem. Nesta primeira frase também se indica o tema central da mensagem, a crise mundial, dando-se início à narração e à explicação da sua origem (SE<sub>1</sub>).

[ft<sub>2</sub>] Esta noite quero conversar com vocês **sobre a crise econômica mundial**. [ft<sub>3</sub>] É uma crise muito diferente das anteriores. [ft<sub>4</sub>] Não surgiu num país emergente ou na periferia do sistema. [ft<sub>5</sub>] Ao contrário, nasceu e explodiu no coração do mundo desenvolvido. [ft<sub>6</sub>] Mais precisamente, nos Estados Unidos e na Europa.

Começa, em primeiro lugar, por tecer uma apreciação pessoal sobre a crise, como denota a escolha do adjetivo no superlativo relativo de superioridade (“muito diferente das anteriores” [ft<sub>2</sub>]). De forma a fortalecer o seu ponto de vista, uma vez

que esta posição pode não ser partilhada pelo auditório, determina, nas frases subsequentes, a origem da crise e afasta a responsabilidade dos países emergentes, no leque dos quais se enquadra o Brasil (exige conhecimento extradiscursivo). Efetivamente, a crise económica mundial surgiu nos Estados Unidos e na Europa em virtude da falência de uma série de instituições europeias, mas os seus efeitos alastraram-se um pouco por todo o mundo<sup>75</sup>.

O conector adversativo “ao contrário” marca a oposição entre os países emergentes [ft<sub>4</sub>] e os desenvolvidos, referidos por meio da metáfora “coração do mundo desenvolvido” [ft<sub>5</sub>], e o especificador “mais precisamente” [ft<sub>6</sub>] aponta os nomes dos verdadeiros responsáveis. O verbo “explodir”, hiperbolizando a ação, não é aleatória; pelo contrário, serve para ilustrar a dimensão da crise, a rapidez com que se espalhou e os efeitos que provocou.

Para clarificar e enfatizar a extensão do problema, recorre-se à oração relativa restritiva (“que afeta todo o mundo”), antes de se fornecerem mais pormenores sobre os motivos que a originaram.

[ft<sub>6</sub>] Esta crise, que afeta todo o mundo, **foi provocada** pela falta de controle do sistema financeiro nos países mais ricos. [ft<sub>7</sub>] Em vez de cumprirem seu papel na economia, financiando o setor produtivo, os bancos viraram um grande cassino.

[ft<sub>8</sub>] A jogatina foi longe, mas, um dia, a conta chegou. [ft<sub>9</sub>] Bancos quebraram, um grande número de empresas entrou em dificuldades e milhões de trabalhadores perderam suas casas ou seus empregos.

A voz passiva (“foi provocada”) destaca o papel do sistema financeiro, que assume a função de agente e não de paciente, no surgimento da crise. A metáfora “os bancos viraram um grande cassino” visa despoletar no auditório sentimentos negativos, pois o indivíduo estabelece, instantaneamente, uma associação entre cassino e vício do jogo, entre jogo e perda, entre perda e desonestidade... Para ilustrar esta ideia de compulsão, incluiu-se no texto a oração “a jogatina foi longe”. O conector contrastivo “mas” confere uma pausa dramática antes de indicar o desfecho (ft<sub>9</sub>). Portanto, neste período narrativo recorre-se à isotopia do jogo (“cassino” e “jogatina”)

---

<sup>75</sup> Para mais informações sobre a crise financeira de 2008 recomenda-se a leitura do capítulo 6.1..

para promover uma depreciação da imagem dos bancos, acentuando a sua irresponsabilidade e ganância.

Os elementos linguísticos previamente assinalados potenciam o aparecimento das imagens de *pedagogo* e, simultaneamente, de *comentarista crítico*, pois o Locutor esclarece um tópico e faz um juízo de valor sobre a atuação das entidades financeiras.

Com o quinto parágrafo, inicia-se uma exposição sobre o estado do Brasil (referido não só pelo nome, como pelo deíctico “aqui”), na qual se procura tranquilizar o auditório.

[ft<sub>10</sub>] Aqui no Brasil não tivemos este tipo de crise. [ft<sub>11</sub>] Nosso sistema bancário estava e está saudável. [ft<sub>12</sub>] Nossa economia, arrumada e organizada vem crescendo a taxas robustas, as maiores dos últimos 30 anos. [ft<sub>13</sub>] Portanto, a crise coincide com nosso melhor momento. [ft<sub>14</sub>] É uma pena, mas como estamos muito bem, a situação é menos complicada. [ft<sub>15</sub>] Todos concordam que somos um dos países mais preparados para enfrentar este desafio.

As primeiras frases deste parágrafo (ft<sub>10</sub> a ft<sub>12</sub>) indicam a situação positiva do Brasil. Para tal, aponta-se o crescimento das taxas, cuja responsabilidade é do governo e das medidas que implementou. Os adjetivos “arrumada e organizada”, usados para caracterizar a situação da economia, remetem ao âmbito doméstico, razão pela qual se considerou que foi construída aqui uma metáfora para demonstrar o carácter competente do Governo. O mesmo propósito regeu a utilização da expressão “as maiores dos últimos 30 anos”.

O conector “portanto” conclui a argumentação, na qual se opõe claramente o estado do Brasil ao de outros países. Importa salientar que quando se pensa em crise, pensa-se sempre num momento muito negativo e negro. Por isso, é que o Locutor usa as expressões apreciativas “é uma pena” para revelar compreensão pelos outros.

Segue-se um momento apreciativo sobre o estado do país, marcado pelas expressões “é uma pena” e “é menos complicada”. Depois da exposição do ponto de vista individual, o Locutor convoca o PdV de uma entidade inominável (indefinido “todos” [ft<sub>15</sub>]) para corroborar a sua posição. Em virtude dos elementos acima descritos, considera-se que são criadas duas imagens: a de *tranquilizador*, que visa sanar as dúvidas e preocupações dos cidadãos, e a de *competente*.

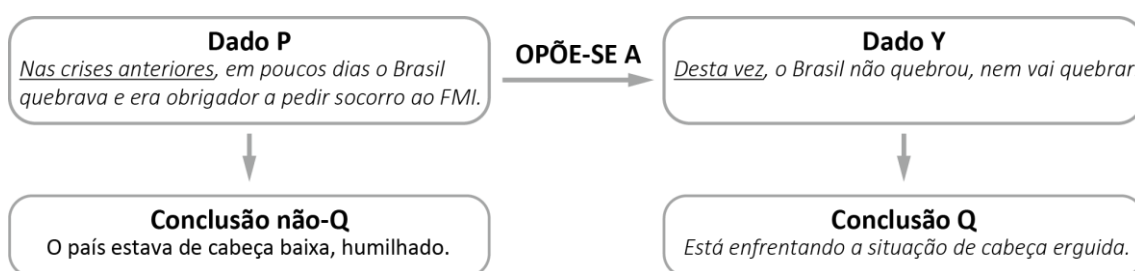
As expressões temporais que iniciam as frases seguintes (ft<sub>16</sub> e ft<sub>17</sub>), apresentam o contraste entre dois tempos, o passado e o presente, e, por extensão, entre o(s) governo(s) anterior(es) e o atual. Esta dicotomia vai servir de base à construção de duas imagens: a de *competente* e a de *comentarista crítico*.

[ft<sub>16</sub>] **Nas crises anteriores**, em poucos dias o Brasil quebrava e era obrigado a pedir socorro ao FMI. [ft<sub>17</sub>] **Desta vez**, o Brasil não quebrou, nem vai quebrar. [ft<sub>18</sub>] Está enfrentando a situação de cabeça erguida.

O Locutor pretende, então, criticar a atuação dos governos anteriores, que não conseguiam impedir a rutura financeira (verbo “quebrar”) e tinham de pedir ajuda ao FMI, e enaltecer o atual, mostrando a sua competência.

Neste trecho, no qual os executivos são referidos pela sinédoque todo-parte (Brasil – governo), usa-se a expressão “era obrigado a” para apontar a incapacidade dos governos anteriores e “não quebrou” para afirmar que o atual soube tomar as devidas medidas. A manutenção do mesmo verbo entre as duas frases, que assumem formas distintas (afirmativa e negativa, respetivamente), é uma estratégia para demarcar a diferença entre as duas atuações.

A crítica aos governos anteriores prossegue no sétimo parágrafo, que constitui um raciocínio lógico. A conclusão não-Q é deixada à interpretação do auditório, sugerindo-se apenas o resultado da atuação daqueles executivos. Esta conclusão mexe, claramente, com as emoções do auditório e tem como objetivo suscitar a indignação daquele.



No oitavo parágrafo (SOT<sub>1</sub>) retoma-se a ideia de que o Brasil se encontra num bom momento, que servirá de mote para expor a atuação do governo.

8§ [ft<sub>20</sub>] Enquanto a maioria dos países ricos está em recessão, o Brasil vai continuar crescendo. [ft<sub>21</sub>] É verdade que, com o vento a favor, poderíamos ir mais longe. [ft<sub>22</sub>] Mas, mesmo com o vento contra, podemos e vamos seguir progredindo.

O contraste entre a situação brasileira e a dos países desenvolvidos é realizado através do conector “enquanto” e também dos tempos verbais: no primeiro termo o verbo encontra-se no Presente do Indicativo (“está em recessão”), apontando para a ocorrência atual do facto, ao passo que no segundo usa-se uma combinação de duas perífrases – a de futuro e a de continuidade (“vai continuar crescendo”). A perífrase de futuro (ir + infinitivo), usada na ft<sub>18</sub>, na ft<sub>20</sub> e mais adiante na ft<sub>22</sub>, tem um valor preditivo. Contudo, como o seu otimismo pode ser considerado excessivo, o Locutor deixa claro que os resultados poderiam ter sido melhores (observe-se o conteúdo da ft<sub>21</sub>, introduzida pela expressão epistémica “é verdade que”).

A isotopia marítima utilizada nestas frases (“com o vento a favor”, “com o vento contra”) remete para duas realidades opostas e respetivos resultados. Se no primeiro caso o verbo “poder” se encontra no Futuro do Pretérito, apontando para algo passado, a utilização do Presente do Indicativo, no segundo, dá a ação como real. As perífrases de futuro e de continuidade, a negação do verbo “quebrar” e o conteúdo semântico dos verbos (“continuar”, “crescer”, “seguir”, “progredir”) passam a imagem de *profetizador*.

O parágrafo seguinte dá início ao primeiro segmento de tratamento temático (STT<sub>1</sub>), marcado por uma sequência explicativa que aborda a competência do governo, sujeito das formas verbais de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (à exceção de “estamos” que tem como sujeito o *nós nacional*).

A conjunção condicional “Se” (ft<sub>23</sub>) coloca, implicitamente, uma pergunta ao auditório (*Porque é que estamos em melhores condições para enfrentar a crise?*), que é o ponto de partida para uma sequência explicativa, marcada pelo conector “porque”. A primeira razão baseia-se no conhecimento e na capacidade de tomada de decisões (perífrase “soubemos fazer” no Pretérito Perfeito e grupo nominal “as opções acertadas”); a segunda e terceira, na capacidade de agir (verbo de ação no Pretérito Perfeito “aceleramos” e “crescemos”; gerúndio “distribuindo” e “reduzindo”, para expressar simultaneidade). Se a isto se somar a enumeração dos resultados, estruturados da seguinte forma – sujeito subentendido (o governo) + forma verbal no Pretérito Perfeito do Indicativo (apontando para a conclusão da ação) + complemento

direto composto por grupo nominal, facilmente se percebe que o Locutor procura passar a imagem de *competente*.

A construção desta imagem estende-se por vários parágrafos (10§-19§), articulados por organizadores sequenciais (“em primeiro lugar”) e conectores aditivos (“também”, “além disso”). Para dar conta da competência do governo, expõem-se os resultados desde o momento da tomada de posse, através da utilização de diversas expressões de tempo (“em 2003”, “de 2003 para cá”, “em 2007”, “em 2008”, “este ano”, “naquele tempo”, entre outros), de advérbios (“hoje”, “agora”) e de orações temporais (“quando assumi o governo”, “quando assumimos”). Os tempos verbais também auxiliam neste processo: o Pretérito Perfeito marca ações concluídas pelo governo (“mantivemos a inflação sobre controle”); o Imperfeito refere ações anteriores a esta governação (“quando assumimos, a inflação estava acima de 9%”); o Presente (“não deve um só centavo”), a perífrase de futuro (“vai ficar dentro da meta”) e a de probabilidade (“este ano deve ficar em 36%”) marcam a atualidade.

Para além de expor esse lado, o Locutor demonstra grande conhecimento sobre números percentuais (“a inflação estava acima dos 9%”, “a dívida pública... representava 52% do PIB... e este ano deve ficar em 36%”, “o salário mínimo cresceu... 51%”, “a taxa de desemprego caiu de 12,3%... para 7,6%”) e valores concretos (“nossas reservas em moeda estrangeira... chegam a 207 bilhões de dólares”, “1 milhão 812 mil novos empregos com carteira assinada”), o que revela a sua faceta *tecnocrata*.

Com a aproximação do final do segmento destinado à apresentação de resultados, o Locutor indica uma última conquista: a melhoria de vida de muitos brasileiros. Embora esta informação não esteja explicitamente expressa, é fácil inferir pelo verbo “entrar” que as pessoas agora na “classe média” viviam antes em piores condições.

19§ [ft<sub>53</sub>] Nosso desenvolvimento econômico e social fez com que, nos últimos anos, mais de 20 milhões de pessoas entrassem na classe média.

A opção pela exposição do ponto positivo em detrimento do negativo tem como finalidade manter o tom exortativo e laudatório. A conquista é explicada a partir de uma argumentação de causa-efeito, construída com o verbo “fazer”, regido pelas preposições “com que”, e com os constituintes sintáticos: sujeito (“nosso

desenvolvimento económico e social”) e complemento direto (“mais de 20 milhões de pessoas entrassem na classe média”). A utilização da informação quantitativa (“20 milhões”) é selecionada, possivelmente, para efeitos persuasivos, enfatizando a performance do governo. Ainda nesta frase, importa falar sobre a abrangência e indefinição temporal da expressão “nos últimos anos”, dado que não implica necessariamente que se refira apenas ao governo de Lula (que estava no poder desde 2003).

O final da enumeração da eficiência governativa consta do parágrafo 20, quando se resumem os resultados da atuação governativa. O indefinido e o demonstrativo usados como sujeito da oração (“tudo isso”), que remetem anaforicamente para a informação elencada antes, são os agentes de duas ações articuladas pela conjunção aditiva “e”. Ambas aludem a uma ideia de movimento, que se opõe fortemente à estagnação dos outros países e do Brasil pré-Lula, por meio dos vocábulos “roda”, “girar” e “círculo”.

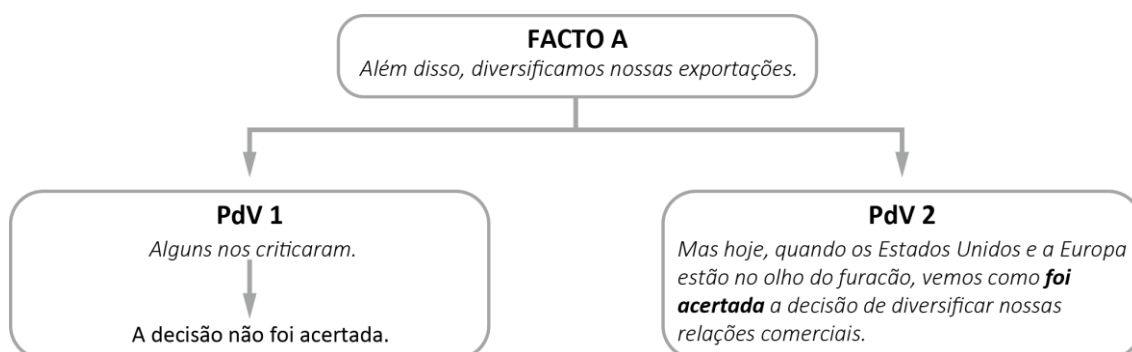
Durante este segmento é ainda necessário recordar um momento de análise, a partir do qual se reconstrói a imagem de *comentarista crítico*. Na ft<sub>41</sub>, a expressão temporal “Naquele tempo” reenvia para a afirmação da ft<sub>39</sub> que, por sua vez, faz recordar a informação da ft<sub>17</sub>. A recuperação do momento do resgate do FMI pretende manipular novamente as emoções, inspirando no auditório certo estado de espírito. Assim, quando receberem a informação de que, no governo anterior, “as reservas em moeda internacional eram muito baixas” por oposição à situação atual (ft<sub>38</sub> e ft<sub>42</sub>), a sua indignação relativamente ao passado e o seu contentamento em relação ao presente será óbvio. O conector “com isso” estabelece a relação de causalidade que explica a mudança de estatuto do Brasil (“deixamos de ser devedores para ser credores internacionais”), criticando desta forma direta os governos anteriores.

A posição crítica do Locutor também desponta no décimo segundo parágrafo, mas aqui para contestar a reação e atitude desfavorável à decisão de diversificar as exportações tomada por “alguns”. A indefinição promovida por este pronome convoca um novo ponto de vista (PdV1), que pode ser atribuído a diversas identidades, por exemplo, aos adversários políticos, aos cidadãos ou aos outros países. Este PdV opõe-se claramente ao do governo (PdV2), presente no pronome pessoal “nos” e na forma

verbal “vemos”, no qual se inclui o Locutor que teve intervenção direta nesse esforço (veja-se a comparação da ft<sub>33</sub>).

[ft<sub>33</sub>] Além disso, diversificamos nossas exportações. [ft<sub>34</sub>] Viajei pelo mundo afora, como um verdadeiro mascate dos nossos produtos. [ft<sub>35</sub>] Alguns nos criticaram. [ft<sub>36</sub>] Mas hoje, quando os Estados Unidos e a Europa estão no olho do furacão, vemos como foi acertada a decisão de diversificar nossas relações comerciais.

Assim, neste pequeno excerto apresentam-se dois pontos de vista antagónicos, como se esquematiza em seguida.



Segundo o PdV1, a decisão de alargar as exportações não foi acertada, ao passo que o PdV2 considera que foi positivo, argumentando com as diferenças entre a situação dos Estados Unidos e da Europa por oposição à do Brasil.

Embora no parágrafo 21 exista uma apóstrofe, normalmente usada para marcar uma divisão, não há um novo segmento, como indica a anáfora “esses avanços” que remete para o conteúdo dos parágrafos anteriores. Antes de continuar com a exposição da ação do governo e do seu impacto (parágrafo 23), o Locutor mostra a faceta de *agente*, a partir da perífrase durativa “estamos agindo”, do valor semântico do verbo principal, da expressão complementar “em todas as frentes” e da oração temporal “desde que a crise começou”.

No parágrafo 24 começa um novo STT, destinado à exposição de algumas intenções governativas. A expressão temporal com que aquele inicia (“ao mesmo tempo”), estabelece uma relação com o segmento anterior, na medida em que mantém o tema da atuação do governo, mas as formas verbais no Futuro Imperfeito (“manterá”, “haverá”, “seguiremos”) revelam a mudança de tempo.

24§ [ft<sub>61</sub>] Ao mesmo tempo, o governo manterá todos os investimentos previstos no PAC, e nos programas sociais. [ft<sub>62</sub>] Em hipótese alguma, haverá cortes nos investimentos governamentais. [ft<sub>63</sub>] Porque eles são decisivos para o Brasil enfrentar a crise e sair dela mais reforçado.

A partir da ft<sub>61</sub>, tece-se uma série de compromissos, assumidos pelo sujeito (deixa de ser o subentendido “nós” para passar a ser “o governo”), que visam mostrar a capacidade de agir (*ethos agente em potência*). Para além disso, com a metáfora “acompanhando com lupa”, com a expressão “24 horas por dia” e, sobretudo com a oração “o país tem comando”, o *ethos* é líder.

Depois deste momento em que se compromete com a realização de algumas ações, o Locutor dirige um apelo ao auditório (STT<sub>5</sub>).

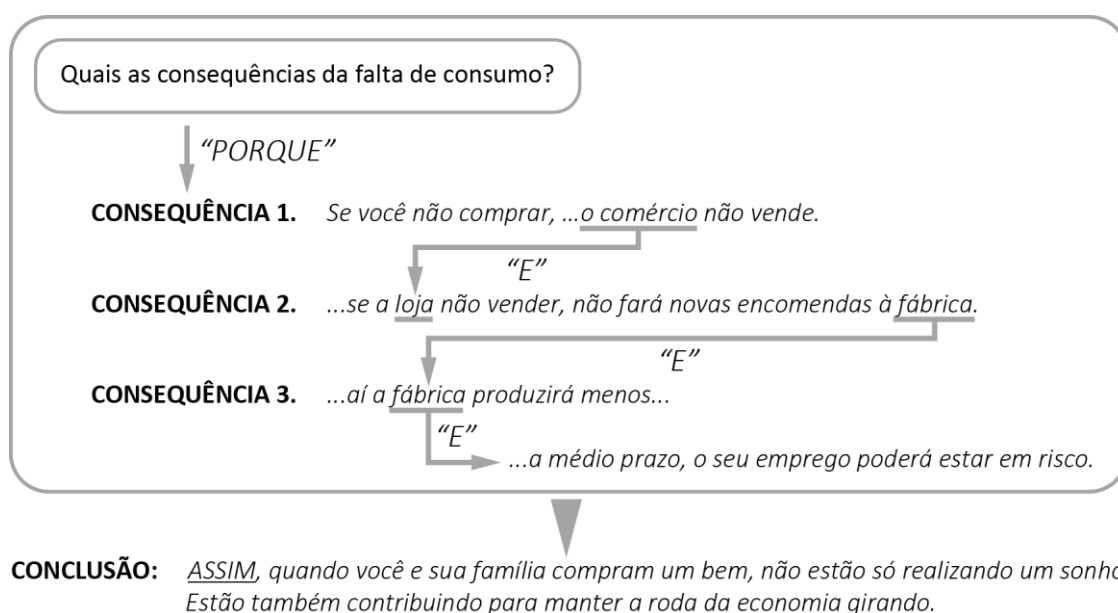
27§ [ft<sub>71</sub>] Mas é fundamental que todos façam sua parte.

O conector contrastivo “mas” marca uma rutura com a ideia de que a responsabilidade cabe apenas ao governo, imputando aos cidadãos (referidos por meio do indefinido “todos”) a obrigação de agir (“é fundamental”).

A modalidade deôntica continua a ser usada no parágrafo seguinte, nomeadamente por meio das expressões “é importante que” e “é imprescindível que”, bem como da perífrase “deve trabalhar”, levando os sujeitos (respetivamente “os empresários”, “os trabalhadores” e “o setor financeiro”) a realizar determinadas ações. Até aqui o Locutor dirige-se a grupos sociais, porém nas linhas seguintes (ft<sub>75</sub> a ft<sub>83</sub>) passa a falar diretamente para o cidadão comum. A este, tratado de forma íntima (pronomes “você” e apóstrofe “meu amigo e minha amiga”), endereça-se um conselho, materializado com o Imperativo Presente (“não tenha”). As orações condicionais das frases tipográficas seguintes correspondem a conselhos particulares que visam incitar o auditório a assumir determinado comportamento perante diferentes situações.

[ft<sub>75</sub>] E você, meu amigo e minha amiga, não tenha medo de consumir com responsabilidade. [ft<sub>76</sub>] **Se** você está com dívidas, procure antes equilibrar seu orçamento. [ft<sub>77</sub>] Mas, **se** tem um dinheirinho no bolso ou recebeu o décimo terceiro, e está querendo comprar uma geladeira, um fogão ou trocar de carro, não frustre seu sonho, com medo do futuro.

Na ft<sub>76</sub>, apresenta-se a situação A, para a qual se recomenda cautela. Para formular este conselho, usa-se o advérbio “antes” e a perífrase “procure equilibrar” no Imperativo Presente regida de complemento direto (“o orçamento”). Na ft<sub>77</sub>, apresenta-se a situação B, antagônica à primeira, como demonstra o conector contrastivo “mas”. Em virtude das diferenças entre A e B, o Locutor incita o auditório a seguir os seus sonhos (“não frustrar seu sonho”). Este incentivo ao consumo é reforçado com a sequência argumentativa que o associa à manutenção dos empregos (§30). No esquema seguinte ilustra-se a relação consecutiva entre estes dois elementos.



A conclusão deste argumento sequencial é fornecida na ft<sub>81</sub> e na ft<sub>82</sub> através dos conectores “assim” e do aditivo “também”. Ao relacionar os conceitos de “família” e de “sonho” com os de consumo (“compram um bem”) e de “economia”, o Locutor confere maior peso persuasivo ao argumento.

Em virtude deste esquema argumentativo e das marcas linguísticas observadas, considera-se que o Locutor constrói uma imagem de *guia*, alguém que tranquiliza e aconselha, mas que simultaneamente incentiva os outros a agir.

O segmento final (SE<sub>2</sub>) é extremamente interessante devido à variedade de atos: primeiro, o Locutor tece uma série de augúrios, sustentados na sua crença pessoal (“posso assegurar”); depois, compromete-se com a realização de certas ações, enquanto ser coletivo (“vamos começar”); e, por fim, impele os cidadãos a tomarem

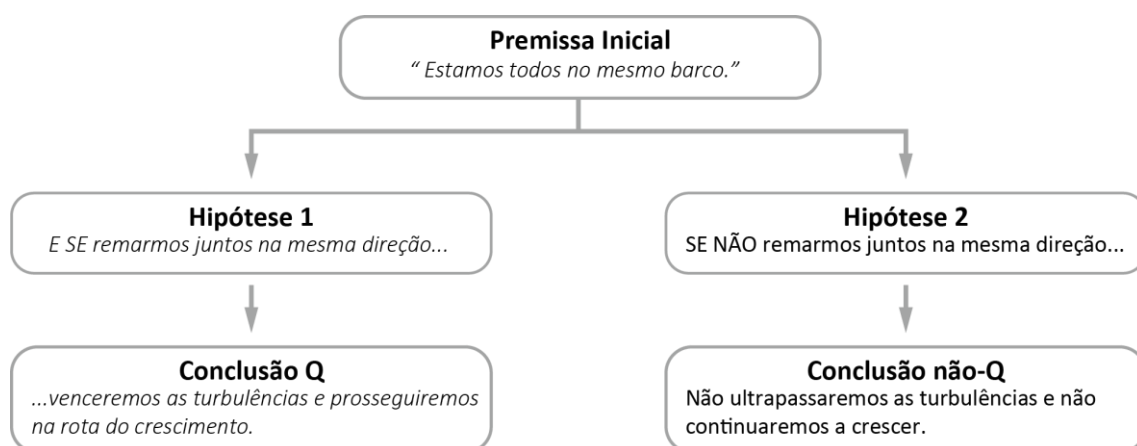
determinadas atitudes (“se remarmos...”). Apesar de terem intuitos diferentes, estes atos estão sob a alçada da perífrase composta pelo verbo modal “poder” e pelo verbo principal “assegurar”, indicando um certo compromisso. Veja-se cada um dos momentos em pormenor.

Numa primeira etapa, o Locutor manifesta a sua crença no futuro do Brasil (usado como sujeito da oração completiva), através de um ato preditivo formado pelo Futuro Imperfeito (“vencerá”, “sairá”) e sustentado pela asserção da ft<sub>86</sub>.

De seguida, compromete-se com a exploração do pré-sal. Nesta fase, o Locutor deixa de falar a título individual e assume-se como membro do coletivo do governo, como sustenta a mudança para a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural da conjugação perifrástica com valor de futuro (“vamos começar”). A mudança de pessoa gramatical, o uso do futuro e a informação fornecida como complemento direto, levam a considerar que se trata do *ethos agente em potência*.

O conector causal “com isso” (ft<sub>88</sub>) aponta uma possível consequência da ação anteriormente referida. Esta predição do Locutor, marcada linguisticamente pelo Futuro Imperfeito da conjugação perifrástica “passará a ser”, revelam uma imagem de *profetizador*.

O foco muda novamente, com a afirmação “estamos todos no mesmo barco”, que revela um sujeito coletivo (*nós nacional*), expresso na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural das formas verbais (“estamos”, “remarmos”, “venceremos”, “prossequiremos”), no pronome pessoal “nós”, no indefinido “todos” e no adjetivo “juntos”. Mais ainda, revela com a isotopia marítima que não há diferenças estatutárias entre os cidadãos (observem-se os seguintes termos: “barco”, “remar”, “turbulência”, “rota”). De modo a fortalecer esta ideia, constrói um argumento com a oração condicional (introduzida pela conjunção “se”) e com o Futuro Imperfeito (“venceremos”, “prossequiremos”), que visa expor uma hipótese positiva. A suposição negativa está omissa, mas implicitamente presente na frase.



Antes de encerrar o discurso, segmento constituído pelos últimos três parágrafos, dá-se um conselho ao cidadão, marcado pela 2.<sup>a</sup> pessoa do singular do Imperativo Presente (“Acredite”), ao qual está apenas uma explicação, iniciada pela conjunção “porque”, que pretende manipular as emoções daquele. Com a associação da crença no Brasil à crença em si mesmo, pretende-se indicar qual a atitude que os brasileiros devem tomar, o que passa uma imagem de *guia*.

#### 6.2.8.2. Análise quantitativa

A análise lexical efetuada à Mensagem de Final de Ano de 2008 permitiu destacar alguns vocábulos fulcrais para a construção do *ethos*.

O número de ocorrências do vocábulo “crise” (10 ocorrências), que evidencia o tema dominante do texto, ajuda a construir diversos *ethè*, a saber pedagogo, competente, comentarista crítico e agente. Para além daquele nome, foram encontrados outros vocábulos pertencentes ao mesmo campo lexical, como “economia” (6), “emprego(s)” (8), “empresas” (4), “bancos” (4), “reservas” monetárias (4) e “sistema (financeiro)” (3). Na sua maioria estão associados ao aparecimento da imagem de competente, mas o nome “banco” e a expressão “reservas monetárias” também tem como função tecer críticas ao comportamento das instituições ou dos governos anteriores. Ainda uma nota para a expressão “sistema financeiro” inserida num segmento do texto em que sobressai o *ethos pedagogo*.

O nome Brasil surge em 10 momentos, não só como localizador da ação no espaço, mas também como termo de comparação com a situação vivida na “Europa”,

nos “Estados Unidos” ou no “mundo”. Nestas circunstâncias, assume a função de sujeito das orações, sendo usado de forma personificada, como se se tratasse de um ser atuante e capaz de agir.

Destaque ainda para a frequência do pronome pessoal “você(s)”, com 8 ocorrências, que convoca para o texto o destinatário da mensagem. Na maior parte dos casos, há uma interpelação direta, visando a incitação à ação, como por exemplo “se você...” ou “porque se você comprar...”. O recurso àquela forma pronominal é um traço diferenciador do texto e indicativo da postura de proximidade adotada pelo Locutor, visto que na maior parte dos textos formais há um distanciamento face ao interlocutor.

O advérbio “mais” apresenta 10 ocorrências, servindo sobretudo para intensificar os adjetivos: “nos países mais ricos”, “um dos países mais preparados”, “economia girar mais forte”, “enfrentar a crise e sair dela mais reforçado”, “sairá dela mais forte”. Nestes casos, o advérbio permite construir os graus comparativo de superioridade e superlativo relativo de superioridade, nos quais se estabelece uma comparação ou se procede a uma relação entre duas entidades, respetivamente.

Por fim, importa tecer algumas considerações sobre o uso diminuto do nome “governo”, que surge apenas em duas ocasiões, uma para iniciar uma sequência narrativa com a oração temporal (“quando assumi o governo”) e outra para indicar o agente de uma presumível ação futura (“o governo manterá...”). A parca utilização do vocábulo “governo”, sobretudo enquanto sujeito, pode ser fruto de uma tentativa de minimizar o papel do executivo no sucesso do país e de conferir um tom mais pessoal ao pronunciamento.

Após esta análise geral do léxico, procedeu-se à observação dos dados quantitativos relativos à responsabilidade do enunciador, incidindo em particular sobre as formas verbais indicadoras do sujeito.

A Br2008 inicia com um Locutor individual (1.ª pessoa do singular), mas há um predomínio do *nós institucional* (1.ª pessoa do plural), como se observa no Gráfico 21. Tal facto justifica o aparecimento mais frequente de *ethè* de função, destinados a mostrar características do coletivo, do que de *ethè* de personalidade.

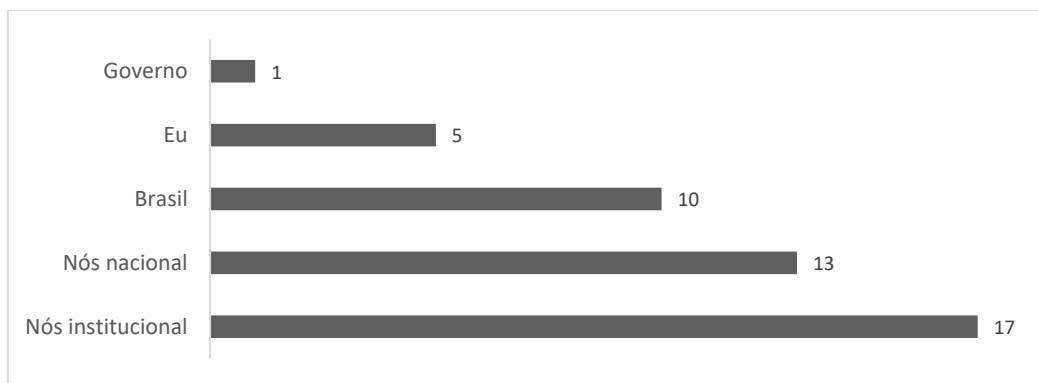


Gráfico 21 - Distribuição das formas verbais de sujeito

Os dados também revelaram um número considerável de formas verbais na 3.ª pessoa do singular, cujo sujeito é o nome Brasil. Trata-se, conforme explicado na secção 5.1.8., de uma sinédoque que representa a parte pelo todo. Em certos casos, pretende referir-se ao governo (ex.: “o Brasil quebrava e era obrigado a pedir socorro ao FMI”), noutros ao território e aos seus habitantes (ex.: “o Brasil não só vencerá a crise, como sairá dela mais forte”).

Mas se nas formas verbais é evidente o predomínio do *nós institucional*, em outras classes gramaticais marcadoras de pessoa a situação altera-se completamente. Por exemplo, a análise dos pronomes pessoais indicou duas ocorrências no *nós institucional* e no *nós nacional* e total ausência de formas pronominais de primeira pessoa do singular (ver Gráfico 22).

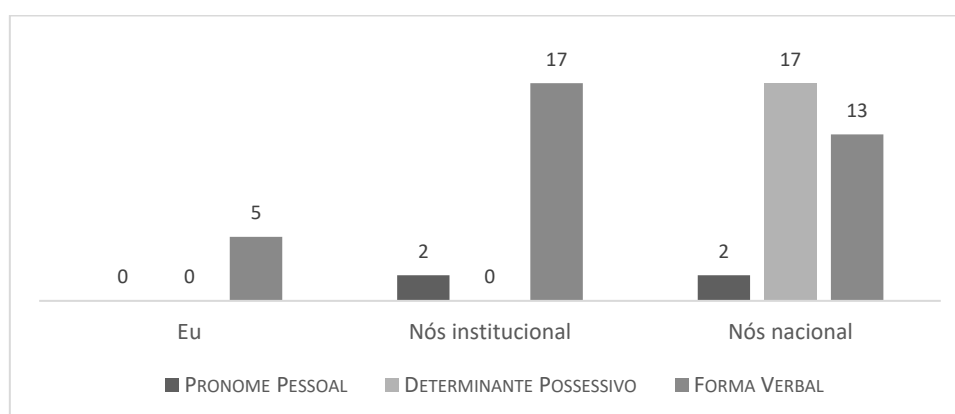


Gráfico 22 - Classes gramaticais marcadoras de pessoa

Observando-se este gráfico, verifica-se que o número de determinantes possessivos do *nós nacional* é superior ao número de formas verbais, o que indica que mesmo não lhe sendo atribuída a responsabilidade de muitas ações, o povo é muitas

vezes convocado para o discurso. Esta classe gramatical é também muito importante para demonstrar a inclusão do Locutor no grupo de cidadãos, aproximando os dois agentes, e para fomentar o sentido de comunidade, mesmo nos momentos em que o sujeito é o governo.

A análise dos tempos verbais revelou que, quando o sujeito é o *nós institucional*, o PPFS é predominante, o que se justifica pelo facto de se estarem a narrar acontecimentos e a enunciar os resultados de algumas medidas implementadas pelo governo (*ethos competente*). Pelo contrário, as formas verbais que têm como sujeito o *nós nacional* oscilam entre o PRES e o FUT. Quando os verbos estão no PRES, o Locutor expõe a situação atual do país de forma a tranquilizar o auditório (*ethos tranquilizador*); já quando estão no FUT, tece compromissos (*ethos agente em potência*) ou augúrios (*ethos guia*). Nesta última categoria integram-se as formas verbais do FUT (“venceremos”, “prossequiremos”), a perífrase de futuro (“vamos seguir”), o Futuro do Conjuntivo (“remarmos”) e o Futuro do Perfeito/Condicional (“poderíamos”).

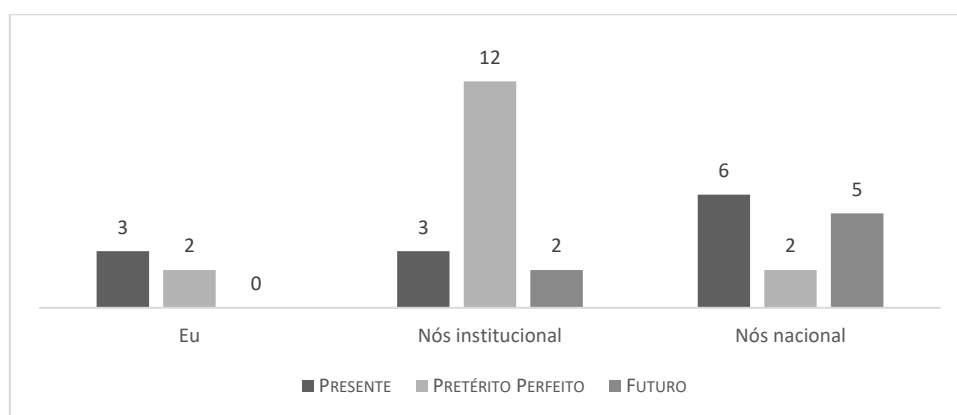


Gráfico 23 – Distribuição dos tempos verbais

### 6.2.8.3. Síntese da análise

Como se pode observar pelas duas análises acima realizadas, na mensagem pronunciada no Brasil, em 2008, foi possível identificar diversos *ethé* a partir da materialidade textual. Os quadros seguintes sintetizam todos os dados obtidos.

Materialidade linguística da Br2008	Segmento textual <sup>76</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
<p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>a crise</i>);  Verbs no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>foi provocada</i>);  Voz passiva (<i>Esta crise foi provocada...</i>);  Especificador (<i>mais precisamente</i>);  Metáfora (<i>coração do mundo desenvolvido</i>) e hipérbole (<i>explodiu no coração...</i>);  Isotopia do jogo (<i>os bancos viraram um grande cassino; a jogatina foi longe</i>).</p>	SE <sub>1</sub>	<b>Pedagogo:</b> assume uma posição de professor, expondo e explicando uma situação, ao mesmo tempo que lhe aponta críticas.
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> e <i>nós institucional</i>);  Verbs no Pretérito Perfeito do Indicativo (<i>tivemos</i>);  3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o Brasil</i>);  Verbs no Presente (<i>está</i>) e no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>quebrou</i>);  Perífrase retrospectiva e progressiva ‘vir + gerúndio’  Complemento direto (<i>taxas robustas</i>);  Verbo <i>crescer</i> + gerúndio com valor de adjunto adverbial de modo ;  Orações finais (<i>para apoiar nossas empresas exportadoras</i>);  Organizadores sequenciais e marcadores aditivos (<i>também, além disso</i>);  Expressões e advérbios temporais (<i>desta vez</i>);  Advérbio e expressão locativa (<i>aqui no Brasil</i>);  Metáfora;  Esquema argumentativo raciocínio lógico.</p>	SE <sub>1</sub> STT <sub>1</sub>	<b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.
<p>1.ª pessoa do plural (<i>nós nacional</i>)  Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>tivemos</i>), Presente do Indicativo (<i>está</i>); Perífrase retrospectiva e progressiva (<i>vir crescendo</i>)  Negação do verbo <i>ter</i> + complemento direto <i>este tipo de crise</i>;  predicativo do sujeito do verbo estar (<i>estamos muito bem</i>)  Conector conclusivo (<i>portanto</i>)  Adjetivos apreciativos (<i>arrumada e organizada, saudável, robustas, melhor momento</i>);  Adjetivo no superlativo relativo de superioridade (<i>as maiores dos últimos 30 anos</i>);  Advérbio no superlativo (<i>muito bem</i>); expressão apreciativa (<i>é uma pena</i>)  Esquema argumentativo falacioso opinião popular.</p>	SE <sub>1</sub>	<b>Tranquilizador:</b> serena as dúvidas e as preocupações dos seus concidadãos.
<p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o Brasil</i>);  Verbs no Pretérito Imperfeito do Indicativo (<i>estava</i>);  1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);  Verbs no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>deixamos, assumimos</i>);  Estrutura dicotômica, marcada por expressões temporais (<i>nas crises anteriores, naquele tempo, desta vez, em 2008</i>), por orações temporais (<i>quando assumi</i> ou <i>quando assumimos</i>), por advérbios (<i>hoje</i>), pela mudança de frase afirmativa (<i>Brasil quebrou</i>) para negativa (<i>Brasil não quebrou</i>), pela alternância entre Pretérito Perfeito Simples do Indicativo e Presente/Perífrase de Futuro;  Perífrase com valor de paragem no desenvolvimento de uma ação</p>	SE <sub>1</sub> STT <sub>1</sub>	<b>Comentarista crítico:</b> ajuíza comportamentos ou situações.

<sup>76</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Br2008 pode ser consultada no Apêndice 10.

( <i>deixámos de ser</i> ); Léxico avaliativo (Nome <i>devedores</i> ); Sinédoque todo-parte (Brasil – governo); Esquema argumentativo raciocínio lógico.		
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido eu); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>assumi</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>bateamos</i> ); Referência a dados percentuais e concretos ( <i>1 milhão 812 mil novos empregos com carteira assinada</i> ).	STT <sub>1</sub>	<b>Tecnocrata:</b> domina dados de ordem técnica.
3.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito expresso <i>todos, os empresários, os trabalhadores</i> ); Verbos no Presente do Conjuntivo ( <i>façam, sigam...</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais e pronominais ( <i>você</i> ); Verbos no Imperativo ( <i>tenha, procure...</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>estamos</i> ) e no Futuro Imperfeito ( <i>venceremos, prosseguiremos...</i> ) Expressões deonticas ( <i>é fundamental, é importante, é imprescindível</i> ) + Conjuntivo; Perífrase de obrigação ( <i>dever + infinitivo</i> ); Oração Causal ( <i>acredite no Brasil porque... estará acreditando em você</i> ); Oração condicional ( <i>E se remarmos juntos na mesma direção...</i> ); Esquema argumentativo causa-consequência; Isotopia marítima ( <i>E se remarmos juntos na mesma direção..., vento a favor</i> ).	STT <sub>4</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Guia:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>seguiremos</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o governo</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>manterá</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito indeterminado); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>haverá</i> ); Advérbio temporal ( <i>já</i> ); Verbos e nomes de ação ( <i>gerar, apoiar, apoio, promoção</i> ) associados ao vocábulo <i>emprego</i> ; Grupo verbal <i>responder a</i> ; Expressão <i>em hipótese alguma</i> .	STT <sub>2</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra a intenção de implementar medidas.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Perífrase de ação no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>estamos agindo</i> ); Verbos de ação ( <i>agir</i> ); Oração temporal ( <i>desde que a crise começou</i> ); Expressão (em todas as frentes).	STT <sub>2</sub>	<b>Agente:</b> implementa medidas.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o Brasil</i> ); Perífrases com valor de futuro ( <i>ir + infinitivo</i> ) e com valor de continuidade ( <i>continuar crescendo e seguir progredindo</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>venceremos</i> );	SOT <sub>1</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Profetizador:</b> prevê ou tece considerações sobre o que há de acontecer.

Frases negativas; Perífrase <i>passar a ser</i> com o sentido de 'tornar-se-á'; Conector temporal ( <i>enquanto</i> ) e opositivo ( <i>mas</i> ); Verbos <i>continuar, crescer, seguir, progredir</i> Isotopia marítima ( <i>vento a favor</i> ).		
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso " <i>o país</i> "); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>tem</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito ( <i>seguiremos</i> ); Metáfora (acompanhando com lupa) Oração (o país tem comando)	SOT <sub>2</sub>	<b>Líder:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.

Quadro 22 - *Ethè* e características textuais e organizacionais na Br2008

Vocábulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Crise	10	Pedagogo, competente, comentarista crítico, agente
Economia	6	Competente, comentarista crítico, agente, agente em potência
Emprego	8	Competente, guia
Empresas	4	Competente
Bancos	4	Competente, comentarista crítico
Reservas monetárias	4	Competente, comentarista crítico,
Sistema financeiro	4	Pedagogo

Quadro 23 - *Relação frequência vocabular/ethè na Br2008*

## 6.2.9. Br2009

### 6.2.9.1. Análise qualitativa

A Mensagem de Final de Ano de 2009 começa com a apóstrofe e com uma narrativa que enquadra a situação vivida no ano anterior, razão pela qual a ação se localiza no tempo passado (oração com valor temporal, verbos no Pretérito Perfeito Simples e no Pretérito Imperfeito do Indicativo).

2§ [ft<sub>2</sub>] **Há exatamente um ano**, neste mesmo horário, **eu disse** a vocês que o Brasil **estava preparado** para enfrentar a grave crise financeira que **ameaçava** o mundo, e que nossa economia **era** forte o suficiente para enfrentar qualquer desafio. [ft<sub>3</sub>] Mais que isso: **pedi** serenidade aos brasileiros, que não se deixassem levar pelo nervosismo e

ajudassem o Brasil a vencer a tormenta criada pela especulação financeira dos países ricos. [ft<sub>4</sub>] Pedi que você não deixasse de fazer suas compras e que continuasse consumindo com responsabilidade. [ft<sub>5</sub>] Isso era essencial para que a roda da economia não parasse de girar. [ft<sub>6</sub>] E anunciei uma série de medidas para incentivar o consumo.

Esta história, que integra o exórdio, é narrada na primeira pessoa do singular e recupera o conteúdo da MFA Br2008, nomeadamente os pedidos e os anúncios realizados. Neste ponto, verifica-se que as ft<sub>2</sub> a ft<sub>6</sub> se encontram relacionadas por meio da elipse do sujeito e pelo conector aditivo “e”, que marca a última frase tipográfica acima referida. Estas frases preparam um momento panegírico, durante o qual se tecem elogios à atuação e à reação dos brasileiros perante a crise.

[ft<sub>7</sub>] O povo brasileiro mostrou, mais uma vez, que é um povo **unido, solidário, corajoso** e **capaz de enfrentar com tranquilidade as situações mais difíceis**. [ft<sub>8</sub>] Acompanhou o governo e fez a sua parte, segurando o tranco e mantendo a economia em movimento. [ft<sub>9</sub>] Com isso, todos saímos ganhando. [ft<sub>10</sub>] Fomos um dos últimos países a entrar na crise e um dos primeiros a sair. [ft<sub>11</sub>] O grande responsável por esta vitória não é o presidente nem o governo. [ft<sub>12</sub>] É você.

O elogio é construído com base nas provas dadas pelos cidadãos, em particular pelos adjetivos e expressões qualificativas assinalados a negrito, bem como pelos verbos e grupos verbais, cujo valor semântico aponta para traços de caráter. O verbo “acompanhar”, por exemplo, indica o ato de apoiar, partilhar e seguir alguém, neste caso o “governo” (complemento direto da oração); o grupo verbal “fazer a sua parte” revela a participação e a partilha de responsabilidades, enquanto “segurar o tranco” significa aguentar as dificuldades.

O elogio encerra com uma constatação, introduzida pelo conector “com isso” (ft<sub>9</sub>), na qual se defende que a causa do sucesso do Brasil durante a crise foi a atuação dos seus cidadãos (contidos no indefinido “todos”, um sujeito que vai corporizar o *nós nacional* usado por diversas vezes ao longo do texto). A fim de reforçar esta ideia, o Locutor produz duas orações semanticamente complementares: a ft<sub>11</sub>, com forma negativa, retira ao presidente e ao governo a responsabilidade do sucesso (aqui referido por “esta vitória”), já a ft<sub>12</sub> aponta o destinatário do pronunciamento como o “grande responsável”.

Sobre estas frases importa abordar algumas questões: em primeiro lugar, a utilização do adjetivo “grande” para qualificar o “responsável” pode ser vista como uma expressão da perspectiva pessoal do Locutor; em segundo lugar, o recurso à forma negativa da frase cria algum suspense sobre o verdadeiro responsável, manipulando as emoções do auditório; em terceiro lugar, a separação das duas orações, que podiam perfeitamente estar relacionadas por meio de uma conjunção contrastiva, impõe uma pausa, aumentando assim a carga persuasiva; por fim, o facto de se dirigir a cada cidadão brasileiro (“você”) constitui uma manobra para seduzir o público. Em virtude destas estratégias e das marcas linguísticas, considera-se que se constrói o *ethos meritocrata*.

Com a expressão religiosa da ft<sub>15</sub>, inicia-se o primeiro SOT, subordinado à atuação do governo. Apesar de a expressão ser muito corrente em linguagem popular e familiar, é pouco comum em intervenções políticas formais, sobretudo em regimes democráticos em que se espera a separação entre o Estado e Igreja. Porém, o uso da mesma pode dever-se ao facto de existir uma grande percentagem de crentes no Brasi. Assim, por meio desta expressão, o Locutor não só se aproxima do auditório, como também se posiciona face a um tema importante na sociedade brasileira, passando a imagem de *religioso*.

4§ [ft<sub>15</sub>] **Graças a Deus**, trago boas notícias. [ft<sub>16</sub>] **A primeira** é a garantia de que o pior já passou. [ft<sub>17</sub>] **A segunda** é a certeza de que a recuperação se dá de forma tão equilibrada que nossa economia vai sair da crise mais saudável do que entrou. [ft<sub>18</sub>] **E a terceira** é o compromisso de que o governo continua atento, agindo na hora certa e de maneira correta. [ft<sub>19</sub>] **Asseguro a você**: vamos ter um 2010 excelente, com crescimento forte da economia e a criação de milhões de empregos.

No STT<sub>1</sub>, o Locutor apresenta-se como um arauto de três “boas notícias” que correspondem, respetivamente, a duas garantias e a um compromisso, relacionadas através dos numerais ordinais “primeira”, “segunda” e “terceira”. Com o uso dos nomes epistémicos “garantia” e “certeza”, o Locutor atribui à sua afirmação um valor de certeza, permitindo-lhe tecer considerações sobre o futuro (perífrase “vai sair” e “vamos ter”). Deste modo, as previsões ganham um valor de factualidade, conferindo-lhes um maior peso persuasivo.

Na ft<sub>18</sub>, o Locutor assume um compromisso, e, simultaneamente, aproveita para expor as qualidades do executivo. Com o verbo “continuar” e o predicativo do sujeito “atento” demonstra-se a continuidade dessa qualidade; por seu turno, com a oração “agindo na hora certa e de maneira correta”, revela-se sentido de responsabilidade e eficiência. Considerando que o Locutor é o líder, os traços aqui atribuídos ao governo são um decalque dos do político; o processo inverso já foi referido em outros textos, isto é, os traços do agente político pretendem ser representativos do coletivo governativo.

Na frase seguinte, mais precisamente na ft<sub>19</sub>, o Locutor faz novo augúrio (perífrase de futuro “vamos ter”), mascarado de compromisso (verbo “assegurar”). Nos momentos preditivos, ele mostra a imagem de um *profetizador*, mas ao comprometer-se estar vigilante revela uma faceta de *agente em potência* e de *líder*. De ressaltar que o destinatário continua a ser o indivíduo (“você”) e não o povo, aumentando, novamente, a carga patêmica da frase.

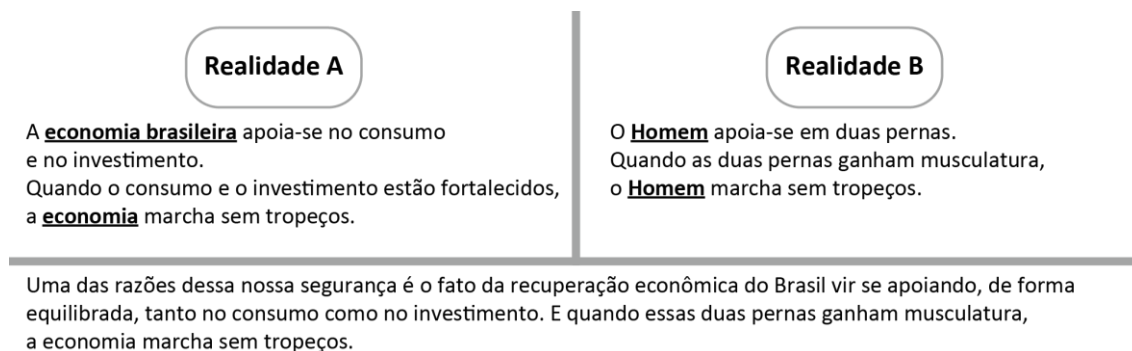
As frases seguintes (ft<sub>20</sub> e ft<sub>21</sub>) procuram indicar alguns dos resultados positivos obtidos com as políticas implementadas. A posição inicial do conector confirmativo “aliás” (ft<sub>20</sub>) tem o objetivo de aumentar o impacto da competência do governo, sobretudo quando combinado com o advérbio “mesmo”, com valor concessivo. O objetivo destes dois elementos linguísticos é pôr em evidência as diferenças entre a situação do mundo e a do Brasil, especificamente referindo que, apesar das dificuldades sentidas em 2009 no mundo<sup>77</sup>, em consequência da crise financeira, o governo alcançou resultados positivos. Na ft<sub>21</sub>, a expressão “de janeiro a novembro” não só localiza a ação no tempo, como causa no destinatário um sentimento de admiração (aquele pensa que em pouco tempo foram alcançados grandes resultados) pelo governo (sujeito da forma verbal “criámos”). A indicação dos números exatos não só revela um grande conhecimento do Locutor, como também amplifica a proficiência do governo, o que leva à identificação do *ethos competente*.

Como já se referiu muitas das asserções-preditivas anteriores contêm uma aura de verdade, devido à sua combinação com marcas linguísticas mais concretas (por

---

<sup>77</sup> Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o desemprego jovem em 2009 afetava 13% da população, ou seja, 81 milhões de pessoas.

exemplo, o verbo “assegurar”). A confiança que levou o Locutor a tecer tais afirmações explica-se na ft<sub>22</sub> (o grupo nominal “nossa segurança” retoma o verbo anteriormente referido). Os motivos são suportados por um esquema argumentativo do tipo *analogia*, que integra uma metáfora durante a qual se associa o “consumo” e o “investimento” a “duas pernas”. O esquema pode ser, assim, reproduzido:



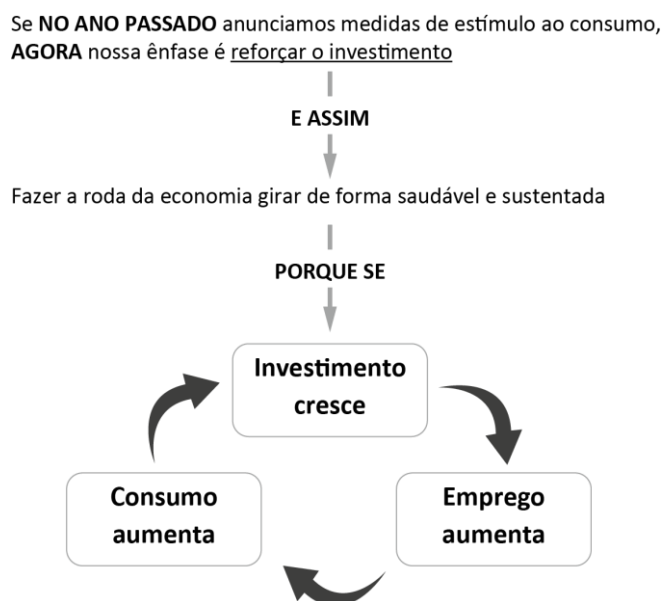
Para além deste EA, ainda se convoca a *opinião popular*, para fortalecer as suas antevisões. Neste caso parte-se do princípio de que se “o **mundo inteiro não tem dúvida de que o Brasil já retomou seu ciclo de crescimento virtuoso**”, não há razões para o Locutor, o governo ou o auditório duvidarem desse facto.

Após uma nova apóstrofe, que demarca a mudança de tema (STT<sub>2</sub>), deixam-se alguns avisos e conselhos. A expressão idiomática “de sobra” aponta para a grande quantidade de motivos de celebração e, como isso pode conduzir a excessos, refream-se os ânimos, usando a adversativa “mas”. O conselho que esta conjunção introduz concretiza-se por meio da perífrase “não devemos perder”, com valor de obrigação, e da oração causal introduzida pela conjunção “porque”.

A comparação com o contexto futebolístico da ft<sub>27</sub> foi estrategicamente selecionada, dado que se trata de uma área muito conhecida pelos brasileiros, logo mais compreensível. De acordo com o sítio “Goethe Institut”, o futebol é uma paixão nacional e, portanto, tem um papel importante na sociedade brasileira, tendo-se impregnado inclusivamente na linguagem, nomeadamente com expressões como “embolou o meio campo”, “colocou fulana para escanteio” ou “sicrano está na marca do pênalti”. O tom professoral é continuado na frase seguinte, com a expressão deôntica “é preciso” complementada pelos três nomes “foco, atenção e disciplina”. Se

a estes elementos se somar o grupo nominal “este ensinamento”, pode-se considerar que o Locutor constrói uma imagem de *pedagogo*.

Segue-se um momento para introduzir uma nova temática, opondo o ano passado com o tempo da enunciação (“no ano passado anunciámos” vs “agora é”). A escolha da expressão nominal “nossa ênfase” tem por objetivo intensificar o grau de compromisso do Locutor/governo, priorizando essa área. Tal tomada de decisão é justificada nas linhas seguintes com um esquema argumentativo causa/consequência, marcado pelos conectores “assim” e “porque”.



A expressão “com este objetivo” introduz uma série de informações que visam demonstrar o empenho do governo em reforçar o investimento (da ft<sub>31</sub> à ft<sub>38</sub>).

[ft<sub>31</sub>] **Com este objetivo, estamos fortalecendo** ainda mais o BNDES, criando uma nova linha de crédito de R\$ 80 bilhões que se somam aos R\$ 100 bilhões já disponibilizados este ano. [ft<sub>33</sub>] **Autorizamos** a criação da letra financeira, que vai permitir aos bancos privados captar recursos de longo prazo a taxas menores.

As perífrases “estamos fortalecendo”, “estamos colocando” ou “[estamos] prorrogando” indicam a progressão de ações iniciadas no passado, construindo, assim, uma imagem de *agente*. Por outro lado, o Pretérito Perfeito do Indicativo dos verbos de ação, como por exemplo “autorizamos”, aponta para a conclusão de algumas tarefas, promovendo o aparecimento do *ethos competente*. Ao longo deste trecho, o Locutor tece algumas previsões sobre o impacto das medidas referidas, com vista a

aumentar o seu efeito persuasivo sobre o auditório, sobretudo porque todos os augúrios são positivos. Veja-se, por exemplo, a perífrase de futuro “vai permitir” na oração relativa da ft<sub>33</sub> ou o Futuro Imperfeito “poderão re-emprestar”.

No parágrafo 7, a apresentação das medidas em execução é intercalada com medidas futuras, como indica a perífrase de futuro “vamos apoiar”, o que faz despontar a imagem de *agente em potência*.

A pergunta retórica da ft<sub>40</sub> serve de introdução a um novo segmento (SOT<sub>2</sub>), durante o qual se faz um novo elogio aos brasileiros (já no início da MFA tinha falado sobre isto, daí usar a forma verbal “repito”).

10§ [ft<sub>40</sub>] Por que conseguimos vencer tão bem a crise? [ft<sub>41</sub>] Repito: por causa do talento, do esforço e da sensibilidade dos brasileiros. [ft<sub>42</sub>] E porque o país soube fazer as escolhas certas.

Embora o governo não seja diretamente mencionado no excerto, considera-se que está contido no nome “país” (ft<sub>42</sub>), uma vez que aquela entidade abstrata não tem condições para realizar o processo indicado pelo verbo cognitivo “saber”. Por meio desta sinédoque, parece atribuir-se a responsabilidade do sucesso a todos os brasileiros, em particular a decisão anunciada no predicativo da ft<sub>43</sub> (“um modelo de desenvolvimento que junta crescimento econômico sustentável e distribuição de renda”), quando na verdade se procura parabenizar o governo por ter seguido essa via.

E para que os ouvintes/leitores compreendam o impacto do modelo de desenvolvimento na sociedade usam-se dois reformuladores: “ou seja” e “dito de outra forma”. Ora, o facto de o governo ter aplicado aquele modelo (veja-se que o grupo verbal “foi escolher”, no PPFS, indica que a ação teve de ser executada por um indivíduo ou grupo de indivíduos) resultou na redução da desigualdade, da pobreza e da injustiça.

A partir da ft<sub>45</sub>, usa-se uma estrutura paralelística (“o mesmo modelo que venceu a crise”) para abordar os efeitos do dito modelo. Os elementos linguísticos mobilizados para expor a atuação do governo, e assim construir o *ethos competente*, incluem: a nomeação das medidas como sujeito das orações completivas (“Luz para Todos”, “Bolsa Família”, “ProUni”, “PAC, Pré-Sal, Minha casa, Minha Vida”), o uso do Pretérito Perfeito do Indicativo (“permitiu”, “fez”) e do Pretérito Imperfeito do

Conjuntivo (“entrassem”, “saíssem”, “chegasse”, “beneficiasse”...) e a indicação de valores quantitativos (“12 milhões de empregos”, “20 milhões de brasileiros”, “31 milhões”, “11 milhões de pessoas”, “214 escolas técnicas, 12 universidades e mais de cem extensões universitárias”, “596 mil bolsas nas universidades”, “138 mil novas vagas”). A menção a números exatos faz também despontar a faceta *tecnocrata*, dado que revela um grande domínio sobre a função que desempenha.

Durante este STT, o Locutor enumera conquistas de âmbito social, muitas relacionadas com a educação e com o emprego. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a percentagem de pessoas analfabetas com 15 ou mais anos de idade em 2009 era de 9,7% e a percentagem de brasileiros que se viam condicionados de participar em atividades devido ao seu nível de alfabetização era de 20,4% (IBGE, 2016). A Emenda Constitucional n.º59, de 11 de novembro de 2009, determinava que a educação básica era obrigatória e gratuita para todas as crianças entre os 4 e os 17 anos, mas o IBGE averiguou que 1.479.000 adolescentes brasileiros, especialmente dos 15 aos 17 anos, não estudavam. Quanto ao emprego, o número de vagas desde 2007 vinha descendo (de 1617 passou a 995), segundo informações do Ministério do Trabalho, pelo que a criação de 995.110 empregos durante 2009 constituiu um bom ponto de partida para a reversão desses números.

O conector consecutivo “por tudo isso”, a perífrase deôntica “temos de fazer” e o adjetivo “histórica”, indicando o insólito da situação, imputam a responsabilidade da continuação do sucesso ao governo e ao próprio povo brasileiro em perpetuar os resultados.

[ft<sub>52</sub>] Por tudo isso, **temos a grande responsabilidade histórica de fazer** com que estas conquistas avancem ainda mais. [ft<sub>53</sub>] E só podemos garantir isso com muito esforço, muito trabalho e com atenção plena, fazendo as escolhas corretas e tomando as decisões certas, nas horas certas.

A frase seguinte, encadeada pelo conector copulativo “E”, contém os comportamentos a assumir pelo povo e pelo governo. O advérbio “só” restringe a informação, indicando a obrigatoriedade de se seguir essa conduta. Com base nos dados linguísticos, considera-se que o Locutor passa uma imagem de *líder*, não só

porque comanda o executivo, mas também porque aquieta as preocupações dos brasileiros.

Os parágrafos finais, que surgem após nova apóstrofe, dedicam-se ao envio dos votos de boas festas, que tradicionalmente encerram as mensagens. Neste segmento, o Locutor exibe o seu estatuto hierárquico no governo, com o uso da expressão “como presidente”, antes de voltar a fazer um prenúncio. Uma vez mais, o uso do Futuro Imperfeito (“serão”) e dos adjetivos “tão bons ou melhores” a qualificar o sujeito “os anos”, fazem despontar a sua imagem de *profetizador*.

O final da MFA é pautado por diversos vocábulos emotivos, dirigidos aos sentimentos do auditório.

[ft<sub>59</sub>] Que a paz, a esperança e, muito especialmente, o sonho tomem conta da alma de todos vocês neste Natal. [ft<sub>60</sub>] Meu coração de brasileiro sente que, mais que nunca, recuperamos nossa capacidade de sonhar e realizar.

A referência à paz e à esperança pontua muitas mensagens, especialmente de líderes políticos e religiosos, que procuram acalmar e guiar a população a quem se dirigem, mas a menção ao sonho, que aqui tem um papel de destaque (assim o indica a locução “muito especialmente”), funciona como despoletador de futuras ações. Também a expressão “tomar conta da alma” com o sentido de apoderar-se, funciona como um incentivo para que sejam ambiciosos. Subliminarmente, o Locutor pretende que a ambição dos brasileiros os leve a agir e a adotar os comportamentos que foi elencando ao longo do texto, os quais permitirão atingir algumas das metas referidas. Por fim, o uso da expressão “meu coração de brasileiro”, referindo-se ao amor à Pátria, e do verbo “sentir” mostram a humanidade do Locutor, que sente e vive como qualquer cidadão.

#### 6.2.9.2. Análise quantitativa

A análise relativa à frequência de vocábulos indica que o nome “Brasil” aparece no topo da lista, igualado pelos nomes “crise” e “economia”, dois dos temas dominantes deste texto. O nome do país é frequentemente usado em substituição do governo, o que justifica a atribuição de ações que não seriam passíveis de serem executadas por uma entidade abstrata.

O nome Brasil, usado estilisticamente em representação do povo brasileiro, foi usado por nove vezes, na sua maioria como sujeito das orações. O facto de privilegiar o emprego deste nome, em detrimento dos grupos nominais “povo brasileiro” ou “os brasileiros” (com 7 ocorrências) pode ser uma tentativa de manipular as emoções do auditório, em particular o seu patriotismo.

Os nomes “crise” e “economia” surgem também por nove vezes, devido à situação económico-financeira vivida em todo o mundo no período deste pronunciamento. Assim, o uso destes nomes é justificado pelos temas tratados durante este texto, que correspondem às preocupações da população e também do governo, servindo para construir os *ethè competente* e *agente em potência*.

Segue-se, com oito ocorrências, o quantificador numeral cardinal “milhões”, usado para ilustrar o impacto de algumas das medidas implementadas pelo governo e, deste modo, ampliar a atuação daquele. Este quantificador é utilizado durante os segmentos que visam apresentar a atuação do executivo e, como tal, auxiliam a construção do *ethos competente*.

O verbo “vencer” surge em oito circunstâncias, ora na forma infinitiva, ora no Pretérito Perfeito do Indicativo, destacando-se dos demais. O conteúdo semântico deste verbo, aqui com o sentido de “superar” ou “ultrapassar”, divulga o objetivo da mensagem: um elogio à eficiência do governo e do povo no combate à crise. O enaltecimento da capacidade governativa também se manifesta nos momentos que fazem referência ao “modelo de desenvolvimento”, referido por cinco vezes, como desencadeador de uma série de resultados positivos.

Os nomes “consumo” e “emprego” ocorrem em quatro ocasiões como objetos da ação, isto é, como as medidas implementadas pelo governo. Logo, são fulcrais na construção de um *ethos competente*.

Por fim, destaque para o infinitivo “enfrentar”, usado três vezes no mesmo segmento textual (SE<sub>1</sub>), com o objetivo de manipular as emoções do auditório e, deste modo, condicionar a receção do conteúdo da restante mensagem. Com este verbo, o Locutor enaltece a qualidade combativa e guerreira dos brasileiros, procurando que se

sintam responsáveis, em certa medida, pelos resultados que serão expressos em seguida (*ethos meritocrata*).

De um ponto de vista quantitativo verificou-se que neste texto o sujeito é marcadamente coletivo, alternando entre o *nós institucional* e o *nós nacional*, ambos com 11 ocorrências.

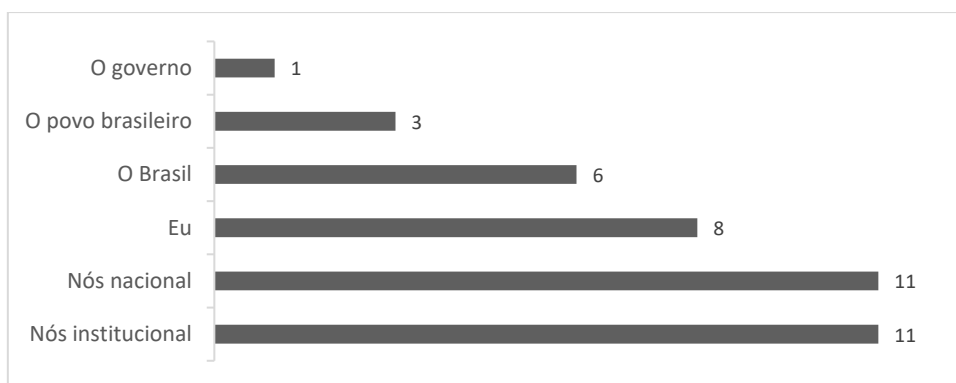


Gráfico 24 - Distribuição do Locutor

No entanto, se juntarmos os grupos nominais “o povo brasileiro” e “o Brasil” ao *nós nacional*, uma vez que estas duas expressões apontam para a mesma entidade, este predomina em relação aos demais sujeitos. Posto isto, neste texto privilegia-se uma certa proximidade com o auditório, não só com o uso frequente da 1.ª pessoa do singular, mas também com a inclusão do Locutor no conjunto dos cidadãos.

Uma vez que as formas verbais não são o único elemento que permite identificar o sujeito, procedeu-se à análise dos pronomes pessoais e dos demonstrativos possessivos.

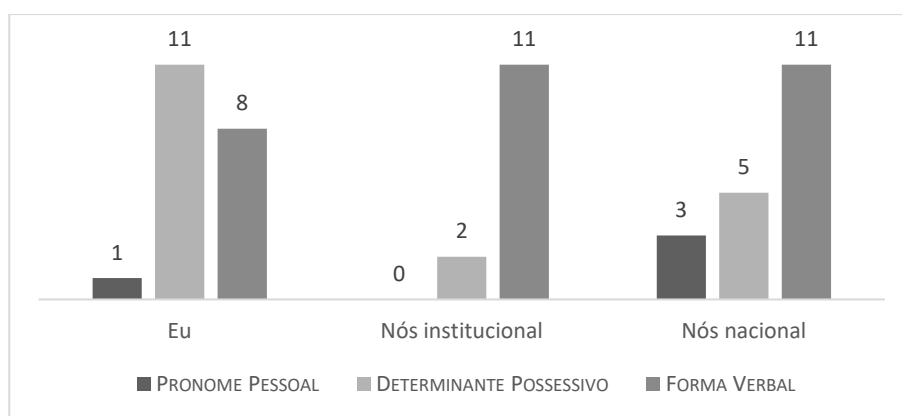


Gráfico 25 - Índices de pessoas

Como se observa no Gráfico 25, os pronomes pessoais são apenas usados em três ocasiões, uma com a função de sujeito (“eu disse a vocês”) e as restantes com a de complemento direto (ex.: “nos fizeram vencer”). Já os determinantes possessivos são mais frequentes, em especial os de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, resultantes das cinco apóstrofes (“meus amigos e minhas amigas”), e os de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (*nós nacional*), transmitindo a ideia de comunidade e de pertença.

As formas verbais marcadoras da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular encontram-se no PRES (3 ocorrências) ou no PPFS (5 ocorrências), estas patentes na sequência narrativa do exórdio. Neste segmento retomam-se algumas das ações levadas a cabo pelo Locutor, enquanto chefe de governo, que demonstram a sua competência (*ethos eficiente*) e também a sua liderança (*ethos líder*). Já as formas do PRES são mobilizadas para a construção de duas imagens: com a forma “asseguro”, integrante de um ato compromissivo, o Locutor faz uma previsão do futuro com o objetivo de tranquilizar os cidadãos (*ethos tranquilizador*); com a forma “posso”, constante da peroração, introduz os votos de Boas Festas e demonstra o seu orgulho pela posição que exerce dentro da sociedade brasileira (*ethos líder*).

Atente-se agora nos dois sujeitos com maior impacto no texto (Gráfico 26). Os verbos que têm como sujeito o *nós institucional* alternam entre o PRES e o PPFS, ou seja, entre momentos em que se expõem ações atuais e aqueles em que se revelam os resultados de ações passadas (“anunciámos”). Ambos os tempos verbais, associados a verbos de ação, contribuem para a construção do *ethos eficiente*. De salientar que o uso da perífrase de continuidade “estamos fortalecendo”, cujo verbo modal se encontra no PRES, contribui para a construção do *ethos agente*, uma vez que indica a realização em curso de dada ação.

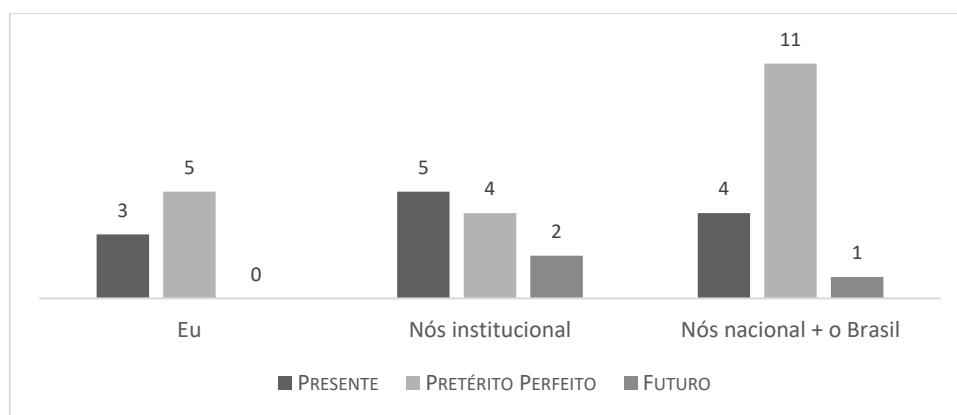


Gráfico 26 - Tempos verbais (nós nacional e nós institucional)

Por seu turno, no conjunto “nós nacional + o Brasil” apurou-se o predomínio do PPFS, visando a apresentação de conquistas do povo brasileiro e, por associação, do próprio governo (“conquistámos o respeito do mundo lá fora”).

Curiosamente, o FUT foi usado de forma muito esporádica. De facto, as ocasiões em que tal sucede referem-se sobretudo a previsões e não à apresentação de promessas, o que sugere que a imagem de *agente em potência* tem pouco relevo neste texto. Isto pode dever-se ao facto de se estar no meio da legislatura e, como tal, a maioria das medidas já estarem em curso.

### 6.2.9.3. Síntese da análise

Para uma perceção dos diversos *ethè* presentes na Mensagem de Final de Ano produzida em 2009 pelo Presidente Lula da Silva recomenda-se a consulta das informações dos próximos quadros.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>78</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o povo brasileiro</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples ( <i>mostrou, acompanhou</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples ( <i>saímos, fomos</i> );	SE <sub>1</sub>	<b>Meritocrata:</b> reconhece o esforço de outro, atribuindo-lhe a responsabilidade dos resultados.

<sup>78</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Br2009 pode ser consultada no Apêndice 11.

<p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>você</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>é</i>);</p> <p>Construção sintática: Sujeito + verbo ser + predicativo do sujeito (<i>o grande responsável é você</i>)</p> <p>Adjetivos e expressões qualificativas (<i>unido, solidário, grande...</i>);</p> <p>Verbos e grupos verbais (<i>acompanhar, segurar o tranco, fazer a sua parte</i>);</p> <p>Conector causa (<i>por causa do talento do esforço e da sensibilidade dos brasileiros</i>).</p>		
<p>1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>trago</i>);</p> <p>Expressão de cariz religioso (<i>graças a Deus</i>).</p>	SOT <sub>1</sub>	<b>Religioso:</b> mostra-se crente
<p>1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i>);</p> <p>Verbo no Presente do Indicativo (<i>asseguro</i>);</p> <p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i>);</p> <p>Perífrase com valor de futuro (<i>vamos ter</i>);</p> <p>3.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito expresso <i>os anos</i>);</p> <p>Verbos no Futuro Imperfeito (<i>serão</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo;</p> <p>Perífrase de futuro (<i>ir + infinitivo</i>)</p> <p>Verbo compromissivo <i>assegurar</i>;</p> <p>Nomes epistémicos <i>certeza</i> e <i>garantia</i>;</p> <p>Adjetivo qualificativo no comparativo (<i>tão bons ou melhores</i>);</p> <p>Esquemas argumentativos analogia e opinião popular.</p>	STT <sub>1</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Profetizador:</b> prevê ou antecipa o futuro.
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>temos, não devemos</i>);</p> <p>Perífrases de obrigatoriedade (<i>não devemos perder</i>);</p> <p>Perífrase deontica (<i>é preciso</i>);</p> <p>Oração coordenada adversativa (<i>mas não devemos perder tempo com isso</i>) e subordinada causal (<i>porque a cada dia temos um novo desafio pela frente</i>);</p> <p>Expressão de quantidade (<i>de sobra</i>);</p> <p>Expressão (<i>este ensinamento</i>);</p> <p>Comparação (<i>É como no futebol: se o time ganha e faz festa demais, perde a partida seguinte</i>);</p> <p>Esquema argumentativo analogia.</p>	STT <sub>2</sub>	<b>Pedagogo:</b> ensina lições importantes ao auditório.
<p>3.ª pessoa do singular (<i>o governo</i>)</p> <p>Verbo continuar no Presente do Indicativo + predicativo do sujeito (<i>atento</i>);</p> <p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples (<i>autorizamos</i>);</p> <p>Verbo agir no gerúndio + modificadores (<i>agindo na hora certa e de maneira correta</i>);</p> <p>Verbo <i>fizeram</i> + <i>vencer a crise</i> + complemento indireto <i>nos</i>;</p> <p>Complemento direto (indicação de números quantitativos);</p> <p>Adjetivos qualificativos (<i>certa, correta</i>);</p> <p>Nome com valor epistémico (<i>fundamentos</i>);</p> <p>Expressão temporal (<i>de janeiro a novembro</i>);</p> <p>Reformuladores (<i>ou seja</i>).</p>	STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub> STT <sub>3</sub>	<b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.
<p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>a Bolsa Família...</i>);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples (<i>fez, permitiu</i>);</p>	STT <sub>3</sub>	<b>Tecnocrata:</b> domina dados de ordem técnica.

Valores quantitativos (12 milhões de empregos, 20 milhões de brasileiros, 31 milhões, 11 milhões de pessoas, 214 escolas técnicas).		
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Perífrase com valor <i>em curso</i> no Presente do Indicativo ( <i>estamos fortalecendo</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o governo</i> ); Verbo no Presente do Indicativo ( <i>continua</i> ) + predicativo do sujeito ( <i>atento</i> ); Complemento direto (medidas em implementação); Advérbios e expressões temporais ( <i>no ano passado, agora</i> ); Esquema argumentativo causa – consequência.	STT <sub>2</sub>	<b>Agente:</b> implementa medidas.
1.ª Pessoa do plural ( <i>nós institucional</i> ); Perífrase com valor de futuro ( <i>vamos apoiar</i> ); Complemento direto (medidas em implementação); Verbo compromissivo ( <i>assegurar</i> ).	STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbo Presente do Indicativo ( <i>podemos</i> ); Perífrase deontica ( <i>temos de fazer</i> ); Expressão condicional ( <i>só</i> ) + perífrase de possibilidade ( <i>podemos garantir</i> ); Modificador ( <i>com muito esforço, muito trabalho e com atenção plena</i> ).	STT <sub>1</sub> STT <sub>4</sub>	<b>Líder:</b> chefia o governo e orienta os seus membros e os cidadãos no cumprimento das suas instruções.

Quadro 24 - *Ethè* e características textuais e organizacionais na Br2009

Vocabulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Crise	9	Competente, profetizador, meritocrata
Economia	9	Competente, profetizador, agente em potência
Brasil	9	Patriota, meritocrata
Brasileiros	7	Patriota, meritocrata
Milhões	8	Competente, tecnocrata
Vencer	8	Competente
Modelo + desenvolvimento	8	Competente
Consumo	4	Competente, agente em potência
Emprego	4	Competente, agente em potência
Enfrentar	3	Meritocrata

Quadro 25 - Relação frequência vocabular/*ethè* na Br2009

## 6.2.10. Br2010

### 6.2.10.1. Análise qualitativa

Nas exposições precedentes já se havia falado sobre as apóstrofes utilizadas nas mensagens de final de ano brasileiras, as quais, para além de serem repetidas ao longo do texto, são menos formais do que se esperaria nestas intervenções. Com efeito, a apóstrofe que marca o início da MFA de 2010 anula qualquer formalismo, visto que combina o adjetivo “queridos(as)” com o nome “brasileiros(as)”. Tal como este adjetivo, também o uso do possessivo “meus/minhas” a anteceder o nome “amigos/amigas”, promove a proximidade entre Locutor e auditório. Com estas invetivas, não só se estabelece o tom que norteia toda a mensagem, como também se diminui o fosso entre a instância política e a cidadã.

Os elementos linguísticos que se seguem à apóstrofe indicam o cargo exercido pelo Locutor, nomeadamente através da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do Presente do Indicativo do verbo “deixar” regido do complemento direto “a Presidência da República” e da perífrase “vou transmitir o cargo”. A oração “foram oito anos de luta, desafios e muitas conquistas”, por um lado, indica a duração do exercício dessas funções (dois mandatos) e, por outro, descreve esse período. Os nomes escolhidos para tal (“luta, desafios e muitas conquistas”) pertencem ao campo lexical do combate e sugerem as dificuldades sentidas. Com o conector contrastivo “mas”, atenuam-se as partes negativas do exercício deste cargo, manifestando o seu “amor” pela pátria e a sua crença no futuro positivo. Por causa da função exercida e também por declarar tudo o que ela implicou, considera-se que constrói a imagem de *líder*.

No exórdio, o Locutor indica a sua sucessora, referindo o facto de ter sido escolhida através de uma eleição “livre, transparente e democrática”. Estes qualificativos poderão servir para credibilizar a sucessora, embora ela não tenha conseguido os valores necessários para a eleição na primeira volta que decorreu a 3 de outubro. Por este motivo, foi necessário realizar um segundo turno, no dia 31 de outubro. O confronto entre Dilma Rousseff e José Serra, seu principal oponente, foi muito acirrado e inicialmente este liderava as sondagens. Mas no decurso da campanha, Dilma foi conquistando mais eleitorado, permitindo-lhe vencer as eleições em 18 estados (55 milhões de votos), por oposição aos 8 de José Serra. Porém, os

valores da abstenção no segundo turno, que superaram os 20 milhões de eleitores, deixaram uma mácula na eleição de Dilma.

Tal como verbalizado, tanto a eleição de Lula da Silva, como a de Dilma Rousseff constituíram marcos históricos para o Brasil, um porque foi o “primeiro operário presidente” e o outro, “a primeira mulher presidenta”. A partir daqui, começa-se a construir a imagem de *homem do povo*, que aliás pautou a sua eleição e o exercício dos mandatos.

[ft<sub>7</sub>] É profundamente simbólico que a faixa presidencial passe das mãos do primeiro operário presidente para as mãos da primeira mulher presidenta. [ft<sub>8</sub>] Será um marco no belo caminho que o nosso povo vem construindo para fazer do Brasil, se Deus quiser, um dos países mais igualitários do mundo.

Para criar este *ethos*, não só refere explicitamente a sua função profissional antes de ser PR, logo uma pessoa comum, como seleciona vocábulos relacionados com o povo (“alma popular”) e com a situação que experienciou (“do berço pobre que tive”). Mais ainda, usa a forma de tratamento “a gente” e o nome “presidenta”, empregue por classes menos escolarizadas, e a expressão religiosa “se Deus quiser”, aproximando-se assim dos cidadãos a quem se dirige.

O Locutor apresenta, ainda, duas características de que importa falar: por um lado, apresenta-se *humilde* através da oração condicional “se algum mérito tive”, colocando assim o seu valor no campo das hipóteses e não da factualidade; por outro, revela-se um *vencedor*. Embora as informações que dê se refiram a um indivíduo indeterminado (“uma pessoa do povo”) ou a um grupo (“a gente”), ele pretende estabelecer uma analogia consigo e com o seu próprio percurso. Os verbos “vencer” e “superar” são cruciais para a construção da imagem de *vencedor*, pois contêm a ideia de ultrapassar obstáculos. No próximo excerto há ainda duas palavras que vale a pena destacar devido ao seu valor patémico: o adjetivo “gigantescas” e o verbo “aniquilar”, ambos hiperbolizando as situações mencionadas.

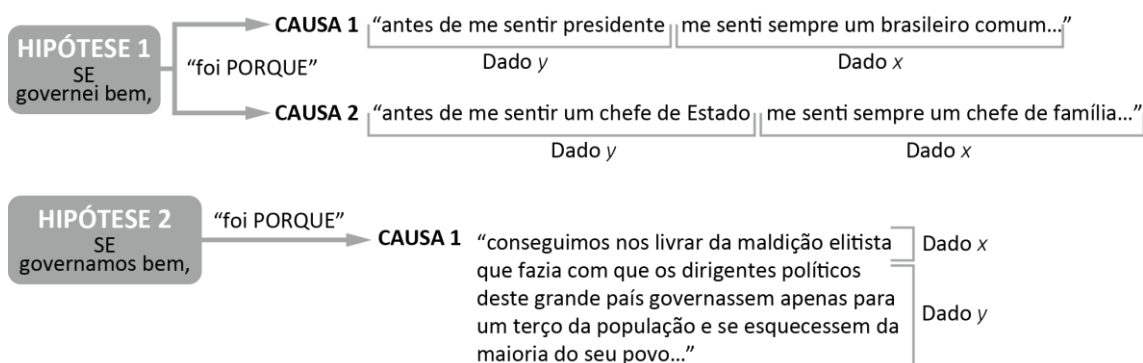
[ft<sub>14</sub>] Se algum mérito tive foi o de haver semeado sonho e esperança. [ft<sub>15</sub>] Meu sonho e minha esperança vem das **profundezas da alma popular**, do **berço pobre** que tive, e da certeza que com luta, coragem e trabalho, **a gente supera** qualquer dificuldade. [ft<sub>16</sub>] E quando uma pessoa do povo consegue **vencer as dificuldades gigantescas** que a vida lhe

impõe nada mais consegue aniquilar o seu sonho nem sua capacidade de superar desafios.

Durante o STT<sub>1</sub> são apresentadas algumas das situações que atestam a competência de governo, sujeito de grande parte das formas verbais. Linguisticamente, a imagem de *competente* é marcada por verbos de ação no PPFS; destes destaca-se o verbo “afugentar” usado metaforicamente para sugerir que o governo eliminou a crise (aqui referida através do eufemismo “onda de fracasso”). O verbo “pairar” é também interessante, na medida em que parece indicar que a crise ainda não se tinha instalado no país, mas pode ter um efeito contrário ao pretendido pelo Locutor. De facto, a frase e o verbo podem reduzir o valor da ação do governo perante o auditório (se a crise não estava instalada, a situação não era tão alarmante). Para além destes elementos linguísticos, a perífrase de continuidade “estar + gerúndio”, cujo verbo principal é “provar”, são demonstrativos da competência.

[ft<sub>18</sub>] Foi com esta energia no peito que nós, brasileiros e brasileiras, **afugentámos** a onda de fracasso que pairava sobre o país **quando assumimos o governo**. [ft<sub>19</sub>] Agora **estamos provando** ao mundo e a nós mesmos, que o Brasil tem o encontro marcado com o sucesso.

Segue-se um momento explicativo, que tem como intuito demonstrar o mérito do Locutor e do seu governo, privilegiando a vertente social e humana destas funções, em detrimento da exposição das medidas implementadas. A explicação parte da pergunta implícita “por que razão consideram que eu/nós governei/governámos bem” e constrói-se com base na relação hipótese-causa, marcada pelas conjunções condicional (SE) e causal (PORQUE). Os dois primeiros momentos explicativos apresentam uma dicotomia entre posicionamentos pessoais, introduzidos pela locução “antes de”, ao passo que no terceiro se expõem as diferenças entre as ações do governo atual e dos anteriores. De destacar, o facto de as conquistas surgirem em primeiro plano e a crítica constar do final. O próximo esquema ilustra como se organiza a sequência.



Em virtude dos vocábulos mobilizados, alguns pertencentes ao campo lexical de família (“chefe de família”, “irmãos”, “filhos”) e outros relacionados com assuntos sensíveis como o preconceito, a frustração, a violência, as dificuldades económicas, e também da oposição promovida entre os dados y e x, pode-se afirmar que o Locutor passa a imagem de *empático* e de *comentarista crítico*, especialmente no caso da hipótese 2. Nesta sublinha-se a palavra “maldição”, com forte teor emotivo, pois relaciona-se com a ideia de praga e de calamidade.

A partir da ft<sub>25</sub>, expõem-se os resultados da ação do governo, aqui referido pelo nome “Brasil” (sinédoque), em particular o crescimento social e económico. Ainda que aqui não seja referido, isto deve-se ao modelo de desenvolvimento referido na MFA2009, que visava o crescimento sustentável da economia e a melhoria das condições de vida da população. Através do verbo “vencer” e “provar” percebe-se que os objetivos estabelecidos no ano anterior foram alcançados. A remissão a conteúdo constante da mensagem do ano anterior indica que entre os textos há um diálogo perpétuo (intertexto).

[ft<sub>25</sub>] O Brasil venceu o desafio de crescer económica e socialmente e provou que a melhor política de desenvolvimento é o combate à pobreza. [ft<sub>26</sub>] Construámos, juntos, um projeto de nação baseado no desenvolvimento com inclusão social, na democracia com liberdade plena e na inserção soberana do Brasil no mundo.

Se o governo é o responsável pelo enunciado, pode-se assumir que existe aqui uma tentativa de mostrar a sua competência, e para isso têm um papel importante os verbos de ação selecionados (“construámos”, “fortalecemos”, “ampliamos”, “diminuímos”, “imprimimos”) no Pretérito Perfeito do Indicativo. Embora na ft<sub>26</sub>, o sujeito seja o governo e também o povo, como se percebe pelo adjetivo “juntos”, nas demais o “nós” passa a ser apenas o executivo, pois as medidas apresentadas como

objetivo direto são todas de âmbito governativo. Assim, ao longo de todo o parágrafo, o Locutor constrói uma imagem de *competente*.

Após este momento, o Locutor faz uma análise do desempenho do povo, tecendo-lhe uma série de elogios, mas como tem sido apanágio, integra-se nesse conjunto (o pronome possessivo “nosso” evidencia esta situação). Os elogios materializam-se em adjetivos (“dinâmica e produtiva”) e em nomes (“entusiasmo” e “responsabilidade”), apontados como as causas que possibilitaram a formação de “uma das economias mais sólidas e um dos mercados internos mais vigorosos do mundo”. Tal como o adjetivo “juntos” utilizado anteriormente, a perífrase “ajudando a formar” também aponta para a colaboração entre o governo e o povo. Aliás, no final do parágrafo, o conector “em suma” introduz uma frase que pretende rematar essa ideia.

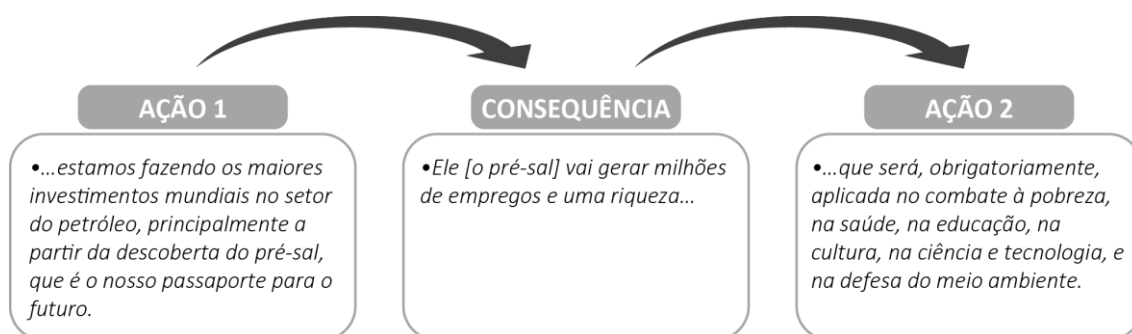
[ft<sub>29</sub>] Em suma: governo e sociedade trabalharam sempre juntos com união, equilíbrio, participação e espírito democrático.

Ao mencionar o empenho e a colaboração dos brasileiros para o sucesso alcançado, passa uma imagem de *meritocrata*.

Após nova apóstrofe (ft<sub>30</sub>), o Locutor transfere a atenção para o governo. O verbo “demonstrar” e o complemento direto “a sua pujança” indicam, claramente, a eficiência do executivo. Para isso também é fulcral o termo “pujança”, que enfatiza o poder da atuação governativa mostrando o vigor e a superioridade das ações implementadas, e o conjunto “obras e projetos”, que revela capacidade de agir e de planejar. A enumeração da ft<sub>32</sub> comprova a competência do governo, porque dá mostras concretas do seu trabalho. Por tudo isto, considera-se que desponta o *ethos competente*.

A esta imagem de eficiência está associada a de *agente*, que se constrói no parágrafo seguinte. A correlação é estabelecida pelo conector aditivo “também” e pela perífrase estar + gerúndio (“estamos fazendo”). Em ambos os parágrafos se declaram as consequências destas ações no futuro por meio da perífrase ir + infinitivo (“vai gerar”) e do Futuro Imperfeito (“será aplicada”). As previsões aqui indicadas como consequências da Ação 1 são usadas para reforçar a competência do governo e também a sua humanidade, dado que muitas acarretam melhorias a nível social

(emprego, combate à pobreza...). O advérbio “obrigatoriamente” dá a ideia de que não existiria outra ação possível que não a que o Locutor se propõe fazer.



Na ft<sub>35</sub>, durante a qual se continua com a exposição de algumas medidas executadas (veja-se o conector “ainda” e a perífrase “estamos fazendo”), fala-se sobre outro projeto com repercussões sociais. A avaliação que o Locutor faz desta medida merece menção, nomeadamente o superlativo relativo de superioridade (“um dos maiores do mundo”), pois diferencia-a face aos projetos dos governos anteriores e enfatiza a competência do governo que a concebeu (neste caso, o seu). A metáfora “matar a sede” e o grupo “milhões e milhões” exponencia o impacto desta ação. Ora, ainda que a intenção seja mostrar a competência, o auditório pode entender isto como falta de humildade, pois sobrevaloriza a sua intervenção.

A oração temporal que inicia o décimo quarto parágrafo assinala a simultaneidade entre as intervenções infraestruturais e as sociais, as quais têm uma maior importância (expressões especificadoras “acima de tudo” e “pessoas mais pobres”). Mesmo que o Locutor acredite verdadeiramente nisto, trata-se de uma informação com objetivo persuasivo, pois a instância cidadã procura sempre um representante que se preocupe com as suas condições de vida. Posto isto, a imagem de *humano* (veja-se o grupo verbal “cuida das pessoas” e “pessoas mais pobres”) está muito ligada à imagem de *líder* partilhada pelo imaginário do auditório.

A ft<sub>37</sub> revela, através de factos, como o governo foi competente na resposta às necessidades da população. Os verbos são usados quer no Presente do Indicativo (“temos”, “beneficia”), quer no Pretérito Perfeito Simples (“permitiu”, “cresceu”, “assentamos”) para indicar as ações em execução ou executadas, respetivamente.

Nesta fase, há também uma especificação dos programas e dos resultados obtidos, fornecendo-se dados numéricos ou percentuais (“13 milhões”, “67%”, “48%).

[ft<sub>37</sub>] Temos, hoje, os maiores e mais modernos programas de transferência de renda, segurança alimentar e assistência social do mundo. [ft<sub>38</sub>] Entre eles, o Bolsa Família que beneficia quase 13 milhões de famílias pobres e é aplaudido e imitado mundo afora.

[ft<sub>39</sub>] Nosso modelo de governo também permitiu que o salário mínimo tivesse ganho real de 67% e a oferta de crédito alcançasse 48% do PIB em 2010, um recorde histórico.

[ft<sub>40</sub>] O investimento em agricultura familiar cresceu oito vezes e assentamos 600 mil famílias, metade de todos os assentamentos realizados no Brasil até hoje.

Assim sendo, os elementos linguísticos identificados nos parágrafos 14.º a 18.º passam a imagem de um Locutor *competente e tecnocrata*.

Uma das conquistas referidas ao longo deste STT refere-se ao número de assentamentos. Trata-se de uma realidade sem equivalente no contexto português, carecendo explicação. De acordo com definição presente no sítio oficial do Instituto de Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), tutelado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário brasileiro o “assentamento rural é um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, instaladas pelo INCRA onde originalmente existia um imóvel rural que pertencia a um único proprietário. Cada uma dessas unidades, chamadas de parcelas, lotes ou glebas, é entregue pelo instituto a uma família sem condições económicas para adquirir e manter um imóvel rural por outras vias” (INCRA, s.d.). A política dos assentamentos rurais surgiu em consequência das dificuldades de acesso a terrenos de cultivo que permitissem contrariar o défice alimentar e económico de muitos brasileiros e também como forma de controlar a ocupação de terras realizado por muitos movimentos sociais de luta (Girardi & Fernandes, 2008). Sendo assim, o número elevado de assentamentos indicados nesta MFA significaria a melhoria de condições de vida futuras para muitos brasileiros, o que demonstrava o impacto da atuação do governo na vida social.

As marcas presentes no encerramento deste texto também promovem o reaparecimento de outras imagens, nomeadamente a de *homem do povo*. Esta constrói-se mediante o uso da expressão de tratamento típica do registo popular “a gente”, do marcador enfático “sim” oralizante e do conteúdo da ft<sub>73</sub>. Nesta, o Locutor também revela uma veia lutadora e o orgulho relativamente ao seu percurso de vida.

Outra das imagens presentes neste segmento (SE<sub>2</sub>) é a de um homem *humano*, construída em torno da estrutura paralelística “onde houver”. O verbo “sofrer”, o advérbio “espiritualmente” (a questão espiritual é muito importante para os Brasileiros), as expressões “estar ao seu lado” e “traga um pouco de conforto” remetem para a compaixão.

A oração “vivi no coração do povo” é altamente manipulativa, porque apela ao sentimento do auditório, mas, a perífrase “continuar vivendo” ainda é mais, pois trata-se de uma forma de instigar aquele a manter essa emoção viva. O facto de mencionar a sua morte, ainda que através de um eufemismo “até ao último dos meus dias”, aumenta ainda mais a carga patémica deste trecho.

#### 6.2.10.2. Análise quantitativa

A análise da frequência vocabular gerou alguns dados interessantes, a começar pelas ocorrências do nome “Brasil” (17 ocorrências). O nome do país é frequentemente usado de forma personificada, dado que lhe são atribuídas ações que não podem ser por ele concretizadas, como por exemplo “o Brasil venceu o desafio de crescer económica e socialmente” ou “o Brasil cuida das pessoas”. Por esta razão depreende-se que o nome se refere ao governo que o gere ou, em outros casos, à sociedade civil e política.

O volume de referências ao país, bem como o número de ocorrências do nome comum “povo”, num total de 12 ocorrências, pode ser revelador de uma tentativa de manipular o auditório através do sentimento patriótico e também de promover uma aproximação do Locutor a todas as classes. Este último facto é notório na ft<sub>73</sub>, na qual desponta a imagem de *homem do povo*.

Destacam-se, também, da lista de palavras frequentes os adjetivos “brasileiros”, “brasileiro” e “brasileira”. A palavra “brasileiro” surge cinco vezes no total, estando numa delas a adjetivar o nome “povo” e nas restantes a exercer a função de sujeito ou de complemento direto da oração. A opção pela forma singular tem um valor indefinido e genérico, pretendendo que cada ouvinte/leitor considere que essa mensagem se destina a si próprio. Já as formas no plural, tanto masculinas

como femininas, são usadas somente nas apóstrofes, mas são fulcrais para a compreensão de palavras como o vocábulo “todos”. Embora este vocábulo ocorra oito vezes, apenas em três situações se trata de um pronome indefinido e, portanto, representante da população brasileira (“conquista coletiva de todos”, “governar para todos”, “peço a todos”). A escolha deste pronome revela uma atitude inclusiva, apostada em integrar toda a população, o que segue a mesma linha de pensamento dos vocábulos anteriores. Nas restantes ocorrências, pertence à categoria gramatical dos quantificadores universais, servindo apenas o propósito de especificar quantitativamente um nome.

O quantificador “milhões” (9 ocorrências) tem também um grande impacto neste texto, dado que permite demonstrar a dimensão dos resultados das medidas implementadas pelo governo ou avançar com os dados potenciais de ações a desenvolver no futuro. Posto isto, o vocábulo contribui de forma substancial para a construção do *ethos competente* ou do *ethos agente em potência*, respetivamente.

A utilização do vocábulo “governo” (5 ocorrências) é importante por três motivos: determina a função exercida pelo Locutor (“saio do governo”), explicita quem é o sujeito de algumas formas verbais, nomeadamente na 1.ª pessoa do plural (“quando assumimos o governo”), e atribui a esta entidade a responsabilidade de algumas ações. Com esta informação é possível perceber que as imagens de competência e de agência, por exemplo, devem ser atribuídas a um grupo e não apenas a um indivíduo.

Um apontamento final sobre a utilização do nome “sonho” (5 ocorrências) no exórdio, justificando o facto de este ser considerado um momento para manipular as emoções do auditório, preparando o seu estado de espírito para as informações subsequentes.

Quanto à análise quantitativa de dados relativos à responsabilidade enunciativa, constatou-se que a MFA Br2010 alterna entre um posicionamento individual, marcado por formas verbais de primeira pessoa do singular, e um coletivo, com formas verbais na primeira pessoa do plural (*nós institucional*).

Para além destes sujeitos, também se observou com alguma regularidade o grupo nominal “o Brasil” (11 ocorrências), utilizado para representar os habitantes ou o território (sinédoque todo-parte).

Já as formas verbais marcadoras do *nós nacional* neste texto são parcas, em comparação com os outros elementos em análise.

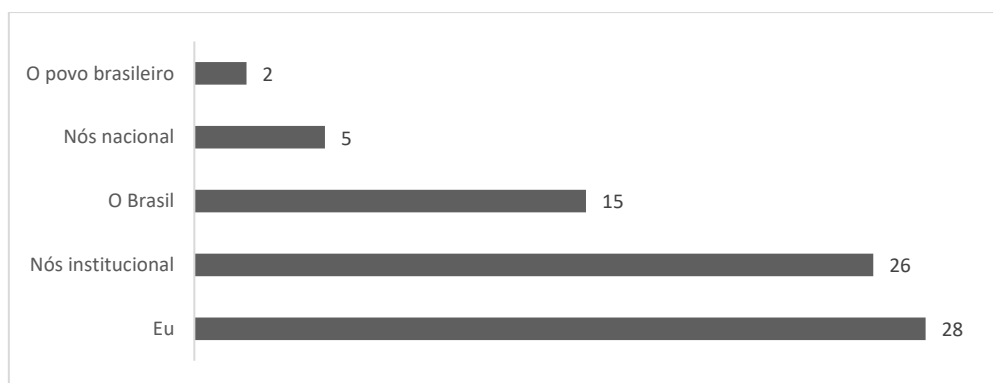


Gráfico 27 - Índices de pessoas

A alternância entre um sujeito individual e um coletivo pode justificar-se pelos temas abordados e pelo período da enunciação. Trata-se do último discurso pronunciado por Lula da Silva antes de abandonar a chefia do governo, portanto o uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular confere uma certa pessoalidade e emoção ao texto; por outro lado, o *nós institucional* permite expor as conquistas do seu executivo e demonstrar a sua eficiência.

Analisando morfologicamente os elementos linguísticos que fornecem informações sobre as pessoas do discurso, verifica-se um predomínio de formas verbais, seguido de determinantes possessivos, como tem vindo a ser, aliás, habitual.

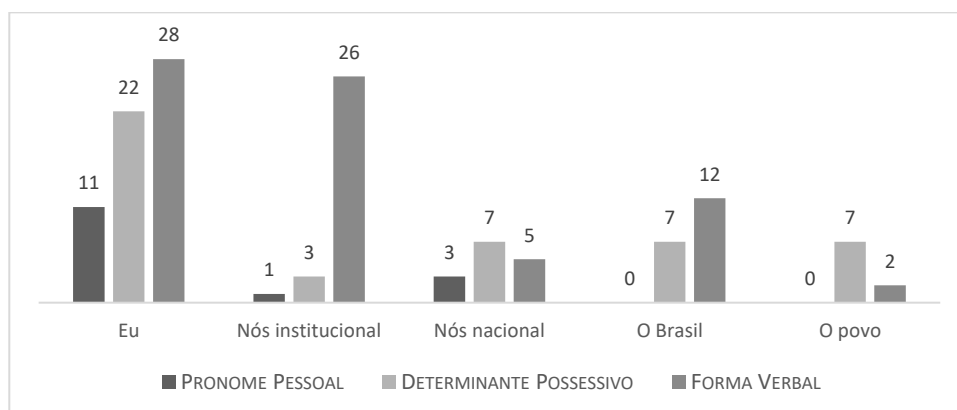


Gráfico 28 – Marcação do sujeito por diversas classes gramaticais

Neste campo os dados invertem-se ligeiramente, uma vez que há mais pronomes pessoais e determinantes demonstrativos ilustrativos do *nós nacional*, do que do *nós institucional*. Tal facto indica que quem executa as ações descritas no texto é o sujeito individual ou o coletivo do governo, mas que há uma tentativa de incluir o auditório no discurso, integrando-o nas expressões que denotam posse.

Dos onze registos de pronomes pessoais de primeira pessoa, cinco são pronomes reflexos exigidos pelos verbos (“me senti”, “me refiro”) e os restantes são formas pronominais de complemento indireto (“todos me apoiaram”, “souberam me cobrar”, “me terem ensinado”...). Assim, mesmo quando o responsável pela ação é uma terceira pessoa, o Locutor coloca-se como destinatário da mesma, imiscuindo-se em toda a mensagem.

Quando o Locutor se assume como um indivíduo, há uma tendência para a utilização do PRES, mostrando-se em conjugação com o momento de enunciação (Gráfico 29). No entanto, ocorrem algumas formas verbais no PPFS, em particular em momentos explicativos e narrativos (“tive”, “governei”, “senti”). Curiosamente as duas ocorrências relativamente ao futuro, uma com a conjugação perifrástica (“vou transmitir”) e outra com o FUT (“serei”), encontram-se respetivamente no exórdio e na peroração. O primeiro refere-se à ação de transmitir o cargo a Dilma Rousseff e o segundo ao estabelecimento de uma promessa pessoal.

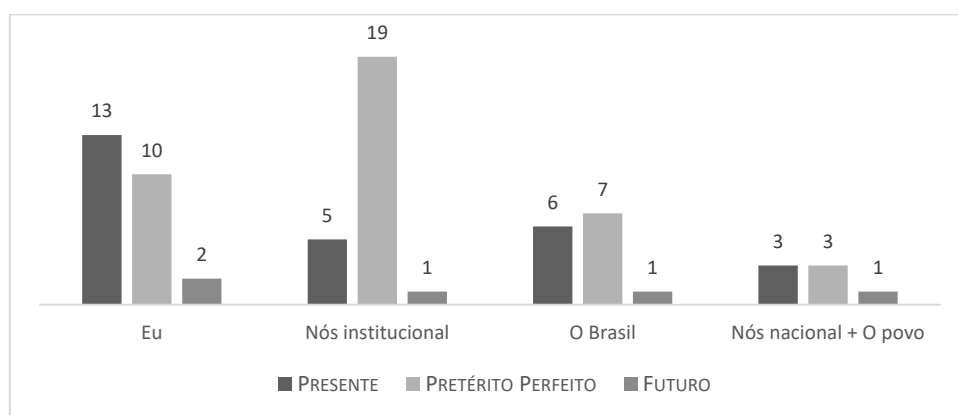


Gráfico 29 - Tempos verbais das formas verbais representativas do sujeito

Relativamente aos tempos verbais dominantes nos momentos em que o Locutor personifica o governo (*nós institucional*), denota-se claramente a prevalência do PPFS, usado para informar das conquistas alcançadas e dos resultados obtidos. A utilização deste tempo verbal está, portanto, intrinsecamente associada à construção do *ethos competente*.

Nesta mensagem, e contrariamente ao que sucede em outras do *corpus*, apenas ocorre uma forma verbal referente a um tempo futuro (conjugação perifrástica “vamos ter”), que tem como objetivo apresentar um resultado do corrente ano (verbalizado no modificador “agora em 2010”), mas que só será confirmado após o pronunciamento. Importa referir que das cinco ocorrências de PRES, três correspondem à conjugação perifrástica com valor de continuidade, construída com o verbo auxiliar estar + gerúndio (ex.: “estamos provando”), indicando uma ação iniciada no passado, mas que ainda se manifesta no presente. Neste caso, e embora sejam usadas as perifrásticas, há uma exposição de resultados do executivo, pelo que também se passa a imagem de *competente*.

No grupo nominal “o Brasil” há um equilíbrio entre as formas verbais no PRES e no PPFS, verificando-se uma alternância entre momentos de exposição de resultados obtidos (produto da ação do governo e do povo) e de ações atuais. Se no primeiro caso, as marcas linguísticas são usadas durante a construção do *ethos competente*, no segundo concorrem para a imagem de *humanidade*. O mesmo equilíbrio se observa entre as formas verbais usadas quando o sujeito é o “nós nacional” ou “o povo”.

### 6.2.10.3. Síntese da análise

A análise revelou a existência de vários *ethè* ao longo da MFA Br2010. Os próximos quadros incluem as marcas textuais usadas na construção de cada *ethos*.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>79</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>deixo</i> ); Verbo <i>deixar</i> + complemento direto ( <i>a Presidência da República</i> ); Nomes ( <i>luta, desafios, conquistas</i> ); Isotopia de combate.	SE <sub>1</sub> STT <sub>3</sub>	<b>Líder:</b> chefia o governo e orienta os seus membros e os cidadãos no cumprimento das suas instruções.

<sup>79</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Br2010 pode ser consultada no Apêndice 12.

1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>tive</i> ); Adjetivo <i>popular</i> , grupo nominal <i>berço pobre</i> e <i>a gente</i> .	STT <sub>1</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Homem do povo:</b> oriundo do povo.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>tive</i> ); Oração Condicional ( <i>se algum mérito tive</i> ).	STT <sub>1</sub>	<b>Humilde:</b> reconhece os próprios erros ou defeitos.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>uma pessoa do povo</i> ); Verbo no Presente do Indicativo ( <i>consegue vencer</i> ); Verbo <i>vencer</i> + complemento direto ( <i>dificuldades gigantescas</i> ); Oração temporal ( <i>quando uma pessoa do povo vence</i> ); Adjetivo hiperbólico <i>gigantescas</i> a qualificar o nome <i>dificuldades</i> ; verbo <i>vencer</i> Esquema argumentativo analogia.	STT <sub>1</sub>	<b>Vencedor:</b> atinge o sucesso, ultrapassando para tal graves dificuldades.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples ( <i>assumimos, fortalecemos, assentamos</i> ) e no Presente do Indicativo ( <i>temos</i> ); 3.ª Pessoa do singular ( <i>o Brasil</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>demonstra</i> ); Complemento direto ( <i>13 milhões, pujança em obras e projetos</i> ) Oração temporal ( <i>quando assumimos o governo</i> ); Verbos de ação ( <i>construir, fortalecer, ampliar...</i> ); Verbos probatórios ( <i>demonstrar e provar</i> ); Advérbio temporal ( <i>hoje</i> ); Esquema argumentativo hipótese-causa.	STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub> STT <sub>3</sub> STT <sub>4</sub>	<b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>sentí</i> ); Palavras pertencentes ao campo lexical de família ( <i>chefe de família, irmãos, filhos</i> ); Vocabulário expressivo ( <i>compartilhar; feliz, sentimento</i> ).	STT <sub>1</sub>	<b>Empático:</b> compreende emocional ou intelectualmente os outros.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>conseguimos nos livrar</i> ); Expressão apreciativa (maldição elitista que fazia com que os dirigentes políticos deste grande país governassem apenas para um terço da população); Esquema argumentativo hipótese-causa.	STT <sub>1</sub>	<b>Comentarista crítico:</b> ajuíza comportamentos ou situações.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o nosso povo</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>deu</i> ) Complemento direto ( <i>resposta dinâmica</i> ); Modificadores ( <i>com entusiasmo, com responsabilidade, com união, equilíbrio participação e espírito democrático</i> ); Verbos de ação ( <i>dar, ajudar e formar</i> ); Adjetivos apreciativos ( <i>dinâmica e sólida</i> ).	STT <sub>2</sub>	<b>Meritocrata:</b> reconhece o esforço de outro, atribuindo-lhe a responsabilidade dos resultados.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Perífrase com valor em curso ( <i>estamos fazendo</i> ); Conector aditivo ( <i>também</i> ); Esquema argumentativo causa-consequência.	STT <sub>3</sub>	<b>Agente:</b> implementa medidas.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o Brasil</i> ); Verbo no Presente do Indicativo ( <i>cuida</i> ); 1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> );	STT <sub>3</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Humano:</b> demonstra bondade e compaixão perante a situação vivida

Presente do Indicativo ( <i>quero</i> ); Complemento direto ( <i>peessoas, um pouco de conforto</i> ); Perífrase volitiva ( <i>quero estar</i> ); Especificadores ( <i>acima de tudo; em especial</i> ); Verbo com valor expressivo ( <i>cuidar</i> ); Adjetivo no superlativo ( <i>mais pobres</i> ); Expressão com valor expressivo ( <i>estar ao seu lado</i> ); Sinédoque todo-parte (Brasil = governo).		por outros.
---	--	-------------

Quadro 26 - *Ethè* e características textuais e organizacionais na Br2010

Vocábulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Povo	12	Homem do povo
Milhões	9	Competente, agente em potência
Governo	5	Líder, competente, agente
Pobreza	4	Competente, agente em potência, humano
Presidenta	4	Líder
Combate	3	Agente em potência, agente, competente
Crescimento	3	Competente, agente em potência

Quadro 27 - *Relação frequência vocabular/ethè na Br2010*

### 6.2.11. Br2011

#### 6.2.11.1. Análise qualitativa

A Presidente Dilma Rousseff dirigiu-se à nação no dia 23 de dezembro de 2011 para proferir a tradicional Mensagem de Final de Ano, que abre com a apóstrofe “queridas brasileiras, queridos brasileiros”. Se esta invetiva já indiciava um tom informal e de proximidade, os elementos que se seguem acentuam-no ainda mais, nomeadamente a convocação do ponto de vista de uma “mãe ou pai de família”, através de uma frase em discurso direto (marcado pelo verbo introdutor de fala “dizer” e pelos sinais gráficos dois pontos e aspas), da expressão de cariz religioso (“graças a Deus”) e do vocábulo pertencente ao campo lexical de família.

2§ [ft<sub>2</sub>] Nada melhor para uma **mãe**, ou para um **pai de família**, quando, numa noite de Natal, pode dizer a seus **filhos**: "apesar das dificuldades, **graças a Deus**, esse foi um ano bom; e, com certeza, o próximo será ainda melhor". [ft<sub>3</sub>] A maioria dos brasileiros vai poder dizer isso nesta virada de ano, e, como **Presidenta**, me **sinto feliz de compartilhar** esse sentimento.

3§ [ft<sub>4</sub>] Iguar a cada um de vocês, ainda estou longe de me sentir satisfeita. [ft<sub>5</sub>] Mas tenho cada vez mais convicção de que podemos e vamos avançar muito mais.

Durante estas frases, o Locutor, embora indique o cargo que exerce (“como Presidenta”), revela-se solidário com a situação dos brasileiros. Os verbos “sentir” e “compartilhar” na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e sobretudo a estrutura comparativa “igual a cada um de vocês” promovem o surgimento do *ethos empático*.

No terceiro parágrafo sobressaem duas outras facetas do Locutor, articuladas por meio da conjunção contrastiva “mas”: por um lado, a sua ambição, pois não se sente satisfeita apesar dos sucessos alcançados e, por outro, a sua crença no progresso do país. A “convicção” que assume permite-lhe fazer uma constatação e uma previsão, materializadas pelas perífrases “podemos e vamos avançar”. O uso destes elementos linguísticos particulares faz despontar a imagem de *líder*, nomeadamente com a perífrase de possibilidade, e de *profetizador*, com a de futuro.

A expressão “muitos anos atrás” dá início a uma narração assente em dois contrastes: Brasil vs mundo, passado vs presente. Esta sequência ilustra a situação vivida antes e depois da crise financeira mundial, cujos efeitos foram particularmente nefastos para os países desenvolvidos. Como referido na secção 6.1., os países emergentes, nos quais se inclui o Brasil, não foram tão afetados verificando-se na realidade um percurso totalmente oposto. Em 2011, a economia cresceu 2,7%, de acordo com o IBGE, mais 1% do que os Estados Unidos e do que a França (Globo, 2012).

O quinto parágrafo expressa o desejo do Locutor, que deve ser estendido aos brasileiros (daí o uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural), de que a economia mundial melhore. Isto seria, efetivamente, muito importante para o Brasil, dado que a situação económica dos outros países tem impacto sobre a estabilidade do país. Ciente dessa relação, o enunciador compromete-se a agir (perífrase de futuro “vamos enfrentar” e complemento direto “todos os desafios”), protegendo o país (oração final introduzida por “para que”), passando a imagem de *agente em potência* e, simultaneamente, de *líder*.

Os parágrafos seguintes revelam os motivos que conduziram ao período de avanço (no texto utiliza-se o verbo “acelerar”) vivido no Brasil. A expressão “não se

deu por acaso” deixa claro que a mudança resulta da intervenção do governo, sujeito das formas verbais “estamos conseguindo” e “estamos transformando”. O modificador “com planejamento e políticas acertadas” caracteriza diretamente a atuação do executivo, construindo assim as imagens de *agente* e *competente*.

O contraste entre Brasil/mundo ou entre passado/presente tem marcado os primeiros parágrafos da MFA Br2011 e continua a servir de base à demonstração da competência do governo. No nono parágrafo, a oposição apresenta-se sob a forma de um paralelismo (“No ano em que quase todos os países do mundo..., nós criamos...”, “no ano em que grandes potências mundiais..., nós estamos tendo...”) e permite perceber o posicionamento económico favorável brasileiro. Efetivamente, o Brasil contrariou a diminuição de postos de trabalho que ocorria em outros países<sup>80</sup> tendo gerado, de acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Cageed), 1.944.560 novos lugares em 2011. Porém, como o valor referido no texto ascende os 2 milhões, julga-se que o Locutor se estaria a referir aos números de 2010 (2.543.177 postos), ainda sob a direção de Lula da Silva (Portal Brasil, 2012). Como mencionado, a dicotomia entre estas duas realidades visa dar provas da eficiência do governo e para isso também muito contribuiu o conector “porque”, introdutor da oração causal da ft<sub>17</sub>, onde se enumeram outros resultados.

A partir do décimo parágrafo, vão-se abordando diversos temas, nomeadamente questões financeiras, tributação, aquisição de moradia, educação e saúde. Durante este SOT, as medidas que o governo tem intenção de implementar vão sendo intercaladas por ações já executadas. Por este motivo, na ft<sub>18</sub> localizam-se especificamente os tempos das ações: referência aos anos “2011” e “2012” e utilização do Pretérito Perfeito Simples (“foi”) e do Futuro Imperfeito do Indicativo (“será”).

Na ft<sub>19</sub>, o complemento direto (“o ano”) remete para a informação da frase anterior (“2012”) e inicia um inventário de circunstâncias que irão decorrer e que são dadas como certas. Se dúvidas houvesse em relação à sua factualidade, o uso da

---

<sup>80</sup> Numa notícia disponibilizada no Centro Regional da Informação das Nações Unidas, indica-se que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou que o desemprego mundial atingiria o valor de 6.1% (203,3 milhões de desempregados). A mesma entidade refere que existem “níveis de recuperação muito diferenciados, com níveis persistentemente elevados de desemprego e desânimo, nos países desenvolvidos, e um crescimento do empregos com níveis persistentemente elevados de emprego vulnerável e pobreza entre a população trabalhadora, nas regiões em desenvolvimento”. (UNRIC, s.d.)

perífrase “estamos fazendo”, indicando a realização presente, e o especificador “ou seja” elimina-as. Estes elementos linguísticos contribuem para o surgimento do *ethos agente*.

[ft<sub>19</sub>] Abriremos o ano com forte aumento do salário mínimo, com redução de impostos com retomada do crédito, com aumento de investimento e mantendo a estabilidade fiscal. [ft<sub>20</sub>] Ou seja: **estamos fazendo** a nossa parte e temos certeza de que, no próximo ano, também as empresas ampliarão seus investimentos e os trabalhadores terão garantido assim seu emprego e aumentarão seu consumo. [ft<sub>21</sub>] Por isso, fizemos o programa Brasil Maior que protege os empregos dos brasileiros no setor industrial, pois incentiva a agregação de valor e a inovação aqui no Brasil.

Porém, na mesma frase em que se revela a sua proatividade, o Locutor expõe a sua crença sobre o futuro, particularmente sobre a conduta das empresas e dos trabalhadores. A expressão epistémica “temos a certeza” e o Futuro Imperfeito (“ampliarão” e “terão”) podem produzir duas imagens distintas, que se complementam. Por um lado, o facto de o Locutor demonstrar que acredita em determinada ação do auditório pode condicionar a reação deste, levando-o a assumir tal comportamento de modo a não defraudar as expectativas. Assim sendo, o Locutor está a dirigir e a influenciar o auditório, o que faz despontar a imagem de *líder*. Por outro, o prognóstico sobre a situação das empresas e dos trabalhadores faz aparecer a imagem de *profetizador*. O primeiro caso evidencia a influência do *pathos* sobre o *ethos*, já que se constrói uma imagem de si a partir da manipulação das emoções do outro. O conector consecutivo “por isso” (ft<sub>21</sub>) explica a causa subjacente à melhoria da situação financeira dos trabalhadores. Fala-se, especificamente, do programa “Brasil maior” produzido pelo governo (1.ª pessoa do plural do verbo de ação “fizemos” no PPFS).

Os parágrafos seguintes focam-se em medidas a implementar em “2012”, mas ao contrário do que sucedeu nas linhas anteriores o sujeito da ação deixa de ser o *nós institucional*. Como as medidas referidas (“menos tributos”, “crédito mais fácil”, descida das taxas de juro do microcrédito e da abertura de crédito...) só são possíveis devido à intervenção do executivo assume-se que este é o causador, razão pela qual se entende que neste contexto surge a imagem de *agente em potência*. Importa ainda

acrescentar aos elementos linguísticos anteriores, o uso do Futuro Imperfeito (“começará”) ou da perífrase de futuro (“vão ter”, “vão despencar”, “vão cair”...).

Mais uma vez aquela imagem é intercalada com a de *competente* (ft<sub>28</sub>, ft<sub>30</sub>), através das seguintes marcas: grupo “somente este ano”, Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (“contratamos”, “entregamos”, “renovamos”) e complementos diretos (“341 mil novas moradias”, “400 mil moradias e outras 500 mil estão em obras”, “a redução do IPI sobre materiais de construção”). O argumento final para atestar a competência surge na ft<sub>31</sub> e na ft<sub>32</sub>, quando se usa o verbo “significar”, os conectores aditivos “além de... mas também” e conclusivo “pois” para expor os resultados futuros das medidas implementadas (retomadas quer pelo grupo pronominal “tudo isso”, quer pelo demonstrativo “essas”). Sempre que se tece um prognóstico, materializado pela perífrase de futuro (“vai continuar” (ft<sub>32</sub>), “vai crescer mais” (ft<sub>37</sub>), “vai poder equilibrar” (ft<sub>39</sub>)), passa a imagem de *profetizador*.

Do parágrafo 14 destacam-se duas questões linguísticas: a perífrase “acaba de reduzir” que define a ação como recente (logo, mostra que o Locutor é *agente*), e o uso do termo “baratear”, pouco recorrente em Portugal, que parece integrar um registo de língua mais popular.

Para concluir o segmento, o Locutor congrega na ft<sub>41</sub> as áreas em que se apostará: emprego, progresso, desenvolvimento e infraestruturas (resultantes da aplicação do Plano de Aceleração e Crescimento, PAC). O quantificador “mais”, o adjetivo “melhor” e a expressão “mais ímpeto”, juntamente com o Futuro Imperfeito (“continuarão” e “ganharão”) formulam uma promessa do governo e, consequentemente, a imagem de *agente em potência*.

O conector adversativo “porém” (ft<sub>42</sub>) marca uma cisão no texto, reforçada pelo retomar do ponto de vista individual (“minha alegria”). Com efeito, a partir desse momento apresentam-se os programas de índole social que o executivo pretende realizar (uso do nome “governo” como sujeito da oração e perífrase de futuro “vai poder ampliar”), bem como os resultados alcançados até à data (Pretérito Perfeito do Indicativo “produziu”). O conector “por exemplo” e a oração final “para que vocês tenham uma ideia” (esquema argumentativo denominado de *exemplo*) introduzem casos práticos que corroboram a competência do governo.

A nova promessa realizada na ft<sub>48</sub> marca novamente o surgimento da imagem de *agente em potência*. Contudo, este compromisso distingue-se dos anteriores, porque não está impregnado do mesmo tom de factualidade; a perífrase e o complemento direto “vamos fazer o maior esforço” indicam que se trata de uma tentativa que, independentemente da vontade do Locutor, pode ter os efeitos desejados. Além disso, a promessa também se estende por um período temporal mais alargado que as demais (“até o final do nosso governo” significa até 2014).

Neste momento importa mencionar uma questão muito relevante para o *ethos competente*. As informações de ordem numérica ou estatística fornecidas no texto coincidem com os resultados divulgados por entidades brasileiras de renome e pelos meios de comunicação. Isto aumenta a credibilidade do Locutor perante o auditório (o *ethos textual* é influenciado, em maior ou menor escala, pela realidade e pelo *ethos* prévio), pois este percebe a verdade das suas palavras.

Para além do apoio social, também se apontam compromissos relativamente a outras áreas como indicam os especificadores “na saúde” [ft<sub>51</sub>] e “na educação” [ft<sub>55</sub>]. Como a perífrase de futuro é combinada com a de continuidade (“vamos continuar levando”, “vai continuar melhorando e “vai continuar matriculando”) percebe-se que a ação já está em curso no momento da enunciação, logo o Locutor é *agente*. Por seu turno, o Futuro Imperfeito (“daremos”), a perífrase de futuro “vamos preencher” a expressão temporal “até 2014” revelam um *agente em potência*.

Na reta final sobre as ações a desenvolver em 2012, Dilma faz referência ao combate ao narcotráfico (ft<sub>53</sub>) e ao consumo de crack. Em 2010, o número de consumidores (atuais ou passados) de *crack* representava 1,2% da população (Censo 2010) e de cocaína, 1,75% com idades entre 15 e 64 anos (UNODC, 2013), o que implicava a implementação de medidas ativas de minimização do seu impacto na sociedade. Uma outra tarefa a realizar é o combate à corrupção (ft<sub>58</sub>), que afeta fortemente o país. Segundo um relatório produzido pela Organização Não Governamental Transparência Internacional, o Brasil tem uma nota de 3,7, numa escala que vai do 0 (muito corrupto) ao 10 (limpo).

Na peroração (SE<sub>2</sub>) faz-se um resumo dos programas expostos nos segmentos anteriores, retomados pelo demonstrativo “esses” (ft<sub>57</sub>), e assume-se o compromisso

de continuar a trabalhar sobre eles. Vale salientar que o nome “Brasil” usado como sujeito da forma verbal no Futuro “terá”, deve ser entendido como o governo, em virtude do uso do conector “também” e da repetição do nome “força” nas duas frases. Posto isto, os nomes “força”, “coragem” e “talento” atribuídos ao talento, devem ser associados ao governo. Ao comprometer-se com ações futuras, o Locutor/governo passa a imagem de *agente em potência*.

Nos parágrafos 26 e 27 sintetiza-se o impacto das ações (daí o uso da expressão conclusiva “tudo isso” e da perífrase de futuro “vai continuar” [ft<sub>59</sub>] e “vamos continuar” [ft<sub>60</sub> e ft<sub>61</sub>]), resultados que correspondem a profecias (*ethos profetizador*).

O encerramento é constituído pelos votos de Bom Natal e Próspero Ano Novo do Locutor, enquanto indivíduo singular (“desejo”).

#### 6.2.11.2. Análise quantitativa

Na Mensagem de Final de Ano Br2011 alguns vocábulos destacaram-se mais do que outros, tendo portanto maior impacto na construção dos *ethè*.

O nome “brasileiro” surge inúmeras vezes, precisamente 14, em todas as pessoas e números gramaticais, assumindo a função de sujeito ou de complemento. Já “Brasil” (9 ocorrências) é usado em algumas circunstâncias como referente ao território nacional ou, em menor escala, ao governo (sinédoque todo-parte). No primeiro caso, o nome inclui todos os cidadãos, sem exceção do Locutor, o que promove assim o sentimento de pertença e de proximidade no auditório.

O vocábulo “continuar” também regista um grande número de ocorrências (11), sendo significativo para a construção dos *ethè agente, agente em potência* e até *competente*. Efetivamente, este verbo indica que a ação teve início antes do momento da enunciação (demonstra eficiência), que perdura (demonstra ação em curso) e, quando associada à perífrase de futuro, que se vai prolongar no tempo (demonstra intenção de agir). A localização temporal das ações não só sucede por via da escolha do tempo verbal, como pelo recurso a expressões que integram o nome “ano(s)”, como por exemplo “nesta virada de ano”, “no ano em que quase todos os países”, “no próximo ano”, entre outros.

Os quantificadores “milhões” e “mil” surgem em grande número (9 e 7 ocorrências, respetivamente), porque o texto é marcado pela descrição dos resultados de ações passadas e futuras e a indicação de dados quantitativos evidencia a competência ou a intenção de agir por parte do Locutor/governo. Sendo assim, e à semelhança do nome “programa” (5 ocorrências), são fundamentais para a construção dos *ethè competente* e *agente em potência*.

O número de ocorrências dos vocábulos “casa” (7) e “emprego” (7) mostra dois dos tópicos abordados durante o texto e atesta a sua importância em relação a outros esporadicamente referidos, como sejam os casos dos impostos (2 ocorrências), da saúde (1 ocorrência) ou da educação (1 ocorrência). Estas questões, moradia e emprego, possivelmente correspondem às grandes preocupações dos brasileiros, daí a insistência em expor o impacto de alguns programas e as ações a desenvolver futuramente. Uma vez mais, estas palavras integram segmentos onde despontam os *ethè competente*, *agente* e *agente em potência*.

Relativamente à análise efetuada sobre as formas verbais indicadoras de pessoa verificou-se o predomínio do *nós institucional*, que atinge valores muito acima dos restantes sujeitos, como se pode ver pelo Gráfico 30.

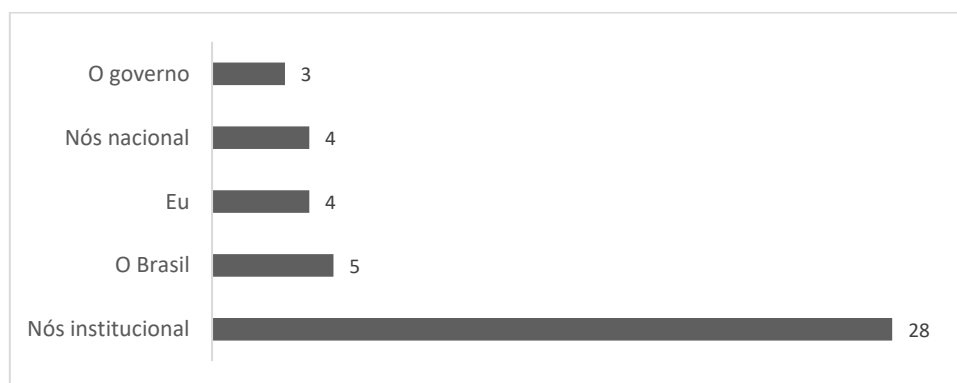


Gráfico 30 - Distribuição sujeito/formas verbais

Este facto é compatível com os temas abordados e com os *ethè* construídos, dado que o texto se centra na performance do governo e nas suas intenções governativas. De facto, as imagens de si mais frequentes foram as de *agente*, *agente em potência* e *competente*, todas subordinadas ao executivo.

No entanto, não é apenas através das formas verbais que se conseguem perceber as vozes do texto, pelo que se analisaram os pronomes pessoais e os determinantes possessivos.

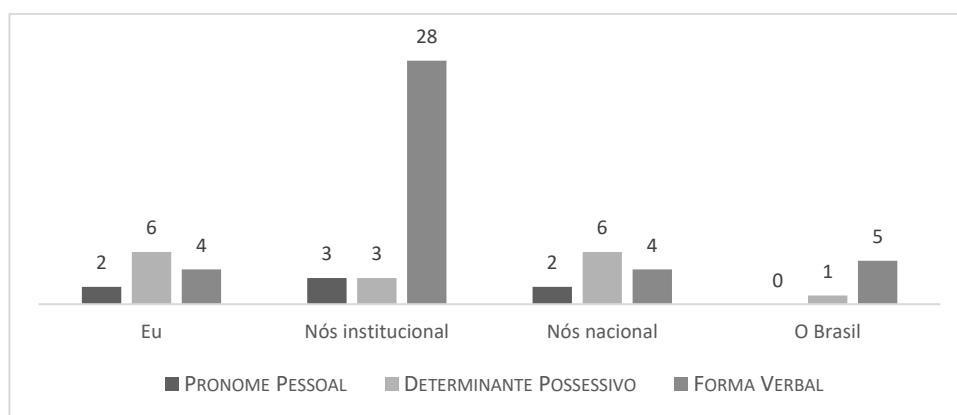


Gráfico 31 - Índices de pessoas

No gráfico anterior é possível reparar que os demonstrativos possessivos são mais utilizados no “Eu” e no *nós nacional*, ainda que no primeiro caso sejam constituintes das apóstrofes (“minhas amigas e meus amigos”). Quanto ao *nós nacional* verificou-se que os possessivos ocorrem em maior número do que os verbos, o que sugere que o Locutor procura durante o texto transmitir a ideia de união, mesmo quando o sujeito das ações não é os cidadãos. Registou-se também a ocorrência de dois pronomes pessoais de sujeito (“nós”), o que não é muito comum nas Mensagens de Final de Ano estudadas.

Os três determinantes possessivos usados pelo *nós institucional* revelam a função exercida e o empenho na execução da mesma, uma vez que servem para determinar alguns nomes (“nosso governo”, “nossas políticas”, “estamos fazendo a nossa parte”). Em virtude destes elementos, considerou-se que são importantes para a construção dos *ethè de agente em potência* e *agente*.

Relativamente aos tempos verbais observou-se que o sujeito “eu” mobiliza exclusivamente formas no PRES, mostrando a sua conjugação com o momento da enunciação. Caso similar é o do Brasil, mas neste caso divide-se entre uma forma de Presente do Indicativo (“acelera”), uma do Presente do Conjuntivo (“seja”), mostrando

a eventualidade da ação, e a perífrase “vem fazendo” que indica o desenvolvimento gradual.

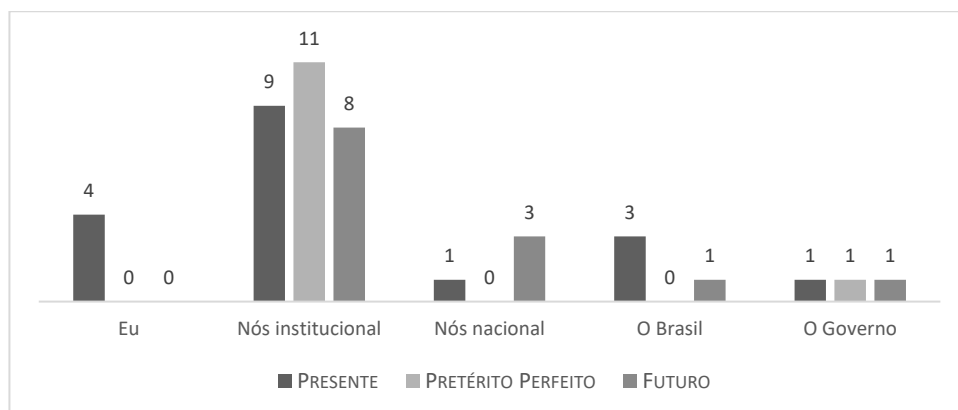


Gráfico 32 - Tempos verbais

Interessantes são os dados dos sujeitos *nós nacional* e *nós institucional*, conforme explicita o Gráfico 32. Em relação ao primeiro, é curioso observar que há uma prevalência de formas no FUT, o que marca o *ethos profetizador*. Efetivamente, nestas circunstâncias o Locutor implica-se e partilha as ações com o auditório, tecendo augúrios sobre o futuro do Brasil.

Relativamente ao *nós institucional* registou-se um certo equilíbrio dos três tempos verbais principais, o que corrobora a afirmação anterior sobre a frequência das imagens de *agente*, *competente* e *agente em potência*. Nota-se, no entanto, uma ligeira preferência pelo PPFS, revelando que o texto é mais marcado pela exposição de medidas implementadas.

#### 6.2.11.2. Síntese da análise

A análise textual revelou a existência de alguns *ethè* ao longo da Mensagem Br2011. Para uma consulta da materialidade que lhes deu origem, sugere-se a consulta dos próximos quadros.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>81</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>estou, sinto, tenho</i> ); Vocabulário expressivo ( <i>sentir, compartilhar, feliz, satisfeita, sentimento</i> ); Esquema argumentativo analogia.	SE <sub>1</sub>	<b>Empático:</b> compreende emocional ou intelectualmente os outros.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>tenho</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> e <i>nós nacional</i> ) Perífrase com valor de futuro ( <i>vamos avançar, vamos continuar</i> ); Perífrase de possibilidade ( <i>podemos avançar</i> ); Expressão temporal ( <i>no próximo ano</i> ); Expressões epistêmicas ( <i>tenho cada vez mais convicção</i> e <i>temos a certeza</i> )	SE <sub>1</sub> STT <sub>1</sub> STT <sub>3</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Profetizador:</b> prevê ou antecipa o futuro.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>queremos</i> ); Oração completiva pedida pelo verbo <i>querer</i> ; Verbo volitivo <i>querer</i> ; verbos <i>enfrentar</i> e <i>melhorar</i> .	SOT <sub>1</sub>	<b>Humano:</b> demonstra bondade e compaixão perante a situação vivida por outros.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Perífrase com valor de futuro ( <i>vamos enfrentar</i> ); Complemento direto ( <i>todos os desafios</i> ); Oração final ( <i>para que uma possível...</i> ).	SE <sub>1</sub> SOT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub>	<b>Líder:</b> chefia o governo e orienta os seus membros e os cidadãos no cumprimento das suas instruções.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ) Verbos no Presente do Indicativo ( <i>estamos</i> ); Perífrase com valor <i>em curso</i> ( <i>estamos conseguindo proteger, estamos transformando, estamos implantando</i> ); Perífrase de continuidade ( <i>vai continuar melhorando</i> ); Modificador ( <i>com planejamento e políticas acertadas</i> ); Complemento direto <i>a nossa economia, os nossos setores produtivos...</i> pedido pelo verbo <i>proteger</i> ; Especificador ( <i>ou seja</i> ); Adjetivo apreciativo <i>acertadas</i> ; Verbos de ação ( <i>proteger, transformar, implantar...</i> ).	STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub> STT <sub>4</sub>	<b>Agente:</b> implementa medidas.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbo no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>criámos</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o governo</i> ); Perífrase que expressa passado recente ( <i>acaba de reduzir</i> ); Complementos diretos ( <i>o PIS-Cofins sobre massas...</i> , <i>o IPI sobre geladeiras...</i> , <i>mais de 2 milhões de novos postos de trabalho...</i> ); Oração causal ( <i>porque renovamos a redução do IPI sobre materiais de construção</i> ); Oração final ( <i>para baratear o custo desses produtos</i> ); Conectores consecutivo ( <i>por isso</i> ), conclusivo ( <i>pois</i> ), aditivo ( <i>e</i> ,	STT <sub>1</sub> STT <sub>3</sub> STT <sub>4</sub> STT <sub>5</sub>	<b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.

<sup>81</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Br2011 pode ser consultada no Apêndice 13.

<i>também, para além disso</i> ), exemplificativo ( <i>por exemplo</i> ); Expressões e advérbios temporais ( <i>somente este ano, já, em 2011</i> ); Verbos de ação ( <i>reduzir, renovar, cumprir...</i> ); Esquema argumentativo exemplo.		
1.ª Pessoa do plural ( <i>nós institucional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>daremos</i> ); Perífrase com valor de futuro ( <i>vamos preencher</i> ); 3.ª Pessoa do singular ( <i>o Brasil, o crédito...</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>será, terá</i> ); Complementos diretos ( <i>um forte apoio, todos os desafios...</i> ); Verbos de ação ( <i>consolidar, ampliar, fazer</i> ); Vocabulário expressivo ( <i>luta incessante, força, coragem e talento</i> ); Oração final ( <i>para que uma possível...</i> ).	SOT <sub>1</sub> STT <sub>1</sub> STT <sub>3</sub> STT <sub>4</sub> STT <sub>5</sub> STT <sub>6</sub> STT <sub>7</sub> STT <sub>8</sub> SE <sub>2</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas.

Quadro 28 - *Ethè* e características textuais e organizacionais na Br2011

Vocábulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Continuar	11	Agente, agente em potência, competente, profetizador
Milhões	9	Competente, agente em potência
Mil	7	Competente, agente em potência
Programa	5	Competente, agente em potência
Casa	8	Competente, agente em potência, agente, profetizador
Emprego	7	Competente, agente em potência, profetizador

Quadro 29 - Relação frequência vocabular/*ethè* na Br2011

## 6.2.12. Br2012

### 6.2.12.1. Análise qualitativa

Em 2012, Dilma Rousseff inicia o seu pronunciamento de final de ano com a apóstrofe “Queridas brasileiras e queridos brasileiros”, promovendo a proximidade com o auditório e assumindo uma postura politicamente correta, visto que não opta por um cumprimento genérico mas um específico a cada género.

De seguida, localiza-se a ação no tempo, revelando que a mensagem foi produzida e emitida antes da celebração do Natal (ft<sub>2</sub>), e apresenta-se uma breve apreciação sobre o ano de 2012, introduzida pelo conector argumentativo “mesmo com”. O carácter apreciativo do exórdio (SE<sub>1</sub>) é da responsabilidade do Locutor, pois

não há convocação de nenhuma voz externa ao texto, mas ao contrário do que seria expectável as formas verbais encontram-se na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural e não do singular, representando assim o povo brasileiro (*nós nacional*) e não apenas o indivíduo.

2§ [ft<sub>2</sub>] Estamos chegando ao Natal e, em breve, um novo ano se iniciará.

3§ [ft<sub>3</sub>] Mesmo com o mundo cheio de incertezas, tivemos um ano bom e plantamos as bases para que o próximo seja ainda melhor.

4§ [ft<sub>4</sub>] Trabalhamos todos com afinco e dedicação para deter os efeitos da crise internacional sobre o nosso país.

A isotopia da construção/nascimento (“plantar as bases”) sugere que as suas previsões (“o próximo seja ainda melhor”) se apoiam nas ações realizadas em 2012, muitas das quais serão descritas no decurso da MFA. O modificador “com afinco e dedicação” caracteriza o trabalho do governo e da população brasileira para travar os efeitos da crise. Ora, com estas duas informações, o Locutor começa a construir o *ethos competente*.

A referência ao ano de 2012, em especial o nome “retrospectiva”, marca o início do primeiro segmento de orientação temática, subordinado à performance do governo. A escolha lexical, nomeadamente os verbos “olhar” e “ver”, indicam que se vai proceder a uma avaliação, o que faz despontar a imagem de *analista*.

Do ponto de vista do Locutor, o ano foi positivo (a combinação do verbo “aprofundar” e do adjetivo “grandes” hiperboliza as conquistas do governo) e as provas que apresenta em seguida (a expressão “falar por si” dá início a esse processo) vão mostrá-lo. Estas organizam-se de forma descendente, do “mais espetacular” para o menos, como o próprio verbaliza (ft<sub>7</sub>).

6§ [ft<sub>7</sub>] **Comecemos pelo mais espetacular.** [ft<sub>8</sub>] O Brasil sem Miséria retirou 16,4 milhões brasileiros da pobreza extrema. [ft<sub>9</sub>] Isso foi possível porque criamos a ação Brasil Carinhoso, uma nova forma de proteger crianças e jovens.

O primeiro tópico (STT<sub>1</sub>) destina-se à exposição de medidas relacionadas com apoios sociais, nomeadamente os programas “Brasil Sem Miséria” e “Brasil Carinhoso”. O resultado expressivo da ft<sub>8</sub> (16,4 milhões de brasileiros) é produto da ação do governo, conforme indica a conjunção causal “porque”. Ora, como o sujeito da forma

verbal “criámos” é o governo (*nós institucional*), considera-se que este passa uma imagem de *competência*.

Contudo, a relação de causalidade aqui presente não parece coadunar-se com os dados reais: segundo Paiva *et al.* (2013), o objetivo do Brasil sem Miséria era localizar as famílias necessitadas e integrá-las no Bolsa Família, ao passo que o objetivo do Brasil Carinhoso era o alargamento do acesso à creche e a medicamentos por crianças, cujas famílias integrassem o Programa Bolsa Família<sup>82</sup>. Este garantia um subsídio mensal (“R\$ 70”, ft<sub>10</sub>) para auxiliar as famílias muito pobres.

Para falar das ações realizadas a propósito deste programa é mobilizada a perífrase “estamos complementando”, que indica a progressão da ação. Uma vez que se refere a medidas em curso, considera-se que é aqui construído um *ethos agente*.

Nos parágrafos seguintes fala-se do emprego e, devido ao conector aditivo “também”, sabe-se que faz parte do mesmo SOT. O grupo adverbial “somente até outubro deste ano” e o adjetivo “grande” a qualificar “conquista” atestam a capacidade do governo, porque indicam que num curto período de tempo se atingiram números excecionais. De modo a dissipar as dúvidas relativamente à autoria dos resultados, o Locutor utiliza o modificador “em meu governo”. Por tudo isto, considera-se que ele passa uma imagem de *competente*.

A apóstrofe “Minhas amigas e meus amigos” marca a mudança para um novo SOT, desta vez centrado no desenvolvimento da competitividade. A retoma de uma conversa pertencente ao intertexto do auditório (no dia 7 de setembro celebra-se a independência do Brasil, sendo comum uma intervenção do PR) mostra que a questão da competitividade vinha preocupando o governo há algum tempo. Mas mais do que revelar a preocupação, esta oração é muito importante para mostrar o caráter atuante do executivo. Na ft<sub>25</sub> o modificador temporal “nestes últimos meses”, o verbo “apresentei” e o complemento “vários programas” indicam que, em pouco mais de 4 meses, o governo colocou em prática medidas para estimular a economia.

---

<sup>82</sup> Estes programas tinham como foco a eliminação da desigualdade social, ainda muito visível no país apesar do crescimento económico assinalado. De acordo com um relatório da ONU, em 2012 o Brasil era o quarto país mais desigual da América Latina (GazetaOnline, 2012).

Voltando à ft<sub>24</sub>, o uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular das formas verbais “conversei”, “disse”, “apresentei” revela o papel do Locutor no governo. Dado que só o chefe de Estado e de Governo pode apresentar medidas ao Brasil, considera-se que nestas frases é construído um *ethos líder*.

13§ [ft<sub>24</sub>] Quando **conversei** com vocês na celebração do 7 de Setembro, disse que nosso modelo de desenvolvimento precisava ser reforçado em um de seus eixos: a competitividade de nossa economia.

14§ [ft<sub>25</sub>] Nesses últimos meses, **apresentei ao Brasil** vários programas para enfrentar os gargalos do crescimento e da competitividade de nossas indústrias.

Um dos programas apresentados surge na ft<sub>26</sub> e é descrito com mais detalhe nas frases seguintes. Nestas, o sujeito deixa de ser o indivíduo para ser novamente o “governo federal” (ft<sub>27</sub>), a quem correspondem as formas de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural do Pretérito Perfeito, utilizadas a partir desse momento (“fizemos”, “lançamos”). As várias medidas implementadas estão encadeadas pelo conector aditivo “também” e pela repetição do verbo “lançar”, indicando assim a pertença destas frases ao mesmo segmento, como se pode ver pelo próximo excerto:

15§ [ft<sub>27</sub>] O governo federal reduziu encargos que incidiam sobre a conta de luz, fizemos **também** acordos com a maioria das concessionárias. [...]

17§ [ft<sub>32</sub>] **Lançamos também** ousados programas de investimento em nossa infraestrutura. [...]

19§ [ft<sub>35</sub>] Estamos modernizando nossos grandes aeroportos, e **lançamos também** um programa para construir e expandir aeroportos regionais e oferecer aos brasileiros uma rede de aeroportos compatível com a dimensão de nosso país.

Durante estes segmentos sobre a performance governativa, é frequente encontrar verbos no Pretérito Perfeito do Indicativo (“fizemos”, “lançamos”, “anunciamos”...) e perífrases de continuidade (“estamos modernizando”, “estão avançando”), revelando, no primeiro caso, que as ações estão completamente concluídas (*ethos competente*) e, no segundo, que o desenvolvimento iniciado no passado continua a ser observável no presente (*ethos agente*). Para além disso, também são usadas muitas expressões temporais que especificam os períodos em que determinadas ações ocorreram, designadamente:

[ft<sub>25</sub>] **Nesses últimos meses**, apresentei ao Brasil vários programas...

[ft<sub>37</sub>] Até setembro de 2012, investimos 386 bilhões, dos quase 1 trilhão que investiremos até 2014.

Ao longo desta exposição das ações executadas pelo governo, vão também surgindo algumas promessas, por meio de formas verbais no Futuro Imperfeito do Indicativo (“investiremos”) ou de perífrases com valor de futuro (“vamos construir”).

15§ [ft<sub>27</sub>] O governo federal reduziu encargos que incidiam sobre a conta de luz, fizemos também acordos com a maioria das concessionárias. [ft<sub>28</sub>] Elas irão praticar tarifas mais baixas em troca da renovação de seus contratos.

Tal como na MFA Br2011, também aqui se enunciam as projeções das ações do governo, através de formas verbais no Futuro Imperfeito (“irão praticar”) ou da perífrase com valor de futuro (“vão beneficiar”). O uso deste tempo verbal tem como objetivo enfatizar a competência do governo. Por exemplo, no trecho anterior, a diminuição da tarifa da luz só é possível devido aos acordos estabelecidos entre as concessionárias e o governo.

Porém, existem ocasiões em que a perífrase de futuro ilustra a atuação do governo, como é o caso da ft<sub>33</sub>. Nesta frase, não só o sujeito é o *nós institucional*, como os verbos são considerados de ação (“construir”, “ampliar” e “duplicar”).

[ft<sub>33</sub>] Vamos construir 10 mil quilômetros de malha ferroviária no país e também ampliar e duplicar 7,5 mil quilômetros de rodovias.

Quando o Locutor assume um posicionamento coletivo e usa o Futuro ou a perífrase, ele passa uma imagem de *agente em potência*, dado que revela intenção de realizar certas ações, ou uma imagem de *profetizador*, porque antevê os resultados das suas ações. Esta última imagem funciona, não raras vezes, como auxiliar do *ethos competente*, visto que demonstra o impacto de dada medida a longo prazo. Por exemplo, na ft<sub>34</sub>, a forma verbal da oração subordinante encontra-se no PPFS, ao passo que a da oração subordinada relativa está no FUT, servindo para demonstrar o resultado da ação principal e, conseqüentemente, a competência do governo.

O parágrafo 21, que corresponde ao SE<sub>2</sub>, pode ser entendido como um apelo à colaboração da instância cidadã. As expressões “queremos a parceria com” e “contamos com o apoio” indicam o desejo do governo e, como consequência, induzem no auditório um sentimento de dever, ou seja, de obrigação de cumprir as

expectativas. A focalização cognitiva do verbo “sabemos”, introduzindo a causalidade entre a melhoria da competitividade e a participação de todos os brasileiros, e a analogia que associa a dimensão do Brasil à quantidade dos desafios que enfrenta servem o propósito de aumentar, ainda mais, o sentimento. A relação de causa acima referida apoia-se no argumento hipótese para uma evidência (“só será possível... se” ou “só se enfrentará...investindo”).

[ft<sub>40</sub>] ... **só será possível** a mudança no patamar de competitividade de nosso país **se** todos estivermos no mesmo rumo.

[ft<sub>41</sub>] ... **só se enfrentará** o desafio de superar a pobreza e aumentar o poder competitivo do Brasil **investindo** em educação, que gera oportunidades para os cidadãos e melhora a qualificação da força de trabalho.

Assim sendo, no SE<sub>2</sub> desponta a imagem de *guia*, porque se procura conduzir o auditório, fazendo-o comportar-se de determinada maneira.

A referência à educação na ft<sub>41</sub> é o mote para um segmento destinado aos investimentos realizados na educação, que expõem, uma vez mais, a imagem *competente* do Locutor/governo. Neste STT<sub>6</sub> são mencionadas medidas específicas e os seus resultados, predominando o PPFS (“oferecemos”, “beneficiou”), mas também há espaço para um novo apelo ao auditório. O objetivo deste chamamento é reunir os agentes educativos, os políticos e a população em geral em torno da alfabetização. Em 2012, o Brasil registava 13,2 milhões de analfabetos (com 15 ou mais anos de idade), o que justificava a implementação de medidas de aumento do acesso à educação e de melhoria da oferta educativa (Globo, 2013). Por causa do impacto que a formação dos cidadãos tem na economia nacional, como refere na ft<sub>48</sub>, o Locutor classificou a tarefa de “inadiável”.

24§ [ft<sub>46</sub>] Quero aproveitar para **convocar as famílias, professores, diretores de escolas, prefeitos e governadores** para a tarefa inadiável de garantirmos a todas as crianças brasileiras o direito à alfabetização até os oito anos de idade.

25§ [ft<sub>47</sub>] Essa ação, em conjunto com a educação em tempo integral, nos permitirá mudar, de fato, a qualidade da educação no Brasil. [ft<sub>48</sub>] Aliás, nenhuma nação se tornou próspera e desenvolvida sem alfabetizar na idade certa suas crianças e sem oferecer o ensino em dois turnos.

Mas neste segmento há também uma promessa, a partir da qual desponta a imagem de *agente em potência*. Linguisticamente tal ocorre em virtude da expressão temporal “até 2014”, do Futuro Imperfeito do Indicativo “serão” e do conteúdo do complemento direto.

Finalizado o segmento sobre a educação, passa-se para a exposição das obras realizadas a propósito dos grandes eventos desportivos que o Brasil vai acolher nos anos subsequentes ao pronunciamento. Neste SOT<sub>3</sub> constroem-se diversos *ethè*, a saber: o *ethos líder* devido ao uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do Pretérito Perfeito Simples do verbo “inaugurar”; o *ethos agente em potência*, com a perífrase de futuro (“vamos entregar”) e com a expressão de tempo “no começo de 2013”; o *ethos profetizador*, com o Futuro Imperfeito do Indicativo (“será” [ft<sub>57</sub>], “somará” [ft<sub>61</sub>]) e a expressão epistêmica “tenho a certeza” na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do Presente do Indicativo.

A mensagem termina com a peroração, que, neste caso, tem como objetivo motivar o auditório e assumir um compromisso. No trigésimo quinto parágrafo, o grupo verbal “fazer um chamamento” e as orações subordinadas finais (“para que mantenham a confiança”, “para que acreditem e invistam no nosso país”) servem para incentivar os brasileiros, passando por conseguinte a imagem de *guia*. Por seu turno, a caracterização do governo apresentada no parágrafo 36, tem o propósito de mostrar uma imagem de *seriedade*, materializada pelos verbos “confiar” e “respeitar” e pelo adjetivo “empenhado em”.

O parágrafo 39 marca uma promessa relativamente à ação que o governo assumirá no ano seguinte, como indica o verbo no Futuro Imperfeito (“será”) e também os diversos infinitivos (“ampliar”, “acelerar”, “melhorar”, “continuar defendendo”), o que corresponde a uma imagem de *agente em potência*.

Antes do encerramento, o Locutor demonstra o seu otimismo relativamente ao futuro do país. É o conhecimento (veja-se a expressão “ter consciência” e o verbo “seir”) das dificuldades que o país enfrenta e da forma como os brasileiros e o governo as ultrapassaram que lhe permite mostrar-se “otimista”. O compromisso do governo para o ano de 2013 está sintetizado na seguinte frase:

[ft<sub>73</sub>] Nossa receita para um Brasil mais forte é investir na superação da pobreza, na garantia da casa própria, na expansão do emprego, no aumento das oportunidades de educação, no aprimoramento de nossa infraestrutura e na competitividade de nossas empresas.

Por tudo isto, o Locutor prevê que 2013 “será um ano ainda melhor para todos os brasileiros e brasileiras” (*ethos profetizador*) e expressa o desejo de que o caminho do Brasil seja abençoado (“que [as luzes do Natal] iluminem ainda mais o nosso caminho”). Esta última afirmação é altamente espiritual e tem como intuito promover uma aproximação com o destinatário do texto. O Brasil é um país com grande diversidade religiosa e com muitos crentes, provenientes de diferentes credos. Algumas das religiões têm os seus fundamentos nos antigos cultos indígenas, outras foram trazidas pelos descobridores e pela imigração. Segundo dados do IBGE, apenas 8% da população se considera atea (Censos 2010), logo é natural que os políticos procurem mostrar a sua espiritualidade por meio do texto porque reconhecem a sua importância para o auditório. Este é um caso claro do *ethos simbiótico*, ou seja, da influência que o auditório exerce sobre a construção do *ethos*.

À semelhança das mensagens analisadas anteriormente, o texto termina com os votos de Feliz Natal e Bom Ano Novo (ft<sub>77</sub> e ft<sub>78</sub>).

#### 6.2.12.2. Análise quantitativa

Alguns dos vocábulos que têm maior expressão na MFA Br2012 e maior peso na construção dos *ethè* encontram-se referidos em seguida.

O primeiro termo a assinalar, “brasileiro/a/os/as”, com 16 ocorrências, ora se refere ao destinatário da mensagem (especialmente nas apóstrofes), ora funciona como adjetivo relacional (“portos brasileiros”, “indústrias brasileiras”, “crianças brasileiras”, entre outros). Neste caso, pretende-se passar uma ideia de unidade, também estimulada pelo uso do *nós nacional* nas formas verbais e nos determinantes/pronomes.

Já o nome “Brasil” (14 ocorrências) é usado, neste texto em particular, somente para falar no país enquanto território ou população, permitindo assim localizar

algumas ações (“expansão do emprego no Brasil”) ou especificar o destinatário de outras (“construindo um futuro melhor para o Brasil”).

A palavra “programa” surge em sete circunstâncias para falar de medidas implementadas pelo governo (ex.: “programa Minha Casa, Minha Vida”, “obras do Programa de Aceleração”, “Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego”). Por este motivo, trata-se de um vocábulo associado ao *ethos competente*.

As temáticas do “emprego” (6 ocorrências), da “educação” (4 ocorrências) e do “ensino” (4 ocorrências) são abordadas ao longo do texto, pelo que não é de estranhar a frequência com que estes vocábulos ocorrem. Também os vocábulos “famílias” (5 ocorrências) e “crianças” (4 ocorrências) têm alguma expressão na Br2012 e ocorrem em algumas situações associadas aos verbos “proteger” ou “beneficiar”. Estas palavras são mobilizadas na construção dos *ethè competente* e *agente em potência*. A referência em particular às famílias e às crianças pode ser considerada uma estratégia para manipular as emoções do auditório, tornando-o mais vulnerável à informação que está a ser veiculada.

Sobre o vocábulo “milhões” (6 ocorrências) pode-se dizer que tem o propósito de quantificar os resultados das medidas implementadas, portanto é importante para o *ethos competente*.

Resta fazer uma referência ao nome “governo” (4 ocorrências), indicando o agente da ação e justificando o uso da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural de algumas formas verbais. Este *nós institucional* resulta, portanto, da junção do indivíduo com o executivo que lidera.

A contabilização de alguns aspetos linguísticos, nomeadamente os índices de pessoas das formas verbais permitiu verificar que existe uma grande discrepância entre a utilização do *nós institucional* e das outras pessoas. Com este dado quantitativo, pode-se concluir que se trata de um texto focado no executivo e nas suas ações, o que indica que as imagens construídas são, maioritariamente, de função.

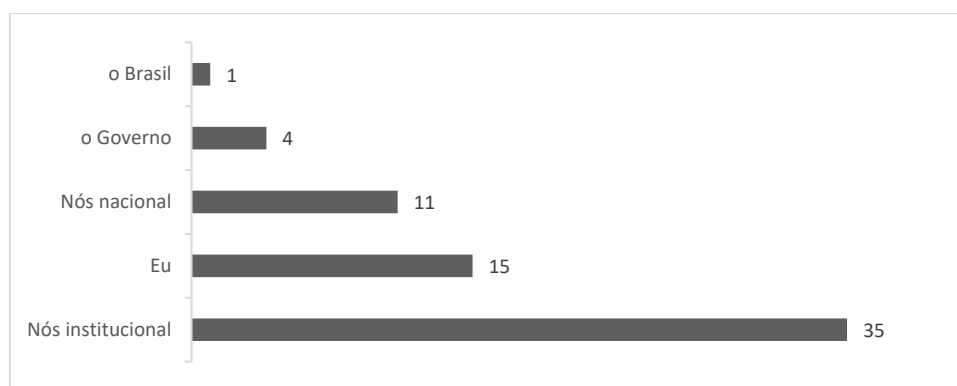


Gráfico 33 - Distribuição dos sujeitos

O número de formas verbais na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular (“eu”) é também um resultado curioso, uma vez que na grande maioria dos textos formais se procura apagar o sujeito individual. Contudo, neste caso particular verificou-se que estas formas são sobretudo usadas durante a construção da *imagem de líder*, que está naturalmente dependente desta pessoalização do Locutor.

Destaque ainda para as quatro formas verbais na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, com o sujeito expresso “o governo”, que acabam por indicar a quem se refere o *nós institucional*.

Como os índices de pessoas incluem outras categorias gramaticais, nomeadamente os pronomes pessoais e os determinantes possessivos, considerou-se fulcral quantificar a presença destes elementos no texto. No que se refere a estas categorias, verificou-se que os verbos são a forma mais recorrente de revelar a responsabilidade do enunciado, à exceção do *nós nacional* no qual o uso de determinantes possessivos é mais frequente. Assim, ao usar o determinante ou o pronome pessoal, o Locutor acaba por incluir o auditório no texto, tornando-o interveniente.

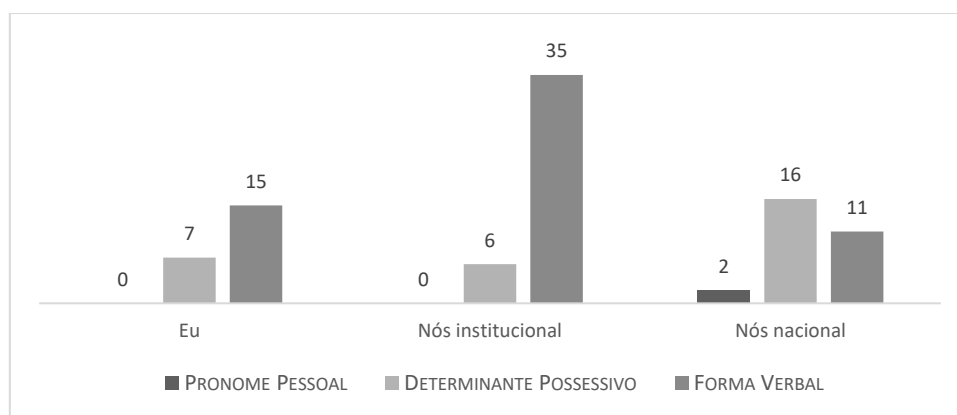


Gráfico 34 - Classes gramaticais marcadoras de pessoa<sup>83</sup>

A análise temporal às formas verbais revelou um equilíbrio entre o PRES e o PPFS em todas as pessoas, embora no caso do “eu” e do *nós institucional* o tempo do passado seja ligeiramente superior. No que concerne às formas relativas ao *nós institucional* + governo, verifica-se que o uso do PPFS e também o do PRES, particularmente da perífrase de continuidade (com 5 ocorrências), se relaciona com a construção do *ethos competente*. Por seu turno, as ocorrências do FUT do *nós institucional* encontram-se todas nos períodos onde desponta o *ethos agente em potência*. No caso do *Eu*, observa-se também um predomínio do PPFS, que concorre para a construção do *ethos líder*.

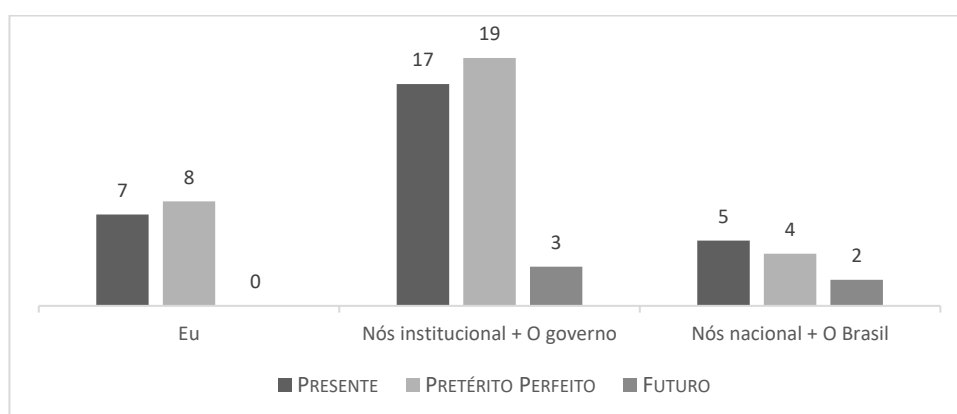


Gráfico 35 - Tempos verbais na Br2012

<sup>83</sup> No *nós institucional* incluíram-se os determinantes de 3.ª pessoa do singular (*seu/sua/seus/suas*) relativos ao “governo” e no *nós nacional* incluíram-se os relativos ao “Brasil”.

### 6.1.12.3. Síntese da análise

Em resumo, as marcas textuais presentes na Mensagem de Final de Ano brasileira datada de 2012 revelaram-se bastante produtivas em relação à construção de *ethè*, conforme sintetizam os quadros que se seguem.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>84</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
<p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o governo, o Brasil</i>),</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>retirou, reduziu</i>);</p> <p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>)</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>criámos</i>);</p> <p>Complemento direto (<i>1,7 milhão de novos postos de trabalho</i>);</p> <p>Oração causal (<i>Isso foi possível porque criámos a ação Brasil Carinhoso</i>);</p> <p>Verbos de ação (<i>retirar, reduzir, criar...</i>);</p> <p>Expressões temporais (<i>Até outubro deste ano, Nestes últimos meses, até setembro de 2012</i>).</p>	<p>SOT<sub>1</sub></p> <p>STT<sub>1</sub></p> <p>STT<sub>2</sub></p> <p>STT<sub>3</sub></p> <p>STT<sub>4</sub></p>	<p><b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>estamos</i>);</p> <p>Perífrase com valor <i>em curso</i> (<i>estamos complementando, estamos construindo...</i>);</p> <p>Verbos de ação (<i>complementar, construir, modernizar...</i>).</p>	<p>STT<sub>1</sub></p> <p>STT<sub>5</sub></p>	<p><b>Agente:</b> implementa medidas.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>)</p> <p>Verbos no Presente do Indicativo (<i>vemos</i>);</p> <p>Oração completiva (<i>vemos que continuamos crescendo...</i>);</p> <p>Verbos sensoriais (<i>olhar, ver</i>);</p> <p>Expressões (<i>em retrospectiva e falar por si</i>);</p> <p>Adjetivo apreciativo (<i>grandes</i>).</p>	<p>STT<sub>1</sub></p>	<p><b>Analista:</b> analisa uma situação, na qual, por norma, está envolvido.</p>
<p>1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i>);</p> <p>Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo (<i>conversei, disse, apresentei</i>);</p> <p>Complemento Indireto (<i>ao Brasil</i>);</p> <p>Complemento Direto (<i>vários programas</i>);</p> <p>Oração final (<i>para enfrentar os gargalos do crescimento...</i>).</p>	<p>SOT<sub>2</sub></p> <p>SOT<sub>3</sub></p> <p>STT<sub>5</sub></p>	<p><b>Líder:</b> chefia o governo e orienta os seus membros e os cidadãos no cumprimento das suas instruções.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p> <p>Perífrase com valor de futuro (<i>vamos construir</i>);</p> <p>3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>2013</i>);</p> <p>Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo (<i>será</i>);</p> <p>Verbos de ação (<i>construir, entregar...</i>);</p> <p>Expressão temporal (<i>Até 2014</i>).</p>	<p>STT<sub>5</sub></p> <p>SOT<sub>3</sub></p> <p>SE<sub>4</sub></p>	<p><b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas.</p>
<p>1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i>);</p>	<p>SE<sub>2</sub></p> <p>SE<sub>3</sub></p>	<p><b>Guia:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir</p>

<sup>84</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Br2012 pode ser consultada no Apêndice 14.

Verbos no Presente do Indicativo ( <i>queremos</i> ) 1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>quero</i> ) Perífrase de possibilidade ( <i>permitirá mudar</i> ) Verbo/perífrase volitiva ( <i>querer</i> ) Expressão <i>contar com</i> ; Nomes <i>parceira</i> e <i>chamamento</i> ; Verbo de ação <i>convocar</i> ; Adjetivo apreciativo <i>inadiável</i> ; Esquema argumentativo consequência.		
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>inaugurei, fiqueii</i> ) Adjetivo apreciativo ( <i>impressionada com</i> ).	STT <sub>7</sub>	<b>Orgulhoso:</b> satisfeito com o resultado de determinada ação.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso 2013); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>será</i> ); 1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>tenho a certeza</i> ); Expressão epistêmica ( <i>tenho a certeza</i> ).	STT <sub>3</sub> SOT <sub>3</sub> SE <sub>4</sub>	<b>Profetizador:</b> prevê ou antecipa o futuro.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso o <i>governo</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>confia, respeita</i> ); Verbos de ação ( <i>confiar e respeitar</i> ). Adjetivo compromissivo ( <i>empenhado</i> ).	SE <sub>3</sub>	<b>Sério:</b> age com honestidade, respeito e responsabilidade.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>tenho consciência, sei</i> ); Vocabulário cognitivo ( <i>ter consciência, saber</i> ).	SE <sub>4</sub>	<b>Conhecedor:</b> tem a visão clara dos acontecimentos, porque processou e refletiu sobre as informações que possui.

Quadro 30 - *Ethè* e características textuais e organizacionais na Br2012

Vocabulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Programa	7	Competente
Emprego	6	Competente, agente em potência
Educação	4	Competente, agente em potência
Ensino	4	Competente, agente em potência
Famílias	5	Competente, agente em potência
Milhões	6	Competente, tecnocrata
Governo	4	Líder
Certeza	2	Profetizador

Quadro 31 - Relação frequência vocabular/*ethè* na Br2012

### 6.2.13. Br2013

#### 6.2.13.1. Análise qualitativa

A intervenção política de Dilma Rousseff tem início, à semelhança do que sucede nas mensagens anteriores, com a apóstrofe “minhas amigas e meus amigos”, composta pelo pronome possessivo de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e pelo nome que, em função do seu conteúdo semântico, promove uma aproximação entre Locutor e interlocutor. Efetivamente, esta apóstrofe é mais comum em situações de comunicação informal, durante as quais os intervenientes assumem a mesma posição na estrutura social. Também a referência aos dois géneros gramaticais (“todas as brasileiras e todos os brasileiros”, “cada brasileiro e de cada brasileira”, etc.) e a colocação da versão feminina dos nomes em primeiro plano cumpre as normas de cortesia.

Do segundo ao quinto parágrafo, o Locutor apresenta o tema dominante da mensagem, a situação socioeconómica positiva do Brasil, atribuindo a responsabilidade do sucesso aos cidadãos brasileiros. A expressão “graças a” revela o reconhecimento do Locutor e induz no auditório um estado de espírito de orgulho e felicidade.

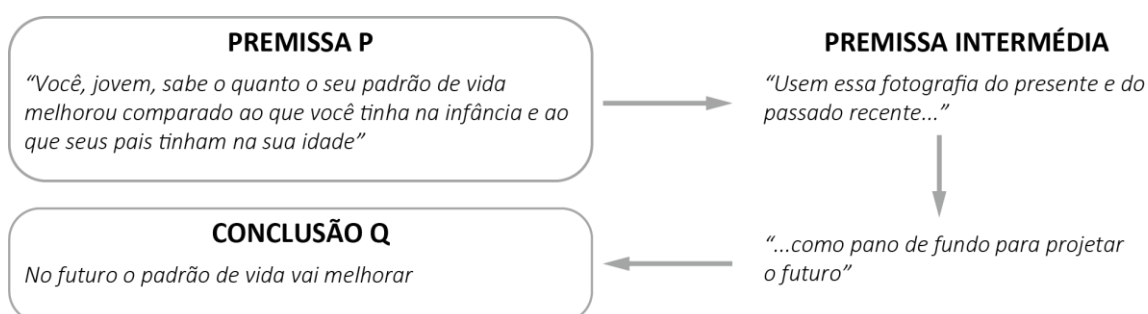
A ideia de que o Brasil tem superado os obstáculos impostos pela crise financeira e económica mundial vem sendo trabalhada nas últimas MFA, aproveitando-se sempre para estabelecer o contraste com a situação de outros países. A ft<sub>5</sub> é ilustrativa dessa diferença, sobretudo devido à forma verbal “não recuou” e à expressão coloquial “não se espatifou”, marcas que insinuam que outros países foram devastados pela crise. Para não cair em euforias (e talvez devido ao descontentamento que grassava no país), o Locutor opta por se mostrar comedido, seleccionando o gerúndio do verbo “melhorar” e a expressão “pouco a pouco”. Com isto, ele revela que o progresso foi paulatino, mas consistente (expressão “sempre de maneira firme e segura”) e que o melhor ainda está por vir.

De facto, o Brasil vinha registando um bom crescimento económico e os níveis de desemprego eram baixos, mas de acordo com os meios de comunicação social em 2013 começaram a verificar-se alguns problemas. Nesta fase, o descontentamento dos cidadãos, decorrente do aumento da inflação, era manifestamente elevado, como

mostraram os protestos de junho de 2013 liderados pelos estudantes brasileiros que reivindicavam a descida do preço dos transportes públicos. A publicação “Veja” lançou uma notícia, por esta data, com o título “O Brasil maravilha morreu afogado pela enorme onda de descontentamento”, ilustrando a dimensão da insatisfação popular.

No quarto parágrafo, o Locutor reconhece o esforço dos cidadãos brasileiros, em especial de cada indivíduo (“você”), para o sucesso do país. A expressão idiomática “pega duro no batente”, que advém do trabalho executado pelos camponeses antes da existência de utensílios agrícolas mecânicos, retrata o esforço diário dos brasileiros e é o motivo para a demonstração da sua qualidade de *líder*. A partir do verbo “cobrar”, do grupo preposicional “do meu governo” e do modificador “todos os minutos”, o Locutor prova o seu estatuto profissional e constrói uma imagem de seriedade e de firmeza. Curiosamente, nas linhas seguintes, adota uma postura mais emocional, apontando como objetivos prioritários da sua vida os sentimentos dos cidadãos (felicidade, tranquilidade, satisfação) e expressando as suas próprias emoções (“sinto alegria”). Na ft<sub>11</sub>, o Locutor começa a incitar a população a tomar determinadas atitudes no futuro. Na realidade, constituem conselhos, materializados pelo imperativo (“entrem”, “reflitam”, “projetem”, “usem”), que se sustentam numa previsão (“o seu padrão de vida vai ser melhor”, “a vida vai continuar melhorando”).

A adoção do ponto de vista do “jovem”, usado como vocativo, pretende aumentar a força do conselho, pois recorre-se ao conhecimento do interlocutor (verbo “saber”) para evidenciar que as profecias do Locutor são passíveis de serem concretizadas. A analogia entre passado e futuro é um poderoso recurso de manipulação dos outros.



Ao longo deste parágrafo, direciona-se o auditório, indicando qual o caminho a seguir, pelo que se constrói o *ethos guia*.

A partir do sexto parágrafo, introduzido por nova apóstrofe, o Locutor passa a integrar o coletivo do governo, do qual havia falado previamente e que volta a ser mencionado no parágrafo seguinte como sujeito da oração (ft<sub>23</sub>). Por este motivo, os verbos encontram-se na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (“continuamos”, “estamos”, “tivemos”...). A mudança da pessoa gramatical justifica-se pelo início do relato das ações desenvolvidas pelo governo relativas ao ano da enunciação (“neste ano de 2013”). No sétimo parágrafo, falam-se de duas áreas que vêm sendo trabalhadas ao longo dos últimos anos, a saber: o emprego e a luta contra a carestia. O uso da forma verbal “continuamos” indica que esta ação teve início antes do momento da enunciação e que se vai manter no futuro.

7§ [ft<sub>19</sub>] Neste ano de 2013 **continuamos** nossa luta vigorosa em defesa do emprego e da valorização do salário do trabalhador. [ft<sub>20</sub>] Uma luta plenamente vitoriosa, pois alcançamos o menor índice de desemprego da história. [ft<sub>21</sub>] Estamos com uma das menores taxas de desemprego do mundo, **continuamos** nossa luta constante contra a carestia. [ft<sub>22</sub>] Nela, tivemos alguns problemas localizados, mas chegamos a um ponto de equilíbrio que garante a tranquilidade do planejamento das famílias e das empresas.

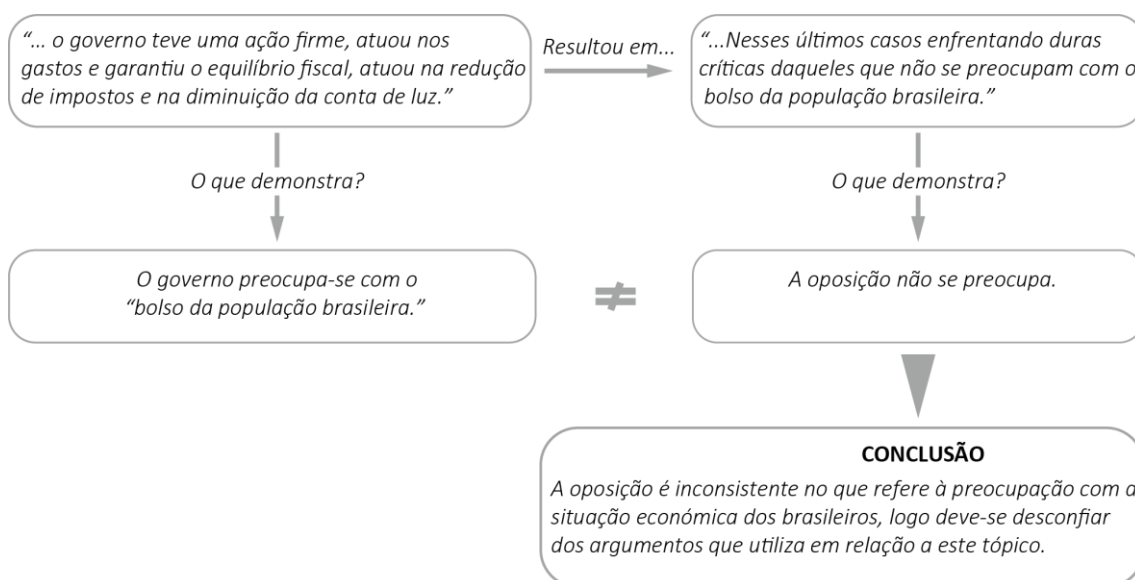
As ações predicadas pelo verbo “continuar” estão indexadas ao vocábulo “luta”, escolhido para expressar o ponto de vista do Locutor relativamente à dimensão do esforço do executivo. A este nome são apostos diversos adjetivos (“luta vigorosa” [ft<sub>19</sub>], “luta plenamente vitoriosa” [ft<sub>20</sub>], “luta constante” [ft<sub>21</sub>], “luta incansável” [ft<sub>26</sub>] e “difícil luta” [ft<sub>29</sub>]), revelando a dedicação do governo a estas causas sociais. A partir destes elementos linguísticos, desponta o *ethos agente*.

Neste primeiro subtema, para além de se falar das medidas implementadas pelo governo, também se enumera os resultados das mesmas, que são vistos segundo a perspetiva do Locutor (advérbio e o adjetivo axiológico “plenamente vigorosa”). Embora o segmento seja dominado pelos aspetos positivos, também se referem algumas falhas, como no caso da luta contra a carestia. A expressão “problemas localizados” tenta minimizar a extensão e o impacto daqueles e o grupo “chegamos a um ponto de equilíbrio” mostra o controlo do executivo sobre a situação. Em virtude destas marcas linguísticas, considera-se que desponta a imagem de *analista*.

Se antes se havia caracterizado indiretamente o governo, através dos adjetivos “firme e segura”, agora faz-se de forma direta: “o governo teve uma ação firme”. Além

desta imagem, também é construído o *ethos competente*, uma vez que se apontam algumas das ações desenvolvidas (verbos de ação “atuou” e “garantiu”).

A relação interfrásica, assegurada pelos pronomes anafóricos “nela” [ft<sub>22</sub>], “nisso” [ft<sub>23</sub>] e ainda “nesses últimos casos” [ft<sub>24</sub>], recuperando as últimas palavras da frase anterior, justifica a classificação destes parágrafos como um único segmento, assim como o esquema argumentativo (falacioso) *ad hominem circunstancial* das ft<sub>23</sub> e ft<sub>24</sub>, que se estrutura da seguinte forma:



A conclusão Q implícita deste argumento visa contestar e criticar a atitude dos adversários políticos (os quais teceram “duras críticas”), ainda que não se apontem diretamente as razões para tal. Com efeito, muitos economistas criticaram a decisão do governo de Dilma Rousseff de centrar o crescimento no incentivo ao consumo e muitos acusaram-no de implementar medidas fiscais pouco transparentes.

Para contestar estas críticas, o Locutor assume uma postura de censura, por meio da metáfora “não se preocupam com o bolso da população brasileira”, ou seja, com o seu poder económico. Porém, os dados da inflação disponibilizados pelo IBGE (o Brasil atingiu 6,59%, em 2013) revelam que a estratégia adotada pelo governo não estava a surtir os efeitos desejados. Este facto acarreta consequências para a população, nomeadamente o aumento dos preços de produtos que se repercute na diminuição do poder de compra. Ora, a crítica do Locutor patente no esquema acima representado demonstra que ele está confiante nas políticas desenhadas e que

considera que não se poderia seguir outro caminho. Particularmente pela crítica efetuada, entende-se que nas ft<sub>23</sub> e ft<sub>24</sub> se passa uma imagem de *comentarista crítico*.

Se no esquema anterior se aponta o dedo aos oponentes, no nono parágrafo subentende-se uma crítica à atuação dos governos anteriores. A expressão “como nunca”, depois do verbo de ação “apoiou”, reenvia para a inação dos antecessores e enaltece a intervenção do governo.

9§ [ft<sub>25</sub>] Neste ano o Brasil **apoiou como nunca** o empreendedor individual, o pequeno e o médio empresários, diminuindo impostos, reduzindo a burocracia e facilitando o crédito. [ft<sub>26</sub>] **Continuamos** nossa luta incansável pela construção de um grande futuro para o Brasil, viabilizando a exploração do pré-sal e garantindo a destinação de seus fabulosos recursos para a educação e a saúde.

Posto isto, para além de veicular a imagem de *comentarista crítico*, constrói para si a imagem de *competente*, porque indica as medidas implementadas (gerúndios “diminuindo”, “reduzindo” e “facilitando” e respectivas predicções). Esta é, na verdade, a imagem que predomina durante os próximos parágrafos, ao longo dos quais se fala dos apoios aos empreendedores e agricultores, da melhoria de infraestruturas, do desenvolvimento da exploração do pré-sal, entre outros.

Após a referência aos setores da indústria, agricultura e infraestruturas, o Locutor abre caminho para a apresentação de medidas na área da saúde e da educação (ft<sub>29</sub>), reconhecendo, de novo, a existência de lacunas a suprir (“setores onde ainda temos muito a fazer”). O organizador usado na ft<sub>30</sub> (“no caso da saúde”) relaciona os dois parágrafos, comprovando a pertença ao mesmo segmento organizativo. Aquela frase inicia um período focalizado na saúde, durante o qual são apresentados os resultados do projeto Mais Médicos (“6.658 novos médicos em 2.177 cidades beneficiando cerca de 23 milhões de pessoas”). Ao fornecer dados tão concretos, o Locutor constrói uma imagem de *tecnocrata*.

O parágrafo 11 abre com uma comparação (assinalada a negrito), que estabelece uma relação entre o Locutor e o auditório, particularmente com os seus elementos femininos, recorrendo a palavras do campo lexical de família (“mãe” e “filhos”).

11§ [ft<sub>33</sub>] **Como toda mãe de família**, sei que o patrimônio mais valioso na vida dos nossos filhos é a educação. [ft<sub>34</sub>] Por isso, estamos fazendo um esforço redobrado nesta área.

Também a amplificação do valor atribuído aos filhos, através da superlativação do adjetivo “valioso” e da sua associação ao nome “patrimônio”, e a utilização do verbo epistémico “sei”, que denota o conhecimento adquirido e experimentado sobre a questão, passam a imagem de uma pessoa *empática*. A exposição deste ponto de vista é muito interessante, dado que Dilma Rousseff procura apagar os traços de feminilidade durante as suas intervenções, possivelmente para aumentar a sua credibilidade junto do eleitorado e dos seus pares de sexo masculino.

Os próximos quatro parágrafos centram-se na exposição de ações de âmbito social. De acordo com a perspetiva do Locutor, o governo mostrou-se *competente*, conforme se depreende pelos adjetivos qualificativos “gigantesco” e “mais exitoso”. A sua eficiência resulta, por exemplo, na produção de diversas afirmações que revelam a sua crença sobre o futuro do país, como é o caso da ft<sub>40</sub>: “estamos a um passo de acabar com a pobreza absoluta em todo o território nacional”.

Porém, neste STT<sub>5</sub> há ainda espaço para o aparecimento da imagem de *ouvinte*, através do léxico selecionado: “ampliamos nosso diálogo”, “escutamos seus reclamos” (ft<sub>41</sub>), “amplie os canais de participação popular” (ft<sub>42</sub>).

A terminar este segmento há ainda tempo para a construção de outra imagem. O uso da expressão popular “não abrimos mão” pretende ilustrar o nível de compromisso do governo no “combate à corrupção”. Isso faz transparecer uma imagem de *seriedade* muito importante para o auditório, que não confia nos políticos nem nas suas instituições, de acordo com Alejandro Salas, diretor regional da Transparência Internacional (Barrucho, 2013).

14§ [ft<sub>43</sub>] Não abrimos mão, em nenhum momento, de apoiar o combate à corrupção em todos os níveis. [ft<sub>44</sub>] Exatamente por isso, nunca no Brasil se investigou e se puniu tanto o malfeito.

Tal imagem é corroborada pelo esquema argumentativo *consequência* da ft<sub>44</sub>, iniciado pela expressão “exatamente por isso”. A referência à punição da corrupção na ft<sub>44</sub> pode ser uma menção indireta ao Escândalo Mensalão que culminou com a

determinação, por parte do Supremo Tribunal Federal (STF), de condenar 25 réus. A execução das detenções mostrou a capacidade de atuação do sistema judiciário e provou a competência do governo em combater a corrupção. Para ilustrar a singularidade desta ação, usaram-se os advérbios “nunca” e “tanto” que não só servem para enfatizar a qualidade deste governo, como para censurar os anteriores. Assim, considera-se que, mais uma vez, o Locutor se mostra *comentarista crítico*.

É importante nesta fase referir que os *ethè*, muitas vezes, são usados em concomitância para aumentar o impacto persuasivo de um deles. Assim, os *ethè* de um texto devem ser vistos, também, numa perspectiva global e não somente de forma isolada.

No final do décimo quarto parágrafo, há ainda espaço para expor as medidas inclusivas do governo, nomeadamente o apoio às minorias. Importa referir que se trata de uma tentativa e não de algo palpável (veja-se o verbo “buscar” no Pretérito Perfeito Composto, indicando uma ação que se estende no tempo), mas a intenção é séria (adjetivo “fortemente”).

[ft<sub>45</sub>] O Brasil também tem buscado apoiar fortemente suas **populações tradicionais**, em especial os **grupos indígenas** e os **quilombolas**. [ft<sub>46</sub>] E eu tenho um imenso orgulho do programa Viver sem Limites, que leva oportunidades e cidadania para as **pessoas com deficiência**.

15§ [ft<sub>47</sub>] Em suma, não deixamos em nenhum momento de lutar em favor de todos os brasileiros em especial dos que mais precisam. [ft<sub>48</sub>] Com o olhar muito especial para os jovens, para as mulheres e para os negros. [ft<sub>49</sub>] Mas sabemos que há **muito, muito mesmo**, ainda por fazer e **muito, muito mesmo**, por melhorar.

A menção, nestes dois parágrafos, a minorias (indígenas<sup>85</sup>, quilombolas, pessoas com deficiência) e a grupos mais necessitados (jovens, mulheres e negros), revela o caráter humano e *inclusivo* do Locutor. A compaixão que sente pelas dificuldades vividas por estas pessoas, leva o Locutor a implementar medidas a elas destinadas, incluindo-as, portanto, no seu programa governativo.

---

<sup>85</sup> A população indígena no Brasil, segundo o Censos 2010, era composta por 734 mil pessoas. No documento “O Brasil Indígena” (FUNAI e IBGE, 2013) são elencadas as diversas tribos existentes no país, divididas por tronco linguístico, família linguística, etnia ou povo.

No final, o Locutor, assumindo o ponto de vista do governo, mostra-se consciente das lacunas a suprir, usando o verbo cognitivo “saber” na 1.ª pessoa do plural e a repetição da estrutura destacada.

Segue-se nova apóstrofe e novo momento exortativo. Partindo da constatação da ft<sub>51</sub>, na qual se declara que o Brasil, enquanto país, “melhorou”, profetiza-se sobre as suas potencialidades (a expressão adverbial “ainda mais” sugere possibilidade). Para incentivar os brasileiros usa-se um raciocínio lógico, sustentado em orações condicionais, cuja conclusão não está expressa.

**Situação:** O Brasil será do tamanho que quisermos, do tamanho que o imaginemos.

**Hipótese:** **Se** [P] imaginarmos um país justo e grande e lutarmos por isso, assim o teremos. **Se** [P] mergulharmos em pessimismo e ficarmos presos a disputas e interesses mesquinhos, teremos um país menor.

**Conclusão:** Então Q?

A sugestão da ft<sub>55</sub> para aplicação do mesmo raciocínio à economia (esquema argumentativo *analogia*) tanto se refere ao acima ilustrado, como ao afirmado na ft<sub>51</sub>. Ou seja, defende-se que a economia brasileira “tem tudo para melhorar mais” ou como se diz na ft<sub>58</sub>: “em toda a economia sempre haverá algo por fazer, algo a retocar, algo a corrigir...”. Esta afirmação prepara o ato diretivo da ft<sub>59</sub>, introduzido pelo conector consecutivo “por isso” e marcado pela perífrase de necessidade “temos que agir” na 1.ª pessoa do plural (*nós nacional*) no Presente do Indicativo. Todos estes elementos, linguísticos e argumentativos, mobilizam-se para a construção do *ethos guia*.

No parágrafo 19 começam a ser apresentados compromissos, primeiro a título individual (1.ª pessoa do singular: “digo” e “continuo disposta”) e depois em nome do governo (3.ª pessoa do singular: “está atento e firme”).

19§ [ft<sub>62</sub>] Digo aos trabalhadores e empresários que continuo disposta a ouvi-los em tudo que for importante para o Brasil. [ft<sub>64</sub>] O governo está atento e firme em seu compromisso de lutar contra a inflação e de manter o equilíbrio das contas públicas. [ft<sub>65</sub>] Sabemos o que é preciso para isso e nada nos fará sair desse rumo, como também nada fará mudar nosso rumo na luta em favor de mais distribuição de renda, diminuição da desigualdade pelo fim da miséria e em defesa das minorias.

20§ [ft<sub>66</sub>] Não perderemos jamais nossa disposição de lutar para que o povo brasileiro tenha uma saúde e educação de mais qualidade hoje e no futuro. [ft<sub>67</sub>] Por isso, no orçamento do próximo ano os setores que tiveram mais aumento foram justamente a saúde, a educação e o combate à pobreza.

Na ft<sub>62</sub> e ft<sub>63</sub>, o Locutor verbaliza a sua disponibilidade para o diálogo com a expressão “continuo disposta a”, dirigindo-se particularmente aos “trabalhadores e empresários”. Neste caso, tal como no parágrafo 13, é criado um *ethos ouvinte*.

A forma verbal “sabemos”, que se encontra na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (*nós institucional*), e a expressão deôntica “é preciso” indicam o conhecimento do que se deve fazer para lutar contra a inflação e manter o equilíbrio das contas (o indefinido “isso” da ft<sub>64</sub> remete para estes dados da frase anterior). Para além disso, introduzem uma série de compromissos materializados pelo Futuro Imperfeito do Indicativo (“nos fará”, “fará mudar nosso rumo” [ft<sub>65</sub>], “não perderemos” [ft<sub>66</sub>]) e pelas expressões temporais (“no futuro” [ft<sub>66</sub>], “próximo ano” [ft<sub>67</sub>]). Existem ainda dois elementos linguísticos indicativos do grau de comprometimento, o indefinido “nada” usado como sujeito da [ft<sub>65</sub>] e o advérbio temporal “jamais” [ft<sub>63</sub>], os quais transmitem a ideia de algo definitivo e, até, extremo. Por tudo isto, considera-se que neste trecho é passada a imagem de *agente em potência*.

A última apóstrofe (ft<sub>68</sub>) introduz a peroração (SE<sub>2</sub>), durante a qual o Locutor expressa o seu otimismo relativamente ao futuro do Brasil. Como habitual neste tipo de segmentos, há uma frequente manipulação das emoções do auditório, desta vez através da referência a sentimentos (forma verbal “sinto”) e de figuras de estilo, nomeadamente o paralelismo (“sinto Brasil afora... sinto coração adentro”) e o paradoxo (afora vs adentro).

23§ [ft<sub>69</sub>] O Brasil tem passado, tem presente e tem muito futuro. [ft<sub>70</sub>] Existem poucos lugares no mundo onde o povo tenha melhores condições de crescer, melhorar de vida e ser mais feliz. [ft<sub>71</sub>] É isso que sinto Brasil afora, é isso que sinto coração adentro.

O texto encerra com os tradicionais votos de Bom Ano Novo (ft<sub>72</sub> e ft<sub>73</sub>).

#### 6.2.13.2. Análise quantitativa

Com a análise da frequência vocabular verificou-se que algumas palavras têm mais expressão do que outras, selecionando-se algumas em função do seu relevo para os *ethè*.

A palavra “vida” regista um total de 16 ocorrências, assumindo assim uma posição de destaque em relação a outros vocábulos neste texto. Normalmente utilizada com o verbo “melhorar” (ex.: “a vida dos brasileiros melhora”, “melhorando de vida”, “melhorar de vida”, “vida vai continuar a melhorar”, “o padrão de vida melhorou”), esta palavra tem como objetivo expor uma das preocupações do executivo e a razão subjacente a alguns dos seus projetos governativos. Dependendo do tempo em que se encontre o verbo, a melhoria das condições de vida pode ser uma mera intenção, passando assim o *ethos agente em potência*, de uma facticidade, o *ethos competente*, ou de uma profecia, *ethos guia*. Evidente é a sua importância no texto e na produção de *ethè*, uma vez que se ajusta a diferentes imagens.

O nome “Brasil” é também recorrente (15 vezes), como aliás tem acontecido em outros textos. Este nome pode servir para referir-se ao território nacional, ao conjunto de cidadãos ou ao próprio governo, pelo que se deve estudar atentamente as frases em que se encontra, para fazer a interpretação correta do enunciador.

Outro nome com grande impacto neste texto é “luta” (7 ocorrências), combinado na maioria das vezes com o verbo “continuar”. Esta ideia de continuidade é fulcral para demonstrar o empenho do governo e a sua capacidade de resiliência no combate pelo emprego e pela valorização dos salários, contra a carestia, pelo desenvolvimento do país, entre outros. Ao revelar-se ativo, o Locutor, em nome do governo, passa um *ethos agente*.

O “futuro” é referido em seis momentos, na sua maioria destinados a motivar o auditório (neste desponta o *ethos guia*) ou a evidenciar o compromisso do governo relativamente aos próximos anos.

Importa ainda falar dos vocábulos “esforço” e “equilíbrio”, ambos com 4 ocorrências. O primeiro é usado ora para mostrar uma qualidade do governo (ex.: “estamos fazendo um esforço”, “continuamos nosso esforço gigantesco”),

contribuindo assim para a construção do *ethos competente*, ora para atribuir o mérito de determinada ação a outros (ex.: “graças ao esforço de todas as brasileiras e de todos os brasileiros”, “para que o seu esforço traga resultados”), promovendo o aparecimento da imagem de *meritocrata*. Já o nome “equilíbrio” marca a preocupação e a ação do governo de garantir o equilíbrio financeiro e fiscal tanto no passado, como no presente/futuro.

Por fim, destaque para alguns vocábulos indicativos das temáticas abordadas nesta MFA, nomeadamente “educação” (6 ocorrências), “saúde” (5 ocorrências) e “economia” (4 ocorrências).

A análise quantitativa das formas verbais resultou na identificação do predomínio do *nós institucional*, com 18 ocorrências, seguido do *nós nacional*, o que indicia que o texto se desenvolve em torno da competência do executivo e das atitudes que este toma/tomou.

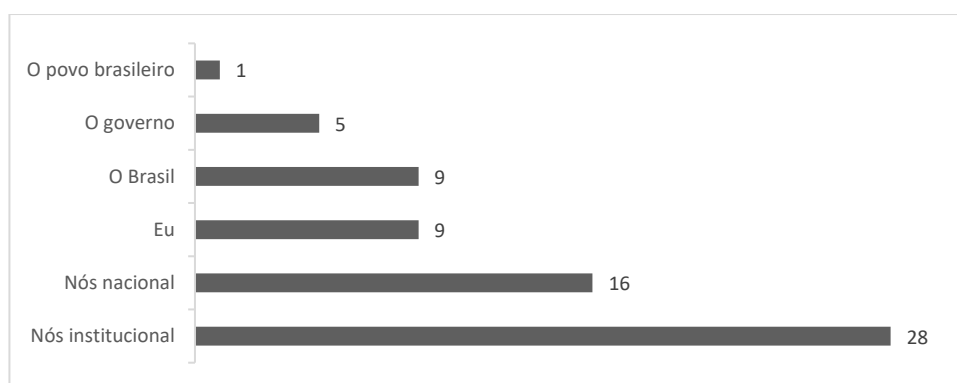


Gráfico 36 - Formas verbais/sujeito

O sujeito individual (eu) e o grupo nominal “O Brasil” têm o mesmo número de ocorrências, sendo que no último caso o nome do país pode representar o governo ou os cidadãos brasileiros (sinédoque todo-parte). Por seu turno, o grupo “o governo” tem pouca visibilidade neste texto, tendo sido preterido pelo *nós institucional*.

Como a responsabilidade enunciativa não se identifica apenas pelas formas verbais, procedeu-se à contabilização dos pronomes pessoais e dos determinantes/pronomes possessivos. À semelhança do que se verificou nas mensagens anteriormente analisadas, as formas verbais são o instrumento mais usado para revelar o responsável pelo enunciado, seguindo-se os determinantes possessivos.

No entanto, observa-se que o *nós institucional* utiliza mais formas possessivas do que as restantes pessoas, o que difere da situação constatada em outros textos.

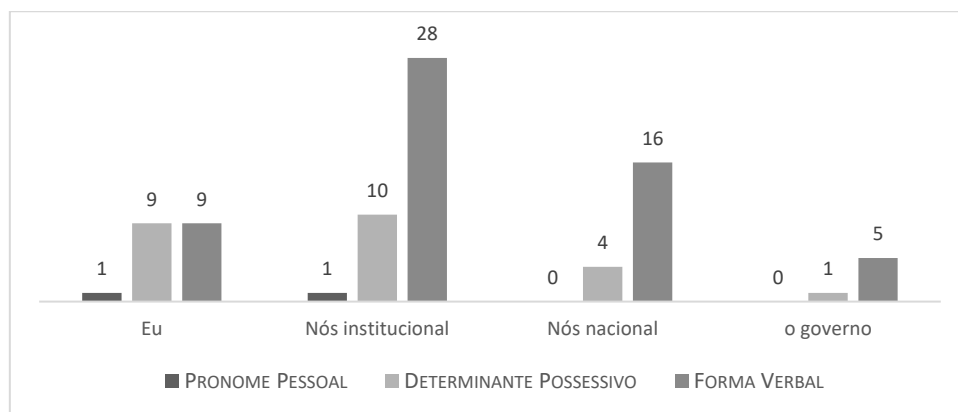


Gráfico 37 - Classes gramaticais marcadoras da Responsabilidade Enunciativa

Embora se encontrem nove determinantes possessivos de 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, como oito deles integram as apóstrofes (“meus amigos e minhas amigas”) não se pode considerar que estes tenham um peso substancial para os *ethè*. Já o determinante presente na oração “cobro [...] um bom desempenho do meu governo” é importante para revelar a função do Locutor no executivo e para passar a *imagem de líder*.

Analisando os tempos em que se encontram as formas verbais estudadas no Gráfico 38, constatou-se que o PRES é mais frequente nos sujeitos “Eu”, *nós nacional* e “o Brasil” em comparação com o PPFS ou o FUT. Este facto revela que há uma conjunção entre sujeito e tempo do pronunciamento, optando-se pela referência a situações do momento e a estados de espírito presentes. Pelo contrário, verifica-se que o PPFS predomina no *nós institucional*, o que se justifica pela descrição extensa das medidas implementadas, que conduz à formulação do *ethos competente*. As doze formas do PRES são um dos elementos mobilizados para a construção do *ethos agente*, sobretudo o verbo “continuar” (com 5 ocorrências).

O FUT é mais utilizado pelo *nós nacional*, porque existem mais momentos de antevisão do futuro do Brasil e de incentivo aos cidadãos, que culminam nos *ethos guia*, respetivamente.

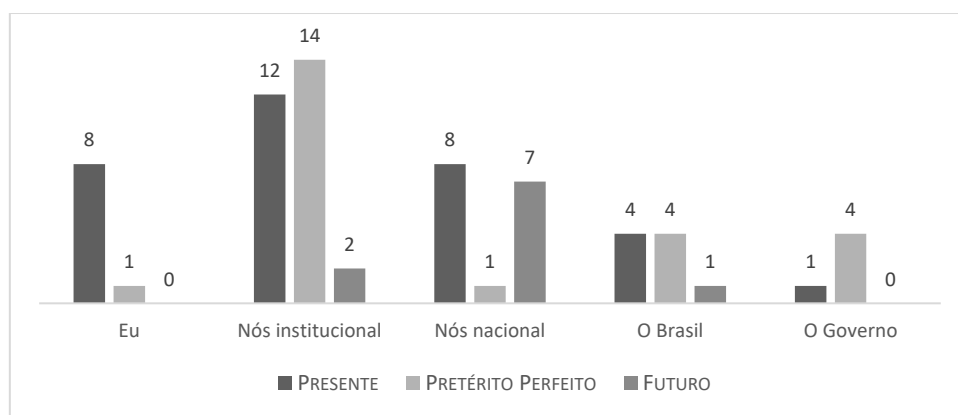


Gráfico 38 - Tempos verbais/sujeito

### 6.2.13.3. Síntese da análise

Em suma, as marcas textuais presentes na Mensagem de Final de Ano brasileira datada de 2013 revelaram-se bastante profícuas em relação à construção de *ethè*. Para uma melhor compreensão daquelas aconselha-se a leitura dos próximos quadros.

Materialidade linguística	Segmento textual <sup>86</sup>	Ethè
		Tipo & Definição
2.ª Pessoa do singular/plural das formas verbais (sujeito expresso <i>vocês</i> ); Verbos no Imperativo Presente ( <i>usem</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós nacional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito ( <i>teremos</i> ) e Infinitivo Pessoal ( <i>imaginarmos, lutarmos</i> ); Vocativo; Perífrase de obrigatoriedade ( <i>ter de + infinitivo</i> ); Verbos cognitivos ( <i>refletir, projetar</i> ); Esquemas argumentativos analogia e evidência para uma hipótese-	SE <sub>1</sub> STT <sub>8</sub>	<b>Guia:</b> orienta os outros, incentivando-os a agir.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ) e pronominais (possessivo <i>meu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>cobro</i> ); Grupo nominal ( <i>meu governo</i> ); Verbo <i>cobrar</i> . Expressão de frequência ( <i>todos os minutos</i> ).	SE <sub>1</sub>	<b>Líder:</b> chefia o governo e orienta os seus membros e os cidadãos no cumprimento das suas instruções.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>continuamos</i> ); Complemento direto constituído pelo vocábulo <i>luta</i> ; Verbo <i>continuar</i> ; Adjetivos apreciativo ( <i>vigorosa, constante, incansável, difícil a qualificar luta</i> ).	SOT <sub>1</sub> STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub>	<b>Agente:</b> implementa medidas.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> );	STT <sub>1</sub>	<b>Analista:</b> analisa uma situação na qual, por

<sup>86</sup> A distribuição dos segmentos textuais da MFA Br2013 pode ser consultada no Apêndice 15.

Verbos no Pretérito Perfeito Simples ( <i>tivemos</i> ) e no Presente do Indicativo ( <i>sabemos</i> ); Complemento direto <i>problemas localizados</i> Oração completiva pedida pelo verbo <i>saber</i> Verbo cognitivo <i>saber</i> ; Grupo nominal <i>problemas localizados</i> .		norma, está envolvido.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o governo, o Brasil</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>teve, apoiou</i> ); Expressão apreciativa ( <i>como nunca</i> ); Sinédoque ( <i>Brasil = governo</i> ); Metáfora ( <i>não se preocupam com o bolso da população brasileira</i> ); Esquema argumentativo <i>ad hominem circumstantial</i> .	STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub> STT <sub>6</sub>	<b>Comentarista crítico:</b> ajuíza comportamentos ou situações.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Perífrase com valor em curso ( <i>estamos conseguindo</i> ); 3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o governo</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>teve, apoiou</i> ); Complemento direto composto pela indicação das medidas desenvolvidas; Gerúndio + predicação ( <i>diminuindo impostos, reduzindo a burocracia...</i> ); Verbos de ação ( <i>reforçar, ampliar</i> ).	STT <sub>1</sub> STT <sub>2</sub> STT <sub>4</sub> STT <sub>5</sub> STT <sub>6</sub> STT <sub>7</sub>	<b>Competente:</b> cumpre os objetivos estipulados.
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente ( <i>digo</i> ) e Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ( <i>ouvi</i> ); Vocabulário relacionado com o sentido da audição ( <i>escutar, ouvir</i> ); Nomes <i>diálogo e participação</i> .	STT <sub>5</sub> STT <sub>8</sub> STT <sub>9</sub>	<b>Ouvinte:</b> manifesta disponibilidade para escutar os outros.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo Dados numéricos ( <i>6.658 novos médicos em 2.177 cidades beneficiando cerca de 23 milhões de pessoas</i> ).	STT <sub>3</sub>	<b>Tecnocrata:</b> domina dados de ordem técnica
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>não abrimos</i> ); Complemento oblíquo <i>apoio à corrupção</i> ; Expressões ( <i>abrir mão de e em nenhum momento</i> ); Advérbios <i>nunca e tanto</i> ; Esquema argumentativo consequência	STT <sub>6</sub>	<b>Sério:</b> age com honestidade, respeito e responsabilidade.
3.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito expresso <i>o Brasil = o governo</i> ), Verbos no Pretérito Perfeito Composto do Indicativo ( <i>tem buscado apoiar</i> ); 1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>não deixamos</i> ); Complementos diretos ( <i>suas populações tradicionais</i> ); Modificador ( <i>indígenas e quilombolas</i> ); Complementos oblíquos ( <i>pessoas com deficiência, dos que mais precisam</i> ); Especificador ( <i>em especial</i> );	STT <sub>7</sub>	<b>Inclusivo:</b> integra todos os cidadãos no seu discurso, respeitando credos, gêneros, raças, estatutos sociais e económicos.

Verbos <i>apoiar</i> e <i>lutar em favor de</i> ; Advérbio apreciativo ( <i>fortemente</i> ).		
1.ª Pessoa do singular das formas verbais (sujeito subentendido <i>eu</i> ); Verbos no Presente do Indicativo ( <i>sei</i> ); Vocábulo pertencente ao campo lexical da família; Nome <i>património</i> e adjetivo no grau superlativo <i>mais valioso</i> ; Comparação ( <i>como toda a mãe de família</i> ); Verbo cognitivo ( <i>saber</i> ).	STT <sub>4</sub>	<b>Empático:</b> compreende emocional ou intelectualmente os outros.
1.ª Pessoa do plural das formas verbais (sujeito subentendido <i>nós institucional</i> ); Verbos no Futuro Imperfeito do Indicativo ( <i>não perderemos</i> ); Grupo verbal <i>é preciso</i> com valor de necessidade; Expressões temporais ( <i>no futuro, no próximo ano</i> ); Advérbio apreciativo ( <i>jámais</i> ); Pronome indefinido ( <i>nada</i> ).	STT <sub>8</sub> STT <sub>9</sub>	<b>Agente em potência:</b> demonstra intenção de implementar medidas.

Quadro 32 - *Ethè* e características textuais e organizacionais na Br2013

Vocábulo(s)	N.º de ocorrências	<i>Ethè</i>
Vida	16	Guia, agente em potência, competente, profetizador
Luta + continuar	7	Agente, guia, competente, agente em potência
Futuro	6	Guia
Esforço	4	Competente, meritocrata
Equilíbrio	4	Competente, meritocrata
Educação	6	Competente, agente, empático
Saúde	5	Competente, agente, agente em potência
Economia	4	Competente, guia

### 6.3. Reflexão crítica

Ao longo deste capítulo foram apresentados os resultados da análise textual a que se submeteram os textos, procurando expor a materialidade usada na construção de cada *ethos*. Embora a análise tenha incidido sobre aspetos de ordem linguística, a identificação dos tipos de *ethè* só pôde ser realizada a partir do momento em que se estabeleceu a ligação com o panorama socio-económico-cultural, visto que o *ethos* está sempre condicionado pela situação de comunicação, pelo contexto e pela prática em que se insere. Por este motivo, dedicou-se a parte inicial do Capítulo à descrição do panorama socio-económico e ideológico de Portugal e do Brasil e à exposição de fatores que influenciam a construção dos *ethè*.

Durante esta análise ficou evidente que muitos *ethè* estão interligados, partilhando inclusivamente em alguns casos elementos linguísticos. Como exemplo pode-se falar dos *ethè analista* e *agente em potência*, na MFA Pt2013, onde, a partir de uma autoscopia, se mostra a intenção de agir no futuro; dos *ethè pedagogo* e *comentarista crítico* na Br2008 ou dos *ethè competente* e *comentarista crítico* da Br2013, sendo que em ambos os casos se tecem juízos de valor acerca dos governos anteriores por oposição aos atuais ou ao estado atual do país; ou ainda dos *ethè competente* e *tecnocrata* na Br2009, em que o segundo visa complementar a informação dada pelo primeiro. Tal significa que o *ethos* deve ser sempre encarado numa perspetiva dialógica e cumulativa.

À medida que a análise se foi desenrolando procurou-se mostrar a intervenção do contexto no texto e, mais particularmente, nos *ethè*, bem como a influência que a cultura e o *pathos* exercem sobre aqueles. No Capítulo VII, discutir-se-á o impacto destes fatores sobre a materialidade linguística e, consequentemente, sobre os *ethè*.



## Capítulo VII – *Ethè* textuais: análise comparativa-contrastiva dos *corpora*

A partir da análise textual aplicada aos textos dos *corpora*, podem-se formular algumas considerações relativamente à materialidade usada na construção de diferentes *ethè*. Neste capítulo far-se-á uma análise comparativa da materialidade linguística, pondo em evidência as regularidades observadas nas duas variantes da língua e as especificidades quer daquela, quer dos *ethè* mobilizados.

Vale salientar que a partir deste momento falar-se-á em análise contrastiva, pois toda a análise comparativa trabalha com semelhanças e diferenças e estas, neste trabalho, assumem um papel de maior relevo.

### 7.1. Análise contrastiva da materialidade linguística

Ao longo desta secção expor-se-ão os resultados de um estudo contrastivo dos dados, a partir dos quais se verificou a existência de especificidades e de regularidades linguísticas observadas em *ethè* comuns às duas variantes da língua e a ocorrência de marcas linguísticas caracterizadoras de *ethè* particulares a uma variante. O próximo quadro procura exibir de forma organizada os tipos de imagens identificados durante esta investigação.

Ethè comuns			
Materialidade =	Líder	Materialidade ≠	Competente
	Guia		Inclusivo
	Profetizador		Meritocrata
	Agente em potência		Humano
	Tecnocrata		Crítico
	Ouvinte		Analista
	Empático		
	Agente		
Ethè particulares			
PT	Patriota	BR	Religioso
	Comandante		Tranquilizador
	Conhecedor		Homem do povo
	Tradicionalista		Vencedor
	Grato		Humilde
	Justo		Sério
	Lutador		Pedagogo

### 7.1.1. Regularidades linguísticas caracterizadoras de *ethè* comuns

Ao longo da análise foi possível observar a utilização regular de algumas marcas durante a construção de *ethè* comuns às duas variantes da língua, o que sugere a existência de traços caracterizadores.

A análise contrastiva da materialidade permitiu constatar que em ambas as variantes existem momentos nos quais há uma referência à função profissional exercida, ou seja, de líder do executivo. Embora se tenham identificado muitas expressões que mencionam o cargo de forma bastante direta, em outras é necessário depreendê-lo. A título de exemplo, observem-se as expressões “em nome do governo” ou “meu governo”, que não indicam claramente a função, mas que apontam para a sua posição de liderança. Para além destas marcas linguísticas, há outras que caracterizam o *ethos líder*.

Materialidade linguístico-argumentativa mobilizada para a construção do <i>ethos líder</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Sujeito subentendido (<i>eu e nós institucional</i>)</li><li>▪ 1.<sup>a</sup> Pessoa do singular ou do plural</li><li>▪ Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo</li><li>▪ Expressões indicando função exercida (<i>pela minha parte e pela do governo, em nome do governo, desde que tomei posse, meu governo, a Presidência da República, como presidente, até o final do nosso governo</i>)</li></ul>	
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Verbo <i>garantir, cumprir, dirigir-se</i></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Verbo <i>cobrar, apresentar, anunciar</i></li><li>▪ Perífrase de obrigatoriedade e de possibilidade</li></ul>

Para além desta imagem de liderança, verificou-se também a ocorrência do *ethos guia*, sobretudo a partir das formas de Imperativo Presente marcadoras de atos diretivos. Como se foi indicando durante a análise textual de cada MFA, esta imagem visa incitar o auditório a agir, guiando o seu comportamento. Em virtude deste facto, é também recorrente o uso de verbos no FUT, para indicar as expectativas face à atitude do auditório. Curiosamente, trata-se de um *ethos* em que o Locutor evita expor a sua individualidade e, por isso, os verbos encontram-se na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural.

Materialidade linguístico-argumentativa mobilizada para a construção do <i>ethos guia</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido (<i>nós nacional e nós institucional</i>)</li> <li>▪ 1.ª Pessoa do plural</li> <li>▪ Imperativo, Presente e Futuro Imperfeito do Indicativo, Infinitivo Pessoal</li> <li>▪ Perífrase de obrigatoriedade</li> <li>▪ Oração final</li> <li>▪ Expressão <i>contar com...</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo consequência</li> </ul>	
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Perífrase de necessidade e com valor de futuro</li> <li>▪ Oração condicional</li> <li>▪ Verbos <i>precisar, dever, pedir, aproveitar, querer</i></li> <li>▪ Nome <i>dever...</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo falacioso opinião popular</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Presente do Conjuntivo</li> <li>▪ Perífrase de possibilidade</li> <li>▪ Verbos <i>refletir, projetar, imaginar, querer, convocar</i></li> <li>▪ Nome <i>chamamento</i></li> <li>▪ Expressões <i>é fundamental, é importante, é imprescindível</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo analogia e evidência para uma hipótese</li> </ul>

Nesta imagem, ainda se detetaram algumas diferenças, sobretudo a nível do léxico selecionado, que tem necessariamente de ser adaptado à situação socio-económico-cultural do país onde ocorre a intervenção.

Importa salientar que esta denominação foi adaptada de Charaudeau (2013), que refere a existência de diversas figuras dentro do *ethos de chefe*, entre elas a de guia-pastor. Segundo o autor, esta figura corporiza o indivíduo que consegue reunir um grupo, levando-o a tomar determinadas atitudes. Para esta investigação, decidiu-se utilizar a terminologia *ethos guia*, por entender que esta expressão transmite a ideia de agregador.

Da análise do *corpus* resultou também a identificação de um *ethos* próximo da categoria de Charaudeau de guia-profeta. Como a intenção primária da materialidade linguística era demonstrar a capacidade de prever o futuro do país, daí o uso do FUT e da perífrase de futuro, optou-se por designar esta *imagem de profetizador*. Tal como o anterior, também neste *ethos* o Locutor se procura demarcar da ação, motivo pelo qual se usa maioritariamente a 1.ª pessoa do plural. Não obstante as regularidades existentes entre as duas variantes da língua, localizaram-se algumas diferenças elencadas no próximo quadro.

Materialidade linguística mobilizada para a construção do <i>ethos profetizador</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>nós institucional</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do plural</li> <li>▪ Presente e Futuro Imperfeito do Indicativo</li> <li>▪ Perífrase com valor de futuro</li> <li>▪ Modificador com valor temporal</li> <li>▪ Verbos de ação</li> </ul>	
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Perífrase com valor de continuidade</li> <li>▪ Perífrase com valor de obrigatoriedade</li> <li>▪ Oração final</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expresso “o Brasil”</li> <li>▪ 3.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Perífrase com valor de possibilidade</li> <li>▪ Vocabulário epistémico (<i>ter a certeza, convicção, garantia</i>)</li> <li>▪ Esquemas argumentativos analogia e opinião popular</li> </ul>

De referir que o *ethos profetizador* na variante portuguesa apenas ocorreu quando Pedro Passos Coelho era o líder do governo. Já no caso brasileiro, ambos os estadistas convocaram este tipo de imagem.

Se, no *ethos profetizador*, o Locutor falava sobre o futuro sem se comprometer com o exercício de determinadas ações, no *ethos agente em potência* ele implicava-se na implementação de projetos futuros. Contudo, dado que não existia qualquer vínculo formal entre a promessa e a sua execução, decidiu-se atribuir esta denominação, garantindo-se, deste modo, a intencionalidade do enunciado.

O contraste entre as duas variantes da língua revelou a semelhança da materialidade linguística, embora se tenha reparado que nas mensagens portuguesas foram usadas várias orações finais para explicitar o propósito de algumas medidas, o que não sucedeu nas brasileiras.

Materialidade linguística mobilizada para a construção do <i>ethos agente em potência</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>nós institucional</i></li> <li>▪ Sujeito expresso <i>o governo</i></li> <li>▪ 1.ª pessoa do plural e 3.ª pessoa do singular</li> <li>▪ Presente e Futuro Imperfeito do Indicativo</li> <li>▪ Perífrase de futuro, volitiva, de necessidade</li> <li>▪ Verbos de ação</li> <li>▪ Indicadores temporais (<i>neste ano de 2014, agora, até 2014, no futuro, no próximo ano, em 2015</i>)</li> </ul>	

Para além desta imagem surgiu outra que manifestava a atitude empreendedora do Locutor e do seu governo, a qual se denominou de *agente*. A diferença entre elas residia no facto de a primeira se focar no futuro e a segunda indicar a realização de ações no presente. A comparação dos dados provenientes das duas variantes da língua revelou que eles apresentam, na maioria, a mesma materialidade linguística.

Materialidade linguística mobilizada para a construção do <i>ethos agente</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>nós institucional</i></li> <li>▪ 1.ª pessoa do plural</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Perífrase de continuidade (continuar + infinitivo), de estado (estar + a + infinitivo ou estar + gerúndio) e de passado recente (acabar de + infinitivo)</li> <li>▪ Verbos de ação</li> </ul>	
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Verbo continuar + complemento direto</li> <li>▪ Adjetivos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pretérito Perfeito Composto</li> </ul>

As imagens acima referidas estão todas relacionadas com o papel de líder exercido pelo Locutor. A partir de agora, abordar-se-ão aquelas que correspondem a características/competências de liderança.

Enquanto líder, deve-se revelar domínio técnico sobre o tema em discussão, razão pela qual se encontraram, em diversas MFA, informações específicas de ordem numérica ou estatística. Em virtude deste facto, identificou-se o *ethos tecnocrata*. O

contraste dos dados demonstrou que a materialidade usada na construção deste *ethos* é semelhante, embora convenha alertar que esta figura só surge num texto português o que inibe generalizações. Como se pode observar nos exemplos, o sujeito das orações raramente é o Locutor (individual ou coletivo), mas uma outra entidade (Portugal, inflação, ...). Portanto, nesta imagem mais do que o índice de pessoa, importa a informação fornecida pelos sujeitos das orações, pelos complementos diretos e pelos modificadores.

Materialidade linguística mobilizada para a construção do <i>ethos tecnocrata</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Indicadores temporais (<i>recentemente, hoje, em 2003</i>)</li> <li>▪ Modificador (<i>entre os 15 e os 18 anos, com 22 anos, do PIB, com carteira assinada</i>)</li> <li>▪ Numerais</li> </ul>	
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito (<i>81% dos nossos jovens; 35% dos jovens com 22 anos</i>)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Complemento direto ou predicativo do sujeito (<i>9%; 52% do PIB</i>)</li> </ul>

A par do domínio técnico, o bom líder deve demonstrar capacidade de ouvir os colaboradores<sup>87</sup>. Nas mensagens que compõem o *corpus* encontraram-se momentos ilustrativos desta ação, sobretudo por meio do uso dos verbos sensoriais *ouvir* e *escutar*. Embora seja mais frequente o uso da 1.ª pessoa do singular, pode-se optar pelo *nós institucional*, de forma a estender esta qualidade ao governo.

---

<sup>87</sup> Para Maxwell (1999), especialista em liderança e comportamento, a disponibilidade para ouvir os seus colaboradores é uma das principais capacidades que um líder deve possuir, mesmo que com ela venham informações que contrariem as suas percepções, desejos e ambições. Já Charaudeau defende que ser um bom ouvinte é bastante valorizado pelas sociedades, pois expressa o grau de respeito do Locutor para com o seu auditório (2013, p.165).

Materialidade linguística mobilizada para a construção do <i>ethos ouvinte</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expresso e subentendido <i>Eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Pretérito Perfeito Simples do Indicativo</li> <li>▪ Verbos <i>ouvir, escutar</i></li> <li>▪ Complemento direto (<i>testemunhos, palavras, reclamos</i>)</li> </ul>	

À semelhança da imagem anteriormente abordada, os líderes também devem mostrar-se compreensivos face à situação experienciada por outros. Trata-se de uma imagem muito associada aos afetos, o que promove uma aproximação entre as instâncias política e cidadã. No próximo quadro enumeram-se os recursos linguístico-argumentativos que conduziram à identificação do *ethos empático*, salientando-se a diferença lexical que, possivelmente, resulta da situação socioeconómica de cada país. Destaque para o uso da 1.ª pessoa do singular que assim atribui ao próprio Locutor a qualidade de ser compreensivo.

Materialidade linguístico-argumentativa mobilizada para a construção do <i>ethos empático</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Presente e Pretérito Perfeito Simples do Indicativo</li> <li>▪ Verbos <i>sentir, compartilhar, saber</i></li> <li>▪ Oração comparativa</li> <li>▪ Vocabulário pertencente ao campo lexical de família (<i>famílias portuguesas, chefe de família, mãe de família, irmãos, filhos</i>)</li> </ul>	
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Nomes e expressões com carga negativa <i>dificuldades, período adverso, sacrifícios, expectativas frustradas</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo falacioso <i>opinião popular</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Adjetivos <i>feliz e satisfeita</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo <i>analogia</i></li> </ul>

### 7.1.1. Especificidades linguísticas observadas em *ethè* comuns

A observação de elementos linguísticos similares permitiu identificar *ethè comuns* aos diversos textos do *corpus* que apresentavam marcas linguísticas distintas. Esta secção centra-se no estudo das especificidades mobilizadas nas duas variantes e das razões que poderão estar na génese das mesmas.

A imagem mais vezes construída durante os textos foi a de competência<sup>88</sup>, surgindo especialmente nos segmentos destinados à exposição de medidas executadas pelo governo durante o ano do pronunciamento. Apesar de existirem diversos elementos linguísticos comuns, observaram-se algumas diferenças que podem influenciar a forma como a imagem é percebida pelo público. Destas destaca-se a utilização frequente da perífrase com valor em curso nas mensagens brasileiras por oposição à ocorrência residual observada nas mensagens portuguesas. Este dado pode significar que em Portugal a competência está associada à completude das ações. Igualmente interessante é o facto de nos textos brasileiros os indicadores temporais serem concretos, conferindo uma aura de veracidade à informação.

Materialidade linguístico-argumentativa mobilizada para a construção do <i>ethos competente</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Complemento direto constituído pela nomeação das áreas de atuação</li> <li>▪ Ocorrência residual da perífrase de continuidade e da perífrase de estado</li> <li>▪ Presença de advérbios de tempo (genéricos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expreso “o Brasil”</li> <li>▪ Complemento direto constituído pelas medidas executadas</li> <li>▪ Presença de orações temporais, causais, consecutivas ou finais</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Ocorrência frequente da perífrase com valor em curso e das perífrases com valor de continuidade e de passado recente</li> <li>▪ Presença de advérbios e expressões temporais (específicos)</li> <li>▪ Esquemas argumentativos: raciocínio lógico, hipótese para uma causa, exemplo, causa-consequência</li> </ul>

<sup>88</sup>A prova da competência tem vindo a ser amplamente apontada pelos estudiosos de gestão comportamental como uma das principais características de um líder. Segundo Yukl (2006), um líder deve dominar aspetos de ordem técnico-prática, nomeadamente métodos, processos e equipamentos, e deve conhecer profundamente a organização e os produtos/serviços que esta fornece. Neste caso, implica compreender limitações, potencialidades e detalhes específicos. Cunha e Rego (2012) também abordaram esta questão, quando falaram sobre as quatro grandes competências que um líder deve possuir (técnicas, sociais/relacionais, concetuais e de liderança pessoal). Por analogia, pode-se entender que um líder político deve ser capaz de demonstrar o domínio das matérias que legisla por meio do seu discurso. No âmbito da análise linguística, Marques também fez referência à competência, dizendo que *“a imagem da classe política agrega um conjunto de ethè que são diversos [...]”. Em termos do que deve ser uma classe política, a proposta da Retórica enforma ainda as representações sociais: competência, capacidade de ação, honestidade, coerência, humildade, racionalidade, são alguns dos estereótipos, interligados, fundamentais para a construção da imagem coletiva, de “classe política”, num contexto de democracia”* (2008, p.5).

Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>nós institucional</i></li> <li>▪ Sujeito expresso “o governo”</li> <li>▪ 1.ª Pessoa do plural ou 3.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Pretérito Perfeito Simples e Composto do Indicativo</li> <li>▪ Verbos de ação</li> </ul>
-------------	--

Outro traço esperado dos políticos é a sua capacidade para incluir todos os cidadãos no seu discurso. Deve, portanto, ser capaz de mostrar que os cidadãos são iguais em direitos, o que estabelece uma relação de reciprocidade entre os conceitos de inclusão e de igualdade política (Young, 2000). Na atividade política, a inclusão pode manifestar-se por meio de medidas governativas ou por meio da materialidade linguística presente em intervenções dos políticos, como sucede em duas mensagens do *corpus* nas quais desponta o *ethos inclusivo*. Nestas detetaram-se diferenças entre as duas variantes, algumas das quais advêm de questões culturais. Observe-se, por exemplo, o conteúdo dos modificadores.

Materialidade linguística mobilizada para a construção do <i>ethos inclusivo</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Modificadores <i>para todos, crentes e não crentes</i></li> <li>▪ Nomes <i>famílias, portugueses e concidadãos</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>nós institucional</i> e sujeito expresso “o Brasil” (=o governo)</li> <li>▪ 1.ª Pessoa do plural e 3.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Pretérito Perfeito Composto do Indicativo</li> <li>▪ Modificador <i>indígenas e quilombolas</i></li> <li>▪ Especificadores <i>em especial</i></li> <li>▪ Expressão <i>lutar em favor de</i></li> <li>▪ Expressões nominais (<i>suas populações tradicionais, indígenas e quilombolas, pessoas com deficiência</i>)</li> <li>▪ Nomes <i>jovens, mulheres, negros</i></li> </ul>
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Quantificadores universais (todos/as)</li> </ul>	

A meritocracia constitui também uma das atitudes expectáveis de um líder, com vista à motivação dos colaboradores. De acordo com Luthans (2000, p.33), “*effective leadership depends on reinforcing, motivating, and rewarding value*

*enhancing behaviors in order to spur superior performance*". No caso dos líderes políticos, o reconhecimento pode ser relativo tanto ao trabalho desenvolvido pelos membros do governo, como à participação dos cidadãos. A materialidade linguística do *corpus*, na qual se destaca a seleção de verbos probatórios ("mostrar", "atestar") no PPFS, revelou que os Locutores admitem e agradecem a atuação dos cidadãos para a resolução de dado problema, construindo deste modo o *ethos meritocrata*.

O reconhecimento do mérito de outras pessoas confere ao Locutor uma aura de justiça. Ora, a justiça é considerada uma virtude desde o período clássico. Aristóteles (1991) atribuía duas significações distintas a este conceito: uma relacionava-a com as condutas conformes à lei, à norma estabelecida; outra associava-a à equidade, à atribuição do que é devido a cada um. Segundo esta última perspetiva, a justiça estava ligada ao social e não ao individual, dado que não havia uma relação tão estreita com o carácter moral. Atualmente, a justiça continua a conter estes dois sentidos, mas o mais frequente quando utilizado no cenário político é aquele que a associa com a equidade.

Os elementos linguísticos mobilizados na construção do *ethos meritocrata*, expostos no próximo quadro, revelaram-se totalmente díspares, não obstante partilharem o mesmo objetivo comunicativo.

Materialidade linguística mobilizada para a construção do <i>ethos meritocrata</i>	
Mensagens Portuguesas	Mensagem Brasileira
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expresso "<i>todos os homens e mulheres</i>"</li> <li>▪ 3.ª Pessoa do plural</li> <li>▪ Presente e Pretérito Perfeito Simples do Indicativo</li> <li>▪ Complemento direto (<i>coragem e empenho</i>)</li> <li>▪ Complementos do nome (<i>dos Portugueses, dos nossos trabalhadores e dos nossos empresários</i>)</li> <li>▪ Modificador <i>num grande esforço nacional</i></li> <li>▪ Verbos <i>atestar, comprovar, salvar...</i></li> <li>▪ Nomes <i>coragem, empenho, engenho, capacidade...</i></li> <li>▪ Adjetivos <i>grande, elevada</i></li> <li>▪ Locução conjuncional de valor causal <i>graças a</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expresso "<i>o povo brasileiro</i>", "<i>o grande responsável</i>", "<i>o nosso povo</i>", "<i>governo e sociedade</i>"</li> <li>▪ 3.ª Pessoa do singular e do plural</li> <li>▪ Presente e Pretérito Perfeito Simples do Indicativo</li> <li>▪ Predicativo do sujeito ("<i>um povo unido, solidário...</i>" e "<i>você</i>")</li> <li>▪ Complemento direto (<i>resposta dinâmica e produtiva, fez a sua parte, segurou o tranco</i>)</li> <li>▪ Modificadores (<i>trabalhando com entusiasmo e consumindo com responsabilidade, trabalharam com união, equilíbrio, participação e espírito democrático</i>)</li> <li>▪ Verbos <i>mostrar, acompanhar, enfrentar, dar, trabalhar, ajudar, formar...</i></li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Adjetivos <i>unido, solidário, grande, dinâmica, produtiva ...</i></li> <li>▪ Expressão frequentativa <i>mais uma vez</i></li> <li>▪ Conector conclusivo <i>em suma</i></li> </ul>
--	---

Os *ethè* expostos até ao momento reproduzem, em grande medida, as aptidões necessárias a um líder (corporativo ou institucional). Pode-se, portanto, afirmar que a escolha das imagens de si tem em consideração o imaginário de líder partilhado pelo auditório.

Durante a análise textual também se identificou o *ethos de humanidade*, mais frequentemente em mensagens portuguesas do que em brasileiras. Esta categoria foi definida por Charaudeau como a capacidade do político de “*demonstrar sentimentos, compaixão para com aqueles que sofrem*” (2013, p.148). Para construir esta imagem, mobilizaram-se alguns elementos linguísticos específicos, como por exemplo um léxico de cariz mais emotivo.

Materialidade linguístico-argumentativa mobilizada para a construção do <i>ethos humano</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>nós nacional</i></li> <li>▪ Pretérito Perfeito Composto do Indicativo</li> <li>▪ Perífrase com valor de possibilidade</li> <li>▪ Orações temporais e causais</li> <li>▪ Verbos <i>apoiar, ajudar, proteger, sofrer...</i></li> <li>▪ Nomes <i>família, solidariedade, desempregados</i></li> <li>▪ Expressões <i>apoiar as famílias, ser solidário é, sofrer com, profunda solidariedade, ajudar quem mais sofre, quem perdeu o emprego ou quem teve de adiar os seus sonhos ou projetos, membros mais vulneráveis, todos os que mais têm sofrido</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expresso “<i>o Brasil</i>”</li> <li>▪ 3.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Verbos <i>querer, cuidar, enfrentar, melhorar, trazer...</i></li> <li>▪ Expressões <i>estar ao seu lado e um pouco de conforto</i></li> <li>▪ Adjetivo no superlativo <i>mais pobres</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo <i>Grupo e seus membros</i></li> </ul>
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>eu e nós institucional</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular e do plural</li> </ul>	

A expressão da humanidade de um líder é muito importante para a percepção do auditório em relação à sua pessoa, uma vez que diminui o espaço entre a instância

política e a instância cidadã. Para além disso, a utilização de certo vocabulário tem dupla função, humanizando o orador e manipulando as emoções do público, o que demonstra que entre *ethos* e *pathos* existe uma relação de grande cumplicidade, como se discutirá na secção 7.2.2..

Ao contrário da imagem anterior, a próxima constrói-se a partir do afastamento entre duas entidades, pois surge do conflito. Ora, o espaço político é frequentemente associado aos conceitos de conflito e de crítica, entendidos como o ato de antagonizar ou de fazer julgamentos sobre factos respetivamente. Na atualidade, o conceito de crítica parece ter assumido uma conotação negativa, estando associado ao ato de ajuizar negativamente algo ou alguém. Porém, a atividade crítica pode ser considerada um instrumento através do qual se pode transformar a realidade social, como preconizavam os estudiosos da Teoria Crítica, nomeadamente Horkheimer (1972) ou Habermas (1984). No caso das mensagens analisadas, constatou-se que a imagem de *comentarista crítico* se refere à apreciação do comportamento e das ações implementadas por governos anteriores, não necessariamente com o intuito de promover uma mudança social, mas sim de valorizar a competência do executivo atual por comparação com o precedente. Para a construção desta imagem, foram mobilizadas as seguintes marcas:

Materialidade linguístico-argumentativa mobilizada para a construção do <i>ethos</i> comentarista crítico		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Negação da perífrase <i>poder + infinitivo e dos verbos considerar e suceder</i></li> <li>▪ Verbos <i>julgar, tolerar, resignar-se</i></li> <li>▪ Indicadores espaciais (<i>em Portugal</i>)</li> <li>▪ Advérbio apreciativo <i>devidamente</i></li> <li>▪ Esquemas argumentativos: opinião popular, entimema, causa-consequência, oposição</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expreso “<i>o Brasil</i>”, “<i>o governo</i>”</li> <li>▪ Sujeito subentendido (<i>nós nacional</i>)</li> <li>▪ 3.ª Pessoa do singular e 1.ª pessoa do plural</li> <li>▪ Negação do verbo <i>quebrar</i></li> <li>▪ Verbos <i>quebrar, deixar de ser</i></li> <li>▪ Adjetivo no superlativo <i>mais pobres</i></li> <li>▪ Esquemas argumentativos: <i>Ad hominem circumstantial</i> e raciocínio lógico</li> </ul>
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Presente, Pretérito Perfeito Simples e Pretérito Imperfeito do Indicativo</li> <li>▪ Indicadores temporais (<i>durante demasiado tempo, há mais de dez anos, nas crises anteriores, naquele tempo, desta vez</i>)</li> <li>▪ Expressões apreciativas (<i>uma sociedade que se preza, quase sem paralelo na Europa, como nunca</i>)</li> </ul>	

Para o final desta secção reservou-se um *ethos comum* que, embora tenha expressão nas duas variantes, numa delas apenas ocorre num texto. Este facto dificulta a identificação de homogeneidades ou disparidades no processo construtivo deste *ethos* em particular, uma vez que não existem evidências que permitam afirmar taxativamente que a materialidade linguística é diferente/igual. Como tal, apontam-se as diferenças observadas nestes textos, ressalvando-se a possibilidade de em outras circunstâncias se virem a utilizar os mesmos elementos linguísticos.

Os elementos linguísticos expostos no próximo quadro fizeram despontar o *ethos analista*, que pode ser descrito como a imagem de alguém que analisa e reflete criticamente sobre dada situação. Não obstante as disparidades observadas, ressalva-se que em ambas as variantes o Locutor assume um posicionamento coletivo, escusando-se assim à responsabilização por um comentário pessoal. Um dos traços comuns registados em relação a esta imagem é o facto de se utilizar o PRES, o que revela que o teor das análises é válido no momento da enunciação.

Materialidade linguístico-argumentativa mobilizada para a construção do <i>ethos analista</i>		
	Mensagens Portuguesas	Mensagens Brasileiras
Diferenças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>nós nacional</i></li> <li>▪ Futuro Perfeito do Indicativo</li> <li>▪ Perífrase de possibilidade (<i>poder ir</i>)</li> <li>▪ Expressão deontica <i>é verdade que</i></li> <li>▪ Expressão <i>ainda mais longe, tão longe quanto</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo <i>oposição</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pretérito Perfeito Simples do Indicativo</li> <li>▪ Verbos <i>ter, saber, olhar, ver</i></li> <li>▪ Complemento direto do verbo <i>ter (problemas localizados)</i></li> <li>▪ Expressão <i>olhar em retrospectiva</i></li> </ul>
Semelhanças	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>nós institucional</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do plural</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> </ul>	

### 7.1.2. Materialidade linguística caracterizadora de *ethè* particulares

Se, por um lado, os dados obtidos mostraram que diferentes materialidades linguísticas podiam gerar o mesmo tipo de *ethos*, por outro, fizeram transparecer imagens próprias de cada estadista.

Nos textos portugueses foram várias as imagens despontadas a partir da materialidade linguística. Uma das mais evidentes foi a de *patriota*, usada para expressar o sentido de união do país e materializada pelas seguintes marcas:

Materialidade linguística caracterizadora do <i>ethos</i> patriota
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i> ou <i>nós institucional</i></li> <li>▪ 1.<sup>a</sup> Pessoa do singular ou do plural</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Nome <i>povo, concidadãos, emigrantes</i></li> <li>▪ Adjetivo <i>espalhadas</i> a qualificar <i>comunidades</i></li> <li>▪ Expressões <i>comunidades portuguesas, todos os portugueses</i></li> </ul>

Ao mencionar todos os portugueses e não apenas os que se encontram em território nacional, o Locutor promove a integração de todos os cidadãos, transmitindo uma ideia de pertença a uma Pátria. Esta imagem tem como objetivo recuperar o imaginário do “patriotismo” do auditório que continua inculcado nos portugueses, conquanto atualmente se expresse em manifestações triviais, como por exemplo no apoio à seleção nacional de futebol<sup>89</sup>.

Intimamente relacionada com a imagem de patriotismo, surge o *ethos comandante*. Esta imagem não deve ser entendida no mesmo sentido de que fala Charaudeau, que a associa a senhores da guerra, agressivos e autoritários (2013, p.159), mas sim no sentido de dirigente de uma força militar. Embora neste contexto o Locutor não esteja a liderar nenhum exército, nem faça parte das suas funções fazê-lo (a função constitucional de Comandante Supremo das Forças Armadas cabe ao Presidente da República Portuguesa), ele recorre a diversas expressões para construir essa identidade, o que passa uma ideia de força e de liderança. Assim, embora o Locutor pretenda demonstrar competências de chefia, trata-se de um *ethos* diferente do de líder, pois aqui não se admitem fugas ao definido. A inflexibilidade inerente às funções militares é, deste modo, transferida para o Locutor político e, por analogia, à informação veiculada, que ganha um caráter impositivo.

<sup>89</sup> De acordo com pesquisa efetuada, os últimos dados sobre o nacionalismo e o patriotismo na sociedade portuguesa datam de 1988 e resultam de um inquérito realizado em Portugal (Cruz, 1989), a pedido do Instituto de Defesa Nacional. Nele indicava-se que o povo português tinha uma forte identidade nacional e que 68,6% dos inquiridos tinha orgulho de ser português.

Materialidade linguística caracterizadora do <i>ethos</i> comandante
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i> ou <i>nós nacional</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular ou do plural</li> <li>▪ Expressões <i>militares das Forças Armadas, elementos das Forças de Segurança, declarar vitória, sermos vitoriosos, ninguém será deixado para trás</i></li> <li>▪ Isotopia militar</li> </ul>

A materialidade linguística fez também despontar o *ethos conhecedor*, específico dos textos portugueses, definido como a imagem de alguém que tem conhecimento sobre a situação vivida no país. Esta pode ser uma forma de responder à constante crítica da população portuguesa que considera que os políticos desconhecem a realidade vivida pelos cidadãos e de contrariar, portanto, um *ethos* previamente construído. O sociólogo António Barreto, em entrevista à agência Lusa publicada no Jornal de Negócios, afirma o seguinte:

Quase ninguém respeita os políticos, os partidos políticos, a não ser as tribos, a tribo do PS, a tribo do PSD, a tribo do CDS, a tribo do Bloco ou do PC [...] Há um declínio do respeito e da confiança nos políticos muito, muito, muito grande.” (LUSA, 2013)

Todavia, a admissão pelo Locutor da sua consciência relativamente aos factos pode não ser bem recebida pelo interlocutor, que vê nisso uma forma de o manipular. Dado curioso é o uso da 1.ª pessoa do singular, indicando que o conhecimento não é extensível ao seu governo. A opção por esta pessoa gramatical pode dever-se ao facto de ser menos realista afirmar que todos os elementos do governo sabem e compreendem o que os cidadãos vivem.

Materialidade linguística caracterizadora do <i>ethos</i> conhecedor
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Verbo/grupo verbal <i>saber, ter consciência, estar consciente</i></li> <li>▪ Adjetivos qualificativos <i>difíceis, grave, grandes</i> associados a nomes/expressões <i>anos, tempos, neste momento, sacrifícios, esforço, crise</i></li> <li>▪ Advérbios apreciativos <i>bem, lentamente, certamente</i></li> <li>▪ Expressões <i>comunidades portuguesas, todos os portugueses</i></li> </ul>

Nas MFA portuguesas identificou-se ainda a *imagem de tradicionalista*, convocada para promover uma aproximação entre o Locutor e o povo a partir da demonstração do interesse em perpetuar as tradições. Detetaram-se alguns elementos que demonstram o enraizamento do Locutor nos costumes do país. A demonstração do respeito pelo passado e também pelo futuro é fundamental para fazer chegar a mensagem a todas as faixas etárias, desde os jovens, apologistas do progresso, aos mais velhos, defensores dos valores tradicionais.

Materialidade linguística caracterizadora do <i>ethos</i> tradicionalista
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Verbo <i>cumprir</i></li> <li>▪ Nome <i>tradição</i></li> <li>▪ Adjetivo qualificativo <i>bela</i></li> <li>▪ Expressão apreciativa <i>com gosto</i></li> </ul>

Nos textos produzidos em Portugal em 2008 e 2009 foram usados alguns elementos que fizeram despoletar a *imagem de gratidão*. De entre aqueles destaca-se a assunção de um ponto de vista pessoal e a mobilização de um conjunto de palavras de agradecimento pela atuação de outras pessoas. A valorização e o reconhecimento do esforço do outro estão relacionados com a ideia de *meritocracia* já discutida previamente, mas neste caso pretende-se fazer um elogio. Como a gratidão é uma emoção, entende-se que há um entrosamento entre *ethos* e *pathos*, na medida em que se constrói uma imagem do Locutor com base num sentimento. Este *ethos* pretende ter um efeito patémico no outro, ou seja, desencadear no auditório o sentimento de gratidão, orgulho e felicidade. De acordo com McCullough et al. (2001), a gratidão funciona como motivador, porque as pessoas tentam comportar-se pró-socialmente em relação ao benfeitor e às outras pessoas, e como reforço, porque incentiva as pessoas a comportarem-se condignamente no futuro.

Materialidade linguística caracterizadora do <i>ethos</i> grato
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Grupos verbais: <i>sei bem o esforço, cumprio o meu dever, sinto que é meu dever, expressar o meu profundo reconhecimento, deixar uma palavra de reconhecimento e de gratidão</i></li> <li>▪ Oração restritiva (<i>a todos quantos têm dado o seu melhor por Portugal; aos militares portugueses... que com a sua ação têm dado um contributo ímpar para a afirmação de Portugal no mundo</i>)</li> <li>▪ Verbos <i>saber, cumprir, expressar, deixar</i></li> <li>▪ Nomes <i>gratidão e reconhecimento</i></li> </ul>

O *ethos justo*, construído a partir da materialidade linguística elencada no próximo quadro, é correlato do *meritocrata*, na medida em que ambos se pautam pela equidade. No entanto, considera-se que se distinguem, pois enquanto no meritocrata há a demonstração de um caráter moral equitativo, no justo só se revela uma intenção de defender a equidade na sociedade.

Materialidade linguístico-argumentativa caracterizadora do <i>ethos</i> justo
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expresso “<i>todos os portugueses</i>” e “<i>ninguém</i>”</li> <li>▪ 3.ª Pessoa do singular e do plural</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Verbos <i>merecer, pertencer a, [não] pode estar condenado a, [não] pode ficar</i></li> <li>▪ Orações causais (<i>porque vive naquela região mais remota, neste bairro mais periférico ou porque nasceu em condições sociais e familiares mais adversas</i>)</li> <li>▪ Complemento direto <i>as oportunidades</i></li> <li>▪ Indefinido <i>ninguém</i></li> <li>▪ Advérbio <i>simplesmente</i></li> </ul>

Para concluir a exposição sobre os *ethè* específicos construídos nos textos portugueses, resta falar sobre a *imagem de lutador*. Em duas mensagens distintas (os estadistas eram diferentes) observou-se a negação dos verbos *resignar-se, desistir e deixar vencer*, mostrando-se uma vontade de lutar por uma causa ou um objetivo. Os textos apenas diferem na forma como se apresentam: na Pt2010 convoca-se a opinião do povo, ao passo que na Pt2014 produz-se uma comparação com os portugueses.

Materialidade linguística caracterizadora do <i>ethos</i> lutador
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo</li> <li>▪ Negação dos verbos <i>resignar-se, desistir, deixar vencer</i></li> <li>▪ Esquemas argumentativos: opinião popular e analogia</li> </ul>

De igual modo, nos textos brasileiros despontaram alguns *ethè* específicos. O primeiro a debater é o *ethos religioso*, materializado, sobretudo, por meio de referências a Deus. Se na Br2008, o Locutor se posiciona relativamente à religião demonstrando a sua crença (o verbo está na 1.ª pessoa do singular do PRES), na Br2011 transmite-se o ponto de vista de uma outra pessoa, neste caso uma mãe ou um pai, a partir do discurso direto.

A referência à religião é pertinente no Brasil, pois promove uma aproximação com o interlocutor. De acordo com os últimos dados estatísticos publicados em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a religião, somente 8% da população brasileira declara não seguir qualquer religião, 22,2% afirmam-se protestantes e 64,6%, católicos romanos. Pelos números apresentados, percebe-se que as alusões religiosas têm como objetivo aproximar o Locutor de uma grande fatia dos brasileiros.

Materialidade linguística caracterizadora do <i>ethos</i> religioso
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Expressão <i>graças a Deus</i></li> </ul>

Ainda na Br2008, particularmente no momento expositivo sobre a crise financeira mundial e sobre o impacto desta no país, identificaram-se alguns elementos linguísticos que promoveram o aparecimento da imagem de *tranquilizador*. De entre aqueles, destaca-se a escolha de adjetivos com sentido positivo para qualificar o estado atual do país.

Materialidade linguístico-argumentativa caracterizadora do <i>ethos</i> tranquilizador
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>nós nacional</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do plural</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Perífrase retrospectiva e progressiva</li> <li>▪ Verbos <i>ter</i> e <i>estar</i> (na forma afirmativa e negativa)</li> <li>▪ Adjetivos qualificativos <i>arrumada e organizada, saudável, melhor, robustas</i></li> <li>▪ Advérbio no superlativo <i>muito bem</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo falacioso <i>opinião popular</i></li> </ul>

Apesar de as formas verbais e os pronomes possessivos se encontrarem na 1.ª pessoa do plural, este *ethos* é uma expressão da identidade do Locutor e não de um coletivo, como por vezes sucede. Para a instância cidadã, um líder político deve ser uma espécie de pastor que regula, impõe, mas tranquiliza o seu “rebanho” quando necessário.

Uma das imagens mais marcantes em toda a investigação devido à sua singularidade surgiu na mensagem Br2010, especialmente durante o período em que se realiza uma análise sobre o impacto da governação. Para construir a imagem de *homem de povo*<sup>90</sup>, foi mobilizada a seguinte materialidade linguística:

Materialidade linguístico-argumentativa caracterizadora do <i>ethos</i> homem do povo
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Pretérito Perfeito Simples do Indicativo</li> <li>▪ Oração condicional</li> <li>▪ Complementos oblíquos pedidos pelo verbo <i>vir</i> (<i>das profundezas da alma popular, do berço pobre que tive</i>)</li> <li>▪ Verbo <i>sentir-se</i> e <i>saber</i></li> <li>▪ Expressões <i>a gente, um brasileiro comum, chefe de família</i></li> <li>▪ Nomes <i>dores, preconceitos, irmãos</i></li> <li>▪ Adjetivos <i>popular e pobre</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo <i>analogia</i></li> </ul>

<sup>90</sup> A este propósito convém referir que a campanha de Lula da Silva foi desenvolvida em redor da imagem do “homem do povo”, que exercia uma profissão similar ao cidadão comum, mas que ascendeu a um cargo superior em virtude do seu esforço e talento (Bezerra e Lima, 2009). A apresentação do percurso profissional e político de Lula contribuiu para construir no imaginário coletivo a ideia de *self-made-man* e para suscitar a empatia do auditório, que se identifica com ele (*idem*).

Estreitamente relacionado com o imaginário do homem que vence pelo seu esforço, está o *ethos de vencedor*. Para a sua construção, muito contribuíram os verbos escolhidos (“vencer”, “superar”, “não fracassar”), pedidos pelo sujeito “uma pessoa do povo”.

Materialidade linguístico-argumentativa caracterizadora do <i>ethos vencedor</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expresso <i>uma pessoa do povo</i></li> <li>▪ 3.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Presente do Indicativo</li> <li>▪ Oração temporal</li> <li>▪ Verbo <i>vencer, superar e não fracassar</i></li> <li>▪ Expressões <i>primeiro operário presidente, qualquer dificuldade, dificuldades gigantescas</i></li> <li>▪ Nomes <i>dores, preconceitos</i></li> <li>▪ Adjetivos <i>popular e pobre</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo <i>analogia</i></li> </ul>

Esta imagem, à semelhança de outras, deve ser usada com moderação<sup>91</sup>, pois a menção ao sucesso pessoal pode ser entendida pelo auditório como uma forma de se vangloriar. Possivelmente por isso, nesse mesmo excerto, os elementos linguísticos reúnem-se para construir uma *imagem de humildade*, uma virtude muito valorizada pelos cidadãos e especialmente professada na religião cristã e judaica. Segundo Button:

Humility is an essential spiritual quality that prepares the righteous believer to stand in an appropriate relationship of awe, obedience, and worship to a creator God (...) humility is a quality of spirit aimed at combating the greatest and most debilitating form of human sin: pride or vanity. (2005, p.842)

O *ethos humilde* refere-se ao indivíduo, motivo pelo qual as formas verbais se encontram na 1.ª pessoa do singular. Como integra uma sequência narrativa, durante a qual se expõe o percurso de vida do Locutor, os verbos estão no PPFS, o que manifesta a humildade perante uma situação específica cristalizada no tempo.

<sup>91</sup> Charaudeau fala, por exemplo, no cuidado a ter durante a construção da *imagem de comandante*, pois o uso excessivo pode conduzir a recriminações por parte do auditório (2013, p.160).

Materialidade linguística caracterizadora do <i>ethos</i> humilde
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito subentendido <i>Eu</i></li> <li>▪ 1.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Pretérito Perfeito Simples do Indicativo</li> <li>▪ Oração Condicional</li> <li>▪ Verbo <i>ter</i></li> <li>▪ Nome <i>mérito</i></li> <li>▪ Determinante indefinido <i>algum</i></li> </ul>

Para além da virtude anteriormente indicada, a seriedade também é bastante apreciada pelo auditório. A demonstração de seriedade é fundamental para a imagem de qualquer político, embora se trate de um conceito muito abstrato e muito dependente da representação de cada indivíduo. Todavia, existem alguns comportamentos associados à seriedade, nomeadamente o cumprimento/respeito dos contratos, a confiança, a honestidade e a virtude. Charaudeau (2013, p.124) afirma que, no momento da escolha dos líderes políticos, os cidadãos procuram um representante reto e honrado; logo, a construção da imagem de seriedade tem como intuito responder às expectativas iniciais do eleitorado, fazendo crer pelo que é dito que se possui essa qualidade.

De acordo com os dados linguísticos obtidos, nos textos em análise o *ethos sério* é um atributo do governo e não do Locutor individual. O recurso ao sujeito “o governo” ou ao *nós institucional* indicam claramente que se pretende estender aquela virtude a todos os elementos do executivo e, assim, aumentar a credibilidade deste.

Materialidade linguístico-argumentativa caracterizadora do <i>ethos</i> sério
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expreso <i>o governo e nós institucional</i></li> <li>▪ 3.ª pessoa do singular e 1.ª pessoa do plural</li> <li>▪ Verbos <i>confiar e respeitar</i></li> <li>▪ Adjetivo <i>empenhado</i></li> <li>▪ Expressões <i>não abrir mão de apoiar o combate à corrupção</i></li> <li>▪ Esquema argumentativo <i>consequência</i></li> </ul>

Por fim, identificaram-se algumas marcas que, em conjunto, dão origem à imagem de pedagogo. O uso de frases que têm como sujeito um nome comum (“crise”, “time”) e que predicam sobre este uma série de informações visa o

esclarecimento do auditório. Mais ainda o recurso à voz passiva, utilizada frequentemente na descrição de factos, bem como as figuras de estilo e isotopias (que procuram explicar um tema a partir da aproximação com uma realidade familiar ao auditório), contribuem para o aparecimento do *ethos pedagogo*.

Materialidade linguístico-argumentativa caracterizadora do <i>ethos pedagogo</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sujeito expreso <i>a crise, o time</i></li> <li>▪ 3.ª Pessoa do singular</li> <li>▪ Presente e Pretérito Perfeito Simples do Indicativo na voz passiva</li> <li>▪ Expressão deôntica <i>é preciso</i></li> <li>▪ Isotopia do jogo</li> <li>▪ Figuras de estilo: metáfora, hipérbole, comparação</li> <li>▪ Esquema argumentativo <i>analogia</i></li> </ul>

## 7.2. Análise da influência de factores externos nos *ethè textuais*

Ao longo dos capítulos anteriores foram sendo apresentados os elementos linguísticos que estão na base da construção de diversos *ethè*. Em paralelo, foram sendo referidos alguns aspetos que podem influenciar quer a materialidade linguística, quer a própria seleção das imagens, como por exemplo a cultura e o *pathos*. Estes dois fatores são efetivamente muito importantes para a análise contrastiva dos resultados, uma vez que constituem, em grande medida, os motivos que justificam as diferenças evidenciadas.

Em seguida, explorar-se-á, de forma breve, o impacto destes conceitos sobre os *ethè*, com vista a obter possíveis justificações para os resultados obtidos.

### 7.2.1. Aspetos culturais

O entendimento da cultura que subjaz os produtos textuais é fulcral para compreender a materialidade linguística selecionada e, conseqüentemente, os *ethè*. Todavia, trata-se de uma tarefa complexa, porque a noção de cultura é bastante polissémica em virtude de ser trabalhada por diferentes disciplinas.

A leitura do verbete do dicionário *online* Infopédia<sup>92</sup> descreve as múltiplas aceções da palavra, das quais se destacam as seguintes: a) conjunto dos conhecimentos adquiridos que contribuem para a formação do indivíduo enquanto ser social; saber; b) conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança de uma comunidade ou grupo de comunidades; c) sistema complexo de códigos e padrões partilhados por uma sociedade ou um grupo social e que se manifesta nas normas, crenças, valores, criações e instituições que fazem parte da vida individual e coletiva dessa sociedade ou grupo.

Nesta investigação, o conceito de cultura está mais próximo da alínea c), da qual se destaca a palavra “partilhados”. Com efeito, a ideia de partilha é central para entender a cultura, pois o indivíduo não está isolado do mundo, está, pelo contrário, integrado numa sociedade que possui um sistema de valores e crenças que podem condicionar a sua formação e o seu percurso (Rastier e Bouquet, 2002).

Quando um indivíduo nasce é confrontado com um mundo construído, o que facilita a sua gestão quotidiana, pois tem ao seu dispor um repertório de práticas para aplicar, cuja eficácia está comprovada (d’Iribarne, 2008). Porém, esse mundo construído é continuamente desenvolvido e modificado pelos membros que integram a comunidade. Deste modo, pode-se dizer que a mutabilidade é uma característica basilar do conceito de cultura, pois está sempre dependente da ação e do livre arbítrio dos indivíduos (d’Iribarne, 2008). Para clarificar este posicionamento, transcreve-se uma afirmação de Giddens (1974), presente em d’Iribarne, que, embora na sua génese não tivesse o intuito de demonstrar a correlação entre aqueles dois conceitos, o faz com muita clareza:

Toute reproduction sociale s’enracine dans l’application réitérée et informée des règles et des ressources par les acteurs au sein de contextes sociaux situés. [...] Les systèmes sociaux sont perpétuellement produits et reproduits par les participants qui les constituent. Aussi le changement, ou sa potentialité, est inhérent à tout moment de la reproduction sociale. (d’Iribarne, 2008, p.133)

D’Iribarne (2008) considera que a cultura orienta o discurso praticado por uma comunidade de locutores e que, por esse motivo, a cultura é que origina a língua.

---

<sup>92</sup> Consultar <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/cultura>.

Também os interacionistas, nomeadamente Kerbrat-Orecchioni, consideram que a língua, enquanto produto e retrato da sociedade, está ancorada na cultura, a qual, por seu turno, se vê refletida na língua.

La langue est tout à la fois une composante et un véhicule de la culture (cette notion recouvrant l'ensemble des savoirs et croyances, dispositions et normes, manières de dire et de faire propres à une communauté particulière). (Kerbrat-Orecchioni, 2002, p.35)

La culture imprègne l'ensemble des discours produits par la communauté parlante. (Kerbrat-Orecchioni, 2002, p.37)

Como tal, a análise linguística de um texto ou de uma interação tem de incluir a observação do contexto cultural no qual se desenrola a troca comunicativa (Kerbrat-Orecchioni, 2007, p.13), pois no mesmo país podem existir variações regionais e sociais, em função da história e da experiência, como dizem Goddard e Wierzbicka (2004). Sobre esta situação, d'Iribarne dá o exemplo de algumas línguas e das suas variações em função da comunidade de falantes, no qual poderia ter incluído o caso do Português Europeu e do Português do Brasil:

Une même langue (le français, l'anglais, l'espagnol, etc.) peut être associée à des manières différentes de parler du monde, associées à des scènes de référence elles aussi très différentes, dans des communautés différentes d'utilisateurs (Français, Belges francophones et Québécois; Mexicains et Argentins; etc.). (2008, p.152-153)

Esta relação entre língua e cultura tem vindo a ser debatida por muitos estudiosos, pois trata-se de uma questão que está na base das sociedades, ou seja, a crença de que a existência de uma língua única, partilhada por todos os cidadãos de uma nação, contribui para a identidade nacional. A importância da língua para a construção do sentido de comunidade, foi assim expressa por Charaudeau:

Il est clair que la langue est nécessaire à la constitution d'une identité collective, qu'elle garantit la cohésion sociale d'une communauté, qu'elle en constitue d'autant plus le ciment qu'elle s'affiche. Elle est le lieu par excellence de l'intégration sociale, de l'acculturation linguistique, où se forge la symbolique identitaire. (2001, p.342)

No entanto, este autor frisa que as condições de uso de uma língua são fundamentais para se compreender a cultura, caso contrário poder-se-ia assumir que todos os países que usam a língua portuguesa partilham os mesmos traços culturais, o que não é verdade como se observou durante a presente investigação. Em virtude deste facto, Charaudeau considera que se deveria falar na relação entre discurso e cultura.

Ce ne sont ni les mots dans leur morphologie ni les règles de syntaxe qui sont porteurs de culturel, mais les *manières de parler* de chaque communauté, les façons d'employer les mots, les manières de raisonner, de raconter, d'argumenter pour blaguer, pour expliquer, pour persuader, pour séduire. (2001, p.343)

De acordo com a hipótese «Sapir-Whorf» (Kerbrat-Orecchioni, 2002, p.36), a forma diferenciada como cada língua incorpora categorias culturais e cognitivas influencia o modo de pensar dos falantes de duas formas: as categorias linguísticas condicionam a visão do mundo e a materialidade linguística permite identificar e compreender aspetos culturais. Partindo desta segunda opção, e porque se entende, tal como Rastier (2001)<sup>93</sup>, que só se compreende uma cultura quando se compara com outras, procedeu-se à análise contrastiva das mensagens portuguesas e brasileiras.

Durante as secções 7.1.2. e 7.1.3. apresentaram-se as especificidades linguísticas registadas durante a construção dos *ethè* comuns e específicos e avançaram-se diversas explicações para as mesmas. Algumas das diferenças observadas decorrem da utilização da língua em cada uma das variedades (por exemplo o uso da perífrase *estar a + infinitivo* em Português Europeu e *estar + gerúndio* em Português do Brasil), mas outras podem ser resultado da cultura do país e do imaginário sociocultural do auditório.

Nesse âmbito, a análise do *corpus* permitiu determinar que os *ethè* criados pelos estadistas portugueses e brasileiros apresentam polarização distinta, tendendo, no caso das mensagens portuguesas, para o *ethos coletivo* e, nas mensagens brasileiras, para o *ethos individual*. De facto, nos textos portugueses adotou-se com

---

<sup>93</sup> De acordo com Rastier, “uma cultura não é uma totalidade: ela se forma, evolui e desaparece nas trocas e nos conflitos com as outras. Uma semiótica das culturas deve a si mesma [...] ser diferencial e comparada, porque uma cultura apenas pode ser compreendida de um ponto de vista cosmopolita ou intercultural: para cada uma é o conjunto das outras culturas que faz o papel de corpus” (2001, p.281).

frequência o *nós nacional* para convocar valores, crenças e ideais socialmente partilhados, como por exemplo da comunidade, dos heróis navegadores e lutadores ou da Pátria. Este posicionamento pode ser uma tentativa do Locutor contrariar a imagem desfavorável da sociedade portuguesa em relação à política e, por extensão, aos políticos, considerados arrogantes e egocêntricos (Marques, 2008). O *nós institucional*, que personifica o conjunto governativo, é também muito recorrente nestas MFA, sobretudo durante a exposição de ações implementadas ou a implementar. Por meio deste sujeito, indica-se que as tomadas de decisão nunca são da exclusiva responsabilidade do Chefe de Governo, mas sim de um coletivo, a quem se podem atribuir diversas características, como por exemplo a competência ou a capacidade de agir. Em suma, a adoção de um tom impessoal ou coletivo tem como objetivo diluir a individualidade.

No outro polo encontram-se as mensagens brasileiras, onde se observa um Locutor mais individualizado. A coloquialidade e a familiaridade destas mensagens, manifestada por expressões quotidianas, pela utilização frequente da 1.ª pessoa do singular, pela interpelação do interlocutor (tratado por “você”<sup>94</sup>) e pelas apóstrofes, podem ser justificadas por diversas questões situacionais e culturais, tais como: o grau de escolaridade do público-alvo, a ideologia política (Partido dos Trabalhadores) dos agentes políticos envolvidos ou, ainda, pelo facto de o Brasil ser uma sociedade de contacto (Kerbrat-Orecchioni, 2002), onde prevalece um estilo comunicativo de proximidade. De acordo com os dados do Tribunal Superior Eleitoral (2015), da população que vota apenas 6% tem o ensino superior e 17% o ensino médio completos; por oposição, 29% e 19% dos inquiridos afirmaram não ter concluído o ensino fundamental e o ensino médio, respetivamente, e 5% declararam-se analfabetos. Estes dados podem ter impacto sobre a construção do *ethos* e do próprio estilo adotado nos textos, pois há uma certa necessidade de utilizar uma terminologia acessível ao eleitorado.

No que respeita as saudações e apóstrofes, verificou-se que as adotadas nos textos portugueses apresentam um grau de sobriedade e de distância próxima das saudações francesas; pelo contrário, as utilizadas no contexto brasileiro revelam uma

---

<sup>94</sup> Corresponde ao “tu” em português europeu.

maior proximidade. Kerbrat-Orecchioni, que estudou estes elementos lexicais, defende que a heterogeneidade manifestada deriva da cultura.

Les salutations françaises marquent généralement une relation égalitaire, et sur l'axe «horizontal», une relation plus ou moins distante ou familière selon leur réalisation [...] la société brésilienne est incontestablement une société «à contact» et à «éthos de proximité». (2007, p.14)

De acordo com os dados recolhidos, parece viável afirmar que os *ethè particulares* têm uma forte influência cultural. A construção do *ethos religioso* nos textos brasileiros, por exemplo, pode ser motivada pela percentagem de crentes no Brasil (ascende a 86,8%) e pelo facto de o Locutor procurar estabelecer uma relação de proximidade com o auditório, recorrendo assim a um tema que lhe é caro. Segundo um estudo de Oro, realizado com políticos do Estado do Rio Grande do Sul, 64% dos vereadores e 79% dos deputados “*consideram que a imagem de um político está socialmente comprometida caso se afirme sem vínculo religioso*” (2001, p.167). Ainda que em Portugal apenas 6,8% se declare sem religião (Instituto Nacional de Estatística, 2012) e 81% se afirme católica, procura-se, nas intervenções políticas, fazer uma separação clara entre Estado e Igreja, cumprindo a doutrina política e legal de um estado laico. Talvez por este motivo, não existam expressões de cariz religioso nos textos portugueses que integram o *corpus* desta investigação.

Por seu turno, o *ethos patriota*, presente nas mensagens portuguesas, é justificado pelo sentimento de união nacional. Tratando-se Portugal de um país que conquistou diversos territórios além-mar, o território português sempre esteve espalhado pelo mundo e não confinado a um único espaço. De acordo com Mendes (1966), o sentimento patriótico é potenciado pela memória das conquistas marítimas portuguesas e talvez por tudo isto se mantenha o sentido de coesão, mesmo com as comunidades que se encontram em outras partes do globo. Para além disso, possivelmente também subsistem alguns vestígios do patriotismo exaltado durante o Estado Novo<sup>95</sup>.

---

<sup>95</sup> O célebre cartaz “Deus, Pátria e Família” reunia os princípios ideológicos defendidos pelo Estado Novo.

Quanto às diferenças observadas nos *ethè comuns*, julga-se que algumas possam derivar da cultura. Entre elas, o facto de nos textos brasileiros a imagem de competência implicar a descrição pormenorizada dos projetos implementados, referidos inclusivamente pelo nome, por contraponto com a concisão presente nos portugueses. Esta opção tem implicações ao nível da dimensão dos textos, tornando os primeiros claramente mais longos do que os segundos. Pode-se alvitrar que uma das motivações para esta diferença advenha do facto de no Brasil se aproveitar este momento de pronunciamento à nação para divulgar os projetos, chegando assim a mais cidadãos, ou ainda do facto de em Portugal a intervenção coincidir com o período temporal em que ocorre o tradicional jantar de Natal, pelo que é necessário ser mais sucinto porque há menos disponibilidade por parte dos portugueses para ouvir o Locutor.

### 7.2.2. Relação entre *ethos* e *pathos*

Aristóteles considerava o *ethos*, o *pathos* e o *logos* como as três provas do discurso, definindo a segunda como as disposições que se incutiam ao auditório por meio do discurso. De acordo com este autor, estas três componentes deviam ser analisadas de forma integrada, razão pela qual não se podia construir uma imagem de si (*ethos*) sem considerar as emoções (*pathos*) que este desencadeava ou que lhe estavam associadas e os argumentos (*logos*) apresentados.

Desde então, muitos têm sido os autores que estudam a relação entre o *ethos* e o *pathos*, uma vez que faz parte da dinâmica que se desenrola entre os interlocutores de uma interação. E muitos também têm sido os termos utilizados para fazer referência ao *pathos*, designadamente emoções. Assim, nesta tese, as palavras “emoção” e “emotivo” estão sempre ligadas àquele.

Segundo Plantin (2012), *ethos* e *pathos* estão intimamente relacionados, pois o Locutor constrói no discurso as emoções e, simultaneamente, uma certa imagem de si. Esta possui uma estrutura patémica<sup>96</sup>, na medida em que a emoção manifestada no discurso se vai refletir forçosamente sobre si mesmo.

---

<sup>96</sup> Em francês “*pathémique*”, adjetivo construído a partir do conceito de *pathos*.

As emoções que o Locutor faz passar pelo seu discurso ou que lhe são atribuídas são geradas como resposta a um estímulo (S), a uma situação vista sob uma certa perspectiva, o que significa que o mesmo acontecimento pode resultar em emoções diferentes, dependendo de como é analisado.

L'émotion ne surgit pas de manière accidentelle, comme un moment de folie qui s'insère dans la linéarité d'une conduite exclusivement rationnelle: un mouvement de joie ou de colère, de peur ou de peine, a toujours une raison, une cause, qu'il est possible de comprendre.  
(Cigala, 2008, p.27)

De acordo com a linha retórica, da qual faz parte Amossy, as emoções constituem uma ferramenta de persuasão, em virtude dos efeitos que exercem sobre o ânimo e sobre os comportamentos do auditório. Como tal, o *pathos* deve ser visto como uma estratégia usada pelo Locutor para influenciar o ânimo do outro, recorrendo a uma causa externa, normalmente o discurso.

[Le pathos est] l'effet émotionnel produit sur l'allocutaire [...] la disposition dans laquelle il faut mettre l'auditoire pour réaliser un objectif de persuasion (2000b, p.170)

Já os que se dedicam à análise linguística da argumentação adotam uma posição diferente. Walton (1992), que analisou o espaço das emoções no campo jurídico e político, focou-se nas estratégias utilizadas para atacar ou questionar o *ethos* do orador, nomeadamente os esquemas argumentativos. Para este autor, existem alguns mais eficazes na produção de enunciados emotivos, em particular os argumentos falaciosos *ad misericordiam* (piedade), *ad populum* (opinião popular), *ad baculum* (força ou medo) e *ad hominem* (ataque pessoal). Micheli (2010) entende que as emoções são, sobretudo, uma estratégia de legitimação, de reforço do posicionamento do Locutor, devido ao potencial argumentativo daquelas.

Esta aceção de *pathos*, por um lado, estabelece uma relação direta com o *ethos* e, por outro, advoga que as emoções têm um impacto sobre a cognição do auditório e, em última instância, sobre a sua capacidade de tomar decisões. Devido ao facto de as emoções serem construídas a partir de crenças e julgamentos que o sujeito realiza por causa de um objeto intencional, o efeito patémico está dependente dos imaginários

sociodiscursivos associados a dada temática (Charaudeau, 2000) e dos próprios envolvidos na interação.

Les émotions seraient à traiter au regard de jugements qui s'appuieraient sur les croyances que partagent un groupe social, et dont le respect ou non entraîne une sanction morale (louange ou blâme). À ce titre, les émotions sont bien un type d'état mental rationnel. [...] émotions et croyances sont bien indissolublement liées. (2000, p.131)

Charaudeau, na tentativa de classificar os efeitos patémicos, definiu aquilo a que denominou de «tópicos do *pathos*», muito usados no discurso político, nos quais se incluem os pares dicotómicos dor-alegria, angústia-esperança, antipatia-simpatia. Estes tópicos vão interferir com a construção do *ethos* e com a promoção do *pathos*, porque o sujeito falante sente a necessidade de se impor ao outro, criando uma imagem de si, e de estimular as emoções do interlocutor, usando estratégias discursivas emotivas que o persuadam e seduzam (2008). Deste modo, *ethos* e *pathos* são inegavelmente indissociáveis.

O estudo das emoções conduziu ao desdobramento do termo em várias categorias. Kerbrat-Orecchioni (2000, p.61), por exemplo, distingue três tipos: a emoção comprovada (*éprouvée*), a expressa (*exprimée*) e a suscitada (*suscitée*). As duas últimas relacionam-se, respetivamente, com o *ethos* e o *pathos* aristotélico, uma vez que se trata da emoção mostrada no discurso e da provocada no auditório. Entre estas duas não se pode estabelecer uma relação de compatibilidade direta, dado que a emoção suscitada não tem necessariamente de coincidir com a expressa. Relativamente à *emoção expressa*, a autora estabelece uma divisão que opõe a descrição denotativa (o Locutor faz referência à emoção sentida, tematizando-a) à conotativa (o Locutor não faz qualquer alusão a um estado emocional, mas a partir das suas palavras e dos seus comportamentos é possível depreendê-lo).

Por sua vez, Plantin (2008) defende que as emoções, construídas linguístico-discursivamente, podem ser detetáveis direta ou indiretamente: respetivamente através de *enunciados de emoção* que designam a emoção envolvida, os quais recorrem por seu turno a *palavras de emoção*, ou através de comportamentos de um

sujeito ou de indutores de emoção. Estas descrições podem ser complementares, considerando-se, portanto, que a emoção é tanto *dita* como *mostrada* (Micheli, 2010).

Em relação às *palavras de emoção*, é necessário lembrar que o contexto, a situação em que estão inseridas, quem as emprega e o que elas encerram interferem com o desencadeamento da emoção (Charaudeau, 2008, p.51), pois as palavras, em geral, podem reenviar para diferentes realidades dependendo das sociedades (d'Iribarne, 2008)<sup>97</sup>. A citação de Lévi-Strauss, recuperada pelo último autor mencionado, manifesta a influência do ambiente sociocultural sobre a significação das palavras:

Le découpage conceptuel varie avec chaque langue. Les termes, note-t-il, n'ont jamais de signification intrinsèque; leur signification est "de position", fonction de l'histoire et du contexte culturel d'une part, et d'autre part de la structure du système où ils sont appelés à figurer. (d'Iribarne, 2008, p.148)

De facto, apesar de as emoções poderem ser analisadas de diferentes perspetivas, elas são fortemente condicionadas por aspetos culturais. Kerbrat-Orecchioni (2000) considera que cada sociedade associa uma emoção a uma dada situação. Por seu turno, Micheli (2010) afirma que os membros de uma comunidade partilham um repertório de situações, às quais estão associadas certas emoções e, portanto, para mobilizar uma dada emoção é necessário avaliar várias questões, nomeadamente: quem?, o quê?, onde?, quando?, como?, porquê?.

Mas existem outros fatores que influenciam as emoções, entre os quais: as pessoas afetadas (de acordo com Plantin (2008), a força emocional varia consoante a pessoa afetada pelo evento) e o tipo de situação (as emoções podem variar dentro de uma mesma sociedade, dependendo da relação entre os participantes e do seu estatuto, bem como do tipo de comunicação (Kerbrat-Orecchioni, 2000)). No *corpus* de análise desta investigação foi possível observar o uso de diversos recursos linguístico-

---

<sup>97</sup> Podem considerar-se como *palavras de emoção* as escolhas de itens lexicais politicamente (in)corretos. De acordo com Grice (1975), o objetivo do orador é corresponder à imagem aceite pela comunidade geral, logo vai procurar não ferir suscetibilidades nem atacar a face do outro, adotando comportamentos e usando palavras ditas politicamente corretas. O termo politicamente correto relaciona-se com a noção de polidez (politeness, em inglês), que pode ser entendida como uma estratégia para evitar o conflito ou para construir uma interação social cooperativa (Eelen, 2001, p.21; Watts, 2003, p.47).

argumentativos produtores de emoção, que, em certas situações, estavam associados à construção de *ethè*. Atente-se, em primeiro lugar, às imagens de si ligadas a emoções construídas a partir de lexemas específicos.

No exórdio da Pt2011, a *imagem de ouvinte*, construída a partir da referência aos momentos que o Locutor dedicou a ouvir os seus concidadãos, é ampliada, no entender da investigadora, pela emoção promovida no auditório com certas expressões (assinaladas a negrito) que o fazem transportar-se para um imaginário igual ou semelhante. Ao gerar esta empatia entre a situação relatada e a situação vivida pelos cidadãos, o Locutor valoriza o seu comportamento e pode inclusivamente aproximar o auditório da sua pessoa.

[ft<sub>1</sub>] Nestes últimos 6 meses, desde que tomei posse, ouvi muita gente de todo o País.

[ft<sub>2</sub>] Muitas pessoas partilharam comigo as suas **ansiedades por dívidas** que não conseguiam pagar, **frustrações por oportunidades que não aparecem**, **preocupações com o futuro dos seus filhos**.

Na Br2011, Dilma Rousseff inicia um momento expositivo sobre as ações a implementar no futuro, em particular as “políticas de apoio aos mais necessitados”, com a frase: “*Porém, uma coisa em especial aumenta a minha alegria*”. O nome “alegria” antecedido pelo possessivo e o especificador “em especial” verbalizam a emoção sentida (real ou ficcionada?) do Locutor, relativamente à capacidade de atuação do seu governo. Ao associar-se esta emoção ao *ethos agente em potência* confere-se-lhe uma certa factuality, isto é, passa-se a ideia de que algo vai efetivamente acontecer e justifica-se o sentimento referido.

No *ethos patriota*, específico das mensagens portuguesas, também se registaram alguns termos de emoção. A título de exemplo, recupera-se um excerto no qual se identificaram os nomes “reconhecimento e orgulho”:

Pt2010: [ft<sub>50</sub>] Aos militares das Forças Armadas e aos elementos das Forças de Segurança, que se encontram no estrangeiro, às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. [ft<sub>51</sub>] A todos **quero expressar reconhecimento e orgulho** pelo trabalho que desenvolvem honrando e dignificando o nome de Portugal.

A assunção de orgulho realizada pelo Locutor e a exposição dos motivos têm como objetivo provocar uma certa comoção e alegria no auditório, quer nos militares

diretamente envolvidos, quer nos seus familiares e amigos. Convém referir que, o *ethos patriota* é comumente construído durante a peroração, o que vem confirmar a teoria aristotélica de que aquela é um lugar propício à manipulação das emoções.

O *ethos grato*, específico dos textos portugueses, é produto e desencadeador de emoções, pois não só deriva de um sentimento do Locutor, como pretende gerar no auditório a emoção recíproca. Posto isto, é um exemplar perfeito de como *ethos* e *pathos* estão sempre em comunhão.

No *ethos humano*, construído durante a Pt2013, foram selecionados nomes (“desempregados”, “desemprego”, “sacrifícios”), adjetivos (“difícil” e “mais vulneráveis”), e verbos (“sofrer”), com carga emotiva, recuperando um conhecimento partilhado pelo auditório e, possivelmente, experimentado, para construir uma imagem de bondade e compaixão. No entender de Walton (1992), esse trecho poderia constituir um argumento falacioso *ad misericordiam*, na medida em que visa apelar à piedade do auditório.

Não obstante o peso da escolha lexical, a carga patémica dos *ethè* também é ampliada com os esquemas argumentativos.

Veja-se o caso do argumento falacioso *ad populum/opinião popular*, usado na Br2008 durante a imagem de tranquilizador: “*Todos concordam que somos um dos países mais preparados para enfrentar este desafio*”. Aqui convoca-se o ponto de vista de uma entidade desconhecida, materializada pelo indefinido “todos”, para sustentar a ideia de que o Brasil está preparado para enfrentar a crise. A ausência de uma clarificação quanto ao sujeito pode gerar alguma desconfiança no auditório/ouvinte mais atento, mas para a maioria pode ter um efeito pacificador.

Também na Br2009 se usa o esquema argumentativo falacioso *opinião popular*, mas agora para construir a imagem de profetizador: “*Hoje, o mundo inteiro não tem dúvida de que o Brasil já retomou seu ciclo de crescimento virtuoso*”. Antes desta frase tipográfica, o Locutor faz algumas previsões sobre o futuro, mas como estas podem ser questionadas, uma vez que são meras hipóteses, decide concluir o raciocínio com um argumento assente na seguinte premissa: “o mundo inteiro” aceita a proposição A (“o

Brasil já retomou o ciclo de crescimento”), então o auditório/ouvinte também a deve aceitar.

Em ambos os casos, o argumento falacioso *ad populum* pode dar origem a um sentimento de tranquilidade ou de desconforto, uma vez que causa alguma pressão social sobre o auditório/ouvinte.

Outro dos esquemas argumentativos com efeitos emotivos identificado no *corpus* foi o *ad hominem circumstancial*. Na Br2013, o ataque desferido aos adversários políticos visa questionar as suas qualidades morais. Com esta estratégia, o Locutor pretende instigar no auditório um sentimento de repúdio do outro, ao mesmo tempo que se destaca por ter o comportamento oposto. Assim sendo, o esquema argumentativo usado neste trecho ajuda na construção do *ethos comentarista crítico* e a emoção criada promove o aparecimento do *ethos empático*.

Br2013: [ft<sub>23</sub>] Nisso o governo teve uma ação firme, atuou nos gastos e garantiu o equilíbrio fiscal, atuou na redução de impostos e na diminuição da conta de luz. [ft<sub>24</sub>]  
Nesses últimos casos enfrentando duras críticas daqueles que não se preocupam com o bolso da população brasileira.

Em virtude desta breve análise, pode-se considerar que o *pathos* tem impacto no *ethos* e que a adoção de estratégias de promoção das emoções parece ser considerada durante a sua construção. No entanto, tal comporta sempre um risco, devido à volatilidade inerente aos seres humanos, que podem assim sentir algo diferente do antecipado.

Muito mais se poderia abordar sobre o uso do *pathos* na construção dos *ethè*, mas as limitações de espaço restringem este debate. No entanto, considera-se que foram aqui apontados, bem como nas secções anteriores (7.3.1. e 7.3.2.), muitos aspetos que mereciam ser desenvolvidos em trabalhos futuros.

### 7.3. Reflexão crítica

No que diz respeito aos *ethè*, existem algumas questões que merecem ser salientadas, em especial sobre a ocorrência de pontos comuns entre as duas variantes,

quer ao nível da materialidade linguística, quer ao nível do tipo de *ethè*. Em relação aos *ethè* comuns, observou-se o uso frequente das imagens de *agente em potência*, *competente* e *guia* nas mensagens portuguesas e brasileiras.

Para além disso, observou-se a existência de imagens específicas a uma variante da língua, como por exemplo o *ethos patriota* nas mensagens portuguesas, e de imagens comuns a ambas as variantes com materialidade linguística diferente, como é o caso do *ethos competente*. Neste âmbito, verificou-se que as diferenças linguísticas podem resultar do próprio uso da língua, a título exemplificativo veja-se o caso do *ethos agente* que em Portugal é construído com recurso à perífrase *estar a + infinitivo* e no Brasil com *estar + gerúndio*, ou podem resultar das escolhas do Locutor, sendo o caso mais evidente o léxico mobilizado.

De forma a compreender as motivações que subjazem às diferenças acima apontadas, abordou-se o papel da situação socioeconómica e da cultura no processo construtivo do *ethos* e refletiu-se sobre a relação daquele com o *pathos* e com os segmentos textuais em que ocorre.



## Capítulo VIII – Subgénero *Mensagem Final de Ano Política*

O presente capítulo visa dar resposta ao objetivo secundário delineado no início desta investigação que se refere à corroboração ou refutação da hipótese das Mensagens de Final de Ano poderem ser consideradas um novo subgénero textual de ‘intervenção política’. Para tal, aplicar-se-ão os componentes especificados no Capítulo III ao *corpus*. Importa referir que alguns dos critérios para identificar o subgénero são diferentes quando comparados aos utilizados para o *ethos*, nomeadamente os componentes situacional e material, mas outros recuperaram os elementos linguísticos usados na análise do *ethos*, como os componentes enunciativo, estilístico ou organizacional.

Os géneros textuais são instanciados socio-historicamente, como já se referiu no Capítulo III. Por este motivo, é necessário compreender a relação entre as atividades sociais e a utilização efetiva na língua, materializada em textos, dado que as primeiras influenciam a construção e a interpretação dos últimos. Os géneros não são apenas coibidos pela prática social e pela situação de comunicação, mas também pela evolução da sociedade numa perspetiva diacrónica. Dando conta dessa situação, Marcuschi (2002) falou recentemente dos géneros textuais emergentes, referindo-se às categorias que têm surgido em virtude das novas tecnologias de informação.

O género ‘intervenção política’ é constituído por diversas subcategorias, tal como foi possível apreciar com as referências a trabalhos de estudiosos nacionais e internacionais que se focaram no estudo de debates parlamentares, *outdoors* de propaganda, discursos presidenciais, entrevistas, entre outros. Este trabalho centrou-se particularmente nas intervenções políticas realizadas pelos Chefes de Governo durante o final do ano civil, as quais foram intituladas de Mensagens de Final de Ano, procurando-se avaliar a possibilidade de serem constituídas como um subgénero autónomo. A escolha do nome desta categoria resulta da combinação entre as designações utilizadas nos sítios oficiais dos Governos de Portugal e do Brasil, “Mensagem de Natal” e “Pronunciamento à nação por ocasião do final do ano” respetivamente, e procura promover a distinção com as “Mensagens de Ano Novo”

realizadas pelos Presidentes da República Portuguesa, por norma no dia 1 de janeiro. Vale reafirmar que os *corpora* desta tese são constituídos por textos produzidos pelos Chefes de Governo, correspondendo aos Primeiros-Ministros de Portugal e aos Presidentes da República do Brasil, em virtude das diferenças do regime político vigente.

As “Mensagens de Natal” efetuadas pelos PM portugueses remontam à década de 70, mais particularmente ao ano de 1975 com o Almirante Pinheiro de Azevedo a dirigir-se à nação. No entanto, de acordo com notícia publicada no Jornal i (2013), nos primeiros anos de democracia esta mensagem ainda não se tinha assumido como uma tradição, o que justifica a inexistência de textos pronunciados pelos Primeiros-Ministros Mário Soares (1976-1978) e Pinto Balsemão (1981-1983). Desde então, encontram-se nos registos da Radiotelevisão Portuguesa diversas intervenções dos Chefes de Governo ocorridas durante a época natalícia.

As intervenções do Presidente da República de Portugal ocorridas no 1.º de janeiro remontam a 1946, ano em que Carmona Rodrigues divulgou através da Emissora Nacional uma mensagem destinada “a todos os portugueses no mundo” (França, 2014). A partir dessa data, as intervenções dos Presidentes da República estão vinculadas a esse dia e também ao serviço radiofónico/televisivo estatal. As intervenções ocorridas na década de 80 passaram a ser difundidas pela Radiotelevisão Portuguesa (RTP), encontrando-se, nos registos desta estação, intervenções de Ramalho Eanes, Mário Soares, Cavaco Silva, entre outros. Importa salientar que nos últimos anos, quando Cavaco Silva desempenhava as funções de Presidente da República, também foram divulgadas pequenas “Mensagens de Natal” que se destinavam a endereçar os votos de Boas Festas a todos os cidadãos portugueses, mas não inviabilizaram a ocorrência da intervenção no dia 1 de janeiro, mais extensa e com outra finalidade.

No contexto brasileiro, o “Pronunciamento à nação do Presidente da República” que, como referido ocorre antes do final do ano civil, remonta a 1939, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência durante o período ditatorial conhecido como Estado Novo ou a Terceira República Brasileira. Durante os anos seguintes foram sendo produzidas diversas mensagens, independentemente do regime político em

vigor, encontrando-se textos de Juscelino Kubitscher (a 31 de dezembro de 1958, através do microfone da rádio “Voz Brasil”), Costa e Silva (a 31 de dezembro de 1968), Geisel (a 29 de dezembro de 1976), José Sarney (a 24 de dezembro de 1987), Itamar Franco (a 30 de dezembro de 1992), Fernando Henrique Cardoso (a 23 de dezembro de 1997), até aos mais recentes contidos no *corpus* de análise da tese.

O percurso histórico acima descrito procura demonstrar o carácter rotineiro deste subgénero no que diz respeito à sua periodicidade. Todavia, sem uma análise diacrónica destes textos não é possível averiguar se os restantes componentes apresentam este mesmo carácter habitual ou se, pelo contrário, se observam mudanças determinadas pela evolução socio-histórica.

Partindo dos textos que compõem os *corpora*, procurar-se-á, nas próximas secções, aplicar os componentes genéricos definidos no Capítulo III, de modo a proceder a uma definição do possível novo subgénero Mensagens de Final de Ano. Em seguida, detalhar-se-á o plano de texto deste subgénero, apresentando alguns resultados sobre a análise contrastiva da segmentação textual observada durante a análise linguística realizada no Capítulo V.

## 8.1. Definição do subgénero

O objetivo secundário desta tese de investigação é avaliar a possibilidade de definir as Mensagens de Final de Ano como um subgénero autónomo do género político. Para tal, procedeu-se à aplicação dos componentes genéricos aos textos do *macro-corpus*, os quais foram adaptados dos trabalhos de género desenvolvidos por Maingueneau (1998) e Adam (2004).

Os componentes foram divididos em externos e internos por razões práticas e didáticas, mas, na realidade, estão em permanente interação. Para dar conta do seu dialogismo, adapta-se o esquema de Pinto (2010, p.157).



Para a aplicação destes componentes adotou-se uma abordagem descendente, referindo-se inicialmente os aspetos de ordem externa e depois, os de ordem interna.

O *componente discursivo* diz respeito ao conjunto de práticas sociais e históricas que marcam o texto. Na introdução deste capítulo já se falou na contextualização histórica deste subgénero textual, indicando a sua origem e a sua utilização nos dois países. Importa agora situá-lo no contexto social de uma perspetiva abrangente, ou seja, referindo as circunstâncias que normalmente permeiam este subgénero. Relembra-se que, no Capítulo VI, foram descritos, de forma detalhada, os panoramas socio-económico-culturais português e brasileiro no período a que se referem os textos do *corpus*.

O *componente situacional* engloba, entre outros, a *finalidade* a que se destina o subgénero. As Mensagens de Final de Ano têm dois objetivos: em primeiro lugar, servem para endereçar os votos de Bom Natal e Bom Ano Novo por parte do governo aos cidadãos, seguindo as normas de conduta da sociedade; em segundo lugar, visam manter a adesão do público ao governo e ao seu programa, apresentando um relatório, mais ou menos detalhado, do trabalho desenvolvido, das conquistas alcançadas, das lacunas a suprir, e expondo algumas das ações a implementar no futuro. Embora colocado aqui em posição secundária este é o propósito principal das MFA.

Relativamente ao *espaço de produção*, as Mensagens analisadas foram pronunciadas a partir da residência oficial dos Chefes de Governo, tratando-se em Portugal do Palácio de São Bento e no Brasil do Palácio do Planalto. Por norma, ocorrem numa sala preparada para o efeito, com decorações alusivas à época, e com um registo de formalidade, observável tanto na disposição dos seus elementos, como no próprio estadista. O *espaço de receção* varia em função do local onde se encontra o destinatário.

Quanto ao *momento de produção e de realização*, verifica-se a existência de um certo desfasamento, dado que os textos são preparados antes de serem lidos perante as câmaras de televisão. Trata-se, portanto, de uma intervenção encenada e planeada. Depois desta primeira etapa, as mensagens são partilhadas, sob forma escrita, nos meios de comunicação e nos sítios oficiais. Normalmente estes textos ocorrem antes

do dia de Natal, embora existam registos de outros realizados antes do final do ano civil (a Br2013 ocorre no dia 29 de dezembro).

As MFA são preparadas para serem ouvidas/lidas integralmente no momento da sua realização ou parcialmente *a posteriori*, o que significa que a sequencialidade das mensagens pode não ser respeitada. Estes factos podem influenciar a forma como as mesmas são construídas, procurando-se garantir que, independentemente das supressões realizadas, o conteúdo corresponde àquele que o seu produtor quer veicular.

Em virtude da finalidade subjacente, as MFA têm uma dupla *validade*: os temas, em especial as medidas passadas e futuras, referem-se a um período temporal muito específico, o que condiciona o seu interesse após o mesmo; no entanto, por estarem sempre disponíveis nos sítios oficiais dos governos, podem ser utilizadas como referência para estudos ou para simples consulta, sendo, portanto, válidas para alguns objetivos particulares.

O *componente material* diz respeito ao suporte utilizado. Já havia sido referido que as Mensagens de Final de Ano são atualmente produzidas para e difundidas pela televisão, o que significa que é necessário articular os elementos verbais, paraverbais e não-verbais. Porém, estas mensagens são simultaneamente veiculadas pela imprensa escrita, pelo que a escolha lexical, o encadeamento frásico e a organização dos conteúdos têm de ser criteriosamente ponderados.

Uma vez definidos os componentes externos, passa-se para a abordagem dos internos, começando pelo *componente semântico*. As Mensagens de Final de Ano desenvolvem-se em torno dos tópicos mais prementes no contexto socio-histórico. No caso dos textos que constituem o *corpus*, a temática central foi a crise económica e financeira que assolava o mundo. Se nas Mensagens portuguesas se abordavam as ramificações e impactos negativos desta crise, nas brasileiras falava-se do período de ascensão sentido naquele país que contrariava o percurso descendente da maioria dos países desenvolvidos. A escolha da temática tem implicações ao nível estilístico, condicionando o léxico e a argumentação.

Do ponto de vista *enunciativo* entende-se que nas MFA existem dois parceiros, embora os textos assumam um cariz monologal. Apesar do destinatário estar ausente da troca comunicativa, a sua influência é substancial, como se viu pelo seu impacto na construção do *ethos*. Os locutores (seres do mundo) correspondem ao Primeiro-Ministro (Portugal) e Presidente da República (Brasil), os quais possuem toda a legitimidade para falar das medidas implementadas ou a executar pelo governo e um vasto domínio da matéria. Como foi a instância cidadã que lhes permitiu desempenhar aquele cargo, assume-se que os locutores têm, perante o auditório, o compromisso de corresponder às suas expectativas, desempenhando condignamente o papel para o qual foram eleitos. Por outro lado, o destinatário, ou seja, os membros da comunidade, têm legitimidade para avaliar a performance do sujeito político e para reconhecer as medidas referidas.

É nesta interação entre as duas entidades que se co-controem os *ethè*, ou seja, as imagens construídas a partir das marcas linguísticas convocadas para o texto, que têm como objetivo provocar dada reação no outro (não tem necessariamente que implicar uma ação física, pode ser apenas mental/cognitiva). Como foi possível perceber pela análise textual desenvolvida no Capítulo VI, o *ethos* está relacionado com os componentes discursivo, situacional, organizacional, estilístico e semântico, os quais, por sua vez, se organizam em torno daquele.

Ao nível do *componente estilístico* verificou-se que as Mensagens de Final de Ano, devido ao contexto situacional em que decorrem, são revestidas de mais formalidade do que outras intervenções políticas. O simples facto de se tratarem de textos previamente produzidos permite um maior rigor e cuidado no tratamento da língua e na articulação das ideias. Não obstante o estilo do locutor, estas MFA são formais, com um registo de língua cuidado, sobretudo ao nível da construção frásica, embora procurem usar alguns termos do domínio corrente, para que sejam compreendidas por todos os cidadãos. A partir da análise do *corpus* parece lícito afirmar que os textos são marcados pela objetividade, privilegiando vocábulos claros, frases curtas, diretas e na afirmativa. Vale referir que o estilo individual ou funcional, conforme distinguiu Bakhtine (1997), não pode ser visto separadamente, assim como

não se pode falar em estilo sem considerar todos os outros componentes de um género.

O último *componente* é o *organizacional*, centrado na estrutura do texto. As Mensagens de Final de Ano organizam-se em torno de três momentos: os de descrição das medidas implementadas ou a implementar no futuro; os argumentativos, com vista à justificação ou corroboração de determinadas decisões; e os emotivos, que procuram suscitar as emoções do auditório. Estes momentos correspondem a segmentos textuais específicos (segmentos de orientação temática, segmentos de tratamento temático e segmentos emotivos) como se procurará evidenciar na próxima secção durante a qual se apresentam os resultados da análise textual do *corpus*. Antecipadamente, pode-se afirmar que a ocorrência destes momentos reveste-se de uma certa regularidade.

## 8.2. Componente organizacional: análise contrastiva

A componente organizacional é muito importante para o processo de produção e compreensão de um texto. Muitos autores falam em composicionalidade ou componente composicional, nomeadamente Bakhtine (1974) e Adam (1987, 2008), porém neste trabalho decidiu-se adotar a terminologia componente organizacional, como aliás já havia sido mencionado no Capítulo III, para aludir aos segmentos em que um texto se estrutura.

Como referido anteriormente, não havia registos relativos ao plano de texto adotado pelas Mensagens de Final de Ano, pelo que este se constitui como o objetivo secundário desta tese. Para compreender o nível organizacional dos textos do *corpus*, dividiu-se cada MFA em diversos segmentos, de acordo com a sua função no texto e a sua intenção comunicativa. Assim, os segmentos destinados à influência sobre as emoções do auditório foram classificados de *emotivos* (SE), os que visavam a introdução de temas foram denominados de *segmentos de orientação temática* (SOT) e os que abordavam efetivamente o tema, de *segmentos de tratamento temático*

(STT). De modo a executar a análise da componente organizacional usaram-se alguns dos mesmos recursos apontados para a identificação do *ethos* e outros de nível externo, presentes no Capítulo V.

A análise comparativa dos resultados revelou que a grande maioria das mensagens é iniciada com uma fórmula de abertura (somente em três mensagens portuguesas não houve qualquer saudação inicial) e seguida por um exórdio, no qual se contextualiza a ação. Este exórdio normalmente é breve, não excedendo os quatro parágrafos, também eles de pequena dimensão.

A parte comumente denominada de corpo de texto é composta por diversos segmentos de orientação e de tratamento temático. Após uma análise quantitativa, verificou-se que, em média, existem nos textos dois SOT e cinco STT.

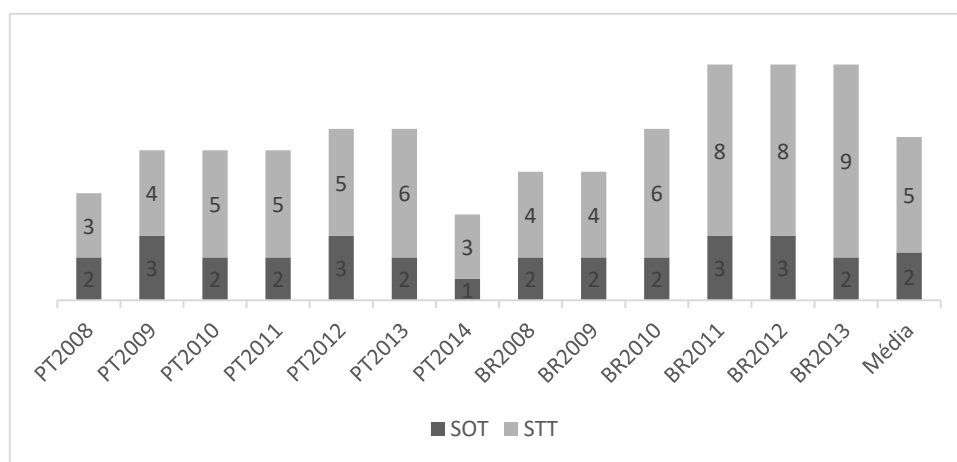


Gráfico 39 – Número de SOT e STT por mensagem

Desta comparação sobressaiu que os textos são homogêneos no que ao número de segmentos de orientação temática diz respeito, mas que há uma maior frequência de segmentos de tratamento temático nas mensagens brasileiras. Para esta análise descartaram-se os dados referentes à Pt2014, uma vez que não existia exemplar na variante brasileira do mesmo ano.

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Valor médio
<b>STT PT</b>	3	4	5	5	5	6	5
<b>STT BR</b>	4	4	6	8	8	9	7

Quadro 33 – Número de segmentos de tratamento temático por mensagem

Quanto à temática constatou-se que é mais frequente estes segmentos se dedicarem à reflexão sobre a performance do governo (média=3 STT/mensagem), do que à exposição de compromissos governativos futuros (média=2 STT/mensagem).

O contraste direto mostrou a superioridade de segmentos sobre a performance governativa nas mensagens brasileiras. Este dado é interessante, demonstrando que estas intervenções servem como um relatório de contas da atuação do governo brasileiro, que descreve com detalhe os projetos implementados. Muitas vezes estes projetos estão organizados por área de atuação (saúde, educação, economia), usando-se inclusivamente organizadores textuais para os demarcar.

A partir da análise da próxima tabela pode verificar-se que nos textos brasileiros, se tem vindo a registar um aumento do número de segmentos de tratamento temático sobre a performance do governo, podendo-se equacionar a existência de alguma pressão social para demonstrar a competência do governo.

		2008	2009	2010	2011	2012	2013	Valor médio
<b>Performance do governo</b>	PT	1	2	3	0	2	4	2
	BR	1	3	5	5	6	7	5
<b>Compromissos do governo</b>	PT	1	2	0	2	2	2	2
	BR	3	1	1	6	2	2	2

*Quadro 34 - Número de segmentos sobre performance e compromissos por mensagem*

Em relação a estes segmentos, convém salientar que não há uma regra que determine a ordem em que ocorrem, embora se tenha observado que a performance governativa é, por norma, abordada em primeiro lugar. Em alguns textos optou-se por dividir estes temas em dois blocos, ao passo que noutros se optou por intercalar a performance com os compromissos futuros. Posto isto, pode-se afirmar que dentro do bloco central do texto existe alguma liberdade organizativa, mas não temática.

Com a análise contrastiva apurou-se que nos textos portugueses há um maior número de segmentos emotivos.

	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>PT</b>	3	3	2	2	3	4
<b>BR</b>	2	2	2	2	4	2

*Quadro 35 - Análise comparativa dos segmentos emotivos por mensagem*

Em todas as mensagens registou-se a ocorrência de dois segmentos finais: a peroração, uma vez mais destinado a influenciar as emoções do auditório, e o encerramento, por norma composto pelos votos de Bom Natal e de Feliz Ano Novo.

No caso das Mensagens de Final de Ano Portuguesas, verificou-se que há uma tendência para se mencionar na peroração os Portugueses espalhados pelo mundo (comunidades no estrangeiro e militares). Duas mensagens fugiram a esta estrutura, em particular a Pt2011, na qual não há qualquer referência, e a Pt2013, que os refere no exórdio. Em virtude destes dados, considera-se que na estrutura das Mensagens de Final de Ano Portuguesas se deve reservar um espaço na peroração para referir os cidadãos deslocados.

Em suma, os dados apontam para uma estrutura organizativa dividida em seis partes, podendo, como já foi referido, existir alguma mobilidade nos blocos centrais: abertura, exórdio, performance do governo, compromissos futuros, peroração e encerramento. Esta organização está muito dependente das imposições inerentes ao contexto socio-histórico e à finalidade da interação; com efeito, procura-se nestas intervenções promover/conservar a adesão do auditório ao programa do governo, através da exposição dos resultados e da explicação das medidas implementadas.

As intervenções à nação planeadas, realizadas quer pelos PM, quer pelos PR ocorrem de forma relativamente esporádica, sendo reservadas para momentos decisivos da vida política e social (algum referendo, por exemplo) ou para circunstâncias marcadas pela tradição, como é o caso das MFA. De outra forma, as suas intervenções resumem-se a fragmentos seleccionados pelos meios de comunicação social ou a entrevistas dirigidas pelos mesmos. Assim, os momentos em que se dirigem a toda a nação em canal aberto, durante os quais controlam a informação, são aproveitados para demonstrar a competência do executivo e expor os planos em relação ao futuro. Por este motivo, parece natural que as MFA contenham dois grandes blocos informativos, um destinado às ações do governo e outro, aos compromissos.

Porém, como o pronunciamento decorre numa altura mais atreita ao sentimentalismo, nota-se um cuidado na seleção do vocabulário e na exploração dos temas, embora não seja possível fugir aos tópicos mais prementes da sociedade (no *corpus* analisado a temática mais abordada foi a crise económica).

A organização textual e o registo adotado exercem grande influência sobre os *ethè*, que procuram assim adequar-se ao objetivo do segmento em que se inserem. Os segmentos emotivos (exórdio e peroração), por exemplo, visam a manipulação do auditório, colocando-o num estado de espírito apropriado ora para receber a mensagem, no caso do primeiro, ora para realizar algumas ações sugeridas ao longo do texto, no caso do segundo. Com isto em mente, as imagens de si são, sobretudo, de índole emotiva e, muito frequentemente, usadas para caracterizar o indivíduo e não o coletivo-governo. Fala-se, por exemplo, dos *ethè* empático, humano, sério ou inclusivo, imagens estas pertencentes à categoria denominada de *ethè de personalidade*.

No decurso do texto, prescinde-se do registo patémico para abordar pragmaticamente alguns temas, entre eles a performance do governo. Nos segmentos narrativos destinados às medidas executadas pelo governo, fortemente vinculados pelos tempos do passado, os enunciadores assumem uma postura coletiva e fazem sobressair características muito vinculadas à função profissional que o locutor desempenha. Estas vão dar origem aos *ethè de função*, nos quais se incluem as subcategorias competente, líder, agente, tecnocrata, meritocrata, entre outros.

### 8.3. Reflexão crítica

A aplicação dos componentes de género realizada no início do Capítulo tentou provar que as Mensagens de Final de Ano podem ser consideradas como um subgénero textual autónomo, dentro do género ‘intervenção política’. Efetivamente, estes textos estão vinculados a uma prática social e têm vindo a perpetuar-se ao longo do tempo, não obstante as mudanças que vêm sendo introduzidas em decurso da evolução da própria sociedade. Além disso, têm um objetivo específico, apresentam uma regularidade ao nível do lugar e tempo da realização, da organização textual e do

suporte. Existem ainda aspetos comuns no plano enunciativo, nomeadamente o estatuto assumido pelos parceiros da troca linguística e também alguns *ethè*. No entanto, é aqui, tal como no plano estilístico, que a subjetividade do produtor/locutor mais se manifesta, dando espaço a variações no subgénero.

Durante esta breve exposição também se procurou demonstrar que o texto é um corpo dinâmico, que se constitui a partir da articulação entre os seus diversos componentes. Como tal, defende-se que as análises textuais devem ser plurais, de modo a abarcar toda a sua complexidade. Foi isso que se procurou fazer ao longo deste trabalho, embora em certos momentos tenha havido a necessidade de se separar os componentes por razões didáticas e metodológicas.

## Capítulo IX – Considerações finais

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de identificar a materialidade linguística utilizada para construir diferentes *ethè* e de apontar diferenças e/ou semelhanças em textos produzidos em Portugal e no Brasil. Com a análise contrastiva procurava-se compreender se o uso específico da língua, a cultura e o contexto socioeconómico podiam interferir nas *imagens de si*. Para esta investigação reuniu-se um *corpus* composto por 13 Mensagens de Final de Ano, pronunciadas pelos Chefes de Governo dos referidos países, o qual foi sujeito a uma análise mista. A observação qualitativa centrou-se em aspetos textuais, alguns dos quais submetidos a um exame quantitativo com vista à formulação de generalizações. Para além do objetivo acima referido, também se procurou reconhecer a estrutura composicional destes textos, a fim de responder à hipótese inicialmente levantada: poderão as Mensagens de Final de Ano constituir um novo subgénero textual dentro do género ‘intervenção política’?

Nesta secção, que não pretende ter um carácter conclusivo definitivo, abordam-se algumas das dificuldades, metodológicas e teóricas, sentidas no decurso da pesquisa, sintetizam-se os resultados obtidos e expõem-se alguns dos temas com potencial investigativo.

O início desta investigação ficou marcado por algumas dificuldades envolvendo a seleção do *corpus*, em virtude da pluralidade de intervenções existentes na prática política e da necessidade de encontrar textos que partilhassem aspetos metodológicos, nomeadamente o período de tempo, o tema, o estatuto dos participantes, entre outros. Depois de alguns testes, optou-se pelo estudo das mensagens pronunciadas no final de cada ano civil pelos Chefes de Governo durante um período temporal de sete anos (2008 a 2014). Infelizmente, no último ano a Mensagem de Final de Ano brasileira foi substituída por uma intervenção de tomada de posse, o que resultou na análise de apenas 13 mensagens em vez das 14 inicialmente previstas, facto que não poderíamos antecipar no momento da constituição do *corpus*.

Antes da construção do modelo de análise textual, revisitaram-se vários estudos nas áreas da retórica, da linguística dos textos e da argumentação, que forneceram importantes aportes para esta investigação. Neste sentido, apresentou-se, de forma breve, o conceito de género segundo a perspectiva de Maingueneau (2004), Adam (2001) e Bronckart (1996; 2006), e incidiu-se sobre o género na prática política, dando conta de trabalhos que tivessem por base textos políticos, como os de Adam, Charaudeau, Daher, Pinto, Marques e Menendez. O final do capítulo ficou marcado pela sistematização dos componentes genéricos.

No capítulo seguinte, procedeu-se à exploração da noção de *ethos*, primeiro em estudos retóricos (Aristóteles, Barthes, Perelman, Olbrechts & Tyteca) e depois em estudos discursivo-textuais, focando os contributos de Maingueneau, Adam e Charaudeau que se revelaram fundamentais para a definição do modelo de análise. Neste ponto, ainda se procurou estabelecer uma possível relação entre o *ethos* e o ISD, embora esta corrente nunca tenha utilizado o termo. Para concluir, foi ainda abordado o conceito de *ethos* na linha interacionista, nomeadamente com Plantin e Kerbrat-Orecchioni.

Para o modelo de análise textual, consideraram-se vários elementos apontados por autores que têm vindo a efetuar estudos na área da Linguística de Textos e de Géneros. Dentro da Linguística Textual, recuperaram-se alguns dos critérios de análise indicados por Adam (2008); do ISD, Bronckart (2006); da pragmática-interacionista, Kerbrat-Orecchioni (2002). Para além disso, buscaram-se informações dentro da argumentação, em especial nos trabalhos de Walton (1992). A fim de completar a descrição de algumas categorias com indicações relativas à língua portuguesa, recorreu-se aos trabalhos de Cunha & Cintra (1992), Mateus et al. (1989), Carreira (2001), Koch (2004), entre outros. Esta enumeração é reveladora da dimensão do trabalho conduzido para estabelecer um modelo de análise da materialidade linguística, opção tomada com vista a garantir a eficácia e fiabilidade da análise contrastiva.

A partir da análise textual do *corpus*, verificou-se que a construção de alguns *ethè* é transversal às duas variantes do Português, designadamente as imagens de

*líder, competente, agente em potência, agente, guia, profetizador, tecnocrata, ouvinte, empático, humano, inclusivo, meritocrata, comentarista crítico e analista.* Algumas destas imagens são formadas com base em elementos linguísticos distintos, mas também se constatou que muitas são construídas com recurso à mesma materialidade, independentemente da variante da língua, o que permite alegar que existem, de facto, marcas linguísticas características de determinadas imagens. Por exemplo, para a construção do *ethos agente em potência* deve-se adotar: a 1.ª pessoa do plural das formas verbais e pronominais, cujo sujeito é o *nós institucional*, ou a 3.ª pessoa do plural pedida pelo sujeito “o governo”; o PRES (com valor de futuro), o FUT ou a perífrase de futuro; as perífrases de desejo e de necessidade, que apontam para ações futuras; verbos de ação e indicadores temporais para localizar a ação.

Já para a formação do *ethos agente* deve-se recorrer a perífrases que transmitam a ideia de continuidade, nomeadamente “continuar a + infinitivo” ou “continuar + particípio passado + a”, “estar a + infinitivo” ou “estar + gerúndio”, “vir + gerúndio”, entre outras. Mais ainda, os verbos principais devem ser considerados verbos de ação. Através destas perífrases indica-se que a ação teve início no passado e que se pretende desenvolvê-la no presente, o que revela o espírito atuante do sujeito. Este assume uma postura coletiva neste tipo de pronunciamentos, optando-se pelo uso da 1.ª pessoa para indicar que se trata de uma característica comum a todo o executivo.

Por seu turno o *ethos competente* constrói-se com os verbos de ação no PPFS, normalmente na 1.ª pessoa do plural, e com a inclusão como complemento direto das medidas realizadas. Neste caso nota-se uma diferença entre os textos brasileiros e os portugueses, uma vez que os primeiros são bastante mais específicos do que os segundos.

Estes dados, bem como todos aqueles que foram sendo elencados ao longo deste trabalho, provam que existem marcas linguísticas caracterizadoras dos *ethè* e que o seu conhecimento pode facilitar a construção dos textos e o entendimento daqueles. Além disso, os resultados indicam que é, de facto, possível identificar os *ethè* exclusivamente a partir da materialidade linguística, conforme se tinha equacionado no início desta investigação.

Para além destas questões de ordem linguística foi possível observar que certas imagens estão associadas ao exercício de funções ou, em rigor, da função de PM ou PR, como é o caso do *ethos líder, competente, agente em potência* ou *analista*. Estas imagens correspondem, portanto, a competências necessárias à execução daqueles cargos governativos e não necessariamente a qualidades individuais. No entanto, também foram identificadas imagens que dizem respeito a traços de personalidade do indivíduo ou, por extensão, do governo, nomeadamente o *ethos humano, inclusivo* ou *empático*. O objetivo subjacente à manifestação destes *ethè* é passar uma imagem para o auditório que corresponda ao seu ideal de um político e de um ser humano. Posto isto, considera-se plausível a criação de duas novas categorias, o *ethos* de função e o *ethos* de personalidade, que englobariam as subcategorias acima reportadas.

Outro dado observado interessante, que vem ao encontro do posicionamento de Charaudeau, é a existência de *ethè* individuais e coletivos.

L'*ethos* étant affaire de perception à travers des représentations sociales qui tendent à essentialiser cette vision, il **peut concerner aussi bien des individus que des groupes**. Dans ce dernier cas, on a affaire au jugement qu'un groupe porte sur un autre quant à un trait de son identité. (Charaudeau, 2005, p.90, destaque meu)

Nas Mensagens de Final de Ano Portuguesas observou-se, com maior frequência, o surgimento de imagens coletivas em representação de todo o governo. Em capítulo anterior já se justificou que esta escolha pode constituir uma tentativa de manipular o auditório que, na sua globalidade, tem uma ideia adversa dos políticos (Marques, 2008). Assim, ao impessoalizar o discurso, o Locutor afasta-se da realidade que descreve, e, por outro lado, ao atribuir certas qualidades ao executivo está a ajudar a criar uma imagem positiva deste ou a tentar rebater a imagem negativa já existente. Não obstante a prevalência dos *ethè* coletivos, também se observaram alguns individuais, em especial o *líder* ou o *analista*. A opção de separar-se do governo nestes dois casos tem um objetivo estratégico; na verdade, não só permite demonstrar a sua qualidade enquanto gestor de um grupo e de um país, como também a sua capacidade reflexiva. Também alguns *ethè* de personalidade são de ordem pessoal e a sua utilização pode dever-se a três motivos: a necessidade de corroborar ou anular a imagem pré-concebida da sua pessoa; a necessidade de mostrar uma certa faceta em

virtude da situação económico-social vigente; e a necessidade de seduzir o auditório, usando para tal a emoção.

Durante o estudo também foi possível perceber que os *ethè* devem ser entendidos numa perspetiva globalizante e não de forma individualizada, pois em muitos casos há uma relação de interajuda. Por outras palavras, o poder persuasivo de *ethos* x pode ser ampliado por causa do *ethos* y ou a construção de x pode visar o aparecimento de y.

Por tudo isto, parece claro que o *ethos* é um conceito complexo, que resulta da interação entre Locutor e auditório, entre imaginário pessoal e social, entre real e textual, entre personalidade e dever. Ora, por viver da ligação entre estes aspetos, por implicar um processo contínuo de construção, avaliação e reconstrução, o *ethos* é *simbiótico*, pois é o produto da combinação de vários elementos.

A influência destes observa-se na materialidade linguística selecionada, provocando, muitas vezes, diferenças entre os textos pertencentes a variantes da língua distintas. Em consequência desse facto, destinou-se uma parte deste documento para o debate sobre o impacto da cultura, do *pathos* e do *logos*.

Uma das implicações de nível cultural relaciona-se com o tom adotado durante os textos, isto é, o registo de proximidade ou de distância imposto entre o Locutor e o seu auditório. Possivelmente por o Brasil se tratar de uma sociedade de contacto, como a denominou Kerbrat-Orecchioni (2002), há um tratamento pessoal do interlocutor, materializado na 2.ª pessoa do singular e do plural (você, vocês). Pelo contrário, os textos portugueses são mais formais, utilizando inclusivamente um registo de língua mais cuidado, como demonstram alguns vocábulos (por exemplo, “prezados concidadãos”). A proximidade/distância vai ter influência nas imagens construídas, registando-se um maior número de *ethè* de personalidade no Brasil do que em Portugal. As temáticas abordadas também estão profundamente dependentes do contexto socioeconómico de cada país, o que acarreta implicações nas imagens construídas. Se se atentar à situação vivida em Portugal percebe-se que o tema dominante é a crise económica e que, como tal, há uma maior necessidade de o Locutor se mostrar, a título de exemplo, compassivo com aqueles que sofrem (*ethos*

*humano*) ou atuante, indicando claramente o que foi feito e o que se pretende desenvolver no futuro (*ethè competente e agente em potência*).

Quanto ao *pathos*, tornou-se evidente, pela análise conduzida, que este é sempre considerado no momento de produção textual e de construção do *ethos*, uma vez que há a intenção de gerar no outro certa reação ou de revelar uma emoção. Anteriormente já se deu o exemplo do *ethos grato* que reúne, em si mesmo, estas duas vertentes: a gratidão, por um lado, é a demonstração de reconhecimento pessoal em relação à ação de outro, por outro gera um sentimento de reciprocidade, pois aquele que vê o seu trabalho/comportamento elogiado tende a sentir-se agradecido.

Mas esta investigação tinha um objetivo secundário que visava o reconhecimento das MFA como um possível novo subgénero textual. A aplicação dos componentes genéricos aos textos do *corpus* resultou na identificação dos seguintes aspetos: têm como *finalidade* principal manter a adesão do auditório ao programa do governo, detalhando a performance deste; são pronunciadas a partir da residência oficial dos Chefes de Governo num espaço preparado para o efeito; são planeadas antes de serem realizadas, ocorrendo normalmente antes do final do ano civil; são produzidas e difundidas pela televisão, sendo necessário articular elementos verbais e não-verbais; desenvolvem-se em torno dos temas mais prementes no contexto socio-histórico; respondem aos formalismos inerentes à situação comunicativa, embora exista margem para o estilo individual do locutor; os parceiros da comunicação têm papéis definidos, ou seja, instância política e instância cidadã. Quanto ao componente organizacional, verificou-se, a partir da análise textual conduzida, que os textos são compostos por três tipos de segmentos: os segmentos de teor emotivo (SE), os segmentos de organização temática (SOT), que se destinavam à introdução do assunto, e os segmentos de tratamento temático (STT), ao longo dos quais se explorava o tema. Os dados apontaram para a existência de uma estrutura de base, constituída por fórmula de abertura, exórdio, relatório de contas e de performance do ano anterior, apresentação de medidas a implementar no(s) ano(s) civil(is) seguinte(s), peroração e fórmula de encerramento.

De acordo com os resultados da análise, os segmentos intermédios, considerados SOT e STT, podem oscilar em número e em dimensão, dependendo dos assuntos a abordar. Estes segmentos revelaram-se mais extensos e pormenorizados nos textos brasileiros, fazendo-se referência específica a cada projeto e aos seus resultados; já nos textos portugueses, adotou-se um estilo mais generalista, apontando-se apenas os resultados alcançados nas grandes áreas de atuação.

Observou-se, também, que o exórdio e a peroração eram mais emotivos do que as restantes partes dos textos, registando-se nessa fase os exemplos mais marcantes de palavras de emoção, que dão origem a alguns *ethè* de personalidade com maior efeito patémico, como sejam o *ethos humano, patriota, ouvinte*, entre outros. Nos textos portugueses, constatou-se que um elemento recorrente da peroração era a menção às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, donde se pode perceber a existência de pequenas variantes próprias dos países onde são produzidos.

Posto isto, entende-se que em virtude dos componentes genéricos observados e das regularidades composicionais, as Mensagens de Final de Ano podem ser consideradas um novo subgénero dentro do género ‘intervenção política’.

A investigação aqui exposta deixa perceber que existem muitos outros aspetos a estudar futuramente no que concerne à construção textual dos *ethè* e à composição das Mensagens de Final de Ano. Em particular, considera-se que o estudo do impacto de aspetos situacionais sobre a materialidade linguística, nomeadamente a cultura e o *pathos*, pode ser o ponto de partida para novas investigações. Mais ainda, entende-se que seria interessante alargar o estudo contrastivo, não só a textos produzidos em outra atividade social (que partilhem a mesma finalidade), como também a outras línguas, de forma a verificar se existem, efetivamente, elementos linguísticos comuns na construção dos *ethè* e um plano de texto demarcado.

No que concerne ao segundo objetivo da investigação, a definição das MFA como um possível novo subgénero textual, considera-se que o alargamento do estudo a textos que remontassem ao início desta prática produziria dados mais concretos sobre a estrutura textual, os temas e os critérios de produção. De facto, o

levantamento diacrónico destes textos constituiria um argumento confirmatório ou refutatório da tese que aqui se apresenta e seria muito importante para verificar a influência dos aspetos externos no género. Mais ainda, entende-se que seria interessante realizar um estudo mais alargado aos componentes externos e internos do subgénero “Mensagens de Final de Ano”, dado que nesta tese não foi possível discutir, exaustivamente, estas questões.

## Bibliografia

### Lista de obras e artigos

- Adam, J.-M. (1987). Textualité et séquentialité. L'exemple de la description. *Langue française*, 51-72. Consulté le junho 02, 2015, sur [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr\\_0023-8368\\_1987\\_num\\_74\\_1\\_6435](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1987_num_74_1_6435)
- Adam, J.-M. (1996). L'argumentation dans le dialogue. *Langue française*, 31-49. Consulté le fevereiro 16, 2015, sur [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr\\_0023-8368\\_1996\\_num\\_112\\_1\\_5359](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1996_num_112_1_5359)
- Adam, J.-M. (1997). Genres, textes, discours: pour une reconception linguistique du concept de genre. *Revue belge de philologie et d'histoire*, 665-681. Consulté le março 03, 2014, sur [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rbph\\_0035-0818\\_1997\\_num\\_75\\_3\\_4188](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rbph_0035-0818_1997_num_75_3_4188)
- Adam, J.-M. (2001). Entre conseil et consigne: les genres de l'incitation à l'action. *Pratiques*, 7-38. Consulté le abril 10, 2015, sur [http://www.pratiques-cresef.com/p111\\_ad1.pdf](http://www.pratiques-cresef.com/p111_ad1.pdf)
- Adam, J.-M. (2001b). En finir avec les types de textes. Dans M. Ballabriga, *Analyse des Discours Types et genres: communications et interprétations* (pp. 25-43). Toulouse: Editions Universitaires du Sud.
- Adam, J.-M. (2004). Des genres à la généricité. L'exemple des contes (Perrault et les Grimm). *Langages*, 38, 62-72. Consulté le junho 02, 2015, sur [http://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_2004\\_num\\_38\\_153\\_934](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2004_num_38_153_934)
- Adam, J.-M. (2008). *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez.
- Adam, J.-M. (2011). *Genres de récits. Narrativité et généricité des textes*. Louvain-la-Neuve: Éd. L'Harmattan-Academia.
- Adam, J.-M., & Herman, T. (2003). Discours de combat et argumentation épideictique. *Champs du signe*, n°15, 137-157. Consulté le abril 20, 2016, sur [https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB\\_46B631BA5FA7.P001/REF](https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB_46B631BA5FA7.P001/REF)
- Amorim, C., & Sousa, C. (2014). *Gramática da Língua Portuguesa*. Porto: Areal Editores.
- Amossy, R. (2000). Pathos, sentiment moral et raison: L'exemple de Maurice Barrès. Dans C. Plantin, M. Doury, & V. Traverso, *Les émotions dans les interactions* (pp. 313-326). Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Amossy, R. (2000b). *L'argumentation dans le discours: discours politique, littérature d'idées, fiction*. Nathan: Nathan Université.
- Amossy, R. (2005). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto.

- Arendt, H. (2007). *The promise of politics*. Berlim: Schocken Books.
- Aristóteles. (1991). *Ética a Nicômano*. São Paulo: Nova Cultural.
- Aristóteles. (350). *Retórica* (éd. 2005). (M. A. Júnior, P. F. Alberto, & A. N. Pena, Trans.) Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Austin, J. (1986). *How to do things with words*. Oxford: University Press.
- Bakhtine, M. (1984). *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard.
- Bakhtine, M. (1997). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bally, C. (1932). *Linguistique générale et linguistique française*. Paris: Librairie Ernest Leroux.
- Barroso, H. (2000). Das perfrases verbais como instrumento expressivo privilegiado das categorias de natureza temporo-aspectual e simplesmente aspectual no sistema verbal do português de hoje. Dans E. Gärtner, C. Hundt, & A. (. Schönberger, *Estudos de Gramática Portuguesa (III)* (pp. 89-103). TFM: Frankfurt am Main .
- Barthes, R. (1966). L'ancienne rhétorique. *Communications*, n.º 16, 171-223.
- Benveniste, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard.
- Benveniste, E. (1974). *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard.
- Bezerra, A., & Lima, E. (2016, janeiro 23). *A Produção de Mitos na Política: A Imagem Pública de Lula no Cenário Midiático*. Récupéré sur [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt): <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-bezerra-a-producao.pdf>
- Bronckart, J.-P. (1996). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif* (éd. 1.ª). Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, J.-P. (2004). Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique. *Langages*, 38e année, n.º153 (Les genres de la parole), 98-108. Consulté le abril 17, 2014, sur [http://www.persee.fr/doc/AsPDF/Igge\\_0458-726x\\_2004\\_num\\_38\\_153\\_938.pdf](http://www.persee.fr/doc/AsPDF/Igge_0458-726x_2004_num_38_153_938.pdf)
- Bronckart, J.-P. (2006). *Actividade de linguagem, textos e discursos: por um interaccionismo sócio-discursivo*. Campinas: Mercado de Letras.
- Bronckart, J.-P. (2008). Genre de textes, types de discours et «degrés» de langue. *Texto!*, vol. XIII, n.º1, 1-96. Consulté le abril 18, 2014, sur <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>.
- Bronckart, J.-P. (2008b). Discussion de quelques concepts pour une approche praxéologique du langage. *Actes du 1er Congrès mondial de linguistique française*, (pp. 855-861). Paris. Consulté le março 03, 2015, sur <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:37515>
- Bronckart, J.-P. (2009). Os géneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. Dans J.-P. Bronckart, A. Machado, & M.

- Matencio, *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano* (pp. 121-160). Campinas: Mercado das Letras.
- Brown, P., & Levinson, S. (1987). *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: University Press.
- Button, M. (2005). "A monkish kind of virtue"? For and Against Humility. *Political Theory*, 33, 840-868. doi:10.1177/0090591705280525
- Carregueiro, N. (2012, abril 23). *Dívida pública de Portugal subiu para 190 mil milhões de euros em Fevereiro*. Récupéré sur Jornal de Negócios: [http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/diacutevida\\_puacuteblica\\_de\\_portugal\\_subiu\\_para\\_190\\_mil\\_milhotildees\\_de\\_euros\\_em\\_fevereiro.html](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/diacutevida_puacuteblica_de_portugal_subiu_para_190_mil_milhotildees_de_euros_em_fevereiro.html)
- Carreira, M. H. (2001). *Semântica e Discurso, estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês)*. Porto: Porto Editora.
- Cascardi, A., Hintikka, J., Porchat, O., Meyers, M., & Toulmin, S. (1994). *Retórica e Comunicação* (éd. 1.<sup>a</sup>). (M. M. Carrilho, Éd., & F. Martinho, Trad.) Porto: Edições ASA.
- Charaudeau, P. (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.
- Charaudeau, P. (1995). Une analyse sémiolinguistique du discours. *Langages*, 29e année, n°117, 96-111.
- Charaudeau, P. (1997). Les conditions d'une typologie des genres télévisuels. *Réseaux*, volume 15 n° 81, 79-101.
- Charaudeau, P. (2000). La pathémisation à la télévision comme stratégie d'authenticité. Dans C. Plantin, M. Doury, & V. Traverso, *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses universitaires de Lyon.
- Charaudeau, P. (2000b). Une problématisation discursive de l'émotion: à propos des effets de pathémisation à la télévision. Dans C. Plantin, M. Doury, & V. Traverso, *Les émotions dans les interactions* (pp. 125- 155). Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Charaudeau, P. (2001). Visées discursives, genres situationnels et construction. *Actes du colloque de Toulouse sur Textes, types et genres*. Toulouse.
- Charaudeau, P. (2005). *Le discours politique. Les masques du pouvoir*. Paris: Vuibert.
- Charaudeau, P. (2005b). Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. Dans M. Pauliukonis, & S. Gavazzi, *Da língua ao discurso : reflexões para o ensino* (pp. 1-27). Rio de Janeiro: Lucerna. Récupéré sur <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>
- Charaudeau, P. (2007). Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. Dans H. Boyer, *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène*. L'Harmattan. Consulté le maio 18, 2014, sur <http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les,98.html>

- Charaudeau, P. (2008). Pathos et discours politique. Dans *Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue* (pp. 49-58). Rennes: Presses universitaires de Rennes.  
Consulté le março 10, 2016, sur [http://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/2008\\_Pathos\\_Actes\\_Brest\\_.pdf](http://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/2008_Pathos_Actes_Brest_.pdf)
- Charaudeau, P. (2013). *Discurso Político*. São Paulo: Contexto.
- Cigada, S. (2008). *Les émotions dans le discours de la construction européenne*. Milão: Università Cattolica del Sacro Cuore.
- Cornilliat, F., & Lockwood, R. (2000). *Èthos et Pathos le statut du sujet rhétorique actes du Colloque International de Saint-Denis*. Paris: Honoré Champion.
- Costa, A., Peixoto, M., & Oliveira, M. (2014, abril 30). *Governo opta por saída limpa do programa da troika*. Récupéré sur [http://economico.sapo.pt/noticias/governo-opta-por-saida-limpa-do-programa-da-troika\\_192220.html](http://economico.sapo.pt/noticias/governo-opta-por-saida-limpa-do-programa-da-troika_192220.html):  
[http://economico.sapo.pt/noticias/governo-opta-por-saida-limpa-do-programa-da-troika\\_192220.html](http://economico.sapo.pt/noticias/governo-opta-por-saida-limpa-do-programa-da-troika_192220.html)
- Coutinho, A. (2003). *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Cruz, M. (1989). Nacionalismo e Patriotismo na Sociedade Portuguesa Actual: alguns resultados de um inquérito. *IDN - Revista Nação e Defesa*, N.º 49, 11-32. Consulté le dezembro 20, 2015, sur <http://www.idn.gov.pt/publicacoes/resumo/nd/049.pdf>
- Culpeper, J. (1996). Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, 349-367.  
Consulté le abril 20, 2015, sur  
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0378216695000143>
- Cunha, C., & Cintra, L. (1992). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá e Costa.
- Cunha, M., & Rego, A. (2012). Os quatro núcleos de competências de um líder. 1-8. Consulté le dezembro 07, 2015, sur <http://www.absexecutivos.com/investigacao/applied-knowledge/66-os-quatro-nucleos-de-competencias-de-um-lider>
- Daher, M. C. (2003). Imagens de enunciador nos discursos presidenciais de 1.º de maio. *the ESpecialist*, 24, 49-68. Consulté le maio 15, 2013, sur  
[http://www.corpuslg.org/journals/the\\_especialist/issues/24\\_special\\_2003/ARTIGO4.PDF](http://www.corpuslg.org/journals/the_especialist/issues/24_special_2003/ARTIGO4.PDF)
- Daher, M. C. (2007). Uma análise linguístico-discursiva do pronunciamento de Getúlio Vargas aos trabalhadores em 1º de maio de 1938. *Matraga*, 14, nº 20, 57-76. Consulté le janeiro 21, 2013, sur  
<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga20/arqs/matraga20a03.pdf>

- De Fornel, M. (1990). Sémantique du prototype et analyse de conversation. *Cahiers de linguistique française*, N.º 11, 159-178. Consulté le fevereiro 10, 2015, sur [http://clf.unige.ch/files/6614/4111/1588/09-DeFornel\\_nclf11.pdf](http://clf.unige.ch/files/6614/4111/1588/09-DeFornel_nclf11.pdf)
- Declercq, G. (1992). *L'art d'argumenter - Structures rhétoriques et littéraires*. Paris: Editions Universitaires.
- d'Iribarne, P. (2008). *Penser la diversité du monde*. Paris: Éditions du Seuil.
- Doury, M., & Moirand, S. (2005). *L'Argumentation aujourd'hui. Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle.
- Duarte, F. (2008). Portugal e as missões de paz no estrangeiro – algumas. (M. d. Estrangeiros, Éd.) *Negócios Estrangeiros*, 133-138.  
doi:<http://ftp.infoeuropa.eurocid.pt/files/database/000041001-000042000/000041722.pdf>
- Duarte, I. (2009). Futuro Perfeito e Condicional Composto: Mediático no Discurso Jornalístico em Português Europeu e em Português Brasileiro. *Congresso Internacional da Abralín*, (pp. 1-9). Consulté le maio 20, 2014, sur <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13504>
- Duarte, I. (2010). Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. Dans A. Brito, *Gramática : história, teorias, aplicação* (pp. 133-146). Porto: Fundação Universidade do Porto – Faculdade de Letras. Consulté le maio 15, 2014, sur <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8312.pdf>
- Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.
- Eagleton, T. (2000). *The Idea of Culture*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Eelen, G. (2001). *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Eemeren, F., & Grootendorst, R. (2004). *A Systematic Theory of Argumentation: The Pragma-Dialectical Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Eemeren, F., Grootendorst, R., & Henkemans, A. (2002). *Argumentation, communication and fallacies : a pragma-dialectical perspective*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Eggs, E. (2000). Logos, ethos, pathos: l'actualité de la rhétorique des passions chez Aristote. Dans C. Plantin, M. Doury, & V. Traverso, *Les émotions dans les interactions* (pp. 15 - 31). Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Fairclough, N. (2003). 'Political Correctness': the Politics of Culture and Language. *Discourse Society*, 14(1), 17-28. Consulté le abril 20, 2015, sur [https://www.researchgate.net/publication/249712998\\_Political\\_Correctness%27\\_the\\_Politics\\_of\\_Culture\\_and\\_Language](https://www.researchgate.net/publication/249712998_Political_Correctness%27_the_Politics_of_Culture_and_Language)
- Fallas, O. (2012). O impacto da crise econômica mundial sobre as Américas: O Efeito China. *Assembleia Plenária da ParlAméricas*, (pp. 1-10). Cidade do Panamá. Consulté le

- fevereiro 20, 2015, sur <http://parlamericas.org/uploads/documents/PA9%20-%20Solis%20Fallas%20-%20Article%20-%20POR.pdf>
- Ferraz, F. (2013). *Crise financeira global: impactos na economia brasileira, política econômica e resultados*. Rio de Janeiro, Brasil. Consulté le fevereiro 20, 2015, sur <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/ppge/FernandoFerraz.pdf>
- França, J. A. (2014). *O «Ano XX» Lisboa 1946 - Estudos de Factos Socioculturais*. Lisboa: Leya.
- Geffroy, A. (1985, março). Les nous de Robespierre ou le territoire impossible. *Mots, N.º10. Numéro spécial. Le nous politique*, 63-90. Consulté le janeiro 23, 2014, sur Retrieved from <http://www.persee.fr>.
- Genette, G. (1972). *Figures III*. Paris: Seuil.
- Goffman, E. (1974). *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit.
- Goffman, E. (1989). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- Goffman, E. (2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.
- Gomes, A. (2002). Uma breve história do PTB. *I Curso de Formação e Capacitação Política*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Consulté le dezembro 12, 2014, sur [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1280.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1280.pdf)
- Grice, H. (1975). Logic and conversation. Dans P. Cole, & J. Morgan, *Syntax and Semantics 3: speech acts* (pp. 41-58). Nova Iorque: Academic Press.
- Grize, J.-B. (1996). *Logique naturelle & communications* (éd. 1.ª). Paris: PUF - Presses Universitaires de France.
- Gruda, M. (2011). Os discursos do politicamente correto e do humor politicamente incorreto na atualidade. *Anais do III Colóquio da pós-graduação em Letras*, (pp. 1-8). Consulté le abril 20, 2015, sur [http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/Mateus\\_Gruda.pdf](http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/Mateus_Gruda.pdf)
- Gu, Y. (1990). Politeness phenomena in modern Chinese. *Journal of Pragmatics*, 237-257. Consulté le abril 20, 2015, sur <http://www.u.arizona.edu/~kepeng/EastAsianCulture/Readings/R26.pdf>
- Guentcheva, Z. (1994). Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du. *Langue française*, 8-23. Consulté le novembro 29, 2014, sur [http://www.academia.edu/8360577/Manifestations\\_de\\_la\\_cat%C3%A9gorie\\_du\\_m%C3%A9diatif\\_dans\\_les\\_temps\\_du\\_fran%C3%A7ais](http://www.academia.edu/8360577/Manifestations_de_la_cat%C3%A9gorie_du_m%C3%A9diatif_dans_les_temps_du_fran%C3%A7ais)

- Gunther, R., & Diamond, L. (2003). Species of political parties: a new typology. *Party Politics*, 167–199. Consulté le fevereiro 21, 2015, sur <http://www.olemiss.edu/courses/pol628/guntherdiamond03.pdf>
- Gupta, A., & Ferguson, J. (1992). Beyond "Culture": Space, Identity, and the Politics of Difference. *Cultural Anthropology*, 7, 6-23. Consulté le junho 17, 2014, sur [http://www4.uwm.edu/c21/conferences/2008since1968/ferguson\\_beyondculture.pdf](http://www4.uwm.edu/c21/conferences/2008since1968/ferguson_beyondculture.pdf)
- Habermas, J. (1984). *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. (F. R. Kothe, Trad.) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Harris, S. (2001). Being Politically Impolite: Extending Politeness Theory to Adversarial Political Discourse. *Discourse Society*, 451-472. Consulté le março 15, 2015, sur <http://das.sagepub.com/content/12/4/451>
- Jalali, C. (2007). *Partidos e Democracia em Portugal, 1974-2005: da Revolução ao Bipartidarismo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2000). Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XXe siècle? Remarques et aperçus. Dans C. Plantin, M. Doury, & V. Traverso, *Les émotions dans les interactions* (pp. 32-74). Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2002). Système linguistique et ethos communicatif. *Cahiers de Praxématique*, N. 38, 35-57. Consulté le dezembro 10, 2014, sur <https://praxematique.revues.org/540>
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2007). L'analyse du discours en interaction: quelques principes méthodologiques. *Limbaje si comunicare*, 13-32. Consulté le dezembro 28, 2014, sur [http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/Artigo\\_Catherine\\_Kerbrat\\_Orecchioni.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/Artigo_Catherine_Kerbrat_Orecchioni.pdf)
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2010). Pour une analyse multimodale des interactions orales: l'expression des émotion dans les débats politiques télévisuels. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Letras, Linguística e suas interfaces*, nº40, 17-45. Consulté le janeiro 28, 2014, sur <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/40/artigo1.pdf>
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2012). Analyser du discours: le cas des débats politiques télévisés. *Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF* (pp. 25-42). Lyon: EDP Sciences. Consulté le março 23, 2014, sur [http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/abs/2012/01/shsconf\\_cmlf12\\_000338/shsconf\\_cmlf12\\_000338.html](http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/abs/2012/01/shsconf_cmlf12_000338/shsconf_cmlf12_000338.html)
- Knapp, M., Hall, J., & Horgan, T. (2013). *Nonverbal Communication in Human Interaction*. Wadsworth Cengage Learning: Boston.
- Koch, I. (2004). *Introdução à linguística textual : trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes.

- Legros, D., Acuna, T., & Pembroke, E. (2006). Variations interculturelles des représentations et du traitement des unités du texte. *Langages*, N. 163, 115-126. Consulté le agosto 10, 2014, sur [http://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_2006\\_num\\_40\\_163\\_2687](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2006_num_40_163_2687)
- Lima, M., & Artiles, A. (2014). Descontentamento na Europa em tempos de austeridade: Da ação coletiva à participação individual no protesto social. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 137-172. Consulté le janeiro 28, 2015, sur <http://rccs.revues.org/5569>
- Lourtie, P. (2011). Portugal no contexto da crise do euro. *Relações Internacionais*, N.º 32, 61-105. Consulté le janeiro 28, 2015, sur [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-91992011000400005](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000400005)
- Loury, G. (1994). Self-Censorship in Public Discourse: A Theory of 'Political Correctness' and Related Phenomena. *Rationality and Society*, 428–461. Consulté le fevereiro 27, 2015, sur <http://rss.sagepub.com/content/6/4/428.short?rss=1&ssource=mfr>
- Luques, S. (2010). Metáfora e argumentação: uma análise crítica do discurso político. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo, Brasil. Consulté le dezembro 02, 2015, sur <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10012011-130728/pt-br.php>
- Luthans, K. (2000). Recognition: A Powerful, but often Overlooked, Leadership Tool to Improve Employee Performance. *Journal of Leadership & Organizational Studies*, 31-39. Consulté le dezembro 18, 2015, sur [https://www.researchgate.net/publication/250961590\\_Recognition\\_A\\_Powerful\\_but\\_often\\_Overlooked\\_Leadership\\_Tool\\_to\\_Improve\\_Employee\\_Performance](https://www.researchgate.net/publication/250961590_Recognition_A_Powerful_but_often_Overlooked_Leadership_Tool_to_Improve_Employee_Performance)
- Macagno, F., & Walton, D. (2006). Argumentative Reasoning Patterns. *Proceedings of 6th CMNA (Computational Models of Natural Argument) Workshop, ECAI-European Conference on Artificial Intelligence*. (pp. 48-51). Universidade de Trento. Consulté le novembro 17, 2014, sur <http://cgi.csc.liv.ac.uk/~floriana/CMNA6/CMNA06Macagno.pdf>
- Maingueneau, D. (1984). *Genèses du Discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga.
- Maingueneau, D. (2004). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- Maingueneau, D. (2005). Ethos, cenografia, incorporação. Dans R. Amossy, *Imagens de si no discurso* (pp. 69-91). São Paulo: Contexto.
- Maingueneau, D. (2007). Genres de discours et modes de généricité. *Le français aujourd'hui*, N.º 159, 29-35. Consulté le dezembro 10, 2013, sur <http://www.cairn.info/revue-le-francais-aujourd-hui-2007-4-page-29.htm>
- Maingueneau, D. (2008). A propósito do ethos. Dans A. Motta, & L. Salgado, *Ethos discursivo* (pp. 11-32). São Paulo: Contexto.
- Maingueneau, D. (2010). Le discours politique et son «environnement». *Mots. Les langages du politique*, 85-90. Consulté le maio 23, 2014, sur <http://mots.revues.org/19868>

- Marcuschi, L. (2004). Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Dans L. A. MARCUSCHI, *Hipertexto e gêneros digitais* (pp. 13-33). Rio de Janeiro: Lucerna.
- Marques, M. A. (2007). Comentário jornalístico político: interpretação de outros discursos e argumentação. *Revista Diacrítica*, 21.1, 127-142. Consulté le outubro 15, 2014, sur [http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica\\_21-1.pdf](http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_21-1.pdf)
- Marques, M. A. (2008). Arrogância e construção do ethos no discurso político. *Actas do III Simpósio Internacional de Análise do Discurso*, (pp. 1-10). Belo Horizonte. Consulté le outubro 15, 2015, sur <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/27048>
- Marques, M. A. (2012). Emotions and Argumentation in the Portuguese Parliament. Dans L. Ionescu-Ruxandoiu (Éd.), *Parliamentary Discourses across Cultures: Interdisciplinary Approaches* (pp. 117-132). Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Mateus, J., & Ramalho, T. (2013). O Sistema de Partidos em Portugal. *CIES - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia*, 1-20. Consulté le fevereiro 28, 2014, sur [http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES\\_WP151\\_Ramalho.pdf](http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES_WP151_Ramalho.pdf)
- Mateus, M. H.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa* (éd. 3.<sup>a</sup>). Lisboa: Caminho.
- Maxwell, J. (1999). *The 21 Indispensable Qualities of a Leader*. Tennessee: Thomas Nelson Inc.
- McCullough, M., Kilpatrick, S., Emmons, R., & Larson, D. (2001). Is gratitude a moral affect? *Psychological Bulletin*, 249-266. Consulté le março 20, 2016, sur <http://greatergood.berkeley.edu/pdfs/GratitudePDFs/8McCullough-GratitudeMoralAffect.pdf>
- Mendes, J. (1996). Características da Cultura Portuguesa: Alguns aspetos e sua interpretação. *Revista Portuguesa de História*, 1, 47-65. Consulté le janeiro 04, 2016, sur <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12795/1/Jos%C3%A9%20M.Amato%20Mendes%2031%20vol.%201.pdf>
- Menegozzo, C. (2013). *Partido dos Trabalhadores: Bibliografia Comentada (1918-2002)*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Menendez, F. (2005). *Análise do discurso*. Lisboa: Hugin Editores.
- Meyer, M. (1993). *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Lisboa: Edições 70.
- Meyer, M. (1994). As bases da retórica. *Retórica e comunicação* (pp. 31-70). Porto: Asa.
- Micheli, R. (2010). *L'émotion argumentée l'abolition de la peine de mort dans le débat parlementaire français*. Paris: Les Éditions du Cerf.
- Michels, R. (1982). *Sociologia dos partidos políticos*. Brasília: UNB.
- Miranda, F. (2010). *Textos e Gêneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Morris, S. (2001). Political Correctness. *Journal of Political Economy*, 109, 231-265. Consulté le março 15, 2015, sur [http://www.princeton.edu/~smorris/Published/paper\\_26\\_Political\\_Correctness.pdf](http://www.princeton.edu/~smorris/Published/paper_26_Political_Correctness.pdf)
- Neves, J. (2009). Estudos da modalidade: as tipologias de Campos. *Cadernos WGT Ler Campos*, 31-36. Consulté le abril 05, 2015, sur [http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/lercampos\\_janeite.pdf](http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/lercampos_janeite.pdf)
- Oro, A. (2001). Políticos e Religião no Rio Grande do Sul - Brasil. *Horizontes Antropológicos*, 161-179. Consulté le novembro 29, 2015, sur <http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n15/v7n15a07.pdf>
- Osakabe, H. (1999). *Argumentação e discurso político* (éd. 2.<sup>a</sup>). São Paulo: Martins Fontes.
- Paulo, S. (2011). *A Europa e a Crise Financeira Mundial: Balanço da resposta política da UE*. Lisboa: Fundação Robert Schuman. Consulté le fevereiro 20, 2015, sur [http://ec.europa.eu/portugal/pdf/informa/publicacoes/resposta\\_crise\\_ue\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/portugal/pdf/informa/publicacoes/resposta_crise_ue_pt.pdf)
- Perelman, C. (1993). *O império retórico: retórica e argumentação*. Porto: Edições ASA.
- Perelman, C., & Olbrechts-Tyteca, L. (2002). *Tratado da Argumentação: a nova retórica* (éd. 5.<sup>a</sup>). São Paulo: Martins Fontes.
- Pinto, R. (2010). *Como argumentar e persuadir? Prática política, jurídica, jornalística*. Lisboa: Quid Juris - Sociedade Editora.
- Pinto, R. (2011). Vozes dissonantes na actividade política brasileira. *XII Colóquio de Outono. Vozes, Discursos e Identidades em Conflito* (pp. 249 - 263). Universidade do Minho: Húmus.
- Pinto, R. (2013). Les élections législatives portugaises de 2002 et 2009 à partir des affiches politiques. Un « regard » multimodal. *Mots. Les langages du politique.*, 47-60. Consulté le fevereiro 12, 2015, sur <https://mots.revues.org/21130>
- Piovezani Filho, C. (2007). Metamorfoses do discurso político contemporâneo: por uma nova perspectiva de análise. *Revista da ABRALIN*, 6, nº1, 25-42. Consulté le dezembro 02, 2015, sur <http://www.abralin.org/revista/RV6N1/04-Carlos-Piovezani.pdf>
- Plantin, C. (2011). Persuasion or Alignment? *Argumentation*, 26, 83-97. Consulté le dezembro 02, 2015, sur [http://icar.univ-lyon2.fr/membres/cplantin/documents/5.Persuasion\\_OSSA.pdf](http://icar.univ-lyon2.fr/membres/cplantin/documents/5.Persuasion_OSSA.pdf)
- Plantin, C. (2012). Les séquences discursives émotionnées: Définition et application à des données tirées de la base CLAPI. *3e Congrès Mondial de Linguistique Française (CMLF 2012)*, (pp. 629 - 642). Lyon, França. Consulté le dezembro 02, 2015, sur [http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2012/01/shsconf\\_cmlf12\\_000218.pdf](http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2012/01/shsconf_cmlf12_000218.pdf)

- Plantin, C., Doury, M., & Traverso, V. (2000). *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Pochmann, M. (2009). O trabalho na crise econômica no Brasil: primeiros sinais. *Estudos Avançados*, 41-52. Consulté le fevereiro 18, 2015, sur [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142009000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000200004)
- Rabatel, A. (2001). Les représentations de la parole intérieure: Monologue intérieur, discours direct et indirect libres, point de vue. *Langue française*, 72-95. doi:10.3406/lfr.2001.6316
- Rabatel, A. (2005). La part de l'énonciateur dans la co-construction. (M.L.M.S., Éd.) *Marges Linguistiques*, 115-136. Consulté le outubro 23, 2015, sur <https://hal.archives-ouvertes.fr/halshs-00433337/document>
- Rabatel, A. (2007). La dialectique du singulier et du social dans les. *Pratiques*, 15-34. Consulté le setembro 23, 2014, sur [halshs-00367541](http://halshs-00367541)
- Rabatel, A. (2009). *Homo narrans. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit*. (Vol. I. Les points de vue et la logique de la narration). Limoges: Éditions Lambert Lucas.
- Rabatel, A. (2012). Conflitos de valores e de pontos de vista no discurso. *Revista Linguas*, 30, 9-29. Consulté le outubro 23, 2015, sur <http://www.revistalinguas.com/edicao30/artigo1.pdf>
- Rastier, F. (1989). *Sens et textualité*. Paris: Hachette.
- Rastier, F. (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF - Presses Universitaires de France.
- Rastier, F. (2001b). L'action et le sens pour une sémiotique des cultures. *Journal des anthropologues*, N.° 85-86, 183-219. Consulté le abril 17, 2015, sur <https://jda.revues.org/2941>
- Rastier, F. (2001c). Sémiotiques et sciences de la culture. *Linx*, 44, 149-168. Consulté le abril 17, 2015, sur <http://linx.revues.org/1058>
- Rastier, F. (2004). Sciences de la culture et post-humanité. *Texto!* Consulté le abril 17, 2015, sur [http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier\\_Post-humanite.html](http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier_Post-humanite.html)
- Rastier, F. (2015). Apprendre pour transmettre. L'éducation contre l'idéologie managériale. *Semen - Revue de sémiolinguistique des textes et discours*, N.° 38. Consulté le abril 17, 2015, sur [https://www.puf.com/content/Apprendre\\_pour\\_transmettre](https://www.puf.com/content/Apprendre_pour_transmettre)
- Rastier, F.; Bouquet, S. . (2002). *Une introduction aux sciences de la culture*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Ribeiro, P. (2014). An Amphibian Party? Organisational Change and Adaptation in the Brazilian Workers' Party, 1980–2012. *Journal of Latin American Studies*, 46, 87-119. Consulté le fevereiro 28, 2015, sur [http://journals.cambridge.org/abstract\\_S0022216X13001831](http://journals.cambridge.org/abstract_S0022216X13001831)

- Samuels, D., & Zucco, C. (2013). The Power of Partisanship in Brazil: Evidence from Survey Experiments. *American Journal of Political Science*, 1–14. Consulté le fevereiro 18, 2015, sur <http://www.fgv.br/professor/cesar.zucco/files/PaperAJPS2014.pdf>
- Sandré, M. (2009). Analyse d'un dysfonctionnement interactionnel - l'interruption - dans le débat de l'entre-deux-tours de l'élection présidentielle de 2007. *Mots*, n°89(Les Languages du politique), 69-82. Consulté le abril 20, 2016, sur [https://books.google.pt/books?id=mR-BQ-eHfCgC&pg=PA69&lpg=PA69&dq=Kerbrat-orecchioni+politique&source=bl&ots=\\_IX6Opejg5&sig=ghbjL8Ko2\\_wfW2SWKdgg6U6Wm1M&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjs24SYmNXMAhVH5xoKHcmjDKMQ6AEIXTAJ#v=onepage&q=Kerbrat-orecchioni%20politique&](https://books.google.pt/books?id=mR-BQ-eHfCgC&pg=PA69&lpg=PA69&dq=Kerbrat-orecchioni+politique&source=bl&ots=_IX6Opejg5&sig=ghbjL8Ko2_wfW2SWKdgg6U6Wm1M&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjs24SYmNXMAhVH5xoKHcmjDKMQ6AEIXTAJ#v=onepage&q=Kerbrat-orecchioni%20politique&)
- Sandré, M. (2014). Ethos et interaction : analyse du débat politique Hollande-Sarkozy. (É. d. l'homme, Éd.) *Langage et société*, N. 149, 69-84. Consulté le fevereiro 03, 2015, sur <https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2014-3.htm>
- Sansone, C., & Harackiewicz, J. (2000). *Intrinsic and Extrinsic Motivation: The Search for Optimal Motivation and Performance*. San Diego: Academic Press.
- Schellens, P. (1987). Types of argument and the critical reader. Dans F. H. Eemeren, *Argumentation: Analysis and Practices : Proceedings of the Conference on Argumentation 1986* (pp. 34-42). Dordrecht, Holanda: Foris publications.
- Schiffrin, D., Tannen, D., & Hamilton, H. (2003). *The handbook of discourse analysis*. Malden: Blackwell Publishing.
- Searle, J. (1974). *Speech Acts - an essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Searle, J. (1985). *Expression and meaning: studies in the theory of speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Simonin-Grumbach, J. (1975). Pour une typologie des discours. Dans J. Kristeva (Éd.), *Langue, discours et société. Pour Emile Benveniste* (pp. 85-121). Paris: Seuil.
- Singer, P. (2009). A América Latina na crise mundial. *Estudos Avançados*, 23, 91-102. Consulté le fevereiro 20, 2015, sur <http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a08v2366.pdf>
- Skare, M. (2001). Human capital as a source of growth - Mith or reality? *Ekonomski Pregled*, 52, 189-205. Consulté le março 08, 2016, sur [hrcak.srce.hr/file/45026](http://hrcak.srce.hr/file/45026)
- Suhr, S., & Johnson, S. (2003). Re-visiting 'PC': introduction to special issue on 'political correctness'. *Discourse & Society*, 5-16. Consulté le fevereiro 27, 2015, sur <http://das.sagepub.com/content/14/1/5.extract>
- Teixeira, N. (2010). A defesa europeia depois do Tratado de Lisboa. *Relações Internacionais*, 21-29. Consulté le Março 25, 2016, sur

[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-91992010000100004](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992010000100004)

- Traverso, V. (2000). *Perspectives interculturelles sur l'interaction*. Lyon: Presses universitaires de Lyon.
- Valentim, H. (2006). Elementos para uma epistemologia da modalidade. *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 23-32). Lisboa, Portugal: APL. Consulté le abril 28, 2014, sur [http://www.apl.org.pt/docs/21-textos-seleccionados/03\\_Valentim.pdf](http://www.apl.org.pt/docs/21-textos-seleccionados/03_Valentim.pdf)
- Vanderveken, D. (1988). *Les actes de discours*. Liège: Mardaga.
- Vion, R. (2004). Modalités, modalisations et discours représentés. *Langages*, 38, nº 156, 96-110. Consulté le dezembro 07, 2014, sur [http://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_2004\\_num\\_38\\_156\\_966](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2004_num_38_156_966)
- Voloshinov. (1977). *Marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Vygotsky, L. (1984). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Walton, D. (1992). *The place of emotion in argument*. Pennsylvania : Pennsylvania State University Press.
- Walton, D. (2000). Conversational logic and appeals to emotion. Dans C. Plantin, M. Doury, & V. Traverso, *Les émotions dans les interactions* (pp. 295-312). Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Walton, D., & Reed, C. (2002). Argumentation Schemes and Defeasible Inferences. *15th European Conference on Artificial Intelligence* (pp. 45-55). Lyon, França: Giuseppe Carenini, Floriana Grasso and Chris Reed. Consulté le janeiro 22, 2015, sur <http://www.dougwalton.ca/papers%20in%20pdf/2002Reed.pdf>
- Walton, D., & Reed, C. (2003). Diagramming, argumentation schemes and critical questions. Dans F. v. al., *Anyone Who Has a View. Theoretical Contributions to the Study of Argumentation*, (pp. 195-211). Holanda: Kluwer Academic Publishers.
- Walton, D., Reed, C., & F., M. (2008). *Argumentation Schemes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Watts, R. (2003). *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wisse, J. (1989). *Ethos and Pathos from Aristotle to Cícero*. Amesterdão: Hakkert.
- Young, I. (2000). *Inclusion and Democracy*. Oxford: Oxford University Press.
- Yukl, G. (2006). *Leadership in organizations* (éd. 6.<sup>a</sup> Ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.

## Lista de artigos de jornal e sites

- Banco de Portugal. (2013). *Boletim Económico - Primavera 2013*. Lisboa: Departamento de Estudos Económicos. Consultado em 27 de abril de 2016, de [http://economico.sapo.pt/public/uploads/bol\\_primavera\\_p2.pdf](http://economico.sapo.pt/public/uploads/bol_primavera_p2.pdf)
- Banco de Portugal. (2014a). *Boletim Económico - Abril 2014*. Lisboa: Departamento de Estudos Económicos. Consultado em 16 de abril de 2016, de [http://economico.sapo.pt/noticias/governo-opta-por-saida-limpa-do-programa-da-troika\\_192220.html](http://economico.sapo.pt/noticias/governo-opta-por-saida-limpa-do-programa-da-troika_192220.html)
- Banco de Portugal. (2014b). *Comunicado do Banco de Portugal sobre a aplicação de medida de resolução ao Banco Espírito Santo, S.A.* Consultado em 16 de abril de 2016, de <http://www.bportugal.pt/pt-pt/obancoeoeurosistema/comunicadosenotasdeinformacao/paginas/comb20140803.aspx>
- Barrucho, L. (2013, dezembro 03). *Brasil cai em ranking de corrupção em ano de mensalão*. Consultado em 20 de abril sur BBC Brasil: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131202\\_transparencia\\_internacional\\_indice\\_corrupcao\\_lgb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131202_transparencia_internacional_indice_corrupcao_lgb)
- CPS. (2012, março 14). *Rehn: «Portugal está no caminho certo para recuperar confiança»*. Récupéré sur tvi24: <http://www.tvi24.iol.pt/economia/ajuda-externa/rehn-portugal-esta-no-caminho-certo-para-recuperar-confianca>
- Crisóstomo, P. (2015, janeiro 15). *O que muda este ano no IRS*. Consulté le abril 18, 2016, sur Publico: <https://www.publico.pt/economia/noticia/o-que-muda-este-ano-no-irs-1681160>
- Dinheiro Vivo; Lusa. (2012, setembro 15). *CNIS: Reforço do Programa de Emergência Social é "importante" mas "manifestamente insuficiente"* Leia mais: *CNIS: Reforço do Programa de Emergência Social é "importante" mas "manifestamente insuficiente"*. Récupéré sur Dinheiro Vivo: <http://www.dinheirovivo.pt/economia/cnis-reforco-do->
- Económico; Lusa. (2012, julho 17). *Troika: As medidas por concretizar em Portugal*. Récupéré sur Económico: [http://economico.sapo.pt/noticias/troika-as-medidas-por-concretizar-em-portugal\\_148526.html](http://economico.sapo.pt/noticias/troika-as-medidas-por-concretizar-em-portugal_148526.html)
- Gazeta Online. (2012, agosto 21). *Brasil é o 4º país em desigualdade social*. Récupéré sur GazetaOnline: [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2012/08/noticias/a\\_gazeta/mundo/1353255-brasil-e-o-4-pais-em-desigualdade-social.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/08/noticias/a_gazeta/mundo/1353255-brasil-e-o-4-pais-em-desigualdade-social.html)
- Globo. (2012, março 06). *Economia brasileira cresce 2,7% em 2011, mostra IBGE*. Récupéré sur Globo: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/03/economia-brasileira-cresce-27-em-2011-mostra-ibge.html>

- Globo. (2013, setembro 27). *Índice de analfabetismo para de cair e fica em 8,7%, diz Pnad*. Recuperado sur Globo: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/09/indice-de-analfabetismo-para-de-cair-e-fica-em-87-diz-pnad.html>
- IBGE. (2016). *Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo*. Consultado le abril 20, 2016, sur IBGE: <http://brasilensintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>
- IBGE; Funai. (2013, dezembro 2012). *O Brasil Indígena*. Consultado le abril 16, 2016, sur Funai: <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-Dez/pdf-brasil-ind.pdf>
- INCRA. (s.d.). *Assentamentos*. Consultado le abril 18, 2016, sur INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária: <http://www.incra.gov.br/assentamento>
- Instituto Nacional de Estatística. (2012, novembro 20). *Censos 2011*. Recuperado sur INE - Instituto Nacional de Estatística: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0006396&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006396&contexto=bd&selTab=tab2)
- International Institute for Management Development (IMD). (2014, maio 22). *Brazil drops three places in the 2014 IMD World Competitiveness Ranking*. Consultado le dezembro 18, 2015, sur Fundação Dom Cabral: [https://www.fdc.org.br/en/press/Documents/2014/2014\\_world\\_competitiveness\\_yearbook.pdf](https://www.fdc.org.br/en/press/Documents/2014/2014_world_competitiveness_yearbook.pdf)
- Jornal de Notícias. (2012, novembro 20). *Confiança dos credores nas perspetivas de Portugal continua a subir*. Consultado le março 21, 2016, sur Jornal de Notícias: <http://www.jn.pt/economia/interior/confianca-dos-credores-nas-perspetivas-de-portugal-continua-a-subir-2897828.html>
- Jornal i. (2013, dezembro 24). *Mensagens políticas de Natal. Desde 1975 a explicar a crise aos portugueses*. Consultado le abril 19, 2016, sur Jornal i: <http://www.ionline.pt/373960>
- Lusa. (2013, julho 26). *António Barreto: Políticos exigiram sacrifícios mas não sacrificaram os seus interesses*. Recuperado sur Jornal de Negócios: [http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/antonio\\_barreto\\_politicos\\_exigiram\\_sacrificios\\_mas\\_nao\\_sacrificaram\\_os\\_seus\\_interesses.html](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/antonio_barreto_politicos_exigiram_sacrificios_mas_nao_sacrificaram_os_seus_interesses.html)
- PORDATA. (2015, dezembro 16). *Greves: total, trabalhadores abrangidos e dias de trabalho perdidos - Portugal*. Recuperado sur PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo: <http://www.pordata.pt/Portugal/Greves+total++trabalhadores+abrangidos+e+dias+de+trabalho+perdidos-71>
- Portal Brasil. (2012, janeiro 24). *Emprego cresce menos em 2011, mas País consegue criar 1,9 milhão de vagas na crise*. Recuperado sur Portal Brasil: <http://www.brasil.gov.br/governo/2012/01/brasil-cria-1-944-milhao-de-novos-postos-de-trabalho-em-2011>

- Tiago, L. (2012, agosto 10). *2013, ano negro em Portugal: mais IRS, maior dedução para a Segurança Social, mais IMI*. Consulté le abril 19, 2016, sur Dinheiro Vivo:  
<http://www.dinheirovivo.pt/economia/2013-ano-negro-em-portugal-mais-ir>
- TSE - Tribunal Superior Eleitoral. (2015, dezembro). *Estatística do Eleitorado por Sexo e Grau de Instrução*. Consulté le março 08, 2016, sur Tribunal Superior Eleitoral:  
<http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-grau-de-instrucao>
- UNRIC. (s.d.). *Os níveis recorde do desemprego mundial deverão persistir em 2011*. Récupéré sur UNRIC - Centro Regional de Informação para as Nações Unidas:  
<http://www.unric.org/pt/actualidade/30405-os-niveis-recorde-do-desemprego-mundial-deverao-persistir-em-2011>

## **Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos**

AD – análise de discurso

adj. – Adjetivo

adv. – Advérbio

AR - Assembleia da República

BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento

Br – Brasil

CDS/PP – Partido de Centro Democrático Social / Partido Popular

C&M – Conectores e Marcadores discursivos

CS – Construções sintáticas

EA – Esquemas argumentativos

EL – Escolhas lexicais

EUA – Estados Unidos da América

FMI – Fundo Monetário Internacional

FE – Figuras de estilo

Ft – Frase tipográfica

FUT – Futuro Imperfeito do Indicativo

IBGE – instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IE – Indicadores espaciais

INE – Instituto Nacional de Estatística

ISD – Interacionismo sociodiscursivo

ISO – Isotopia

IT – Indicadores temporais

IVA – Imposto sobre o valor acrescentado

I – locutor

L – Locutor

MEEF – Mecanismo Europeu de Estabilização Financeira

MFA – Mensagem de final de ano

n. – Nome

O – Orações

OE – Orçamento de Estado

ONU – Organização das Nações Unidas

PAC – Plano de Aceleração do Crescimento

PAEF – Programa de Assistência Económica e Financeira

PC – Politicamente correto  
PdV – Ponto de vista  
PEC – Programa de Estabilidade e Crescimento  
PIB – Produto Interno Bruto  
PIMP – Pretérito Imperfeito do Indicativo  
PM – Primeiro-Ministro  
PMDB – Partido de Movimento Democrático Brasileiro  
PPD/PSD – Partido Popular Democrático / Partido Social-Democrata  
PPFS – Pretérito Perfeito Simples  
PPFComp – Pretérito Perfeito Composto  
PR – Presidente da República  
PRES – Presente do Indicativo  
pron. indef. – Pronome indefinido  
pron. pes. – Pronome pessoal  
pron. pos. – Pronome possessivo  
PS – Partido Socialista  
PT – Partido dos Trabalhadores  
Pt – Portugal  
Rd – Representação discursiva  
RE – Responsabilidade enunciativa  
SE – Segmento emotivo  
SOT – Segmento de orientação temática  
STT – Segmento de tratamento temático  
TPE – Teoria Polifônica da Enunciação  
TV – Tempos verbais  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
vb. – Verbo

## Lista de esquemas, figuras, quadros e gráficos

Esquema 1 - Adaptado de Barthes (1970, p. 198) .....	37
Esquema 2 - Constituição do ethos efetivo (Maingueneau, 2008, p.19) .....	43
Esquema 3 - Adaptado de Adam (2008, p.86) .....	44
Esquema 4 - Adaptado de Adam (2005, p.108) .....	45
Esquema 5 - Configurações preferenciais dos paradigmas verbais (Adaptado de Adam, 2008, p.290) .....	65
Esquema 6 - Exemplo de progressão com tema constante .....	81
Esquema 7 - Exemplo de progressão por tematização linear .....	82
Esquema 8 - Exemplo de progressão temática combinada .....	82
Esquema 9 - Estrutura da sequência narrativa (Adaptado de Adam, 2008, p.225) .....	85
Esquema 10 - Estrutura da sequência argumentativa (Adaptado de Adam, 2008, p.233) .....	86
Esquema 11 - Estrutura da sequência explicativa (Grize, in Adam, 2008, p.242) .....	86

Figura 1 - Ethos simbiótico .....	55
-----------------------------------	----

Quadro 1 - Distribuição do corpus .....	20
Quadro 2 - Componentes do gênero segundo Adam (2001b, pp.40-41, in Pinto, 2010, p.138) .....	27
Quadro 3 - Tipologia de ethè segundo Charaudeau (2013) .....	48
Quadro 4 - Adaptado de Coutinho (2013, p.113), a partir de Bronckart (2009) .....	50
Quadro 5 – Marcas linguísticas dos atos ilocutórios (Compilado a partir de Mateus et al., 1989) .....	69
Quadro 6 - Modalizações e respectivas marcas linguísticas (a partir de Bronckart, 1999) .....	71
Quadro 7 - Síntese das categorias de análise .....	90
Quadro 8 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2008 .....	115
Quadro 9 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2008 .....	115
Quadro 10 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2009 .....	128
Quadro 11 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2009 .....	128
Quadro 12 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2010 .....	140
Quadro 13 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2010 .....	141
Quadro 14 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2011 .....	152
Quadro 15 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2011 .....	152
Quadro 16 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2012 .....	169
Quadro 17 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2012 .....	169
Quadro 18 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2013 .....	184
Quadro 19 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2013 .....	184
Quadro 20 - Ethè e características textuais e organizacionais na Pt2014 .....	198
Quadro 21 - Relação frequência vocabular/ethè na Pt2014 .....	198
Quadro 22 - Ethè e características textuais e organizacionais na Br2008 .....	216

Quadro 23 - Relação frequência vocabular/ethè na Br2008 .....	216
Quadro 24 - Ethè e características textuais e organizacionais na Br2009 .....	230
Quadro 25 - Relação frequência vocabular/ethè na Br2009 .....	230
Quadro 26 - Ethè e características textuais e organizacionais na Br2010 .....	244
Quadro 27 - Relação frequência vocabular/ethè na Br2010 .....	244
Quadro 28 - Ethè e características textuais e organizacionais na Br2011 .....	255
Quadro 29 - Relação frequência vocabular/ethè na Br2011 .....	255
Quadro 30 - Ethè e características textuais e organizacionais na Br2012 .....	267
Quadro 31 - Relação frequência vocabular/ethè na Br2012 .....	267
Quadro 32 - Ethè e características textuais e organizacionais na Br2013 .....	282
Quadro 33 – Número de segmentos de tratamento temático por mensagem .....	328
Quadro 34 - Número de segmentos sobre performance e compromissos por mensagem .....	329
Quadro 35 - Análise comparativa dos segmentos emotivos por mensagem .....	329
Quadro 36 – Exemplos de argumentos de Conhecimento pessoal .....	i
Quadro 37 – Exemplos de argumentos de julgamento de valor .....	i
Quadro 38 – Exemplos de argumentos de Regras e Exceção .....	ii
Quadro 39 – Exemplos de argumentos de raciocínio .....	iii
Quadro 40 - Marcadores discursivos (Adaptado de Amorim & Sousa, 2014, pp. 75-76) .....	iv

Gráfico 1 - Distribuição das pessoas nas formas verbais .....	112
Gráfico 2 - Distribuição dos tempos verbais .....	113
Gráfico 3 - Distribuição do sujeito na Pt2009 .....	125
Gráfico 4 - Distribuição de marcadores de índices de pessoas .....	126
Gráfico 5 - Tempos verbais presente na Pt2009 .....	127
Gráfico 6 - Distribuição do sujeito .....	138
Gráfico 7 - Classes gramaticais usadas na marcação de sujeito .....	138
Gráfico 8 - Tempos verbais .....	139
Gráfico 9 - Distribuição das pessoas nas formas verbais .....	149
Gráfico 10 - Elementos gramaticais marcadores de sujeito .....	149
Gráfico 11 - Tempos Verbais .....	150
Gráfico 12 - Distribuição dos índices de pessoas .....	165
Gráfico 13 - Classes gramaticais/sujeito .....	166
Gráfico 14 - Tempos verbais dos principais sujeitos .....	166
Gráfico 15 - Distribuição do sujeito .....	181
Gráfico 16 - Elementos linguísticos .....	181
Gráfico 17 - Tempos verbais .....	182
Gráfico 18 - Sujeitos presentes na Pt2014 .....	194
Gráfico 19 – Ocorrências de índices de pessoa/sujeito .....	195
Gráfico 20 - Distribuição dos tempos verbais .....	196
Gráfico 21 - Distribuição das formas verbais de sujeito .....	212
Gráfico 22 - Classes gramaticais marcadoras de pessoa .....	212
Gráfico 23 – Distribuição dos tempos verbais .....	213

Gráfico 24 - Distribuição do Locutor .....	226
Gráfico 25 - Índices de pessoas .....	226
Gráfico 26 - Tempos verbais (nós nacional e nós institucional) .....	228
Gráfico 27 - Índices de pessoas .....	240
Gráfico 28 – Marcação do sujeito por diversas classes gramaticais .....	240
Gráfico 29 - Tempos verbais das formas verbais representativas do sujeito .....	241
Gráfico 30 - Distribuição sujeito/formas verbais .....	251
Gráfico 31 - Índices de pessoas .....	252
Gráfico 32 - Tempos verbais.....	253
Gráfico 33 - Distribuição dos sujeitos.....	264
Gráfico 34 - Classes gramaticais marcadoras de pessoa .....	265
Gráfico 35 - Tempos verbais na Br2012 .....	265
Gráfico 36 - Formas verbais/sujeito .....	278
Gráfico 37 - Classes gramaticais marcadoras da Responsabilidade Enunciativa .....	279
Gráfico 38 - Tempos verbais/sujeito .....	280
Gráfico 39 – Número de SOT e STT por mensagem .....	328



## Apêndices

### Apêndice 1 – Esquemas argumentativos de Walton

Classe 1: Conhecimento Pessoal	
Tipo	Explicação
Posição de Conhecimento	<i>Premissa Maior:</i> A posição de A permite-lhe saber se $\kappa$ é verdadeiro/falso. <i>Premissa Menor:</i> A afirma que $\kappa$ é verdadeiro/falso. <i>Conclusão:</i> Então, $\kappa$ é verdadeiro/falso.
Opinião de Especialista	<i>Premissa Maior:</i> A é especialista em assunto B, contendo a proposição $\kappa$ . <i>Premissa Menor:</i> A diz que $\kappa$ é verdadeiro. $\kappa$ pertence ao domínio B. <i>Conclusão:</i> Então, $\kappa$ pode ser considerado verdadeiro.
Opinião Popular	<i>Premissa Maior:</i> Se a generalidade da população considera que $\kappa$ é verdadeiro. <i>Conclusão:</i> Então, deve-se presumir que $\kappa$ é verdadeiro.
Depoimento de Testemunha	<i>Premissa Maior:</i> A presencia um facto $\kappa$ . <i>Premissa Menor:</i> A afirma que facto $\kappa$ é verdadeiro/falso. <i>Conclusão:</i> Logo, o facto $\kappa$ é verdadeiro/falso.
Memória	<i>Premissa Maior:</i> Uma pessoa A lembra-se de $\kappa$ . <i>Premissa Menor:</i> Lembrar de $\kappa$ é uma primeira razão para acreditar em $\kappa$ . <i>Conclusão:</i> Portanto, é razoável acreditar em $\kappa$ .

Quadro 36 – Exemplos de argumentos de Conhecimento pessoal

Classe 2: Julgamento de valor	
Tipo	Explicação
Etótico	<i>Premissa Maior:</i> Se $F$ é bom/mau, então o que $F$ diz tem de ser aceite/refutado. <i>Premissa Menor:</i> A é bom/mau. <i>Conclusão:</i> Então, o que A diz tem de ser aceite/refutado.
<i>Ad hominem</i>	<i>Premissa Maior:</i> A considera $\kappa$ bom/mau. <i>Conclusão:</i> B ataca pessoalmente A e não a sua opinião.
<i>Ad hominem</i> circunstancial	<i>Premissa Maior:</i> Se A afirma que se tem sempre de atuar segundo $\kappa$ , então A está comprometido com $\kappa$ . <i>Premissa Menor:</i> B afirma que as pessoas têm de atuar segundo $\kappa$ , mas as suas circunstâncias pessoais indicam que não está comprometido com $\kappa$ . <i>Conclusão:</i> Então, B é inconsistente em relação a $\kappa$ , logo deve-se desconfiar dos seus argumentos a favor de $\kappa$ .
Enviesado	<i>Premissa Maior:</i> Se quem argumenta é parcial, é pouco plausível que tenha considerado todos os prós e contras antes de concluir C. <i>Premissa Menor:</i> A é parcial. <i>Conclusão:</i> Como tal, é pouco plausível que tenha ponderado todos os prós e contras antes de concluir C.

Quadro 37 – Exemplos de argumentos de julgamento de valor

Classe 3: Regras e exceção	
Tipo	Explicação
Caso excecional	<p><i>Premissa Maior:</i> Se o caso <math>\kappa</math> é uma exceção, então a regra estabelecida não se aplica a esse caso.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> A regra aplicada a <math>B</math> estabelece que tem de fazer <math>A</math>, mas o caso de <math>B</math> é uma exceção.</p> <p><i>Conclusão:</i> Portanto, <math>B</math> não tem de fazer <math>A</math>.</p>
Regra estabelecida	<p><i>Premissa Maior:</i> Se a regra aplicada a <math>\kappa</math> estabelece que este tem de fazer <math>A</math>, então <math>\kappa</math> tem de o fazer.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> A regra aplicada a <math>B</math> estabelece que tem de fazer <math>A</math>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Portanto, <math>B</math> tem de fazer <math>A</math>.</p>
Classificação verbal	<p><i>Premissa Maior:</i> <math>A</math> é <math>P</math>.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> O que é <math>P</math> pode ser classificado como <math>Q</math>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, <math>A</math> é <math>Q</math>.</p>
Imprecisão de uma classificação verbal	<p><i>Premissa Maior:</i> Se um argumento integra uma propriedade que não tem a precisão requerida pelo diálogo, deve ser considerado deficiente.</p> <p><i>Premissa menor:</i> <math>A</math> integra uma propriedade cuja definição não possui o nível de precisão exigido pelo diálogo.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, <math>A</math> deve ser considerado deficiente.</p>
Arbitrariedade de uma classificação verbal	<p><i>Premissa Maior:</i> <math>A_1</math> tem a propriedade <math>P</math>. Se <math>\kappa</math> tem a propriedade <math>P</math> e <math>y</math> é indistinguível de <math>\kappa</math>, então <math>y</math> também tem a propriedade <math>P</math>.</p> <p><i>Premissa menor:</i> Se houver uma sucessão de indivíduos <math>(A_1, A_2, \dots, A_n)</math>, indistinguíveis entre si, e se <math>A_n</math> não tiver a propriedade <math>P</math>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, não é verdade que <math>A_1</math> tenha a propriedade <math>P</math>.</p>

Quadro 38 – Exemplos de argumentos de Regras e Exceção

Classe 4: Raciocínio	
Tipo	Explicação
Exemplo	<p><i>Premissa Maior:</i> No caso <math>y</math>, <math>A</math> é <math>P</math> e <math>Q</math>.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> <math>A</math> é um típico caso das coisas que são <math>P</math> e que podem ser ou não <math>Q</math>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, se <math>\kappa</math> é <math>P</math>, normalmente é também <math>Q</math>.</p>
Analogia	<p><i>Premissa Maior:</i> O caso <math>A</math> é similar ao caso <math>B</math>.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> No caso <math>A</math> ocorre <math>y</math>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, pode-se presumir que em <math>B</math> ocorrerá <math>y</math>.</p>
Grupo e seus membros	<p><i>Premissa Maior:</i> O grupo <math>A</math> tem a qualidade <math>\kappa</math>.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> <math>B</math> pertence ao grupo <math>A</math>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então <math>B</math> tem a qualidade <math>\kappa</math>.</p>
Sacrifício	<p><i>Premissa Maior:</i> Para realizar <math>A</math> gastou-se <math>\kappa</math> tempo.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> O tempo é um bem valioso.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, <math>A</math> é valioso.</p>
Ignorância	<p><i>Premissa Maior:</i> Não se estabeleceu que todas as verdades de <math>D</math> estão em <math>C</math>. Devido às suas características, se <math>A</math> fosse verdadeiro seria de esperar que estivesse em <math>C</math>.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> <math>A</math> está em <math>D</math>, mas não em <math>C</math>. Todas as proposições de <math>D</math> são verdadeiras ou falsas.</p> <p><i>Conclusão:</i> Portanto, presume-se que <math>A</math> seja falsa.</p>

Causa e efeito	<p><i>Premissa Maior:</i> Geralmente quando ocorre <i>A</i>, ocorre <i>B</i>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, se está a acontecer <i>A</i>, vai acontecer <i>B</i>.</p>
Abdutivo	<p><i>Premissa Maior:</i> Para explicar o facto <math>\kappa</math> deve-se escolher a hipótese mais plausível.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> Existem diversas hipóteses plausíveis: <i>A</i>, <i>B</i>, <i>C</i>... De entre estas, seleccionou-se a hipótese <i>A</i>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, <i>A</i> é considerada a explicação mais plausível de <math>\kappa</math>.</p>
Correlação com a causa	<p><i>Premissa Maior:</i> Existe uma correlação positiva entre <i>A</i> e <i>B</i>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, <i>A</i> causa <i>B</i>.</p>
Sinal	<p><i>Premissa Maior:</i> Na situação <math>\kappa</math> ocorre <i>A</i>.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> Neste tipo de situações, <i>B</i> só ocorre quando ocorre a característica <i>A</i>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Portanto, na situação <math>\kappa</math> ocorre <i>B</i>.</p>
Evidência para uma hipótese	<p><i>Premissa Maior:</i> Se a hipótese <i>H</i> fosse verdadeira, <i>D</i> seria realizado.</p> <p><i>Conclusão:</i> Se se observar que <i>D</i> foi realizado, então <i>H</i> é verdadeiro; se <i>D</i> não foi realizado, então <i>H</i> é falso.</p>
Desperdício	<p><i>Premissa Maior:</i> Se <i>A</i> deixa de tentar alcançar <math>\kappa</math>, todos os seus esforços prévios para tentar alcançá-lo terão sido em vão.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> Será mau se os esforços prévios de <i>A</i> para alcançar <math>\kappa</math> tenham sido em vão.</p> <p><i>Conclusão:</i> Portanto, <i>A</i> deve continuar a tentar alcançar <math>\kappa</math>.</p>
Alternativa	<p><i>Premissa Maior:</i> Para explicar a situação <math>\kappa</math>, existem duas possibilidades: <i>A</i> e <i>B</i>.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> <i>A</i> refere a característica <i>y</i> que não consta da situação <math>\kappa</math>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, <i>B</i> é a possibilidade mais plausível para explicar <math>\kappa</math>.</p>
Compromisso	<p><i>Premissa Maior:</i> <i>A</i> está comprometido com a proposição <i>P</i>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Portanto, <i>A</i> deve defender <i>P</i>.</p>
Consequência	<p><i>Premissa Maior:</i> Se se fizer <i>A</i>, previsivelmente ter-se-á boas/más consequências.</p> <p><i>Conclusão:</i> Então, deve-se/não se deve fazer <i>A</i>.</p>
Raciocínio prático	<p><i>Premissa Maior:</i> <i>A</i> quer realizar <math>\kappa</math>.</p> <p><i>Premissa Menor:</i> <i>A</i> não consegue realizar <math>\kappa</math> na situação <i>C</i>.</p> <p><i>Conclusão:</i> Para realizar <math>\kappa</math>, <i>A</i> tem de estar noutra situação que não <i>C</i>.</p>

Quadro 39 – Exemplos de argumentos de raciocínio

## Apêndice 2 – Marcadores discursivos em Português-Europeu

<b>Marcadores discursivos</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Estruturadores</b> (ordenam a informação)	Por um lado, por outro lado, em primeiro lugar, para concluir...
<b>Reformuladores</b> (reformulam o enunciado, explicando-o ou retificando-o)	Quer dizer, ou seja, isto é, por outras palavras, ou melhor...
<b>Marcadores conversacionais</b> (gerem a relação interlocutiva)	Ouve, olha, presta atenção...
<b>Temporais</b> (indicam relações temporais entre as frases ou orações)	Quando, entretanto, por fim, depois, em seguida, antes, entretanto, então...
<b>Contrastivos ou contra-argumentativos</b> (indicam relações de oposição ou de concessão)	Mas, embora, no entanto, apesar de, pelo contrário, contrariamente, por oposição...
<b>Aditivos</b> (acrescentam informação)	E, também, além disso, mais ainda, igualmente, do mesmo modo, pela mesma razão, adicionalmente, ainda...
<b>Explicativos e conclusivos</b> (indicam uma relação de causa-efeito, de consequência)	Porque, por isso, consequentemente, pois, portanto, logo, por conseguinte, por esta razão, deste modo, então, de maneira que...
<b>Confirmativos/exemplificativos</b> (reforçam e concretizam ideias)	Por exemplo, de facto, efetivamente, com efeito, na verdade...
<b>Causa</b> (indicam a relação de causalidade entre dois eventos)	Pois, pois que, visto que, já que, porque, dado que, uma vez que, por causa de, posto que, em virtude de, devido a, graças a...
<b>Finais</b>	Com o intuito de, para (que), a fim de, com o fim de, com o objetivo de, de forma a...
<b>Hipótese/condição</b>	Se, caso, a menos que, salvo se, excepto se, a não ser que, desde que, supondo que, admitindo que...
<b>Síntese/conclusão</b>	Em resumo, em suma, concluindo, para concluir...
<b>Alternativos</b>	Ou, alternativamente, em alternativa...

*Quadro 40 - Marcadores discursivos (Adaptado de Amorim & Sousa, 2014, pp. 75-76)*

### Apêndice 3 - Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2008

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2 – 3	2 – 8
SOT <sub>1</sub> : Crise económica mundial	4	9
STT <sub>1</sub> : Atuação do governo	4 – 6	10 – 17
SOT <sub>2</sub> : Prognósticos	7 – 8	18
STT <sub>2</sub> : Compromissos futuros do governo	7	19 – 20
STT <sub>3</sub> : Expectativas em relação aos cidadãos	8	21 – 25
SE <sub>2</sub> : Peroração	9 – 10	26 – 30
Encerramento	11	31 – 32

### Apêndice 4 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2009

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2	2 – 5
SOT <sub>1</sub> : Esperança	3	6
STT <sub>1</sub> : Implicações da crise e atuação do Estado	3	7 – 10
STT <sub>2</sub> : Recuperação económica	4	11 – 17
SOT <sub>2</sub> : Solidariedade	5	18 – 19
STT <sub>3</sub> : Exposição da atitude do governo	5 – 6	20 – 22
SE <sub>2</sub> : Compromisso pessoal e coletivo	7	23 – 24
Apóstrofe	8	25
SOT <sub>3</sub> : Acontecimento de âmbito internacional	9	26
STT <sub>4</sub> : Tratado de Lisboa	9	27 – 28
SE <sub>3</sub> : Peroração	10 – 12	29 – 32
Encerramento	13 – 14	33 – 34

## Apêndice 5 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2010

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
SE <sub>1</sub> : Exórdio	1	1 – 3
SOT <sub>1</sub> : Crise económica mundial	2	4 – 5
STT <sub>1</sub> : Efeitos da crise mundial	3 – 4	6 – 9
STT <sub>2</sub> : Atuação dos governos europeus	5	5 – 10
STT <sub>3</sub> : Atuação do governo português	6 – 9	11 – 24
STT <sub>4</sub> : Esforço de concertação e diálogo	9 – 10	25 – 29
SOT <sub>2</sub> : Mudanças observadas no país	11	30 – 32
STT <sub>5</sub> : Alterações na educação	12 – 15	33 – 42
SE <sub>2</sub> : Peroração	16	43 – 47
Encerramento	17	48 – 52

## Apêndice 6 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2011

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
SE <sub>1</sub> : Exórdio	1 – 4	1 – 10
SOT <sub>1</sub> : Prognósticos sobre o ano de 2012	5	11
STT <sub>1</sub> : Razões subjacentes às previsões apontadas	5	12
STT <sub>2</sub> : Compromissos futuros	6 – 9	13 – 21
SOT <sub>2</sub> : Importância das relações de confiança	10	22 – 24
STT <sub>3</sub> : Degradação dos laços de confiança	11	25
STT <sub>4</sub> : Importância da confiança	11	26 – 27
STT <sub>5</sub> : Compromissos governativos de futuro	12 – 14	28 – 33
SE <sub>2</sub> : Peroração	15	34 – 36
Encerramento	16	37

## Apêndice 7 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2012

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
SE <sub>1</sub> : Exórdio	1	1 – 6
SOT <sub>1</sub> : Previsão sobre 2013	2	7
STT <sub>1</sub> : Reação aos desafios futuros	2	8 – 9
SOT <sub>2</sub> : Situação do país no passado	3	10
STT <sub>2</sub> : Programa de ajuda externa	3 – 4	11 – 15
SE <sub>2</sub> : Elogio aos Portugueses	5 – 6	16 – 22
SOT <sub>3</sub> : Atuação do governo	6	23
STT <sub>3</sub> : Medidas implementadas	6 – 7	24 – 26
STT <sub>4</sub> : Avaliação da performance do governo	7	27 – 29
STT <sub>5</sub> : Compromissos do governo	8 – 9	30 – 36
SE <sub>3</sub> : Peroração	10	37 – 43
Encerramento	11	44

## Apêndice 8 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2013

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2	2
	3	7 – 9
SOT <sub>1</sub> : Atuação do governo	2	3
STT <sub>1</sub> : Âmbito social	2	4 – 6
STT <sub>2</sub> : Campo económico	4	10 – 14
STT <sub>3</sub> : Área do emprego	4	15 – 16
STT <sub>4</sub> : Redução do défice orçamental	4	17 – 18
SE <sub>2</sub> : Elogio ao empenho português	5	19 – 22
SOT <sub>2</sub> : Ultrapassar a crise	6	23
STT <sub>5</sub> : Ações a desenvolver no futuro	6	24 – 27
STT <sub>6</sub> : Conclusão do Programa de Assistência	7 – 8	28 – 35
SE <sub>3</sub> : Defesa de uma sociedade mais democrática	9	36 – 39
SE <sub>4</sub> : Peroração	10	40 – 42
Encerramento	11	43

## Apêndice 9 – Quadro-síntese da segmentação textual da Pt2014

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2 – 5	2 – 15
SOT <sub>1</sub> : Atuação do governo	6	16 – 18
STT <sub>1</sub> : Compromissos do governo	6 – 9	19 – 25
STT <sub>2</sub> : Performance do governo	9 – 10	26 – 32
STT <sub>3</sub> : Compromissos do governo	11	33 – 37
SE <sub>2</sub> : Peroração	12 – 16	38 – 62
Encerramento	17	63

## Apêndice 10 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br20008

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2 – 7	2 – 19
SOT <sub>1</sub> : Performance do Governo	8	20 – 22
STT <sub>1</sub> : Atuação do governo e respetivo impacto	9 – 20	23 – 55
STT <sub>2</sub> : Ações governativas em curso e de futuro	21 – 24	56 – 63
SOT <sub>2</sub> : Antevisão	25 – 26	64 – 66
STT <sub>3</sub> : Compromissos governativos futuros	26	67 – 70
STT <sub>4</sub> : Expectativas sobre a ação dos cidadãos	27 – 31	71 – 83
SE <sub>2</sub> : Peroração	32 – 33	84 – 91
Encerramento	34 – 36	92 – 96

## Apêndice 11 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2009

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2	2 – 13
SOT <sub>1</sub> : Performance do governo	3 – 4	14 – 15
STT <sub>1</sub> : Garantias e compromissos	4	16 – 26
STT <sub>2</sub> : Medidas em implementação e seu impacto	5 – 7	25 – 37
SOT <sub>2</sub> : Superação da crise	8 – 9	38 – 39
STT <sub>3</sub> : Motivos para vencer a crise	9	40 – 45
STT <sub>4</sub> : Resultados da aplicação do modelo de desenvolvimento	9	46 – 53
SE <sub>2</sub> : Peroração	10 – 11	54 – 60
Encerramento	12	61

## Apêndice 12 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2010

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2 – 3	2 – 9
SOT <sub>1</sub> : Situação econômico-financeira do Brasil	4 – 5	11 – 13
STT <sub>1</sub> : Responsabilidade do Locutor e dos brasileiros	5 – 7	14 – 23
STT <sub>2</sub> : Crescimento econômico e social do Brasil	8 – 10	24 – 29
STT <sub>3</sub> : Obras e projetos em implementação	11 – 14	30 – 38
STT <sub>4</sub> : Resultados das medidas implementadas	15 – 16	39 – 45
STT <sub>5</sub> : Resultados financeiros	17 – 18	46 – 57
SOT <sub>2</sub> : Prognósticos sobre o Brasil	19	58
STT <sub>6</sub> : Motivos	19	59 – 64
SE <sub>2</sub> : Peroração	20 – 22	65 – 83
Encerramento	22	84

### Apêndice 13 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2011

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2 – 3	2 – 5
SOT <sub>1</sub> : Avanço do país	4 – 5	6 – 9
STT <sub>1</sub> : Ações implementadas pelo governo	6 – 9	10 – 17
SOT <sub>2</sub> : Performance do governo	10	18
STT <sub>2</sub> : Questões financeiras	10 – 12	19 – 25
STT <sub>3</sub> : Moradia	13	26 – 27
STT <sub>4</sub> : Tributação	14 – 15	33; 37 – 39
STT <sub>5</sub> : Apoio Social	18 – 21	44 – 47; 50
SOT <sub>3</sub> : Compromissos de futuro	10	18
STT <sub>3</sub> : Moradia	13	28
STT <sub>4</sub> : Tributação	14	34 – 36
STT <sub>6</sub> : Impacto do PAC	16 – 17	40 – 41
STT <sub>5</sub> : Apoio Social	18 – 21	42 – 43; 48 – 49
STT <sub>7</sub> : Saúde	22	51 – 54
STT <sub>8</sub> : Educação	23	55 – 56
SE <sub>2</sub> : Peroração	24 – 27	57 – 61
Encerramento	28 – 29	62 – 63

## Apêndice 14 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2012

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2 – 4	2 – 4
SOT <sub>1</sub> : Performance do governo	5 – 6	5 – 7
STT <sub>1</sub> : Apoio social	6 – 7	8 – 12
STT <sub>2</sub> : Emprego	8 – 9	13 – 17
STT <sub>3</sub> : Moradia	10	18 – 20
STT <sub>4</sub> : Questões financeiras	11	21 – 22
SOT <sub>2</sub> : Modelo de desenvolvimento	12 – 13	23 – 24
STT <sub>5</sub> : Programa de crescimento e competitividade da economia	14 – 20	25 – 37
SE <sub>2</sub> : Apelo ao povo	21 – 22	38 – 41
SOT <sub>1</sub> : Performance do governo	23	42
STT <sub>6</sub> : Educação	23 – 28	43 – 51
SOT <sub>3</sub> : Eventos desportivos	29	52
STT <sub>7</sub> : Copa do Mundo	30 – 31	53 – 59
STT <sub>8</sub> : Jogos Olímpicos	32 – 33	60 – 61
SE <sub>3</sub> : Convocatória	34 – 35	62 – 64
SE <sub>4</sub> : Peroração	36	65 – 76
Encerramento	43 – 44	77 – 78

## Apêndice 15 – Quadro-síntese da segmentação textual da Br2013

Classificação e Definição	Localização	
	§	ft
Abertura	1	1
SE <sub>1</sub> : Exórdio	2 – 5	2 – 17
SOT <sub>1</sub> : Performance do governo	6	18
STT <sub>1</sub> : Emprego	7 – 8	19 – 24
STT <sub>2</sub> : Indústria e agropecuária	9	25 – 29
STT <sub>3</sub> : Saúde	10	30 – 32
STT <sub>4</sub> : Educação	11	33 – 37
STT <sub>5</sub> : Âmbito social	12 – 13	38 – 42
STT <sub>6</sub> : Combate à corrupção	14	43 – 44
STT <sub>7</sub> : Síntese	14 – 15	45 – 49
SOT <sub>2</sub> : Antevisão do futuro do Brasil	16 – 17	50 – 51
STT <sub>8</sub> : Futuro do país e da economia	17 – 19	52 – 62
STT <sub>9</sub> : Compromissos de futuro	19 – 21	63 – 67
SE <sub>2</sub> : Peroração	22 – 23	68 – 71
Encerramento	24 – 25	72 – 73

## Anexos

### Anexo 1 – Mensagem de Final de Ano Pt2008

1§ [ft<sub>1</sub>] Prezados concidadãos,

2§ [ft<sub>2</sub>] Cumpro com gosto e uma vez mais esta bela tradição de desejar a todos os Portugueses e a todas as famílias um Feliz Natal e Bom Ano Novo. [ft<sub>3</sub>] Este é o tempo de celebração dos valores da paz, da família e da fraternidade. [ft<sub>4</sub>] É o tempo de celebração da esperança. [ft<sub>5</sub>] E é justamente de esperança, a palavra que vos quero transmitir.

3§ [ft<sub>6</sub>] O ano 2008 foi, todos sabemos, um ano difícil. [ft<sub>7</sub>] Sei bem o esforço que a todos tem sido exigido. [ft<sub>8</sub>] E é por isso que sinto que é meu dever neste momento deixar uma palavra de reconhecimento e de gratidão a todos quantos têm dado o seu melhor por Portugal.

4§ [ft<sub>9</sub>] O mundo vive hoje uma grave crise económica e financeira. [ft<sub>10</sub>] Os seus efeitos já se sentem também no nosso país, mas a verdade é que nos últimos três anos o país ultrapassou a crise orçamental e pôs as contas públicas em ordem.

5§ [ft<sub>11</sub>] Quero que saibam que neste momento difícil da Europa e do mundo, os Portugueses podem contar com a determinação do governo. [ft<sub>12</sub>] Determinação no apoio à economia, determinação também na defesa e na promoção do emprego, mas determinação sobretudo na proteção das famílias, especialmente as famílias de menores rendimentos, protegendo-as das dificuldades que sentem e ajudando-as nas suas despesas principais. [ft<sub>13</sub>] Foi aliás por isso que aumentámos o abono de família, que melhorámos a ação social escolar, que diminuámos a despesa com os transportes escolares; foi por isso que criámos as condições para que baixassem os juros com a habitação, generalizámos o complemento solidários para idosos, protegemos as poupanças, aumentámos o salário mínimo, e atualizámos os salários da função pública acima da inflação. [ft<sub>14</sub>] É esta a orientação do governo, reforço do investimento público, apoio à economia, apoio ao emprego, aumento da proteção social. [ft<sub>15</sub>] Porque esta é a resposta adequada aos tempos difíceis que hoje vivemos.

6§ [ft<sub>16</sub>] Hoje os Portugueses compreendem certamente melhor porque foi preciso consolidar as finanças públicas, defender a segurança social pública, reformar serviços públicos. [ft<sub>17</sub>] Foi justamente para que no momento em que as famílias mais precisam do Estado, o Estado tenha agora as condições para intervir e para ajudar quem precisa.

7§ [ft<sub>18</sub>] O ano 2009 vai certamente ser um ano difícil e exigente para todos, mas o nosso dever é não ficarmos à espera que os problemas se resolvam por si próprios. [ft<sub>19</sub>] Pela minha parte e pela parte do governo quero garantir-vos que não temos outra orientação que não seja defender o interesse nacional neste momento particularmente difícil. [ft<sub>20</sub>] E defender o interesse nacional é usar todos os recursos ao nosso alcance com rigor, com sentido de responsabilidade e com iniciativa para ajudar as famílias, os trabalhadores e as empresas a superarem as dificuldades e para incentivar o investimento económico que gera riqueza e que gera emprego.

8§ [ft<sub>21</sub>] É em momentos difíceis e exigentes que se espera de todos uma atitude de confiança, uma capacidade de entreaajuda, um sentido de responsabilidade solidário. [ft<sub>22</sub>] O país precisa dessa atitude, desse empenhamento e dessa determinação. [ft<sub>23</sub>] E há boas razões para termos confiança. [ft<sub>24</sub>] Os Portugueses já conseguiram enfrentar e resolver uma grave crise orçamental. [ft<sub>25</sub>] Saberão agora com o seu talento e o seu trabalho superar os efeitos negativos da crise económica internacional.

9§ [ft<sub>26</sub>] Nesta época em que todas as famílias comemoram o espírito de Natal, devemos valorizar tudo aquilo que nos une como povo e como comunidade e contribuir solidariamente para o bem-estar coletivo e para um futuro de esperança e de prosperidade.

10§ [ft<sub>27</sub>] Quero saudar, portanto, todos os Portugueses e a todos peço empenhamento e coragem e a todos deixo uma palavra de estímulo e uma palavra de confiança. [ft<sub>28</sub>] Aos que sofrem com a doença, a pobreza ou a solidão, exprimo uma palavra particular de profunda solidariedade. [ft<sub>29</sub>] Saúdo especialmente os militares das forças armadas e os elementos das forças de segurança que se encontram no estrangeiro em missões de paz, honrando e dignificando o nome do nosso país. [ft<sub>30</sub>] Saúdo também as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo e que em todos os continentes mostram a nossa capacidade de trabalho e de iniciativa e o nosso carácter, pacífico e solidário.

11§ [ft<sub>31</sub>] A todos vós, caros compatriotas, quero renovar os votos de Feliz Natal e de Feliz Ano Novo. [ft<sub>32</sub>] Boas festas.

## Anexo 2 – Mensagem de Final de Ano Pt2009

1§ [ft<sub>1</sub>] Prezados concidadãos,

2§ [ft<sub>2</sub>] Dirijo-me a todos cumprindo com gosto esta boa tradição portuguesa da Mensagem de Natal. [ft<sub>3</sub>] O Natal é o tempo do reencontro, da família, da solidariedade e é também o tempo da esperança. [ft<sub>4</sub>] E é justamente destas duas palavras que vos desejo falar: de esperança e de solidariedade. [ft<sub>5</sub>] Palavras tão apropriadas a esta quadra de Natal, mas sobretudo são palavras necessárias aos tempos que vivemos.

3§ [ft<sub>6</sub>] Em primeiro lugar a esperança. [ft<sub>7</sub>] O ano de 2009 ficou marcado em Portugal, como aliás ficou marcado em todos os países do mundo, pelos efeitos da maior crise económica e financeira dos últimos 80 anos. [ft<sub>8</sub>] Este foi, portanto, um ano de grande exigência para todos. [ft<sub>9</sub>] Para as famílias, para os trabalhadores, para as empresas. [ft<sub>10</sub>] Mas a intervenção do Estado no momento certo, permitiu estabilizar o nosso sistema financeiro, apoiar as famílias, apoiar as empresas, estimular a economia.

4§ [ft<sub>11</sub>] A crise económica mundial persiste, é certo, mas há agora sinais claros de que estamos a retomar lentamente um caminho da recuperação. [ft<sub>12</sub>] Temos ainda muito trabalho pela frente, certamente. [ft<sub>13</sub>] Precisamos de investimento público que crie emprego, precisamos de investir nos domínios que são essenciais à modernização do nosso país, as infraestruturas de transportes e comunicações, as escolas, os hospitais, as barragens, as energias renováveis. [ft<sub>14</sub>] Precisamos de continuar a apoiar as nossas empresas, com particular atenção às pequenas e médias empresas, às empresas exportadoras, às empresas criadoras de emprego. [ft<sub>15</sub>] Precisamos de continuar a aposta na qualificação dos Portugueses, estendendo a escola para todos até ao 12.º ano, promovendo ainda mais a frequência do ensino superior, e apostando, como temos feito até aqui, no ensino profissional e no programa Novas Oportunidades que já tem mais de um milhão de inscritos. [ft<sub>16</sub>] A esperança num ano de 2010 com crescimento da economia e do emprego tem uma razão de ser, é a confiança nas capacidades dos Portugueses. [ft<sub>17</sub>] E esta é também a nossa responsabilidade: é estar à altura dos desafios dos tempos exigentes que atravessamos.

5§ [ft<sub>18</sub>] Mas o Natal também é o tempo de fraternidade e de solidariedade. [ft<sub>19</sub>] E ser solidário é apoiar mais quem mais precisa. [ft<sub>20</sub>] E é justamente isso que temos procurado fazer quando aumentamos as pensões mais baixas, quando alargamos a proteção no desemprego, quando atribuímos bolsas para a frequência do ensino secundário aos alunos mais carenciados e é isso que temos procurado fazer, designadamente, quando aumentamos, mais uma vez, de forma significativa o valor do salário mínimo. [ft<sub>21</sub>] Mas ser solidário é também apoiar as famílias, e por isso temos feito subir o valor do abono de família, e temos em curso o maior programa de sempre de investimentos em creches, justamente para apoiar as jovens famílias a cuidar dos seus filhos e a compatibilizarem melhor a sua vida familiar com a sua vida profissional.

6§ [ft<sub>22</sub>] Esperança, confiança, solidariedade.

7§ [ft<sub>23</sub>] Os Portugueses sabem que podem contar da minha parte com confiança, energia e determinação na resolução dos problemas do país. [ft<sub>24</sub>] É com este espírito e com esta atitude que encaro o ano de 2010 e sei também que é esta a atitude dos Portugueses e das Portuguesas que todos os dias dão o melhor do seu esforço e do seu talento em nome das suas famílias, mas também do seu país.

8§ [ft<sub>25</sub>] Prezados cidadãos,

9§ [ft<sub>26</sub>] Neste ano que agora termina há um acontecimento que gostaria de recordar pelo que ele representa de afirmação do nosso país no mundo. [ft<sub>27</sub>] No passado dia 1 de dezembro entrou em vigor o novo Tratado da União Europeia, que se chama o Tratado de Lisboa. [ft<sub>28</sub>] O nome da capital de Portugal ficará, portanto, a partir de agora associado à construção de uma Europa mais forte e mais capaz de se afirmar no mundo para defender os valores da paz, do desenvolvimento e da democracia que sempre foram os valores europeus.

10§ [ft<sub>29</sub>] Cumpro também com satisfação e com orgulho o meu dever de expressar o meu profundo reconhecimento aos militares portugueses em missões de paz no estrangeiro que com a sua ação têm dado um contributo ímpar para a afirmação de Portugal no mundo.

11§ [ft<sub>30</sub>] Dirijo também uma palavra de solidariedade e de apoio àqueles portugueses que foram afetados pelas recentes intempéries. [ft<sub>31</sub>] Quero garantir-lhes que o governo usará todos os instrumentos para os ajudar a superar as dificuldades e para retomar a atividade económica nas zonas mais afetadas.

12§ [ft<sub>32</sub>] Finalmente, quero dirigir uma palavra especial de saudação aos nossos emigrantes, aos nossos compatriotas espalhados pelos vários cantos do mundo, que nesta época, em particular nesta época, têm no seu espírito as suas famílias, os seus entes mais queridos e o seu país.

13§ [ft<sub>33</sub>] A todos os portugueses e às suas famílias, quero desejar um Feliz Natal e um Bom Ano Novo.

14§ [ft<sub>34</sub>] Boas festas para todos.

### Anexo 3 – Mensagem de Final de Ano Pt2010

1§ [ft<sub>1</sub>] Esta é uma época especial do ano para todos, crentes e não crentes. [ft<sub>2</sub>] Uma época de reunião familiar, de celebração da paz e do espírito de reconciliação e solidariedade. [ft<sub>3</sub>] Por isso, nesta quadra, cumpro com gosto a tradição de dirigir a todas as famílias e a todos os Portugueses uma breve mensagem de Natal.

2§ [ft<sub>4</sub>] O ano que está prestes a terminar foi, sem dúvida, um dos mais difíceis e exigentes da nossa história recente. [ft<sub>5</sub>] A verdade é que estamos ainda a sentir os efeitos da maior crise económica mundial dos últimos 80 anos.

3§ [ft<sub>6</sub>] Apesar dos animadores sinais de recuperação económica que se registaram ao longo deste ano – na Europa e também aqui em Portugal, em particular com o bom crescimento das nossas exportações – a crise deixou as suas marcas, que ainda aí estão.

4§ [ft<sub>7</sub>] Um dos efeitos da crise global, que acabou por condicionar todo este ano de 2010, foi a séria crise de confiança que se abateu nos mercados financeiros sobre as dívidas soberanas dos países do Euro. [ft<sub>8</sub>] Esta situação, sem precedentes na União Europeia, levou à subida injustificada dos juros e afetou todas as economias europeias. [ft<sub>9</sub>] Basta, aliás, ver o que passa lá fora para se compreender a dimensão europeia desta crise que a todos afeta embora a alguns países de forma mais intensa.

5§ [ft<sub>10</sub>] A verdade é que todos os governos europeus tiveram este ano de fazer ajustamentos nas suas estratégias e tiveram de adotar medidas difíceis e exigentes, de modo a antecipar a redução dos seus défices como forma de contribuir para a recuperação da confiança nos mercados financeiros.

6§ [ft<sub>11</sub>] O Governo português tomou as medidas necessárias para enfrentar esta situação. [ft<sub>12</sub>] Com confiança, com sentido de responsabilidade e com determinação. [ft<sub>13</sub>] Definiu metas ambiciosas para 2010 e 2011 que vamos cumprir. [ft<sub>14</sub>] O que está em causa é da maior importância. [ft<sub>15</sub>] O que está em causa é o financiamento da nossa economia, a proteção do emprego, a credibilidade do Estado português, e o próprio modelo social em queremos viver.

7§ [ft<sub>16</sub>] Tenho plena consciência do esforço que está a ser pedido a todos os Portugueses. [ft<sub>17</sub>] Mas quero que saibam que este é o único caminho que protege o País e que defende o interesse nacional. [ft<sub>18</sub>] Caminho que temos de percorrer com determinação, para que possamos, finalmente, virar a página desta crise e garantir um futuro melhor para a nossa economia e para todos os Portugueses.

8§ [ft<sub>19</sub>] Os Portugueses sabem que não sou de desistir, nem sou de me deixar vencer pelas dificuldades. [ft<sub>20</sub>] Pelo contrário. [ft<sub>21</sub>] É nestes momentos que mais sinto a energia interior e o sentido do dever para apelar à mobilização dos Portugueses. [ft<sub>22</sub>] E sinto, aliás que nesta atitude sou acompanhado pela maioria dos Portugueses que souberam sempre, nestas alturas, dar o melhor de si próprios para superar as dificuldades do momento.

9§ [ft<sub>23</sub>] De facto, esta não é uma tarefa apenas para quem governa. [ft<sub>24</sub>] Tem de ser também uma tarefa do País. [ft<sub>25</sub>] É por isso que o Governo tem atribuído tanta importância ao esforço de concertação e de diálogo social. [ft<sub>26</sub>] Foi nesse espírito que lançámos recentemente as 50 medidas da

nossa agenda para a Competitividade e o Emprego; que acordámos com as Misericórdias, Mutualidades e Instituições Particulares de Solidariedade Social o reforço da cooperação para o apoio social no próximo ano; e que, nos últimos dias, negociámos com os parceiros sociais os termos do aumento do salário mínimo nacional para os 500 Euros já no próximo ano.

10§ [ft<sub>27</sub>] Tudo faremos para consolidar este ambiente de concertação e de diálogo social. [ft<sub>28</sub>] Porque ele é muito importante para, em conjunto, irmos mais longe. [ft<sub>29</sub>] E para darmos razões acrescidas de confiança na economia portuguesa.

11§ [ft<sub>30</sub>] Nestes anos o País mudou, mudou muito e em muitas áreas. [ft<sub>31</sub>] Na energia com a aposta nas renováveis, nas tecnologias de informação, na investigação científica e noutros domínios essenciais para a modernização do País. [ft<sub>32</sub>] Mas há uma área em especial de que quero falar-vos hoje, que é a educação, porque ela é bem o exemplo de que as reformas, feitas com sentido e determinação, produzem bons resultados.

12§ [ft<sub>33</sub>] Um estudo internacional recente – que é aliás a referência para todos os países do mundo – revelou que nos últimos anos os nossos alunos fizeram progressos assinaláveis em todas as áreas. [ft<sub>34</sub>] Este progresso colocou, finalmente, Portugal na média da OCDE, que inclui os trinta países mais desenvolvidos do mundo. [ft<sub>35</sub>] E Portugal foi mesmo um dos países que mais progrediu nos domínios da leitura, da matemática e da ciência.

13§ [ft<sub>36</sub>] Mas este progresso não foi um resultado isolado ou ocasional. [ft<sub>37</sub>] A verdade é que há outros domínios igualmente importantes em que Portugal já alcançou o nível dos países mais desenvolvidos. [ft<sub>38</sub>] 81% dos nossos jovens entre os 15 e os 18 anos frequentam a escola; 35% dos jovens com 22 anos estão hoje no ensino superior. [ft<sub>39</sub>] Estes são resultados que nos colocam, finalmente, no patamar educacional dos países mais desenvolvidos.

14§ [ft<sub>40</sub>] E sublinho este progresso na educação porque ele é essencial para o futuro. [ft<sub>41</sub>] Essencial para o êxito pessoal dos nossos filhos, para a igualdade de oportunidades no nosso país; e para o sucesso da nossa economia.

15§ [ft<sub>42</sub>] Preparar o futuro, fazer o caminho das reformas, não desistir à primeira dificuldade, andar em frente – é esse o caminho para alcançar resultados.

16§ [ft<sub>43</sub>] É, pois, uma palavra de confiança que quero dirigir, neste Natal, a todos os Portugueses. [ft<sub>44</sub>] Temos de superar as dificuldades do momento, garantindo o financiamento do Estado e da economia. [ft<sub>45</sub>] Mas temos também de pôr em prática uma agenda de crescimento da economia e do emprego, fazendo-o com diálogo e concertação social. [ft<sub>46</sub>] E temos de prosseguir nas reformas estruturais nos sectores, como a energia, a educação, a ciência, a tecnologia, que sustentam o desenvolvimento e a coesão social. [ft<sub>47</sub>] É verdadeiramente isto que o País exige, e é nisto que os Portugueses estão empenhados: em construir um País melhor.

17§ [ft<sub>48</sub>] Em nome do Governo e em meu nome pessoal, gostaria de desejar a todos os portugueses um Feliz Natal. [ft<sub>49</sub>] Impõe-se uma palavra especial a todos os nossos concidadãos que passam esta quadra longe das suas famílias. [ft<sub>50</sub>] Aos militares das Forças Armadas e aos elementos das Forças de Segurança, que se encontram no estrangeiro, às comunidades portuguesas espalhadas pelo

mundo. [ft<sub>51</sub>] A todos quero expressar reconhecimento e orgulho pelo trabalho que desenvolvem honrando e dignificando o nome de Portugal. [ft<sub>52</sub>] Feliz Natal!



## Anexo 4 – Mensagem de Final de Ano Pt2011

1§ [ft<sub>1</sub>] Nestes últimos 6 meses, desde que tomei posse, ouvi muita gente de todo o País. [ft<sub>2</sub>] Muitas pessoas partilharam comigo as suas ansiedades por dívidas que não conseguiam pagar, frustrações por oportunidades que não aparecem, preocupações com o futuro dos seus filhos.

2§ [ft<sub>3</sub>] Muito do que eu ouvi reflete bem os tempos difíceis que vivemos. [ft<sub>4</sub>] Mas também ouvi muitas palavras de coragem, de tenacidade e de esperança. [ft<sub>5</sub>] Escutei muitos testemunhos de nobreza perante a adversidade de gente que não desiste, nem se resigna.

3§ [ft<sub>6</sub>] Estou bem consciente dos problemas que tantos enfrentam, sobretudo o dos jovens que querem começar a realizar os seus sonhos e o daqueles mais velhos que, apesar do capital acumulado de saber e de experiência, se veem afastados do mercado de trabalho. [ft<sub>7</sub>] Uma sociedade que se preza não pode desperdiçar nem os seus jovens nem as pessoas que se encontram na fase mais avançada da sua vida ativa.

4§ [ft<sub>8</sub>] Estou bem consciente das desigualdades e das injustiças de tantos aspetos da sociedade portuguesa. [ft<sub>9</sub>] São muitas as pessoas com quem falo que me relatam experiências de vida que atentam contra os nossos sentimentos mais elementares de justiça. [ft<sub>10</sub>] E eu partilho com elas a noção de que as nossas estruturas e as nossas instituições, tanto políticas como económicas, nem sempre estão à altura do serviço que têm de prestar.

5§ [ft<sub>11</sub>] Por várias vezes tenho dito que 2012 será um ano determinante para nós, para todos os Portugueses. [ft<sub>12</sub>] Será determinante porque temos muitos compromissos para honrar, muitos objetivos orçamentais e financeiros para cumprir, mas sobretudo porque temos muitas reformas estruturais para executar.

6§ [ft<sub>13</sub>] 2012 será um ano de grandes mudanças e transformações. [ft<sub>14</sub>] Transformações que incidirão com profundidade nas nossas estruturas económicas. [ft<sub>15</sub>] São estas estruturas que muitas vezes não permitem aos Portugueses realizar todo o seu potencial, que reprimem as suas oportunidades, que protegem núcleos de privilégio injustificado, que preservam injustiças e iniquidades, que não recompensam o esforço, a criatividade, o trabalho e a dedicação. [ft<sub>16</sub>] São estruturas que têm de ser mudadas.

7§ [ft<sub>17</sub>] Também já tive a ocasião de dizer que a orientação geral de todas essas reformas será a democratização da nossa economia. [ft<sub>18</sub>] Queremos colocar as pessoas, as pessoas comuns com as suas atividades, com os seus projetos, com os seus sonhos, no centro da transformação do País. [ft<sub>19</sub>] Queremos que o crescimento, a inovação social e a renovação da sociedade portuguesa venha de todas as pessoas, e não só de quem tem acesso privilegiado ao poder ou de quem teve a boa fortuna de nascer na proteção do conforto económico.

8§ [ft<sub>20</sub>] Queremos que estas reformas nasçam de baixo para cima, queremos criar as condições para que todos os Portugueses, cada um dos Portugueses, nas suas escolhas, com o seu trabalho, com as suas capacidades, construa o seu próprio futuro e, em conjunto, o futuro de todos.

9§ [ft<sub>21</sub>] As reformas que o Governo vai executar foram pensadas para fazer dos homens e das mulheres de todo o País os participantes ativos na transformação e na recuperação de Portugal.

10§ [ft<sub>22</sub>] O Natal é uma festa de paz, de tolerância, de dádiva, de partilha e de entreaajuda. [ft<sub>23</sub>] É uma festa em que nos é dada a compreender a importância de relações de amizade, de solidariedade e de confiança nas nossas vidas. [ft<sub>24</sub>] Mas nem sempre consideramos devidamente que precisamos de restabelecer e fortalecer relações de confiança mais estáveis que vão além da nossa vida privada e familiar.

11§ [ft<sub>25</sub>] Na nossa vida coletiva a degradação dos laços de confiança ao longo dos anos teve graves consequências na qualidade da nossa democracia, no nosso desempenho económico e na nossa solidariedade comunitária. [ft<sub>26</sub>] A confiança é um ativo público, é um capital invisível, é um bem comum, determinante para o desenvolvimento social, para a coesão e para a equidade. [ft<sub>27</sub>] São os laços de confiança que formam a rede que nos segura a todos numa mesma sociedade.

12§ [ft<sub>28</sub>] Ora, um dos objetivos prioritários do programa de reforma estrutural do Governo consiste precisamente na recuperação e no fortalecimento da confiança. [ft<sub>29</sub>] Não só da confiança dos cidadãos nas instituições, mas também da confiança que temos uns nos outros, nas nossas relações profissionais, nas nossas relações sociais e nas nossas relações de cidadania.

13§ [ft<sub>30</sub>] Sem confiança, torna-se mais difícil agirmos em conjunto. [ft<sub>31</sub>] Torna-se mais difícil trocarmos ideias ou experiências uns com os outros, ou fazer investimentos e projetos a longo prazo. [ft<sub>32</sub>] Mas com mais confiança vem mais solidariedade, mais democracia, mais justiça e mais vitalidade social.

14§ [ft<sub>33</sub>] Para construir a sociedade de confiança que queremos temos de reformar a Justiça, temos de tornar muito mais transparentes a máquina administrativa e as decisões públicas, temos de abrir a concorrência, agilizar a regulação e acelerar a difusão de uma cultura de responsabilidade no Estado, na economia e na sociedade.

15§ [ft<sub>34</sub>] Aproveitemos, pois, esta quadra natalícia para recobrar o fôlego para as grandes tarefas que nos aguardam. [ft<sub>35</sub>] Neste Natal temos razões para olhar de frente o futuro com esperança porque sabemos o que queremos. [ft<sub>36</sub>] E porque sabemos que os Portugueses têm sido corajosos e que o seu esforço vai valer a pena.

16§ [ft<sub>37</sub>] Um Bom Natal e um Feliz Ano Novo.

## Anexo 5 – Mensagem de Final de Ano Pt2012

1§ [ft<sub>1</sub>] No momento em que se aproxima o final de um ano de grandes sacrifícios para os Portugueses, sabemos que ainda não pusemos esta grave crise para trás das costas. [ft<sub>2</sub>] Mas também sabemos que já começámos a lançar as bases de um futuro próspero. [ft<sub>3</sub>] Ainda não podemos declarar vitória sobre a crise, mas estamos hoje muito mais perto de o conseguir. [ft<sub>4</sub>] E uma condição essencial para sermos vitoriosos sobre a dívida e sobre o desemprego é acreditarmos em nós próprios. [ft<sub>5</sub>] É encontrarmos a clarividência, a força e a tenacidade para ultrapassarmos este momento. [ft<sub>6</sub>] É renunciarmos de uma vez por todas ao pessimismo que marcou a nossa história recente.

2§ [ft<sub>7</sub>] Em 2013 continuaremos a preparar o nosso futuro. [ft<sub>8</sub>] São grandes os desafios e as tarefas que nos aguardam, sobretudo num momento em que na Europa e em várias regiões do mundo subsistem inúmeras incertezas. [ft<sub>9</sub>] Teremos de responder a essas incertezas com as nossas certezas, as certezas que partilhamos como povo: a certeza de que vamos ultrapassar as atuais dificuldades, a certeza de que Portugal é capaz de reformar o Estado e as suas instituições, a certeza de que queremos uma sociedade mais justa do que foi até hoje, a certeza de que a nossa economia será competitiva no mundo globalizado, a certeza de que os dias mais prósperos e mais felizes do nosso País estão à nossa frente.

3§ [ft<sub>10</sub>] Quando este Governo tomou posse, Portugal tinha acabado de assinar um programa de ajuda financeira com instituições internacionais, um programa cujo valor global equivalia a quase metade de toda a riqueza que produzimos num ano. [ft<sub>11</sub>] Este programa implicava a realização de avaliações regulares e impunha uma longa lista de medidas desenhadas para recuperar as nossas finanças públicas e a competitividade da nossa economia.

4§ [ft<sub>12</sub>] Julgo que nesse momento todos terão percebido que iríamos iniciar um período de grandes dificuldades. [ft<sub>13</sub>] Não é comum um país ter de pedir ajuda financeira. [ft<sub>14</sub>] E quando isto sucede numa economia desenvolvida como a nossa, onde o Estado tem compromissos muito pesados e importantes, então podemos dizer que entramos verdadeiramente numa zona de perigo. [ft<sub>15</sub>] Foi isso mesmo que sucedeu há pouco mais de um ano e meio.

5§ [ft<sub>16</sub>] Já o disse, e torno hoje a dizê-lo: para mim não existe forma mais elevada de coragem do que aquela que tem sido diariamente demonstrada pelos Portugueses. [ft<sub>17</sub>] Não existe forma mais elevada de coragem do que enfrentar diariamente novas dificuldades, sem nunca desesperar. [ft<sub>18</sub>] Sem fingir que estas dificuldades não existem. [ft<sub>19</sub>] Sem as empurrar para outros. [ft<sub>20</sub>] Sem renunciar às nossas responsabilidades, que subitamente se tornaram mais pesadas.

6§ [ft<sub>21</sub>] As dificuldades do presente nem sempre nos deixam ver o que conquistamos com a coragem de todos, mas sabemos a sua importância. [ft<sub>22</sub>] Conquistámos o caminho à nossa frente, um caminho onde no início havia apenas dúvidas e incerteza. [ft<sub>23</sub>] A esmagadora maioria das medidas que faziam parte do nosso programa está já concluída ou em fase de conclusão. [ft<sub>24</sub>] Criámos uma relação de grande confiança com as instituições internacionais responsáveis por esse programa.

7§ [ft<sub>25</sub>] Transformámos alguns aspetos da nossa economia que sempre tinham sido obstáculos ao investimento e à criação de riqueza e que em muitos casos se mantinha fechada à participação de todos. [ft<sub>26</sub>] Iniciámos um processo de reforma das estruturas e funções do Estado, um processo tantas vezes adiado, aqui como noutros países, mas que é agora inadiável, para nós como para os nossos parceiros europeus. [ft<sub>27</sub>] Nalguns aspetos temos de continuar o trabalho que fizemos até aqui. [ft<sub>28</sub>] Noutros temos certamente de melhorar, e noutros ainda haverá novas tarefas no futuro próximo. [ft<sub>29</sub>] Mas há muito que não tínhamos um caminho aberto para fazer tudo isto, e uma oportunidade que é finalmente nossa para agarrar com ambas as mãos.

8§ [ft<sub>30</sub>] A minha obrigação neste momento é oferecer uma dupla garantia. [ft<sub>31</sub>] Primeiro, a de que todos foram e continuarão a ser chamados a participar neste esforço nacional.

9§ [ft<sub>32</sub>] Segundo, a de que todos beneficiarão das novas oportunidades que criaremos nos próximos anos. [ft<sub>33</sub>] Julgo que foi um imperativo de justiça que aqueles que vivem com mais recursos económicos tenham sido chamados a dar um contributo maior para que - por exemplo - nove em cada dez reformados não tenham sido atingidos por cortes ou reduções nas suas pensões. [ft<sub>34</sub>] Conseguimos mesmo, pelo segundo ano consecutivo, atualizar as pensões mínimas acima da inflação. [ft<sub>35</sub>] Cumpre agora garantir que ninguém sairá desta crise sem a capacidade plena de aproveitar essas oportunidades. [ft<sub>36</sub>] Ninguém que esteve presente nos piores momentos da crise, com a sua coragem e o seu esforço, será deixado para trás nos anos de oportunidade que temos pela frente.

10§ [ft<sub>37</sub>] Como sempre acontece, esta quadra natalícia será um momento especial para recordarmos aqueles que estão mais longe, ou aqueles que se afastaram de nós no último ano. [ft<sub>38</sub>] Devemos lembrar as comunidades portuguesas e todos os emigrantes no estrangeiro, ou os nossos militares em missões noutras regiões do planeta. [ft<sub>39</sub>] Também eles são atingidos pelo que se passa em Portugal. [ft<sub>40</sub>] São atingidos porque muitos têm a família aqui, mas também porque este é e sempre será o seu país, pelo qual sofrem e para o qual desejam o melhor. [ft<sub>41</sub>] Todos podemos fazer um pouco mais para ajudar quem mais sofre, quem perdeu o emprego, ou quem teve de adiar os seus sonhos ou projetos. [ft<sub>42</sub>] Estes anos difíceis irão passar, não tenhamos dúvidas. [ft<sub>43</sub>] É nossa obrigação não esquecer - nunca esquecer - os que mais sofrem para que os possamos ultrapassar em conjunto.

11§ [ft<sub>44</sub>] Desejo-vos um Bom Natal e um Feliz Ano Novo.

## Anexo 6 – Mensagem de Final de Ano Pt2013

1§ [ft<sub>1</sub>] Boa noite.

2§ [ft<sub>2</sub>] Celebramos hoje o Natal com os nossos amigos e familiares, e aproximamo-nos do final de 2013. [ft<sub>3</sub>] Foi um ano muito exigente. [ft<sub>4</sub>] Atacámos com firmeza as causas e os efeitos da crise, mas sabemos que foi um ano difícil, sobretudo para os desempregados e para os membros mais vulneráveis da nossa sociedade. [ft<sub>5</sub>] Não nos esquecemos dos sacrifícios que têm sido feitos, nem das adversidades que tantos enfrentam. [ft<sub>6</sub>] Em 2013, apesar das fortes restrições orçamentais, reforçámos o Programa de Emergência Social, aumentámos as pensões mínimas, sociais e rurais e intensificámos os programas de combate ao desemprego, precisamente porque todos os que mais têm sofrido nos últimos anos estão no centro das nossas preocupações.

3§ [ft<sub>7</sub>] A quadra natalícia, sendo uma festa de reunião familiar, deve ser também um momento especial de solidariedade e de comunhão. [ft<sub>8</sub>] Deve ser ainda a ocasião para nos recordarmos dos que estão longe de nós: as comunidades da diáspora, os nossos emigrantes e os militares portugueses em missões de paz no estrangeiro. [ft<sub>9</sub>] Este deve ser o momento em que valorizamos o que verdadeiramente conta.

4§ [ft<sub>10</sub>] Mas agora também sabemos que foi no ano que está a terminar que a nossa economia começou a dar a volta. [ft<sub>11</sub>] Graças à coragem e engenho dos nossos trabalhadores e dos nossos empresários, as nossas exportações cresceram e ganhámos quota de mercado no exterior aos nossos competidores mundiais. [ft<sub>12</sub>] Entrámos em mercados em que Portugal nunca tinha entrado antes e temos hoje excedentes comerciais e financeiros sobre o exterior, algo que Portugal não conhecia há muitas décadas. [ft<sub>13</sub>] Começámos a vergar a dívida externa e pública que tanto tem assombrado a nossa vida coletiva. [ft<sub>14</sub>] A economia começou a crescer e acima do ritmo da Europa. [ft<sub>15</sub>] Ao mesmo tempo, o emprego começou a crescer e, em termos líquidos, até ao terceiro trimestre foram criados 120 mil novos postos de trabalho. [ft<sub>16</sub>] Com a ajuda das políticas ativas de emprego, o desemprego, que tinha atingido níveis inaceitáveis no decurso desta crise, tem vindo a descer mês após mês, e em particular o desemprego jovem. [ft<sub>17</sub>] Fizemos nestes anos progressos muito importantes na redução do défice orçamental, e não fomos mais longe porque precisámos dos recursos para garantir os apoios sociais e a ajuda aos desempregados. [ft<sub>18</sub>] A estratégia abrangente que pusemos em prática para salvar o País do colapso, para reformar a economia e trazer prosperidade, está a mostrar os seus primeiros frutos.

5§ [ft<sub>19</sub>] O trabalho, a tenacidade e o empenho diário de milhões de portugueses, quer estejam dentro ou fora das fronteiras nacionais, são a melhor razão para termos uma esperança renovada no nosso futuro. [ft<sub>20</sub>] São o fundamento do abandono do pessimismo que ensombra as nossas vidas há já muitos anos. [ft<sub>21</sub>] Sabemos do que somos capazes e estamos a mostrar ao mundo inteiro, sobretudo aos que, nos momentos mais exigentes, menos confiaram em nós, que acreditamos em nós próprios. [ft<sub>22</sub>] Temos hoje a confiança, o respeito e admiração dos nossos parceiros Europeus e dos nossos amigos por todo o mundo.

6§ [ft<sub>23</sub>] Estes sinais positivos ainda não são suficientes, contudo, para podermos dizer que vencemos esta crise. [ft<sub>24</sub>] Ainda restam algumas incertezas e obstáculos. [ft<sub>25</sub>] E todos fomos compreendendo que não há soluções fáceis, dada a complexidade dos problemas que herdámos. [ft<sub>26</sub>] Mas isso apenas significa que temos muito para fazer neste ano de 2014 que está prestes a começar. [ft<sub>27</sub>] 2014 será um ano cheio de desafios e aos quais cada um de nós responderá com a mesma responsabilidade e determinação que nos abriu o caminho até aqui.

7§ [ft<sub>28</sub>] Estamos a menos de cinco meses de terminar em Maio o Programa de Assistência. [ft<sub>29</sub>] Será uma etapa decisiva da nossa recuperação. [ft<sub>30</sub>] Precisaremos de todos os instrumentos que mobilizámos para concluir sem perturbações o Programa. [ft<sub>31</sub>] E precisaremos de os usar bem, com inteligência e determinação. [ft<sub>32</sub>] O que parecia em tempos tão distante e difícil está agora ao nosso alcance, desde que não hesitemos, desde que percebamos todos o que está em causa.

8§ [ft<sub>33</sub>] Queremos fechar esta página da nossa história, para escrever uma outra mais apropriada à sociedade moderna, próspera e mais justa que estamos a construir. [ft<sub>34</sub>] É para aí que teremos de dirigir todas as nossas energias: para combater a pobreza, reduzir mais rapidamente o desemprego, aumentar o investimento e reduzir as desigualdades sociais. [ft<sub>35</sub>] Durante demasiado tempo toleraram-se em Portugal fortíssimas desigualdades, quase sem paralelo na Europa, e resignámo-nos à estagnação social.

9§ [ft<sub>36</sub>] O futuro que agora encaramos com redobrada confiança pertence a todos. [ft<sub>37</sub>] Todos os Portugueses merecem as oportunidades geradas por uma economia mais democrática, por uma sociedade mais dinâmica, por um País mais aberto. [ft<sub>38</sub>] No Portugal em que todos se reveem, ninguém pode estar condenado à frustração dos seus sonhos simplesmente porque vive naquela região mais remota, neste bairro mais periférico ou porque nasceu em condições sociais e familiares mais adversas. [ft<sub>39</sub>] Na recuperação do nosso País, ninguém pode ficar para trás.

10§ [ft<sub>40</sub>] O Natal é a festa da esperança. [ft<sub>41</sub>] Aproveitemos estes dias para recuperar as nossas forças e o sentido de propósito comum que nos define como povo. [ft<sub>42</sub>] Como um povo orgulhoso, dono do seu próprio destino, que não receia o futuro e que sabe que, do alto de quase 900 anos de história, os seus melhores anos ainda estão para vir.

11§ [ft<sub>43</sub>] Desejo a todos um Bom Natal e um Feliz Ano Novo.

## Anexo 7 – Mensagem de Final de Ano Pt2014

1§ [ft<sub>1</sub>] Boa noite.

2§ [ft<sub>2</sub>] Como todos sabemos, os últimos 3 anos foram fortemente marcados pela resposta ao colapso financeiro de 2011. [ft<sub>3</sub>] Todos sentimos no nosso dia a dia as dificuldades e como nos custou atravessar este período tão adverso. [ft<sub>4</sub>] Nas famílias portuguesas foram muitos os sacrifícios e foram muitas as expectativas frustradas.

3§ [ft<sub>5</sub>] Mas 2014 foi um ano extremamente importante para todos nós. [ft<sub>6</sub>] Fechámos o programa de auxílio externo com uma saída limpa, sem precisar de assistência adicional. [ft<sub>7</sub>] Termos concluído em maio deste ano o programa de assistência no calendário previsto, e nos nossos próprios termos, atestou a grande capacidade dos Portugueses de responder aos maiores desafios. [ft<sub>8</sub>] Ainda para mais quando, depois de termos concluído o programa de assistência externo, fomos obrigados a lidar com a grande adversidade que constituiu a necessidade de resolução de um grande banco nacional.

4§ [ft<sub>9</sub>] Concluir o Programa do modo como o fizemos não foi uma conquista insignificante. [ft<sub>10</sub>] Ficará por muitos anos na nossa história como um marco decisivo de confirmação de um grande consenso nacional – que queremos viver numa sociedade moderna, europeia e aberta. [ft<sub>11</sub>] Depois das tremendas dificuldades a que fomos sujeitos, termos reconquistado a nossa autonomia, e termos posto em marcha um processo sólido de recuperação do País, é um feito que deve orgulhar cada um de nós. [ft<sub>12</sub>] É um feito que comprova a coragem e o empenho dos Portugueses – de todos os homens e mulheres que, num grande esforço nacional, salvaram o País.

5§ [ft<sub>13</sub>] 2014 foi também um ano em que pudemos começar a sarar as feridas abertas por um processo tão doloroso como foi aquele que se iniciou em 2011. [ft<sub>14</sub>] É o que estamos a fazer e o que continuaremos a fazer. [ft<sub>15</sub>] Por isso, é meu objetivo garantir que consolidamos a atual recuperação económica, que está a fazer crescer acima da média da zona euro a nossa economia – algo que não sucedia há mais de 10 anos, com valores recorde para as exportações e para o turismo.

6§ [ft<sub>16</sub>] Entrámos numa nova fase. [ft<sub>17</sub>] Uma fase de crescimento, de aumento do emprego e de recuperação dos rendimentos das famílias. [ft<sub>18</sub>] Entrámos numa nova fase em que podemos sentir cada vez mais confiança no futuro.

7§ [ft<sub>19</sub>] Sei que muitos Portugueses ainda lidam com enormes dificuldades no seu dia a dia, e que, portanto, é essencial o propósito de garantir que todos sentirão a melhoria das condições de vida. [ft<sub>20</sub>] Por isso é que é tão importante que a economia esteja a gerar dezenas de milhares de postos de trabalho. [ft<sub>21</sub>] Continuaremos a estimular a criação de emprego, apoiando as empresas, abrindo a economia, multiplicando as exportações e prosseguindo as políticas ativas de emprego para dar as oportunidades que os nossos jovens, e aqueles que estão há mais tempo no desemprego, merecem. [ft<sub>22</sub>] A redução do desemprego continuará a ser um firme compromisso do Governo para 2015.

8§ [ft<sub>23</sub>] Continuaremos também a proteger aqueles que estão mais vulneráveis, como foi sempre a nossa política apesar das restrições que a crise impôs. [ft<sub>24</sub>] Desde as isenções nas taxas

moderadoras até aos aumentos anuais das pensões mais baixas, mobilizámos sempre os recursos que tínhamos para estar ao lado de quem mais precisava.

9§ [ft<sub>25</sub>] Também teremos uma atenção muito especial para quem trabalha e possui poucos recursos. [ft<sub>26</sub>] Em 2014 aumentámos o salário mínimo nacional, que tinha ficado congelado desde 2010. [ft<sub>27</sub>] Foi um aumento que faz sentido do ponto de vista económico, mas também do ponto de vista da justiça social.

10§ [ft<sub>28</sub>] Deixámos para trás a grave emergência financeira em que o País foi colocado. [ft<sub>29</sub>] E, com as reformas que fizemos, e que continuaremos a fazer, lançámos as bases de uma sociedade mais próspera e mais justa. [ft<sub>30</sub>] Desde a agenda para a natalidade, aos incentivos ao investimento, passando pela modernização dos serviços do Estado, foram muitas as políticas de reforma que preparámos e executámos durante este ano. [ft<sub>31</sub>] Fortalecemos o Serviço Nacional de Saúde, fizemos reformas profundas na Justiça e descentalizámos a ação social do Estado. [ft<sub>32</sub>] Também preparámos um Orçamento que registará o défice mais baixo da nossa história democrática.

11§ [ft<sub>33</sub>] Em 2015, haverá uma recuperação assinalável do poder de compra de muitos Portugueses. [ft<sub>34</sub>] A começar pelos funcionários públicos e pensionistas. [ft<sub>35</sub>] Mas também de todos os Portugueses em geral com o alívio fiscal que a reforma do IRS irá trazer, procurando especialmente proteger quem tem filhos a seu cargo e familiares mais velhos na sua dependência. [ft<sub>36</sub>] Num contexto em que ainda não podemos ir tão longe quanto gostaríamos é muito importante que quem tem mais responsabilidades na sua vida familiar encontre um alívio fiscal maior. [ft<sub>37</sub>] Também aqui estamos a falar de justiça e da construção de uma sociedade mais amiga das famílias.

12§ [ft<sub>38</sub>] O Natal é para todos uma festa da família, da generosidade e da paz. [ft<sub>39</sub>] O sentido desta quadra especial do ano deve levar-nos a aproximar mais daqueles que precisam de nós. [ft<sub>40</sub>] Como País, também nos devemos aproximar dos nossos emigrantes, das nossas Forças Armadas e de Segurança em missões de paz no estrangeiro, dos que estão mais carenciados e dos que sofrem com a ameaça da solidão. [ft<sub>41</sub>] E lembrar todos os que escolheram o nosso País para trabalhar, viver e criar os seus filhos. [ft<sub>42</sub>] Muitos são já cidadãos portugueses e todos juntos formamos uma mesma comunidade. [ft<sub>43</sub>] O Natal também nos deve recordar disso. [ft<sub>44</sub>] Contamos com todos, com os que estão cá e com os que estão lá fora. [ft<sub>45</sub>] Queremos que se orgulhem do caminho que estamos a trilhar e que todos participem mais intimamente no processo de recuperação nacional.

13§ [ft<sub>46</sub>] É verdade que enfrentamos ainda várias incertezas no plano externo, nomeadamente na Zona Euro e no leste europeu, que comportam riscos para os quais devemos procurar estar preparados. [ft<sub>47</sub>] Mas dispomos hoje, na União Europeia, de melhores instrumentos para lidar com estas situações. [ft<sub>48</sub>] E tenho a convicção de que, se continuarmos a fazer o que devemos, e o que depende de nós próprios realizar, ficaremos sempre em melhores condições para enfrentar os imprevistos externos.

14§ [ft<sub>49</sub>] Mas este será o primeiro Natal desde há muitos anos em que os Portugueses não terão a acumulação de nuvens negras no seu horizonte. [ft<sub>50</sub>] Será o primeiro Natal desde há muitos

anos em que temos o futuro aberto diante de nós. [ft<sub>51</sub>] Houve muita coisa que mudou em todo este período e finalmente começamos a colher os frutos dessas transformações.

15§ [ft<sub>52</sub>] É verdade que temos ainda muito trabalho pela frente. [ft<sub>53</sub>] Mas não me resigno a nenhum fatalismo que nos impeça de alcançar aquilo que muitos outros povos conseguiram alcançar, e que o povo português merece. [ft<sub>54</sub>] Mesmo nos momentos mais difíceis que atravessámos, acreditei sempre nos Portugueses. [ft<sub>55</sub>] Como os Portugueses, nunca desisti. [ft<sub>56</sub>] E não desistiremos.

16§ [ft<sub>57</sub>] Temos ainda muitas escolhas a fazer para fortalecer o nosso presente e preparar o nosso futuro. [ft<sub>58</sub>] É muito importante proteger o que já conseguimos juntos, com grande esforço e sacrifício. [ft<sub>59</sub>] Não queremos deitar tudo a perder. [ft<sub>60</sub>] Queremos, sim, construir uma sociedade com mais emprego, mais justiça, menos desigualdades, em que não haja privilégios nas mãos de um pequeno grupo com prejuízo para todos. [ft<sub>61</sub>] Queremos que todos tenham uma justa oportunidade de decidir a sua própria vida. [ft<sub>62</sub>] Tudo isso está ao nosso alcance agora que podemos olhar com mais confiança e mais esperança para o futuro.

17§ [ft<sub>63</sub>] A todos desejo um bom Natal e um Feliz Ano Novo.



## Anexo 8 – Mensagem de Final de Ano Br2008

1§ [ft<sub>1</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

2§ [ft<sub>2</sub>] Esta noite quero conversar com vocês sobre a crise econômica mundial. [ft<sub>3</sub>] É uma crise muito diferente das anteriores. [ft<sub>4</sub>] Não surgiu num país emergente ou na periferia do sistema. [ft<sub>5</sub>] Ao contrário, nasceu e explodiu no coração do mundo desenvolvido. [ft<sub>6</sub>] Mais precisamente, nos Estados Unidos e na Europa.

3§ [ft<sub>7</sub>] Esta crise, que afeta todo o mundo, foi provocada pela falta de controle do sistema financeiro nos países mais ricos. [ft<sub>8</sub>] Em vez de cumprirem seu papel na economia, financiando o setor produtivo, os bancos viraram um grande cassino.

4§ [ft<sub>9</sub>] A jogatina foi longe, mas, um dia, a conta chegou. [ft<sub>10</sub>] Bancos quebraram, um grande número de empresas entrou em dificuldades e milhões de trabalhadores perderam suas casas ou seus empregos.

5§ [ft<sub>11</sub>] Aqui no Brasil não tivemos este tipo de crise. [ft<sub>12</sub>] Nosso sistema bancário estava e está saudável. [ft<sub>13</sub>] Nossa economia, arrumada e organizada vem crescendo a taxas robustas, as maiores dos últimos 30 anos.

6§ [ft<sub>14</sub>] Portanto, a crise coincide com nosso melhor momento. [ft<sub>15</sub>] É uma pena, mas como estamos muito bem, a situação é menos complicada. [ft<sub>16</sub>] Todos concordam que somos um dos países mais preparados para enfrentar este desafio.

7§ [ft<sub>17</sub>] Nas crises anteriores, em poucos dias o Brasil quebrava e era obrigado a pedir socorro ao FMI. [ft<sub>18</sub>] Desta vez, o Brasil não quebrou, nem vai quebrar. [ft<sub>19</sub>] Está enfrentando a situação de cabeça erguida.

8§ [ft<sub>20</sub>] Enquanto a maioria dos países ricos está em recessão, o Brasil vai continuar crescendo. [ft<sub>21</sub>] É verdade que, com o vento a favor, poderíamos ir mais longe. [ft<sub>22</sub>] Mas, mesmo com o vento contra, podemos e vamos seguir progredindo.

9§ [ft<sub>23</sub>] Se hoje estamos em melhores condições para enfrentar qualquer crise, é porque soubemos fazer as opções acertadas. [ft<sub>24</sub>] É porque aceleramos o crescimento da economia em bases consistentes. [ft<sub>25</sub>] E crescemos distribuindo renda e reduzindo as desigualdades entre as regiões.

10§ [ft<sub>26</sub>] Em primeiro lugar, mantivemos a inflação sobre controle. [ft<sub>27</sub>] Quando assumi o governo, a inflação estava acima de 9%. [ft<sub>28</sub>] Foi declinando ano a ano. [ft<sub>29</sub>] Em 2008, mesmo com a explosão dos preços internacionais, ela vai ficar dentro da meta.

11§ [ft<sub>30</sub>] Também diminuimos a dívida pública. [ft<sub>31</sub>] Em 2003, ela representava 52% do PIB. [ft<sub>32</sub>] Foi caindo e este ano deve ficar em 36%.

12§ [ft<sub>33</sub>] Além disso, diversificamos nossas exportações. [ft<sub>34</sub>] Viajei pelo mundo afora, como um verdadeiro mascate dos nossos produtos. [ft<sub>35</sub>] Alguns nos criticaram. [ft<sub>36</sub>] Mas hoje, quando os Estados Unidos e a Europa estão no olho do furacão, vemos como foi acertada a decisão de diversificar nossas relações comerciais.

13§ [ft<sub>37</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

14§ [ft<sub>38</sub>] Outra vantagem são as nossas grandes reservas em moeda internacional. [ft<sub>39</sub>] Quando assumimos, o Brasil devia muito ao FMI e ao Clube de Paris. [ft<sub>40</sub>] Hoje, não deve um só centavo.

15§ [ft<sub>41</sub>] Naquele tempo, nossas reservas em moeda estrangeira eram muito baixas. [ft<sub>42</sub>] Hoje chegam a 207 bilhões de dólares. [ft<sub>43</sub>] Com isso, deixamos de ser devedores para ser credores internacionais. [ft<sub>44</sub>] Uma diferença e tanto. [ft<sub>45</sub>] Agora temos um colchão de segurança para nos proteger.

16§ [ft<sub>46</sub>] Mas nossa maior defesa hoje é a força do mercado interno. [ft<sub>47</sub>] Ele fez progressos extraordinários nos últimos anos. [ft<sub>48</sub>] Para isso, foram decisivos o Bolsa-Família, a melhoria do salário mínimo e a expansão do emprego.

17§ [ft<sub>49</sub>] De 2003 para cá, o salário mínimo cresceu em termos reais, 51% e o emprego também cresceu fortemente.

18§ [ft<sub>50</sub>] Em 2007, batemos um recorde: 1 milhão 812 mil novos empregos com carteira assinada. [ft<sub>51</sub>] Em 2008, novo recorde: até outubro, 2 milhões 148 mil empregos. [ft<sub>52</sub>] Resultado: a taxa de desemprego caiu de 12,3% em 2003 para 7,6% em outubro de 2008.

19§ [ft<sub>53</sub>] Nosso desenvolvimento econômico e social fez com que, nos últimos anos, mais de 20 milhões de pessoas entrassem na classe média.

20§ [ft<sub>54</sub>] Tudo isso fez a roda da economia girar mais forte e abriu um círculo virtuoso no nosso país. [ft<sub>55</sub>] Mudamos de cara e de astral.

21§ [ft<sub>56</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

22§ [ft<sub>57</sub>] Esses avanços estão permitindo ao Brasil enfrentar com firmeza e serenidade o atual momento.

23§ [ft<sub>58</sub>] E estamos agindo em todas as frentes desde que a crise começou. [ft<sub>59</sub>] Já adotamos medidas para normalizar o crédito, para apoiar nossas empresas exportadoras e para manter a atividade nos setores que geram mais empregos, como as pequenas e médias empresas, a agricultura, a construção civil e a indústria automobilística. [ft<sub>60</sub>] Reforçamos o poder de fogo dos bancos estatais e baixamos impostos para que as empresas e os consumidores pudessem ter um pouco mais de dinheiro em caixa e no bolso.

24§ [ft<sub>61</sub>] Ao mesmo tempo, o governo manterá todos os investimentos previstos no PAC, e nos programas sociais. [ft<sub>62</sub>] Em hipótese alguma, haverá cortes nos investimentos governamentais. [ft<sub>63</sub>] Porque eles são decisivos para o Brasil enfrentar a crise e sair dela mais reforçado.

25§ [ft<sub>64</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

26§ [ft<sub>65</sub>] Quero dizer, com toda a serenidade, que a crise não nos assusta. [ft<sub>66</sub>] O País está preparado e tem comando. [ft<sub>67</sub>] Seguiremos acompanhando com lupa a situação da economia, 24 horas por dia. [ft<sub>68</sub>] O que tiver que ser feito, será feito. [ft<sub>69</sub>] No tempo certo e na dose adequada. [ft<sub>70</sub>] E sempre dialogando com o País.

27§ [ft<sub>71</sub>] Mas é fundamental que todos façam sua parte.

28§ [ft<sub>72</sub>] É importante que os empresários sigam investindo. [ft<sub>73</sub>] É imprescindível que os trabalhadores defendam a produção e o emprego. [ft<sub>74</sub>] Já o setor financeiro deve trabalhar para estimular o crédito e baixar os juros, que estão muito altos.

29§ [ft<sub>75</sub>] E você, meu amigo e minha amiga, não tenha medo de consumir com responsabilidade. [ft<sub>76</sub>] Se você está com dívidas, procure antes equilibrar seu orçamento. [ft<sub>77</sub>] Mas, se tem um dinheirinho no bolso ou recebeu o décimo terceiro, e está querendo comprar uma geladeira, um fogão ou trocar de carro, não frustrar seu sonho, com medo do futuro.

30§ [ft<sub>78</sub>] Porque se você não comprar, o comércio não vende. [ft<sub>79</sub>] E se a loja não vender, não fará novas encomendas à fábrica. [ft<sub>80</sub>] E aí a fábrica produzirá menos e, a médio prazo, o seu emprego poderá estar em risco.

31§ [ft<sub>81</sub>] Assim, quando você e sua família comprem um bem, não estão só realizando um sonho. [ft<sub>82</sub>] Estão também contribuindo para manter a roda da economia girando. [ft<sub>83</sub>] E isso é bom para todos.

32§ [ft<sub>84</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

33§ [ft<sub>85</sub>] Posso assegurar que o Brasil não só vencerá a crise, como sairá dela mais forte. [ft<sub>86</sub>] Temos todas as condições para isso. [ft<sub>87</sub>] Em 2009, vamos começar a explorar as imensas reservas do pré-

sal. [ft<sub>88</sub>] Com isso, o Brasil passará a ser um dos grandes produtores de petróleo do mundo. [ft<sub>89</sub>] Estamos todos no mesmo barco. [ft<sub>90</sub>] E se remarmos juntos na mesma direção, venceremos as turbulências e prosseguiremos na rota do crescimento. [ft<sub>91</sub>] Só depende de nós.

34§ [ft<sub>92</sub>] Um Feliz Natal para você e para sua família. [ft<sub>93</sub>] Que 2009 seja um ano ainda melhor que 2008. [ft<sub>94</sub>] Que seja um ano de saúde, de paz e de prosperidade.

35§ [ft<sub>95</sub>] Acredite no Brasil porque antes de tudo, você estará acreditando em você.

36§ [ft<sub>96</sub>] Boa noite.



## Anexo 9 – Mensagem de Final de Ano Br2009

1§ [ft<sub>1</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

2§ [ft<sub>2</sub>] Há exatamente um ano, neste mesmo horário, eu disse a vocês que o Brasil estava preparado para enfrentar a grave crise financeira que ameaçava o mundo, e que nossa economia era forte o suficiente para enfrentar qualquer desafio. [ft<sub>3</sub>] Mais que isso: pedi serenidade aos brasileiros, que não se deixassem levar pelo nervosismo e ajudassem o Brasil a vencer a tormenta criada pela especulação financeira dos países ricos. [ft<sub>4</sub>] Pedi que você não deixasse de fazer suas compras e que continuasse consumindo com responsabilidade. [ft<sub>5</sub>] Isso era essencial para que a roda da economia não parasse de girar. [ft<sub>6</sub>] E anunciei uma série de medidas para incentivar o consumo. [ft<sub>7</sub>] O povo brasileiro mostrou, mais uma vez, que é um povo unido, solidário, corajoso e capaz de enfrentar com tranquilidade as situações mais difíceis. [ft<sub>8</sub>] Acompanhou o governo e fez a sua parte, segurando o tranco e mantendo a economia em movimento. [ft<sub>9</sub>] Com isso, todos saímos ganhando. [ft<sub>10</sub>] Fomos um dos últimos países a entrar na crise e um dos primeiros a sair. [ft<sub>11</sub>] O grande responsável por esta vitória não é o presidente nem o governo. [ft<sub>12</sub>] É você. [ft<sub>13</sub>] Por isso, fiz questão de voltar aqui hoje para agradecer a todos os brasileiros e informar as novas medidas que estamos tomando para que o Brasil siga crescendo de forma equilibrada e vigorosa.

3§ [ft<sub>14</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

4§ [ft<sub>15</sub>] Graças a Deus, trago boas notícias. [ft<sub>16</sub>] A primeira é a garantia de que o pior já passou. [ft<sub>17</sub>] A segunda é a certeza de que a recuperação se dá de forma tão equilibrada que nossa economia vai sair da crise mais saudável do que entrou. [ft<sub>18</sub>] E a terceira é o compromisso de que o governo continua atento, agindo na hora certa e de maneira correta. [ft<sub>19</sub>] Asseguro a você: vamos ter um 2010 excelente, com crescimento forte da economia e a criação de milhões de empregos. [ft<sub>20</sub>] Aliás, mesmo em 2009, um ano em que milhões de pessoas ficaram sem trabalho mundo afora, o Brasil mostrou sua força. [ft<sub>21</sub>] De janeiro a novembro, criamos 1,413 milhão empregos com carteira assinada. [ft<sub>22</sub>] Uma das razões dessa nossa segurança é o fato da recuperação econômica do Brasil vir se apoiando, de forma equilibrada, tanto no consumo como no investimento. [ft<sub>23</sub>] E quando essas duas pernas ganham musculatura, a economia marcha sem tropeços. [ft<sub>24</sub>] Hoje, o mundo inteiro não tem dúvida de que o Brasil já retomou seu ciclo de crescimento virtuoso.

5§ [ft<sub>25</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

6§ [ft<sub>26</sub>] Temos motivos de sobra para comemorar, mas não devemos perder tempo com isso porque a cada dia temos um novo desafio pela frente. [ft<sub>27</sub>] É como no futebol: se o time ganha e faz festa demais, perde a partida seguinte. [ft<sub>28</sub>] É preciso foco, atenção e disciplina. [ft<sub>29</sub>] Este ensinamento vale para tudo na vida. [ft<sub>30</sub>] Se no ano passado anunciamos medidas de estímulo ao consumo, agora nossa ênfase é reforçar o investimento e, assim, fazer a roda da economia girar de forma saudável e sustentada, porque quando o investimento cresce, a produção também cresce, o emprego e o consumo aumentam, e aí a economia precisa de mais investimentos para continuar girando. [ft<sub>31</sub>] Com este objetivo, estamos fortalecendo ainda mais o BNDES, criando uma nova linha de crédito de R\$ 80 bilhões

que se somam aos R\$ 100 bilhões já disponibilizados este ano. [ft<sub>32</sub>] E não para por aí. [ft<sub>33</sub>] Autorizamos a criação da letra financeira, que vai permitir aos bancos privados captar recursos de longo prazo a taxas menores.

7§ [ft<sub>34</sub>] Com isso, eles poderão re-emprestar este dinheiro a juros mais baixos e com prazos mais longos. [ft<sub>35</sub>] Vamos também apoiar as vendas de máquinas, tratores e equipamentos da indústria brasileira na América Latina e na África, e assim aumentar a produção da nossa indústria. [ft<sub>36</sub>] Estamos colocando ainda R\$ 15 bilhões no fundo da Marinha Mercante para apoiar a produção de navios, sondas e plataformas de petróleo. [ft<sub>37</sub>] E prorrogando até 2014 a desoneração de todos os tributos federais para aumentar ainda mais a produção de computadores no Brasil. [ft<sub>38</sub>] Dessa forma, vamos consolidar uma nova leva de investimentos saudáveis na nossa economia e estimular o setor produtivo a continuar investindo e empregando cada vez mais brasileiros.

8§ [ft<sub>39</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

9§ [ft<sub>40</sub>] Por que conseguimos vencer tão bem a crise? [ft<sub>41</sub>] Repito: por causa do talento, do esforço e da sensibilidade dos brasileiros. [ft<sub>42</sub>] E porque o país soube fazer as escolhas certas. [ft<sub>43</sub>] A mais importante delas foi escolher um modelo de desenvolvimento que junta crescimento econômico sustentável e distribuição de renda. [ft<sub>44</sub>] Ou seja, mais Brasil para mais brasileiros. [ft<sub>45</sub>] Dito de outra forma: os fundamentos que nos fizeram vencer a grave crise internacional são os mesmos que estão nos fazendo vencer a desigualdade, a pobreza e a injustiça. [ft<sub>46</sub>] O mesmo modelo que venceu a crise foi o que permitiu, em apenas sete anos, a geração de 12 milhões de empregos com carteira assinada fez com que 20 milhões de brasileiros entrassem na classe média e 31 milhões saíssem da faixa de pobreza absoluta, ajudando a formar um dos mercados internos mais dinâmicos do mundo. [ft<sub>47</sub>] O mesmo modelo que venceu a crise foi o que permitiu que o Luz para Todos chegasse a quase 11 milhões de pessoas no campo. [ft<sub>48</sub>] E que o Bolsa Família beneficiasse mais de 12 milhões de famílias pobres. [ft<sub>49</sub>] O mesmo modelo que venceu a crise é o que está garantindo a construção de 214 escolas técnicas, 12 universidades e mais de cem extensões universitárias em cidades do interior, no mais curto período da história. [ft<sub>50</sub>] Permitiu, ainda, que o ProUni desse 596 mil bolsas nas universidades para alunos pobres e que mais que dobrássemos o acesso às universidades federais, criando 138 mil novas vagas. [ft<sub>51</sub>] O mesmo modelo que venceu a crise foi o que permitiu a implantação do PAC, do Pré-sal e do Minha Casa, Minha Vida, três dos maiores programas do mundo em obras e benefícios, que estão gerando milhares de empregos no presente e vão gerar milhões no futuro. [ft<sub>52</sub>] Por tudo isso, temos a grande responsabilidade histórica de fazer com que estas conquistas avancem ainda mais. [ft<sub>53</sub>] E só podemos garantir isso com muito esforço, muito trabalho e com atenção plena, fazendo as escolhas corretas e tomando as decisões certas, nas horas certas.

10§ [ft<sub>54</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

11§ [ft<sub>55</sub>] É com imensa felicidade que, como presidente, posso desejar um feliz Natal e um próspero ano novo aos brasileiros, sabendo que eles serão tão bons ou melhores dos que nos anos anteriores. [ft<sub>56</sub>] Sabendo que, apesar de tantos problemas que temos ainda para resolver, o Brasil seguramente encontrou o melhor caminho para vencê-los. [ft<sub>57</sub>] E este caminho foi aberto com a força

da democracia e a energia da liberdade. [ft<sub>58</sub>] Aprendemos a nos respeitar e, com isso, conquistamos o respeito do mundo lá fora. [ft<sub>59</sub>] Que a paz, a esperança e, muito especialmente, o sonho tomem conta da alma de todos vocês neste Natal. [ft<sub>60</sub>] Meu coração de brasileiro sente que, mais que nunca, recuperamos nossa capacidade de sonhar e realizar.

12§ [ft<sub>61</sub>] Obrigado e boa noite.



## Anexo 10 – Mensagem de Final de Ano Br2010

1§ [ft<sub>1</sub>] Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

2§ [ft<sub>2</sub>] Dentro de poucos dias deixo a Presidência da República. [ft<sub>3</sub>] Foram oito anos de luta, desafios e muitas conquistas. [ft<sub>4</sub>] Mas acima de tudo de amor e de esperança no Brasil e no povo brasileiro. [ft<sub>5</sub>] Com muita alegria vou transmitir o cargo à companheira Dilma Rousseff, consagrada nas urnas em uma eleição livre, transparente e democrática. [ft<sub>6</sub>] Um rito rotineiro neste país que já se afirmou com uma das maiores democracias do mundo.

3§ [ft<sub>7</sub>] É profundamente simbólico que a faixa presidencial passe das mãos do primeiro operário presidente para as mãos da primeira mulher presidenta. [ft<sub>8</sub>] Será um marco no belo caminho que o nosso povo vem construindo para fazer do Brasil, se Deus quiser, um dos países mais igualitários do mundo. [ft<sub>9</sub>] País que já realizou parte do sonho dos seus filhos. [ft<sub>10</sub>] Mas que pode e fará muito mais para que este sonho tenha a grandeza que o brasileiro quer e merece.

4§ [ft<sub>11</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

5§ [ft<sub>12</sub>] Hoje cada brasileiro e brasileira acredita mais no seu país e em si mesmo. [ft<sub>13</sub>] Trata-se de uma conquista coletiva de todos nós. [ft<sub>14</sub>] Se algum mérito tive foi o de haver semeado sonho e esperança. [ft<sub>15</sub>] Meu sonho e minha esperança vem das profundezas da alma popular, do berço pobre que tive, e da certeza que com luta, coragem e trabalho, a gente supera qualquer dificuldade. [ft<sub>16</sub>] E quando uma pessoa do povo consegue vencer as dificuldades gigantescas que a vida lhe impõe nada mais consegue aniquilar o seu sonho nem sua capacidade de superar desafios. [ft<sub>17</sub>] E quando um país como o Brasil, cuja maior força está na alma e na energia popular passa a acreditar em si mesmo nada, absolutamente nada detém sua marcha inexorável para a vitória.

6§ [ft<sub>19</sub>] Agora estamos provando ao mundo e a nós mesmos, que o Brasil tem o encontro marcado com o sucesso.

7§ [ft<sub>20</sub>] Se governei bem foi porque antes de me sentir presidente me senti sempre um brasileiro comum que tinha que superar suas dores, vencer os preconceitos e não fracassar. [ft<sub>21</sub>] Se governei bem foi porque antes de me sentir um chefe de estado, me senti sempre um chefe de família que sabia da dificuldade dos seus irmãos para colocar comida na mesa, para dar escola para os seus filhos, para chegar em casa todas as noites a salvo dos perigos e da violência. [ft<sub>22</sub>] Se governamos bem foi, principalmente, porque conseguimos nos livrar da maldição elitista que fazia com que os dirigentes políticos desse grande país governassem apenas para um terço da população e se esquecessem da maioria do seu povo que parecia condenada à miséria e ao abandono eternos. [ft<sub>23</sub>] Mostramos que é possível e necessário governar para todos e quando isso se realiza o grande ganhador é o país.

8§ [ft<sub>24</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

9§ [ft<sub>25</sub>] O Brasil venceu o desafio de crescer econômica e socialmente e provou que a melhor política de desenvolvimento é o combate à pobreza. [ft<sub>26</sub>] Construimos juntos um projeto de nação baseado no desenvolvimento com inclusão social, na democracia com liberdade plena e na inserção soberana do Brasil no mundo. [ft<sub>27</sub>] Fortalecemos a economia sem enfraquecer o social; ampliamos a

participação popular sem ferir as instituições; diminuimos a desigualdade, sem gerar conflitos de classe; e imprimimos uma nova dinâmica política, económica e social ao país sem comprometer uma sequer das liberdades democráticas.

10§ [ft<sub>28</sub>] Ao receber ajuda e apoio o nosso povo deu uma resposta dinâmica e produtiva trabalhando com entusiasmo e consumindo com responsabilidade ajudando a formar uma das economias mais sólidas e um dos mercados internos mais vigorosos do mundo. [ft<sub>29</sub>] Em suma: governo e sociedade trabalharam sempre juntos com união, equilíbrio, participação e espírito democrático.

11§ [ft<sub>30</sub>] Minhas amigas e meus amigos.

12§ [ft<sub>31</sub>] O Brasil demonstra hoje sua pujança em obras e projetos que estão entre os maiores do mundo e vão mudar o curso da nossa história. [ft<sub>32</sub>] Me refiro às obras das hidrelétricas de Jirau, Santo Antônio e Belo Monte, às refinarias de Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão e Ceará, às estradas que vão abrir rotas inéditas e estratégicas como as ligações com o Pacífico e o Caribe e às ferrovias Norte-Sul, Transnordestina e Oeste-Leste, além do projeto em licitação do trem de alta velocidade que vai ligar São Paulo ao Rio.

13§ [ft<sub>33</sub>] Também estamos fazendo os maiores investimentos mundiais no setor do petróleo. Principalmente, a partir da descoberta do Pré-Sal que é o nosso passaporte para o futuro. [ft<sub>34</sub>] Ele vai gerar milhões de empregos e uma riqueza que será obrigatoriamente aplicada no combate à pobreza, na saúde, na educação, na cultura, na ciência e tecnologia e na defesa do meio ambiente. [ft<sub>35</sub>] Estamos, ainda, realizando um dos maiores projetos de combate à seca do mundo: a transposição das águas do São Francisco que irá matar a sede e diminuir a pobreza de milhões e milhões de nordestinos.

14§ [ft<sub>36</sub>] Ao mesmo tempo em que realiza grandes obras o Brasil acima de tudo cuida das pessoas em especial das pessoas mais pobres. [ft<sub>37</sub>] Temos, hoje, os maiores e mais modernos programas de transferência de renda, segurança alimentar e assistência social do mundo. [ft<sub>38</sub>] Entre eles, o Bolsa Família que beneficia quase 13 milhões de famílias pobres e é aplaudido e imitado mundo afora.

15§ [ft<sub>39</sub>] Nosso modelo de governo também permitiu que o salário mínimo tivesse ganho real de 67% e a oferta de crédito alcançasse 48% do PIB em 2010, um recorde histórico. [ft<sub>40</sub>] O investimento em agricultura familiar cresceu oito vezes e assentamos 600 mil famílias, metade de todos os assentamentos realizados no Brasil até hoje.

16§ [ft<sub>41</sub>] Com o Luz para Todos levamos energia elétrica a 2 milhões e 600 mil pequenas propriedades e através do Minha casa Minha Vida estamos construindo 1 milhão de moradias e as famílias que recebem até 3 salários mínimos serão as mais beneficiadas. [ft<sub>42</sub>] Na área da saúde tivemos vários avanços como o Samu, o Brasil Sorridente e as Unidades de Pronto Atendimento, as UPAS, que estão sendo construídas Brasil a fora. [ft<sub>43</sub>] Triplicamos o investimento em educação elevando a qualidade do ensino em todos os níveis. Inauguramos 214 escolas técnicas federais, mais do que foi feito em 100 anos. [ft<sub>44</sub>] E implantamos 14 novas universidades e 126 novas extensões universitárias em todas as regiões do país. [ft<sub>45</sub>] O ProUni beneficiou 750 mil jovens de baixa renda com bolsas universitárias.

17§ [ft<sub>46</sub>] Meus amigos e minhas amigas,

18§ [ft<sub>47</sub>] Há muitos outros motivos que reforçam nossa confiança no futuro do Brasil. [ft<sub>48</sub>] Temos quase 300 bilhões de dólares de reservas internacionais próprias, dez vezes mais do que tínhamos no início do nosso governo. [ft<sub>49</sub>] Nossa taxa média anual de crescimento dobrou. [ft<sub>50</sub>] Agora em 2010, por exemplo, vamos ter um crescimento recorde de quase oito por cento, um dos maiores do mundo. [ft<sub>51</sub>] E outras quatro grandes conquistas provam, com força simbólica e concreta, que nosso país mudou de patamar. [ft<sub>52</sub>] E também mudou de atitude. [ft<sub>53</sub>] Geramos 15 milhões de empregos, um recorde histórico. [ft<sub>54</sub>] E hoje começamos a viver um ciclo de pleno emprego. [ft<sub>55</sub>] Promovemos a maior ascensão social de todos os tempos, retirando 28 milhões de pessoas da linha da pobreza e fazendo com que 36 milhões entrassem na classe média. [ft<sub>56</sub>] Zeramos nossa dívida com o Fundo Monetário Internacional e agora é o Brasil que empresta dinheiro ao FMI. [ft<sub>57</sub>] E ao mesmo tempo reduzimos como nunca o desmatamento na Amazônia.

19§ [ft<sub>58</sub>] A minha maior felicidade é saber que vamos ampliar todas estas conquistas. [ft<sub>59</sub>] Minha fé se alicerça em três fundamentos: as riquezas do Brasil, a força do seu povo e a competência da presidenta Dilma. [ft<sub>60</sub>] Ela conhece como ninguém o que foi feito e como fazer mais e melhor. [ft<sub>61</sub>] Tenho certeza de que Dilma será uma presidenta à altura deste novo Brasil que respeita o seu povo e é respeitado pelo mundo. [ft<sub>62</sub>] Este país, que depois de produzir seguidos espetáculos de crescimento e inclusão, vai sediar os dois maiores eventos do planeta: a Copa do Mundo e as Olimpíadas. [ft<sub>63</sub>] Este país que reduziu a desigualdade entre as pessoas e entre as regiões e vai seguir reduzindo-a muito mais. [ft<sub>64</sub>] Este país que descobriu que não há maior conquista do que recuperar a autoestima do seu povo.

20§ [ft<sub>65</sub>] Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

21§ [ft<sub>66</sub>] Quero encerrar com um pedido enfático e um agradecimento profundo. [ft<sub>67</sub>] Peço a todos que apoiem a nova presidenta assim como me apoiaram em todos os momentos. [ft<sub>68</sub>] Isso também significa cobrar, na hora certa, como vocês souberam me cobrar. [ft<sub>69</sub>] A cobrança foi um estímulo para que a gente quisesse fazer sempre mais. [ft<sub>70</sub>] E o amor de vocês foi a minha grande energia e o meu principal alimento.

22§ [ft<sub>71</sub>] Agradeço a vocês por terem me ensinado muitas lições e por terem me fortalecido nas horas difíceis e ampliado a minha alegria nas horas alegres. [ft<sub>72</sub>] Saio do governo para viver a vida das ruas. [ft<sub>73</sub>] Homem do povo que sempre fui, serei mais povo do que nunca, sem renegar o meu destino e jamais fugir à luta. [ft<sub>74</sub>] Não me perguntem sobre o meu futuro, porque vocês já me deram um grande presente. [ft<sub>75</sub>] Perguntem sim, pelo futuro do Brasil. [ft<sub>76</sub>] E acreditem nele. [ft<sub>77</sub>] Porque temos motivos de sobra para isso. [ft<sub>78</sub>] Minha felicidade estará sempre ligada à felicidade do meu povo. [ft<sub>79</sub>] Onde houver um brasileiro sofrendo quero estar espiritualmente ao seu lado. [ft<sub>80</sub>] Onde houver uma mãe e um pai com desesperança quero que minha lembrança lhes traga um pouco de conforto. [ft<sub>81</sub>] Onde houver um jovem que queira sonhar grande peço-lhe que olhe a minha história e veja que na vida nada é impossível. [ft<sub>82</sub>] Vivi no coração do povo e nele quero continuar vivendo até ao último dos meus dias. [ft<sub>83</sub>] Mais que nunca sou um homem de uma só causa e esta causa chama-se Brasil. [ft<sub>84</sub>] Um feliz Natal e um próspero Ano Novo e muito obrigado por tudo.



## Anexo 11 – Mensagem de Final de Ano Br2011

1§ [ft<sub>1</sub>] Queridas brasileiras, queridos brasileiros,

2§ [ft<sub>2</sub>] Nada melhor para uma mãe, ou para um pai de família, quando, numa noite de Natal, pode dizer a seus filhos: "apesar das dificuldades, graças a Deus, esse foi um ano bom; e, com certeza, o próximo será ainda melhor". [ft<sub>3</sub>] A maioria dos brasileiros vai poder dizer isso nesta virada de ano, e, como Presidenta, me sinto feliz de compartilhar esse sentimento.

3§ [ft<sub>4</sub>] Igual a cada um de vocês, ainda estou longe de me sentir satisfeita. [ft<sub>5</sub>] Mas tenho cada vez mais convicção de que podemos e vamos avançar muito mais.

4§ [ft<sub>6</sub>] Muitos anos atrás, boa parte do mundo progredia e o Brasil ficava parado, marcando passo. [ft<sub>7</sub>] Agora, ao contrário, boa parte do mundo estagnou e o Brasil acelera.

5§ [ft<sub>8</sub>] Queremos, muito, que os países desenvolvidos sejam capazes de enfrentar suas crises e que o mundo melhore. [ft<sub>9</sub>] Mas vamos enfrentar todos os desafios para que uma possível piora no cenário mundial não nos traga maiores problemas.

6§ [ft<sub>10</sub>] Ficou longe, no tempo, aquela fase que foi chamada de década perdida. [ft<sub>11</sub>] Estamos entrando, sim, em um período de décadas de avanço e não queremos ter um só momento perdido.

7§ [ft<sub>12</sub>] Essa mudança não se deu por acaso e não vai ser nenhum acaso que vai nos tirar desse caminho. [ft<sub>13</sub>] Com planejamento e políticas acertadas estamos conseguindo proteger a nossa economia, os nossos setores produtivos e, sobretudo, o emprego dos brasileiros.

8§ [ft<sub>14</sub>] Estamos transformando um momento de crise em um momento de oportunidade e entrando em uma nova era, uma era de prosperidade.

9§ [ft<sub>15</sub>] No ano em que quase todos os países do mundo perderam emprego, nós criamos mais de 2 milhões de novos postos de trabalho. [ft<sub>16</sub>] No ano em que grandes potências mundiais estão tendo crescimento negativo, ou igual a zero, nós vamos ter um bom crescimento. [ft<sub>17</sub>] Porque ele está acompanhado de inflação baixa, de juros descendentes, aumento do emprego, distribuição de renda e diminuição de desigualdade.

10§ [ft<sub>18</sub>] 2011 foi um ano de grande prova; e 2012 será mais um marco de consolidação do modelo brasileiro. [ft<sub>19</sub>] Abriremos o ano com forte aumento do salário mínimo, com redução de impostos com retomada do crédito, com aumento de investimento e mantendo a estabilidade fiscal. [ft<sub>20</sub>] Ou seja: estamos fazendo a nossa parte e temos certeza de que, no próximo ano, também as empresas ampliarão seus investimentos e os trabalhadores terão garantido assim seu emprego e aumentarão seu consumo. [ft<sub>21</sub>] Por isso, fizemos o programa Brasil Maior que protege os empregos dos brasileiros no setor industrial, pois incentiva a agregação de valor e a inovação aqui no Brasil.

11§ [ft<sub>22</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

12§ [ft<sub>23</sub>] 2012 começará com menos tributos para as mais de 5 milhões de pequenas empresas que estão no Simples, e para os Microempreendedores Individuais, que são os maiores geradores de emprego no nosso país. [ft<sub>24</sub>] Esses empreendedores também vão ter crédito mais fácil e mais barato.

[ft<sub>25</sub>] Para eles as taxas de juros do microcrédito vão despencar de 60 para 8% ao ano e as taxas de abertura de crédito vão cair de 3 para 1%.

13§ [ft<sub>26</sub>] Todos os brasileiros vão ter mais facilidades para comprar a casa própria. [ft<sub>27</sub>] Até 2014, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil vão investir mais de R\$ 125 bilhões no Minha Casa, Minha Vida. [ft<sub>28</sub>] Somente este ano, já contratamos 341 mil novas moradias, entregamos 400 mil moradias e outras 500 mil estão em obras. [ft<sub>29</sub>] Serão milhões e milhões de famílias pobres, e de classe média, realizando o sonho da casa própria. [ft<sub>30</sub>] Quem quiser construir sua casa vai também sentir o alívio no bolso, porque renovamos a redução do IPI sobre materiais de construção. [ft<sub>31</sub>] Tudo isso, além de significar mais casa própria e melhor moradia, vai significar, também, mais emprego para o brasileiro. [ft<sub>32</sub>] Pois, com essas medidas, o setor da construção civil, que é um dos que mais geram empregos no país, vai continuar a forte expansão que teve nos últimos anos.

14§[ft<sub>33</sub>] Outras medidas de redução de impostos vão continuar beneficiando os brasileiros. [ft<sub>34</sub>] O governo acaba de reduzir para zero o PIS-Cofins sobre massas, farinha e pão. [ft<sub>35</sub>] Reduzimos, também, o IPI sobre geladeiras, fogões e máquinas de lavar, para baratear o custo desses produtos. [ft<sub>36</sub>] Também renovamos a redução de tributos de caminhões, utilitários e máquinas agrícolas, para apoiar a nossa agricultura. [ft<sub>37</sub>] Com menos impostos e mais crédito a economia brasileira vai crescer mais.

15§ [ft<sub>38</sub>] Você poderá continuar produzindo com tranquilidade, consumindo com responsabilidade e poupando com inteligência. [ft<sub>39</sub>] Você vai poder equilibrar, sem medo e sem susto, sua economia doméstica, da mesma maneira que o Brasil vem fazendo com a grande economia.

16§ [ft<sub>40</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

17§ [ft<sub>41</sub>] Mais emprego, mais progresso, mais desenvolvimento e melhor infraestrutura continuarão sendo trazidos pelas obras do PAC, que, em 2012, ganharão ainda mais ímpeto, em todo território nacional.

18§ [ft<sub>42</sub>] Porém, uma coisa em especial aumenta a minha alegria. [ft<sub>43</sub>] É o fato de que, além de garantir a estabilidade econômica, o governo vai poder ampliar nossas políticas de apoio aos mais necessitados. [ft<sub>44</sub>] Por exemplo: o programa Brasil Sem Miséria, que já produziu grandes resultados, vai se consolidar plenamente em 2012.

19§ [ft<sub>45</sub>] Para que vocês tenham uma ideia, cumprimos uma das metas mais importantes do plano: localizamos, com a Busca Ativa, 407 mil famílias extremamente pobres que não vinham sendo beneficiadas. [ft<sub>46</sub>] Trezentos e vinte e cinco mil delas já estão recebendo o Bolsa Família e, brevemente, todas as outras serão incluídas. [ft<sub>47</sub>] Incluímos, também, mais 1,3 milhão crianças e adolescentes no programa.

20§ [ft<sub>48</sub>] Até o final do nosso governo, vamos fazer o maior esforço para retirar da miséria os 16 milhões de brasileiros que ainda vivem na pobreza absoluta. [ft<sub>49</sub>] Também vamos poder consolidar programas que o governo federal criou recentemente.

21§ [ft<sub>50</sub>] Já liberamos recursos para a construção de 1,5 mil creches e pré-escolas, e estamos na fase final de seleção de mais 1,5 mil novas creches para 2012.

22§ [ft<sub>51</sub>] Na saúde, o Melhor em Casa vai continuar levando assistência médica, de qualidade, na própria casa de milhões de brasileiros. [ft<sub>52</sub>] O S.O.S Emergência vai continuar melhorando o atendimento nos principais pronto-socorros do país. [ft<sub>53</sub>] Com investimentos de R\$ 4 bilhões estamos implantando o programa "Crack, é possível vencer", que vai dar assistência médica, social e pedagógica aos dependentes de droga e suas famílias; e vai também combater, de forma vigorosa o narcotráfico, e suas máfias. [ft<sub>54</sub>] Por meio do programa Viver Sem Limites daremos um forte apoio aos 45 milhões de brasileiros que sofrem com alguma deficiência física ou psicológica.

23§ [ft<sub>55</sub>] Na educação, o Pronatec vai continuar matriculando alunos em cursos técnicos em todo país. [ft<sub>56</sub>] Até 2014, vamos preencher 8 milhões de vagas.

24§ [ft<sub>57</sub>] Esses são apenas alguns dos programas que o Brasil terá força, coragem e talento de levar adiante.

25§ [ft<sub>58</sub>] Teremos força também para continuar a luta incessante contra a corrupção e qualquer tipo de desvio ou malfeito.

26§ [ft<sub>59</sub>] Tudo isso vai continuar garantindo que o Brasil seja um dos poucos países do mundo que consegue, ao mesmo tempo, crescer com estabilidade, distribuir renda, diminuir a desigualdade, aperfeiçoar a democracia e fortalecer suas instituições.

27§ [ft<sub>60</sub>] Juntos, nós, brasileiros, vamos continuar melhorando econômica, social e politicamente e reforçando nossos valores morais e éticos. [ft<sub>61</sub>] Vamos continuar transformando o presente e construindo um belo futuro para nossos filhos e netos.

28§ [ft<sub>62</sub>] Desejo, do fundo do meu coração, um Feliz Natal e um próspero Ano Novo para todos vocês.

29§ [ft<sub>63</sub>] Boa Noite.



## Anexo 12 – Mensagem de Final de Ano Br2012

1§ [ft<sub>1</sub>] Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

2§ [ft<sub>2</sub>] Estamos chegando ao Natal e, em breve, um novo ano se iniciará.

3§ [ft<sub>3</sub>] Mesmo com o mundo cheio de incertezas, tivemos um ano bom e plantamos as bases para que o próximo seja ainda melhor.

4§ [ft<sub>4</sub>] Trabalhamos todos com afinho e dedicação para deter os efeitos da crise internacional sobre o nosso país.

5§ [ft<sub>5</sub>] Ao olhar 2012 em retrospectiva, vemos que continuamos crescendo e aprofundamos nossas grandes conquistas. [ft<sub>6</sub>] Os resultados deste ano falam por si.

6§ [ft<sub>7</sub>] Começamos pelo mais espetacular. [ft<sub>8</sub>] O Brasil sem Miséria retirou 16,4 milhões brasileiros da pobreza extrema. [ft<sub>9</sub>] Isso foi possível porque criamos a ação Brasil Carinhoso, uma nova forma de proteger crianças e jovens.

7§ [ft<sub>10</sub>] Estamos complementando o Bolsa Família, garantindo uma renda de R\$ 70 por pessoa para famílias muito pobres com filhos de zero a 15 anos. [ft<sub>11</sub>] Enfrentamos, com essa ação, a raiz da desigualdade. [ft<sub>12</sub>] Protegendo as crianças e os jovens estamos construindo um futuro melhor para o Brasil.

8§ [ft<sub>13</sub>] A continuidade da expansão do emprego no Brasil também é uma grande conquista. [ft<sub>14</sub>] Somente até outubro deste ano, criamos 1,7 milhão de novos postos de trabalho.

9§ [ft<sub>15</sub>] Em meu governo, chegamos a 4 milhões de novos empregos com carteira assinada. [ft<sub>16</sub>] Temos o menor desemprego da história. [ft<sub>17</sub>] Estamos praticamente em pleno emprego.

10§ [ft<sub>18</sub>] O poder de compra dos salários continua crescendo. [ft<sub>19</sub>] Um milhão de famílias já realizaram o sonho da casa própria, graças ao programa Minha Casa, Minha Vida, e já contratamos mais 1 milhão de novas moradias que vão beneficiar famílias por todo o Brasil, dando a elas a segurança de um lar. [ft<sub>20</sub>] É o maior programa deste gênero no mundo.

11§ [ft<sub>21</sub>] Mantivemos a inflação sob controle, melhoramos o câmbio e criamos as condições para que os juros caíssem ao menor patamar da história. [ft<sub>22</sub>] Elevamos nossas reservas para US\$ 379 bilhões, o que representa uma segurança para o Brasil diante da instabilidade da economia mundial.

12§ [ft<sub>23</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

13§ [ft<sub>24</sub>] Quando conversei com vocês na celebração do 7 de Setembro, disse que nosso modelo de desenvolvimento precisava ser reforçado em um de seus eixos: a competitividade de nossa economia.

14§ [ft<sub>25</sub>] Nesses últimos meses, apresentei ao Brasil vários programas para enfrentar os gargalos do crescimento e da competitividade de nossas indústrias. [ft<sub>26</sub>] A redução das tarifas de energia simboliza esse desafio.

15§ [ft<sub>27</sub>] O governo federal reduziu encargos que incidiam sobre a conta de luz, fizemos também acordos com a maioria das concessionárias. [ft<sub>28</sub>] Elas irão praticar tarifas mais baixas em troca da renovação de seus contratos.

16§ [ft<sub>29</sub>] Isso significa que, no início de 2013, a sua conta de luz e a das empresas vão ficar menores. [ft<sub>30</sub>] O corte será o que anunciei. [ft<sub>31</sub>] A redução na conta de luz é fundamental para que as indústrias brasileiras possam produzir a custos mais baixos, ganhar mercado e continuar gerando empregos.

17§ [ft<sub>32</sub>] Lançamos também ousados programas de investimento em nossa infraestrutura. [ft<sub>33</sub>] Vamos construir 10 mil quilômetros de malha ferroviária no país e também ampliar e duplicar 7,5 mil quilômetros de rodovias.

18§ [ft<sub>34</sub>] Anunciamos novas regras que permitirão expandir e dar mais eficiência aos portos brasileiros, reduzindo os custos do nosso comércio internacional.

19§ [ft<sub>35</sub>] Estamos modernizando nossos grandes aeroportos, e lançamos também um programa para construir e expandir aeroportos regionais e oferecer aos brasileiros uma rede de aeroportos compatível com a dimensão de nosso país.

20§ [ft<sub>36</sub>] As obras do Programa de Aceleração do Crescimento estão avançando. [ft<sub>37</sub>] Até setembro de 2012, investimos 386 bilhões, dos quase 1 trilhão que investiremos até 2014.

21§ [ft<sub>38</sub>] Em todas essas ações, queremos a parceria com o setor privado. [ft<sub>39</sub>] Contamos também com o apoio dos governos estaduais e das prefeituras. [ft<sub>40</sub>] Sabemos que, diante do tamanho do Brasil e de seus desafios, só será possível a mudança no patamar de competitividade de nosso país se todos estivermos no mesmo rumo.

22§ [ft<sub>41</sub>] Minhas amigas e meus amigos, só se enfrentará o desafio de superar a pobreza e aumentar o poder competitivo do Brasil investindo em educação, que gera oportunidades para os cidadãos e melhora a qualificação da força de trabalho.

23§ [ft<sub>42</sub>] Também nessa área, avançamos muito em 2012. [ft<sub>43</sub>] Com o Pronatec, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego, já oferecemos 2,5 milhões de vagas para os jovens e para os trabalhadores. [ft<sub>44</sub>] São cursos profissionalizantes e de capacitação oferecidos em parceria com o Sistema S e com os estados. [ft<sub>45</sub>] Cursos de qualidade que dão aos alunos as chances de progredir no trabalho ou conseguir um emprego melhor.

24§ [ft<sub>46</sub>] Quero aproveitar para convocar as famílias, professores, diretores de escolas, prefeitos e governadores para a tarefa inadiável de garantirmos a todas as crianças brasileiras o direito à alfabetização até os oito anos de idade.

25§ [ft<sub>47</sub>] Essa ação, em conjunto com a educação em tempo integral, nos permitirá mudar, de fato, a qualidade da educação no Brasil. [ft<sub>48</sub>] Aliás, nenhuma nação se tornou próspera e desenvolvida sem alfabetizar na idade certa suas crianças e sem oferecer o ensino em dois turnos.

26§ [ft<sub>49</sub>] Estamos também ampliando o acesso ao Ensino Superior, por meio da expansão da Rede Federal de Universidades, do ProUni e do Financiamento do Ensino Superior, o Programa Fies.

27§ [ft<sub>50</sub>] Já o Ciência sem Fronteiras beneficiou, apenas este ano, 20 mil estudantes brasileiros que, pelo seu mérito, estão tendo a oportunidade de estudar nas melhores universidades do mundo.

28§ [ft<sub>51</sub>] Até 2014, serão 101 mil brasileiros beneficiados por esse programa.

29§ [ft<sub>52</sub>] Meus amigos e minhas amigas,

30§ [ft<sub>53</sub>] Na semana passada, inaugurei os dois primeiros estádios para a Copa do Mundo de 2014. [ft<sub>54</sub>] Fiquei impressionada com a modernidade do Castelão e do Mineirão, que vão oferecer mais segurança e conforto aos apaixonados pelo futebol.

31§ [ft<sub>55</sub>] No começo de 2013, vamos entregar mais quatro estádios, que serão palco da Copa das Confederações. [ft<sub>56</sub>] Entramos na reta final de preparação para realizar a melhor Copa do Mundo de todos os tempos. [ft<sub>57</sub>] Uma Copa que será um sucesso, dentro e fora dos gramados.

32§ [ft<sub>58</sub>] Iniciamos também um novo ciclo olímpico, no qual o Brasil será o protagonista. [ft<sub>59</sub>] Vi a abertura das Olimpíadas de Londres, e pude constatar como competições esportivas são capazes de mobilizar uma nação inteira.

33§ [ft<sub>60</sub>] Nos próximos quatro anos, os olhos do mundo estarão voltados para o Brasil. [ft<sub>61</sub>] Tenho certeza que a imagem de um povo alegre e hospitaleiro se somará ao reconhecimento de um povo capaz de realizar, com sucesso e profissionalismo, grandes eventos.

34§ [ft<sub>62</sub>] Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

35§ [ft<sub>63</sub>] Quero encerrar fazendo um chamamento a todos os brasileiros para que mantenham sua confiança no Brasil. [ft<sub>64</sub>] Aos empresários, para que acreditem e invistam no nosso país.

36§ [ft<sub>65</sub>] Este é um governo que confia no seu povo, no seu empresariado, que respeita contratos e está empenhado na construção de novas parcerias entre os setores público e privado.

37§ [ft<sub>66</sub>] Estamos realizando concessões para portos, aeroportos, rodovias e ferrovias em uma dimensão nunca feita.

38§ [ft<sub>67</sub>] Temos ampliado o crédito para estimular os investimentos privados, e temos diminuído os impostos, juros e desonerado a folha de pagamento das empresas sem reduzir nenhum direito dos trabalhadores.

39§ [ft<sub>68</sub>] Para o nosso governo, 2013 será o ano de ampliar ainda mais o diálogo com todos os setores da sociedade, acelerar obras, melhorar a qualidade dos serviços públicos e continuar defendendo o emprego e o salário dos brasileiros.

40§ [ft<sub>69</sub>] Sou, como todos os brasileiros, uma otimista. [ft<sub>70</sub>] Tenho consciência dos desafios que a crise internacional tem lançado ao nosso país. [ft<sub>71</sub>] Sei também que momentos de crise podem ser transformados em grandes oportunidades.

41§ [ft<sub>72</sub>] Esse é o nosso propósito em cada ação que implementamos em 2012. [ft<sub>73</sub>] Nossa receita para um Brasil mais forte é investir na superação da pobreza, na garantia da casa própria, na expansão do emprego, no aumento das oportunidades de educação, no aprimoramento de nossa infraestrutura e na competitividade de nossas empresas.

42§ [ft<sub>74</sub>] Tenho certeza que 2013 será um ano ainda melhor para todos os brasileiros e brasileiras. [ft<sub>75</sub>] Das janelas de nossas casas, fábricas e escritórios, das janelas dos ônibus e dos automóveis, nós vemos, lá fora, resplandecer as luzes do Natal. [ft<sub>76</sub>] Que elas iluminem ainda mais o nosso caminho, pois estamos no rumo certo.

43§ [ft<sub>77</sub>] Feliz Natal e próspero Ano Novo para todos vocês.

44§ [ft<sub>78</sub>] Muito obrigada.



## Anexo 13 – Mensagem de Final de Ano Br2013

1§ [ft<sub>1</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

2§ [ft<sub>2</sub>] Graças ao esforço de todas as brasileiras e de todos os brasileiros, o Brasil termina o ano melhor do que começou. [ft<sub>3</sub>] Temos motivos também para esperar um 2014 ainda melhor do que foi 2013.

3§ [ft<sub>4</sub>] As dificuldades que enfrentamos, aqui dentro e lá fora, não foram capazes de interromper o ciclo positivo que vivemos e que tem garantido que a vida dos brasileiros melhore gradativamente a cada ano. [ft<sub>5</sub>] Nos últimos anos somos um dos raros países do mundo em que o nível de vida da população não recuou ou se espatifou em meio a alguma grave crise. [ft<sub>6</sub>] Chegamos até aqui melhorando de vida, pouco a pouco, mas sempre de maneira firme e segura. [ft<sub>7</sub>] Construindo a base para que a expressão “melhorar de vida” deixe de ser, em um futuro próximo, um sonho parcialmente realizado, torne-se a realidade plena e inegável da vida de cada brasileiro e de cada brasileira.

4§ [ft<sub>8</sub>] É para isso que você pega duro no batente todos os dias. [ft<sub>9</sub>] É para que o seu esforço traga resultados ainda mais rápidos que cobro todos os minutos um bom desempenho do meu governo. [ft<sub>10</sub>] Não existe nada mais importante para mim do que ver as famílias brasileiras melhorando de vida, mais felizes, mais tranquilas e mais satisfeitas com o fruto do seu trabalho. [ft<sub>11</sub>] Por isso, sinto alegria de poder tranquilizar vocês dizendo-lhes que entrem em 2014 com a certeza que o seu padrão de vida vai ser ainda melhor do que você tem hoje. [ft<sub>12</sub>] Sem risco de desemprego, podendo pagar suas prestações, em condições de abrir sua empresa ou ampliar o seu próprio negócio. [ft<sub>13</sub>] Entrem em 2014 com toda energia e otimismo e com a certeza de que a vida vai continuar melhorando. [ft<sub>14</sub>] Reflitam sobre o que aconteceu de positivo nos últimos anos na vida do Brasil, na sua vida e na vida de sua família e projetem isso de forma ampliada para os próximos anos.

5§ [ft<sub>15</sub>] Você, jovem, sabe o quanto o seu padrão de vida melhorou comparado ao que você tinha na infância e ao que seus pais tinham na sua idade. [ft<sub>16</sub>] Usem essa fotografia do presente e do passado recente como pano de fundo para projetar o futuro. [ft<sub>17</sub>] Esta é a melhor bússola para navegar neste novo Brasil.

6§ [ft<sub>18</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

7§ [ft<sub>19</sub>] Neste ano de 2013 continuamos nossa luta vigorosa em defesa do emprego e da valorização do salário do trabalhador. [ft<sub>20</sub>] Uma luta plenamente vitoriosa, pois alcançamos o menor índice de desemprego da história. [ft<sub>21</sub>] Estamos com uma das menores taxas de desemprego do mundo, continuamos nossa luta constante contra a carestia. [ft<sub>22</sub>] Nela, tivemos alguns problemas localizados, mas chegamos a um ponto de equilíbrio que garante a tranquilidade do planejamento das famílias e das empresas.

8§ [ft<sub>23</sub>] Nisso o governo teve uma ação firme, atuou nos gastos e garantiu o equilíbrio fiscal, atuou na redução de impostos e na diminuição da conta de luz. [ft<sub>24</sub>] Nesses últimos casos enfrentando duras críticas daqueles que não se preocupam com o bolso da população brasileira.

9§ [ft<sub>25</sub>] Neste ano o Brasil apoiou como nunca o empreendedor individual, o pequeno e o médio empresários, diminuindo impostos, reduzindo a burocracia e facilitando o crédito. [ft<sub>26</sub>] Continuamos nossa luta incansável pela construção de um grande futuro para o Brasil, viabilizando a exploração do pré-sal e garantindo a destinação de seus fabulosos recursos para a educação e a saúde. [ft<sub>27</sub>] Ampliamos nossa luta pela melhoria de infraestrutura iniciando a mais ampla, justa e moderna parceria de todos os tempos com o setor privado para a construção e ampliação de estradas, portos e aeroportos. [ft<sub>28</sub>] Aumentamos o apoio à produção agropecuária em todos os seus formatos e escalas produtivas. [ft<sub>29</sub>] Continuamos a difícil luta pela melhoria da saúde e da educação, setores onde ainda temos muito a fazer, mas onde estamos conseguindo avanços.

10§ [ft<sub>30</sub>] No caso da saúde, o Mais Médicos foi um dos destaques. [ft<sub>31</sub>] Hoje já temos 6.658 novos médicos em 2.177 cidades beneficiando cerca de 23 milhões de pessoas. [ft<sub>32</sub>] Em março, serão 13 mil médicos e mais de 45 milhões de brasileiros e brasileiras beneficiados.

11§ [ft<sub>33</sub>] Como toda mãe de família, sei que o patrimônio mais valioso na vida dos nossos filhos é a educação. [ft<sub>34</sub>] Por isso, estamos fazendo um esforço redobrado nesta área. [ft<sub>35</sub>] Além de garantirmos mais vagas e mais qualidade em todos os níveis de ensino, aumentamos o número de creches e escolas de tempo integral, de universidades e escolas técnicas, e consolidamos programas decisivos para a formação profissional e o emprego, como o Pronatec e o Ciência sem Fronteiras. [ft<sub>36</sub>] O Pronatec já beneficiou mais de 5 milhões de jovens e adultos com cursos técnicos e de qualificação profissional. [ft<sub>37</sub>] Enquanto o Ciência sem Fronteiras ofereceu 60 mil bolsas a estudantes brasileiros em algumas das melhores universidades do mundo.

12§ [ft<sub>38</sub>] Continuamos nosso esforço gigantesco para oferecer moradia para os pobres e para a classe média. [ft<sub>39</sub>] E o Minha Casa, Minha Vida transformou-se no mais exitoso programa desse gênero no mundo.

13§ [ft<sub>40</sub>] Reforçamos o programa Brasil sem Miséria e estamos a um passo de acabar com a pobreza absoluta em todo o território nacional. [ft<sub>41</sub>] Ampliamos nosso diálogo com todos os setores da sociedade e escutamos seus reclamos, implantando pactos para acelerar o cumprimento de nossos compromissos. [ft<sub>42</sub>] Defendemos uma reforma política que amplie os canais de participação popular e dá maior legitimidade à representação política.

14§ [ft<sub>43</sub>] Não abrimos mão, em nenhum momento, de apoiar o combate à corrupção em todos os níveis. [ft<sub>44</sub>] Exatamente por isso, nunca no Brasil se investigou e se puniu tanto o malfeito. [ft<sub>45</sub>] O Brasil também tem buscado apoiar fortemente suas populações tradicionais, em especial os grupos indígenas e os quilombolas. [ft<sub>46</sub>] E eu tenho um imenso orgulho do programa Viver sem Limites, que leva oportunidades e cidadania para as pessoas com deficiência.

15§ [ft<sub>47</sub>] Em suma, não deixamos em nenhum momento de lutar em favor de todos os brasileiros em especial dos que mais precisam. [ft<sub>48</sub>] Com o olhar muito especial para os jovens, para as mulheres e para os negros. [ft<sub>49</sub>] Mas sabemos que há muito, muito mesmo, ainda por fazer e muito, muito mesmo, por melhorar.

16§ [ft<sub>50</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

17§ [ft<sub>51</sub>] O Brasil melhorou, a nossa vida melhorou, mas o melhor é que temos tudo para melhorar ainda mais. [ft<sub>52</sub>] O Brasil será do tamanho que quisermos, do tamanho que o imaginemos. [ft<sub>53</sub>] Se imaginarmos um país justo e grande e lutarmos por isso, assim o teremos. [ft<sub>54</sub>] Se mergulharmos em pessimismo e ficarmos presos a disputas e interesses mesquinhos, teremos um país menor.

18§ [ft<sub>55</sub>] O mesmo raciocínio se aplica à nossa economia. [ft<sub>56</sub>] Assim como não existe um sistema econômico perfeito, dificilmente vai existir em qualquer época um país com economia perfeita. [ft<sub>57</sub>] A economia é um conjunto de vasos comunicantes em busca permanente de equilíbrio. [ft<sub>58</sub>] Em toda economia sempre haverá algo por fazer, algo a retocar, algo a corrigir para conciliar o justo interesse da população e das classes trabalhadoras e os interesses dos setores produtivos. [ft<sub>59</sub>] Por isso, temos que agir sempre de forma produtiva e positiva tentando buscar soluções e não ampliar os problemas. [ft<sub>60</sub>] Se alguns setores, seja porque motivo for, instilarem desconfiança, especialmente desconfiança injustificada, isso é muito ruim. [ft<sub>61</sub>] A guerra psicológica pode inibir investimentos e retardar iniciativas.

19§ [ft<sub>62</sub>] Digo aos trabalhadores e empresários que continuo disposta a ouvi-los em tudo que for importante para o Brasil. [ft<sub>63</sub>] Digo aos trabalhadores e aos empresários que apostar no Brasil é o caminho mais rápido para todos saírem ganhando. [ft<sub>64</sub>] O governo está atento e firme em seu compromisso de lutar contra a inflação e de manter o equilíbrio das contas públicas. [ft<sub>65</sub>] Sabemos o que é preciso para isso e nada nos fará sair desse rumo, como também nada fará mudar nosso rumo na luta em favor de mais distribuição de renda, diminuição da desigualdade pelo fim da miséria e em defesa das minorias.

20§ [ft<sub>66</sub>] Não perderemos jamais nossa disposição de lutar para que o povo brasileiro tenha uma saúde e educação de mais qualidade hoje e no futuro. [ft<sub>67</sub>] Por isso, no orçamento do próximo ano os setores que tiveram mais aumento foram justamente a saúde, a educação e o combate à pobreza.

21§ [ft<sub>67</sub>] No médio e longo prazo fizemos do pré-sal nosso passaporte para o futuro destinando seus recursos majoritariamente para a educação.

22§ [ft<sub>68</sub>] Minhas amigas e meus amigos,

23§ [ft<sub>69</sub>] O Brasil tem passado, tem presente e tem muito futuro. [ft<sub>70</sub>] Existem poucos lugares no mundo onde o povo tenha melhores condições de crescer, melhorar de vida e ser mais feliz. [ft<sub>71</sub>] É isso que sinto Brasil afora, é isso que sinto coração adentro.

24§ [ft<sub>72</sub>] Um ano novo cheio de felicidade e prosperidade para vocês e de muito progresso e justiça social para o Brasil.

25§ [ft<sub>73</sub>] Obrigada e boa noite.